

“POLÍTICA NA ESCOLA”: SOCIALIZAÇÃO E CULTURA POLÍTICAS DE CRIANÇAS

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Prof. Terrie R. Groth¹

Autores: João Victor Soares² Jamile Sarchis³ Letícia Campos⁴ Letícia Pereira⁵

RESUMO: O Projeto de Extensão de Ação Contínua “Política na Escola” é um projeto de extensão universitária de ação contínua vinculado ao Instituto de Ciência Política que atua desde 2003 em escolas de educação básica da Região Administrativa do Distrito Federal. Por semestre, visitamos uma ou mais escolas, impactando centenas de crianças ao introduzi-las as questões políticas. Os extensionistas, em sua maioria, de Ciência Política levam às crianças, com adequação a sua linguagem e por meio de brincadeiras, os conceitos sobre política vistos na academia. O objetivo do projeto é fazer com que os extensionistas e as crianças construam conjuntamente outra visão sobre estes conceitos essenciais para a compreensão de uma sociedade plural, autônoma e democrática.

Palavras-chave: educação, política, socialização política, cultura política

1 INTRODUÇÃO

O projeto busca abordar a política de uma forma próxima ao cotidiano das crianças, buscando uma linguagem menos técnica e com dinâmicas envolventes e comunicativas. A decisão de trabalhar com crianças do terceiro ao quinto ano foi relacionada não apenas com um momento comunicativo conveniente no processo educacional, mas também com o período crucial no qual sua identidade como cidadãos possa ser formada. O balanço deste breve texto resume a base teórica da atuação bem como sua implementação e avaliação.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Jelin (1996), nos dias de hoje não existe uma linearidade entre o

¹ Ph.D., Instituto de Ciência Política (IPOL), Universidade de Brasília (UnB), tgroth@unb.br

² Acadêmico, Curso de Ciência Política, IPOL/UnB.

³ Acadêmica, Curso de Ciência Política, IPOL/UnB.

⁴ Acadêmica, Curso de Ciência Política, IPOL/UnB.

⁵ Acadêmica, Curso de Ciência Política, IPOL/UnB.

funcionamento formal da democracia e a democratização da sociedade, que pode ser determinada por indicadores de igualdade, participação, controle cidadão e expansão dos direitos individuais e coletivos. Assim, corrobora para o entendimento de que normas e procedimentos são necessários para regular as relações sociais, porém, são insuficientes para solucionar os problemas sociais e econômicos.

A partir desta perspectiva, este trabalho destaca a importância da inserção na Universidade e na Sociedade de atividades como o projeto de extensão de ação contínua “Política na Escola”, que espera estimular, junto ao conteúdo escolar e a partir dele, discussões que permitam a criação de uma viva consciência política, capaz de possibilitar futuramente uma participação sensível dos envolvidos no seio da sociedade. Promovendo, assim, alternativas de intervenção e conscientização das crianças e jovens em relação à importância da participação política e comunitária na construção e fortalecimento de uma sociedade democrática (Monteiro, 2007).

O nome “Política na Escola” surgiu sob a justificativa do desafio de enfrentar diretamente a imagem desgastada que o termo “política” tem entre a população brasileira. Essa percepção pode ser verificada em dados de pesquisas recentes de opinião pública, realizada em julho de 2008 com mais de mil e quinhentas pessoas das cinco regiões brasileiras, que constatam que uma parcela significativa da população brasileira possui uma imagem negativa da política no Brasil. De acordo com esta pesquisa, para 82% dos entrevistados, a maioria dos políticos não cumpre as promessas que faz durante a campanha; para 85% dos ouvidos, a política é uma atividade na qual “os próprios políticos são os principais beneficiados”; e, mais de 50 % dos participantes discordam de que as eleições no Brasil são feitas de maneira limpa, sem fraudes e que possuem resultados confiáveis (AMB, 2008).

Assim, o projeto foi pensado com o objetivo de gerar e transmitir informações que viabilizem, a partir da comunidade escolar, a desconstrução da imagem negativa vinculada pelo senso comum em relação à política. Porém, não pretendendo com isso, propagar uma boa imagem das instituições políticas, mas despertar a coresponsabilização da sociedade diante de cenários de crise e fomentar seu potencial de transformação atemporal, por meio da informação. Considera-se relevante estimular, junto ao conteúdo escolar e a partir dele, discussões que permitam a criação de uma viva consciência política, capaz de possibilitar futuramente

uma participação sensível no seio da sociedade. Formando, uma cultura política em que a cidadania e a participação possam ser (re)pensadas e aprofundadas.

Com a linguagem apropriada, os extensionistas não deixam de lado a discussão sobre aspectos institucionais da política, mas enfocam, acima de tudo, o desenvolvimento de uma cultura política democrática. As atividades de ensino desenvolvidas têm a finalidade de levar conceitos básicos de cidadania e política acompanhados de reflexões, discussões e atividades lúdicas.

De acordo com Fávero (2005: 285), a orientação principal da didática é levar os alunos a deduzir, concluir, analisar, comparar, relatar, criticar, ao invés de apenas repetir e memorizar e para isso, situações lúdicas devem ser utilizadas. Com as brincadeiras, a criança associa e resgata o valor dos objetos e a natureza sociocultural.

Segundo Groth e Monteiro (2009), a conexão entre cultura política e socialização política já é há algum tempo objeto de estudo da ciência política (Almond e Verba, 1963; Cook, 1985; Connell, 1987; Dawson e Prewitt, 1969; Flanagan 2003). O processo específico de socialização política de crianças é estudado na ciência política contemporânea desde as origens do “*Behavioralism*” (Connell, 1971; Greenstein, 1965; Easton e Dennis, 1965, 1967, 1969; Easton e Hess 1962; Hess e Torney, 1967). Assim, destaca-se que apesar destas questões serem parte da fundação da Ciência Política Norte-americana, elas continuam em debate até os dias de hoje (Schacter, 1998; Ostrom, 1996; Farr, 2004; Leonard, 1995, 1999; Snyder, 2001).

Nos estudos sobre o tema no Brasil, destaca-se que a formação da cultura política é tão importante quanto à formação de um eficiente sistema partidário, de mecanismos adequados de representação política e de controle público dos governantes. Para Moisés (1995), a cultura política envolve um conjunto de valores, orientações para a ação, atitudes e comportamentos políticos, e advém de processos originários de socialização e da experiência política ao longo da vida de seus membros.

A partir deste debate, Moisés (1995) relata que muitos dos autores que tratam sobre cultura política não determinam de modo conclusivo se são as

instituições democráticas que geram a cultura política favorável à democracia ou vice-versa. Porém, um aspecto pontual da relação entre cultura política e a estrutura política é que as disputas políticas, as concepções com que os atores participam delas e os padrões de comportamento, que são herdados do passado ou transformados no presente, ajudam a moldar a cultura quanto à estrutura política de uma sociedade.

O processo de socialização política pode ser definido como “*processo de formação de atitudes políticas nos indivíduos ou de interiorização da cultura política existente em um meio social por parte das novas gerações*” (Schmidt 2004: 161) e é um procedimento permanente da vida dos indivíduos. Os estudos destes processos apontaram que a socialização pode ser latente (em função de fatores difusos no ambiente) e manifesta (transmissão intencional e programa de atitudes e orientações). Assim, o aprendizado político das novas gerações, de acordo com Schmidt (2004), advém das experiências, contatos e influências que as pessoas têm durante sua existência. Destacam-se como agências de socialização a família, a escola, as igrejas, o ambiente de trabalho, os partidos e movimentos sociais, dentre outros.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os encontros concretizam as leituras e os debates realizados nas reuniões, sendo desta forma o contato direto do projeto com professores e alunos das escolas participantes do projeto. O primeiro e o último encontro são feitos com os professores com o intuito de apresentação e avaliação, respectivamente, de toda a metodologia aplicada. Os demais encontros nas escolas são direcionados aos alunos para o desenvolvimento do conteúdo e o alcance dos objetivos propostos.

Os integrantes do projeto utilizam roteiros de aula para cada encontro e com o avanço do projeto ao longo dos anos, as abordagens foram testadas e os roteiros modificados de acordo com a receptividade e interatividade dos alunos e sugestões dos docentes das escolas participantes. Como modificações sugeridas pelos docentes destacam-se: um menor intervalo entre as explicações teóricas e as atividades lúdicas; a introdução de materiais pedagógicos para colorir e brincar; e o desenvolvimento de histórias em quadrinhos.

Com relação aos professores, o projeto “Política na Escola” considera que

são atores que possuem a competência política de agentes de socialização e, a partir do momento em que se envolvem nas tomadas de decisão, são importantes no processo de consolidação e aprofundamento da democracia (Ribeiro; Ramos, 2005). Os extensionistas utilizam a abordagem do desenvolvimento que discute o professor como mediador e a linguagem como um veículo da mediação. Isto é, o Projeto trata como deveria ser a forma de comunicação e qual seria o melhor veículo utilizado pelos universitários para transmissão dos complexos conceitos da Ciência Política aos seus “pequenos” receptores.

Assim, o desenvolvimento do projeto se dava por meio de seis encontros quinzenais às escolas sendo ministradas aulas com os seguintes temas: O que é Política, Participação Política, Representação, Voto e Democracia. No sexto e último encontro é realizado uma eleição para o Conselho Deliberativo da Escola (integrado por representantes discentes).

Segundo Monteiro (2007), o processo de avaliação no projeto “Política na Escola” estabeleceu ao longo dos anos quatro características definitivas de sua formação: interna, processo, resultado e formativa. O Quadro 1 ilustram a interação e complementaridade destas características.

Quadro 1: Características da Avaliação no “Política na Escola”

<i>I</i> <i>Avaliação Interna</i>	<i>P</i> <i>Avaliação de</i> <i>Processo</i>	<i>R</i> <i>Avaliação de</i> <i>Resultado</i>	<i>F</i> <i>Avaliação</i> <i>Formativa</i>
Proposta de avaliação que sugere que os próprios membros do projeto (re)elaborem as atividades aplicadas nos encontros.	Visa e propõe uma “Avaliação do Ensino”, ou seja, trabalhando com os conceitos escolares, pretende verificar a eficácia do ensino proposto pelos atores envolvidos com a execução do projeto.	Pretende verificar a relação planejamento/resultado refletida pelas respostas dadas pelos alunos das escolas participantes.	Analisa o projeto na concepção de modificá-lo.
Considera a aceitação e desempenho das atividades e os próprios modelos dos instrumentos de coleta.	A finalidade é julgar se a intervenção está sendo implementada como o planejado.	Apresenta uma “Avaliação da Aprendizagem” dos temas propostos, indagando se houve alterações na situação-problema após a intervenção.	Parte da idéia de que este é um programa em constante atualização e que alternativas devem ser pensadas e aplicadas para aperfeiçoamento do projeto e realização dos objetivos propostos.

Assim, as experiências acumuladas em cada semestre de atuação, com o projeto sendo aplicado em diferentes escolas, possibilitaram a inserção de alterações de conteúdo e forma de aplicação com base no processo de avaliação desenvolvido: (i) as avaliações internas fornecem dados por meio dos relatórios de visita; (ii) as avaliações de resultados e de processos por meio dos questionários aplicados aos alunos e professores; e (iii) a consolidação de uma avaliação formativa do projeto de acordo com as informações adquiridas por meio de questionários, relatórios e sugestões (dos alunos e professores das escolas e dos próprios extensionistas).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as crianças ao final do ano ampliam o seu entendimento sobre política e suas aplicações no dia-a-dia. Além da desconstrução de conceitos naturalizados na primeira infância, há a construção de noções de cidadania, participação e representação além de incentivar o interesse na atividade pública por meio de uma educação inovadora. Ademais, o projeto agrega na formação dos graduandos de Ciência Política e outros cursos relacionados ao aproximá-los da atividade dentro de sala de aula e de diferentes realidades sociais extrapolando os muros da escola em uma experiência centrada na construção de educação democrática.

A introdução de conceitos políticos já na infância ajuda no desenvolvimento de uma personalidade mais cidadã, mais ciente de seu local dentro das esferas decisórias. E em um contexto político conturbado, como o que estamos vivenciando no Brasil é essencial a inserção do debate político na formulação de uma educação preocupada com as questões da vida pública. A percepção dos extensionistas sobre o impacto do cenário político sobre os pequenos tem sido relevante no seu processo de formação acadêmica.

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELAS MÍDIAS SOCIAIS *WHATSAPP* E *FACEBOOK*: contribuições de um grupo de estudos

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Andréa Kochhann e Maria Eneida da Silva¹

Autores: Natalia Teixeira Ribeiro², Luciana Sérgio², Thalia Mendes Lima⁴, Thays Oliveira Fernandes³, Amanda Priscila Guimarães⁴

RESUMO: O presente texto busca socializar a utilização do *WhatsApp* e *Facebook* como ferramentas que contribuem para a formação inicial e continuada dos participantes de duas atividades originárias do Projeto de Extensão “GEFOPI - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade”. O GEFOPI contempla os Câmpus de São Luís de Montes Belos, Luziânia, Jussara, Formosa, Trindade e Inhumas da UEG e ainda conta com participantes de instituições privadas e de outros estados. O GEFOPI é registrado como um projeto de extensão integrado, tendo características de um programa, pois abrange várias atividades da pesquisa, do ensino e da extensão, bem como produção acadêmica. Nesse ínterim as mídias destacadas são relevantes para auxiliar na comunicação rompendo as barreiras do tempo e espaço e ainda proporcionando o processo da construção do conhecimento. Para tal, a socialização se dará considerando as atividades do FORM-AÇÃO e ENFORMA.

Palavras-chave: Formação de Professores, Mídias Educacionais, GEFOPI.

1 INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade-GEFOPI iniciou suas atividades em 2006, pela a professora Andréa Kochhann na UEG - Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos. Atualmente com o aumento dos integrantes no grupo, ele se estendeu para o Câmpus de Jussara, Formosa, Trindade, Luziânia e Inhumas.

O grupo GEFOPI tem o objetivo de colocar em prática o tripé da universidade, pesquisa, ensino e extensão e também trabalhar a prática da escrita e oralidade. Os integrantes são acadêmicos de licenciatura, professores, mestrando, doutorandos e a comunidade em geral. Desse modo, o grupo disponibiliza atividades como: produção de revista pedagógica, elaboração de guias, projetos de pesquisa e

¹ Coordenadoras do projeto de extensão. Docentes. andreakochhann@yahoo.com.br e eneida.ueg@hotmail.com

² Egressa do curso de Pedagogia da UEG.

² Docente do curso de Pedagogia da UEG. Pedagoga e Historiadora.

³ Acadêmica do curso de Letras da UEG.

⁴ Acadêmica do curso de Letras da UEG.

⁷ Acadêmica do curso de Letras da UEG.

extensão como formação continuada para professores da educação básica rede pública, além de proporcionar discussões teóricas que são feitas em reuniões presenciais e virtualmente através do Skype, WhatsApp e Facebook.

O projeto de extensão Form-ação está vinculado ao GEFOPi com parceria da Secretaria de Educação da cidade. O projeto tem como objetivo contribuir com a formação continuada de professores do 4º e 5º ano e com a formação inicial dos acadêmicos do Curso de Letras e Pedagogia do Câmpus. Os encontros acontecem uma vez ao mês, na quarta-feira. Onde ocorrem discussões teóricas, socialização de metodologia de ensino, atividade prática, palestras e minicursos. Os temas são discutidos via WhatsApp por todo o grupo após cada encontro presencial e são publicadas as atividades práticas no Facebook, de forma que os integrantes precisam comentar e dar sua opinião sobre o assunto que foi abordado. Foram realizados 5 encontros no primeiro semestre de 2018, com assuntos como “Omnilateralidade e emancipação humana” e outros.

Já o projeto de extensão Enforma, também vinculado ao GEFOPi, acontece na cidade de Luziânia, possui a mesma metodologia do Form-Ação, tendo como objetivo favorecer a formação inicial de acadêmicos do curso de Pedagogia da UEG Câmpus Luziânia e continuada dos professores da rede municipal da cidade. Utiliza-se o WhatsApp e Facebook para um melhor aprofundamento teórico dos participantes, a partir do debate teórico via WhatsApp e as postagens de atividades realizadas no Facebook. Os encontros acontecem na sexta-feira, uma vez ao mês e esse projeto tem parceria com a Secretaria de Educação de Luziânia. Em 2017 ocorreram 4 encontros e em 2018 já foram 2 encontros, com assuntos como “Omnilateralidade e emancipação humana”.

2 DESENVOLVIMENTO

A utilização de mídias sociais como *whatsapp* e *facebook* vem crescendo a cada dia mais, essas são usadas em diversas áreas, com distintas finalidades, dentre estas, destaca-se a função pedagógica, a qual é ferramenta extremamente relevante para a comunicação e produção das atividades do Projeto de Extensão “GEFOPi - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade”.

Como o grupo possui participantes em todo o Estado e fora dele, foi necessário o uso das mídias para uma melhor comunicação entre seus integrantes. Compreende-se que as mídias surgiram para este fim, contribuir para uma melhor

comunicação entre pessoas distantes, porém o GEFOPi as considera como ferramentas pedagógicas necessárias para o aprendizado de seus participantes.

Dentre todas as ferramentas tecnológicas utilizadas pelo grupo, o *WhatsApp* e *Facebook* são os mais empregadas. No *WhatsApp* há a divisão em quatro grupos importantes, um deles é o GEFOPi, utilizado para divulgação de eventos, fotos e assuntos internos do grupo. O GEFOPi em Ação, busca discussões e análises de teorias com a finalidade de todos os integrantes compartilhar seus conhecimentos sobre algum assunto. Possui também dois grupos que fazem parte da metodologia de ensino dos projetos de extensão FORM-AÇÃO e ENFORMA, que contribui para a socialização dos temas que são apresentados em cada encontro presencial, com o objetivo dos professores se aprofundarem teoricamente sobre os assuntos. Como foi apresentado a cada encontro o professor deixa uma pergunta e nesse sentido deve respondê-la com apoio de algum autor.

No facebook o GEFOPi socializa suas atividades em eventos, e compartilha outros eventos para que os participantes e a sociedade veja como o grupo realiza seus trabalhos. Assim como no *WhatsApp* os dois projetos de extensão FORM-AÇÃO e ENFORMA, possui suas contas na rede social, para socializar como os professores colocaram na sua prática em sala de aula os temas que forma trabalhados nos encontros. Nesse ínterim as mídias são consideradas um apoio aos professores e educandos como afirma Lévy (1999, p.172)

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e de aluno.

Dessa forma as tecnologias são vistas como novas formas de criar metodologias diferenciadas, sem precisar que aluno esteja necessariamente em sala de aula, assim qualquer momento pode ser de aprendizado, gerando assim a sociedade do conhecimento, fruto dessa evolução tecnológica, intensificada principalmente a partir dos anos de 1990. Tal evolução exige que o indivíduo esteja ligado às mídias sociais.

A priori as mídias sociais eram utilizadas como ferramenta de comunicação ou mero entretenimento principalmente para os jovens. Estes buscavam relacionar-se virtualmente com várias pessoas de seu interesse, algumas nunca vistas pessoalmente.

O uso das redes sociais vem ganhando cada vez mais o espaço em diferentes áreas, dentre elas a educação.

O emprego das mídias sociais na educação contribui significativamente, pois estas podem gerar novas sinergias entre os membros de uma comunidade educativa, como por exemplo: a troca de informações e esclarecimento de dúvidas sobre temas estudados em sala de aula, compartilhamentos de documentos, links, vídeos, imagens de eventos realizados. Podem ser utilizadas também como recurso para avisos, debates, estabelecendo desta forma, um canal direto entre professores e educandos, não só de uma mesma instituição como entre várias outras.

De acordo com Moran, Masetto e Behrens (2004), a partir da chegada das novas tecnologias, o contexto escolar tende a se transformar em um espaço criativo e interativo, tanto na forma presencial ou a distância. Tal espaço exige que o educador aproveite as potencialidades das tecnologias disponíveis para motivar os seus educandos a aprenderem de forma mais dinâmica e atuante, visando que este se torne o detentor de seu próprio aprendizado.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No caso do GEFOPi o WhatsApp e o Facebook proporcionam um ambiente de discussão teórico-metodológica, a qual contribui diretamente para a formação e conhecimento dos membros envolvidos no mesmo. Tais mídias unidas ao ensino tradicional podem trazer inúmeros benefícios ao ensino aprendizagem.

Ao usar as redes sociais em sala de aula, esta pode tornar-se espaço de pesquisa, de desenvolvimento de projetos, de intercomunicação on-line, de publicação, tendo como vantagem combinar o melhor do presencial e do virtual no mesmo espaço e ao mesmo tempo. Destaca-se também que quando utilizadas, as tecnologias digitais desenvolvem importantes habilidades como a criatividade e o raciocínio lógico. No entanto, o educador deve ter objetivos claros quanto ao que ele pretende atingir com uso de ferramentas como o WhatsApp e o Facebook, pois assim estabelece uma ligação de confiabilidade e segurança quanto ao ensino e aprendizagem que pretende atingir.

As redes sociais como já foi dito, podem promover integração, confiabilidade, compartilhamento de conhecimento e outros benefícios que veem acrescentar ao relacionamento entre educador e educando. Barreiras existem, mas o WhatsApp e o Facebook possuem diversas ferramentas que somadas ao ensino tradicional e se bem utilizada pelo educador enriquecem o ensino aprendizagem (CAMILLO e MEDEIROS, 2017, p.8).

Não basta o educador somente levar as mídias sócias para o ambiente educativo, é preciso mobilizá-las em favor do ensino-aprendizagem, visando à apropriação e/ou construção de saberes/fazeres, visto que tais recursos podem fortalecer o ensino quando munido de boa intervenção didática. Assevera-se que para o educador atingir essa apropriação e/ou construção é de suma importância que este domine, conheça o funcionamento e uso das mídias sociais.

(...) A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem (TARDIFF, 2010, p. 49).

A imagem n. 01 apresenta as discussões teóricas e socialização de atividades, propostas nos encontros realizados, tanto pelo Form-Ação quanto no Enforma, sendo que as atividades realizadas são contabilizadas nas horas arrecadas, na participação dos projetos e agregam conhecimento à formação dos partícipes sem necessariamente estarem reunidos em um espaço físico, estão reunidos em um espaço virtual, cada um em seu tempo real.

Imagem n. 01 – Discussão e Socialização



Fonte: GEFOPi (2018)

Evidencia-se que, o uso didático-pedagógico do whatsapp e do facebook como ferramentas tecnológicas, contribui para o desenvolvimento de atividades em diversos campos do conhecimento. Destarte, uma proposta didática amparada por um projeto pedagógico com atividades que zelam pela utilização dessas mídias como objetos de análise e de autoria e coautoria, pode constituir em um meio potencial à construção colaborativa e interativa de saberes, principalmente na formação de docentes, que levarão legados como esse para o seu campo de atuação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste é mostrar como os TIDCS - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação tem contribuído para a formação inicial e continuada dos integrantes do grupo GEFOPi, pois através do Skype, WhatsApp e Facebook é possível ter uma interação entre os integrantes, proporcionando assim trocas de conhecimentos, socialização de teorias, compartilhamento de imagens, ebooks e documentos. O GEFOPi

mais uma vez vem mostrar que as ferramentas das mídias podem sim ser usada para contribuir com o conhecimento. Através dessa facilidade de informação é possível compartilhar diferentes ideias com vários tipos de pessoas simultaneamente e principalmente, promover o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPÍ.

REFERÊNCIAS

CAMILLO, Cíntia Moralles e MEDEIROS, Liziany Muller. A utilização do facebook e do whatsapp como ferramentas alternativas do ensino-aprendizagem. Revista Redin. v. 6 Nº 1. Outubro, 2017. Disponível em: < <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/download/607/463> > Acesso: 19 de julho de 2018.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e a mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

A DANÇA E O IDOSO DA UMI (UNIVERSIDADE DA MELHOR IDADE)

Área Temática: Educação

Cláudia Diniz de Moraes - Docente no curso de Educação Física e UMI

RESUMO: O envelhecimento da população mundial se apresenta como um fenômeno real, comprovado pelo censo que registra uma população aproximada de 25 milhões de idosos na sociedade brasileira. A dança tem sido uma grande alternativa de atividade física. Desta forma, com base na importância da dança para a saúde física e mental dos idosos, o presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre os benefícios da dança para os idosos participantes do programa UMI (Universidade da Melhor Idade) da Universidade Católica Dom Bosco. A dança é como um aliado prazeroso, que possibilita o idoso um bem-estar do corpo e da mente, pois o isolamento, a depressão pelas perdas e o aparecimento constante de novas doenças físicas acaba debilitando mais o idoso. Este estudo oferece uma visão mais abrangente à respeito da importância da dança para a terceira idade e descreve sobre o cotidiano das aulas de dança do grupo UMI. Como resultado destacamos a vitalidade dos idosos que participam das aulas de dança que é contagiante, sendo observado que no momento em que estão dançando esquecem todo e qualquer problema que possam ter, tornando-se seres brincantes e superam seus limites se entregando de corpo e alma à dança, apresentamos as apresentações realizadas pelo grupo em diversos momentos. Conclui-se que há necessidade de novas pesquisas sobre o tema com delineamentos experimentais baseados em evidências dos resultados para o avanço do conhecimento sobre dança e envelhecimento.

Palavras-chave: Terceira idade, Dança, Extensão

INTRODUÇÃO

As projeções demográficas revelam um aumento considerável da população idosa em todo o mundo, com estimativa de que, no ano de 2025, aproximadamente 15% da população brasileira será composta por pessoas acima de 60 anos.

Atualmente, observa-se não apenas o rápido aumento do número de pessoas idosas, mas que a maioria delas tem se mostrado extremamente ativa, com disponibilidade de participar de diferentes atividades, em busca de novas experiências e convivências, enfrentando suas limitações com outros olhos, buscando sempre a melhoria na qualidade de vida e sua inclusão social, gerando uma cultura positiva em relação à velhice.

De fato, o envelhecimento produz perda progressiva das aptidões funcionais e da integração social, e a dança é um dos aliados que vem contribuir na melhora e/ou

manutenção dessas perdas, refletindo positivamente na qualidade de vida dos idosos.

Segundo Nanni (1995) o ser humano utilizou a dança como linguagem corporal, simbolizando alegrias, tristezas, vida e morte, para celebrar o amor, a guerra, a paz, ou seja, a dança representa diversos aspectos da vida humana. Dançar é uma atividade que pode ser iniciada em qualquer época da vida, podendo ser aos quatro ou aos oitenta anos.

Nesta perspectiva, e com o objetivo de proporcionar uma melhor qualidade de vida para quem tem mais de 50 anos, integrando-os à sociedade, a UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), criou o Programa Universidade da Melhor Idade - UMI. No qual compreende que o idoso é um cidadão de direitos que deve ser valorizado, pois contribui para a construção de novos valores e esclarecimento dos direitos do idoso tanto na Universidade quanto na sociedade.

Atualmente a UMI possui uma equipe técnica formada de profissionais nas áreas de Pedagogia, Psicologia, Nutrição, Educação Física, Fisioterapia, Letras, Enfermagem, História, Serviço Social e outros para o desenvolvimento de atividades pedagógicas direcionadas a esse público, objetivando proporcionar melhor qualidade de vida nos aspectos físicos, intelectuais e de convivência em grupo.

Dessa forma, as ações interdisciplinares, tem o grande desafio de traçar estratégias por meio de atividades prazerosas com vista a despertar as pessoas idosas para construção de seu próprio projeto de vida valorizando sua capacidade de sonhar e de criar. Entre as inúmeras atividades desenvolvidas para os idosos participantes deste programa destacamos a dança, como foco neste trabalho.

O IDOSO E A DANÇA

O bem-estar na terceira idade, ou saúde num sentido mais amplo, seria o o equilíbrio na capacidade funcional do idoso, não sendo necessariamente uma ausência de problemas de saúde. Neste sentido, os benefícios da prática de atividades físicas para idosos são essenciais. Neste contexto, a dança vem contribuir significativamente na melhora e/ou manutenção de várias dimensões que estão inseridas no termo “qualidade de vida”, entre elas a integração social, a adaptação às condições preexistentes e a aptidão funcional.

Neste sentido, dançar é resgatar a cultura já vivenciada em outros anos, além de oportunizar espaços para promover a aprendizagem de novas culturas, sem mencionar o valor das emoções que emergem dos movimentos ritmos e expressivos, que podem surgir de maneira individual, em duplas, trios, quartetos ou grandes grupos.

Refletir sobre os benefícios da dança como atividade física para os idosos nos remete a um universo complexo de linguagens, emoções, significados, estilos, ritmos, movimentos, entre tantas outras formas de se olhar para essa atividade física e artística.

Pela dança vencemos barreiras, nos expomos solicitando reconhecimento e respeito; lutamos contra possíveis enfermidades, falamos, apresentamos propostas, reivindicamos, comunicamos algumas ideias e até transformações outras. São vários os tipos de dança que existem e que nos proporcionam essas tarefas e para além delas, tais como: dança de salão, populares, folclóricas, clássica, contemporânea, criativa, entre outras.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A proposta de trabalho da dança no Programa da UMI é desenvolvida duas vezes por semana (terça e quinta), com duração de uma hora, sempre oportunizando vivências que desperte prazer e envolvimento aos participantes.

Para Laban (1990), o ato de movimentar-se está totalmente ligado à dança, é um elemento básico da vida, faz parte de todos os seres humanos, o corpo se torna uma orquestra que se sucede produzindo o movimento.

Entretanto, os idosos normalmente chegam até as aulas dança com inúmeras barreiras impostas por eles mesmos ou pela sociedade tais como: preconceitos por causa da idade, por acharem que não conseguem, problemas de origem psicológicos e saudades do tempo em que eram jovens. Mas após as primeiras aulas acabam se soltando e são contagiados pela atmosfera de envolvimento e alegria.

Em concordância com Silva (2007), o qual afirma que a dança auxilia na melhora da qualidade de vida, porque trabalha o condicionamento físico, a respiração, desenvolvimento o senso de ritmo e principalmente oportuniza tranquilidade, amizade, o sentimento de liberdade e emoção.

Durante o semestre, foram realizadas apresentações com diversas temáticas como: dança de salão, dança com fitas da ginástica rítmica, dança do frevo, de carimbo, entre outras.

Durante os ensaios e apresentações os semblantes de alegria eram prazerosos de se ver, outro destaque é o apoio das famílias que participavam de maneira significativa. Além de tecerem comentários sobre a melhora em sua disposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das vivências nas aulas, notamos que vivemos em uma sociedade que busca a longevidade, a fonte da eterna juventude. E o envelhecer acarreta vários estigmas e “pré” conceitos à pessoa idosa.

Ressaltamos que a dança é um importante aliado, mais do que positivo para as pessoas idosas e, mesmo tendo experiência como professora de dança para crianças me entusiasmei muito a possibilidade de levar a dança para outros corpos.

A vitalidade dos idosos que participam das aulas de dança da UMI é contagiante, e no momento em que estão dançando esquecem todo e qualquer problema que possam ter, se tornam seres brincantes e superam seus limites se entregando de corpo e alma à dança.

Destacamos que de acordo com inúmeros autores e observada durante as aulas a dança praticada em grupos de fato ajuda a expressar emoções, estimula a coordenação motora e a memorização, além de ser uma manifestação artística e de comunicação que se faz por meio do corpo.

Como destacado por Garcia et al. (2009) que a dança é a melhor opção para grupos de terceira idade, pois evita angústias e incertezas criando uma interação e fortalecimento de amizades, deixando de lado o preconceito imposto à eles, além da ocupação do tempo livre.

Desta forma, conclui-se que a dança é uma excelente forma de atividade física na vida de idosos, pois, proporciona grandes benefícios em relação à saúde e principalmente ao social. Na saúde, destacamos: a melhora na resistência cardiovascular, a diminuição da depressão, combate de situações estressantes, reforço dos músculos e proteção das articulações, entre outros. Já no social,

destacamos que os idosos começam a se relacionar com outras pessoas, criando laço de amizade.

REFERENCIAS

GARCIA, J. L. et al. A influência da dança na qualidade de vida dos idosos. Revista EFDeportes.com, [S.l.], 2009. Disponível em: Acesso em: 9 ago. 2018.

LABAN, R. Dança Educativa Moderna (tradução de Maria Conceição Parayba Campos) São Paulo. Ed. Ícone, 1990.

NANNI, Dionisia. **Dança educação – Pré-escola à universidade.** Rio de Janeiro-RJ: Sprint, 1995.

SILVA, M.C. Senhorita Hoje, Senhora Amanhã: Análise do Envelhecimento e da Dança como exercício físico. 5ª Mostra Acadêmica Unimep. Piracicaba, S.P 23 a 25 de out. de 2007. Disponível em:
<http://74.125.95.104/search?q=cache:8f8F7QhN8XYJ:terceiraidadesolucoes.net/SENHORITAHOJE.docx+dan%C3%A7a+e+desenvolvimento+de+idosos+institucionalizados&hl=ptBR&ct=clnk&cd=4&gl=br> Acesso em: 20 de maio 2018.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA: um grupo de estudos que promove a formação inicial

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Andréa Kochhann e Juliana Alves Bottechia¹

Autores: Naiane Silva Prazer², Helen Ribeiro², Mateus Henrique Marques³, Patrícia Ramiro⁴ e Amanda de Magalhães Alcântara⁵

RESUMO: O texto socializa o projeto de pesquisa sobre as atividades realizadas no Projeto de Extensão “GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade” da Universidade Estadual de Goiás – UEG na formação inicial dos partícipes. O GEFOPI é um projeto integrado de extensão que abrange várias atividades alicerçadas na concepção acadêmica, de forma processual e orgânica, primando pela indissociabilidade pesquisa, ensino, extensão e produção acadêmicocientífica, considerando os acadêmicos envolvidos como protagonistas da ação. O problema da pesquisa foi “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI?”. A metodologia desse artigo se alicerça em um recorte da pesquisa a partir de um estudo bibliográfico e análise de questionários mistos e entrevista semiestruturada. O texto traz uma análise teórica e a análise de parte dos questionários. Inferimos que as atividades do GEFOPI têm favorecido a formação inicial dos partícipes protagonistas das atividades.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Pesquisa Científica, Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

O tema do projeto de pesquisa é formação de professores. A delimitação do estudo foi na formação de professores na extensão universitária da Universidade Estadual de Goiás – UEG, na perspectiva do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPI, de 2006 a 2017, que se efetiva em várias cidades do Estado de Goiás. A pesquisa é intitulada “FORMAÇÃO DE PROFESSORES: perspectivas e limites considerando um grupo de estudos” que se desmembra em cinco subprojetos. O problema do projeto maior se estabeleceu em “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI?”. Para cada subprojeto elaborou-se um problema. Assim, cada subprojeto

¹ Coordenadoras dos projetos de pesquisa e extensão. andreakochhann@yahoo.com.br e juliana.bottechia@yahoo.com.br ¹ Acadêmica de Pedagogia da UEG

² Acadêmica de Pedagogia da UEG

³ Acadêmico de Letras da UEG

⁴ Acadêmica de Matemática da UEG

⁵ Acadêmica de Química da UEG

tem seus objetivos e sua metodologia, visando atender ao objetivo da pesquisa maior. Mas, os objetivos pairam em discutir as universidades e a extensão no Brasil, apresentar a UEG e os Câmpus loci da pesquisa, o GEFOPi perante sua historicidade e questões pedagógico-metodológicas e a voz dos partícipes.

A metodologia dessa pesquisa qualitativa é bibliográfica, documental, com estado da arte e estudo de caso. O referencial bibliográfico será em Demo (2006), Nogueira (2001), Jezine (2004), Síveres (2013), Reis (1996) e outros. Os documentos da UEG como o Projeto de Desenvolvimento Institucional - PDI e Projeto Pedagógico Institucional - PPI subsidiarão a contextualização da investigação. O mapeamento dos trabalhos será realizado no banco de dados da CAPES em teses e dissertações. Para a coleta de dados do estudo de caso, aplicar-se-á questionários mistos e entrevistas semi-estruturadas a 50% dos atores do GEFOPi dos Câmpus, escolhidos aleatoriamente. O texto traz primeiro uma análise teórica e em sequência a apresentação da análise de parte dos questionários

2 DESENVOLVIMENTO

A universidade surge na idade média, a qual se disseminou rapidamente pela Europa e conseguinte pelo globo todo. As primeiras universidades latinas surgidas no século XVI, o Brasil, colônia portuguesa sofreu grande influência do modelo Europeu de ensino superior, especialmente da França. Nos períodos colonial e monárquico, as diversas tentativas de se instituir universidades no Brasil não lograram êxito. Com o proclamar da República, foram feitas outras muitas tentativas. Do início da república até a revolução de 1930, muito se alterou o ensino superior em razão dos dispositivos legais promulgados. E apesar da morosidade, surgem as universidades no Brasil, segundo Cunha (1980).

Para compreendermos a extensão universitária no Brasil, nos remeteremos ao contexto histórico desta que sofreu influência europeia (assistencialismo) e norteamericana (prestação de serviço). Miguens Jr e Celeste (2014) apontam que a extensão com a concepção assistencialista surgiu como meio de atender a sociedade carente nos seus anseios gerados pelo capitalismo (modelo que foi muito difundido), no período de revolução industrial e a de prestação de serviço surge para prestar serviços no campo socioeconômico, uma extensão rigidamente liberal. É notória a influência desses dois modelos de extensão na América Latina, inclusive o Brasil que muito bebeu

dessas fontes. Essas concepções vigoraram durante anos, apesar de algumas tentativas de uma extensão para a massa e de forma acadêmica.

Segundo Miguens Jr e Celeste (2014) no ano de 1987, aconteceu o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão, que discutiu a necessidade das ações extensionistas superarem a prestação de serviço e assistencialismo. É perceptível a inclinação do Fórum para a concepção de extensão universitária transformadora e, portanto, processual-orgânica. Reis (1989) caracteriza a extensão universitária pela sua concepção mediante duas vertentes: eventista-inorgânica e processual-orgânica. Para Reis (1989, p. 41) as ações eventista-inorgânica ocorrem eventualmente e sem continuidade e tem “como característica a prestação de serviços ou na realização de eventos, isolados ou desvinculados do contexto ou do processo ensino-aprendizagem e de produção do conhecimento da universidade”.

Para Reis (1989, p. 41) as ações de extensão na concepção processual-orgânica se mostram ao contrário das ações na concepção eventista-inorgânica, ao passo que são ações permanentes ou contínuas, que se relacionam de forma indissociável do ensino e da pesquisa, com finalidade acadêmica, relacionando a universidade com a sociedade para a transformação, pois tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricados ou inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa) da universidade, em parceria político-pedagógica com a sociedade civil ou política, numa dimensão mutuamente oxigenante e mutuamente transformante.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A UEG é uma universidade nova e que foi criada com o propósito de beneficiar municípios do interior de Goiás com ensino público e de qualidade. Em 1999, a UEG é criada pelo Decreto n. 13.456, de 16 de abril de 1999, “A partir de um ‘sonho’ de construção de um projeto de universidade enraizada em todas as microrregiões goianas [...]” (KOCHHANN, 2018, p. 191). Essa criação foi por meio da junção de faculdades isoladas, sendo 28 autarquias com a UNIANA – Universidade de Anápolis. Um dos cursos basilares foi o de Pedagogia. Isso pode explicar a força que tem o ensino e a fragilidade que se tem na pesquisa e na extensão da maioria das Universidades, conforme Kochhann (2018). Contudo, a UEG tem o GEFOP - Grupo de Estudos em Formação de professores e Interdisciplinaridade.

O GEFOP tem por objetivo proporcionar caminhos para que os alunos

construam conhecimentos, pela capacidade de diálogo com a realidade concreta. O grupo tem uma caminhada de 12 anos. Iniciou como GEPI – Grupo de Estudos em Interdisciplinaridade, no ano de 2006 na UEG Câmpus São Luís de Montes Belos para sanar dúvidas relacionadas à escrita e interpretação de trabalhos acadêmicos. No andamento das atividades, a coordenadora percebeu que poderia ir além. Apesar de o grupo ter poucos acadêmicos envolvidos no início, foi crescendo por meios de ações de ensino, pesquisa e extensão e um ano depois é registrado como GEFOPi. Em 2012 deu um salto qualitativo nas ações. Em 2015 se estendeu fisicamente para o Câmpus Jussara e em 2017 também para Luziânia e Formosa. Atualmente o grupo é composto por acadêmicos de vários cursos, mestrandos, doutorandos, docentes, egressos e comunidade em geral, espalhados por várias cidades do Estado de Goiás e do Brasil.

O grupo trabalha com metodologias diversas dinâmicas como: 1- grupo de estudos mensal, presenciais ou via *Skype*; 2- encontros para orientação específica, planejamento e execução de atividades; 3- realização de palestras, oficinas, *workshops*, minicursos e rodas de conversa; 4- elaboração de resumos e artigos para eventos locais, regionais, nacionais e internacionais; 5- realização de projetos de pesquisas, vinculados a projetos de extensão; 6- organização de revistas pedagógicas com ISSN e divulgados no www.observatorio.ueg.br; 7- organização de guias de temas variados; 8- publicação acadêmica em periódicos Qualis; 9- elaboração de livros com ISBN; 10- Elaboração de monografias, dissertações e teses; 11- discussões teóricas e orientação pelos grupos do *WhatsApp*; 12- divulgação das atividades pelo *Facebook* “GEFOPi Andréa”; 13 – divulgação das atividades e textos no *Slideshare*; 14 – divulgação das atividades no *Youtube*.

Em relação à voz dos partícipes veteranos do GEFOPi do Câmpus São Luís de Montes Belos a entrevista foi estruturada com 12 questionamentos e para este texto apresentaremos 1 dos questionamentos, o qual solicitou que definissem o GEFOPi em uma palavra. As palavras apresentadas pelos veteranos possibilitam afirmar que o GEFOPi é importante porque é ousado em suas atividades de interdisciplinaridade e práxis, o que traz uma riqueza para a aprendizagem e pode favorecer o sucesso e a transformação na formação docente, mesmo com as dificuldades para sua efetivação, conforme Quadro n. 1.

Quadro n. 1 – Veteranos São Luis de Montes Belos

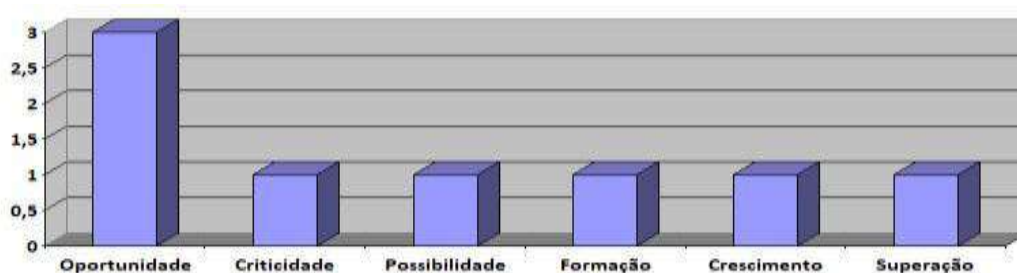
Categoria	Contextualização	Ano	Palavra
Gestor – E	Gestora e docente da UEG câmpus São Luís de Montes Belos na época de criação do GEFOPi	2006	Ousado

Docente – W	Pedagoga pela UEG e integrante do GEFOPi desde sua criação	2006	Sucesso
Acadêmico 1 – N	Pedagoga pela UEG, pós-graduada em Docência Universitária pela FABEC, integrante do GEFOPi desde 2014	2014	Sucesso
Acadêmico 2 – J	Pedagogo pela UEG, pós-graduado em Matemática, acadêmico de Direito, integrante do GEFOPi desde 2007	2007	Práxis
Acadêmico 3 – E	Pedagoga pela UEG e uma das que ajudou a criar o GEPI e se transformar em GEFOPi em 2006	2006	Interdisciplinaridade
Acadêmico 4 – N	Pedagoga pela UEG, Psicopedagoga pela FABEC, 2012 Imponente pós-graduada pela UEG em Educação, Arte e Cultura, integrante do GEFOPi desde 2012		
Acadêmico 5 – MC	Pedagoga pela UEG, e foi umas das primeiras integrantes do grupo antes de ser oficialmente GEPI e depois GEFOPi.	2006	Riqueza
Acadêmico 6 – C	Pedagoga pela UEG e foi uma das primeiras a primeira bolsista voluntária de iniciação científica do GEFOPi	2006	Transformação
Acadêmico 7 – A	Pedagogo pela UEG e foi um dos que ajudou a criar o GEPI e se transformar em GEFOPi em 2006	2006	Aprendizado

Os autores

Em relação aos partícipes de Jussara, 8 acadêmicos e 1 egressa responderam a questão sobre “Se fosse para você escolher uma palavra para descrever o GEFOPi, qual seria?” Pela análise das palavras que descreve o grupo é possível afirmar que o GEFOPi é compreendido enquanto uma oportunidade ou possibilidade de crescimento na formação no sentido de superação das dificuldades e ganho de criticidade, conforme Gráfico n. 1.

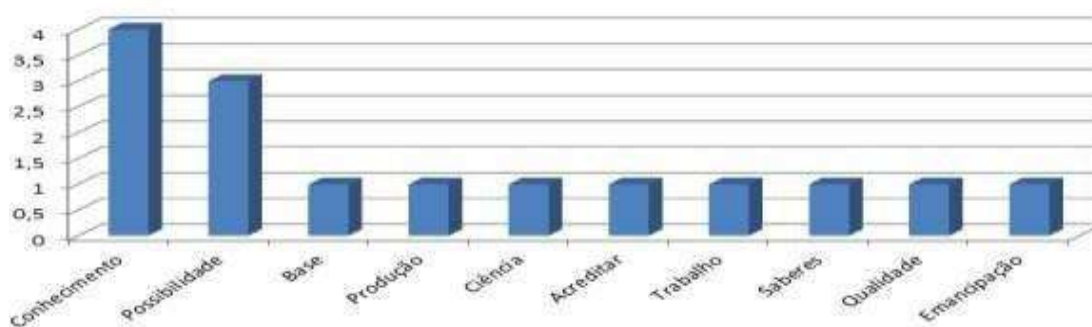
Gráfico n. 01 – Partícipes de Jussara



Fonte: Os autores

Em relação aos partícipes de Luziânia, 15 responderam ao questionário e elegeram palavras sobre o GEFOPi. Pela análise das palavras que descreve o grupo é possível afirmar que o GEFOPi é um grupo de trabalho que dá base para produção da ciência e saberes de qualidade, acreditando que há possibilidade de conhecimento e emancipação, conforme Gráfico n. 2.

Gráfico n. 2 – Partícipes de Luziânia

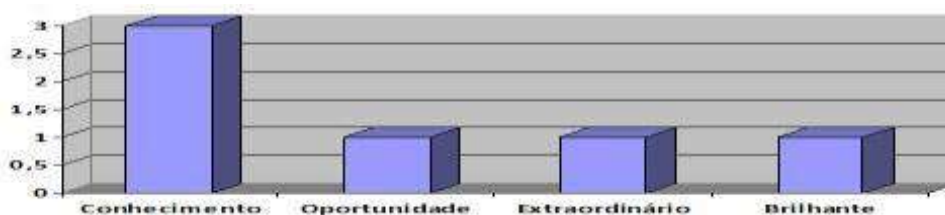


Fonte: Os autores

Em relação aos partícipes novatos de São Luis de Montes Belos, 6 responderam ao questionário e elegeram palavras sobre o GEFOPi. Pela análise das palavras que descreve o grupo é possível afirmar que o GEFOPi é um grupo de estudos extraordinário e brilhante que oferece oportunidades de conhecimento, conforme Gráfico n. 3.

Gráfico n. 3 _ Partícipes de São Luis de Montes Belos

Fonte: Os autores



Em relação aos partícipes de Formosa os dados estão em análise preliminar, não sendo possível apresentar neste momento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às análises dos questionários e das entrevistas se pode observar o quanto o GEFOPi contribui para a transformação dos que participam dele. Mostra o quanto que as atividades do grupo podem proporcionar aprendizagens que geram a emancipação e autonomia desses que tem o GEFOPi como um grupo de atividades processual e orgânica. É notória a mudança de olhar dos partícipes do grupo; se tornam alunos, professores e profissionais ativos, participantes e atuantes na academia e na sociedade. Em síntese, a maioria dos partícipes alegou que, o GEFOPi é uma oportunidade e possibilidade de sucesso no conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPÍ.

REFERÊNCIAS

CUNHA, L.A. A Universidade Temporã: o Ensino Superior da Colônia à era Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MIGUENS JR. S.A.Q. e CELESTE, R. K. A extensão Universitária. 2014.
In: https://www.researchgate.net/publication/253645827_A_EXTENSAO_UNIVERSITARIA_Capitulo_de_Livro

REIS, R. H. dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. Cadernos UnB. Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1989. In:
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA REFLETIDA NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho¹

Autoras: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho²,

Míriam Saraiva Farias³, Mariana Oliveira Machado³

RESUMO: O extensionismo universitário pode ser situado entre um dos principais instrumentos da Educação Superior frente aos obstáculos para a construção de uma sociedade mais justa. A pesquisa com o título “A Extensão universitária refletida na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação” tem como objetivo analisar as consequências da participação do aluno de graduação em atividades de extensão na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação. Para alcançar o objetivo geral se considerou necessário dividir a pesquisa em etapas definidas a partir dos objetivos específicos. A primeira delas foi a parte teórica, na qual foi conceituada a extensão universitária, descrito o histórico da extensão no Brasil e buscou-se identificar os objetivos declarados das atividades de extensão desenvolvidas em IES brasileiras. Em seguida, no período de 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017, procedeu-se à metodologia identificada como a mais adequada para alcançar os objetivos iniciais: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental tendo como elemento norteador a construção do “estado da arte” da área da extensão universitária. Foram analisados documentos que demonstraram a situação das políticas institucionais e das atividades extensionistas desenvolvidas atualmente em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas. Foram escolhidas IES em todas as regiões brasileiras, incluindo, no Distrito Federal, o Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, para aprofundamento da análise dos dados que foram coletados pela pesquisa de opinião realizada com egressos. Os resultados alcançados demonstram indícios de relação entre as atividades extensionistas e o exercício profissional. Palavras-chave: Extensão, Egressos, Graduação.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, Sousa (2000) identifica várias definições, que vão desde a tentativa de criar barreiras para a sua prática, e até como justificativas para práticas que acontecem sem espaço claro na academia. Atualmente, é possível observar que os objetivos das atividades de extensão desenvolvidas nas IES brasileiras são variados. Em levantamento realizado pelas autoras da pesquisa ora apresentada, em

¹ Doutora em Educação, professora universitária, UniCEUB renata.carvalho@ceub.edu.br

² Doutora em Educação, professora universitária, UniCEUB renata.carvalho@ceub.edu.br

³ Graduanda, Psicologia, UniCEUB.

³ Graduanda, Psicologia, UniCEUB.

síntese, chegou-se a identificar os objetivos da extensão declarados nos portais institucionais de algumas IES brasileiras.

A partir da análise de portais de algumas IES brasileiras, indiscriminada e aleatoriamente nas regiões Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste foi possível identificar alguns pontos-chave de orientação das políticas institucionais de extensão: a) enfatizar a interação dialógica entre a IES e a sociedade, prioritariamente em relação às demandas regionais, no sentido de promoção de trocas de saberes e experiências gerando laços e transformações de suas realidades; b) proporcionar aos alunos, pelas experiências sociais teórico-práticas capazes de comprometê-los com a transformação social por intermédio de uma formação cidadã; c) contribuir para o incremento da dimensão social das IES que tem sido enfraquecida pela mercantilização das atividades universitárias; d) promover a interdisciplinaridade e a indissociabilidade com o ensino e com a pesquisa, oferecendo ao professor condições de conhecer as expectativas da sociedade para conciliar o rigor metodológico e a relevância social e de legitimar socialmente sua produção acadêmica.

A pesquisa teve como objetivo analisar as consequências da participação do aluno de graduação em atividades de extensão na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação. Para alcançar o objetivo geral se considerou necessário dividir a pesquisa em etapas definidas a partir dos objetivos específicos. A primeira delas foi a parte teórica, na qual foi conceituada a extensão universitária, descrito o histórico da extensão no Brasil e buscou-se identificar os objetivos declarados das atividades de extensão desenvolvidas em IES brasileiras. Em seguida, no período de 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017, procedeu-se à metodologia identificada como a mais adequada para alcançar os objetivos iniciais: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

2 DESENVOLVIMENTO

Para coleta dos dados a serem analisados, foram aplicados questionários para realização de pesquisa de opinião com todos os alunos de cursos de graduação do UniCEUB cadastrados no projeto desenvolvido com os egressos da Instituição para identificar aqueles que sejam identificados como os mais adequados para uma investigação mais profunda.

Em seguida, foi criado um endereço eletrônico no Gmail para serem encaminhados os e-mails para os 5.232 egressos identificados e utilizou-se a ferramenta “Formulários” disponível no Google para aplicação do questionário. No questionário procurou-se identificar em qual ano e curso os egressos e, ainda, se participaram de algum projeto de extensão. Para aqueles que informaram ter participado, foram solicitados o título do projeto de extensão que participaram e se o egresso respondente poderia participar de uma entrevista para fornecer mais informações sobre a sua participação no projeto. Foram obtidas 214 respostas. Dessas respostas, 44 egressos informaram que participaram de projetos de extensão durante o curso. E ainda, 53 egressos informaram que não se lembram, ou não têm certeza se participaram de projetos de extensão. Dos respondentes que informaram ter participado de projetos de extensão durante o curso, 33 declararam que poderiam participar de entrevistas presenciais, contudo, somente 2 retornaram agendando um horário para entrevista presencial e, destes, somente 1 participante compareceu à entrevista.

Devido ao baixo número de alunos egressos que participaram da entrevista presencial, as pesquisadoras buscaram como alternativa criar um novo questionário *on-line* com base nas perguntas que foram estipuladas para a entrevista presencial adaptadas para esse tipo de ferramenta. Esse novo questionário foi encaminhado para os 33 participantes que aceitaram participar dessa fase da pesquisa, com exceção do egresso que participou da entrevista presencial. Para isso foi solicitado à Assessoria de Extensão do UniCEUB, dados aleatórios de alunos participantes de projetos de extensão a partir de 2014 (que provavelmente, já teriam se formado quando fossem contatados pela equipe pesquisadora). Foram, então, encaminhados 142 e-mails adicionais com o convite de participação na pesquisa e 6 egressos responderam ao questionário contendo as perguntas iniciais acrescidas das questões do roteiro de entrevista.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foram respondidos, ao todo, 220 questionários, sendo 214 da primeira lista de e-mails encaminhados e 6 da segunda lista. Os respondentes são egressos de 23 cursos de graduação do UniCEUB.

Entre os respondentes, 54% afirmaram não ter participado de projeto de extensão, 24% não se lembram se participaram e 22% afirmaram ter participado. Dos 48 (quarenta e oito) respondentes que declararam ter participado de projetos de extensão, 8 (oito) deles não se lembram dos títulos de projetos de extensão que participaram.

Entre os respondentes que citaram os títulos dos projetos de extensão que participaram, foram identificados os tipos de atividades de extensão (em consulta aos arquivos na Assessoria de Extensão do UniCEUB): 4 citaram títulos de cursos de extensão; 6 citaram grupos de estudos; 6 citaram projetos de pesquisa; 1 citou o projeto monitoria; 4 citaram títulos que não foram registrados na Assessoria de Extensão; e 19 informaram títulos de projetos institucionais de extensão registrados na Assessoria de Extensão do UniCEUB.

É importante destacar que mais de 50% dos egressos que citaram títulos de projetos de extensão que participaram, ou informaram títulos que não foram identificados institucionalmente ou se tratavam de outros tipos de atividades acadêmicas. Desses 40 (quarenta) respondentes, 6 (seis) enviaram respostas às perguntas do roteiro de entrevistas.

Foram analisados os 3 (três) que citaram títulos de projetos de extensão registrados institucionalmente e 1 (uma) entrevista em profundidade realizada presencialmente. Em relação à pergunta “Como foi a sua atuação no projeto de extensão?” todos os respondentes apresentaram respostas bem positivas: “Eu gostei bastante”, “Excelente”, “Ótima” e “Eu gostei muito do que aprendi”.

Pode-se, devido ao exposto, identificar indícios de satisfação dos alunos na participação em atividades desenvolvidas em projetos de extensão institucionais.

Em relação à influência da participação nos projetos na atuação profissional, os respondentes afirmaram que: a) atuam profissionalmente na área do curso que concluíram; b) conseguem perceber a influência da atividade nos projetos de extensão com a sua atividade profissional e destacam como influências: “a parte da coleta de dados é igual ao que eu faço no meu atual trabalho e tudo o que eu vivi no projeto, hoje, de fato, é o meu trabalho”, “sai preparado para mercado de trabalho”, “Tive a oportunidade de vivenciar a prática” e “Segui tudo, apliquei totalmente”; c) o projeto de extensão fez com que o curso fosse diferente porque “me ajudou a associar a teoria com a prática”, “teria saído da graduação com pouca experiência (caso não

tivesse participado)” e “Entrei a principio pela carga horária e me apaixonei e a base que obtive na área que atuo foi no curso de graduação e no projeto de extensão” e “Então, eu diria que realmente o projeto de extensão influenciou muito a minha carreira”.

Pode-se verificar que houve influência direta das atividades desenvolvidas nos projetos de extensão com a prática profissional do egresso na área de formação do curso concluído.

Em relação à conscientização referente às questões sociais relacionadas à educação, todos os respondentes se percebem como privilegiados dentro do cenário social atual e, ainda, consideram que a educação pode ser um caminho para a diminuição da desigualdade social e justificam: “na medida em que as pessoas têm educação, elas têm mais oportunidades de lutar pelos seus direitos”, “quanto mais pensadores tivermos, menos executadores teremos”, “o entendimento dos problemas possibilita discussão e conseqüentemente resolução de algumas questões” e “Eu acredito que pode, mas ainda precisa evoluir um pouquinho”.

Com base nos dados analisados, é notória a conscientização da condição privilegiada dos egressos por terem a oportunidade de concluir curso de graduação no Brasil e, ainda, a percepção do diferencial transformador da educação para diminuição da desigualdade social.

Em relação ao papel dos respondentes em relação à contribuição de cada uma para a melhoria da sociedade pela pergunta, foram obtidas as seguintes respostas: “Sim, porque ajudar os outros com seu conhecimento técnico é de extrema importância”, “Sim, presto alguns serviços de graça para pessoas que necessitam”, “Porque trabalho diretamente com educação e meio ambiente, áreas que impactam e são impactadas pelo comportamento da sociedade.”

E, ainda, afirmaram que além da atuação profissional, eles têm contribuído para a sociedade “faço trabalho em comunidades carentes”, “ministrando aulas de jiu-jitsu para crianças carentes” e “participo de alguns grupos de voluntariado”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental dos portais institucionais das IES nacionais permitiu

identificar pontos-chave de orientação das políticas institucionais de extensão. Entre eles, é evidente o objetivo de proporcionar aos alunos a capacidade de comprometimento com a transformação social por intermédio de uma formação cidadã baseada em experiências teórico-práticas.

Nesse sentido, os egressos respondentes da pesquisa apresentada que participaram de projetos de extensão demonstram influência da extensão com a prática profissional e parecem ter sido formados com tal comprometimento, pois se reconhecem como transformadores sociais e afirmam realizar contribuições para a sociedade.

Além de apresentarem indícios de satisfação dos respondentes durante a participação nas atividades extensionistas institucionais, é notória a conscientização das suas condições privilegiadas por terem a oportunidade de concluir um curso de graduação no Brasil, bem como a percepção do diferencial transformador da educação para a diminuição da desigualdade social.

Em destaque, parece necessária a disseminação da conceituação e dos objetivos extensionistas na comunidade acadêmica. Nos dados apresentados, foi possível perceber um desconhecimento generalizado das características de projetos de extensão pelos egressos tanto quando 24% de todos os respondentes dos questionários não se lembraram de terem participado de projetos de extensão, mas, principalmente, quando mais de 50% dos egressos que citaram títulos de projetos de extensão que participaram informaram títulos de projetos não identificados institucionalmente e ou informaram títulos de outros tipos de atividade acadêmica.

O desenvolvimento da pesquisa com o objetivo de analisar as consequências da participação do aluno de graduação em atividades de extensão na atuação profissional dos egressos de cursos de graduação permitiu afirmar que o desenvolvimento e a divulgação de outras pesquisas a respeito da extensão universitária são indispensáveis para a disseminação e para o fortalecimento da extensão no ensino superior brasileiro. Em consequência, diante dos indícios de que o aluno extensionista, a partir das atividades desenvolvidas, é formado com a capacidade de comprometimento com a transformação social, serão beneficiadas as IES e a sociedade contemporânea e, no futuro, as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ROCHA, R. M. G. A Construção do Conceito de Extensão universitária na América Latina. In. FARIA, D. S. (org). **Construção Conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília: Editora UnB. 2001.

SOUSA, A. L. M. **História da extensão universitária**. São Paulo: Alínea, 2000.

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM UM GRUPO DE ESTUDOS: A INDISSOCIABILIDADE PESQUISA-ENSINO-EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Maria Eneida da Silva, Andréa Kochhann

Autoras: Maria Eneida da Silva¹, Andréa Kochhann², Iarla Almeida Calisto³,
Raiany Soares de Souza⁴

RESUMO: Este trabalho objetiva socializar algumas ações do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPI, da Universidade Estadual de Goiás, que tem favorecido a formação inicial dos acadêmicos de diversos campi. O GEFOPI é um projeto de extensão que se alicerça na concepção acadêmica, processual e orgânica com atividades indissociáveis de pesquisa, ensino e extensão para a produção acadêmico-científica dos universitários e demais envolvidos nas ações. A partir de projetos de pesquisa são realizadas atividades vinculadas ao ensino, como Trabalho de Conclusão de Curso; e também ações de extensão, como rodas de conversa, mesas de debate e oficinas; além de outras produções como artigos para eventos e elaboração de revistas pedagógicas. Para este artigo, será feita a socialização de atividades do GEFOPI no Câmpus Luziânia, em 2017 e 2018, com o *corpus* teórico fundamentado em Reis (1996); Demo (2006); dentre outros, e o metodológico com a investigação bibliográfica, a observação participante das ações e a análise de falas dos acadêmicos participantes dessas ações sobre sua formação inicial. A partir dos estudos teóricos e das atividades realizadas pelo grupo, inferimos que a formação inicial dos acadêmicos partícipes tem sido sustentada por estudos e pesquisas que conduzem à práxis – dialogia teoria-prática – na busca pelo conhecimento que a universidade pública pode proporcionar quando se vale da pesquisa-ensino-extensão e, acima de tudo, quando tem por concepção a extensão acadêmica, processual e orgânica.

Palavras-chave: Formação inicial de professores, pesquisa-ensino-extensão, extensão processual orgânica, GEFOPI.

1 INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos em Formação de Professores – GEFOPI – é um projeto que se estabelece sob o conceito discutido por Reis (1996) de extensão acadêmica, processual e orgânica, uma vez que articula atividades e ações contínuas e organizadas academicamente, contribuindo assim, para a formação inicial e

¹ Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) docente do Câmpus Luziânia da UEG. eneida.silva@ueg.br

² Mestra em Educação pela PUC – GO; doutoranda em Educação pela UnB; docente do Câmpus São Luís de Montes Belos da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br

³ Acadêmica de Pedagogia, Câmpus Luziânia da UEG. iarla752@gmail.com

⁴ Acadêmica de Pedagogia, Câmpus Luziânia da UEG. raianysouza007@gmail.com

continuada de professores. O GEFOPi iniciou suas atividades em 2006, no Câmpus São Luís de Montes Belos da Universidade Estadual de Goiás e, hoje, está presente nos Câmpus Luziânia, Formosa e Jussara, articulando para iniciar atividades no Câmpus Inhumas, a partir do segundo semestre de 2018.

Para este artigo, será feita a socialização de atividades do GEFOPi no Câmpus Luziânia, em 2017 e 2018, com o *corpus* teórico fundamentado em Reis (1996); Demo (2006); dentre outros, e o metodológico com a investigação bibliográfica, a observação participante das ações e a análise de falas dos acadêmicos participantes dessas ações sobre sua formação inicial. A partir dos estudos teóricos e das atividades realizadas pelo grupo, inferimos que a formação inicial dos acadêmicos partícipes tem sido sustentada por estudos e pesquisas que conduzem à práxis – dialogia teoria-prática – na busca pelo conhecimento que a universidade pública pode proporcionar quando se vale da indissociabilidade pesquisa-ensino-extensão e, acima de tudo, quando tem por concepção a extensão acadêmica, processual e orgânica.

2 O GEFOPi E A EXTENSÃO PROCESSUAL ORGÂNICA

Desde o seu início, no século XII, a universidade tem as funções de produzir, transmitir e conservar o conhecimento. Com o fim da Idade Média, a universidade começou a se envolver com a sociedade apenas na forma de ensino e formação de profissionais. Com a Revolução Industrial, foi criada na Alemanha a Universidade de Berlim que era voltada para a ciência e a pesquisa, com a finalidade de industrializar o país. Somente a partir do século XIX, na Inglaterra, com a pressão da sociedade, a universidade começou a desenvolver a extensão.

No Brasil, as universidades passaram a existir na década de 1920, algumas destinadas à prestação de serviços e outras à assistência técnica, sendo essas as características da extensão das instituições de ensino superior (KOCHHANN; CURADO SILVA, 2017). Segundo Reis (1996), as duas linhas de ação desenvolvidas pela universidade brasileira são: a eventista-inorgânica, relacionada à prestação de serviços; e a processual orgânica, vinculada ao ensino e à pesquisa.

Baseando nesses estudos, o GEFOPi desenvolve suas atividades. É um grupo que foi criado pela professora Andréa Kochhann, em 2006 e, em 2017, chegou aos Campi Luziânia e Formosa. O projeto caminha para doze anos, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão com a participação de acadêmicos dos

cursos de Pedagogia, Matemática, História, Química, Letras; de cursos *Lato* e *Stricto Sensu*; e docentes de áreas diversas. Desde que foi criado, o GEFOPi realiza diversas atividades, dentre elas a produção de Revistas Pedagógicas; o Grupo de Estudos; projetos de pesquisa; a escrita de artigos para eventos, etc.

O GEFOPi é um projeto tem realizado atividades planejadas e organicamente sistematizadas, pensadas enquanto atividades que possibilitem a criticidade e a análise da realidade concreta, concordando com o que defende Reis (1996). No Câmpus Luziânia, desde 2017, podemos elencar as seguintes atividades: o Encontro de Formação de Professores – ENFORMA; os projetos de pesquisa “Atividades de ensino, pesquisa e extensão: um estudo do letramento na formação de professores da Universidade Estadual de Goiás”, “Os ciclos de carreira docente: reflexões sobre a profissão docente em Luziânia, Goiás”, “O ENFORMA – Encontro de formação de professores como possibilidade de formação continuada e inicial”, “Formação e atuação do pedagogo: discussões à luz do Estado da Arte e do Currículo”, sendo projetos que têm alunos de Iniciação Científica que estão desenvolvendo seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TC) na Graduação em Pedagogia e na Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência e Gestão da Educação Superior.

A partir desses projetos de extensão e pesquisa (que desencadeiam ações de ensino como o TC), os acadêmicos realizam rodas de conversa, mesas de debate, oficinas, minicursos e demais ações de extensão em constante processo de correlação com os saberes da comunidade acadêmica e externa. A partir das atividades desenvolvidas, inferimos que o GEFOPi realiza a extensão universitária proclamada em documentos legais, como o FORPROEX (2012), por exemplo. Este documento sustenta que a base do tripé universitário se dá pela relação entre ensino, pesquisa e extensão que precisa se compreendida para então ser organizada e executada. A extensão deve existir tendo em vista o compromisso social da universidade, possibilitando a construção do conhecimento de forma integrada com a comunidade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No Câmpus de Luziânia, o GEFOPi realiza diversas atividades que contribuem para a formação inicial dos acadêmicos que dele fazem parte. Com os conhecimentos construídos partir dos projetos de extensão e de pesquisa (que se desdobram em ações de ensino como o TC, por exemplo), os acadêmicos realizam

rodas de conversa, mesas de debate, oficinas, minicursos e demais ações extensionistas. Dentre as ações, apresentaremos algumas que tem contribuído para a formação inicial dos acadêmicos de Pedagogia.

A partir do início dos estudos teóricos da pesquisa “Os ciclos de carreira docente: reflexões sobre a profissão docente em Luziânia, Goiás”, duas alunas de Iniciação Científica (IC) apresentaram um artigo cada uma na VII Semana de Integração de Inhumas, no Câmpus Inhumas da UEG, em 08 de junho de 2018, sendo que os artigos foram publicados nos Anais do evento. Uma vez que uma das acadêmicas está no oitavo semestre de Pedagogia, essa pesquisa subsidia seu Trabalho de Conclusão de Curso (TC) e também a possibilitou participar de uma Roda de Conversa na 34ª Feira Internacional do Livro de Brasília, em 17 de junho de 2018. Sobre sua experiência formativa, esta aluna disse que *“O interesse por participar do projeto de pesquisa surgiu da temática o ciclo de carreira [...] e por achar importante para meu conhecimento comecei então a escrever o trabalho de conclusão do curso, [...] quanto mais me envolvo com as leituras e escritas vejo o quando é importante para o meu desenvolvimento acadêmico, pois o projeto de pesquisa me deu oportunidades de participar de eventos como foi a feira do livro em sua 34ª edição em Brasília, onde tive oportunidade de falar um pouco sobre o ciclo de carreira [...]”*.

Já com a investigação do projeto de pesquisa “Formação e atuação do pedagogo: discussões à luz do Estado da Arte e do Currículo”, uma aluna de IC já escreveu e apresentou artigos e pôsteres em dez eventos em 2017 e em três, em 2018, com a perspectiva de ir para outros ainda esse ano. Além disso, a acadêmica pôde participar de discussões de seu objeto de pesquisa em outros momentos na no campus em que estuda, falando no grupo de estudos ou na sala de aula aos seus colegas em rodas de conversa. Essa aluna também está no oitavo período do curso de Pedagogia e seu objeto de pesquisa do TC advém das investigações desencadeadas pelo projeto de pesquisa em é iniciação científica.

Ainda, a partir da pesquisa sobre a formação e a atuação do pedagogo, foi realizada ação de extensão direcionada aos acadêmicos do primeiro semestre do Curso de Pedagogia do Câmpus Luziânia da UEG que se configurou como uma atividade de ensino, pois aconteceu como atividade curricular da disciplina Linguagem, Tecnologias e Produção Textual, no dia 19 de março de 2018, das 19:30 às 22:30. Foi uma roda de conversa ao estilo dos círculos formativos de Paulo Freire, na quadra de

esportes do Câmpus, por meio da qual os acadêmicos puderam realizar atividade de produção oral no debate e, posteriormente, de produção escrita por meio dos textos em suporte digital, alcançando um dos objetivos da disciplina.

Enquanto atividade de formação inicial, os alunos e alunas falaram da experiência, respondendo questionamentos no grupo do *WhatsApp*, criado para discussões teóricas e também como fonte informativa de assuntos pertinentes à disciplina. O depoimento de um dos acadêmicos mostra a importância da atividade no início de sua formação: *“Fomos instigados a pesquisar e conhecer as teorias que defendem nossa profissão. [...] foi muito importante a dinâmica do grupo, interagir e se apoiar um no conhecimento do outro [...]”*.

Com as investigações advindas do projeto de pesquisa “Atividades de ensino, pesquisa e extensão: um estudo do letramento na formação de professores da Universidade Estadual de Goiás”, um acadêmico que é aluno de Iniciação Científica, participou de mesas de debate do ENFORMA e pontuou: *“Participei da mesa redonda; este momento me permitiu discutir e refletir sobre a formação e atuação docente, tendo em vista minha práxis enquanto profissional da educação formado em área específica [História] e em formação inicial em Pedagogia.”*. Este aluno destacou ainda: *“pude perceber que esse tipo de trabalho em equipe é mais do que reuniões para organizar o evento; mais do que estabelecer a logística de divulgação e de realização. É preciso amor pelo que se propõe fazer; acreditar no resultado que se pretende alcançar; pois sem esse olhar qualquer proposta de formação de professores pode ficar perfeita na forma, mas não será suficiente para alcançar o conteúdo de nenhum dos sujeitos envolvidos no processo. É uma formação inócua”*.

O ENFORMA é um projeto de extensão registrado na Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade e, por articular interdisciplinarmente a pesquisa, o ensino e a extensão, transformou-se em um projeto de pesquisa, cadastrado na Pró-reitoria de Pesquisa da UEG com o título “O ENFORMA – Encontro de formação de professores como possibilidade de formação continuada e inicial”. A partir desse projeto, está sendo desenvolvido um Trabalho de Conclusão de Curso (TC), com o título “O Encontro de Formação de Professores-ENFORMA: uma análise das im(possibilidade) da formação inicial e continuada”. As pesquisas investigam as atividades do ENFORMA enquanto um projeto de extensão processual e orgânico na formação dos acadêmicos do Curso de Pedagogia e também dos professores do município de Luziânia partícipes do projeto. A acadêmica que

pesquisa esse objeto destaca que sua participação tanto no GEFOPi quanto na pesquisa do ENFORMA e no TC, e a construção do conhecimento oriunda dessa formação a tem auxiliado a vencer a síndrome do pânico que a fez trancar o curso por um ano e que desencadeou o pânico de falar em público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de formação inicial do GEFOPi propicia momentos de construção de conhecimentos com uma variedade de temas na área da educação, por meio de uma práxis crítico-emancipadora que possibilita caminhos de aprendizagem para além das teorias.

As atividades propostas estão sendo importantes ao processo formativo dos acadêmicos, contribuindo para a criticidade, seletiva e consciente, auxiliando na escrita e publicações e proporcionando uma melhor formação alicerçada na indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPi.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FORPROEX - Fórum De Pró-Reitores De Extensão Das Instituições De Educação Superior Públicas Brasileiras Plano Nacional De Extensão Universitária. **Política Nacional de Extensão Universitária.** 2012.

KOCHHANN, Andréa e CURADO SILVA, Kátia Augusta Cordeiro Pinheiro. **A extensão universitária acadêmica, processual e orgânica:** um diálogo em cursos de formação docente. Inhumas: 2017. Disponível em: <http://anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/viewFile/9037/6940>. Acesso em: jul. 2018.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. **Cadernos UnB Extensão:** A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996.

A FORMAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA REVISÃO TEXTUAL

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Elaine de Moraes Santos¹

Autoras: Monalisa Iris Quintana², Iasmin Maia Pedro³, Thayne Costa dos Santos⁴,
Mayole Vitória Velasques⁵

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral explicitar o processo de criação da ação de extensão intitulada Laboratório de Revisão de Textos Acadêmico-científicos, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), enquanto uma ação voltada à prestação do serviço de revisão textual e assessoria linguística para a comunidade interna e externa à IES. Para tanto, a proposta articula os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) e da Linguística Aplicada, no diálogo com diferentes perspectivas que investigam o fazer científico e a escrita acadêmica. Enquanto objetivos específicos, estão o desenvolvimento do ofício profissional nos acadêmicos envolvidos, a oferta de cursos que envolvam as especificidades da escrita científica e a criação de uma linha de pesquisa destinada à reflexão dessa escrita no rol dos cursos de graduação e pós-graduação na área de estudos de linguagens.

Palavras-chave: escrita acadêmica, revisor de textos, assessoria linguística.

1 INTRODUÇÃO

O Laboratório de Revisão de Textos Acadêmico-científicos (LABREV) é um projeto de extensão cujo objetivo foi estender os saberes produzidos na comunidade científica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para a comunidade externa, por meio, sobretudo, da oferta de atividades de revisão textual, de assessoria linguística e de cursos sobre a escrita acadêmica.

Criado em 2017, o projeto toma como matéria-prima os resultados adquiridos nas etapas de uma ação intitulada de Laboratório de Revisão de Textos

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR) na área de concentração em Estudos Linguísticos e sob a linha de pesquisa Estudos do texto e do Discurso, e-mail: proflainemoraes@gmail.com.

² Graduanda em Letras - Português e Inglês - na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³ Graduanda em Letras - Português e Inglês - na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴ Graduanda em Letras - Português e Inglês - na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵ Graduanda em Letras - Português e Inglês - na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Acadêmico-científicos (LABREV). As ações do LABREV buscam atender, principalmente, demandas advindas de Bataguassu, Bela Vista, Camapuã, Campo Grande, Miranda, Porto Murtinho, São Gabriel do Oeste – municípios nos quais são ofertados cursos de Letras Português e Espanhol, nas modalidades presencial ou a distância.

Com essa estrutura, o projeto atua a partir da articulação entre três vertentes fundamentais ao funcionamento da educação superior: pesquisa, ensino e extensão; estende-se da comunidade universitária interna para a comunidade externa; volta-se para o ensino, na medida em que visa à formação para revisão e escrita acadêmica, e trabalha com a pesquisa a partir da utilização desses dados para investigação e análise.

A vertente do ensino visa às instâncias das produções acadêmicas, com destaque para os gêneros discursivos resumo, projeto, resenha, dissertação, TCC, tese e artigo, para isso, disponibiliza a formação gramatical e o conhecimento a respeito da normalização (ABNT e outras), além de viabilizar a capacitação para a utilização das ferramentas digitais tanto para a produção dos conteúdos no ambiente virtual, quanto para a análise de textos.

Além disso, a comunidade envolvida pôde participar dos cursos disponibilizados via EAD (pela plataforma *Moodle*) em módulos que permitem o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das produções - noções sobre normatizações, bem como os aspectos relacionados ao processo de tradução e ao ofício da revisão.

2 DESENVOLVIMENTO

Levando-se em conta que um dos resultados esperados pela presente proposta é a articulação do objeto escolhido a implementações nos eixos de ensino, pesquisa e extensão, a abordagem do texto acadêmico-científico, nos entornos da problematização aqui elencada, passa primeiramente, por módulos de preparação metodológica, norteados pelo estudo da redação científica com Ferreira (2011), Motta-Roth e Hendges (2010) e Medeiros (2014).

Já no tocante à metodologia científica, conduzido por Severino (2016) e Marconi e Lakatos (2009). Dos princípios de normalização do trabalho acadêmico e dos processos de textualização, com enfoque na essência dos gêneros em si e com enfoque nos mecanismos de coesão e coerência textuais, foram usados,

especialmente, as contribuições de Guedes (2009); Goldstein, Louzada e Ivamoto (2009); Koch e Elias (2011); Marcuschi (2008), Nunes (2012), Pefeiffer (2001), Rodrigues (2015) e Coelho Neto (2013). Por fim, com a perspectiva do “letramento acadêmico”, sobretudo a partir de Street (1998), Lea e Street (2014), Bezerra (2015) Fiad (2015), concebe-se a investigação dos significados que acadêmicos atribuem às questões de leitura e escrita.

A articulação desses dois níveis de imersão teórico-analítica mostra-se, portanto, o caminho fecundo que julgamos pertinente ao desenvolvimento dos objetivos por nós estabelecidos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com a aprovação, deu-se início aos processos de organização para a formação da equipe, criação do site <<https://www.ufmslabrev.com/>>, estruturação do curso, divulgação e execução do projeto organização. Dessa forma, o curso foi estruturado em quatro módulos que trataram dos seguintes temas: Módulo I – Gramática na Escrita Acadêmica; Módulo II – Normas Da ABNT e Softwares de Normalização; Módulo III – Processos de Revisão Textual; Módulo IV – O Ofício do Revisor.

O primeiro módulo, dividido em cinco unidades, traz o Técnico em Assuntos Educacionais da UFMS, Luiz Leandro Gomes de Lima, que discute os aspectos relacionados à gramática, como pontuação, utilização de pronomes, acentuação e ainda trata de alguns dos problemas na construção textual.

Já no segundo módulo, a primeira unidade foi ministrada pela Prof^a. Dra. Aparecida Santana de Souza Chiari (INMA-UFMS) e trata da utilização do *software* Zotero para a montagem automática das referências. As três unidades seguintes aplicadas por Alleisa Riquelme, bibliotecária da UFMS, abordam questões sobre a normalização de trabalhos acadêmicos, às citações e às referências. O módulo em sequência, com a Prof^a. Ma. Gabriela Grande (FAALC-UFMS), discorre sobre os processos de revisão textual e tradução.

O último módulo, apresentado pelas Prof^{as}. Dra. Elaine de Moraes Santos (FAALC) e a Prof^a. Dra. Fabiana Poças Biondo (FAALC-UFMS), traz como enfoque o ofício do revisor, e possui quatro unidades que apontam para as questões ligadas à normalização nos concursos para revisor; às formas de intervenção textual, à

retextualização *versus* reescrita; à revisão textual-interativa e à revisão de material didático. Todos os respectivos módulos trazem atividades práticas para complementar a carga horária, ao todo são 120 horas.

Sendo assim, o curso contou com matriculados da UFMS, da UEMS, da UFGD e de demais faculdades particulares localizadas nos oito municípios em que a etapa do curso de extensão foi ofertada. Além deles, servidores técnicos e egressos de licenciatura, que atuam como professores da Rede Pública Estadual também puderam conhecer essa linha de atuação e ingressar no processo formativo essencial à prestação de serviços na área da revisão textual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os objetivos do projeto, foi possível perceber a sua importância no processo de formação dos profissionais da área. Tendo em vista o desconhecimento acerca das possibilidades dentro do mercado de trabalho, temos buscado viabilizar novos caminhos aos futuros profissionais de Letras que vão desde a revisão, tradução, normalização, até projetos de ensino para o aprimoramento da escrita e conscientização acerca da importância da revisão.

Além disso, a proposta amplia as reflexões sobre a escrita científica, desestabilizando os efeitos de sentido e de evidência em relação aos mecanismos linguístico-discursivo-textuais característicos dos gêneros acadêmicos, bem como sua articulação com os efeitos de autoria, no que tange às possibilidades de imersão na pesquisa científica na área.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 15, n. 1, p. 61-76, 2015.
- COELHO NETO, A. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. – Brasília: Editora do Senac-DF, 2013.
- FERREIRA, G. *Redação científica: como entender e escrever com facilidade*. São Paulo: Atlas, 2011.
- FIAD, R. S. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos No Contexto Brasileiro. *Pensares em Revista*, n. 6, 2015.

GUEDES, P. C. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDSTEIN, N; LOUZADA, M S; IVAMOTO, R. *O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade*. - São Paulo: Ática, 2009.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. - São Paulo: Contexto, 2011.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad. KOMESU, Fabiana Cristina; FISCHER, Adriana. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

MARCUSCHI, L A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 147-206.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-32.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 9ª. ed. – São Paulo: Atlas, 2007.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. R. *Produção textual na universidade*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NUNES, P. A.; FLORES, V. N . A especificidade da enunciação escrita em textos acadêmicos. *Desenredo (PPGL/UPF)*, v. 8, p. 235-252, 2012.

PEFEIFFER, C. C. Pesquisa na graduação – iniciação a uma história do conhecimento. In: TFOUNI, L. V; MONTE-SERRAT, D. M; CHIARETTI, P. *A análise do discurso e suas interfaces*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2001, p. 341-349.

RODRIGUES D. L. D.I. *Para além da normalização: aspectos discursivos das normas de padronização*. *Scripta*, v. 19, p. 357, 2015.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. – 24. ed. rev. e atual. - São Paulo: Cortez, 2016.

STREET, B. New literacies in theory and practice: What are the implications for language in education?. *Linguistics and education*, v. 10, n. 1, p. 1-24, 1998.

A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO FUTURO PEDAGOGO

Área temática: Educação

Coordenadora da Ação: Eli Coelho Guimarães Carneiro¹

Autoras: Eli Coelho Guimarães Carneiro², Renata de Freitas Teixeira Andrez³

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo mostrar aos leitores a importância da Extensão Universitária, por meio de um projeto voltado à área de Educação de Jovens e adultos da UniRV- Universidade de Rio Verde. Apresentar a grande contribuição que as ações extensionistas têm no processo de formação dos acadêmicos participantes, bem como mostrar os pontos de maior destaque para que essa experiência se torne um elemento diferenciador na vida dos acadêmicos de pedagogia. Optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa de cunho descritivo com utilização de um questionário aberto que será aplicado aos acadêmicos do curso de pedagogia que participam do projeto de extensão. O contato com as situações reais das escolas; relacionar teoria e prática é essencial para a formação dos futuros profissionais da educação, uma vez que desperta um olhar investigativo e a busca de possíveis soluções para os problemas que surgem no contexto escolar. Um dos resultados mais gratificantes revelou-se por meio da integração entre os alunos da EJA e os acadêmicos do Curso de Pedagogia, os mesmos manifestaram contribuições significativas para a construção da sua identidade profissional. Os relatos nos dão pistas que projetos dessa natureza são extremamente significativos para a formação docente.

Palavras- chave: Extensão, Formação Profissional, graduação.

INTRODUÇÃO

Sabemos que uma instituição de ensino, para ser universidade precisa explorar todas as áreas do conhecimento científico, sua atuação sempre deve pautar pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, (*Ponte et AL, 2009, p.527*) afirma que a extensão “oportuniza ao aluno aprender a conhecer, a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” portanto indissociável do processo de ensino- aprendizagem,

¹ Mestre em Educação, professora universitária, UniRV. elic_carneiro@hotmail.com

² Mestre em Educação, professora universitária, UniRV. elic_carneiro@hotmail.com

³ Graduanda em Pedagogia, Universidade de Rio Verde - UniRV

contribuindo para a formação integral do futuro profissional/pedagogo, pois há uma troca de saberes acadêmicos na interação com a comunidade.

Como afirma (NOGUEIRA 2000, p.11) A extensão é vista “como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”.

Assim este trabalho tem como objetivo mostrar aos leitores a importância da Extensão Universitária, por meio de um projeto voltado à área de Educação de Jovens e adultos da UniRV- Universidade de Rio Verde.

Apresentar a grande contribuição que as ações extensionistas têm no processo de formação dos acadêmicos participantes, bem como mostrar os pontos de maior destaque para que essa experiência se torne um elemento diferenciador na vida dos acadêmicos de pedagogia. Optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa de cunho descritivo com utilização de um questionário aberto que será aplicado aos acadêmicos do curso de pedagogia que participam do projeto de extensão.

DESENVOLVIMENTO

Para verificar qual a importância e contribuição que as ações extensionistas têm no processo de formação dos acadêmicos participantes, será aplicado um questionário aberto com a seguinte pergunta: mediante a sua participação no projeto de Leitura e Escrita na EJA, descreva quais as contribuições mais relevantes para sua formação. O questionário será aplicado a todos os acadêmicos que estão no sexto período de pedagogia e estão participando do projeto de extensão “Leitura e Escrita na EJA”.

A pesquisa acontecerá por meio do estudo qualitativo de cunho descritivo Segundo Minayo (2010, p 21.)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A pesquisa contara com 25 participantes, todos universitários do curso de pedagogia da UniRV –Universidade de Rio Verde-Go- voluntários do projeto de extensão Leitura e Escrita na EJA.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Serão respondidos 25 questionários. Os participantes são acadêmicos do sexto período do curso de pedagogia da UniRV. A princípio os depoimentos dos acadêmicos apontam relevante contribuição por parte do projeto de extensão no processo de formação acadêmica que será mais bem verificado através dos questionários. Os relatos serão feitos de forma detalhada, as respostas serão divididas por temáticas que são: A relação entre teoria - prática, conhecimento da realidade escolar onde foi realizado o projeto, e oportunidade de exercer a regência em uma modalidade de educação diferente da Educação Infantil.

Nas discussões em sala de aula o ponto de maior destaque foi a importância de conciliar teoria e prática, conforme relato (1) “as discussões na sala de aula ficaram bem mais claras depois que eu estou participando do projeto” ; relato (2) “todas as disciplinas deveriam ter um projeto de extensão”.

Segundo Grossi (2004, p. 19)

Quando formamos professores, nas nossas universidades e faculdades, distantes da base escolar e da prática pedagógica são como se formássemos pilotos sem horas de voo ou diplomássemos médicos sem prática médica, sem ‘residência pedagógica’. Quer dizer, a má formação de professores produz uma antipedagogia, cuja prática deve ser incriminada, e não as teorias.

Esta aproximação possibilita ao acadêmico tornar sua atividade profissional diferenciada em relação aos demais profissionais da área, além disso, faz toda diferença no seu processo de formação contribuindo de maneira significativa para o futuro campo de atuação.

Outro aspecto levantado pelos acadêmicos participantes tem sido a oportunidade de conhecer a realidade escolar relato (3) “estava sem rumo no curso de pedagogia, com esse projeto descobri onde quero atuar”; relato (4) “estou entendendo na prática o que diz FREIRE, enquanto eu ensino eu também aprendo”.

Conforme Ostetto (2010, p.21) “Para tanto, foi (e é) preciso andar pelos lugares em que se dão as práticas educativas, para reconhecer os espaços concretos das relações entre adultos [...]”. E isso o projeto tem proporcionado através do

envolvimento dos acadêmicos, visto que o contato com as situações reais das escolas, relacionando teoria e prática é essencial para a formação dos futuros profissionais da educação, uma vez que desperta um olhar investigativo e a busca de possíveis soluções para os problemas que surgem no contexto escolar.

Em relação à regência os acadêmicos relataram (5) “No início estava com muita insegurança mas aos poucos fui perdendo o medo” ; relato (6) “como tenho aprendido com os alunos da EJA”. Até o momento podemos destacar que o projeto de extensão que esta sendo desenvolvido, tem contribuído decisivamente para o processo de formação dos participantes. Na próxima etapa iremos aplicar um questionário para detalhar melhor a importância dos projetos de extensão na formação do pedagogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise deste trabalho, pode-se concluir que o objetivo foi atingido parcialmente, visto que ainda falta aplicar e analisar os questionários aos acadêmicos participante do projeto no segundo semestre.

Pelos estudos e relatos dos acadêmicos, entendemos ser de suma importância a oportunidade que a extensão universitária tende a oferecer: A possibilidade de vivenciar a práxis pedagógica, desenvolver o senso crítico e o envolvimento com a comunidade, cumprindo a finalidade da extensão que é propiciar ao acadêmico experiências transformadoras, éticas, dialógicas e principalmente exercendo a dimensão social da universidade.

REFERENCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSSI, Esther Pillar. (Org.). **Por que ainda há quem não aprende? – A Política.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha.

NOGUEIRA, M. das D. P. (Org.). Extensão **universitária: diretrizes conceituais e**

Políticas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PONTE, C.I.R.V.; ET AL.a extensão universitária na Famed UFRGS: Cenário de formação profissional **Rev.Bras.Educ.Med.** v.33, n.4,PP.527-534,2009.

A INFOEXCLUSÃO NA CIDADE DE DOURADOS/MS: A EXTENSÃO COMO PRÁTICA AMENIZADORA

Área Temática: Educação

Antonio Idêrlian Pereira de Sousa¹
Rosenilda Marques da Silva Felipe², Idaiani Pereira de Sousa³

RESUMO: Vive-se na era da Informação, e a sociedade de maneira geral, sofre as consequências de uma revolução informacional em que todos sofrem os efeitos. O presente projeto de extensão tem como objetivo oferecer curso de informática para infoexcluídos de comunidades da cidade de Dourados em situação de vulnerabilidade econômica. Os locais escolhidos para o projeto foram quatro unidades dos CRAS (Praça da Juventude, Cachoeirinhas, Parque do Lago II, Água Boa). Os alunos aprenderam sobre história da informática, conceitos básicos de hardware e software, conceitos básicos de periféricos de entrada e saída, fundamentos básicos de Word, Excel, Power point, conceitos básicos sobre internet e navegação e digitação. A turma I foi composta por crianças, apresentou noções supérfluas sobre computador e a informática, sendo estes conhecimentos inerentes às preferências próprias de cada um, como por exemplo, jogos online. O índice de alunos que possuíam computador se assemelha ao da turma 1. Todos lograram êxito nas atividades básicas, porém, a turma II foi encerrada com algumas dificuldades, pelo fato do CRAS ter diversificado muito a faixa etária dos alunos, constatou - se certa dificuldade no bom desenvolvimento das aulas, devido à dificuldade de padronização de um vocabulário adequado para todas as faixas etárias. Muito ainda pode ser feito no sentido de minimizar os efeitos da revolução informacional, que mexe de forma geral, na maneira das pessoas viverem em sociedade, esta que está cada vez mais pautada na utilização de novas tecnologias. Palavras-chave: Infoexclusão, Exclusão digital, Extensão universitária

1. INTRODUÇÃO

Vive-se na era da Informação, e a sociedade de maneira geral, sofre as consequências de uma revolução informacional em que todos sofrem os efeitos. A

¹ Coordenador da ação, discente do curso de geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (antonio.iderlian@hotmail.com).

² Docente da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologias, da Universidade Federal da Grande Dourados (rosenildafelipe@ufgd.edu.br).

³ Discente do curso de geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (idaianepereiradesouza@hotmail.com).

tecnologia da informação passou a permear o dia-a-dia das pessoas, causando mudanças tanto no âmbito pessoal quanto empresarial. Praticamente todas empresas de vendas ou prestação de serviços já se equiparam, adotando sistemas para controle de estoque, PVDs (Ponto de Vendas) computadores instalados com softwares específicos para automatizar as vendas. Mudando com isso a força de trabalho, pois, é necessário que os trabalhadores se qualifiquem para assumirem postos de trabalhos cada vez mais dependentes de tecnologia.

Para Levy (s.d.), a exclusão digital constitui-se na exclusão física ou de conhecimento tecnológico, no que tange ao aprendizado computacional. Não adianta apenas ter um computador, ou o mesmo estar conectado à internet para que o cidadão seja considerado um incluído digital. Segundo Felipe, Sousa e Souza (2017) A fronteira da sociedade digital está delimitada por um muro, em que de um lado estão aqueles que tem acesso às tecnologias e fazem uso dela, e do outro, aqueles que não tem acesso, ou que tem acesso, mas não sabem como utilizá-las.

Apesar de as escolas aumentaram gradativamente o número de computadores no ambiente escolar, ainda não conseguindo atingir o número ideal de máquinas por aluno. Não obstante, a existência das máquinas não necessariamente indica que os mesmos têm sido utilizados de forma adequada, uma vez que muitos docentes desconhecem o potencial desse equipamento no sentido de auxiliá-los no processo de ensino.

As políticas públicas de combate a infoexclusão teoricamente demonstram preocupação para com esse problema, mas, na prática, estão longe de alcançar aqueles que se encontram, em condição de vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido, ações de extensão promovidas pelas Pró-reitoria de extensão da UFGD tem cumprido um importante papel em meio a sociedade Douradense.

“Lidar com a exclusão passa a ser uma questão de competência, e as políticas, assim como as instituições que as executam, podem ser medidas por sua ‘produtividade’, medidas pela eficácia das suas ações. A exclusão deixa de ser um problema político, e passa a ser uma questão de eficiência administrativa. Sai de cena a luta por direitos sociais, e entra em cena a capacitação técnica.” (FERREIRA, 2002. p. 6 apud BONILLA e PETRO, 2011).

Dourados é a matriz da região conhecida como Grande Dourados. O município fica localizado sul do Mato Grosso do Sul, há aproximadamente 250 km

da capital Campo Grande. Fica também a sudoeste de Brasília, há aproximadamente 1.276 km da capital federal.

2. OBJETIVO DO PROJETO

O presente projeto de extensão tem como objetivo oferecer curso de informática para infoexcluídos de comunidades da cidade de Dourados em situação de vulnerabilidade econômica. Os locais escolhidos para o projeto foram quatro unidades dos CRAS (Praça da Juventude, Cachoeirinhas, Parque do Lago II, Água Boa).

3. DESENVOLVIMENTO

O público do projeto foi estimado e cadastrado pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), a partir dos critérios orientados pelo coordenador, ocorrendo variações de idade, conhecimento, condições socioeconômicas, etc.

Em todo desenvolvimento do presente ano, o projeto pretende atender quatro bairros, na cidade de Dourados, onde cada turma apenas pode comportar dez alunos, não havendo condições estruturais para atendimento de maior número. As aulas são teórico-práticas, cuja prática é intensiva baseada no método de ensino da usabilidade. A apostila é disponibilizada em formato digital.

A primeira etapa de execução aconteceu de 02 de fevereiro à 02 de março, no CRAS da praça da juventude, bairro Parque das Nações II, atendendo crianças entre 10 e 14 anos, cuja média das idades da primeira turma é de 11 anos, conforme a **Tabela 1**. Está primeira turma tinha um total de 10 alunos, devido à quantidade total de computadores (10 computadores). Os alunos aprenderam sobre história da informática, conceitos básicos de hardware e software, conceitos básicos de periféricos de entrada e saída, fundamentos básicos de Word, Excel, Power point, conceitos básicos sobre internet e navegação e digitação.

Um das características importantes dessa turma foi à homogeneidade da faixa etária dos participantes. Todos lograram êxito nas atividades básicas. Inicialmente o número de máquinas era indiretamente proporcional ao número de alunos, mas esse problema se resolveu com o início da turma subsequente.

A segunda etapa de execução aconteceu de 09 de março à 06 de abril, também no CRAS da praça da juventude, bairro Parque das Nações II. O público nesta etapa possuiu faixa etária heterogênea, os participantes foram crianças, jovens e adultos, com idades entre 11 e 21 anos conforme a **Tabela 1**.

O total de participantes dessa segunda turma foi de 10 alunos, devido aos mesmos motivos apresentados anteriormente. Os alunos aprenderam sobre história da informática, conceitos básicos de hardware e software, conceitos básicos de periféricos de entrada e saída, fundamentos básicos de Word, Excel, Power point, conceitos básicos sobre internet e navegação e digitação.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A turma I foi composta por crianças, apresentou noções supérfluas sobre computador e a informática, sendo estes conhecimentos inerentes às preferências próprias de cada um, como por exemplo, jogos online. Algumas dificuldades foram encontradas em abordagens como, conteúdo online, produção de textos, busca por conteúdos áudio visuais, reconhecimento de extensão de arquivos, cópia de arquivos para mídias removíveis, etc., nessa turma 80% dos alunos possuíam computador e apenas 20% relataram não possuir, conforme demonstrado na **Tabela 2**.

A turma II apresentou um público mais diversificado de idades e conhecimentos, os participantes com idade entre 20 e 21 possuíam algum conhecimento mais específico sobre informática, mas buscava uma oportunidade de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho. O índice de alunos que possuíam computador se assemelha ao da turma 1, conforme **Tabela 2**.

Tabela 1: Número de alunos e idade média nas turmas já atendidas

	Nº ALUNOS	IDADE MÉDIA
Turma I	10	11 anos
Turma II	10	14 anos

Fonte: Dados extraídos durante a execução do projeto.

Tabela 2: Número de alunos que possuem computador

	POSSUEM COMPUTADOR EM CASA	NÃO POSSUEM COMPUTADOR EM CASA
Turma I	8	2
Turma II	8	2

Fonte: Dados extraídos durante a execução do projeto.

Todos lograram êxito nas atividades básicas, porém, a turma II foi encerrada com algumas dificuldades, pelo fato do CRAS ter diversificado muito a faixa etária dos alunos, constatou-se certa dificuldade no bom desenvolvimento das aulas, devido à dificuldade de padronização de um vocabulário adequado para todas as faixas etárias. Cada faixa etária demandava um vocabulário diferenciado para um perfeito entendimento. Mesmo assim, ao final, todos qualificaram e a metodologia como satisfatória.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de realização do projeto, foi possível perceber uma evolução significativa dos alunos, com maior interação com a máquina, facilidade na solução de problemas técnicos pertinentes à área, e melhoria na habilidade para uso do computador.

Muito ainda pode ser feito no sentido de minimizar os efeitos da revolução informacional, que mexe de forma geral, na maneira das pessoas viverem em sociedade, esta que está cada vez mais pautada na utilização de novas tecnologias.

6. AGRADECIMENTOS

A ação de extensão em questão recebeu e tem recebido apoio integral da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFGD, esta que não tem medido esforços, claro que dentro das suas possibilidades, para tentar minimizar a desigualdade social em nosso município. Para isso, tem financiado por meio de editais específicos, ações de extensão tão importantes quanto esta. Este projeto só foi possível mediante a parceria com a prefeitura municipal de Dourados no que tange a utilização da estrutura física dos CRAS.

7. REFERÊNCIAS

- BONILLA, MHS., and PRETTO, NDL., orgs. Inclusão digital: polêmica contemporânea [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.
- DE SOUSA, Antonio Iderlian Pereira. Analfabetismo Digital na Educação. EaD & Tecnologias Digitais na Educação, Dourados, v. 4, n. 5, p. 52-57, fev. 2017. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/5493/3706>>. Acesso em: 03 maio 2018. doi: <https://doi.org/10.30612/eadtde.v4i5.5493>.
- FELIPE; Rosenilda Marques da Silva, SOUSA; Antonio Idêrlan Pereira de, SOUZA; Idaiane Pereira de. Fronteiras da Sociedade. In: Congresso Internacional dos Espaços de Fronteira, 12, 2017, Dourados. Anais online. Dourados, Dez. 2017. 1
- LÉVY, PIERRE. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.
- SOUZA, Antonio Iderlian Pereira de. Tecnologias digitais e ensino: o ensino de informática auxiliando no processo de ensino/aprendizagem. EaD & Tecnologias Digitais na Educação, Dourados, v. 5, n. 7, p. 103-109, dez. 2017. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/6223>>. Acesso em: 03 maio 2018. doi:<https://doi.org/10.30612/eadtde.v5i7.6223>.
- SOUZA, Antonio Idêrlan Pereira de, FELIPE, R. M. S. et al. A Informática e a Exclusão Digital, 2. ed. Independently published. Dourados, MS, 2017.

A LIDERANÇA NA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Deusmaura Vieira Leão¹

Autoras: Deusmaura Vieira Leão², Carolina Merida³, Regiane Müller⁴

RESUMO: O Projeto de Extensão Universitária: “A liderança na Gestão Democrática” tem como proposta proporcionar a troca de experiências e conhecimentos entre os docentes, acadêmicos, gestores, secretários e coordenadores da rede pública estadual e municipal, objetivando o fortalecimento das ações dos gestores educacionais. Caracteriza-se por uma prática de gestão articulada entre teoria e prática, buscando desenvolver uma ação colegiada de gestão democrática na escola, com as contribuições da universidade, visando estabelecer diálogo entre a práxis educativa institucional e acadêmica. Esta proposta de trabalho parte de algumas perspectivas teóricas que compreende a gestão escolar em suas múltiplas dimensões: administrativa, pedagógica, financeira, de pessoas, jurídica e social. A liderança é um processo inerente à condição humana e tê-la significa trabalhar em benefício de uma organização e a sua relação interpessoal com os liderados, por isso é considerada como um dos elementos fundamentais do sucesso institucional quando se pretende trabalhar de acordo com os princípios de uma gestão democrática e participativa. No âmbito da gestão escolar, percebe-se que este processo está sendo interpretado diferente dos objetivos primordiais. Diante disto, a proposta justifica-se por apresentar aspectos intrínsecos ao desenvolvimento do trabalho do gestor escolar, tendo a execução da liderança como centro fundamental de sua gestão. Será utilizada como metodologia a realização de diagnóstico da realidade a partir de conversas e pesquisas com os profissionais, oficinas, palestras, sistematização das produções elaboradas, construção e realização de um processo de avaliação institucional das escolas dentre outras, conforme a especificidade de cada unidade educacional. Diante do exposto, propõe-se o desenvolvimento de atividades no âmbito interdisciplinar, buscando a indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino, com ações que possibilitarão a ampliação e difusão de novos saberes. Palavras- Chave: Gestão Democrática. Participação. Liderança

¹Coordenadora da ação: Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV

² Professora Mestre da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV

³Professora Mestre da Faculdade de Direito da Universidade de Rio Verde – UniRV

⁴Professora Mestre da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento social exige uma formação sólida, ampla e profunda dos indivíduos, e as transformações tecnológicas, econômicas e culturais colocam cada vez mais a necessidade do conhecimento ético e da educação do homem em toda a sua multiplicidade, desafiando-o constantemente. E a escola ao cumprir sua função que é garantir o direito de aprendizagem dos conhecimentos científicos, culturais e éticos a todas as crianças e jovens, estará dando condições para que os mesmos enfrentem com êxito esses desafios.

Nos últimos anos, ocorreram mudanças significativas, na estruturação da Educação Básica do país o que exigem uma reorganização constante das escolas para que estas deem conta da diversidade e das demandas que envolvem o ensino e a aprendizagem desses novos tempos, o que significa assumir novos desafios. Neste contexto, as exigências quanto a atuação dos gestores educacionais são grandes, cada vez mais habilidades e competências específicas de sua área de atuação são requisitos básicos para que possam manter entre educadores, alunos e comunidade escolar um saudável relacionamento interpessoal e ao mesmo tempo exercer habilidades de coordenar, planejar e avaliar as ações pedagógicas e administrativas na instituição escolar.

A atuação do gestor torna-se, então, essencial, na liderança dos movimentos de mudança, bem como na criação de condições necessárias, pedagógicas e administrativas, à realização de um trabalho participativo e democrático. É imprescindível a sua ação no desenvolvimento de projetos comuns, na orientação de grupos de tarefas, na intervenção ativa no debate e nos procedimentos de decisão coletiva. Para isso, deve ser levando em conta o estilo de liderança do gestor educacional, que segundo Lück (2000, p. 36) “um novo estilo de liderança que enfatiza a participação, a delegação e a confiança, assim como a comunicação e assunção de riscos” deve estar presente nas práticas dos gestores para que de fato se cumpra a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no artigo 14 que afirma que os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica de acordo com as suas peculiaridades e com os seguintes princípios: I) participação dos profissionais

da educação na elaboração do projeto político pedagógico da escola; II) participação das comunidades escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996).

Ao abordar o tema liderança, direcionada para gestão escolar, deve ser levado em consideração que as escolas são instituições que têm vida própria, história, uma cultura construída de acordo com um tempo e contexto, sempre em constante transformação e que contempla, além dos alunos, servidores que atuam na instituição, a comunidade local onde está localizada.

De acordo com Chiavenato (1994), a liderança eficaz é identificada como capacidade de influenciar positivamente os grupos e de inspirá-los a se reunirem em ações comuns. Os líderes reduzem as incertezas e ajudam a cooperar e trabalhar em conjunto para as decisões acertadas. Assim, percebe-se que a liderança é bem-sucedida, quando impulsiona autoridade e autonomia e desenvolve processos colaborativos de decisão, desempenhando o gestor um papel essencial no envolvimento e motivação de todos no ato educativo, com reflexo direto no bom funcionamento do estabelecimento escolar.

Os gestores como líderes escolares devem ser os responsáveis na criação de espaços para o diálogo e realização de trabalhos coletivos, por isso a possibilidade de uma ação administrativa na perspectiva de construção coletiva, exige a participação de toda a comunidade escolar nas decisões do processo educativo, o que resulta na democratização das relações, contribuindo para o seu aperfeiçoamento administrativo e pedagógico (PARO, 2003).

A liderança compartilhada é um desafio para toda equipe gestora das unidades educacionais, mas deve ser uma estratégia para aperfeiçoar a qualidade educacional (Lück, 2000). Um gestor que exerce esse tipo de liderança é capaz de desenvolver o potencial de trabalho de toda a equipe, fazendo com que essa se sinta capaz de transformar e realizar com sucesso todos os projetos desenvolvidos pela instituição de ensino.

Neste processo de busca por uma gestão partilhada, ressalta-se a importância da formação de gestores e da troca de saberes que o projeto de extensão proposto pretende, além de democratizar ainda mais o acesso a novos espaços e ações formativas, com vistas ao fortalecimento da escola como direito social básico, o estudo sobre o estilo de liderança e a gestão democrática das

unidades escolares constitui uma das dimensões que tem potencial de contribuir significativamente para reforçar a educação como um direito universal.

Vale ressaltar que a elaboração do projeto surgiu das reflexões e estudos realizados na disciplina de Gestão e Organização Escolar e solicitação dos gestores em estabelecer uma parceria com a universidade, para elaboração e implementação de um projeto de extensão, ou seja, pediram auxílio dos docentes e acadêmicos para estudo e discussão acerca dos temas gestão democrática participativa e estilos de liderança.

A proposta foi planejada para a integração dos acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Direito em parceria com as escolas públicas, no sentido de conhecer e auxiliar na gestão pedagógica, técnica e administrativa, estimular a pesquisa e a formação da comunidade interna e externa com vistas à melhoria dos processos de ensino-aprendizagem da educação básica.

DESENVOLVIMENTO

A sociedade está em constante transformação e a escola inserida nesse contexto não está em situação diferente, principalmente por ser responsável pela transmissão sistemática e organizada do conhecimento. Com isso, exige-se que as escolas tenham uma nova concepção, uma maneira distinta de organizar suas ações, que tenham maior participação de toda comunidade escolar no desenvolvimento de seus projetos, ou seja, que tenham uma constante renovação na sua postura, objetivando formar cidadãos criativos, pensantes, críticos.

Diante disso, o gestor deve exercer uma liderança pautada nos princípios da gestão democrática participativa, buscando um efetivo envolvimento de pais, educadores, alunos e funcionários nas atividades realizadas pela escola; rompendo com os paradigmas da gestão centralizadora e autoritária tão presentes em muitas unidades educacionais.

Na possibilidade de contribuir para a melhoria da administração das escolas e possibilitar a formação continuada da equipe gestora das escolas que se justifica a elaboração desse projeto extensionista; além de enriquecer a formação dos acadêmicos, criando e vivenciando situações que transpõem as barreiras entre a teoria e a prática, ou seja, rompendo os muros da universidade.

A proposta foi especificada em etapas, que tiveram início no final do segundo semestre de 2018 e a conclusão das atividades serão desenvolvidas no decorrer do segundo semestre do referido ano.

A primeira etapa constitui-se na realização de visitas feita pela coordenadora do projeto às unidades escolares participantes, visando conhecer a estrutura física das escolas e discutir possibilidades de ações com as gestoras. Caberá aos acadêmicos novas visitas com a finalidade de coletar dados para levantamento do perfil da instituição.

Consequente, haverá palestras para acadêmicos do curso de Pedagogia por parte das gestoras das escolas para expor suas expectativas e relatar experiências sobre o desenvolvimento e envolvimento da comunidade nos projetos.

Realizar-se-ão entrevistas por amostragem com os coordenadores, professores e demais servidores. Consoante a análise das entrevistas, a equipe responsável pelo projeto definirá os temas dos momentos coletivos, como palestras e oficinas.

Os acadêmicos orientarão e assessorarão acerca de Legislação referente a regimentos, estatutos, aporte legal sobre órgãos colegiados e conselhos e participarão do planejamento e execução de momentos coletivos na instituição. como: reuniões de pais, professores, conselhos, dentre outros.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Pretende-se contribuir para o aprofundamento da análise e a reflexão sobre o processo de aperfeiçoamento da liderança e gestão democrática participativa das escolas, levantar dados qualitativos e quantitativos em relação aos aspectos relevantes sobre os fatores que interferem na construção de uma gestão partilhada, bem como o estilo de liderança presente nas ações dos gestores.

A descrição das atividades e o levantamento de dados obtidos permitirão publicações em revistas específicas, divulgação e publicações em eventos de extensão.

Na possibilidade de contribuir para a melhoria da administração das escolas e possibilitar a formação continuada da equipe gestora, que se justifica a elaboração desse projeto extensionista.

Será feita análise dos resultados, focalizando a experiência como uma alternativa de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visa a construção e reconstrução de saberes por meio do desenvolvimento de atividades que permitem a articulação teoria/prática e a extensão universitária. Diante do desafio da atuação na comunidade, é de suma importância para os acadêmicos a busca de possibilidades criativas no desenvolvimento de práticas profissionais capazes de intervir no contexto escolar.

Desta forma, a participação dos acadêmicos no desenvolvimento dessa pesquisa é imprescindível, uma vez, que a troca de experiências e os estudos realizados são grandes horizontes para aprimorar o ensino e por meio destes, perceber que a gestão democrática não é apenas um alicerce para conquista da autonomia e da construção de forma coletiva de administrar, mas também é, uma necessidade e, como tal, deve ser o objetivo comum de toda equipe escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. – 16. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: (Lei9394/96) / 9º. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CHIAVENATO, I. Iniciação à administração geral. 2. ed., São Paulo: Makron Books, 1994.

LÜCK. H, FREITAS, K.S., GIRLING, R. KEITH, S. A escola participativa - O trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PARO, V. H. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2003

A PRÁXIS PEDAGÓGICA NA EJA E A RELEVÂNCIA NA FORMAÇÃO DO ACADÊMICO

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Eli Coelho Guimarães Carneiro¹

Autoras: Renata de Freitas Teixeira Andrez², Eli Coelho Guimarães Carneiro³,

Eliane Oliveira Cabral⁴

RESUMO: O presente trabalho discorre da experiência de um grupo de discente por meio do projeto de extensão “Leitura e Escrita na Educação de Jovens e Adultos (EJA), coordenados pela professora da disciplina Educação de Jovens e Adultos, contando com a participação dos acadêmicos do curso de pedagogia, da Universidade de Rio Verde-Goiás”. Tendo como objetivo apropriar-se de conhecimento e habilidades, indispensáveis para o acadêmico que deseja fundamentar melhor a sua prática. Os procedimentos adotados foram feitos através da pesquisa bibliográfica, relatos dos alunos da EJA e regências. É a partir desse encontro com a realidade, que podemos começar a entender esse contexto. Mostraremos as principais etapas que vivenciamos na prática da disciplina de Educação de Jovens e Adultos em uma Escola Municipal situada na cidade de Rio Verde-GO. Entendemos que os projetos de extensão são de suma importância na formação de um pedagogo; é o momento que acontece o processo de ensino aprendizagem, mas, é preciso investigar e refletir os conhecimentos promovidos por essa práxis. O contato com as situações reais das escolas, relacionando teoria e prática é essencial para a formação dos futuros profissionais da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Discente, Prática Pedagógica, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende mostrar a vivência da práxis pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no sentido de propiciar a relação entre teoria e prática, através da realidade exposta na escola. Vai além de cumprir com as exigências acadêmicas, proporcionando construção de saberes, para formação de sua identidade profissional.

Sendo a prática uma fase de aproximação e intervenção na realidade, o diagnóstico da escola poderá servir para o estagiário sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da unidade escolar; por

¹ Mestre em Educação, professora universitária, UniRV. elic_carneiro@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia, Universidade de Rio Verde - UniRV

³ Mestre em Educação, professora universitária, UniRV. elic_carneiro@hotmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia, Universidade de Rio Verde - UniRV

isso é importante que observemos atentamente seus hábitos, sua cultura e sua rotina. (PIMENTA; LIMA, 2012, p.224)

Os projetos de extensão quando bem estruturados, sendo concebidos não como uma prática isolada, mas como um elemento de reflexão, associado com uma fundamentação teórica construída durante o curso, torna-se uma práxis que possibilita uma intervenção na realidade, trazendo ao futuro docente competências para uma melhoria na qualidade de ensino.

Nesse contexto, o momento da práxis pedagógica na disciplina de Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia da Universidade de Rio Verde- UniRv, proporciona uma visão melhor dessa modalidade tão importante, pois através das observações e regências que foram realizadas na instituição, pode-se perceber como é a prática em sala de aula e adquirir conhecimentos que auxiliará profissionalmente.

Diante do exposto PIMENTA E LIMA (2009, p.112) nos dizem que:

A identidade se constrói com base no confronto entre as teorias e as práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias, na elaboração de teorias, o que permite caracterizar o estágio como um espaço de mediação reflexiva entre a universidade, a escola e a sociedade.

Portanto é uma experiência gratificante para crescimento profissional, uma vez que tivemos a oportunidade de analisar e participar da realidade de uma sala de aula na Educação de Jovens e Adultos, podendo associar a teoria estudada no curso e a prática vivenciada na instituição, construindo assim uma identidade profissional.

Sendo esse momento uma experiência de suma importância na formação do futuro profissional. A prática visa propiciar a relação entre teoria e prática, através da realidade exposta na escola, sendo a complementação do ensino/aprendizagem e integrando o conteúdo curricular do curso.

DESENVOLVIMENTO

Para a efetiva participação do projeto de extensão da Universidade de Rio Verde-UniRv, orientado pela professora da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a turma do 6º período de pedagogia foi dividida em sete grupos distribuídos nas unidades escolares do município que tem a modalidade EJA.

O projeto ocorreu em cinco escolas noturnas de Ensino Fundamental situada na cidade de Rio Verde-Goiás. Participamos em uma unidade escolar que atende no turno matutino e vespertino as séries iniciais do ensino fundamental I e no turno noturno atende alunos da EJA, nas series iniciais do fundamental I e II.

O projeto de extensão é de suma importância para os acadêmicos do curso de pedagogia, para que tenham experiências contextualizadas e significativas, contribuindo assim, para sua identidade profissional.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No primeiro dia conhecemos a instituição, bem como toda a comunidade escolar, em seguida fomos direcionados para as salas de aula que estaríamos atuando, observarmos e conhecermos a rotina da turma do 3º e 4º ciclos da alfabetização para nos familiarizarmos com os alunos, o que nos proporcionou momentos de grande aprendizado, diante de tantas experiências.

Segundo a fala de alguns dos alunos, sobre o questionamento de voltar à escola depois de tanto tempo: a aluna A relatou que “voltei porque quero ter a honra de ler um livro inteiro”; o aluno B relatou “por conta do meu trabalho”; a aluna C disse que “quero aprender a ler e a escrever para posteriormente aprender libras”, a aluna D disse que “quando moça o meu pai não me deixou estudar”. Podemos ali também deixar uma palavra de incentivo a eles: uma das acadêmicas contribuiu com sua experiência de vida, dizendo que assim como eles, também foi aluna da modalidade EJA, e que como muitas outras, uma vez que havia muitas mulheres na sala, não pôde terminar os estudos na idade certa, casou-se nova e logo teve que cuidar da sua casa e de seus filhos, porém com muito esforço terminou o ensino fundamental II e médio e em seguida prestou o vestibular na universidade.

Neste dia a sala contava com 19 alunos e a professora regente trabalhava o conteúdo de matemática, aonde a mesma explicou sobre operações de adição e subtração com reserva, em seguida escreveu no quadro algumas situações problemas para que os alunos copiassem para serem respondidos. Porém, ao observarmos atentamente os alunos podemos perceber a necessidade de um maior esclarecimento sobre o conteúdo.

Segundo o relato da professora, os alunos são muito prestativos, atenciosos e gostam de atividades relacionadas ao cotidiano deles, para que não se

tornem cansativas e tediosas. Porém em nossa observação notou-se a necessidade em dar mais atenção aos alunos, pois a maioria trabalha o dia inteiro.

De acordo com SCHWARTZ (2013, p.188) diz que:

O modo de iniciar uma aula pode ter potencial determinante para a construção e o estabelecimento do clima motivacional propício para a aprendizagem de todos os alunos [...] Muitos deles inclusive já trazem a data pronta de casa, às vezes escrita por outras pessoas, para evitar a “chatice” de ter que copiar na aula.

Desta maneira, pode-se ter uma visão geral de como poderíamos preparar os nossos planejamentos para a nossa regência nas próximas visitas, que requer um olhar diferenciado por parte do docente, proporcionando aulas mais dinâmicas, que agucem a vontade de aprender sempre mais.

Assim sendo, no segundo dia começou a nossa regência e optamos por trabalhar o conteúdo de Língua Portuguesa, onde desenvolvemos atividades dinâmicas, com o objetivo de uma leitura crítica. Reconhecendo que para exercer a cidadania, devemos conhecer nossos direitos e deveres. Adquirindo compreensão do tema em questão, discutindo e relacionando com seu contexto em que eles estão inseridos foi abordado sobre o que é ser cidadão e o exercício da cidadania.

Segundo SCHWARTZ, (2013, p.74)

A educação de Jovens e Adultos, por isso, deve ser orientada no sentido de despertar no aluno a consciência da importância de alfabetizar-se, de instruir-se. E essa necessidade será despertada também a partir da compreensão crítica da sua realidade e da sociedade em que está inserido. Por isso, precisam partir de elementos que compõem a realidade do alfabetizando, seu mundo do trabalho, suas relações sociais, suas crenças, seus valores.

Portanto lançamos questionamentos sobre o que é necessário para ser um cidadão e se os alunos sabem seus direitos e deveres. Colocamos um cartaz no quadro com o poema “Direitos e Deveres” de Regina Célia Villaça, o qual foi lido junto com todos, discutindo os direitos e deveres de cada um, como o de votar, de segurança de educação, saúde.

Enfatizamos que a educação é um direito de todos, crianças, jovens e adultos. E entregamos o texto “Em busca de uma nova identidade” de Nilcéa Nogueira. Logo iniciamos mais uma roda de conversa sobre o texto lido, abordando sobre a

conquista citada no texto, do direito à educação entre outros direitos e deveres do cidadão.

No terceiro dia trabalhamos o conteúdo de matemática, relacionando as atividades ao contexto em que está inserido, levando os alunos à construção de critérios próprios e competências leitoras, para que adquirissem compreensão do tema em questão. As situações problemas que trouxemos, estavam relacionadas às despesas mensais de um trabalhador, e outra com um demonstrativo de extrato bancário.

Em seguida trabalhamos um bingo que continham numerais e cada um retirava da caixa uma operação, eles teriam que resolver a operação para saber se tinha o número na cartela.

Segundo FREIRE (1978, p. 68)

A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminada tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado.

Assim sendo, Freire nos mostra que a prática de pensar representa a melhor maneira em adquirir conhecimento de uma forma crítica e reflexiva, portanto ao refletir a prática o profissional vai construindo a sua identidade, unindo teoria e prática, proporcionando uma troca de experiência muito válida; é nesse momento que o futuro profissional compreenderá que teoria e prática têm que andar entrelaçadas, e que podemos fazer sempre o melhor, em busca de garantir uma aprendizagem significativa para os alunos valorizando assim o trabalho pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanharmos cada adulto nas suas dificuldades ao resolverem as atividades, tivemos que como eles desenvolver uma escuta sensível para compreendê-los e nos interagirmos, ao respeitar o ritmo de cada um na realização das atividades, nos alegamos com eles e aprendemos muito em sua companhia.

Conclui-se que foi uma experiência gratificante participar desse projeto de extensão, para aprimoramento profissional, tivemos a oportunidade de analisar e participar da realidade de uma escola onde possui a modalidade EJA, podendo associar a teoria estudada no curso e a prática vivenciada na instituição, construindo assim a nossa identidade profissional.

O projeto de extensão da Universidade de Rio Verde-UniRv, então conciliado com a teoria do curso proporciona ao acadêmico uma visão sobre o caminho que deverá percorrer em busca de um futuro educacional melhor.

Ao observarmos o cotidiano da Instituição pode-se com isso, adquirir novas experiências e aprendizados, contribuindo ainda mais para a nossa formação profissional. Como futuros pedagogos, tivemos a oportunidade de participar um pouco dessa rotina escolar. Assim, entende-se a importância desse projeto para os acadêmicos, pois a partir dessa experiência e vivência, consegue-se entender o processo de ensino-aprendizagem na EJA, e a responsabilidade do professor em ensinar e estimular para que seus alunos possam construir seu conhecimento de uma forma crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

FREIRE, Paulo. Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire (antologia). São Paulo: Loyola. 1978.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. Ed. – Brasília: câmara dos deputados, edições câmara, 2015. – (série legislação; n. 159)

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. José Cerchi Fusari (rev. téc.) – São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: questões e propostas. 4ª São Paulo: Cortez, 2009.

SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de Jovens e Adultos. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PROJETO DE EXTENSÃO: ALFABETIZAR E LETRAR - POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Deusmaura Vieira Leão¹

Autoras: Deusmaura Vieira Leão², Renata de Freitas Teixeira Andrez³

RESUMO: Neste trabalho compartilham-se alguns dados obtidos durante a realização do projeto de extensão “Alfabetizar e Letrar: Possibilidades e Desafios” que tem como objetivo desenvolver uma maior aprendizagem na alfabetização e no letramento de maneira significativa e lúdica. A proposta constitui-se numa intervenção interdisciplinar, entre as áreas de Pedagogia, Educação Física e de Fonoaudiologia, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para os acadêmicos atuarem na prática, articulando os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso com o fazer pedagógico, enfocando a aquisição da leitura e escrita. O projeto propõe metodologia voltada para sanar e/ou minimizar as dificuldades iniciais na alfabetização, apresentando um estudo sobre a dicotomia na aprendizagem da leitura e escrita, por meio da organização dos assuntos: planejamento de atividades significativas que envolvem a leitura e escrita; espaço e tempo pedagógico; práticas avaliativas do processo em ensino-aprendizagem; ludicidade: jogos didáticos, cooperativos, lúdicos e vivenciais; oralidade e escrita; produção textual; fatos fonéticos e fonológicos; variação linguística. A análise dos dados coletados por meio de observação, participação, regência e relatórios reflexivos dos momentos vivenciados com as crianças participantes da proposta e reunião com a coordenação da instituição, os acadêmicos refletiram sobre as diferentes práticas de alfabetização e de letramento. O projeto de extensão tem o intuito de contribuir para a superação das dificuldades de leitura e escrita, interpretação e produção de texto detectadas nas crianças assistidas pela Instituição Beneficente e, também, corroborar para o sucesso e qualidade do processo de aprendizagem destes alunos.

Palavras- Chave: Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita.

INTRODUÇÃO

A leitura e escrita, numa sociedade letrada, são ferramentas mentais que possibilitam o desenvolvimento da criança em todas as outras áreas do conhecimento. Desde muito pequenas as crianças estão imersas no mundo da escrita e é inconcebível a ideia de alfabetizá-las da mesma forma que se ensina

¹Coordenadora do Projeto: Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV, deusmaura@uol.com.br

²Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV, deusmaura@uol.com.br

³Acadêmica do 7º Período de Pedagogia da Universidade de Rio Verde – UniRV

uma língua estrangeira; de forma descontextualizada, sem levar em consideração o meio sócio- histórico- cultural no qual estão inseridas, tornando o processo de alfabetização num ato mecânico e repetitivo. Isso justifica o alto índice de educando que estão cursando o Ensino Fundamental e não conseguem obter sucesso no processo de alfabetização. Tal processo conduz a criança, meramente, a codificação e decodificação do código linguístico, sem desenvolver as estruturas cognitivas indispensáveis para identificar as funções sociais da leitura e escrita. Percebem-se muitas práticas iniciais de aprendizagem baseadas apenas na junção de sílabas, na memorização de sons, na incansável prática de fazer cópias, tornando a criança um indivíduo receptor e passivo que não participa de forma ativa e construtiva da aprendizagem.

Essa perspectiva presente no processo de aquisição da leitura e escrita deve ser superada, por isso sugere-se, como embasamento teórico desta proposta a psicogênese da língua escrita proposta por Emília Ferreiro e nos fundamentos conceituais de Piaget - construtivismo, os quais contribuíram para a mudança no contexto da alfabetização.

Dessa forma, o construtivismo passa a ser visto como uma teoria fundamental da aprendizagem em que as crianças têm papel ativo no seu aprendizado, ou seja, elas constroem seu próprio conhecimento a partir da sua interação com a leitura e escrita, da valorização de seus conhecimentos prévios e da importância que exerce na obtenção de seu aprendizado.

O projeto de extensão Alfabetizar e Letrar: Possibilidades e Desafios surgiu do contato estabelecido entre a coordenação do Posto de Assistência Espírita Primavera, vinculado à Associação Beneficente André Luís com a direção do curso de Pedagogia para realização de parceria entre a instituição e universidade para a implementação de uma proposta de intervenção nas práticas de leitura e escrita com crianças que não obtiveram sucesso na alfabetização, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, participantes do Projeto Crianças de Luz, com idades entre 08 a 14 anos e que estão regularmente matriculadas nas redes de ensino municipal e estadual. Foram realizadas várias reuniões nas quais, a coordenadora apresentou e discutiu sobre os desafios enfrentados pelos professores voluntários que atuam na Associação quanto à tarefa de alfabetizar os alunos que estão em defasagem de idade série.

Conforme o diagnóstico e acompanhamento que docentes e acadêmicos realizaram com as crianças e adolescentes, demonstravam a necessidade de diversificar e intensificar as atividades didáticas de modo a trabalhar os diferentes níveis de aprendizagem e oferecer atendimento individualizado aos alunos com dificuldades mais acentuadas na leitura e escrita. A partir do resultado do diagnóstico e visando intervir positivamente nessa realidade ficou estabelecido que os acadêmicos ministrariam aulas três vezes por semana na Associação e um dia da semana os acadêmicos do curso de Educação Física trabalhariam atividades específicas para auxiliar os alunos no desenvolvimento de suas potencialidades e defasagens psicomotoras na Academia Escola da UniRV.

Por isso, são planejados e executados procedimentos didáticos diversificados com os educandos, os quais valorizam os conhecimentos prévios dos mesmos, suas experiências e o contexto em que estão inseridos. Nesta perspectiva, a alfabetização dar-se-á por meio de uma profunda imersão das crianças nas práticas sociais de leitura e escrita, descartando-se qualquer tipo de atividade didática que não estiver vinculada a essas práticas.

DESENVOLVIMENTO

É comum deparar com crianças que não dominam o código da língua, ou seja, não alfabetizadas ao final dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas do país; é uma triste realidade e retrata uma incógnita para muitos educadores e especialistas na área da educação. As dificuldades de leitura e escrita encontradas por esses educandos se deve ao fato de não terem construído hipóteses significativas para que cheguem a dominar a leitura e escrita de forma convencional.

Portanto, o projeto de extensão a que se propõe busca contribuir, de forma significativa, no processo de ensino e aprendizagem de alunos que apresentam dificuldades e/ou não dominam a leitura e escrita, participantes do Projeto Crianças de Luz; que é um projeto sem fins lucrativos fundado em fevereiro de 2012, no município de Rio Verde – Goiás, tem sede no Posto de Assistência Espírita Primavera, localizado na Rua Padre Mariano, Qd 31, Lt 16, Bairro Primavera, vinculado à Associação Beneficente André Luís e atende crianças e adolescentes com idades entre 08 a 14 anos. A condição básica para

que as crianças integrem ao projeto é que estejam regularmente matriculadas na rede de ensino e comprovem sua frequência na escola.

Um dos objetivos do Projeto Crianças de Luz é “Desenvolver atividades voltadas ao reforço escolar, trazendo as disciplinas escolares às atividades lúdicas”, como forma de auxiliar aquelas crianças e adolescentes que necessitam melhorar o rendimento escolar, mas nem sempre isso acontece, uma vez que a instituição conta apenas com o trabalho voluntário para realização dessas atividades e, muitas vezes, não é realizado por pessoas com formação na área educacional, não têm uma frequência contínua, nem sistematização de um trabalho pedagógico, fatores que impedem de alcançarem resultados satisfatórios.

Diante do exposto, entende-se que a superação de dificuldades de aprendizagem é requisito para emancipação social e promoção da cidadania de crianças e jovens, pois é por meio do conhecimento que se interpreta o mundo e vivencia experiências que proporcionam e solidificam os conhecimentos significativos no processo de aprendizagem. Por isso, faz-se necessário a elaboração desta proposta extensionista que visa desenvolver uma maior aprendizagem na alfabetização e no letramento de maneira significativa e lúdica dessa clientela; além de constituir-se numa grande oportunidade para os acadêmicos das diferentes licenciaturas em desenvolver suas habilidades docente em uma população com características desafiadoras.

As crianças e adolescentes que serão atendidas se encontram em contexto de vulnerabilidade social, moram em um bairro localizado na periferia da cidade onde se concentra grande parte da população de baixa renda, tem diversos tipos de problemas sociais e econômicos, assim como a criminalidade. Desta forma, muitas crianças que moram neste bairro e que participarão do projeto se encontram em situações de risco e são expostas a todo tipo de violência e criminalidade, o que reflete, também, nas dificuldades de aprendizagem apresentadas por elas.

Como forma de reverter e/ou minimizar os problemas de aprendizagem dessas crianças são pesquisadas e planejadas ações de acompanhamento pedagógico por meio de atividades específicas, diversificadas e significativas que contemplem a leitura e escrita, numa abordagem construtivista, aos educandos.

O projeto de extensão é desenvolvido por uma equipe de docentes, acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Educação Física da Universidade de Rio Verde – UniRV em parceria com a fonoaudióloga Fernanda Castelfranchi Barros e a Associação Beneficente André Luís e atende, aproximadamente, 37 crianças que se encontram com déficit com relação à leitura, escrita, interpretação e produção de textos, conforme levantamento realizado pela coordenadora do projeto.

A meta essencial da ação deste projeto é trabalhar com a língua, complementando com as questões lúdicas e metodológicas do ensino. Assim, a oralidade, a escrita, a produção textual, as realidades fonéticas e as fonológicas, a variação linguística, além da organização pedagógica de planejamento, de espaço, de tempo e de práticas avaliativas e de jogos didáticos, lúdicos, cooperativos e vivenciais são planejadas e executadas pelos acadêmicos sob a orientação dos professores envolvidos, os quais utilizarão materiais pedagógicos confeccionados pelos acadêmicos e os disponíveis na Faculdade de Pedagogia.

Propõe-se operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre a proposta pedagógica desenvolvidas no contexto de sala de aula, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação com um enfoque ao ensino-aprendizagem e avaliação visando garantir que os alunos aprendam a ler e escrever de acordo com perspectiva construtivista, na qual o sujeito tem um papel ativo no processo de aprendizagem. Neste contexto enfatiza-se que alfabetização e o letramento são práticas indissociáveis, resultantes das relações humanas, sendo fundamentais, que perpassam todo o período escolar, presentes em toda a vida do indivíduo e que deve permear o conceito de escrita na proposta de todas as atividades que são desenvolvidas neste projeto.

Até o presente momento não foi diagnosticado nenhuma criança e/ou adolescente com problema de fala para serem atendidos pela fonoaudióloga.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Pretende-se levantar dados qualitativos e quantitativos em relação aos aspectos relevantes sobre os fatores que interferem e prejudicam na alfabetização, bem como os procedimentos didáticos favoráveis para alfabetizar e letrar as crianças, fornecendo elementos de análise para subsidiar futuras

intervenções. A descrição das atividades e o levantamento de dados obtidos permitirão publicações em revistas específicas, divulgação e publicações em eventos de extensão.

Por meio da escrita de relatórios reflexivos dos momentos vivenciados pelos acadêmicos possibilitam compartilhamento dos resultados das atividades aplicadas na sala de aula: acompanhamento dos alunos com maior dificuldade na execução das atividades; atendimento individualizado no processo de aquisição da leitura e da escrita e o replanejamento das próximas atividades.

Nesta dimensão, analisa-se o modelo prático – reflexivo do desenvolvimento da formação profissional, buscando referência na concepção reflexiva através do desenvolvimento de procedimentos, tais como, pesquisas, narrativas autobiográficas, análise de casos, regência de sala, investigação – ação e organização do ensino pela metodologia de projetos de trabalho. Será feita análise dos resultados, focalizando a experiência como uma alternativa de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visa à construção e reconstrução de saberes pedagógicos por meio do desenvolvimento de atividades que permitam a articulação teoria/prática e a extensão universitária. O desafio desta proposta, a atuação na comunidade, é de suma importância para os acadêmicos buscarem alternativas criativas no desenvolvimento de práticas profissionais, constituindo em uma grande oportunidade para os acadêmicos das diferentes licenciaturas desenvolverem suas habilidades docentes em uma população com características desafiadoras; acredita-se, também, na contribuição significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que não conseguiram apreender as habilidades necessárias para o domínio da leitura, escrita.

O grupo de trabalho visa, em seus resultados finais, oportunizar aos acadêmicos um olhar mais atento e cauteloso nas questões pertinentes à alfabetização e ao letramento, dentro de uma dimensão diferenciada: alfabetização e letramento de forma continuada do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. vol. 2.

LEÃO, Deusmaura Vieira. **Aquisição da Língua Escrita: efeitos de singnificantes**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008

ANFÍBIOS: UM DIAGNÓSTICO SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Área Temática: Educação

Coordenação da ação: Rinneu Elias Borges¹

Marcelino Benvindo de Souza², Adailton Rodrigues da Silva³, Emanuela Hortencia Arantes Ambrosio³, Lia Raquel de Souza Santos⁴

RESUMO: Anfíbios são representados por sapos, rãs, pererecas, cobras-cegas e salamandras. Embora estes organismos sejam julgados como um grupo marginalizado, atribuído a muitas simbologias tanto em aspecto positivo como negativo, esses animais são na realidade importantes controladores de pragas, valiosos fornecedores de compostos bioativos e bioindicadores da qualidade ambiental. Entretanto, o grupo vem sendo relatado para declínio populacional a mais de 30 anos. Diante do contexto, investigou-se a cognição dos alunos do ensino médio (1^a, 2^a e 3^a ano) de duas escolas públicas acerca do conhecimento sobre esses animais. Os dados obtidos demonstraram pouco clareza sobre seus representantes, bem como sua utilização como indicadores de qualidade ambiental. Em contrapartida, os alunos mostraram possuir conhecimento sobre a dieta desses animais. Com base nos resultados temas específicos como este (anfíbios, bioindicadores) pode ser melhor trabalhado por meio de projetos escolares. Nesse sentido, são encorajadas pesquisas adicionais no sentido de ampliar o conhecimento dos alunos sobre esse grupo taxonômico.

Palavras-chave: conservação, anuro, escola pública

1 INTRODUÇÃO

São reconhecido em todo o mundo cerca de 7818 espécies de anfíbios (Frost 2018), divididos três Ordens: Anura (sapos, pererecas e rãs) com maior diversidade (6898 espécies), seguido por Caudata (salamandras, 717 sp.) e Gymnophiona (cobras-cegas, 207 sp.). No Brasil, a fauna é compreendida de 1.039 espécies de anuros, 36 espécies de cecílias (cobras-cegas) e cinco espécies de salamandras (Segalla et al., 2016). Embora o grupo de anfíbios seja bastante diversificado no planeta, perdas populacionais e extinções de espécies estão ocorrendo em taxas sem precedentes em todo o mundo (Kiesecker et al., 2001).

¹ Docente, Prof. Doutorando, Faculdade de Biologia, Universidade de Rio Verde. rinneu@unirv.edu.br

² Mestre em Biodiversidade e Conservação, Instituto Federal Goiano, Rio Verde

³ Graduando (a) do curso de Agronomia pela Universidade de Rio Verde.

⁴ Docente, Profa. Dra. Instituto Federal Goiano, Rio Verde.

Dentre as causas apontadas para o declínio então as mudanças climáticas, doenças infecciosas, parasitismo, introdução de predadores, urbanização, agricultura (pesticidas), pecuária extensiva (Houlahan et al., 2000; Kiesecker et al., 2001).

Esses animais por possuir pele permeável é o grupo de vertebrado mais suscetível à contaminação, e consequentemente dentre os efeitos adversos estão o dano ao DNA, interferência no crescimento e malformações no desenvolvimento (Lajmanovich et al., 2014; González et al., 2017). Os anfíbios desempenham um papel ecológico importante, sendo predadores de insetos (Houlahan et al., 2000), e pesquisas apontam que compostos bioativos de glândulas da pele, são alternativas biotecnológicas para novos medicamentos, produtos químicos anticancerígenos (Astolfi Filho et al., 2014). Além disso, os anfíbios são considerados bioindicadores de qualidade ambiental (Houlahan et al., 2000; Kiesecker et al., 2001) sendo possível detectar estresse ambiental sobre suas populações.

Nesse sentido, devido sua importância ecológica e econômica investigou-se a cognição de alunos do ensino médio de duas escolas da rede estadual do município de Rio Verde, Goiás sobre o conhecimento inicial destes organismos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizando em duas escolas públicas no município de Rio Verde, Goiás, classificadas como escolas A e B. O trabalho ocorreu com alunos do ensino médio básico (1^a, 2^a e 3^a ano), que foram selecionadas aleatoriamente. Um total de 170 alunos de duas escolas participaram da pesquisa qualitativa sobre o conhecimento da classe dos anfíbios. Para a escola A participaram da pesquisa alunos do 1^a ano (n = 36 alunos), 2^a ano com n = 20 alunos e 3^a ano (n = 29 alunos). Na escola B participaram também alunos de 1^a ano (n = 32 alunos), 2^a ano com n = 16 alunos e 3^a com n = 37 alunos. As faixas etárias média de idade dos alunos foram de 15 anos na 1^a série do ensino médio, 16 no 2^a e 16 no 3^a ano.

A pesquisa de natureza qualitativa foi aplicada por meio de um questionário semi-estruturado composto por três perguntas de múltipla escolha, na qual os alunos sinalavam apenas uma alternativa. As perguntas foram voltadas para o conhecimento sobre (i) classificação do grupo de anfíbios (neste item houve intencionalidade de saber se os alunos sabem quem são os anfíbios), (ii) tipo de

dieta (aqui os autores buscam saber se os alunos sabem quais são os itens alimentares que os anfíbios comem para poder então demonstrar a importância ecológica e econômica que estes animais desempenham nos ecossistemas, como, por exemplo, controladores de pragas naturais) e se (iii) o grupo pode ser usado como bioindicadores de qualidade ambiental a partir de análise sanguínea (investigou se os alunos tem conhecimento da importância ecológica que os anfíbios desempenham por serem suscetíveis a contaminantes ambientais). Os dados foram analisados com base em estatística descritiva.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O conhecimento sobre a classificação dos anfíbios atuais foi pouco evidenciado pelos alunos nas duas escolas (A e B) campo. Constatou-se que 81% dos alunos do primeiro ano, erraram a citação dos representantes, sapos, rãs, pererecas, cobras-cegas e salamandra. Para o 2º ano do ensino médio, uma proporção de 70% (escola A) e 75% (escola B) dos alunos também demonstraram falta de conhecimento sobre o grupo dos anfíbios. No terceiro ano a proporção de alunos que não reconhece os representantes do grupo foi de 68% e 76% para as escolas A e B, respectivamente (Figura 1). Entretanto, vale evidenciar que os alunos de ambas as séries e das diferentes unidades escolares reconhecem dois a três animais pertencentes à classe dos anfíbios.

No entanto, sobre a classificação da dieta dos anuros foi observado um maior conhecimento sobre esse contexto em ambas as escolas (A e B) (Figura 1). Porém, quando questionado sobre o uso de anuros como organismos bioindicadores e de sua importância ecológica, poucos alunos ouviram falar sobre este assunto (Figura 1).

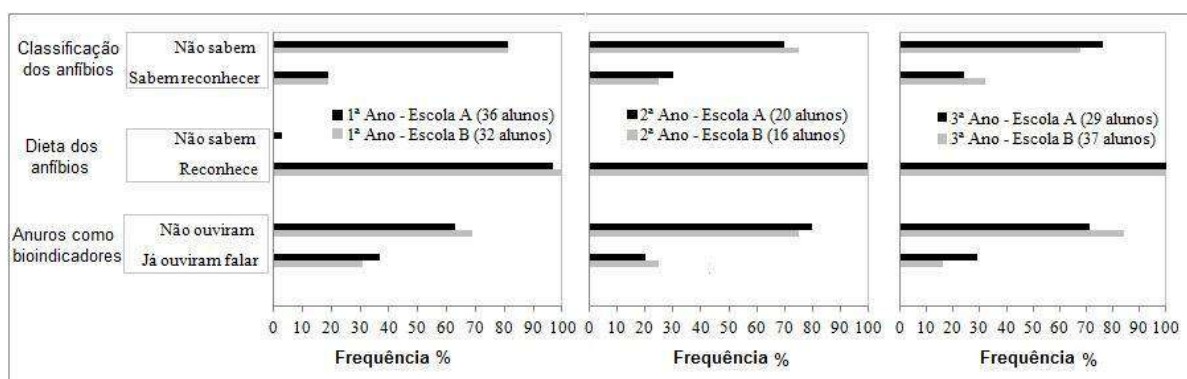


Figura 1. Conhecimento dos alunos do Ensino Médio das escolas da rede pública do município de Rio Verde, a respeito da classe dos anfíbios.

Anfíbios como aqueles, sapos, rãs e pererecas, são organismos que podem ser encontrados em ambientes antropizados, e, portanto, comuns no cotidiano de muitas pessoas. Entretanto, os dados indicam que a tendência de erros parece ter sido influenciada pelo termo anfíbio (distinção dos representantes deste grupo de animais em relação à Classe Reptilia), então sugere-se que termos populares sejam levados em consideração em questionários subsequentes. Outro aspecto que chama a atenção, diz respeito à pesquisa ter sido conduzida no início do primeiro bimestre, onde esse assunto é trabalhado entre o segundo e terceiro bimestre do segundo ano do ensino médio, mesmo que embora esses animais sejam tema do sétimo ano do ensino fundamental. Diante dessas questões, era esperado que o terceiro ano apresentasse maior conhecimento sobre essa temática, e, no entanto, isto não foi demonstrado.

A partir desses resultados e considerando que o município de Rio Verde tem o curso de Ciências Biológicas em Instituições de Ensino Superior, além de cursos relacionados que também abordam esse grupo, tornam-se relevantes a realização de projetos de extensão com a comunidade escolar no município, com o propósito de aproximar o conhecimento científico à realidade da educação pública básica. Outro aspecto a considerar refere-se a forte agricultura no município que por vez está atrelada ao uso de agrotóxico, sendo considerado o décimo município brasileiro que mais consome pesticida no país (Pignati et al., 2017). Assim, grupos como anuros dentre outros animais podem estar em sério risco de perturbação ambiental a nível populacional na região. Para mudar essa realidade projetos escolares com temas específicos como este, pode potencializar o conhecimento dos alunos para uma nova concepção cognitiva voltada a aspecto sustentável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anfíbios embora seja um grupo diversificado, ainda é pouco reconhecido. O incremento de esforços de desmistificação desses animais por meio do conhecimento é uma tarefa importante para seu aspecto de conservação, continuidade dos serviços ecossistêmicos, e bioprospecção de compostos bioativos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-reitoria de Extensão da UniRV pela concessão do auxílio financeiro na modalidade de bolsa para o desenvolvimento do projeto (PROEXT, Edital n.003/2017, Sapos e Morcegos na Escola: importância ecológica e econômica da fauna selvagem) e as Escolas-campo (Colégio Estadual Professor Quintiliano Leão Neto e Colégio Estadual Martins Borges) que permitiram e subsidiaram a realização do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ASTOLFI FILHO, S.; DA SILVA, C. G. N.; FÁTIMA, M. A. B. Bioprospecção e biotecnologia. *Parcerias Estratégicas*, v. 19, n. 38, p. 45-80, 2014.
- FROST, D.R. Amphibian Species of the World: an Online Reference. Version 6.0 (21 de Março de 2018). Electronic Database accessible at <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA, 2018.
- GONCALVES, M. W.; GAMBALE, P. G.; GODOY, F. R.; ALVES, A. A.; REZENDE, P.H.D.; MACIEL, NM.; NOMURA, F.; BASTOS, R.P.; DE MARCO, P. The agricultural impact of pesticides on *Physalaemus cuvieri* tadpoles (Amphibia: Anura) ascertained by comet assay. *Zoologia*, v. 34: e19865, 2017.
- HOULAHAN, J.E.; FINDLAY, C. S.; SCHMIDT, B. R.; MEYER, A. H.; KUZMIN, S. Quantitative for global amphibian population declines. *Nature*, v. 404, p. 752-755, 2000.
- LAJMANOVICH, R. C.; CABAGNA-ZENKLUSEN, M. C.; ATTADAMO, A. M.; JUNGES, CM; PELTZER, P. M.; BASSO, A.; LORENZATTI, E. Induction of micronuclei and nuclear abnormalities in tadpoles of the common toad (*Rhinella arenarum*) treated with the herbicides Liberty® and glufosinate-ammonium. *Mutation Research-Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis*, v. 769, p. 7-12, 2014.
- PIGNATI, A. W.; LIMA, F. A. N. S.; LARA, S.S.; CORREA, M.L.M.; BARBOSA, J.R.; LEÃO, L.H.C., PIGNATTI, M. G. Spatial distribution of pesticide use in Brazil: a strategy for Health Surveillance. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 10, p. 3281-3293, 2017.
- SEGALLA, M. V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C. A. G.; GRANT, T.; HADDAD, C. F. B.; GARCIA, P. C. A.; BERNECK, B. V. M.; LANGONE, J. A. Brazilian Amphibians: List of Species. *Mudanças Taxonômicas. Herpetologia Brasileira*, v. 5, n. 2, p. 34-46, 2016.
- KIESECKER J. M.; BLAUSTEIN A. R.; BELDEN L.K. Complex causes of amphibian population declines. *Nature*, v. 410, p. 681-684, 2001.

AS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES EM UM PROJETO DE EXTENSÃO – O ENFORMA

Área Temática: Educação

Coordenadoras da Ação: Maria Eneida da Silva, Andréa Kochhann

Autoras: Maria Eneida da Silva¹, Andréa Kochhann², Fernanda Castro Dutra³, Maria Cecília S. de Amorim⁴, Naiane Silva Prazer⁵

RESUMO: Este trabalho objetiva socializar as ações formativas do Encontro de Formação de Professores de Luziânia, Goiás – ENFORMA, um projeto de extensão do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOP. O ENFORMA tem favorecido a formação inicial dos acadêmicos de Pedagogia do Câmpus Luziânia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e a formação continuada dos professores da Secretaria Municipal de Educação de Luziânia. O GEFOP é um projeto de extensão que se alicerça na concepção acadêmica, processual e orgânica com atividades indissociáveis de pesquisa, ensino e extensão para a produção acadêmico-científica dos envolvidos nas ações. A partir desta concepção, o ENFORMA proporciona a formação docente por meio de atividade extensionista presencial e a distância; por meio de atividade de ensino com um Trabalho de Conclusão de Curso que tem o mesmo nome e, conseqüentemente, envolve a pesquisa que investiga a formação inicial e continuada dos partícipes durante o ano de 2017 e 2018. Além disso, os acadêmicos e professores envolvidos com o projeto realizam outras produções como artigos para eventos regionais e nacionais; periódicos e Anais de eventos. Para este artigo, o *corpus* teórico conta com Reis (1996); Demo (1996); dentre outros e a metodologia segue a investigação bibliográfica, a observação participante das ações e a análise de falas dos participantes do ENFORMA sobre sua formação inicial e continuada. A partir dos estudos teóricos e das atividades realizadas, inferimos que o ENFORMA se enquadra na extensão processual orgânica por ser um projeto que tem suas atividades contínuas, contribuindo significativamente para a formação de professores.

Palavras-chave: Formação inicial, formação continuada, extensão processualorgânica, GEFOP.

¹ Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) docente do Câmpus Luziânia da UEG. eneida.silva@ueg.br

² Mestra em Educação pela PUC – GO; doutoranda em Educação pela UnB; docente do Câmpus São Luís de Montes Belos da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br

³ Acadêmica do oitavo semestre de Pedagogia do Câmpus Luziânia da UEG. fernandadutra85@gmail.com

⁴ Professora da Rede Municipal Pública de Luziânia e egressa do Curso de Pedagogia do Câmpus Luziânia da UEG. cissa24@gmail.com

⁵ Acadêmica do oitavo semestre de Pedagogia do Câmpus Luziânia da UEG. naiane.sp2010@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos em Formação de Professores – GEFOP – é um projeto de extensão que se caracteriza como processual e orgânico (REIS, 1996) por articular atividades e ações contínuas e organizadas acadêmica e cientificamente. O GEFOP teve início em 2006, no Câmpus São Luís Montes Belos da Universidade Estadual de Goiás e, em 12 anos de existência, alcançou quatro Campi da UEG: Jussara, Formosa, Luziânia. O Grupo tem a pretensão de alcançar outros Campi ainda no ano de 2018.

A partir da chegada do GEFOP no Câmpus Luziânia da UEG, em março de 2017, articularam-se diversas ações e projetos e, dentre eles, o Encontro de Formação de Professores – ENFORMA. Este projeto tem como objetivo propiciar a formação inicial dos alunos de Pedagogia e a formação continuada dos professores da Rede Municipal Pública de Luziânia, devido à demanda do município.

O ENFORMA é um projeto de extensão vinculado ao Câmpus Luziânia da UEG e registrado na Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis – PrE. E, por articular interdisciplinarmente a pesquisa, o ensino e a extensão, o ENFORMA também se transformou em um projeto de pesquisa, cadastrado na UEG com o título “O ENFORMA – Encontro de formação de professores como possibilidade de formação continuada e inicial”; e em Trabalho de Conclusão de Curso (TC), com o título “O Encontro de Formação de Professores - ENFORMA: uma análise das im(possibilidades) da formação inicial e continuada”. As pesquisas investigam as atividades do ENFORMA enquanto um projeto de extensão processual e orgânico na formação dos acadêmicos do Curso de Pedagogia e também dos professores do município de Luziânia partícipes do projeto.

2 O ENFORMA: POSSIBILIDADES DA EXTENSÃO ACADÊMICA, PROCESSUAL E ORGÂNICA

ENFORMA é um projeto de extensão que articula o ensino, a pesquisa e a extensão, a partir da indissociabilidade proposta desde o Artigo 207 da Constituição Federal Brasileira que preconiza que “as universidades [...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2004, p. 121).

A partir dessa perspectiva, e considerando a concepção acadêmica, processual orgânica de Reis (1996), o ENFORMA teve início em 2017, com três edições. A primeira aconteceu no dia 26 de maio de 2017 com a temática “Os paradigmas educacionais e a identidade docente no trabalho concreto”. A segunda edição do ENFORMA, em 29 de setembro, trouxe a discussão sobre “Letramento, didática fundamental e tendência histórico crítica: diálogos fecundos”. No dia 24 de novembro, foi realizado o III ENFORMA com a temática “Sustentabilidade na sala de aula: teoria e prática”. Os organizadores dos encontros são acadêmicos do curso de Pedagogia e membros do GEFOP, com a supervisão e colaboração das coordenadoras do projeto. Os palestrantes são professores especialistas, mestres e doutores membros do GEFOP e, ainda, participam das palestras e mesas de debate os alunos do curso de Pedagogia ainda em formação inicial.

O projeto de extensão surgiu das discussões do GEFOP e da necessidade de formação inicial e continuada trazida ao grupo por seus membros. Diante da demanda apresentada, foram discutidas as duas concepções de extensão de Reis (1996): a processual orgânica que se caracteriza por ações permanentes e contínuas que se relacionam de forma indissociável com o ensino e a pesquisa, e que permitem o diálogo da universidade com a sociedade para a transformação; e a extensão eventista-inorgânica que se caracteriza pela prestação de serviço ou pela realização de eventos isolados ou desvinculados do contexto ou do processo de ensino-aprendizagem e da produção do conhecimento da universidade.

Assim, foi possível chegar à conclusão de que o ENFORMA deveria se enquadrar na concepção processual orgânica por ser um projeto que objetivava a realização de atividades contínuas de formação; a articulação com o ensino e a pesquisa; a troca de saberes com a comunidade; além de propor uma organicidade por meio da qual também haveria a possibilidade de formação dos alunos.

Demo (2001) enfatiza que o aluno não deve ir à universidade para assistir aulas copiadas, pois assim será meramente reprodutor de conhecimento; daí a importância de discussões, pesquisas e demais atividades de construção de conhecimento para que o aluno, já na graduação, torne-se autor e pesquisador.

Diante da importância das atividades de extensão e de pesquisa na universidade para auxiliar o aluno a ser um pesquisador, o protagonismo no planejamento, execução e avaliação do ENFORMA por parte dos membros do

GEFOPI e acadêmicos evidencia o quanto projetos dessa natureza agregam na formação inicial e continuada de professores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir das demandas que surgiram da Secretaria Municipal de Educação e das primeiras edições do ENFORMA – quando os professores cursistas puderam manifestar suas necessidades de formação continuada – as atividades foram organizadas em: oficinas, mesas redondas e palestras para propiciar momentos de diálogos sobre teorias, didáticas e práticas de ensino na Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Em 2018, o encontro de formação teve continuidade e já aconteceram três edições, sendo que o IV ENFORMA, o primeiro do ano, foi realizado dia 13 de abril, no período noturno, no Câmpus Luziânia da UEG, com o tema “Linguagem, sociedade e cultura: elementos para a emancipação humana pela educação”. A dinâmica de trabalho com os 114 professores participantes baseou-se no filme “Mentes Perigosas” e, a partir deste, a mesa de debates foi iniciada.

O V ENFORMA, realizado em 25 de maio, teve como tema “Emancipação acadêmica: uma possibilidade pela formação omnilateral”, encontro do qual participaram 25 professores. Essa quantidade de cursistas diminuiu com relação à edição anterior por que, a partir da V edição, algumas mudanças ocorreriam na dinâmica de trabalho, envolvendo temas e oficinas em forma de curso semipresencial para atender aos inscritos num grupo menor.

Para tanto, foi estabelecida uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Luziânia (SMEL) para que as atividades presenciais pudessem acontecer no Auditório da SMEL e que pudesse haver a contrapartida financeira, tanto para custear despesas de traslado, hospedagem e alimentação dos palestrantes, quanto para a produção de um livro, ao final do ano, com artigos escritos pelos professores cursistas e orientados pelos professores palestrantes.

A formação continuada dos professores cursistas acontece em 7 encontros presenciais; e com atividades a distância, a partir da participação no grupo fechado do *WhatsApp* por meio de discussões teóricas; e no *Facebook* com registros fotográficos

do desenvolvimento de propostas didáticas realizadas nas turmas em que cada professor cursista atua, conforme mostram as Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Discussões teóricas no aplicativo WhatsApp do Grupo ENFORMA



Fonte: Acervo GEFOPi (2018)

Figura 2 – Postagens de atividades práticas no Facebook do Grupo ENFORMA



Fonte: Acervo GEFOPi (2018)

As atividades acima demonstram que a teoria perpassa pelas discussões e pelas atividades desenvolvidas em sala de aula, caracterizando a práxis que pode conduzir à emancipação na formação continuada dos professores.

A formação inicial dos acadêmicos partícipes do projeto acontece mediante a participação nos grupos de estudo e a preparação do evento, tanto quanto a organização as participações como palestrantes, conforme Figura 3.

Figura 3 – Participação de acadêmicos no ENFORMA na preparação e palestra



Fonte: Acervo GEFOPi (2018)

As participações dos alunos objetivam a formação inicial além da sala de aula e visa à compreensão e à discussão da extensão universitária; da formação continuada e do trabalho concreto, por meio da realização de estudos e pesquisas necessárias para a realização das atividades.

A gestão do evento e as palestras proferidas são tidas como oportunidades de formação que precisam ser estendidas a outros colegas que ainda não participam do GEFOPi. Isso pode ser visto na fala de um dos acadêmicos, após participar de uma mesa de debates do ENFORMA e afirmar que *“Particpei da mesa redonda; este momento me permitiu discutir e refletir sobre a formação e atuação docente, tendo em vista minha práxis enquanto profissional da educação formado em área específica [História] e em formação inicial em Pedagogia”*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de atividades em consonância com o tripé da Universidade – ensino, pesquisa e extensão – vem se consolidando com atividades promovidas pelo GEFOPi. O ENFORMA como atividade processual e orgânica tem se mostrado uma possibilidade de promover a formação inicial e continuada por meio da práxis.

O projeto desenvolvido até o momento nas seis edições do ENFORMA tem contribuído para a formação de acadêmicos do curso de Pedagogia e também de formação continuada de professores na Rede Pública de Ensino de Luziânia por meio de discussões, palestras e oficinas que promovem a reflexão sobre o trabalho pedagógico e a sua constante transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio à realização das atividades do GEFOPÍ.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004. 438 p.

DEMO, Pedro. **Educação & Conhecimento** - Relação necessária, insuficiente e controversa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. **Cadernos UnB Extensão**: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascríticas/article/download/6094/5042>.

Acesso em 16 jun. 2018.

AVALIAÇÃO DE DEMANDAS PARA O PROJETO QUALIAPA: APA PARA TODOS

Área Temática: Educação e Meio Ambiente

Coordenadora da Ação: Keila Roberta Ferreira de Oliveira¹

Autores: Tiago Ramos da Silva², Larissa Alves Fernandes Xavier², Gustavo de Camargo Campos³

RESUMO: A educação ambiental, em seu conceito, tem como base a busca pelo desenvolvimento do indivíduo para que o mesmo possa se inserir nas tomadas de decisão sobre as questões ambientais que se mostra em pauta em sua comunidade. Transmitir o conceito, compartilhar conhecimento e formar multiplicadores que possam disseminar ao longo da comunidade o peso que as decisões tomadas acerca do meio ambiente que os rege é o cerne do trabalho e atividades desenvolvidas pelos educadores ambientais. Em relação a Bacia do Apa, a inserção de atividades com educadores ambientais tem como ponto principal a disseminação das características e conceitos voltados ao Rio Apa e a preservação da qualidade do mesmo. As atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo projeto "QualiApa: Apa para todos" visam englobar, conscientizar e formar cidadãos que compartilhem em sua comunidade parte da experiência passada pelos membros do projeto. A metodologia empregada visa identificar a demanda de informações e compartilhar com essas comunidades parte do conhecimento necessário para que contribua na tomada de decisão da gestão da bacia e da água. A troca de conhecimento é realizada por meio de oficinas, palestras, jogos e dinâmicas no qual se transmite, de forma didática, aos membros escolhidos, noções de gestão de bacia, uso e qualidade da água e uso e ocupação do solo. Resultados iniciais do projeto foram obtidos em decorrência do evento: Água na Academia, promovido pela Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no qual foi realizada a oficina QualiApa. Com base em uma avaliação do público-alvo, observouse que os participantes indicaram possuir entendimento do tema central, mas sua noção de pertencimento à Bacia Hidrográfica e seus problemas ambientais ainda não foi observada, além de apresentarem questionamentos válidos a serem postos em debate em futuras atividades do projeto.

Palavras-chave: educação ambiental, Rio Apa, Bacia Hidrográfica, qualidade da água.

¹ Professora da UFMS, Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia; e-mail: keila.dassan@ufms.br

Alunos do curso de Engenharia Ambiental da UFMS.

Aluno do curso de Química da UFMS.

1. INTRODUÇÃO

Diante do complexo quadro imposto à sociedade no que tange às questões ambientais e a necessidade de organização e planejamento para minimização dos danos causados pelos impactos ambientais, a Educação Ambiental aparece de forma a introduzir, no contexto de sustentabilidade, o senso crítico e a base mínima de conhecimento que o cidadão necessita para atuar na sociedade e valer seus direitos nas tomadas de decisões sobre o meio em que vive e que será diretamente influenciado.

"A Educação Ambiental é a ferramenta teórica, quando adotada como postura crítica, com vistas à promoção de uma nova forma de apropriar-se conscientemente se sensível a inclusão de novas práticas educacionais. O uso de métodos de ensino que possibilitem a tomada de postura entre EDUCAÇÃO AMBIENTAL - os atores sociais, potencializando-os a transformar o meio em que vivem, criando ferramentas que possibilitem uma mudança educacional: política, social, econômica e ecológica (BUENO, 2013)."

Além dos conceitos voltados ao meio ambiente unicamente, a educação ambiental é uma ferramenta muito importante na formação de uma comunidade socialmente mais justa e com cidadãos mais conscientes de seus deveres e direitos. Sobretudo, é importante na formação do caráter do indivíduo que mostrar-se-á mais complacente com a natureza e com o próximo. "A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental. (Brasil, 2012)".

Indo mais adiante, a educação ambiental apresenta-se e deve ser vista como formadora da identidade local e de indiscutível valor social e cultural que intensifica e contribui para que se delimite pontos característicos e enriquecedoras que são típicos das comunidades atendidas. "Educação ambiental é uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educação, formada nas relações estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no "ambiente" e na "natureza" categorias centrais e identitárias. Neste

posicionamento, a adjetivação “ambiental” se justifica tão somente à medida que serve para destacar dimensões “esquecidas” historicamente pelo fazer educativo, no que se refere ao entendimento da vida e da natureza, e para revelar ou denunciar as dicotomias da modernidade capitalista e do paradigma analítico-linear, não-dialético, que separa: atividade econômica, ou outra, da totalidade social; sociedade e natureza; mente e corpo; matéria e espírito, razão e emoção etc.” (LOUREIRO, 2004)

A Bacia Hidrográfica do Rio Apa oferece um desafio peculiar quando se trata de inserção da Educação Ambiental, por ser uma bacia transfronteiriça, compartilhada entre Brasil e Paraguai. Sua área abrange 15.000km², sendo a maior porção localizada no Brasil (aproximadamente 12.000km²). Do lado brasileiro a bacia é compreendida pelos municípios de Antônio João, Bela Vista, Bonito, Caracol, Jardim, Ponta Porã e Porto Murtinho, todos no estado de Mato Grosso do Sul. Do lado Paraguaio abrange Amambay e Concepción.

O Projeto de Extensão “QualiApa: Apa para todos” tem como objetivo principal o desenvolvimento de atividades de educação ambiental que visam disseminar o interesse no cuidado com o Rio Apa, assim como, conceituar e introduzir na comunidade o entendimento de governança hídrica. Desse modo, o projeto visa a formação de multiplicadores que poderão disseminar na comunidade conceitos e pontos essenciais da gestão da água. Dentro deste contexto, buscou-se no projeto avaliar se há conhecimento básico acerca de qualidade da água e percepção da Bacia Hidrográfica na qual o público-alvo do projeto está inserido, bem como identificar as demandas de conhecimento para as futuras atividades do projeto.

2. METODOLOGIA ADOTADA

Para a formulação de um diagnóstico acerca do que os multiplicadores em potencial têm de conhecimento sobre os temas de interesse do projeto, foi oferecido o Evento “Água na Academia”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), uma oficina de apresentação da Bacia Hidrográfica do Rio Apa, durante a qual foi possível realizar a avaliação pretendida.

2.1. Público-Alvo

Os multiplicadores selecionados pelo projeto são profissionais da educação pública (professores) dos níveis fundamental e médio inseridos na Bacia Hidrográfica do Rio Apa que, de maneira didática, poderão repassar aos discentes que, sendo esses jovens ainda em formação, poderão replicar os conhecimentos com sua família, familiares e amigos.

2.2. Dinâmica Elaborada

Foi realizada durante a oficina, uma dinâmica em grupo que consistiu em um jogo de afirmativas e exposição de respostas com temas centrais acerca da gestão da água. Foi pautado tópicos como características gerais da bacia, uso da água e qualidade da água (sendo apresentado alguns parâmetros), conforme listado no Quadro 1.

Temas Abordados
1. Qualidade da Água
2. Turbidez
3. Coliformes
4. Metais Pesados

Quadro 1 - Temas centrais abordados.

As afirmativas eram lidas e colocadas e discussão pelos participantes, os mesmos tinham que opinar, com base em seus conhecimentos, se as afirmativas eram "verdadeiras" ou "falsas", além disso, um dos opinantes de "verdadeiro" e um "falso" era selecionado para explicar o porquê de sua posição.

Durante a dinâmica, a cada afirmativa, o número de opinantes entre "verdadeiro" e "falso" era contabilizado para que pudesse observar o nível de percepção dos participantes. Também, ao final da opinião de todos sobre a afirmativa em discussão, os membros do projeto apresentavam a resposta e explanava sobre o motivo da afirmativa ser verdadeira ou falsa, com base no que já havia sido dito pelos participantes. Teve-se a cautela para que toda a explicação das afirmativas ocorresse de forma didática e lúdica de modo a evitar interpretações equivocadas, uma vez que esses são multiplicadores e repassarão os conhecimentos adquiridos. Após a dinâmica, os participantes foram convidados a responder um questionário no qual foi pautado itens acerca do entendimento da atividade realizada e a possibilidade de os mesmos replicarem isso em meio às suas comunidades.

As atividades da dinâmica em grupo apresentam-se com uma forma de troca de conhecimento, exposição de ideia do indivíduo e ajuda na criação vínculos de afeito com outros membros, sendo assim, enriquecedor para todo projeto. "[...] a dinâmica de grupo parece ser um recurso valioso: diminui a competição e o individualismo típicos do universo burguês, cria condições para uma intersubjetividade na qual as tensões podem ser trabalhadas em lugar de ser camufladas ou mantidas numa situação de pura destrutividade recíproca, torna possível uma participação efetiva dos estudantes em seus próprios problemas e nos de suas relações com o professor e com a escola, abre campo para discussões coletivas e, portanto, para o entendimento recíproco das diferenças."(Chauí, 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a primeira oficina realizada, os resultados obtidos mostraram que os multiplicadores em potencial possuem bom discernimento acerca das questões principais. A cada afirmativa realizada teve cerca de 85% a 90% de acerto por parte dos participantes. A cada discussão em que o opinante era convidado a debater todos mostraram-se claros na forma de se expressar, contudo observou-se que em comum a todos os participantes o que se sobressaía era a falta de afinidades com alguns termos que são ditos em meio acadêmico (termos técnicos) e que fogem ao conhecimento geral que muitas vezes conhece-os por uma colocação com cunho coloquial.

Além do mais, a observação da interdependência de temas relacionados ao meio ambiente mostrou-se deturpada de modo que a visão do meio ambiente como um elemento de integração, onde todos os aspectos físicos e sociais se vinculam, fugiu de questão, desse modo as questões em tópicos tornaram-se as mais expressivas. Contudo, todas as definições postas foram facilmente compreendidas e geraram um ambiente propício à discussão, o que foi enriquecedor na interação entre os participantes.

Sobretudo, o que mais destacou-se durante a atividade realizada foi o interesse dos multiplicadores em conhecerem métodos e meios de adaptar o que era repassado às características de suas comunidades, de conhecer formas didáticas de repassar com a finalidade de que todos possam ter e aplicar esse conhecimento. Foi evidenciada a demanda por material de simples compreensão para os multiplicadores

locais, acerca do ambiente em que estão inseridos. Assim, para as futuras ações de extensão deste projeto, pretende-se elaborar uma cartilha didática com embasamento teórico, e com sugestões de atividades para transmitir o conhecimento entre os multiplicadores e a comunidade local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os participantes mostraram-se empenhados e disponíveis para discutir e aprofundar os temas relacionados à qualidade da água no Rio Apa e aos aspectos da Bacia Hidrográfica a que se inserem e, especialmente, a serem disseminadores dos temas abordados. Inclusive, durante a dinâmica em grupo muitos indicaram interesse em levar a mesma metodologia para trabalharem em suas comunidades, sendo esse o objetivo principal do Projeto de Extensão "QualiApa: Apa para todos".

Como continuidade do projeto, será elaborado material didático para auxiliar no repasse de conhecimento para a comunidade local.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução Nº2, de 15 de Junho de 2012. Disponível em: <<http://conferenciainfanto.mec.gov.br/images/conteudo/iv-cnijma/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 08/07/2018.
- BUENO, R., ARRUDA, R. Educação ambiental. Eventos Pedagógicos, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 4, mar. 2014. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1279/905>>. Acesso em: 08/07/2018.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-258, mar. 2016. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/ep/article/view/114094/111992>>. Acesso em: 09 de Julho de 2018.
- LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: Layrargues, P. P. (Coord.) Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf>. Acesso em: 08/07/2018.

AVALIAÇÃO INICIAL DO PRIMEIRO MÓDULO DO PROGRAMA PRÉ-QUÍMICA: UMA PROPOSTA VISANDO A DIMINUIÇÃO DOS ÍNDICES DE REPROVAÇÃO E EVASÃO NOS CURSOS DE QUÍMICA DA UFGD

Área Temática: Educação

Cristiane Storck Schwalm¹

Marcos Bernazzolli de Assis²

RESUMO: O projeto “Pré-Química” foi desenvolvido como uma proposta para a diminuição dos índices de reprovação e evasão observados nos cursos de Química da UFGD através do oferecimento de cursos de nivelamento (em dois módulos) dos conteúdos relativos ao Ensino Médio mais pertinentes aos componentes curriculares de Química Geral I e Química Geral II, integrantes das grades curriculares do primeiro e segundo semestre letivo, respectivamente. A primeira edição do módulo “PréQuímica I” (versando sobre os conteúdos básicos mais relevantes para a disciplina de Química Geral I) foi oferecida antes do início do primeiro semestre letivo de 2018. Embora ainda não seja possível obter resultados conclusivos a respeito do reflexo da iniciativa em termos de melhoria no desempenho médio ou diminuição no índice de desistência na disciplina de Química Geral I, visto que o semestre ainda se encontra em andamento, a aplicação de dois questionários – um no início e outro no final do curso – permitiram conhecer melhor o perfil de dificuldades apresentado pelos alunos ingressantes bem como avaliar a sua percepção em relação à iniciativa; considerando este último ponto, os dados coletados indicam que a grande maioria dos alunos considerou a iniciativa válida e eficaz em melhorar o seu entendimento dos conteúdos abordados.

PALAVRAS-CHAVE: química, nivelamento, evasão, reprovação.

1 INTRODUÇÃO

Altos índices de reprovação nas disciplinas introdutórias da área de ciências exatas são comumente observados nas instituições de ensino superior brasileiras, em especial nas áreas de Física, Matemática e Química. Embora não se possa apontar um único aspecto que explique este fenômeno, é consenso geral que uma das causas para o fenômeno seja a defasagem de aprendizagem no ensino médio (EM) (OLIVEIRA, 2017; SILVA, 1995)

¹ Professora Adjunta A-I, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal da Grande Dourados, cristianeschwalm@ufgd.edu.br.

² Acadêmico do curso de Química - Bacharelado, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

De maneira análoga, os altíssimos índices de evasão tipicamente observados para estes cursos também têm explicação complexa; no entanto, a reprovação, muitas vezes recorrente, nas disciplinas iniciais do curso pode ser apontada como um dos fatores determinantes. Com base nesses dados, idealizou-se o projeto Pré-Química com o objetivo inicial de diminuir a defasagem dos alunos ingressantes em relação aos conteúdos do ensino médio, esperando-se um reflexo de diminuição nos índices de reprovação para as disciplinas de Química Geral I e II e, a médio/longo prazo, nas taxas de evasão observadas.

2 DESENVOLVIMENTO

O primeiro módulo do Pré-Química foi oferecido nas três semanas que antecederam o início do primeiro semestre letivo de 2018, no turno da noite, de segunda a quinta-feira, totalizando 30 horas de aula ministradas por dez professores do corpo docente da UFGD. Para motivar a adesão no curso, foi realizado um amplo trabalho de divulgação entre os calouros dos cursos de química; embora inicialmente desenvolvido com foco nos calouros do curso de química, a participação no Pré-Química foi aberta para a comunidade em geral, sendo divulgado na *home page* inicial da UFGD. A ementa do curso incluiu estritamente tópicos que, de acordo com o referencial curricular do ensino médio do Mato Grosso do Sul, já deveriam ter sido abordados na rede estadual de ensino durante o EM. Além disso levou-se em consideração resultados de um questionário respondido pelos docentes dos cursos de química da UFGD, a respeito de sua percepção em relação às maiores dificuldades observadas pelos alunos ingressantes na disciplina de Química Geral I em semestres anteriores. Na primeira semana de aula, um questionário inicial foi oferecido aos alunos participantes, versando, em sua maioria, sobre o histórico de EM dos mesmos e a sua percepção em relação às próprias dificuldades. Já ao final do curso, na última aula, um novo questionário foi oferecido, com o principal objetivo de avaliar-se a efetividade da ação e a sua aceitação entre os participantes.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dos 37 alunos que responderam o primeiro questionário, 51,4% estavam matriculados em um curso superior de química. Dos 21 alunos que estavam presentes durante a última aula do curso, 14 (66,7%) estavam matriculados em um curso de

Química da UFGD, 6 (28,5%) em outros cursos na mesma instituição e um ainda não havia concluído o EM.

Considerando-se todos os alunos que iniciaram o curso, 8,1% vieram da rede pública federal, 75,7% na rede pública estadual e 16,2% na rede privada de ensino. Restringindo-se a análise aos alunos matriculados em cursos de química, 79% deles provinham da rede pública estadual de ensino.

Do total de alunos ingressantes, 91,9% afirmaram saber que os seus professores do EM possuíam formação em química, com pouca diferença estatística entre os alunos da rede privada e da rede pública (100% vs 90,3%).

Quando questionados a respeito da realização de aulas práticas de química durante o EM, 66,7% da rede privada responderam afirmativamente, versus apenas 19,6% dos alunos provenientes da rede pública, evidenciando um contraste na infraestrutura oferecida em ambas redes de ensino. Considerando que aulas práticas são de extrema importância para a formação do aluno e fixação de conteúdos de maneira mais dinâmica pode-se esperar, a partir destes dados, uma maior defasagem no aprendizado por parte dos alunos provenientes da rede pública de ensino. Quando foram perguntados sobre o ano de conclusão do EM durante a última aula do projeto, apenas 52,4% afirmaram terem concluído no ano anterior, evidenciando a importância deste tipo de curso de revisão ou “nivelamento”.

Além disso, o questionário inicial pedia que os alunos classificassem seu nível de domínio referente a diversos conteúdos do EM essenciais para o bom entendimento da disciplina de Química Geral I, atribuindo aos mesmos “notas” de 1 a 4, onde os níveis representavam o seguinte: 1 = “nunca ouvi falar”; 2 = “lembro de ter visto em aula, mas não me recordo muito”; 3 = “vi em aula e lembro o básico sobre o assunto”; 4 = “vi em aula e consigo aplicar o conteúdo na resolução de problemas”. Uma compilação das respostas obtidas é apresentada na Tabela 1, onde os dados foram tratados considerando-se o público geral, o público proveniente de cada rede de ensino, os alunos matriculados em cursos de química ou outros. Os valores apresentados são a média aritmética dos valores preenchidos pelos alunos, e a cor da célula corresponde à resposta mais frequente da questão (moda), onde vermelho = 1, rosado = 2, amarelo = 3 e azul = 4.

A partir dos dados obtidos é possível verificar, através da distribuição modal, que os conteúdos para os quais os alunos relatam menor domínio são

interações intermoleculares, extremamente importantes para a compreensão das propriedades físico-químicas dos materiais em geral e o número de Avogadro, indispensável para o entendimento do conceito de mol e estequiometria.

Tabela 1. Resultado do questionário inicial

Conteúdo	Geral	Públ.	Priv.	Quím.	Outros
1. Diferença entre substâncias puras e misturas	2,8	2,7	3,3	2,7	2,9
2. Métodos de separação de misturas	2,6	2,5	3,0	2,6	2,6
3. Mudanças de estado físico	3,3	3,2	3,8	3,3	3,3
4. Densidade	2,8	2,7	3,3	2,5	3,1
5. Solubilidade	2,7	2,6	3,0	2,5	2,9
6. Grandezas do Sistema Internacional de Medidas	2,4	2,3	3,4	2,1	2,8
7. Leis de Lavoisier e Proust	1,9	1,8	3,3	2,1	1,8
8. Diferença entre substâncias simples e compostas	2,8	2,7	3,3	2,7	2,9
9. Modelos atômicos de Dalton e Thomson	2,8	2,8	3,2	2,7	2,9
10. Modelos atômicos de Rutherford e Rutherford-Bohr	2,7	2,6	3,3	2,5	2,9
11. Distribuição eletrônica em níveis e subníveis	2,9	2,8	3,3	3,1	2,7
12. Eletronegatividade	2,3	2,0	3,3	2,3	2,2
13. Raio atômico e iônico	2,2	2,1	3,0	2,3	2,2
14. Energia de ionização	2,1	2,0	2,7	2,0	2,2
15. Ligação iônica	2,5	2,4	3,2	2,6	2,5
16. Ligação covalente	2,5	2,4	3,2	2,5	2,6
17. Ligação metálica	2,3	2,2	2,8	2,3	2,4
18. Polaridade de ligações covalentes	2,1	2,2	3,0	2,4	2,4
19. Geometria molecular	2,1	1,9	2,8	2,2	2,2
20. Polaridade molecular	2,1	2,0	2,5	2,1	2,1
21. Interações intermoleculares	1,9	1,7	3,7	1,9	1,8
22. Ácidos e bases	2,8	2,7	3,2	2,8	2,8
23. Sais	2,5	2,4	3,0	2,6	2,4
24. Óxidos	2,5	2,4	3,0	2,7	2,3
25. Massa atômica e massa molecular	2,6	2,5	3,5	2,7	2,6
26. Conceito de mol e massa molar	2,6	2,5	3,2	2,6	2,7
27. Número de Avogadro	2,2	1,9	3,5	2,2	2,2
28. Balanceamento de equações	2,4	2,2	3,2	2,5	2,2
29. Tipos de fórmulas químicas (molecular, mínima e %)	2,1	1,9	3,2	2,2	2,2
30. Reagente em excesso e limitante	1,9	1,8	3,2	1,9	2,1
31. Rendimento de reações	1,8	1,7	2,5	1,8	1,9
32. Concentração comum (g/mL)	2,5	2,4	2,5	2,5	1,8
33. Concentração molar (mol/L)	2,5	2,4	3,2	2,5	2,6
34. Título em massa e volume	2,6	2,5	3,0	2,5	2,6
					2,7

Fonte: Autores do trabalho.

Nota: os valores apresentados referem-se a média das “notas” atribuídas a cada conteúdo, enquanto a cor da célula se refere à moda observada para a questão (vermelho = 1, rosado = 2, amarelo = 3, azul = 4).

Considerando a distribuição das médias, observa-se também a existência

de maiores dificuldades em tópicos relacionados às leis ponderais da química e aos conceitos básicos de ligação química, o que tem impacto direto no entendimento da natureza de processos químicos e das características que guiam os mesmos.

Na última aula do curso, um novo questionário contendo os mesmos tópicos pedia que os alunos avaliassem o quanto o Pré-Química tinha ajudado em relação à melhoria do entendimento dos diferentes conteúdos, utilizando as seguintes “notas”: 1 = “não ajudou em nada”, 2 = “ajudou um pouco”, 3 = “ajudou bastante” e 4 = “fez toda a diferença (ou seja, ajudou muito mesmo)”. Havia ainda outras duas opções de resposta, A e B, para as quais A = “o conteúdo não foi abordado no pré-química” e B = “faltei a aula na qual o conteúdo foi abordado”.

Uma compilação dos resultados obtidos é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Resultado do questionário final.

Conteúdo	Média	Moda	A (%)
1. Diferença entre substâncias puras e misturas	3,3	3	
2. Métodos de separação de misturas	3,2	3	
3. Mudanças de estado físico	3,3	3	
4. Densidade	3,3	4	
5. Solubilidade	3,3	4	
6. Grandezas do Sistema Internacional de Medidas	2,6	3	
7. Leis de Lavoisier e Proust	3,1	3	
8. Diferença entre substâncias simples e compostas	3,2	3	
9. Modelos atômicos de Dalton e Thomson	3,2	4	
10. Modelos atômicos de Rutherford e Rutherford-Bohr	3,2	4	
11. Distribuição eletrônica em níveis e subníveis	3,0	3	
12. Eletronegatividade	3,0	3	
13. Raio atômico e iônico	3,1	3	
14. Energia de ionização	2,8	3	
15. Ligação iônica	3,1	3	
16. Ligação covalente	3,1	3	
17. Ligação metálica	3,1	3	
18. Polaridade de ligações covalentes	2,6	2	5,6
19. Geometria molecular	2,8	2	5,6
20. Polaridade molecular	2,5	2	6,3
21. Interações intermoleculares	2,8	2	47,1
22. Ácidos e bases	3,0	2	11,1
23. Sais	3,0	2	27,8
24. Óxidos	3,2	4	23,5
25. Massa atômica e massa molecular	3,2	4	
26. Conceito de mol e massa molar	3,2	4	

27. Número de Avogadro	3,1	3
28. Balanceamento de equações	2,9	2
29. Tipos de fórmulas químicas (molecular, mínima e %)	3,1	4
30. Reagente em excesso e limitante	3,0	2
31. Rendimento de reações	3,0	2
32. Concentração comum (g/mL)	3,2	4
33. Concentração molar (mol/L)	3,3	4
34. Título em massa e volume	3,3	4
Valor médio	3,1	3,1

Fonte: Autores do trabalho.

Os dados da tabela 2 evidenciam que, de maneira geral, o curso foi eficaz no que tange auxiliar o entendimento de conceitos básicos, visto que tanto a média das “notas” atribuídas aos diferentes conteúdos como a média das modas para cada conteúdo aproxima-se de uma avaliação 3 (equivalente a “ajudou bastante”).

Em relação aos conteúdos que se destacaram pelo baixo domínio relatado na primeira pesquisa, observa-se que o curso foi relativamente eficiente em relação a suprir as necessidades dos conteúdos relacionados à estequiometria (conteúdos de 25 a 31). No entanto, a parte de interações intermoleculares, também destacada como ponto de alta dificuldade pelos alunos, foi pouco contemplada na ação, obtendo moda equivalente a “ajudou um pouco” e um total de 47,1% de afirmações de que o conteúdo não foi abordado. De fato, este conteúdo não estava explicitamente contemplado na ementa do curso; desta forma, ainda que não sejamos capazes de tirar conclusões definitivas a respeito da efetividade da ação apenas com estas pesquisas, os dados coletados já nos permitem propor melhorias para a próxima edição do curso. Cabe mencionar, ainda, que dos 100% dos participantes que responderam ao questionário final consideraram o Pré-Química como uma iniciativa válida, o que, em conjunto com os resultados obtidos, nos motiva a dar continuidade a este projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos iniciais do Pré-Química, pode-se afirmar que, de maneira geral, houve uma melhora na interpretação dos conteúdos referentes ao EM por parte dos alunos, como pode ser observado através dos dados apresentados e discutidos anteriormente. Além disso, a avaliação dos questionários coletados

permitiu traçar um perfil das maiores dificuldades observadas pelos alunos ingressantes e auxiliará na melhoria do projeto para a sua próxima edição.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à PROEX/UFGD pelo apoio financeiro e aos demais docentes dos cursos de química da UFGD que contribuíram para a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, P. P. et al. A formação de professores de química no IFG e o problema de evasão: uma análise para possíveis ações de enfrentamento. In: **Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores**, 2017.

SILVA, R. R.; TUNES, E.; PACHÁ, L. C. L.; JUNQUEIRA, R. M. P.; **Química Nova**, 18, 2, 210, 1995.

AVALIEB: AVALIAR E CORRIGIR NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE ENSINO

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Prof^a Dr^a Nancy Lopes Yung¹
Autores: Jefferson Genesio da Silva², Tatiane Bueno de Almeida³

RESUMO: O Projeto AVALIEB está vinculado ao Projeto de Extensão em Interface com a Pesquisa: “Palavra, Reflexão e ações Pedagógicas de Inovação e Interação Educacional – PPRAPIN”, do curso de Letras/Inglês da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), na cidade de Cáceres-MT. Este projeto fundamenta-se no que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/MEC/2^a versão/2016) sobre a avaliação formativa como ato pedagógico de constituir e aplicar procedimentos, processos e resultados de avaliação que levem em conta os contextos, as condições e situações propostas de ensino para desenvolver interesses de ensino-aprendizagem no aluno. Objetivamos neste trabalho levar a Universidade e a escola a desenvolverem debates regrados sobre o conjunto de mecanismos e procedimentos que possibilitem entender as atividades pedagógicas de avaliação e correção apoiar e direcionar o processo de ensinar e aprender. Para delimitar o universo da pesquisa, adotou-se a seguinte metodologia: (1) deliberação do protocolo formal de concessão de espaço físico da Escola Municipal “Dom Máximo Biennès”; (2) caracterização do espaço físico e dos sujeitos da pesquisa; (3) disponibilização dos professores colaboradores para aplicação das atividades de ensino; (4) categorização das variáveis de gêneros textuais produzidos pelos alunos. O desenvolvimento do projeto despertou a consciência e a sensibilidade dos participantes sobre as dimensões cognitivas inerentes ao ato de corrigir e de avaliar, cuja prática dimensiona o processo de correção no âmbito de compreensão das dificuldades de aprendizagem do aluno na projeção de procedimentos de ensino necessários para suprir as dificuldades detectadas. A partir do empenho e da participação efetiva dos participantes do projeto, foi possível desenvolver debates na universidade acerca dos direcionamentos pedagógicos a serem adotados em sala de aula na escola com o intuito de melhorar o ensino-aprendizagem dos alunos e motivá-los a superar suas dificuldades a partir das atividades propostas em sala.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, avaliação, correção.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto AVALIEB está vinculado ao Projeto de Extensão em Interface com a Pesquisa: “Palavra, Reflexão e ações Pedagógicas de Inovação e Interação

¹Professora da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado e Coordenadora do PPRAPIN, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Jane Vanini – Cáceres-MT. E-mail: nancyung@hotmail.com

²Acadêmico do curso de Letras/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Jane Vanini – Cáceres-MT. E-mail: jeffersongenesio@gmail.com.

³Acadêmica do curso de Letras/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Jane Vanini – Cáceres-MT. E-mail: tatibuenoal@gmail.com.

Educacional – PPRAPIN”, do curso de Letras/Inglês da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), no Câmpus Universitário “Jane Vanini” da cidade de Cáceres-MT. Este projeto fundamenta-se no que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/MEC/2ª versão/2016) sobre a avaliação formativa como ato pedagógico de constituir e aplicar procedimentos, processos e resultados de avaliação que levem em conta os contextos, as condições e situações propostas de ensino para desenvolver interesses de ensino-aprendizagem no aluno. A avaliação formativa toma o resultado das ações avaliativas como referência para avaliar a progressão dos alunos nos ciclos de alfabetização e letramento, direcionar e evoluir para novas temáticas, procedimentos pedagógicos e Atendimento Educacional Especializado (AEE) de ensino, melhorar o desempenho da escola, aperfeiçoar as atitudes dos professores e estagiários quanto à prática de avaliar e corrigir. Isto é, fazer evoluir “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”.

2 DESENVOLVIMENTO

Objetivamos neste trabalho levar a Universidade e a escola a desenvolverem debates regrados sobre o conjunto de mecanismos e procedimentos que possibilitem dimensionar as atividades pedagógicas de avaliação e correção como ações interligadas necessárias para avaliar aprendizagem, detectar e controlar as dificuldades de aprendizagem, selecionar métodos de ensino, produzir material didático, aplicar e avaliar recursos e procedimentos didáticos, pedagógicos e tecnológicos para apoiar e direcionar o processo de ensinar e aprender; criar e disponibilizar materiais e apoio de orientação para professores e alunos, bem como manter processos permanentes de desenvolvimento docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento da gestão do ensino e da aprendizagem.

Para delimitar o universo da pesquisa, obter os dados e categorizar as variáveis referentes às ações pedagógicas de correção e avaliação adotou-se a seguinte metodologia: (1) deliberação do protocolo formal de concessão de espaço físico e cedência de 04 turmas de alunos do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal “Dom Máximo Biennès”; (2) caracterização do espaço físico e dos sujeitos da pesquisa (alunos do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos); (3) disponibilização dos professores colaboradores para aplicação das atividades de ensino, na sequência pedagógica de leitura, interpretação, análise linguística, produção de texto e avaliação; (4) categorização das variáveis de gêneros textuais produzidos pelos

alunos, na modalidade de texto argumentativo ou expositivo. O desenvolvimento do projeto despertou a consciência e a sensibilidade dos participantes sobre as dimensões cognitivas inerentes ao ato de corrigir e de avaliar, cuja prática dimensiona o processo de correção no âmbito de compreensão das dificuldades de aprendizagem do aluno na projeção de procedimentos de ensino necessários para suprir as dificuldades detectadas, e a avaliação dimensiona as competências adquiridas e projeta debates acerca dos avanços e direcionamentos pedagógicos a serem adotados em sala de aula na escola com o intuito de melhorar o ensino-aprendizagem dos alunos e motivá-los a superar suas dificuldades a partir das atividades propostas em sala com a participação de todos.

Na categorização das variáveis de gêneros textuais produzidos pelos alunos, tais como, conto, crônica ou poema (6º ano); texto dissertativo sobre “bullying” (6º ano); reportagem da oralidade do rádio para a escrita (7º ano); criação de um texto de ficção sobre um sonho a partir de História em Quadrinhos (HQs) apresentada em sala de aula pelos próprios alunos (8º ano); produção de texto dissertativo sobre o jovem e a tecnologia (9º ano), contamos com a colaboração e a participação direta das professoras titulares das turmas, pois cada uma teve o papel fundamental de motivar seus alunos para a produção dos textos; orientaram sobre a temática e a escrita do texto, que depois de recolhidos foram submetidos à primeira leitura e avaliados quanto ao atendimento do gênero solicitado. Depois deste procedimento os textos foram entregues à professora coordenadora do PPRAPIN para direcionar e orientar os participantes do projeto e os estagiários nos processos de correção e avaliação, que é de suma importância para a formação desses novos professores. Nessa categoria, os estagiários receberam as orientações necessárias para adquirir proficiência de léxico quanto à avaliação e à correção, de forma a distingui-las e direcionar os procedimentos de ensino posteriores. Para a correção dos textos foram estabelecidas 04 variáveis: (1) domínio do gênero; (2) temática; (3) estrutura composicional e (4) domínio da língua formal.

O desenvolvimento do projeto despertou a consciência e a sensibilidade dos participantes e dos estagiários sobre as dimensões cognitivas inerentes ao ato de corrigir e de avaliar, pois a partir deste trabalho compreenderam através da prática como se dá os processos de correção e avaliação que estão interligados, mas que diferem um do outro e assim compreenderam a importância do desenvolvimento do processo pedagógico em sala de aula e que “a correção e a avaliação confluem para um fluxo que vai do processo pedagógico de ensino à aprendizagem, elaborado a

partir de um olhar retrospectivo-vê o que foi feito antes- e outro prospectivo, que aponta para futuros rumos e opções de ensino” (ANTUNES, 2003).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que os descritores de participação bilateral: Unemat e Escola Municipal “Dom Máximo Biennès” são tradutores de um número significativo de colaboradores efetivos e receptores impactados e beneficiados pelas ações desenvolvidas pelo projeto e impulsionam a extensão universitária. A partir do empenho e da participação efetiva dos participantes do projeto, de estagiários do curso, dos alunos e das professoras da escola onde o projeto foi desenvolvido, foi possível desenvolver debates na universidade acerca dos direcionamentos pedagógicos a serem adotados em sala de aula na escola com o intuito de melhorar o ensino-aprendizagem dos alunos e motivá-los a superar suas dificuldades a partir das atividades propostas em sala com a participação de todos.

O estudo permitiu ainda identificar direcionamentos pedagógicos mais pontuais em que “os alunos começam a acreditar neles mesmos, descobrindo suas possibilidades de superar dificuldades, realizar coisas novas, contornar ou solucionar problemas de dificuldades de aprendizagem” (MARTINS, 2009). Direcionamentos estes amplamente discutidos entre os acadêmicos participantes do projeto, as professoras colaboradoras da escola e a professora coordenadora do projeto, tendo como objetivo buscar soluções pedagógicas a partir da experiência das professoras em sala de aula e o conhecimento teórico dos acadêmicos, sendo os alunos da escola os mais beneficiados dessa junção universidade-escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em especial, à comunidade educacional da Escola Municipal “Dom Máximo Biennes”, por disponibilizar espaço e agentes educacionais (alunos e professores) para que as ações do PPRAPIN se concretizassem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; I).

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. Avaliação formativa. MEC. 2º versão, 2016.

MARTINS, Jorge Santos. Situações práticas de ensino e aprendizagem significativa. Campinas, SP. Autores Associados, 2009. (coleção Formação de professores).

BOCHA ADAPTADA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Área Temática: Educação

Thamilla Luana Pereira Lopes ¹

Marina Brasiliano Salerno ²

RESUMO: O presente relato de vivência tem como finalidade expor e analisar as inclinações e resultados do projeto de extensão Incluir pelo Esporte com o foco principal na modalidade paradesportiva Bocha, com base nas experiências vivenciadas em treinos de bocha, que ocorreram na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que atualmente tem como público alvo pessoas com deficiência física, que perdura desde junho 2017 até o presente momento, com foco na formação profissional e atuação como professora da modalidade e árbitra. Que teve como resultado todos os envolvidos sendo beneficiados de formas distintas pelo projeto vigente.

Palavras-chaves: Projeto de extensão, bocha adaptado, inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O projeto Incluir pelo Esporte, além de integrar as pessoas com deficiência em práticas esportivas também busca promover a inserção desse grupo em um meio social no qual possam interagir e colaborar para a formação dos acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Ele é composto por diferentes modalidades como a natação paraolímpica, o futebol de 5, o atletismo e a bocha adaptada, sendo essa última o foco do presente relato.

A bocha adaptada é um esporte que foi modificado para atender, inicialmente, pessoas com paralisia cerebral, sendo que com seu desenvolvimento abarcou pessoas com má formação congênita que acarretam em limitações físicas e motoras, sendo que para serem elegíveis para praticarem a bocha devem enquadrar-se nas classes funcionais, que são:

BC1, BC2, BC3 e BC4, sendo que nas classes BC1 e BC3 o atleta tem a ajuda de um auxiliar, a classe BC2 são atletas com PC com autonomia para jogarem sem auxiliar, e a classe BC4 é composta por atletas

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno, Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

que apresentam uma grande disfunção locomotora nos quatro membros, de origem degenerativa e não cerebral.(PICULLI,2016,p.26).

O jogo pode ser disputado na forma individual, em pares ou em equipes. Uma partida consiste na disputa de quatro parciais, contudo, em treino pode haver variáveis, como apenas duas parciais ou apenas uma.

O projeto Incluir pelo Esporte tem o auxílio da Profa. Marli Casoli, técnica e classificadora funcional de bocha paraolímpica de Mato Grosso do Sul. Os participantes são atletas de alto rendimento que possuem experiência em competições nacionais e outros iniciantes na modalidade.

Desde 2016, então, a parceria dessa modalidade vem se fortalecendo dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que passa a ser um espaço possível para a realização de treinamentos, sendo que a realização de treinos em diferentes locais da cidade de Campo Grande-MS, colabora com a aproximação de pessoas com deficiência que possam ter dificuldade de acessar outros locais nos quais a bocha é ofertada na cidade.

Além desse aspecto, aproxima o grupo da pesquisa científica que pode auxiliar nas discussões referentes ao paradesporto de alto rendimento e ao ensino, sendo que a técnica já realizou palestras nas disciplinas e os acadêmicos já realizaram vivências da modalidade com os atletas, incluindo o I Festival de Bocha Paralímpica da UFMS.

O projeto de extensão, do ponto de vista do acadêmico, proporciona experiências que acarretaram melhoras na formação acadêmica e humana, sendo um meio para adquirir conhecimentos na área e obter uma formação repleta de práticas que agregam de forma significativa, para a construção de um profissional com melhor preparo para atuar em sua área de interesse, no caso, no âmbito escolar.

O que se destaca é o fortalecimento do tripé da universidade que se firma no ensino, na pesquisa e na extensão, demonstrando-se aqui essa relevância pelo viés do olhar da formação profissional. Assim, o objetivo do presente relato foi divulgar a experiência com o projeto Incluir pelo Esporte na modalidade da Bocha Paralímpica.

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno , Educação Física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

2 DESENVOLVIMENTO

No decorrer do ano de 2017, foi oportunizado aos acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) a participação no projeto Incluir pelo Esporte como bolsista ou voluntários, este projeto tem como coordenadora a professora doutora Marina Brasiliano Salerno. Este oferece a comunidade externa da UFMS treinos de atletismo e bocha paralímpica, natação e o futebol de 5.

Desde então, passei a acompanhar os treinamentos de bocha e atletismo adaptado e natação. Dentre as modalidades considerei mais adequado relatar minha vivência na bocha adaptada.

Os treinos de bocha aconteciam inicialmente duas vezes por semana, no ginásio coberto da UFMS, aplicado pela professora e treinadora Marli Cassoli, que nos acolheu e ensinou como se organiza os treinos, regras, tática e técnicas do jogo, sobre as classes, entre outros. Como método de ensino e concomitantemente auxílio nos treinos, ministrávamos treinos e arbitrávamos os jogos, quando não, fazíamos anotações referentes aos resultados dos treinos

Os atletas envolvidos, grande parte, já participavam de treino desta modalidade, por meio da Associação Campo-grandense Para desportiva Driblando as Diferenças (ADD), assim já havia previamente o conhecimento sobre a bocha, desta forma, também contribuíram para nossa formação, nos transmitindo conhecimentos e experiências da modalidade e de vida.

De acordo com Cardoso (2011, p. 530 apud MELO E LÓPEZ, 2002), o desporto “é a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias a sua deficiência e promover a integração social do indivíduo” e desta forma os atletas também se beneficiam desta ação.

Além das vivências de treino, ocorreu a oportunidade de viajar para um “open de bocha”, que aconteceu em Aquidauana-MS, como auxiliar da treinadora Marli e dos atletas. Neste evento, participaram atletas desde o nível iniciante até o avançado,

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno, Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

de várias regiões de Mato Grosso do Sul, expandindo as possibilidades de troca de experiências.

Ao decorrer do evento houve a necessidade de se realizar um maior número de jogos simultaneamente, por conta do curto período que restava para a conclusão do mesmo, assim por ter a necessidade de mais árbitros e mesários, a professora Marli julgou que pelos ensinamentos que nos foi transmitido, ao decorrer dos treinos, seríamos capazes de atuar como árbitros ou mesários, mesmo não sendo certificada desempenhei corretamente as funções de mesária dos jogos.

Outra ação realizada para que a Bocha Paralímpica, por meio do Incluir pelo Esporte, tenha visibilidade, foi a realização do I Festival de Bocha Paralímpica da UFMS que ocorreu ao final da disciplina de Educação Física Inclusiva, ministrada pela professora Marina. Tal festival promoveu de forma mais enfática a reunião daqueles que treinam a bocha, seus familiares e os acadêmicos do curso de Educação Física, bem como atletas de outras modalidades.

Para a organização do evento, foram formadas equipes compostas por um atleta de bocha e mais duas outras pessoas não atletas e escolhidas por eles. Esse momento de interação proporcionou o ensino da bocha pelos atletas, bem como momento de diálogo para se estabelecer estratégias conduzidas pelos atletas experientes. Nesse momento, pude trabalhar como mesária e como atleta, integrando uma equipe composta por uma atleta iniciante, seu irmão e eu.

Essas foram algumas das atividades realizadas ao longo do período estabelecido para o presente trabalho, sendo que já está prevista a ida à etapa regional de Bocha que ocorrerá em Uberlândia/MG, período no qual, se autorizado, realizarei o curso de arbitragem de Bocha Paralímpica para ser certificada.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

De antemão, é notável os resultados visto que o objetivo primordial do projeto é a inclusão, por os treinos acontecerem em um ambiente acadêmico, o fluxo de pessoas é intenso, onde também há a participação de seis monitores, bolsistas e

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno, Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

voluntários, que estão sempre presentes nos treinos. Ocorre que sempre há a interação proposta, juntamente com os eventos citados, que impulsionou este objetivo.

A todo momento houve incentivo e fomento para nosso ensinoaprendizagem, sempre supervisionado de maneira adequada para não subsistir falhas em nossas experiências práticas, em constante expansão de vivências, para além da universidade.

Figura 01- Premiação do “open de bocha”.



Fonte: Imagem cedida pela professora Marli Cassoli.

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno, Educação Física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

Imagem 02- Premiação do I Festival de Bocha Paralímpica da UFMS.



Fonte: Imagem cedida pela professora Marli Cassoli.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que no decorrer de todo meu período vigente no incluir pelo esporte, foi uma construção gradativa e coletiva dos conhecimentos dos meus colegas e meus, com enfoque na formação acadêmica, contudo automaticamente agregando no pessoal de cada integrante do mesmo.

Cada aprendizado resultante desde período que permaneci no projeto de extensão teve extrema significância para meu crescimento, de forma que demonstrou outros pontos de vista, de como analisar e lidar com situações adversas.

Por fim, todos os envolvidos são beneficiados pelo incluir pelo esporte, pois os professores que ministram os treinos recebem o auxílio necessário, os atletas que dispõem de mais horários de treinamento e os auxiliares acadêmicos aproveitam de todo conhecimento que transborda durante o desenvolver do projeto.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, V. D.; **A reabilitação de pessoas com deficiência através do esporte adaptado** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p.530, abr./jun. 2011.

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno, Educação Física, Universidade Federal de Matogrosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

PICULLI, M. **Entendendo a iniciação esportiva para o ensino da bocha paralímpica brasileira.** Dissertação (Mestrado em Educação Física), p.26 - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

¹ Thamilla Luana Pereira Lopes, Discente de Educação física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: Thamilla.ll@hotmail.com, ² Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno , Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: marina.brasiliano@gmail.com

CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DO 5º E 9º ANO DA CIDADE DE DOURADOS E DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Área Temática: Educação

Juliana Maria de Aquino¹

Juliana da Cruz Prado²

RESUMO: O objetivo principal deste projeto é prestar o serviço de informação à comunidade de Dourados/MS, acerca da situação da educação básica do município, em termos das características das escolas, diretores, professores e alunos. Com esse intuito, pretende-se elaborar e divulgar, semestralmente, boletins informativos sobre o tema. O primeiro boletim irá abordar as características dos alunos e envolverá a aplicação de técnicas estatísticas aos microdados da Prova Brasil do ano de 2015. Dessa forma, almeja-se alinhar ensino, pesquisa e extensão, já que a análise e divulgação das informações sobre o sistema educacional do município podem subsidiar as políticas públicas educacionais. Além disso, a divulgação desses resultados, a partir de boletins digitais, permitirá que a comunidade como um todo possa conhecer a realidade da educação municipal, assim como opinar sobre um tema de extrema importância.

Palavras-chave: Boletim Educacional; Dourados/MS; Prova Brasil

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o tema educação tem sido alvo de muitos estudos e, essa atenção especial, provavelmente, decorre dos benefícios que a escolaridade acarreta, sejam eles individuais, sociais ou pela possibilidade que a educação tem de romper o ciclo de pobreza entre gerações.

Nesse contexto, o objetivo principal deste projeto é trazer informações para a comunidade de Dourados/MS sobre a situação da educação básica do município, em termos das características das escolas, diretores, professores e alunos. A ideia é analisar os dados educacionais do município de Dourados, a partir da Prova Brasil e divulgar os resultados por meio de publicação de boletim digital. A divulgação desses resultados, a partir de boletins digitais, permitirá que a comunidade como um todo possa conhecer a realidade da educação municipal, assim como opinar sobre um tema de extrema importância.

¹ Doutora em Economia, FACE, UFGD, julianaaquino@ufgd.edu.br.

² Acadêmica do curso de Ciências Econômicas, FACE, UFGD.

DESENVOLVIMENTO

Considerando o objetivo deste projeto, os boletins sobre a educação básica do município de Dourados serão elaborados com base em uma análise exploratória quantitativa: tabulação de dados, análise das médias e variâncias das variáveis escolares e familiares, e divulgação desses resultados à comunidade. Os boletins serão divulgados no site do Laboratório de Pesquisas e Estudos Regionais (LAPER) da FACE, UFGD. Além disso, a divulgação também acontecerá via divulgações institucionais. A ideia é que as informações cheguem ao conhecimento da secretaria da educação e dos municípios. Na elaboração dos boletins serão utilizados os microdados da Prova Brasil. No primeiro boletim, serão apresentados os dados referentes aos alunos do quinto e nono ano do ensino básico do município de Dourados, assim como uma comparação com os dados estaduais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os dados apresentados no primeiro boletim educacional serão provenientes da Prova Brasil do ano de 2015, que avalia o grau de proficiência dos alunos nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, além de suas características.

As notas médias dos alunos do 5º ano para a cidade de Dourados e o estado de Mato Grosso do Sul, na disciplina de Matemática, foram, respectivamente, de 227,01 e 218,85 pontos. Na disciplina de Língua Portuguesa, as médias foram 217,04 e 209,28, respectivamente. Para os alunos do 9ª ano, as notas médias de matemática foram de 267,00 na cidade de Dourados e 263,69 no Estado. Já na disciplina de português, as médias foram, respectivamente, 262,56 e 269,15 pontos.

Os resultados para o Estado mostram que, para o 5º ano, a proporção de mulheres é de 49% e a de homens 51%, seguido de, 47% mulheres e 53% homens na cidade de Dourados. Já para o 9º ano, os dados apontam que no estado do Mato Grosso do Sul 53% são mulheres e 46% são homens, seguido de, 55% mulheres e 46% homens para a cidade de Dourados.

A figura 1 apresenta dados referentes à faixa etária dos estudantes. Como pode ser observado, no Estado, 75,6% têm entre 10 e 11 anos no 5º ano e, na cidade de Dourados, 73,24% tem entre 10 e 11 anos. Para o 9ª ano, os dados estaduais mostram que 75,34% nasceram em 2000 e 2001 e, em Dourados, 72,38%.

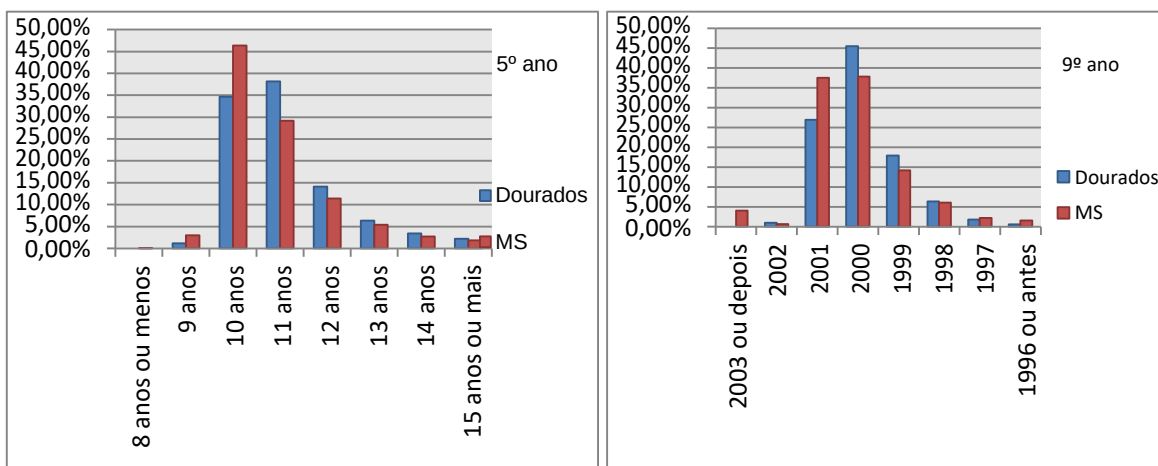


Figura 1- Distribuição da faixa etária dos alunos da cidade de Dourados e do estado do Mato Grosso do Sul para o 5º ano, por idade, e 9º ano por ano em que nasceu

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da Prova Brasil 2015

A tabela 1 mostra a classificação dos alunos por cor ou raça. Observa-se que a maior parte dos alunos se declararam pardos: 41,86% dos alunos do 5º ano, em Dourados, e 46,1%, no Estado, e para o 9º ano, 45,45% e 50,25%, respectivamente.

Tabela 1 – Classificação dos alunos por cor ou raça

	5º ano Dourados	5º ano Mato Grosso do Sul	9º ano Dourados	9º Ano Mato Grosso do Sul
Branco(a)	32,71%	28,04%	37,34%	29,74%
Pardo(a)	41,86%	46,10%	45,45%	50,25%
Preto(a)	5,34%	6,0%	7,71%	8,17%
Amarelo(a)	2,32%	1,99%	3,49%	3,82%
Indígena	1,93%	2,59%	0,73%	1,72%
Não sei	15,85%	15,28%	5,28%	6,30%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da Prova Brasil 2015

A figura 2 ilustra o hábito de leitura pelos pais ou pessoas responsáveis e o grau de incentivo aos estudos. Os dados apontam que 90,54% dos alunos do 5º e 9º ano já viram seus pais ou responsáveis lendo, e que 98,42% recebem incentivos para estudarem.

Para os alunos do 5º ano em Dourados, 3,25% não recebem incentivos para realizarem os deveres de casa. Já no Estado, essa proporção é 3,78%. Para os alunos do 9º ano, a proporção é de 6,16%, para Dourados, e 13,8% no Mato Grosso do Sul.

Considerando a participação em reuniões de pais pelos pais ou responsáveis, em Dourados, para o 5º ano (9º ano), 13,67% (18,76%) nunca ou quase nunca vão. No Estado, a proporção de pais ou responsáveis que nunca ou quase nunca participam das reuniões é de 9,51%, para o 5º ano, e 10,48%, para o 9º ano.

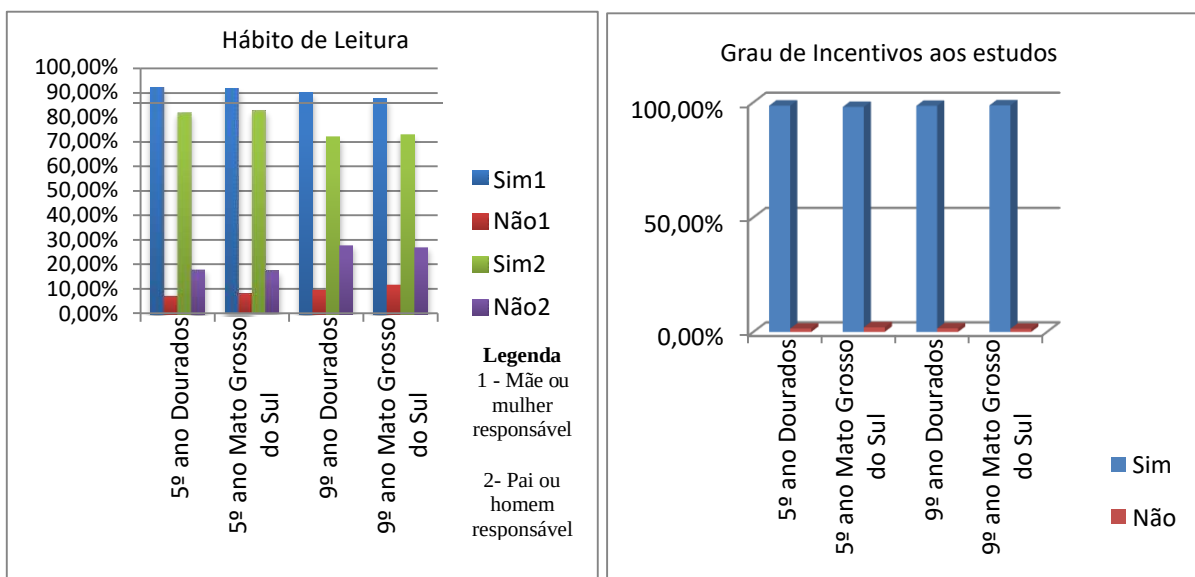


Figura 2- Distribuição em porcentagem do hábito de leitura dos pais ou responsáveis e grau de incentivos aos estudos

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da Prova Brasil 2015

O grau de reprovação, de pelo menos uma vez, para o 5º ano (9º ano), em Dourados, é de 34,85% (36,71%). No Estado, valores são, respectivamente, 31,55% e 34,34%.

Com relação à escolaridade da mãe ou mulher responsável, para os alunos do 5º ano, 16,55%, em Dourados, completaram o ensino médio, e 15,71% no Estado. Para o 9º ano, a proporção que completou o ensino médio sobe para 33,17%, em Dourados, e 28,05% no Estado.

A tabela 2 apresenta a classificação dos alunos quanto à frequência em bibliotecas ou sala de leitura nas escolas. Os dados mostram que 49,8% (46,71%) dos alunos do 5º ano (9º ano), em Dourados, freqüentam de vez em quando a biblioteca ou salas de estudos. Para o Estado, as proporções são de 45,16%, no quinto ano, e 44,35% no nono ano.

Tabela 2 – Classificação da frequência em biblioteca ou sala de leitura das escolas, para os alunos do 5º e 9º ano, na cidade de Dourados e no estado de Mato Grosso do Sul

	5º ano Dourados	5º ano Mato Grosso do Sul	9º ano Dourados	9º ano Mato Grosso do Sul
Sempre ou quase sempre	31,27%	23,9%	15,74%	10,84%
De vez em quando	49,8%	45,16%	46,41%	44,35%
Nunca ou quase nunca	13,75%	18,61%	33,61%	37,23%
A escola não possui biblioteca ou sala de leitura.	5,18%	12,33%	4,24%	7,58%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da Prova Brasil 2015

Na figura 3 são apresentados os hábitos em diversos tipos de leituras preferidos pelos estudantes para o 5º e 9º ano em Dourados e no Estado.

Os dados mostram que, para a cidade de Dourados, 50,18% lêem gibis, sempre ou quase sempre, seguido de 51,05% no Estado, para os alunos do 5º ano. Já para os alunos do 9º ano, 58,68% sempre ou quase sempre, lêem notícias na internet, cidade de Dourados, e 57% no Estado.

Para os alunos do 5º ano, no Estado, 3,53% não recebem incentivos a leitura pelos pais, seguido por 7,38%, em Dourados. Para os alunos do 9º ano, essa proporção é de 13,80%, no Estado, e 15,73%, em Dourados.

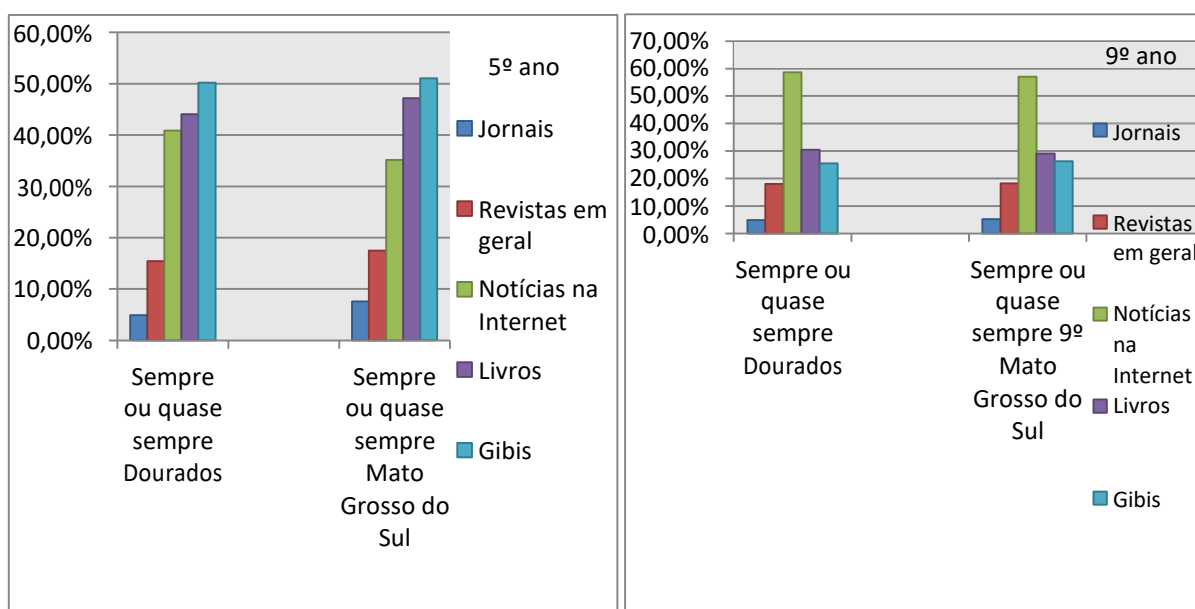


Figura 3 – Distribuição de frequência em diversos tipos de leituras para os alunos de (Dourados) e do estado do (Mato Grosso do Sul) para o 5º e 9º ano

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da Prova Brasil 2015

Em relação a aquisição de computadores, 28,91% dos alunos do 5º ano, em Dourados, não tem nenhum, seguido de 37,48% no MS. Para o 9º ano, essas proporções são de 21,58%, em Dourados, e 28,55% no MS.

Os dados mostraram que 10,91% dos alunos do 5ª ano, em Dourados, trabalham fora recebendo salário, seguido de 12,14% no MS. Para o 9º ano, as proporções são de 19,3% e 18,81%, respectivamente.

Para o 9º ano em Dourados, 68,3% dos alunos pretendem trabalhar e estudar após concluir o período do ensino fundamental, seguido de 62,2% no MS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados apresentados evidenciou que, para a cidade de Dourados, 26,05% dos alunos do 5º ano estão acima da idade para essa série, e para o MS essa representação é de 26,66%. Para os alunos do 9º ano, 26,06% apresentaram idade acima de 16 anos, em Dourados, e 23,98%, no Estado.

Para a cidade de Dourados, em relação aos alunos do 5º ano (9º ano), 4,59% (5,52%) já abandonaram a escola pelo menos uma vez. Já no Estado como um todo, essa proporção é de 6,6%, para os alunos do quinto, e 6,94% para os do nono ano. Na cidade de Dourados, a proporção de alunos do quinto ano que não recebe incentivos para ir a escola e a não faltarem foi de 2,46%, seguido de 3,53% no MS. Para os alunos do 9º ano, essa proporção é de 1,55%, em Dourados, e 1,75% para o Estado.

O próximo passo do projeto é, a partir desses primeiros achados, relacioná-los com o desempenho dos alunos avaliados. Dessa forma, resultados mais elaborados serão divulgados no primeiro boletim digital sobre a situação da educação básica no município de Dourados, resultados que podem auxiliar as políticas municipais voltadas para a questão educacional, além de permitir que a população possa conhecer a realidade da educação municipal.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Microdados da Prova Brasil 2013. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>>. Acesso em: mar. 2018

CENTRO DE FORMAÇÃO NA UFGD: DANDO OPORTUNIDADE A TODOS!

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Rosilda Mara Mussury Franco Silva¹

Autores: Fabíola Renata Cavalheiro Caldas², Francieli Maria Pazdiora³, Glauber da Silva⁴, Juliana Rosa Carrijo Maud⁵, Rute Eliz Vargas Marques Stranieri⁵

RESUMO: Ciente de que seu papel na sociedade vai além da formação de profissionais de qualidade, e assumindo o compromisso social de difundir o conhecimento gerado dentro de seus muros, tornando-o acessível à sociedade em que se insere, a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEX, criou o Centro de Formação, que tem como objetivo ofertar a comunidade externa e interna da Universidade, a formação em diversas línguas estrangeiras modernas; a preparação de alunos para o ingresso no Ensino Superior, por meio de curso preparatório Pré-Vestibular e ENEM; Formação complementar de alunos da Rede Pública de Ensino mediante aulas de reforço nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, e Informática; e por fim, a formação Continuada de Professores da Rede Pública de Ensino, mediante a oferta de temas relacionados à prática docente. Assim, o Centro de Formação da UFGD congrega quatro (4) eixos: Cursinho Pré-Vestibular; Línguas Estrangeiras; Habilidades e Formação Continuada de Professores.

Palavras-chave: Extensão, Língua estrangeira, Formação Continuada, Curso Pré-Vestibular.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Centro de Formação da UFGD é uma ideia que nasceu há 20 anos a partir de projetos de extensão anteriores, cuja finalidade precípua foi o ensino de línguas estrangeiras, tendo como principal vocação, a oferta de curso de idioma de língua inglesa para alunos da UFGD e fora dela. Com o tempo, percebeuse a necessidade de expansão para além da oferta de idiomas, surgindo assim, o Programa

¹ Prof.^a Dr.^a da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais da UFGD, maramussury@ufgd.edu.br

² Técnica Administrativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD

³ Técnica Administrativa do Escritório de Assuntos Internacionais da UFGD

⁴ Técnico Administrativo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD ⁵

Prof.^a Dr.^a da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais da UFGD

⁵ Técnica Administrativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD

no modelo atual, contando com quatro eixos, quais são Eixo Cursinho Pré-Vestibular, Eixo Línguas Estrangeiras, Eixo Habilidades e o Eixo Formação

Continuada de Professores. Esses eixos norteiam o Programa do Centro de Formação da UFGD, buscam à inserção do cidadão nos meios sociais e culturais e visam proporcionar aos estudantes internos e externos da UFGD e à professores da Rede Pública de Dourados e Região, o acesso à cursos de qualidade, voltados para a sua necessidade formativa inicial e continuada. Também, são ofertados cursos gratuitos para comunidades em situação de vulnerabilidade social, tais como indígenas, quilombolas, assentados rurais, entre outros.

O Centro de Formação da UFGD está pautado na tentativa de atender o Plano Nacional de Extensão Universitária, que tem, entre outros objetivos, o compromisso de *“reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade”* (PNEU, maio/2012).

O Eixo “Língua Estrangeira” é de fundamental importância para a inserção do estudante da UFGD e da Comunidade Externa nos meios culturais, viabilizando a interação com outras culturas, por meio do ensino de língua estrangeira moderna. Tal eixo permite o acesso às publicações de periódicos em outras línguas, além do oferecimento de cursos de proficiência para os exames exigidos pelos programas de Pós-Graduação da UFGD e de outras Instituições de Ensino Superior. Neste programa, a universidade está despertando o interesse pela aprendizagem das línguas, através de cursos qualificados, disponibilizando sete (7) línguas estrangeiras, a saber, inglês, francês, alemão, japonês, espanhol, italiano e latim.

O Eixo de Formação “Cursinho Pré-Vestibular” é um curso preparatório intensivo que visa preparar o estudante para as provas de vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, alcançando o acesso aos cursos de níveis superiores da UFGD e outras. Nessa mesma direção, o curso preparatório também prima pela qualidade do ensino ministrado e pela elevação do índice de ingresso de alunos socioeconomicamente carentes, oriundos de escolas públicas, nos cursos de graduação, principalmente de universidades públicas, configurando-se como uma forma de promoção da igualdade no acesso ao Ensino Superior. O atual projeto

permite a população local e regional, economicamente desfavorecida, a ampliação de condições para competirem pelas vagas no Ensino Superior com estudantes oriundos das escolas privadas, dos cursos preparatórios da cidade e região, bem como disputar as vagas dos Cursos de Graduação da UFGD com estudantes de outros estados que aqui chegam muito bem preparados. O Eixo Cursinho PréVestibular também foca as comunidades vulneráveis da região, como indígenas, quilombolas e assentados rurais, melhorando as condições de acesso dessas populações mais carentes ao ensino superior, abrangendo não apenas as vagas específicas, como também, as de concorrência geral.

O Eixo “Formação Continuada de Professores da Educação Básica” busca atender a política nacional de extensão e *“o Plano Nacional de Educação, [que] (...) estabelece a responsabilidade das Universidades nas suas funções de Ensino, Pesquisa e Extensão, na formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica”* (FORPROEX, 2015). A proposta visa provocar mudanças na postura docente e no fazer pedagógico dos professores com vistas à formação de profissionais competentes, dotados de uma fundamentação teórica consistente e com capacidade de análise e reflexão crítica acerca de todos os aspectos que compõem e influenciam o contexto escolar.

O “Eixo Habilidades” visa atender demanda por reforço escolar e outras formações, de alunos da educação básica de comunidades carentes, no município de Dourados. Além disso, oferece curso de português para estrangeiros para imigrantes haitianos residentes em Dourados/MS.

2 DESENVOLVIMENTO

O Eixo Línguas oferta a comunidade acadêmica interna e externa da Universidade sete (7) idiomas, sendo eles: inglês, espanhol, japonês, alemão, francês, italiano e latim. Os cursos são oferecidos em módulos de 50 horas, em regime semestral, com carga horária de 3 horas semanais, sendo ministradas duas aulas semanais de 1h30min cada, ou uma aula semanal de 3 horas. As aulas são ministradas por professores da área de línguas, e foram selecionados via edital, dentre os alunos de Graduação e Pós-Graduação da UFGD, técnicos e docentes.

Os números da procura pelos cursos têm superado as expectativas da universidade, elevando a demanda a cada ano. Em 2017, foram matriculados 811 alunos nos cursos no em dois semestres. No primeiro semestre, 416 alunos foram matriculados em 24 turmas, dos quais 59,5 % das vagas foram preenchidas pela comunidade interna e 40,5% das vagas foram preenchidas pela comunidade externa. No segundo semestre, 395 alunos foram matriculados em 26 turmas, sendo 37,5 alunos da comunidade externa e 62,5 da comunidade interna.

No primeiro semestre de 2018 foram inseridos mais dois idiomas, italiano e latim, além dos idiomas já existentes. Foi ainda ofertada a modalidade de Inglês Instrumental. No ano de 2018, foram matriculados 609 alunos em 35 turmas no primeiro semestre de 2018, sendo 43,35 alunos da comunidade externa e 56,65 da comunidade interna.

O Eixo “Cursinho Pré-Vestibular” foi organizado em regime intensivo, contando com duas turmas, a primeira com setenta (70) alunos, que ocorreu no mês de outubro dos anos de 2016 e 2017, visando especificamente o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e outra turma de setenta (70) alunos, que ocorreu no mês de novembro dos anos de 2016 e 2017, visando à preparação para o Vestibular da UFGD. As aulas foram ministradas por professores/instrutores com experiência em cursinhos pré-vestibular.

O sucesso desse Eixo de Formação foi medido pela constante procura por alunos das escolas de Ensino Médio do município de Dourados e região. Em 2016 o curso preparatório para o Enem contou com 65 (sessenta e cinco) inscritos. O módulo teve apenas 01 (um) desistente e concedeu 01 (uma) bolsa para uma aluna, portadora de necessidades especiais. O módulo Vestibular UFGD contou com 72 (setenta e dois) inscritos. O módulo teve apenas 01 (um) desistente e concedeu 02 (duas) bolsas para alunos de escola pública.

Em 2017 o curso Preparatório para o Enem contou com 70 (setenta) inscritos, o módulo teve apenas 01 (um) desistente e concedeu 01 (uma) bolsa. Para o módulo Vestibular UFGD houve 120 (cento e vinte) inscritos, tendo registrado apenas 01 (um) desistente e concedido 01 (uma) bolsa para aluno de escola pública. Ressalta-se que em 2017 a UFGD estendeu ao Assentamento Itamarati, em Ponta Porã-MS, o Cursinho pré-vestibular permitindo que alunos das escolas daquela área rural, distante

de centros urbanos, pudessem também aumentarem as possibilidades de ingresso na universidade.

A viabilização do Eixo “Formação Continuada de Professores da Educação Básica” deu-se mediante o estabelecimento de parceria com o Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação de Dourados – SIMTED, para oferecimento de oficinas temáticas com diferentes enfoques voltados à reflexão e aperfeiçoamento da prática docente, nos diversos temas que permeiam a escola pós-moderna. Os temas foram propostos a partir da manifestação de professores e do Sindicato, que ao perceberem determinadas carências no fazer pedagógico, nas práxis de sala de aula, encaminhou os temas para consideração da Universidade, que por sua vez, consultou junto a professores das respectivas áreas de atuação e pesquisa, bem como núcleos de estudos da Universidade, a viabilidade de ministrar gratuitamente as palestras.

As atividades de referido Eixo tiveram início em 2018 tendo sido apresentadas até o momento as seguintes oficinas: Diálogos Interdisciplinares: Educação Vocal - Viva Voz; Diálogos Interdisciplinares: Educação Escolar Indígena; Diálogos Interdisciplinares: Novos olhares para a sexualidade e gênero na Educação: a) Gênero e a questão dos direitos humanos nas escolas; b) A questão Trans no ambiente escolar. Serão ainda ofertadas outras oito (8) oficinas formativas.

Foram feitas 221 inscrições de professores da Educação básica das redes estadual e municipal para participar das oficinas temáticas. Antes mesmo de concluir as palestras do ano de 2018, a UFGD já tem recebido consultas para novas palestras, para este ano e para o ano de 2019. Ao promover a discussão sobre temas de interesses diversos, o Eixo tem atingido uma avaliação muito positiva, conferida por manifestações de educadores, que enviam suas menções de elogios, pessoalmente durante as palestras, na indicação para que outros professores participem das palestras, por telefonemas a Pró-Reitoria, e por e-mail.

O Eixo Habilidades conta com 5 (cinco) bolsistas formadores, que atuam nas áreas de matemática, português, inglês, informática e português para haitianos. Esse Eixo atende a 75 (setenta e cinco) crianças do 1º ao 5º, no prédio da Escola Municipal Prof.^a Clori Benedetti de Freitas, em seus contraturnos escolares. As disciplinas do eixo são divididas em aulas de 45 minutos, sendo ministradas uma vez por semana, oportunizando às crianças aulas de reforço escolar e introdução à

microinformática, como ferramenta no auxílio do aprendizado e na preparação para o mercado de trabalho. O eixo tem apresentado por parte dos alunos da escola ampla participação percebendo avanços positivos nos alunos.

A oferta de aulas de língua portuguesa para haitianos surgiu da demanda desses imigrantes, recebidos na cidade, e que passam por grandes dificuldades de comunicação e interação por meio da nossa língua oficial. Essa ação atende 20 haitianos, que necessitam do aprendizado da língua portuguesa a fim de viabilizar a sua permanência e sua inserção no mercado de trabalho em Dourados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O Programa do Centro de Formação da UFGD surgiu da necessidade de proporcionar a comunidade interna e externa o acesso às ações de extensão que transformam positivamente a sociedade a partir da educação. Assim, o Centro de Formação assume uma responsabilidade social para com a comunidade local.

A ação de extensão atende a área temática da educação atuando na formação escolar, por meio do Eixo Habilidades, possibilitando aulas de reforço, de informática e língua inglesa, evitando a evasão e a retenção escolar. A Formação de Professores permite o acesso de professores da Rede Pública de Ensino a oficinas formativas gratuitas, e que levam em consideração as demandas dos próprios profissionais da educação nas suas práticas em sala de aula. O preenchimento total das vagas e o reduzido número de evasão demonstra que o Cursinho Pré-vestibular também tem atendido satisfatoriamente a comunidade. Os resultados obtidos nas aprovações em vestibulares e o alto número de ingressos nas universidades por meio do ENEM demonstra que é preciso manter e ampliar ações dessa natureza. A oferta dos vários idiomas pelo Eixo Línguas Estrangeiras possibilita o acesso da comunidade a aulas de idiomas de qualidade, ministradas por professores proficientes nos respectivos idiomas, garantindo a mesma qualidade no ensino das escolas de idioma do município, com o diferencial de custos populares e acessíveis a comunidade mais carente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbra-se que o Programa do Centro de Formação da UFGD cumpre plenamente os objetivos basilares da Extensão Universitária, ao considerar as necessidades da sociedade e prover os meios de atender a essas demandas. A Extensão assume assim, o seu papel de transformar a sociedade por meio da Formação Escolar e acadêmica.

REFERÊNCIAS

OMIDO. A.R; CALDAS. F.R.C; OLIVEIRA. A.L.; MUSURY. R.M. **Cursinho UFGD – a retomada de um projeto de extensão de grande impacto social**. Revista Realização e Cultura. Vol. 3, nº 6. UFGD, Dourados/MS, 2016; Disponível em <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/6806/3820>, acessado em 26/07/2018.

Programa Nacional de Extensão Universitária – PNEU; Manaus/AM – maio de 2012, disponível em <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-deExtens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>, acessado em 26/07/2018.

XXXI ENCONTRO NACIONAL DO FORPROEX. Carta de Manaus. Maio de 2012.

CINEMA E EDUCAÇÃO: uma atividade extensionista que promove a formação inicial e continuada

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Andréa Kochhann¹, Maria Eneida da Silva

Autores: Naiane Silva Prazer², Helen Ribeiro³, Ana Caroline Martins de Sousa⁴, Iago Silva Rosa⁵, Joyce de Jesus Rodrigues⁶, Hilda Freitas Silva⁷

RESUMO: O presente texto tem por finalidade socializar as atividades de cinema e educação realizadas pelo Projeto de Extensão “GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade” e pelo Projeto de Extensão “Cinema e Educação: uma análise crítica em sala de aula” ambos da Universidade Estadual de Goiás. A metodologia desse artigo ancora-se em estudo bibliográfico e observação participante. O trabalho traz primeiro uma análise teórica sobre o cinema e a educação e em seguida apresenta algumas atividades realizadas no ano de 2017, nos cursos de Química da UEG Campus Formosa, no curso de Pedagogia da UEG Campus Luziânia e como oficina no evento ENILIC em Valparaíso. Inferimos que o uso do cinema como metodologia educacional pode favorecer a construção do conhecimento se houver um planejamento coerente com o conteúdo a ser trabalhado.

Palavras-chave: Cinema e Educação, Formação Docente, Concepção Acadêmica. GEFOPI.

1 INTRODUÇÃO

O tema cinema e educação foi por três anos consecutivos um Projeto de Extensão intitulado “Cinema e Educação: uma análise crítica em sala de aula”, o qual originou o livro com o mesmo nome do projeto, além de vários artigos publicados em anais de eventos científicos. Como o Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI), criado em 2006, vinculado ao Campus São Luís de Montes Belos, foi cadastrado como projeto integrado, as ações realizadas pelo grupo foram aglutinadas nesse projeto. Assim, as salas de cinema, oficinas de cinema ou

¹ Andréa Kochhann - Pedagoga pela UEG, Especialista em Docência Universitária pela UEG, Mestre em Educação pela PUC – GO, Doutoranda em Educação pela UnB. andreakochhann@yahoo.com.br
Maria Eneida da Silva – Letras pela UEG, Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia pela UEG, Doutoranda em Educação pela UnB. Docentes da UEG.

² Acadêmica do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás.

³ Acadêmica do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás.

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás.

⁵ Acadêmico do curso de Química pela Universidade Estadual de Goiás.

⁶ Acadêmica do curso de Química pela Universidade Estadual de Goiás.

⁷ Historiadora pela UEG. Mestranda em Antropologia pela UFG.

rodas de conversa de cinema, são atividades de extensão realizadas pelos componentes do GEFOPI.

Destarte, este trabalho prima por socializar as atividades de cinema e educação realizadas no ano de 2017, como roda de conversa no curso de Química da UEG Campus Formosa e como oficina no evento ENILIC em Valparaíso e no curso de Pedagogia da UEG Campus Luziânia. O objetivo maior das atividades de cinema e educação é promover a formação inicial e continuada dos partícipes tanto como protagonistas quanto ouvintes da ação. O GEFOPI defende a concepção acadêmica de característica processual e orgânica para a emancipação dos sujeitos.

A metodologia escolhida para a escrita desse artigo é qualitativa, bibliográfica em autores como Paulo Freire (1999); Duarte (2009); Lera e Rosa (2013); Leite (1996), como também utilizando e dialogando com a observação participante nas atividades realizadas. Para uma apresentação coerente da escrita primeiro haverá uma análise teórica sobre a temática e na sequência a socialização das atividades supracitadas.

2 DESENVOLVIMENTO

A história, a literatura, a imaginação, contextos culturais e outros, são fonte de inspiração para diversos cineastas. Essas obras do cinema, considerado a sétima arte, foi utilizada inicialmente no contexto educacional na Europa logo após a primeira guerra mundial. O movimento incitou a criação de institutos de cinema educativos, onde eram produzidos filmes educativos. Destaca-se que em 1925 a Itália organizou um instituto de cinema educativo. Portanto, o cunho educacional do filme, tem uma perspectiva europeia, que no Brasil se dissemina com as características locais.

Diante do exposto, a chegada do cinema como metodologia no Brasil, por volta do final dos anos vinte, trouxe discussões sobre a relação existente entre a educação e cinema, as revistas de educação e cinema, e a defesa do mesmo como método de educação. Esse momento foi importante, pois além de disseminar a reflexão sobre o cinema e educação, houve também a possibilidade de repensar os próprios filmes brasileiros. Ademais, em um país tão grande territorialmente, pensar o que vê nos vídeos como forma de reflexão social, é também o que Paulo Freire (1999) diz sobre os saberes necessários para prática educativa, citando entre eles, a curiosidade, reconhecimento e assunção da identidade cultural. Nessa perspectiva,

pensar os filmes é também pensar sobre a identidade e as amarras sociais do Brasil e da relação deste com/no mundo.

Neste contexto de institucionalização do cinema educativo no Brasil, em 1936 foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), introduzindo o cinema educativo no Brasil. Neste período, segundo Duarte (2009) o cinema estava entre o maior meio de entretenimento em todos os países. Fatores como esses são importantes para demonstrar que o cinema como ferramenta educacional se insere, potencializando o desenvolvimento de estratégias de aprendizagens como percepção da realidade, identificação e interpretação, proporcionando abordagens de aspectos históricos, literários e cinematográficos. Ou seja, todas as disciplinas podem ser apoiadas cinematograficamente e problematizadas dentro do processo de ensino aprendizagem.

O uso dessa metodologia é desenvolvida em quatro etapas em sala de aula, sendo: a primeira é o Planejamento e preparação, onde é realizada uma pesquisa de filmes relacionados ao conteúdo ou tema a ser discutido; a segunda é de apresentação e exibição, onde o professor compartilha com a turma os dados referenciais, curiosidades e outras informações; na terceira de debate e reflexão, o professor deve questionar a turma sobre o que viu e deixar que os alunos expressem, com liberdade, as suas observações, interferindo sempre que necessário para mediação ou para facilitar as análises; já na quarta etapa de conclusão e verificação, deve ser feita uma síntese final, indicando os objetivos da atividade e relacionando-os com o conteúdo desejado.

Se for o caso, o professor deve sugerir leituras complementares, outros filmes com tema e abordagem semelhantes, sites de pesquisa, enfim, todo tipo de atividade complementar que contribua com o aprendizado (LERA; ROSA, 2013). Complementando, Leite (1996, p. 76), o uso de filmes em sala de aula é um recurso incentivador, prende a atenção e auxilia a retenção da aprendizagem, mas não é um fim em si mesmo e necessita de material de apoio adequado e da atuação correta do professor para atingir satisfatoriamente seus objetivos. Por outro lado, a não utilização do filme pode limitar a compreensão e raciocínio do aluno, principalmente para o aluno que aprende com mais facilidade visualmente.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante disso o GEFOPi tem realizado diversas atividades com o uso de filmes e dentre as que foram realizadas no ano de 2017 abordaremos quatro que são: Cinema e educação na turma do 6º semestre de pedagogia da UEG, Sala de Cinema e Educação no I Encontro Nacional das Licenciaturas do Cerrado (ENILIC), e duas Salas de Cinema realizadas no Campus Formosa com alunos do curso de Química.

A sala de cinema e educação com a turma do 6º Semestre do Curso de Pedagogia do Campus Luziânia da UEG, aconteceu no dia 14 de agosto de 2017 na aula inaugural da professora Maria Eneida da Silva, na disciplina de Métodos de Produção do Trabalho Científico em Educação, foi apresentado pela professora a ação de extensão cinema e educação ao qual utilizou-se o filme “Óleo de Lorenzo” e logo em seguida uma mesa redonda com as acadêmicas do curso e a professora como intermediadora da mesa, todas integrantes do GEFOPi em Luziânia e assim iniciaram o debate teórico e metodológico do filme usando Pedro Demo (2006) intitulado “Pesquisa: princípio científico e educativo” que teoriza a pesquisa como princípio educativo e científico.

Figura 1 – Abertura da aula inaugural



Figura 2 – Mesa redonda



Fonte: GEFOPi (2018)

Após a aula foi feita a avaliação da atividade por meio do aplicativo WhatsApp, em um grupo formado para a disciplina, onde foi perguntado pela professora: “Quais os pontos positivos e negativos com relação à prática de ensino do Cinema e Educação com o filme “Óleo de Lorenzo” para introduzir a teoria da pesquisa?” e assim foi possível perceber que os discentes observaram e apontaram os ganhos que obtiveram com a ação.

O evento ENILIC foi realizado nos dias 13, 14 e 15 de setembro de 2017 no Instituto Federal de Goiás - Campus Valparaíso, a oficina foi intitulada “Sala de Cinema e Educação”, a qual utilizou-se o filme “O óleo de Lorenzo”, para elucidar a temática pesquisa, considerando o livro de Pedro Demo (2006). A oficina foi dividida em quatro momentos, tais sejam: 1 Apresentação da dinâmica da oficina e resenha indicativa do

filme; 2 momento de assistir ao filme; 3 mesa redonda com exposição teórica do livro de Demo; e 4 debate e sorteio. As atividades foram coordenadas pela professora e idealizadora do projeto Andréa Kochhann, e a mesa redonda foi conduzida por acadêmicas do curso de Pedagogia do Campus Luziânia, para um público diverso, o qual se inscreveu para a oficina. Após a mesa redonda o debate foi intenso apesar do pouco público do evento.

Figura 3 - Mesa Redonda com as acadêmicas
Fonte: GEFOPi (2018)



No Campus Formosa da UEG a Sala de Cinema e Educação foi realizada nos dias 22 e 23 de setembro de 2017 no curso de Química, envolvendo a disciplina Didática aplicada ao Ensino de Química (DAEQ), lecionada pela professora Juliana Bottechia intitulada “CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA” por meio da apresentação de uma película e uma mesa redonda e debate com a platéia.

As oficinas foram divididas em cinco momentos, tais sejam: 1 Breve apresentação do grupo GEFOPi a turma pela professora Juliana Bottechia; 2 breve resenha indicativa do filme pela professora Maria Eneida; 3 momento de assistir ao filme; 4 mesa redonda com exposição teórica do livro de Demo por duas acadêmicas e uma egressa do Curso de Pedagogia do Campus Luziânia da UEG; e 5 debate, sorteio e um convite para quem quisesse fazer parte do grupo. As atividades foram coordenadas pela professora Juliana, Maria Eneida e Maria Cecília. O filme utilizado como recurso, em ambas às salas, foi também “O óleo de Lorenzo”, e para discutir sobre a pesquisa valeu-se de Demo (2006).

No dia 22 a oficina aconteceu no período noturno com 52 discentes dos variados cursos que o Câmpus oferece e 2 docentes. No dia 23 a oficina foi realizada no período matutino com 52 discentes dos diversos cursos e 1 docente.

Figura 7 - O filme



Figura 8 - Mesa de debate



Figura 9 – A plateia



Fonte: GEFOPi (2018)

Em todas as atividades do “Cinema e Educação” se constatou mediante avaliação oral após os encontros que o filme se bem utilizado metodologicamente promove aprendizagem e crescimento acadêmico. Contudo, é preciso um bom planejamento didático-metodológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O GEFOPi tem por finalidade que as ações de extensões não sejam apenas de cunho assistencialista ou de prestações de serviço e sim de concepção processual-orgânica de caráter formativo por meio de atividades diversas provenientes da e para a pesquisa e do ensino. Assim o benefício está diretamente nos educandos (componentes do GEFOPi) que planejam as atividades, como também quem assiste e interage no momento planejado.

Diante do exposto constatamos que cinema e educação tem grande potencial devido ao complexo existente do planejar, do fazer, do interagir e refletir sobre o feito. Inferimos então que o uso do cinema como metodologia educacional pode favorecer a construção do conhecimento, se houver um planejamento coerente com o conteúdo a ser trabalhado e o processo de reflexão ser construído. Portanto temos no GEFOPi esse uso de forma de ensino e aprendizagem, que aqui foi alvo de nossas reflexões.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPi.

REFERÊNCIAS

- DEMO, P. Pesquisa: Princípio científico e educativo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DUARTE, R. Cinema & educação. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- LEITE, L. S. Tecnologia educacional descubra suas possibilidades em sala de aula. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- LERA, C. M. J; ROSA, S. C. O Cinema na Escola: uma Metodologia para o Ensino de História. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul. / out. 2013.

CIRCUITO DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE ALIMENTOS - FAZENDA ÁGUA LIMPA/UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: UMA ANÁLISE DA FERRAMENTA EDUCACIONAL

Área Temática: Educação

Coordenador(a) da ação: Ana Maria Resende Junqueira¹

Autores(as): Amanda Gabriella Silva Venâncio², Juliana Martins de Mesquita
Matos³

RESUMO: Desenvolver atividades de ensino pesquisa e extensão são o princípio básico da universidade. A extensão funciona como mediadora entre o saber científico e a sociedade promovendo o aprimoramento do ensino na formação de profissionais e também prestando serviços à comunidade. Através de ação de divulgação científica, a equipe técnica do Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e Agricultura Orgânica da Universidade de Brasília (CVT AAO UnB), juntamente com o Programa de Educação Tutorial de Agronomia (PET Agronomia) realiza na Fazenda Água limpa (FAL) visitas guiadas apresentando os espaços onde são produzidos grãos, frutas e hortaliças, a importância da ciência e os fundamentos da produção orgânica e agroecológica. Este trabalho teve por objetivo apresentar os princípios da agroecologia e a relevância da produção sustentável a um grupo de estudantes universitários e avaliar a percepção dos membros do grupo sobre a atividade desenvolvida. Verificou-se que a ferramenta foi efetiva na divulgação de práticas agroecológicas na produção de alimentos, bem como na sensibilização dos visitantes e dos organizadores da atividade para as questões ambientais.

Palavras-chave: Agronomia, Cerrado, Educação ambiental, Escolas Públicas

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Tosta et al (2013) a Universidade é uma instituição responsável pela formação profissional e científica que tem como objetivo a conservação e o progresso dos diversos ramos do conhecimento. O princípio básico da universidade é desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão. No que se refere à extensão universitária, a função principal é o estreitamento entre a academia e a sociedade, segundo Oliveira (2017).

1. PhD em Agronomia, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, anamaria@unb.br
2. Curso de Agronomia
3. Bolsista PNPd, Curso de Pós-Graduação em Agronegócios

Segundo Rodrigues et al (2013), a Extensão Universitária possui papel importante no que diz respeito às contribuições que pode trazer frente à sociedade.

As aulas de Ciências em ambientes naturais têm sido apontadas como uma metodologia eficaz tanto por envolverem e motivarem crianças e jovens nas atividades educativas, quanto por constituírem em instrumento de superação da fragmentação do conhecimento (SENICIATO e CAVASSAN, 2004). Segundo Bueno (2003), quanto maior o número de estratégias, maior o número de oportunidades para a construção do conhecimento e fornecimento de subsídios para que mais indivíduos se deparem com estratégias/atividades que os auxiliem a compreender o tema em discussão. Ainda, segundo Seniciato e Cavassan (2004), a maioria das pesquisas voltadas à análise do trabalho de campo em um ambiente natural tem por objetivo avaliar se as atividades de educação ambiental promovem mudanças de valores e posturas em relação à natureza.

De acordo com Martins (2007), Educação Tutorial caracteriza-se como uma metodologia de ensino com sérios compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais, que se efetiva por meio de grupos de aprendizagem, constituídos por estudantes, sob a orientação de professores tutores. O Pet Agronomia da UnB começou a funcionar em janeiro de 2011. O projeto de criação foi elaborado pela Profa. Dra. Ana Maria Resende Junqueira, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, que após processo de avaliação interno, submeteu-o ao Edital nº 09 de 2010 do MEC. Desde sua criação, a professora tem exercido o papel de Tutora do Grupo.

O Grupo Pet Agronomia da UnB realiza várias atividades de extensão. No trabalho aqui apresentado, o circuito da produção sustentável de alimentos, montado na FAL, será objeto de avaliação. O circuito visa demonstrar e divulgar a produção sustentável de alimentos e como as escolhas dos consumidores interferem neste processo, promovendo ações no sentido da preservação ambiental e da alimentação segura.

O objetivo do presente trabalho foi apresentar os princípios da agroecologia e a relevância da produção sustentável a um grupo de estudantes

universitários e avaliar a percepção dos membros do grupo sobre a atividade desenvolvida.

2 DESENVOLVIMENTO

A visita guiada foi realizada com um grupo de estudantes do Curso de Comunicação Social/UnB, na FAL, pertencente à UnB. A FAL possui uma área de 4.500 hectares. Da área total, cerca de 50% é destinado à preservação e o restante, à prática de ensino, pesquisa e extensão. Na FAL está localizada a sede do CVT AAO UnB, que foi criado em 2014, onde são realizadas pesquisas e atividades de extensão, além da realização de inúmeras atividades desenvolvidas pelo grupo PET Agronomia cuja finalidade é permitir ao estudante de Agronomia uma vivência prática dos conhecimentos acadêmicos adquiridos.

Os estudantes foram recepcionados na sala de aula do CVT AAO UnB, onde receberam instruções a respeito da visita. A turma foi levada para conhecer a área de cultivo orgânico, o minhocário, a unidade demonstrativa de produção em sistemas agroflorestais e o jardim de plantas medicinais, aromáticas e condimentares. No encerramento da visita os alunos e o professor se reuniram com os responsáveis pela visita, e repassaram suas impressões, pessoalmente, bem como via questionário em plataforma digital (Google forms).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com relação ao questionário, verificou-se que 89% dos entrevistados possuem a compreensão de que os sistemas produtivos orgânicos e agroflorestais contribuem para a sustentabilidade ambiental. Isso reflete a discussão promovida pelos monitores durante a visita sobre os impactos da produção convencional no meio ambiente.

Foi observado que todos os entrevistados julgaram importante a produção orgânica de alimentos, pois ela garante ao consumidor o não consumo passivo de agrotóxicos.

Quando perguntados se em suas casas consomem alimentos orgânicos (Figura 1), 66,7% afirmaram estar preocupados com a questão. Possivelmente, esse percentual de estudantes estejam sendo influenciados por suas mães ou familiares.

Na sua casa, vocês se preocupam em consumir alimentos orgânicos?
9 respostas

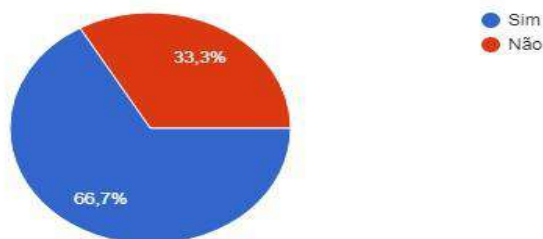


Figura 01. Preocupação com o consumo de alimentos orgânicos.

Sobre a percepção da importância da visita ao circuito na FAL, todos os entrevistados julgaram importante a atividade realizada. Entende-se que a atividade foi efetiva em demonstrar as formas de produção e as relações com o meio ambiente, bem como a importância da realização da educação ambiental para a sustentabilidade. Todos os entrevistados também julgaram como importante o consumo de alimentos orgânicos, tanto para a saúde como para a preservação ambiental.

Quando perguntados sobre se conheciam o termo agroecologia, 67% afirmaram que sim (Figura 2). Ao observar essa resposta percebe-se que apesar de não serem estudantes de ciências agrárias, os entrevistados estão inteirados das discussões do setor. Isso se deve também à facilidade de acesso às informações com o advento da internet e redes sociais.

Você já tinha ouvido falar em Agroecologia?

9 respostas

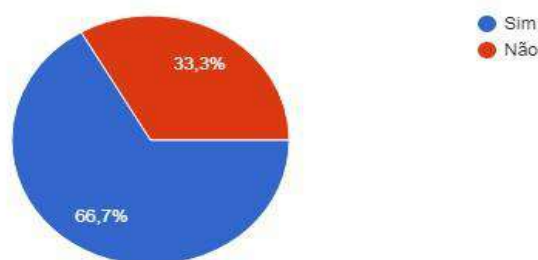


Figura 02. Conhecimento do termo Agroecologia.

Quanto ao conhecimento à cerca do sistema agroflorestal (Figura 3), 22% dos entrevistados afirmaram conhecer o sistema agroflorestal, 66% dos mesmos tiveram contato pela primeira vez com o sistema. Embora, não seja novo, somente agora esse tipo de sistema de cultivo vem sendo mais divulgado.

Você conhecia o sistema agroflorestal de produção?

9 respostas

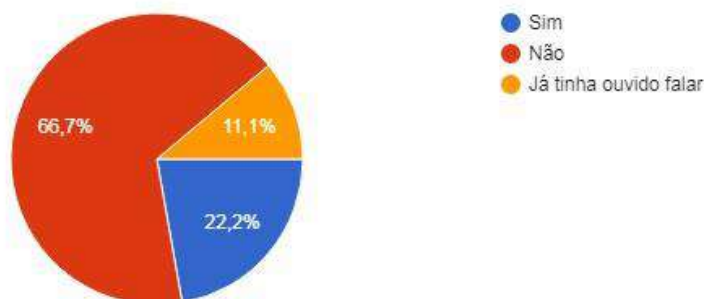


Figura 03. Contato com o sistema Agroflorestal.

Todos os entrevistados demonstraram entender que os sistemas de produção de alimentos apresentados no Circuito impactam de forma positiva a produção de alimentos, proporcionando preservação ambiental

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

. Essa atividade de extensão contribuiu para viabilizar a compreensão de questões técnicas, políticas, sociais e ambientais pelos estudantes de Comunicação Social. Em contrapartida, a atividade proporcionou aos monitores um aprendizado dos conceitos que foram apresentados aos visitantes. A experiência demonstrou que o processo de aprendizagem é dinâmico e que ambas as partes (visitantes/monitores) tiveram ganhos consideráveis advindos da interação. Atividades desta natureza devem ser consideradas, para além de estratégia educacional, como uma proposta de construção da cidadania.

5 REFERÊNCIAS

- MARTINS, I. L. Educação tutorial no ensino presencial: uma análise sobre o PET. In: Brasil. Ministério da Educação. PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2007. p. 12-21. Disponível em; http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_iv.pdf; Acesso em 29 de Junho de 2018
- OLIVEIRA, T. C. Programa de Educação Tutorial em Agronomia: Extensão Universitária e Divulgação Científica como Método de Vivência Profissional. Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. 2017. 37 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- RODRIGUES, A. L. L; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B.S; COSTA, C. L. N. A.; PASSOS NETO, I. F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais | Aracaju | v. 1 | n.16 | p. 141-148 | mar. 2013. Disponível em; <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/494/254>; Acesso em 29 de Junho de 2018.
- TOSTA, Rosa Maria et al. Programa de educação tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. *Psicol. Am. Lat.* [online]. 2006, n.8, pp. 0-0. ISSN 1870-350X. Disponível em; http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400004; Acesso em 29 de Junho de 2018

CLUBE DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO A PARTIR DO TEXTO LITERÁRIO

Área Temática: Educação

Thissiane Fioreto¹

Danielli Capovilla Peres²

RESUMO: O projeto *Clube da Leitura* é uma ação de Extensão sem ônus, devidamente cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que foi pensada por docentes e discentes do Curso de Letras da UFGD com a finalidade de levar o texto literário à comunidade acadêmica em geral e à comunidade douradense. Sendo assim, são realizados encontros mensais, com duração aproximada de duas horas, para a discussão de obras literárias, previamente selecionadas e amplamente divulgadas. Privilegiando obras do cânone literário, nesta sua primeira edição, com textos temporalmente organizados que vão desde os gregos, com *Édipo Rei*, de Sófocles, até os contemporâneos, com *Memórias de Minhas Putas Triste*, de Gabriel Garcia Marquez, o projeto desempenha o papel de fomentar a leitura literária entre os acadêmicos do Curso de Letras, já que parte de uma iniciativa de docentes deste curso, em função da demanda apresentada pelos próprios acadêmicos, mas também incentivar a leitura literária na UFGD e na comunidade em geral. Realiza, assim, a conscientização da importância da leitura e de seus conhecimentos, ampliando o repertório dos leitores com rodas de discussão sobre os textos literários, no espaço da universidade, com a presença de discentes e pessoas da comunidade, já que as discussões e a socialização das impressões de leitura acontecem mensalmente em encontros abertos a toda comunidade acadêmica da UFGD e comunidade externa, sem necessidade de inscrição prévia, contando sempre com convidados, docentes ou não da UFGD, para o enriquecimento do debate. Esta ação de extensão tem contado com ampla participação de pessoas da comunidade local, que leem as obras literárias propostas e adentram os muros da universidade para partilhar suas experiências como leitores, num debate amplo, aberto e democrático.

Palavras-chave: leitura, literatura, cultura, educação.

1 INTRODUÇÃO

À semelhança de outros projetos que já acontecem na UFGD, como, por

¹ Coordenadora da ação; Doutora em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD, thissianefioreto@ufgd.edu.br

² Graduanda em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD, daniellicapovilla@gmail.com

exemplo, o *Cine Clube*¹ - uma iniciativa também de docentes e discentes da universidade que trabalham e pesquisam a relação da literatura com a arte contemporânea e buscam promover o contato da comunidade com o cinema no ambiente acadêmico - o *Clube da Leitura* pretende ser um projeto contínuo e amplo, que torne acessível à comunidade douradense e à comunidade universitária, o contato com bons escritores e boas obras literárias atendendo a um ciclo de leituras: o primeiro e inicial deles voltado ao cânone, na tentativa de construir com os leitores o entendimento do clássico como base para todas as outras leituras literárias.

A proposta da realização do *Clube da Leitura* surge pelo reconhecimento da leitura literária como integradora e formadora, levando em consideração a necessidade da formação, à comunidade acadêmica, de um repertório literário comum às diversas áreas do conhecimento (Letras, Direito, Psicanálise, História, Filosofia, etc.). Ainda como Ação de Extensão, a proposta justifica-se pela necessidade de aproximação entre comunidade acadêmica e comunidade externa, assim, a obra literária funciona como um elemento integrador de interesse comum.

Ressalte-se, também, a oportunidade de formação literária que o *Clube da Leitura* proporciona aos interessados da comunidade douradense. A partir de uma ampla divulgação da obra que será lida em cada mês, realizada através dos meios de comunicação, as pessoas da comunidade ficam sabendo qual a leitura prevista, leem e adentram os muros da universidade, participando dos debates e relatando suas experiências com a leitura. Devido à ampla participação da comunidade douradense, nos próximos ciclos, estuda-se a possibilidade de levar o *Clube*, inclusive, a outros espaços da cidade.

O *Clube de Leitura* demonstra-se necessário, ainda, como formação extracurricular aos discentes dos diversos cursos da UFGD, sobretudo, das Humanidades.

Há a preocupação com a formação de leitores literários e o fomento da leitura literária na universidade e na comunidade com a finalidade de integrar, por meio do texto literário como patrimônio cultural, a universidade e a comunidade; criando um

¹ Projeto desenvolvido na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras – FACALE/UFGD, sob a Coordenação do Grupo de Estudos *Interartes*, que exhibe e discute filmes de interesse da comunidade acadêmica semanalmente. O Projeto já existe há alguns anos e é aberto à toda a comunidade universitária e douradense.

espaço para discussões literárias que seja interdisciplinar, a partir de obras literárias que estão na base da formação das humanidades (Letras, Direito, Psicanálise, História, Filosofia, etc.) na tentativa de distanciar fatores acadêmicos e alimentar a todos com partilhas de experiências de leituras e sentimentos, auxiliando na construção do exercício do leitor.

2 DESENVOLVIMENTO

O referido projeto de extensão não parte de um discurso teórico pré-determinado. Trata-se, sobretudo, da divulgação e da leitura crítica de textos literários do cânone ocidental, compreendendo o texto literário em sua singularidade, e não como veículo para o estudo de uma determinada corrente teórica. O conceito de cânone, neste caso, é tomado dos estudos Harold Bloom (1995) e Leyla PerroneMoisés (1998), considerando sua implicação para as humanidades e as artes, de forma geral.

Quanto ao restante do repertório teórico do projeto, ele vem sendo estimulado pela leitura das obras, e nunca o contrário, ou seja: toma-se como método o *close reading*, ou leitura próxima ao texto, de modo que a teoria servirá às questões propostas pelo texto literário, e este, constituindo o objetivo final da leitura, não deverá servir como pretexto para o estudo de uma teoria pré-determinada. Não se busca, assim, a exemplaridade do literário, mas sua singularidade. Não se trata de se desestimular abordagens interdisciplinares; antes, os participantes do grupo de leitura, que tem sido bastante heterogêneo, são sempre estimulados a trazer contribuições de suas áreas de conhecimento. Nenhuma dessas áreas, porém, é preterida em relação às outras, ou pré-determinada.

Supõe-se, portanto, do texto literário canônico, que responda a diversas linhas interpretativas, e que provoque diferentes olhares críticos, sobre seus diversos níveis de leitura: formal, estrutural, narratológico, ideológico, histórico, intertextual etc. Como, porém, nenhuma obra artística pode ser desvinculada de seu contexto (histórico, social, cultural), a cada encontro e a cada obra lida e discutida, busca-se estabelecer uma relação de sentido entre a experiência do *close reading* e o contexto da obra.

Dentre os autores que estabeleceram uma produtiva reflexão sobre a relação entre literatura e sociedade estão Antonio Candido (2000) e Anatol Rosenfeld (1996). É preciso considerar ainda o público alvo do projeto: interessados em Literatura em geral, que não são necessariamente especialistas na área. Assim, eventualmente, tem sido necessário reforçar conceitos fundamentais de Teoria Literária e, sobretudo, de Teorias da Narrativa, como as de Ives Reuter (2002) e James Wood (2012). Não se trata de buscar uma descrição minuciosa da teoria da narrativa, mas considerar os conceitos que sejam úteis à leitura dos textos, como os elementos essenciais da narrativa, a tipologia do foco narrativo, e os conceitos fundamentais como os de narratário, leitor e autor modelo, diegese, dentre outros. O mesmo quanto aos textos teatrais e a narrativa em quadrinhos constantes no rol de leituras do projeto. Para estes, serão considerados Eisner (1995) e Ryngaert (1996), respectivamente.

A ação de extensão vem sendo desenvolvida, conforme prevista inicialmente, numa perspectiva dialógica e interacionista, buscando a interação entre ministrantes e participantes, de forma que o projeto se assemelhe mais a um grupo de estudos, com rodas de conversa, do que com 'aulas expositivas'. Os participantes fazem a leitura antecipadamente e, nos dias previstos para os encontros, acontece o debate sobre a obra literária, mediado sempre pelos docentes envolvidos no projeto e por um convidado. É previsto que outras pessoas, docentes ou não da UFGD, sejam convidados a participar e relatar suas experiências de leitura, o que tem ocorrido com certa frequência. O projeto, desta forma, articula a relação Ensino e Extensão a medida que, como uma ação de Extensão, busca propiciar uma formação complementar à comunidade acadêmica no que diz respeito às leituras literárias, realizando, sobretudo, uma aproximação com a comunidade douradense quando prevê e recebe a comunidade externa, incentivando à leitura do texto literário e recebendo-a no ambiente universitário para a discussão de suas experiências literárias.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como o projeto prevê a realização de nove encontros, com a leitura de um livro ao mês, ainda não é possível elencar resultados finais obtidos, mas é conveniente relatar seus resultados parciais.

Já aconteceram, no primeiro semestre letivo de 2018, os encontros vinculados à discussão e à partilha das experiências de leitura dos livros *Édipo rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de William Shakespeare, *Frankenstein*, de Mary Shelley, *O processo*, de Franz Kafka, *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, embora a lista de livros a serem lidos seja grande, como segue:

Tabela 01.

DATA	OBRA LITERÁRIA E AUTOR
28/03	SÓFOCLES. <i>Édipo Rei</i> , <i>Édipo em Colono</i> , <i>Antígona</i> . Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
27/04	SHAKESPEARE, William. <i>Hamlet</i> . Tradução Lawrence Flores Pereira. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2015.
25/05	SHELLEY, Mary. <i>Frankenstein ou o Prometeu moderno</i> . Tradução Christian Schwartz. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2015.
29/06	KAFKA, Franz. <i>O processo</i> . Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
10/08	WOOLF, Virginia. <i>Mrs. Dalloway</i> . Tradução Cláudio Marcondes. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2017.
31/08	HUXLEY, Aldous. <i>Admirável mundo novo</i> . Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2014.
21/09	NABOKOV, Vladimir. <i>Lolita</i> . Tradução Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
26/10	SPIEGELMAN, Art. <i>Maus</i> . Tradução Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
30/11	Obra a ser escolhida pelos Grupo

A cada encontro cerca de 30 a 35 pessoas, alunos da universidade em uma mescla de cursos (psicologia, medicina, relações internacionais, economia), professores da universidade e pessoas da comunidade externa, como, por exemplo, psicólogos e professores da rede básica de ensino com diversas formações acadêmicas, reúnem-se em um grande círculo na sala 02 da FACAILE – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras e, motivados pelas leituras e provocados pelos mediadores convidados, todos são chamados a participar, falar de suas impressões, satisfações, dúvidas e sentimentos gerados pela leitura. Em alguns momentos já aconteceram falas emocionadas, ocasião em que o texto literário do mês comoveu, tocou o leitor participante, e outros momentos em que esse mesmo texto divertiu e fez o leitor pensar. Em *Édipo Rei*, por exemplo, mediado por uma psicanalista da comunidade universitária, a tragédia do personagem Édipo motivou uma das

participante à assimilar sua história a dele nas memórias de suas perdas, fazendo com que, através de uma experiência catártica, como prevê Aristóteles em sua *Poética Clássica*(1990), pudesse ter forças para elaborar seu luto pessoal. Foram acontecimentos singelos que motivaram, mês a mês, o desejo dos participantes em continuar seguindo com o clube e enriquecendo a todos.

Destaca-se também que as atividades realizadas têm sido de grande importância para a formação acadêmica da monitora (voluntária) que, diante da oportunidade de agregar outros conhecimentos ao seu processo de ensino aprendizagem, vem absorvendo informações importantes mediante o contato tanto com o texto literário, as mediações e as trocas de conhecimento, enriquecendo sua vida profissional no que diz respeito ao trabalho com a leitura. O trabalho de monitoria tem sido enriquecedor à medida que aumenta o desejo da estudante em contribuir, da melhor maneira possível, para a realização e efetivação dos objetivos, seja na divulgação, no convite, nas trocas de experiências, seja no ato de poder colaborar com a formação dos demais participantes da comunidade. Tem sido gratificante observar, desde os acadêmicos de letras, psicologia, medicina, economia até as pessoas da comunidade externa, todos falando dos encantamentos, identificações e preferências literárias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das etapas já contempladas durante o desenvolvimento do projeto, principalmente durante o presente momento, na qual a literatura está passando por um processo de esquecimento na educação básica, o *Clube de Leitura* significa a execução de um direito do cidadão, como Antônio Candido (1995) apresenta em *O direito a literatura*: “Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. E também um movimento de resistência e afirmação do seu caráter formador e de ferramenta para educação e vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de filosofia.

- BLOOM, H. O cânone ocidental. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3ª ed..revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, A. Literatura e sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- EISNER, W. Quadrinhos e arte sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- REUTER, I. A análise da narrativa. Tradução Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- ROSENFELD, Anatol. Texto/Contexto I. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WOOD, James. Como funciona a ficção. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COMUNIDADE EM FOCO: INSTALAÇÃO DE HORTA ORGÂNICA EM ESCOLA E SENSIBILIZAÇÃO PARA A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Ana Maria Resende Junqueira¹

Autoras: Giovanna Marinho Torres², Muriene de Jesus Lourenço², Martha Cristina Almeida Costa²; Juliana Martins de Mesquita Matos³

RESUMO: O objetivo do presente trabalho foi desenvolver atividades de sensibilização de crianças para a importância da alimentação saudável por meio de palestras e implantação de horta orgânica em escola pública na cidade de Brasília – DF, em parceria com a Empresa Junior Achievement, uma organização não governamental, sem fins lucrativos. O Pet Agronomia realizou uma palestra para os alunos da escola com o objetivo de introduzir os conceitos de agricultura orgânica, horta orgânica e a importância de uma alimentação saudável para o crescimento das crianças. Nesse momento foi apresentada aos alunos a ideia da construção de uma horta orgânica na escola. No planejamento da horta, levou-se em consideração a demanda da escola e os conhecimentos dos estudantes de Agronomia. A experiência permitiu o exercício da cidadania, por meio da interação com a sociedade e transferência de conhecimento. Os alunos trabalharam em equipe e demonstraram na relação com as crianças, tolerância e sabedoria no repasse de informações com uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo grupo. Os estudantes de Agronomia relataram a satisfação, o aprendizado e como foi gratificante interagir com as crianças. A sensação de fazer parte do processo de formação das crianças estará sempre na memória dos envolvidos.

Palavras-chave: Agronomia, Educação ambiental, Produção orgânica, Saúde.

INTRODUÇÃO

A alimentação equilibrada é um dos pilares da boa saúde. É logo na infância que esse hábito deve ser estimulado e adquirido. A escola, mostra-se como um ambiente apropriado para a aplicação de programas de educação nutricional, pois está inserida em várias dimensões do aprendizado: ensino, relações entre o lar, escola, comunidade e o ambiente físico-emocional (DAVANÇO, 2004). O ambiente escolar é considerado excelente para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção de saúde, pois permite não só que tais ações sejam implementadas

1. PhD em Agronomia, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, anamaria@unb.br
2. Curso de Agronomia
3. Bolsista PNPd, Curso de Pós-Graduação em Agronegócios

desde a educação infantil, de forma contínua e por longo período, mas também, por permitir a inclusão da comunidade familiar e escolar neste processo (CARVALHO et al, 2008). Dentro desse contexto, destacam-se os alimentos orgânicos, que são produtos, sejam de origem animal ou vegetal, produzidos sem a aplicação de agrotóxicos, adubos químicos ou hormônios sintéticos.

O objetivo do presente trabalho foi desenvolver atividades de sensibilização de crianças para a importância da alimentação saudável por meio de palestras e implantação de horta orgânica em escola pública na cidade de Brasília – DF.

DESENVOLVIMENTO

Parceria com a Junior Achievement

Em 2017, o Pet Agronomia iniciou parceria com a Empresa Junior Achievement. Uma organização não governamental, sem fins lucrativos, criada nos Estados Unidos e financiada pela iniciativa privada. Essa ONG promove cursos e programas que visam despertar o espírito empreendedor em jovens e crianças, com o apoio das escolas. A unidade da Junior Achievement no Distrito Federal desenvolve um Projeto chamado Corredor Verde que visa estimular o plantio de hortas e espécies arbóreas nas escolas públicas da região. A primeira escola atendida pela parceria entre o Pet Agronomia e a Junior Achievement foi a Escola Classe 113 Norte. A Direção da escola, juntamente com os Professores, selecionou as turmas de 3º ano para receber o programa e realizar as atividades propostas pelo Pet Agronomia e a Junior Achievement. Participaram dessa ação conjunta quatro turmas de 3º ano, totalizando cerca de 80 estudantes.

Palestra sensibilizadora

O Pet Agronomia realizou uma palestra para os alunos da escola com o objetivo de introduzir os conceitos de agricultura orgânica, horta orgânica e a importância de uma alimentação saudável para o crescimento das crianças

(Figuras 1A e 1B). Nesse momento foi apresentado aos alunos a ideia da construção de uma horta orgânica na escola.



Figura 1A: Palestra de sensibilização na Escola Classe 113 Norte

Figura 1B: Participação dos alunos na palestra proferida pelo Pet Agronomia

Implantação da horta orgânica

Durante as reuniões semanais do grupo Pet Agronomia, foi elaborado o projeto da horta orgânica. No planejamento da horta, levou-se em consideração a demanda da escola e os conhecimentos dos petianos, estudantes de Agronomia. Identificou-se as espécies a serem implantadas, os corretivos e adubos necessários. A primeira etapa foi a preparação dos canteiros, seguida da correção e adubação preconizadas no sistema orgânico de cultivo. Após a realização do planejamento e da preparação dos materiais, os petianos orientaram os alunos da escola e auxiliaram na implantação da horta orgânica na Escola classe 113 Norte, em Brasília – DF.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Resultados da palestra

Uma estratégia usada pelo grupo Pet Agronomia para facilitar a integração com os alunos da escola foi o uso de fantoches. Os fantoches interagiram com as crianças e com os petianos, fazendo perguntas e auxiliando na disseminação de conhecimentos. Essa estratégia proporcionou uma ótima interação entre todos os participantes. Houve uma significativa conexão entre os petianos e as crianças. O uso de um elemento divertido, o fantoche, tornou a conversa mais interessante.

Dentre as perguntas feitas pelas crianças aos Petianos destacaram-se: 1. Como se faz para produzir o feijão, o arroz e algumas frutas, como a banana e o morango?; 2. O agrotóxico não faz mal para a natureza? e 3. Quais os cuidados temos que ter com a horta na escola? Essa atividade, além de motivar os alunos nos cuidados com a horta, auxiliou e estimulou o consumo de frutas na hora do lanche, trabalho que já havia sido iniciado pelas professoras.

Implantação da horta orgânica e a participação dos alunos

A instalação da horta foi feita em duas etapas: 1) a preparação (Figura 2A), onde os Petianos fizeram o revolvimento do solo e a adubação; e 2) Plantio com as crianças, supervisionado pelos Petianos (Figura 2B e 2C). No dia do plantio, todos os 80 alunos participaram de forma ativa e animada, sempre com perguntas e ideias para colaborar com a atividade. Durante toda a manhã os alunos se divertiram e aprenderam de forma descontraída como o alimento é produzido e o trabalho que é feito pelos agricultores. O contato com a terra foi muito gratificante para muitos alunos, as surpresas que encontraram como minhocas e formigas, arrancaram gargalhadas de todos.



Figura 2A- Petianos adubando o solo da horta orgânica

Figuras 2B e 2C- Crianças realizando o plantio nos canteiros da horta orgânica

Foram feitos quatro canteiros com alface (*Lactuca sativa*), couve (*Brassica oleracea*), repolho (*Brassica oleracea var. capitata*) e alho poró (*Allium porrum*). As plantas foram consorciadas e manejadas segundo o sistema orgânico de cultivo.

A manutenção da área durante o desenvolvimento das plantas foi realizada pelas próprias crianças, por meio de revezamento na realização de atividades como irrigação e limpeza. Dessa forma, estavam sempre acompanhando o crescimento das plantas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência permitiu o exercício da cidadania, por meio da interação com a sociedade e transferência de conhecimento. Os petianos trabalharam em equipe e demonstraram na relação com as crianças, tolerância e sabedoria no repasse de informações com uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo grupo.

Os petianos relataram a satisfação, o aprendizado e como foi gratificante interagir com as crianças. A sensação de fazer parte do processo de formação das crianças estará sempre na memória dos envolvidos.

REFERÊNCIA

CARVALHO AT, MUNIZ, VM, GOMES JF, SAMICO I. Programa de alimentação escolar no município de João Pessoa - PB, Brasil: as merendeiras em foco. Interface Comum Saúde Educ 2008; 12(Supl. 27):823-834.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a curso de educação nutricional. Revista de Nutrição, Campinas, v. 17, n. 2, p. 177-84, abr./jun. 2004.

CONSTRUINDO A BIBLIOTECA DO ACAMPAMENTO MARIAS DA TERRA: ESPAÇO LÚDICO E DE FORMAÇÃO

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Enaile do Espírito Santo Iadanza¹

Autoras: Franciele Barbosa de Castro², Luciana Vassallo Costa³, Maria Clara Moraes
Torquato⁴, Ana Lúcia de Paiva Lima⁵.

RESUMO: Este trabalho foi realizado durante o primeiro semestre de 2018, no âmbito da disciplina “Construção de Projetos Sociais Multidisciplinares”, oferecida pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. Para cumprimento dos compromissos acadêmicos, os estudantes devem construir um projeto de ação prática. Este projeto ocorreu no Acampamento Marias da Terra, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, localizado em Sobradinho, Distrito Federal. Em estreito diálogo com a comunidade do acampamento foi decidido que o grupo trabalharia para organizar uma biblioteca no acampamento. A área estabelecida pelos acampados, em diálogo com os/as estudantes, foi a área da Ciranda, como chamam o espaço de brincadeiras e descanso coletivo. Assim, partiu-se para arrecadação de livros, estantes, armários e para a escolha de uma metodologia simples de catalogação dos livros. A arrecadação de livros foi realizada através de divulgação na internet e mobilizando os amigos/os. Ao final foram conseguidos cerca de 600 livros e 2 estantes foram conseguidas no almoxarifado da Universidade de Brasília. Durante o semestre, as leituras e debates em sala de aula, bem como o diálogo com as/os acampadas/os tornaram possíveis compreender a importância da leitura no processo formativo e organizativo do acampamento, além da reafirmação de que a educação é peça fundamental no processo de transformação social.

Palavras-chave: sem terra, diversão, cultura.

1 INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surgiu durante os anos 70, em oposição ao modelo agrário excludente e concentrador da agricultura brasileira. O MST tem como bandeira de luta a Reforma Agrária das terras improdutivas e que não cumprem sua função social, mas também luta por uma

¹ Doutora em geografia e planejamento regional, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, enaile@unb.br.

² Curso de Engenharia Química, Universidade de Brasília.

³ Curso de Pedagogia, Universidade de Brasília.

⁴ Curso de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

⁵ Curso de Pedagogia, Universidade de Brasília.

sociedade mais justa, fraterna e igualitária, onde o acesso aos bens e ao trabalho seja de fato para todos (MST, 2018).

Este projeto de ação será executado no acampamento do MST denominado Marias da Terra. Este acampamento está localizado na zona rural de Sobradinho, Distrito Federal, e corresponde a aproximadamente 70 hectares da Fazenda Salve, inserida na Bacia de São Bartolomeu, uma área de grande importância ambiental.

O acampamento é composto por 140 famílias organizadas e distribuídas em Núcleos de Base, constituídos por aproximadamente 10 famílias. Cada núcleo possui um coordenador e uma coordenadora, evidenciando a importância de levar em consideração as questões de gênero, rompendo com lógica de exclusão machista e assim proporcionando envolvimento e participação das mulheres no processo de luta pela terra.

Este Projeto se propôs a dar início à montagem de uma biblioteca no Acampamento do MST Marias da Terra, pois em conjunto com os acampados foi possível compreender a importância da leitura no processo formativo e organizativo dos acampados, além de reafirmar que a educação é peça fundamental no processo de luta e transformação social.

Sendo assim, buscou-se organizar o espaço onde foi instalada a biblioteca; foi realizada uma campanha para aquisição de livros, revistas, jogos lúdicos e educativos, CDs e DVDs e procuraram-se doadores de estantes para organização do acervo adquirido. Posteriormente foram catalogados, em conjunto com os acampados, os livros doados em um sistema simples de catalogação.

2 DESENVOLVIMENTO

A importância deste Projeto de Ação e de seu resultado se constroem a partir da percepção da demanda por materiais de leitura entre as pessoas das mais variadas idades, integrantes do acampamento Marias da Terra. Geralmente, os moradores dos acampamentos têm necessidade e interesse em ter acesso a leitura, em especial devido aos papéis tanto dos moradores quanto das lideranças dentro do acampamento. Houve o relato de uma tentativa de projeto, iniciado por outro grupo de pessoas cujo objetivo era implantar o EJA – Educação para Jovens e Adultos, dentro do acampamento. O espaço para as atividades foi construído pelos acampados,

porém o projeto não teve seguimento. Muitos acampados interessados pelo acesso à Educação e à Escola reagiram com tristeza pelo não seguimento do projeto.

Assim, projetamos a ideia da composição de uma biblioteca com títulos variados dentro de um espaço já anteriormente reservado para a escola, com o intuito de este ser um começo para a troca de experiências em leituras entre os próprios acampados, para que possam compartilhar seus conhecimentos com os outros acampados. O espaço da biblioteca incentiva e instiga um local de ensino e aprendizado mesmo que ainda não escolarizado nos termos da Educação Formal; fortalece vínculos e troca de saberes dentro do acampamento, e este poderia ser o primeiro passo para uma futura nova tentativa de um projeto escolar no local.

Para os acampados do MST a biblioteca tem grande importância em seus espaços de luta por possibilitar ampliar a educação e formação a partir de uma experiência concreta, contribuindo para a permanência na luta.

A Biblioteca também se estrutura como um espaço de lazer, utilizando-se da literatura, da pesquisa e do acesso a mídias e jogos como meios de aprendizagem e de socialização.

A Biblioteca poderá ainda ser um dos espaços para a realização da Ciranda Infantil, que compõe a estrutura do MST de educação comunitária e popular das crianças e dos adultos, além de área de educação lúdica e lazer com formação social e política do movimento.

Acreditamos que, assim, a biblioteca deixará aquela imagem, muitas vezes associada à punição e passará a ser um espaço democrático de fomento ao saber. Podendo, então, inscrever um novo perfil na história, mais moderno e condizente com os anseios da comunidade usuária, ou seja, que suas intervenções sejam voltadas para as necessidades dos usuários (BERNARDINO, M.C.R; SUAIDEN, E.J. 2011).

2.1 METODOLOGIA

A primeira etapa do projeto da Biblioteca do Acampamento Marias da Terra consistiu em um diálogo com as lideranças do acampamento e moradores para perceber a necessidade de leitura e consulta sobre o acervo desejado, bem como sobre o espaço onde deveria funcionar a biblioteca. Após esse momento foi realizada

a confecção de *flyer* para divulgação da campanha de arrecadação dos materiais necessários para a Biblioteca e definido o sistema de catalogação utilizado para organização do acervo adquirido. Foi amplamente divulgada a campanha em espaços da Universidade de Brasília como a Faculdade de Educação, Faculdade de Saúde e outros.

O momento final consistiu na preparação do espaço para a montagem da respectiva biblioteca no acampamento (foto 1), instalação das estantes, organização, em conjunto com os acampados, do acervo e materiais da biblioteca conseguido na campanha (foto 2) e catalogação do acervo em um caderno de registros identificados por títulos e nome dos respectivos autores e utilização de etiquetas coloridas para inserção dos livros na estante (foto 3). Também foi realizada uma exposição sobre a catalogação. Os investimentos realizados pelo grupo foram descritos na tabela 1.

Foto 1 - Preparação do espaço para da biblioteca no acampamento.



Fonte: Própria, 2018.

Foto 2 - Preparação do acervo e materiais conseguidos na campanha.



Fonte: Própria, 2018.

Foto 3 - Catalogação do acervo e inserção dos livros na estante.



Fonte: Própria, 2018.

Tabela 1 - Itens adquiridos para a montagem da biblioteca e valores (R\$).

Itens	Valor	Unidades	Total
Caderno para registro dos livros	R\$ 5,40	1	R\$ 5,40
Caderno de empréstimos	R\$ 5,40	1	R\$ 5,40
Etiquetas coloridas	R\$ 4,00	4	R\$ 16,00
Transporte – ida e volta	R\$ 20,00	2	R\$ 40,00
Total			R\$ 66,80

Fonte: própria

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O espaço da biblioteca incentiva e instiga um local de ensino e aprendizado mesmo que ainda não escolarizado, nos termos da educação formal. Também fortalece vínculos e trocas de saberes dentro do acampamento e pode ser o primeiro passo para um projeto escolar no local.

A Biblioteca se estrutura como um espaço de lazer, utilizando-se da literatura, da pesquisa e do acesso a mídias e jogos como meios de aprendizagem e de socialização.

É importante para a concretização da Ciranda Infantil, que compõe a estrutura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de educação

comunitária e popular das crianças e dos adultos, além de área de educação lúdica e lazer com formação social e política do movimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Projitou-se a ideia da composição de uma biblioteca com títulos variados, dentro de um espaço existente anteriormente, com o intuito deste ser um começo para a troca de experiências em leituras entre os próprios acampados, para que pudessem compartilhar seus conhecimentos com os demais.

Para os acampados do Marias da Terra a biblioteca tem grande importância em seus espaços de luta por possibilitar ampliar a educação e formação a partir de sua experiência concreta, contribuindo para a tomada de consciência e permanência na luta.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, M. C. R; SUAIDEN, E. J.. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. In: Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.4, p.29-41, out./dez. 2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Disponível em <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em 19 de junho de 2018.

CONTROLE SOCIAL: APRENDA A SER UM AUDITOR SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE OFICINAS TEMÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Área Temática: Educação

Coordenador da ação: Abimael de Jesus Barros Costa¹

Autor: Abimael de Jesus Barros Costa², Dayane Pereira dos Santos², Narciso Maciel

Veras Ribeiro⁴

RESUMO: O objetivo deste relato de experiência de extensão universitária é descrever a atividade de auditoria social desenvolvida por intermédio de oficinas pedagógicas temáticas. Esta exposição de experiência resume a oferta de dez oficinas temáticas sobre formação de auditor social, no âmbito do Projeto de Extensão "Controle Social: aprenda a ser um Auditor Social", em Brasília, no Distrito Federal, realizado pelo curso de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília (UnB). A metodologia de oficinas pedagógicas temáticas foi desenvolvida no âmbito do projeto de extensão. Entre os anos de 2014 e 2017, o projeto certificou 99 (noventa e nove) participantes. A experiência foi exitosa e contribuiu para reflexão sobre a necessidade de amadurecimento da metodologia de oficinas temáticas e o planejamento da oferta para atendimento de diferentes públicos, como crianças e idosos.

Palavras-chaves: Controle Social, Educação Fiscal, Oficinas Temáticas, Auditor Social.

1 INTRODUÇÃO

Em 2013, pela iniciativa dos alunos, professores e pesquisadores e com a necessidade de institucionalizar as contribuições para a sociedade, a proposta evoluiu para o projeto de extensão "CONTROLE SOCIAL: APRENDA A SER UM AUDITOR SOCIAL".

A finalidade do projeto é fornecer meios para que a LRF e LAI possam ser concretamente exercidas. A Auditoria Social é o processo de participação cidadã com a finalidade de acompanhar os processos da gestão pública que assegure uma execução transparente dos programas e projetos governamentais, fortalece a democracia e impulsiona o desenvolvimento social e econômico (COSTA e NASCIMENTO, 2017).

¹ Professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais, Doutor em Engenharia de Transportes. Coordenador do Projeto de Extensão Universidade de Brasília – UnB. acosta@unb.br ² Idem.

² Bacharelanda de Ciências Contábeis, Universidade de Brasília UnB.

⁴ Bacharelando de Ciências Contábeis, Universidade de Brasília UnB.

Este relato está dividido em três partes: A presente introdução, a apresentação da experiência da UnB com a oferta de oficinas temáticas sobre Controle Social e na terceira parte são expostas as considerações finais e agradecimentos.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto de extensão pode ser dividido em duas grandes ações. A primeira é representada pelo LABGOV. A segunda ação do projeto é a oferta de oficinas temáticas sobre Controle Institucional, Transparência Ativa e Transparência por Demanda. Para a realização das atividades propostas, o projeto contou com a participação de 22 graduandos da UnB, sendo 12 bolsistas e 10 não bolsistas. As bolsas são fomentadas pelo DEX. Os estudantes são responsáveis pelo auxílio nos estudos, pesquisas e ofertas das oficinas temáticas.

Os equipamentos e os materiais utilizados durante a oficina foram folder, que contém informações gerais, cartaz de divulgação, banner, que contém informações do projeto, ficha de inscrição dos participantes, lista de presença, lista de interessados na próxima oferta, dois questionários impressos, sendo o primeiro com informações a respeito do conhecimento prévio sobre controle social e o segundo com informações a respeito da avaliação da oficina, caneta esferográfica, pincel para quadro branco, laboratório de informática com acesso à internet e capacidade para quarenta participantes, projetor de multimídia e notebook.

Na próxima seção será detalhada a metodologia aplicada nas oficinas temáticas, o perfil dos participantes e uma síntese das dez oficinas ofertadas entre 2014 e 2017.

O planejamento das oficinas tem duas fases. A confirmação do professor-moderador que define a data da oferta e a reserva de laboratório disponível que tenha capacidade para quarenta cursistas por quatro horas, a divulgação da oficina é via cartazes, área de comunicação institucional e por e-mail institucional. A logística da oficina representa a visita no local para conhecer as condições do laboratório.

O professor-moderador explica a finalidade da oficina. O participante é sensibilizado para a possibilidade de que o controle social seja exercido pela sociedade por meio de denúncias, participação em audiências públicas, acesso a portais de

transparência, demandas via e-SIC, entre outros. Por fim, a atividade prática é proposta para facilitar a convergência entre teoria e prática.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O perfil dos participantes foi analisado via questionários aplicados durante as dez primeiras oficinas temáticas ofertadas pelo projeto entre os anos de 2014 e 2017. Ao todo foram analisados 99 (noventa e nove) questionários, sendo 46% do sexo feminino e 54% do sexo masculino. Os grupos mais presentes foram: Acadêmicos, servidores públicos e privados. Ao realizar perguntas a respeito dos instrumentos de controle social abordados nas oficinas, procurou-se avaliar a utilização destes e o conhecimento dos participantes acerca de cada um, sendo os instrumentos, por exemplo, o Portal de transparência, ouvidoria e e-SIC.

O portal de transparência se destacou por ser o mais acessado, uma vez que 77,8% dos questionados já acessaram esse instrumento ao menos uma vez. A análise aponta que apenas 17% já utilizaram Ouvidoria para adquirir informações e 11%, o e-SIC. Cerca de 74,6% responderam que, anteriormente à oficina, não conheciam o e-SIC. Isso mostra a necessidade de maior visibilidade à mecanismos de controle, uma vez que a comunidade ainda demonstra falta de familiaridade acerca do processo de controle social.

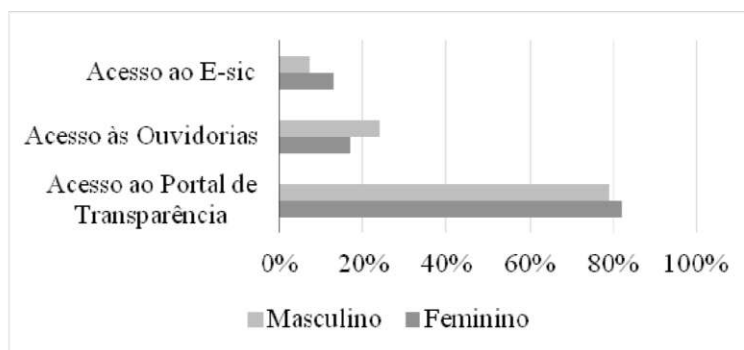
Os resultados da análise também foram analisados tendo por base a ocupação e a escolaridade dos responsáveis pelas respostas. Em relação aos estudantes, temos que 85,18% ainda não haviam acessado Ouvidoria até então. Os profissionais da carreira pública obtiveram o mesmo percentual em relação à utilização da ouvidoria. Ao tratar do e-SIC, temos que 92% dos estudantes não haviam acesso no e-SIC durante sua vida acadêmica.

Aqueles que possuem apenas Ensino Médio ou ensino Superior incompleto, obtiveram um percentual de 70%. Sendo assim, 70% deles já haviam acessado o Portal de Transparência, comparados àqueles que possuem ensino superior, 87,7% já haviam acessado o portal.

Em relação ao sexo feminino, temos que 82% já haviam acessado o Portal de Transparência anteriormente à oficina. Ao serem questionadas sobre o acesso ao e-SIC e às Ouvidorias, temos percentuais de 13% e 17%, respectivamente. Em relação ao sexo masculino, temos percentuais de 79%, 24% e 7% para o acesso ao portal de

Transparência, acesso a Ouvidoria e ao e-SIC, respectivamente. O Gráfico 1 abaixo mostra os percentuais de acesso das plataformas relacionando-os com o gênero dos participantes.

Gráfico 1 Acesso aos Instrumentos de Transparência por Gênero



Fonte: dados dos questionários

3.1. AS OFICINAS TEMÁTICAS (2014-2017)

A primeira oficina do projeto foi ofertada no dia 18.01.2014, das 14h às 18h e o tema abordado foi instrumentos de controle social da LRF e da LAI. A oficina contou com a participação de 12 (doze) cursistas com duração total de quatro horas, com uma pequena pausa de 15 (quinze) minutos de intervalo. A dinâmica da oficina foi dividida em três partes: exposição, parte prática com a manipulação do portal de transparência e o preenchimento dos questionários. Durante o segundo semestre de 2014 foram ofertadas três oficinas com os seguintes temas: (i) Controle Social e Controle Institucional (interno e externo); (ii) Controle Social e Transparência Ativa; e (iii) Controle Social e Transparência por demanda.

Para elucidar a temática foi abordada a funcionalidade da Controladoria Geral da União e do Tribunal de Contas da União. Participaram da oficina 17 cursistas. A quarta oficina sobre Controle Social e Transparência Ativa versou sobre a contribuição dos portais de transparência para o fortalecimento do controle social. A partir de caso prático objetivou motivar os participantes a se tornarem auditores sociais. O qual explorou as informações disponíveis no portal da transparência do Governo Federal. Participaram da oficina 15 cursistas. As demais oficinas foram ofertadas em 2014, 2015, 2016 e 2017 e ao todo o projeto contou com 99 (noventa e nove) participantes nas dez primeiras oficinas do projeto de extensão ofertadas entre 2014 e 2017.

Os materiais utilizados durante a oferta das oficinas foram folders com informações gerais, cartazes de divulgação, banners, fichas de inscrição dos participantes, lista de presença, lista de interessados na próxima oferta, dois questionários impressos, sendo o primeiro com informações a respeito do conhecimento prévio sobre controle social e o segundo com informações a respeito da avaliação da oficina, caneta esferográfica, pincel para quadro branco, laboratório de informática com acesso à internet, projetor de multimídia e notebook e sala com capacidade para quarenta participantes.

No período entre 2014 e 2017, o projeto de extensão contabilizou os seguintes produtos: oferta de dez oficinas temáticas; confecção de folders temáticos para as oficinas; exposição do projeto nas Semanas Universitárias de iniciação científica e de extensão; desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica; desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC); artigos publicados em periódicos e congressos científicos, por exemplo, Costa *et. al.* (2014), Costa e Nascimento (2017) e Torlig e Resende Junior (2018) entre outros; e participação em editais de fomento e bolsas de pesquisa.

No entanto, a cada oferta de novas oficinas temáticas a metodologia poderá ser ajustada e dados serão obtidos para subsidiar novas pesquisas sobre o tema “Controle Social”. O grupo de professores pesquisadores entende que devido a infraestrutura mínima necessária para oferta de novas oficinas poderá haver certa dificuldade logística na oferta para grandes públicos, por exemplo, para crianças ou idosos, porém, tudo pode ser adaptado. Por fim, o grupo decidiu aguardar a ofertada de novas oficinas para analisar uma amostra maior de respondentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência compartilha com a comunidade científica e sociedade em geral a contribuição do projeto de extensão “Controle Social: aprenda a ser um Auditor Social”. Ressalta-se que a sociedade tem interesse em conhecer como funciona a Administração Pública, mas as limitações impostas como a linguagem técnica e o conhecimento especializado são entraves para o exercício do “Controle Social”.

Ao concluir a oferta das dez primeiras oficinas temáticas com temas sobre Controle Social, Controle Institucional e Transparência Pública e contar com a

participação de mais de noventa participantes, esse projeto colheu diversos frutos. Foi possível disseminar conceitos e temas relevantes, recolher dados que serão analisados e novas percepções poderão ser divulgadas a respeito de como contribuir para a formação de futuros auditores sociais.

A efetividade do projeto de extensão pode ser comprovada logo durante a oferta das oficinas. Os participantes são provocados a exercer o controle social demandando informações complementadas divulgadas nos portais de transparência dos governos locais ou federal, obtendo informações e dados não disponíveis via o e-SIC, sendo multiplicadores dos conhecimentos adquiridos e replicando as oficinas temáticas nas suas comunidades, nas redes sociais e em outros espaços de diálogo.

O projeto de extensão cumpriu o seu objetivo, visto que durante o período de 2014 a 2017 e considerando a oferta das dez oficinas temáticas vem capacitando multiplicadores. Além disso, o conhecimento produzido em sala de aula está sendo disseminado e compartilhado com toda a sociedade por intermédio de produtos, materiais didáticos, pesquisas científicas e palestras sobre o tema.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Decanato de Extensão (DEX) da Universidade de Brasília, por incentivar, apoiar e fomentar as atividades de extensão do Projeto "Controle Social: aprenda a ser um Auditor Social".

REFERÊNCIAS

COSTA et al. Financiamento da mobilidade urbana no DF para copa de 2014: uso de instrumentos de controle social. II SEMINÁRIO DE CONTABILIDADE DA FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (Scont/ 2013). Disponível em: <<http://ccontabeis.face.ufg.br/seminario/index.php/teste/IISSCONT/paper/view/22>> Acesso em : 27.jan.2014.

COSTA, A. J. B. ; SILVA, H. F. F. ; MICHELETTO, M. ; GONCALVES, L. A. ; NASCIMENTO, L. L. Controle Social: oficina temática como metodologia pedagógica para formação de auditor social. Participação, v. 26, p. 27-38, 2014.

COSTA, A. J. B.; NASCIMENTO, A. P. S. . Educação Fiscal: competências e habilidades de um auditor social. In: **V Conferência Sulamericana de Contabilidade Ambiental, 2017, Brasília**. V Conferência Sulamericana de Contabilidade Ambiental, 2017.

TORLIG, Eloisa Gonçalves da Silva e RESENDE JUNIOR, Pedro Carlos. Projeto de controle social sob a perspectiva das dimensões da inovação social: uma discussão sobre cocriação e o valor percebido pelos atores sociais. **XXII International Research Society for Public Management (IRSPM) Annual Conference 2018 - Edimburgo - Escócia (11 a 13 de abril de 2018)**, 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Decanato de Extensão. **Folder do Projeto de Extensão: Controle Social – Aprenda a ser um Auditor Social**, 2013.

CURSINHO POPULAR UMA ALTERNATIVA QUE DEU CERTO

Área Temática: Educação

Rosilda Mara Mussury¹

Juliana Rosa Carrijo Mauad², Fabíola Renata Cavalheiro Caldas³, Rute Eliz Vargas

Marques Stranieri⁴

RESUMO: A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEX, efetivou, no ano de 2017, uma parceria com a Prefeitura Municipal de Ponta Porã – MS com o objetivo de prestar serviços de apoio consistentes na gestão administrativa e financeira necessária à execução do Projeto “Centro de Desenvolvimento Rural do Itamarati” no assentamento Itamarati – Ponta Porã – MS. O projeto dialoga com a comunidade local com o objetivo de implantar, de forma gradativa, ações sustentáveis que atendam às demandas da população local. A proposta delimitou cinco principais eixos temáticos: Gestão do Território, Empreendedorismo Social, Produção, Educação e Saúde. Este artigo apresenta os primeiros resultados concretos dessa parceria, no eixo Educação, demonstrando que projetos como este ajudam a reduzir a distância entre as comunidades e o ambiente universitário que, para as populações em situação de vulnerabilidade social, parece inatingível. A implantação de um Cursinho Popular proporcionou a 108 estudantes do assentamento uma revisão geral de conteúdos cobrados pelos principais vestibulares do país e, também, pelo Exame Nacional do Ensino Médio. Destacamos, ainda, que outras ações estão sendo desenvolvidas em paralelo atendendo aos outros eixos.

Palavras-chave: Cursinho Popular. Assentamento Itamarati. Inclusão social.

INTRODUÇÃO

O assentamento Itamarati, criado em 2002, está localizado no Estado de Mato Grosso do Sul, na faixa de fronteira do Arco Central com o Paraguai, sub-região XIII, microrregião de Dourados, no município de Ponta Porã. Com aproximadamente 50 mil hectares, o assentamento Itamarati é o maior assentamento da América Latina, abrigando, atualmente, cerca de 15 mil pessoas.

No assentamento, a Educação fica sob responsabilidade de três escolas estaduais e uma municipal que, no ano de 2016, atenderam 2.758 alunos e, segundo o censo da

¹ Coordenadora de Ação. Prof.^a Dr.^a da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais da UFGD, maramussury@ufgd.edu.br

² Prof.^a Dr.^a da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais da UFGD

³ Técnica Administrativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD

⁴ Técnica Administrativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD

educação básica, naquele ano contavam com 462 alunos matriculados no Ensino Médio, incluindo aqueles pertencentes à “Educação de Jovens e Adultos (EJA)” (Ministério da Educação, 2017).

Verificou-se *in loco* que mesmo que o Governo Federal tenha investido recursos diversos com o objetivo de organizar a infraestrutura, educação, saúde, segurança, estradas e transporte no local desde sua criação, há muito a organizar, melhorar e executar. No ano de 2017 foi estabelecida a parceria entre a Prefeitura da cidade de Ponta Porã e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), as quais, juntas, estão em fase inicial de implantação do Projeto de Extensão Centro de Desenvolvimento Rural do Itamarati: Rede de Soluções Sustentáveis (CDR).

Como não há vagas para todos nas universidades, principalmente nas públicas e nos cursos mais concorridos das particulares, foram instituídos os Vestibulares, que tem excluído os menos preparados, que, em geral, são os menos favorecidos socialmente (Ruedas, 2005). Até mesmo a iniciativa política de destinar o preenchimento de parte das vagas das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas pelo Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, associada ainda ao sistema de cotas, mostrou-se insuficiente para compensar a enorme lacuna de informação adquirida entre os potenciais aprovados e os estudantes pertencentes às comunidades mais carentes.

Conforme Whitaker (2010), os jovens das classes subalternas, quando entrevistados, manifestam desejo de alcançar os cursos de prestígio que levam a profissões de status elevado. Mas ao observar suas condições objetivas, deixam-se dominar pelo desalento e nem sempre são capazes de perseverar e buscar outro caminho para chegar à universidade. Ou seja, desistem.

Nesse sentido, a revisão de conteúdos aliados a práticas pedagógicas mecanizadas mas descontraídas, e, muitas vezes, questionadas, traz o participante dos cursinhos ao “clima” da competição, eleva a autoestima e aumenta a confiança na aprovação. Não é objetivo deste artigo a discussão da validade ou não dessas práticas adotadas pelos cursinhos, mas sim, dos benefícios que elas podem trazer aos estudantes, em especial, àqueles de baixa renda, sem acesso aos cursinhos tradicionais e de elevado custo.

METODOLOGIA

A Pró Reitoria de Extensão e Cultura - PROEX/UFGD, através do edital PROEX Nº 40/2017, deu início à seleção de acadêmicos da própria UFGD para atuarem como

instrutores bolsistas nas áreas de matemática, física, química, biologia, língua portuguesa (gramática e literatura), redação, língua estrangeira (inglês e espanhol), história e geografia.

No edital PROEX Nº 43/2017 foram homologadas as inscrições de 22 candidatos(as) das diversas áreas, que foram convocados para o processo de seleção por meio da realização de uma prova didática. Em 25 de setembro, o edital PROEX Nº. 44/2017 trouxe o resultado da seleção simultânea à convocação dos aprovados no processo. Como não aconteceu, na primeira convocação, o preenchimento de todas as vagas para bolsistas divulgadas, o edital PROEX Nº 52/2017 trouxe a convocação que completou o quadro de 11 bolsistas selecionados para atuarem no programa Centro de Formação –Eixo Cursinho Pré-Vestibular – ITAMARATI.

Dos bolsistas selecionados, 82% pertencem a cursos de graduação e 18%, a programas de pós-graduação. Destaca-se ainda o aspecto que 55% dos bolsistas estão ligados a cursos de Licenciatura da UFGD, sendo os 45% que completam o quadro acadêmicos do curso de Medicina da Instituição.

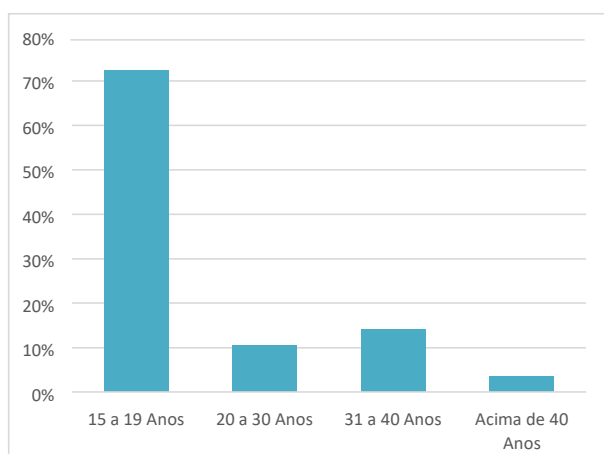
Os encontros aconteceram aos sábados na Escola Estadual Nova Itamarati, em duas turmas com 32 alunos cada, entre os dias 30/09 e 18/11 de 2017, das 8 às 17 horas, com intervalo de 2 horas para refeição.

O pagamento das bolsas dos instrutores foi de responsabilidade da UFGD, assim como o deslocamento dos mesmos de Dourados até o assentamento, sendo o transporte realizado em veículo próprio da instituição. Coube à Prefeitura Municipal de Ponta Porã o fornecimento de alimentação aos instrutores e o apoio logístico à ação.

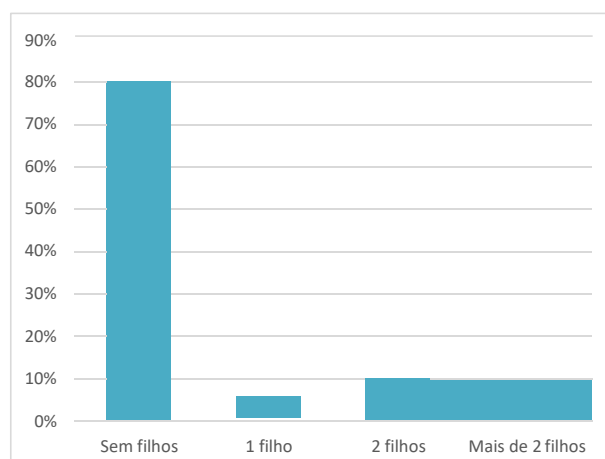
Foi aplicado um questionário para verificação das características da população, preenchido de forma voluntária e anônima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

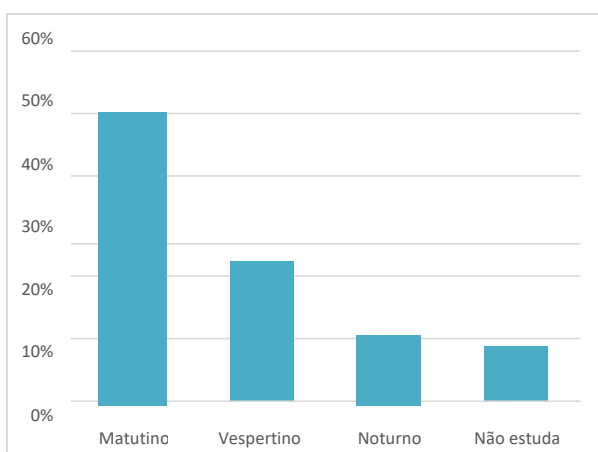
Participaram do projeto apenas moradores do Assentamento Itamarati. Foi constatada uma maior participação do sexo feminino, representando 57% dos estudantes. Verificou-se, ainda, que a grande maioria dos(as) alunos(as), o equivalente a 83% da população, são solteiros(as). O questionário aplicado buscava, também, informações acerca do perfil social da população atendida pela UFGD no cursinho implantado. Na Figura 1 são apresentados alguns dos resultados obtidos.



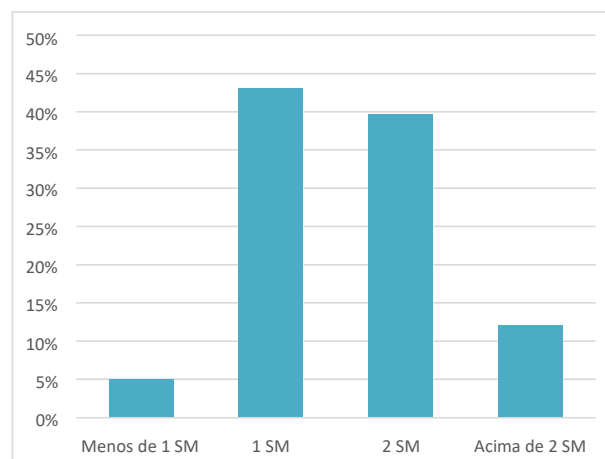
(a)



(b)



(c)



(d)

Figura 1: Distribuição percentual do perfil social dos alunos do Cursinho Popular. (a) Idade, (b) Número de filhos, (c) Período que estuda, (d) Renda familiar. Fonte: Autoria própria.

Os dados obtidos apontam para a heterogeneidade do grupo e permitem constatar os desafios encontrados pelos instrutores durante o desenvolvimento do curso, tais como: 72% dos alunos participantes encontram-se em idade adequada para o ingresso à Universidade. Praticamente um terço deles apresentava idade para estar concluindo ou mesmo já ter concluído o ensino superior; uma parcela dos alunos, 19%, já é responsável pela educação de filhos, o que afeta seu próprio rendimento escolar, dificultando também a sua assiduidade; O Cursinho ministrado aos sábados contou com 48% dos alunos cursando o ensino médio no período matutino, 22% no período vespertino e 12% no período noturno. A jornada estendida ao fim de semana prejudica o aproveitamento em razão do desgaste

físico dos mesmos; A renda familiar não ultrapassando dois salários mínimos para 88% dos participantes também potencializa os desafios, uma vez que o baixo poder aquisitivo impede ao acesso a um ensino básico de qualidade, tornando difícil efetuar a revisão de alguns conteúdos a que, durante o curso regular, os estudantes sequer tiveram acesso. 98% dos alunos estudaram todo o Ensino Médio em escola pública e buscavam no cursinho oportunidade de aprendizagem de conteúdos não presentes em sua formação regular, reforçando a afirmação feita anteriormente.

Em relação à pretensão de escolha do curso superior dos candidatos, foi apresentada a eles uma relação dos cursos oferecidos pela UFGD e solicitado que os mesmos assinalassem sua 1ª e 2ª opções desejadas. A observação das respostas apresentadas permite realizar algumas inferências acerca das intenções dos alunos no que tange ao curso pretendido. Chama a atenção a ausência de respostas para a pergunta de 2ª opção de curso. Isso evidencia a certeza da escolha para a 1ª opção, ou seja, o desejo de cursar a faculdade escolhida, sem perspectiva de mudança na opção; sendo os estudantes oriundos de movimentos sociais, suas raízes afetam diretamente a escolha dos cursos, quando demonstram preocupação com temas presentes em seu dia a dia. Justiça (Direito) com 19%, saúde (Medicina) e educação (Pedagogia) ambos com 10% são, nessa ordem, os três cursos mais citados como 1ª opção. Com 7% da preferência, o curso de Agronomia é o quarto na preferência dos alunos; A opção pelo ensino à distância (EAD) por 7% dos alunos foi um dado interessante, que demonstra a consciência da dificuldade de locomoção do assentamento até um dos campus da universidade.

Foram apresentados aos alunos vários quesitos para que apontassem os motivos que os levaram a optar pela UFGD para a realização de sua formação em nível superior, com a opção de anotar mais de um deles. Os resultados apontam para um público que, apesar de pertencer a uma classe social economicamente desfavorecida, encontram-se preocupados com a qualidade do curso escolhido, uma vez que: 76% apontam que é o fato de a UFGD ser uma Instituição pública o principal motivo, uma vez que custear uma IES particular demanda elevado aporte financeiro; Na sequência das razões apontadas aparecem a quantidade e qualidade dos cursos (64%), qualidade do corpo técnico (55%), qualidade dos professores (48%) e infraestrutura da universidade (36%), evidenciando a preocupação com a qualidade de ensino.

O Eixo CDR, Educação, contempla, em um dos seus objetivos, o Curso prévestibular e tem como meta oferecer à comunidade cursos preparatórios para o ENEM e o Vestibular,

por uma equipe de profissionais qualificados, buscando a socialização, a inserção do cidadão nos meios sociais e culturais e visando proporcionar aos estudantes do assentamento maior competitividade para o ingresso em universidades públicas. Os benefícios que a implantação do Cursinho Popular trouxe para a comunidade são claros. Aqui, cabe um esclarecimento: Cursinhos populares são totalmente gratuitos, não devem ser confundidos com Cursinhos alternativos, que nascem da iniciativa popular e cobram taxa ou material didático, nem com os mais conhecidos os cursinhos comerciais, mantidos pela iniciativa privada e que cobram pelos serviços prestados exercendo função comercial (Ruedas, 2005).

O sucesso da ação de Extensão começa pelo envolvimento de acadêmicos como instrutores no projeto, propiciando aos mesmos um contato direto com jovens que, como eles, aspiram por uma melhor condição de vida, seguida pela inserção dos alunos do assentamento que, como discutido ao longo de todo o texto, não teriam condições de frequentar um Curso Pré-Vestibular. Sem dúvida, a maior conquista dessa ação não pode ser parametrizada na forma de números. A elevação da autoestima, melhorias na formação cognitiva e social, o fortalecimento da autoconfiança, a perspectiva de realização de um projeto de vida e a inserção social são os principais legados deixados aos participantes. Caminhando sempre na busca de maior inserção social, a UFGD pretende continuar com o fornecimento do Cursinho Popular e, se possível, ampliar o número de turmas. A próxima comunidade a ser atendida engloba as etnias kaioiwá, guarani e terena. É intenção da PROEX – UFGD a implantação de um Cursinho Popular dentro das Reservas Indígenas dessa região.

REFERÊNCIAS

- Ministério da Educação – MEC. **Censo escolar da educação básica 2016 - Notas estatísticas**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.
- Ruedas, S. M. D. **Cursinho Popular do Município de Jandira – Uma experiência educacional visando ao acesso à educação superior**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. 2005.

Whitaker, D. C. A. **Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional.** Revista Brasileira de Orientação Profissional jul.- dez. 2010, Vol. 11, No. 2, 289-297.

DANÇA E FORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE DANÇA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Área Temática: Educação

Coordenadora: Beleni Saléte Grando¹

Autores: Beleni Saléte Grando, Sueli de Fátima Xavier Ribeiro², Evelyn Marah

Tomaz Ojeda³, Neide da Silva Campos⁴.

RESUMO: O Projeto de Extensão Bataru: cultura e identidade, entre outros objetivos, busca a formação intercultural de educadores que no corpo, na escola, promovem a valorização da cultura local e das histórias e culturas dos povos indígenas e afrobrasileiros como reconhecimento da identidade mato-grossense. Neste trabalho, o recorte é o subprojeto “Presença Indígena e Negra No Contexto Histórico Cuiabano”, que fez formação contínua de 430 professores de Educação Física, Arte, Articuladores e facilitadores do Projeto Mais Educação da rede municipal de ensino de Cuiabá-MT, a fim de realizar na UFMT, o XVI Eidancce - Encontro Interescolar de Dança e Cultura da Cidade Educadora. A formação possibilitou refletir sobre as perspectivas intercultural e interdisciplinar das danças regionais: Siriri, Chorado e o Maculele. Como ação do COEDUC/FEF/UFMT em parcerias com a Secretaria de Educação de Cuiabá, a formação objetivou qualificar a prática pedagógica da dança fortalecendo a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, para a inclusão das histórias e culturas afrobrasileira e indígenas no currículo. As ações expressam a relevância da extensão voltada à formação na perspectiva da educação intercultural e cultura local pela educação do corpo na dança da escola.

Palavras-chave: Cultura; Dança; Formação Contínua; Educação Intercultural.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Bataru: Cultura e Identidade”, iniciado em 2017, com o objetivo de ofertar oficinas de danças com recorte nas identidades cuiabanas e mato-grossenses, pela formação contínua na perspectiva da Educação Intercultural de

¹ Professora da UFMT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Coordenadora do Projeto de Extensão: “Bataru – Identidade e Cultura Popular”, vinculado à Faculdade de Educação Física – FEF/UFMT.

² Mestranda em Educação pela UFMT. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Cuiabá-MT. Idealizadora do Eidancce.

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física – FEF/UFMT, integrada ao Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT.

⁴ Doutoranda em Educação pelo PPGE/UFMT, vinculada ao Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT.

educadores e acadêmicos, viabilizou, como expressão desses objetivos, a realização do XVI Eidancce – Encontro Interescolar de Dança e Cultura da Cidade Educadora. O Eidancce como ação dentro do projeto de extensão, foi construído a partir da formação contínua de professores e professoras da rede pública de ensino de Cuiabá, entre setembro e novembro e atendeu mais de 430 educadores de Arte, de Educação Física e do Projeto Mais Educação que atendem as crianças fora do turno regular das aulas. As oficinas das danças de matriz africana e ameríndia, em Mato Grosso, pautaram a obrigatoriedade das leis 10.639/03 e 11.645/08, tendo por referência a Educação Intercultural na escola.

O curso de formação contínua: “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano”, objetivou que as escolas municipais pudessem desenvolver projetos de dança de forma interdisciplinar e intercultural e ao final, levassem seus alunos e alunas para se apresentarem no XVI Eidancce. O evento ocorreu como momento síntese do projeto de extensão no dia 14 de novembro de 2017, no Centro Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso.

A formação elaborada e conduzida pelo COEDUC/FEF/UFMT em parcerias com a Secretaria de Educação Municipal de Cuiabá, integrou ainda acadêmicos da graduação representantes de uma comunidade tradicional que tem um grupo de dança popular que se apresenta em nível nacional e internacional, acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação, além de lideranças quilombolas e indígenas que contribuem significativamente com as ações e demais projetos coordenados pelo COEDUC/UFMT.

2 VIVÊNCIAS CULTURAIS E FORMAÇÃO INTERCULTURAL

Com a formação contínua ofertada aos professores e professoras da rede pública de ensino de Cuiabá, o COEDUC buscou desenvolver uma prática pedagógica pautada na Educação Intercultural, por compreender que somente com essa proposição intencional de promover o reconhecimento da diversidade étnica e cultural e discutir as práticas sociais que cotidianamente reforçam o preconceito racial e marginalizam os corpos afrodescendentes e ameríndios no cotidiano das relações que permeiam as práticas pedagógicas na escola.

Nessa proposição pedagógica, como afirma Marin (2010), não basta reconhecer a diversidade e tão pouco discutir as questões étnico-raciais, mas implica em intencionalmente planejar uma prática pedagógica que possa promover as relações interculturais que neutralizam as relações de poder imposta pela perspectiva monocultural e eurocentrada da cultura escolar, pois essa privilegia uma cultura em relação à outra, um grupo em relação ao outro, e nega a possibilidade do reconhecimento do outro diferente do eu, na constuição de si e da sociedade mais humanizadora.

Discutir tais perspectivas tendo como pano de fundo uma expressão da cultura corporal de movimento – a dança –, como evidenciou nosso projeto, contribui para ampliar o acesso de todas as produções materiais e imateriais produzidas por diferentes sujeitos em cada contexto histórico específico em que se produz. Assim, conhecer e valorizar tais produções desvela pré-conceitos, principalmente em relação às culturas de matriz africana, indígenas e populares que se manifestam e são negligenciadas nos espaços escolares.

Pensar em uma educação para além da escola é um grande desafio para a comunidade escolar, para superar esse desafio, promovemos a formação para os professores buscando efetividade na melhoria do processo ensino e aprendizagem, organizando práticas pedagógicas que subsidiassem a implantação de pressupostos da Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que visam promover a equidade social por meio de uma nova consciência sobre as matrizes étnicas e culturais no Brasil, e com a intenção de tornar a escola um espaço de formação humana, adotando práticas que rompem as barreiras interdisciplinares com ações interculturais que dialogam com diversos saberes, inclusive com as danças Siriri, Maculelê e Chorado:

O Siriri de acordo com Grando (2002) é uma dança caracterizada pela participação de homens e mulheres, mas que por ser uma manifestação da cultura tradicional mato-grossense tem a participação das crianças e pessoas de todas as idades, uma vez que suas coreografias são variadas e ao mesmo tempo simples, sem um rigor técnico, especialmente ao tematizar a religiosidade e a beleza regional pantaneira. A oficina de Siriri foi subsidiada pela história e cultura local e referenciado com fontes que auxiliam no aprofundamento de suas origens e significados, para tal foram interlocutores relevantes para a compreensão do papel da cultura local na escola, Grando (2008), Campos (2011) e Sene (2017).

O Maculelê, de acordo com Sales (2015) é a ousadia: “[...] acrobacias e o ritmo energético provocado pelas batidas dos atabaques [...] dois bastões, para que possa entrar na dança e se envolver na força guerreira que transborda nesses espetáculos”. (2015, p.73). Esta formação foi subsidiada nos estudos da história e cultura dos negros no Brasil, assim como das implicações atuais da Lei 10.639/03.

A Dança do Chorado, segundo Fernandes e Almeida (2010), resulta das relações históricas dos mato-grossenses desde o período da colonização portuguesa e cujos gestos e expressões da dança evidenciam o processo de resistência e clemência das mulheres negras para liberação dos seus filhos dos castigos físicos e até morte, em Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso. A oficina pautou a leis e garantiram a problematização das relações étnico-raciais na escola, a promoção da valorização das mulheres e das lutas sociais que essas conquistaram para a sociedade brasileira.

Com o número de aproximadamente 230 pessoas participantes por período (matutino e vespertino) a formação foi organizada a partir de cada uma das danças em salas-oficinas em que os participantes da formação pudessem ter diferentes dimensões do conteúdo em cada encontro. Cada grupo de professores era distribuído em salas-temáticas e grupos que simultaneamente participavam do processo de formação em rodízio conduzido pela equipe de formação. Num salão se organizou as práticas da dança, em outras duas salas, os espaços de estudos que fundamentavam conceitualmente a oficina, uma com o conteúdo específico e outra com os fundamentos mais amplos da prática pedagógica na escola, como os referenciais para a elaboração de projeto pedagógico interdisciplinar e intercultural e pautando-se nos conteúdos expressos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em suas leis complementares: Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 (BRASIL, 2003; 2008).

O reconhecimento da dança como conteúdo qualificado na escola proporcionou aos professores perceber as possibilidades e as perspectivas que esse conteúdo oferece na perspectiva interdisciplinar e intercultural. Como afirma Marques (2005, p.33): “Estamos passando por uma fase de transição em que o fazer pensar a dança na escola brasileira está sendo construído por nós”. Pensar na formação de professores cuja base teórico-metodológica permite que as culturas marginalizadas no cotidiano escolar sejam problematizadas e acessadas pelo currículo em ação,

demonstra um projeto de educação articulado com as diferentes identidades e o reconhecimento e valorização de todas.

Nesta perspectiva, as oficinas das danças, além de proporcionarem o ensino das histórias e das práticas de cada dança, foram conceitualmente fundamentadas na educação intercultural, na cultura na e da escola, na valorização dos saberes e identidades da comunidade escolar, mais especificamente compreendendo essa em sua diversidade étnica e cultural, e nos processos de ensino e aprendizagem que pudesse garantir o atendimento a especificidade das leis acima citadas, que tornam obrigatório a inclusão das histórias dos povos indígenas e da população afrobrasileira e de suas respectivas culturas.

Com a formação e o estudo desses referenciais subsidiou os professores a fim de melhor qualificar suas práticas, pois atuar numa perspectiva intercultural demanda tempo, sensibilização e enfrentamento. Esse processo, no entanto, foi evidenciado durante essa edição do Eidancce, evento que pela primeira vez foi organizado a partir da formação. Na avaliação de sua idealizadora, o mesmo ganhou um novo significado para as escolas que dele estariam participando, pois passaram a compreender o papel da escola na inclusão de novos saberes pautados nas histórias que são constitutivas dos corpos afrobrasileiros e ameríndios que compõem a identidade das crianças cuiabanas.

3 CONSIDERAÇÕES DA AÇÃO DE EXTENSÃO

Com a proposta do Projeto Bataru: Cultura e Identidade o COEDUC/FEF/UFMT fortaleceu na formação de educadores para a Educação Intercultural, por meio do curso de formação contínua: “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano” o acesso a novos conhecimentos pautados na Educação Intercultural para mais de 430 professores de Arte, Educação Física e do Projeto Mais Educação, oportunizando as crianças das escolas públicas de Cuiabá o acesso à história e cultura de sua cidade a fim de se reconhecerem socioculturalmente com suas famílias e comunidades.

Na opção por uma dança privilegiou-se os aspectos históricos e contextualizados em diálogo com a cultura e a identidade de diferentes grupos sociais

e contextos históricos distintos, a fim de promover uma prática educativa capaz de dialogar com diferentes saberes e práticas que pudessem valorizar as identidades das crianças e das comunidades escolares.

Essa decisão pode ser evidenciada nas apresentações do evento síntese do Projeto, os professores e alunos interagiram com a cidade e esta participou efetivamente de um grande encontro de dança organizado pela UFMT realizado por ocasião da comemoração do dia da “Consciência Negra” que é feriado em Cuiabá: o XVI Eidanccce.

Podemos afirmar que a dança é uma forma de educação intercultural na escola que não se limita à aprendizagem de gestos ou “técnicas corporais”, mas, sobretudo, traz o prazer do encontro com o outro/corpo dançante, sua contextualização histórica, seus sentidos e significados. A dança na escola, espaço social de produção de conhecimento, permite a dialogicidade necessária à cultura nossa e a do outro como possibilidade de encontro nas e das diferenças, qualificando a escola como espaço de humanização na Educação Intercultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 11. 645, de 10 de março de 2008.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e indígena”. Brasília, Palácio do Planalto, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. **Lei n.º 10. 639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394 e Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, Palácio do Planalto 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso 10 mai. 2017.

CAMPOS, N. da Silva. **Há fogo sobre as brasas?** Sentido das práticas culturais populares na educação escolar. Dissertação de Mestrado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2011.

FERNANDES, O; ALMEIDA, E. Dança do Chorado: efeitos de uma memória. Revista **África E Africanide**. - Ano 3 n. 11, novembro, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRANDO, B. S. (org.). **Corpo, Educação e Cultura**: tradições e saberes da cultura mato-grossense. Cáceres, MT: Ed. Unemat, 2008.

GRANDO, B. S. (org.). **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

LARA, L. M. **As danças no candomblé: corpo, rito e educação**. Maringá: EdUEM, 2008.

MARIN, J. A perspectiva intercultural como base para a elaboração de um projeto de educação democrática: povos autóctones e sociedade multicultural na América Latina. **Visão Global**, Joaçaba, v.13, n1, p. 13-52, jan./jun.2010.

MARQUES, A, L. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2005.

SALES, J.L. **Corporeidades negras em cena: um processo cênico-pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade**. Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Arte. Brasília, dezembro de 2015.

SENE, L. J. de. Manifestações da Cultura Regional nas Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental em três escolas da Rede Municipal de Cuiabá. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2017 (80p.).

DESENVOLVENDO O PENSAMENTO COMPUTACIONAL ATRAVÉS DE FERRAMENTA EDUCACIONAL WEB 2.0 NO ENSINO FUNDAMENTAL

Área Temática: Educação

Valguima Victoria Viana Aguiar Odakura¹

Kennedy dos Santos Silva², Nicolas Pierim Pereira², Rodrigo P. S. Sacchi³

RESUMO: Pensamento Computacional é uma estratégia para resolução de problemas através da utilização de habilidades cognitivas na área da Ciência da Computação. O objetivo desse trabalho é relatar a experiência do uso de uma ferramenta Web 2.0 no ensino fundamental para estimular o ensino-aprendizagem do Pensamento Computacional. A experiência de uso refere-se à elaboração, aplicação e análise de uma oficina com alunos do 6º ano para ensinar conceitos iniciais de algoritmos e programação, estimulando inicialmente o raciocínio lógico. Ao final, os estudantes responderam questionários sobre sua percepção da oficina, mostrando interesse e o reconhecimento da importância de desenvolver o Pensamento Computacional, em especial utilizando a Web 2.0 para aprender programação.

Palavras-chaves: Pensamento Computacional, Ensino Fundamental, Programação, Ferramenta Educacional.

1 INTRODUÇÃO

O Pensamento Computacional (PC) é uma metodologia para resolução de problemas, desenvolvimento de sistemas e compreensão do comportamento humano através de conceitos básicos da Ciência da Computação, como o raciocínio lógico e formal [Wing 2006]. De acordo com Bordini et al. (2017), são identificadas diferentes abordagens e metodologias que estão sendo utilizadas com o objetivo de incluir o PC nos Ensinos Fundamental e Médio, como introdução de conceitos de computação, programação, robótica e uso de ferramentas, sendo algumas delas jogos. No Brasil verifica-se iniciativas com este objetivo, como no trabalho de Pinho et al. (2016) e Campos et al. (2014), incentivando habilidades para desenvolvimento efetivo do raciocínio lógico-dedutível, principalmente nos primeiros anos escolares.

¹ Profª Dra. do curso Engenharia de Computação - UFGD (valguima.odakura@gmail.com).

² Acadêmico do curso Engenharia de Computação - UFGD.

³ Profº Me. do Curso Engenharia de Computação - UFGD.

Este trabalho tem como objetivo relatar as contribuições da oficina realizada com estudantes do ensino fundamental para o desenvolvimento do PC através de ferramenta educacional. A oficina faz parte do Projeto Web 2.0, desenvolvido pelos alunos do Bacharelado em Engenharia de Computação, com o acompanhamento de professores. No projeto, objetiva-se habilitar os estudantes no uso da ferramenta de programação *online* baseada na Web 2.0 (revolução dos blogs e chats, redes sociais, também chamada de web participativa).

2 METODOLOGIA DA ATIVIDADE

Para atingir o objetivo do trabalho realizamos 3 etapas: a primeira foi a elaboração da oficina, a segunda foi a escolha da metodologia a ser utilizada durante a oficina e a terceira refere-se a realização da mesma.

2.1 ELABORAÇÃO DA OFICINA

A elaboração da oficina foi realizada considerando a escolha de turmas do 6º ano do ensino fundamental, buscando-se ferramentas adequadas para a faixa etária. O desenvolvimento da oficina não contemplou conteúdos curriculares, mas a aprendizagem de conceitos iniciais de algoritmos e programação, temas importantes para o desenvolvimento do PC.

A seleção de ferramentas para compor a oficina, contemplando a Web 2.0, priorizou aplicativos com versões gratuitas, em português e que preferencialmente fossem colaborativas. Na literatura acerca do ensino-aprendizagem do PC encontramos organizações que apoiam o ensino de programação como o Code.org (<https://code.org>), oferecendo cursos para ensinar conceitos iniciais de algoritmos e programação. Outras ferramentas encontradas como o Scratch (<https://scratch.mit.edu/>) e o App Inventor (<http://ai2.appinventor.mit.edu/>) também são voltadas para o contexto da programação. A fim de atender as necessidades da oficina foi escolhida a ferramenta Code.org.

A ONG Code.org é dedicada a expandir o ensino de Ciência da Computação, principalmente em crianças, em todo o mundo. A ferramenta selecionada, denominada Hora do Código, faz parte de uma iniciativa dessa organização, disponibilizando cursos com uma sequência de exercícios já

estabelecida, que utiliza o conceito de programação em blocos, na qual é formada por um conjunto de blocos que o estudante escolhe para montar seu programa.

2.2 METODOLOGIA

Para a oficina, são utilizados assentos para os estudantes, computadores e um projetor multimídia, de tal maneira que seja possível aplicar a metodologia de ensino Dojo [Souza-Concílio, Corrêa e Pacheco, 2015]. A metodologia Dojo trabalha a programação pareada (piloto e copiloto, em nosso caso passageiro também) com o objetivo de programar através de um processo contínuo, de forma não competitiva, colaborativa e divertida de testar novas ideias.

O material elaborado para o desenvolvimento da oficina contempla atividades para o raciocínio lógico e dinâmicas para trabalhar conceitos iniciais de algoritmos e programação. Além disso, foi proposta a exibição de curtas de animações durante a oficina, disponíveis no Youtube, abordando os temas de amizade, colaboração e respeito uma vez que os alunos da escola apresentam dificuldades de relacionamento entre si na visão dos professores da escola.

2.3 REALIZAÇÃO DA OFICINA

A oficina aconteceu no laboratório de informática de uma escola municipal Armando Campos Belo, para alunos do 6º ano do ensino fundamental, sendo ministrada por acadêmicos do curso de Engenharia de Computação, além do apoio da técnica de informática da escola. Foram utilizados três computadores pelos alunos que foram agrupados (dez participantes no total), utilizando a metodologia Dojo citada na Seção 2.1. A oficina teve a duração de um mês, divididos em cinco encontros, sendo três horas semanais, oferecidas no período vespertino.

No primeiro dia foi realizada a apresentação da equipe, com a exibição de um vídeo mostrando a universidade e apresentando os integrantes da equipe. Em seguida os alunos responderam um questionário inicial sobre o uso da informática. Neste dia as atividades de raciocínio lógico e as dinâmicas foram realizadas. Nos dias seguintes foram introduzidos conceitos da Web 2.0 e utilizada a ferramenta do Code.org para realizar atividades sobre estruturas sequenciais, condicionais e de

repetição, finalizando a oficina, no último dia, utilizando os conhecimentos adquiridos para programar o jogo *Flappy Bird*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

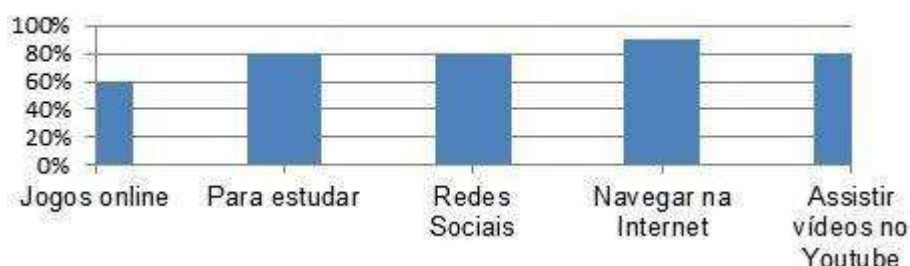
No início da oficina foi aplicado um questionário aos alunos para conhecer o nível de conhecimento no uso das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação). Responderam esse questionário dez alunos do 6º ano, com idade entre 11 e 14 anos, sendo sete meninas e três meninos.

Perguntados sobre a utilidade da tecnologia para estudar e aprender, todos os entrevistados concordaram com a sua importância. Os alunos também foram questionados sobre o local onde aprenderam usar o computador, sendo os locais mencionados: casa (80%) e escola (20%). Verificou-se ainda que 70% responderam que têm computador em casa com acesso a Internet. Os demais, 30% usam o computador e acessam a Internet na escola ou *lan house*. Naturalmente, os alunos que não tem computador declararam que raramente usam o computador.

Os 10 alunos entrevistados relataram que usam o computador para diversas atividades, quais sejam, acesso às redes sociais, jogos *online*, assistir vídeos no Youtube, navegar na Internet e para estudar. A distribuição dessas modalidades de uso é ilustrada na Figura 01. Percebe-se que as atividades mais realizadas pelos alunos é navegar na internet, seguidas de assistir vídeos no youtube, utilizar redes sociais e estudar, e por fim jogos *online*. A maior parte das atividades exercidas pelos alunos no computador refere-se a entretenimento.

Considerando que 70% dos alunos possuem um computador com acesso a Internet em suas casas e o utilizam diariamente, porém, principalmente para o entretenimento, vê-se que há oportunidades destes serem usados mais proficuamente em prol da aprendizagem, em especial utilizando da Web 2.0 para aprender programação.

Figura 01 - Atividades realizadas no computador



No último dia da oficina, um segundo questionário foi aplicado aos estudantes, tendo apenas nove dos dez participantes, sendo dois meninos e sete meninas. Perguntados novamente sobre a utilidade da tecnologia para estudar e aprender, 100% dos entrevistados concordaram da sua importância, o que confirma o reconhecimento por parte dos alunos, da contribuição da tecnologia para a aprendizagem.

Em relação a ferramenta apresentada 77,78% dos estudantes não conheciam a ferramenta, 22,22% conheciam, mas não haviam utilizado. A ferramenta foi bem aceita pelos estudantes, considerada fácil para todos os que participaram da oficina. Houve consentimento também quando questionados sobre a ferramenta ser útil para o dia a dia e para estudar, sendo que todos concordaram sobre a sua importância, bem como a continuidade do seu uso após a oficina.

Em relação a oficina, todos concordaram quando questionados sobre a importância de aprender programação para o futuro. Outro recurso utilizado na oficina foram curta-metragens. Todos os alunos concordaram que os curtas passaram as mensagens propostas. Vale ressaltar que durante toda a oficina, todos os alunos se comportaram muito bem, não tendo a equipe do projeto presenciado nenhum dos problemas de comportamento relatados pelos professores. Atribuímos esse bom comportamento a motivação e ao interesse dos alunos pela oficina, além da metodologia utilizada durante a mesma.

O *feedback* da técnica de informática e dos professores foi positivo, mostrando-se satisfeitos com a oficina realizada, e demonstrando interesse na continuação do projeto. Desse modo, a oficina atingiu o objetivo proposto de desenvolver o PC através de ferramenta educacional Web 2.0 no ensino fundamental, sendo bem recebida e reconhecida pela comunidade escolar, alunos, técnico e professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente experiência buscou contribuir para o ensino-aprendizagem do PC, utilizando uma ferramenta gratuita, baseada na Web 2.0. Verifica-se que a oficina atingiu seus objetivos desenvolvendo o PC através de um segmento não abordado tradicionalmente nas escolas, fornecendo dinâmicas de grupo, atividades práticas abrangendo os temas das áreas da programação, amizade, colaboração e trabalho em equipe, o que gerou uma ótima interação e discussão sobre as soluções dos problemas apresentados.

Como trabalhos futuros, pretende-se desenvolver uma ferramenta Web para o ensino-aprendizagem do PC com o objetivo de despertar nos estudantes o raciocínio lógico e introduzir conceitos iniciais de algoritmos e programação, para ser utilizada como material de apoio nas oficinas.

5 REFERÊNCIAS

BORDINI, Adriana et al. Pensamento Computacional nos Ensinos Fundamental e Médio: uma revisão sistemática. In: Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE). 2017. p. 123.

CORRÊA, Ana Grasielle Dionisio et al. CODING DOJO COMO METODOLOGIA DE ENSINO: A VISÃO DOS EDUCADORES. Revista Educação & Tecnologia, n. 13, 2015.

DE CAMPOS, Gleider M. et al. Organização de informações via pensamento computacional: Relato de atividade aplicada no ensino fundamental. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2014. p. 390.

PINHO, Gustavo et al. Pensamento Computacional no Ensino Fundamental: Relato de Atividade de Introdução a Algoritmos. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2016. p. 261.

WING, Jeannette M. Computational thinking. Communications of the ACM, v. 49, n. 3, p. 33-35, 2006.

ECOALFABETIZAÇÃO HIDROPONIA E POMAR EM BENEFÍCIO DA COMUNIDADE, NOVA XAVANTINA-MT

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Alessandra Conceição de Oliveira¹

Autor: Bruna Alves da Silva², Gabriela Eliza Schossler Guimarães², Luciana Saraiva da Silva², Millena dos Santos Silva², Alessandra Conceição de Oliveira¹

RESUMO: O ambiente escolar é o lugar ideal para proporcionar situações de aprendizagens, nas quais os professores e os alunos podem construir em pontos de união entre a ciência e sociedade, indivíduo e ambiente, este projeto teve como objetivo desenvolver atividades integrativa com a participação de acadêmicos, professores e comunidade mediante a encontros com alunos de escolas públicas. As escolas de cada bairro aceitaram a participar, por meio de interesse as propostas do projeto, e não ocorreu a aplicação de nenhum questionário com questões abertas e/ou fechadas, apenas houve o registro fotográfico. Realizou-se dois encontros com as escolas com ensino municipal Deus é Amor e na escola estadual Ministro João Alberto, sendo o primeiro encontro a ida dos alunos das escolas a Universidade para um dia de campo com apresentações e funcionamento hidroponia NFT e floating, estufas e viveiros, irrigação por localizadas, aspersão e superfície. No segundo, concretizou-se um projeto de rearborização em duas escolas do município de Nova Xavantina-MT, que visa manter segurança alimentar e o conforto térmico das escolas, proporcionar aos alunos conhecimento e cuidados com a natureza, implantou-se mudas de ypê amarelo, ingazeiro, sendo implantadas 13 mudas de espécies de sombreamento na parte lateral, 15 mudas espécies de sombreamento na parte frontal da escola e 7 mudas frutíferas no interior da escola, totalizando 35 plantas, na escola Ministro João Alberto. Na escola Deus é Amor implantaram: amora, angico, mexerica, ingá, abacate, acerola, caju, mama-cadela, ipê, jatobá, pitanga, seriguela, tamarindo, jabuticaba e jambo. Este projeto conseguiu alcançar o objetivo de aproximar a Universidade da comunidade xavantinense, integrando os diferentes conhecimentos na construção de modelos sustentáveis de desenvolvimento a nível local, dando ênfase a ecoalfabetização como estratégia de educação, onde a Universidade atuou como facilitadora do processo de desenvolvimento sustentável e os estudantes/comunidade local são os principais agentes deste processo.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Extensão Universitária, Sustentabilidade.

¹ Profa Dra Alessandra Conceição de Oliveira, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Campus de Nova Xavantina. alessandraoliveira@unemat.br .

² Graduandos em Agronomia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Campus de Nova Xavantina.

1 INTRODUÇÃO

O projeto intitulado por Ecoalfabetização e segurança alimentar: hidroponia e pomar em benefício da comunidade, Nova Xavantina-MT, se divide em várias ações, dentre elas o encontro de gerações. Ações voluntárias no ensino básico vêm promovendo as crianças e do seu entorno a educação ambiental. O cultivo de hortaliças assegura alimentos de qualidade, a implantação de pomares assegura um ambiente mais agradável de convivência; permite a identificação de espécies frutíferas nativas, com a finalidade de incluir na alimentação frutos e hortaliças aos alunos da rede de ensino pública (ORR, 2006). Promover tal experiência é essencial que o educador compreenda previamente como os educandos percebem e compreendem o ambiente e sua biodiversidade, tornando o processo educativo mais eficaz garantindo que o aluno se familiarize com o ambiente natural, reconhecendo sua diversidade e facilitando a identificação de ações que possam prejudicar tal ambiente, incentivando processos de preservação (PROENÇA, 2010).

O ambiente escolar é o lugar ideal para proporcionar situações de aprendizagens, e os encontros, dia de campo e/ou feira escolar proporcionar as escolas e na comunidade a inclusão dos alunos e moradores as questões ambientais, além de contribuir para o exercício da cidadania, estimulando a ação transformadora, mudanças de comportamentos e a construção de novos valores éticos menos antropocêntricos (BERNA, 2001), estimulando também o consumo responsável de alimentos. Esse projeto buscou integrar universidade e comunidade com o objetivo de proporcionar o conhecimento aos alunos e aos funcionários das escolas, com práticas da ecoalfabetização na qual busca-se novas formas de produzir e construir que não prejudicam as pessoas nem a natureza.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto foi realizado em dois encontros, titulado IHA: Integrando Universidade e Comunidade, no Câmpus da UNEMAT de Nova Xavantina e nas escolas do município e do estado, sendo que o terceiro encontro está sendo organizado e acontecerá no mês de junho de 2018.

A escolha das escolas se deu da seguinte forma, nos dirigimos até as escolas mostrando as propostas do projeto em uma escola de cada bairro, e as escolas que aceitaram participar entraram para o projeto. Não ocorreu a aplicação

de nenhum questionário com questões abertas e/ou fechadas, apenas houve o registro fotográfico, e o total de 125 alunos no primeiro encontro, sendo 60 alunos na Escola Escola Municipal Deus é amor, 45 alunos da Estadual Ministro João Alberto e 30 alunos da Escola Municipal Monteiro Lobato, e no segundo encontro foi o total de alunos presentes nos períodos matutinos, vespertino, totalizando 500 de estudantes das escolas Escola Municipal Deus é Amor e Estadual Ministro João Alberto.

Após o trabalho de campo, os dados foram tabulados e analisados no intuito de apontar os aspectos que podem contribuir para o entendimento do universo desses alunos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Estas atividades foram desenvolvidas em conjunto com os alunos do curso de Agronomia e Turismo matriculados nas disciplinas de Irrigação e Drenagem; Agrometeorologia, Comunicação e Extensão Rural, Fruticultura I, Horticultura e Silvicultura, Projetos Interdisciplinares em Turismo, Eventos I e II e docentes de ambas as Instituições, além de integrantes do Núcleo de Estudos e Práticas Agroecológicas (NEPA) da UNEMAT- NX.

O primeiro encontro aconteceu no mês de julho de 2017, com alunos de 9 a 14 anos da escola Municipal Deus é Amor e alunos da escola Estadual Ministro João Alberto, localizada no Bairro Jardim Alvorada, em Nova Xavantina que consistiu na instalação da hidroponia NFT e Floantig, estufa e viveiro, irrigação por localizada, aspersão e superfície, a partir do estímulo à produção de alimentos na própria escola, a mesma justifica-se pela necessidade de indissociabilidade entre o ensino-pesquisa-extensão, contemplando aspectos relacionados a sua utilização no apoio as aulas práticas, pesquisas relacionadas ao uso da água/sistemas de irrigação, hidráulica e agrometeorologia e atividades de extensão previstas no projeto (Figura 01).



Figura 01. Imagens ilustrativas do primeiro encontro com as Escola Municipal Deus é Amor e Estadual Ministro João Alberto, Nova Xavantina-MT.

O segundo encontro do projeto realizou-se inicialmente na Escola Municipal Deus é Amor e Estadual Ministro João Alberto, onde foi implantado um pomar escolar na referida instituição e atividades realizadas com os alunos na faixa etária entre 8 a 15 anos. Foi apresentado a turma de agrometeorologia o projeto de rearborização das duas escolas, a Municipal Deus é Amor e a Estadual Ministro João Alberto. Dando início as atividades, toda a turma de agrometeorologia fez uma visita ao viveiro do senhor Santino, um coletor de sementes e produtor de mudas nativas do município, com o anseio de conhecer espécies, tanto nativas, como

frutíferas e de sombreamento, e adquirir conhecimento, trocar experiências e aplicá-las ao projeto (Figura 02).

Para as duas escolas seria necessário a planta baixa das mesmas, para organizar onde seriam implantadas as mudas nas escolas e como se daria a disposição dessas mudas. As plantas mais adaptadas para as condições fornecidas do terreno, foram: frutíferas e árvores de sombreamento, sendo escolhidas as seguintes espécies: amora, angico, mexerica, ingá, abacate, acerola, caju, mamacadeira, ipê, jatobá, pitanga, seriguela, tamarindo, jaboticaba, jambo, atemóia, limão caipira, limão siciliano, laranja, romã, tangerina, caju, goiaba, neem, ipê e ingá.



Figura 02. Imagens ilustrativas do segundo encontro com as Escola Municipal Deus é Amor e Estadual Ministro João Alberto, Nova Xavantina-MT.

A condução do projeto teve resultados em ações que permitiram o desenvolvimento de atividades que destacaram a importância da ecoalfabetização como estratégia de ensino-aprendizagem aproximando a Universidade do público alvo atendido e comunidade.

O ensino sobre plantas e frutíferas nativas deve contribuir principalmente para o exercício da cidadania, estimulando a ação transformadora, e buscou aprofundar os conhecimentos sobre as questões ambientais de melhores tecnologias, estimulou a mudança de comportamentos e a construção de novos valores, além da produção de alimentos saudáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível integrar a universidade com as escolas através de encontros, influenciando no aprendizado das crianças sobre educação ambiental, e despertando o interesse por práticas sustentáveis.

5 REFERÊNCIAS

PROENÇA, R. P. da C. Alimentação e globalização: algumas reflexões. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.62, n.4, p. 43-47, 2010.

BERNA, V. **Educação ambiental em ação**. Disponível em:< [http:// www. apoema. com. br/ EntrevistasRevistaEAemacaoFinal.pdf](http://www.apoema.com.br/EntrevistasRevistaEAemacaoFinal.pdf)>.

ORR, D. W. **Reminiscências**. In: CAPRA, Fritjof e outros. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. Cultrix: São Paulo, 2006.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE ECOLÓGICO SUCUPIRA - PLANALTINA DF

Área Temática: Meio Ambiente

Joaquim Ferreira Lopes
Licenciatura em Ciências Naturais - Faculdade UnB Planaltina
joaquimferreira1996@bol.com.br

Gabriel Veloso Peixoto
Licenciatura em Ciências Naturais - Faculdade UnB Planaltina
velosogabriel5@gmail.com

Pedro Luiz de Souza Ramos
Bacharelado em Gestão Ambiental - Faculdade UnB Planaltina
pedroramos.unb@gmail.com

Matheus Castilho Pinheiro
Bacharelado em Gestão Ambiental - Faculdade UnB Planaltina
castilh4.unb@gmail.com

Luana Cristina Alves Sales
Licenciatura em Ciências Naturais - Faculdade UnB Planaltina
salesluana@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho trata da aplicação de uma das ações do projeto de extensão “Educação Ambiental no Parque Sucupira”, onde nossa área de estudo é o parque que recebe este nome. Localiza-se no espaço urbano da Região Administrativa de Planaltina-DF, entre a Vila Nossa Senhora de Fátima e a Avenida Gomes Rabelo, que vem a propor para a população, promover a qualidade de vida e a ligação com o meio ambiente. Demonstraremos com mais enfoque a atividade relacionada as trilhas interpretativas, definiremos o que é a trilha interpretativa, como planejamos a atividade de forma que atenda diversas faixas etárias nas séries iniciais na escola Centro de Ensino Nossa Senhora de Fátima (CENSFAT), como dividimos as de forma que cada integrante do projeto possa aplicar a ação. Também, serão dados destaque às dinâmicas pedagógicas utilizadas pelos estudantes como forma de articular o espaço do parque ao cotidiano, proporcionando a relação entre o ser humano e a natureza raciocinando que precisa investigar alternativas dentro da atividade de forma que todos apliquem na prática os conceitos associados a ecologia, como sustentabilidade, reciclagem e energia. Tomando como base as trilhas realizadas desde o primeiro semestre de 2016 até o primeiro semestre de 2018, analisaremos se houve melhorias e/ou se a trilha possibilita a abertura de um diálogo que satisfaça o espaço de fala para os participantes. O objetivo da trilha interpretativa é salientar a população que o Parque Sucupira é parte complementar para a comunidade que reside próximo dela e que é extremamente necessário refletir a utilização e cuidado neste lugar, para que a próxima geração perceba que para ter um meio ambiente rico e saudável, precisamos cuidar

deste espaço de forma que mantenha a característica do local entendendo que ser humano e natureza possam trabalhar em companhia para um mundo mais sustentável. Palavras-chave: trilha, natureza, projeto, parque.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de ação contínua “Educação Ambiental no Parque Sucupira”, criado em 2010 na FUP/UnB, surgiu com o propósito de promover uma conscientização ambiental no que tange ao uso e preservação do Parque Ecológico Sucupira. O Parque se encontra em estado de vulnerabilidade e se situa em uma área perpassada por conflitos socioambientais, levando isto em consideração, o projeto busca atuar através da educação ambiental para fortalecer a gestão participativa da comunidade local no Parque. Atualmente o projeto conta com o Centro de Ensino Nossa Senhora de Fátima (CENSFAT), a rádio comunitária Alternativa FM 98.1, e outros projetos de extensão da UnB como parceiros. As ações educativas promovem uma relação sustentável entre o homem e a natureza, fomentando a ideia da cidadania ambiental, as relações ecológicas, os possíveis impactos das ações humanas no meio ambiente e como eles podem afetar a vida dessa comunidade.

2 DESENVOLVIMENTO

Quando discutimos na perspectiva da Educação Ambiental, devemos lembrar como é tratada, para isso, segundo os Parâmetros curriculares Nacionais (2001, p.181), acreditamos no conceito de Educação Ambiental da seguinte maneira:

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno – em seu meio, sua comunidade – não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil (...). Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão “Educação Ambiental” para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais. Um importante passo foi dado com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais.

Baseado neste fato, é imprescindível que o estudante da escola pública tenha o contato com a natureza e associe os conteúdos abordados no ensino em sala de aula a serem realizados na sua própria comunidade ou nos parques que visita, seja como visitas em parques que residem próximos a sua região, atividades que promovam a ocupação do parque (piqueniques, competição esportiva ou similares), ou

organizações que estimulam/estudam a preservação do meio ambiente de forma eficaz.

A metodologia do projeto se divide em dois eixos principais, o teórico e o prático. Na parte teórica os membros atuam no planejamento das atividades através de palestras e seminários abordando conceitos de ecologia, meio ambiente e sustentabilidade de forma lúdica e interdisciplinar de maneira a ampliar o senso crítico dos alunos e a relação entre seres humanos e natureza. Na parte prática contamos com duas oficinas ecopedagógicas e trilhas interpretativas: a Dinâmica da Teia da Vida consiste na demonstração do elo existente entre os seres bióticos e abióticos, abordando a ação de relacionar que cada elo é dependente entre si, e se acabar desaparecendo um dos componentes, desencadeia um prejuízo para todo o meio ambiente para o habitat abordado; a Oficina de Plantio Sustentável é dividida em três etapas, a primeira é realizada na escola CENSFAT, que por intermédio dos integrantes do projeto auxiliam os alunos a levar e produzir seus próprios vasos sustentáveis; na segunda, os alunos realizam o plantio das sementes e desenvolvem mudas de plantas nativas do Cerrado para posteriormente, na terceira etapa, serem plantadas no Parque Ecológico Sucupira.

As trilhas interpretativas são realizadas no próprio Parque, onde os estudantes visualizam na prática as interações ecológicas existentes nas relações sob a apresentação do histórico do parque e da área, como ele se desenvolveu para ser tornado o que é atualmente, a função dos insetos na natureza, a fitofisionomia do cerrado, quais interações os animais têm no bom funcionamento do parque e aprendem observando a paisagem, caracterizando a fauna e flora, sob a identificação das espécies nativas, a fim de despertar uma consciência ambiental ao tratar do valor imensurável da natureza e da sua relação direta com a sociedade.

Segundo De Paiva e De França (2007), se integrar numa trilha interpretativa estimula a descoberta em saber onde estabelecemos o nosso limite na relação com a natureza, reconhecer que os nossos limites estão evidentes e perceber que podemos pensar mais nas relações humanas, na procura em refletir sobre as modificações que o mundo moderno não demonstra. Proporciona a nobreza da cooperação, do ser mais humanitário, convivendo com a diversidade de opiniões que levam a poder entender melhor como a natureza realmente é. Cada indivíduo leva consigo uma sensação

diferente depois da experiência, como um novo olhar sobre o que observava, o que no

início não era interessante já que na escola tradicional por muitas vezes não é realizado de forma efetiva.

Dado o exposto, a oportunidade de participar de uma trilha interpretativa para o estudante um esclarecimento de como a natureza funciona e, para o organizador da atividade, é um instrumento pedagógico importantíssimo e com a intermediação baseado no tema de educação ambiental, podemos abordar várias disciplinas que permitem a discussão de forma mais aprofundada, como matemática, história, geografia e ciências naturais que oportunizam a descoberta e capacidade de expandir seu campo de visão para o estudo através das práticas investigativas que a atividade oferece.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação Ambiental é a metodologia de ensino por meio do qual o sujeito constrói seus valores sociais, conhecimentos e habilidades, seus processos educativos buscam a partir da interdisciplinaridade atrelar a esfera social, econômica e ambiental com a importância da educação política, permitindo um ambiente onde o cidadão possa se empoderar a fim de reivindicar seus direitos frente a sociedade em que se encontra. A fundamentação do projeto está na Educação Ambiental, onde os sujeitos envolvidos (alunos, professores, membros do projeto e parceiros) assumem a postura de agentes transformadores e passam a ser mais participativos na análise, no diagnóstico e na resolução dos conflitos socioambientais da comunidade, de modo que eles repassem o conhecimento, resultando em um despertar coletivo através de uma conduta ética, condizente com o exercício da cidadania ambiental.

4 CONSIDERAÇÕES

O Projeto de Extensão Educação Ambiental no Parque Ecológico Sucupira está em curso, temos observado um crescimento em relação a participação dos estudantes e um maior envolvimento da comunidade nas oficinas e demais atividades realizadas no Parque. A crise socioambiental é um problema real e epistemológico, por isso a necessidade de trabalhar sustentabilidade em todas as dimensões da aprendizagem, para solucionar é preciso pensar no macro e agir no micro, é papel da Universidade intervir com esse tipo de ação social que possibilita a construção de uma sociedade sustentável onde os cidadão compreende seu papel e sua responsabilidade

civil com o meio ambiente, pois o mesmo possui um valor intangível e possibilita a vida no planeta Terra.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde Temas Transversais. 3ª. ed. Brasília, 2001.

DAMASCENO, Luciene da Silva. Reflexões sobre a contribuição da extensão universitária na formação do professor de ciências naturais: estudo de caso a partir do projeto Parque Sucupira-Planaltina/DF. 2017.

DE PAIVA, Andréa Carla; DE FRANÇA, Tereza Luiza. Trilhas interpretativas: reconhecendo os elos com a educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 3, 2007.

DAS NEVES, Glauber et al. ESTUDO SOBRE A COBERTURA VEGETAL DO PARQUE RECREATIVO SUCUPIRA, PLANALTINA (DF). Revista Espaço e Geografia, v. 17, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, Victor Moura et al. Panorama dos parques de Planaltina-DF: pressão antrópica sobre áreas verdes urbanas. 2015.

TAMAIÓ, Irineu; LAYRARGUES, Philippe Pomier. QUANDO O PARQUE (AINDA) NÃO É NOSSO. EDUCAÇÃO AMBIENTAL, PERTENCIMENTO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PARQUE SUCUPIRA, PLANALTINA (DF). Revista Espaço e Geografia, v. 17, n. 1, 2014.

EDUCAÇÃO INTEGRAL EM JORNADA AMPLIADA

POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM JORNADA AMPLIADA

Área Temática: Educação

Coordenadora do projeto: Larissa Lauda Burmann¹

Autores: João Paulo Alves Lacerda²; Roberta Oliveira³; Joselaine Souza da Costa⁴;

Larissa Lauda Burmann

RESUMO: O Projeto de Extensão “Saber Direito: Ações cidadãs em Barra do Garças” surgiu com o intuito de ampliar o conhecimento jurídico dos estudantes e lhes proporcionar maior experiência prática, além de prestar um serviço social à comunidade através de palestras e de assistência jurídica gratuita, contando com o apoio e a presença de autoridades dos mais variados ramos jurídicos, como representantes da defensoria pública, poder judiciário e polícia civil. No referido projeto, abordam-se temas sociais corriqueiros como, por exemplo, a temática sobre a Educação Integral em Jornada Ampliada. Nesse sentido, a presente pesquisa busca verificar instrumentos capazes de promover uma proposta para tal. A técnica de pesquisa utilizada foi a bibliográfica, usando métodos qualitativos e quantitativos, buscando interpretar, a partir de dados secundários, comportamentos de grupos de indivíduos a partir de indagações referentes a educação e seus reflexos sociais. Denota-se que para haver uma Educação Integral em Jornada Ampliada necessita-se de uma maior atuação estatal como fim de promover adequações: nos espaços escolares; na matriz curricular dos docentes e gestores escolares; na inserção da sociedade nas escolas, capazes de tornar atrativa a educação integrada para os gestores e educadores escolares.

1 INTRODUÇÃO

Repensar o Direito, a educação e os caminhos para a implantação da educação integral em jornada ampliada, compreendendo que Ensinar ou Educar, por uma concepção de Educação Integral organizada, seja em turno único, ou em contra turno, poderá acarretar na elaboração de um planejamento de ação educativa, capaz de envolver atividades escolares de modo organizado, compreendendo a diversidade de pensamento pedagógico e disciplinar de seus conteúdos disciplinares.

¹ Mestre em Direito. Professora universitária na UFMT/CUA – laraburmann@hotmail.com

² Professor universitário - Direito/ UFMT/CUA

³ Acadêmica do Curso de Direito/UFMT/CUA

⁴ Acadêmica do Curso de Direito/UFMT/CUA

Assim, Grupo de Extensão “Saber Direito: Ações cidadãs em Barra do Garças”, através da presente pesquisa, busca determinar uma identificação de instrumentos capazes de promover uma política de educação integral em jornada ampliada, baseando-se em uma atuação pedagógica, consistente em integrar e diversificar as atividades matutinas e vespertinas, garantindo o foco na participação e no currículo escolar, propiciando aos discentes o aprofundamento e o aperfeiçoamento de sua formação escolar, em prol da primazia do conhecimento.

Nesse sentido, será verificado se referida política educacional encontra-se centralizada simplesmente no repasse de conteúdo ou se incluiu a vinculação de teoria e pensamentos às práticas educacionais, capazes de integrar instituições escolares e a sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

Baseando-se em uma atuação pedagógica que consiste integrar e diversificar as atividades matutinas e vespertinas, propiciando aos discentes o aprofundamento e o aperfeiçoamento de sua formação escolar, em prol do conhecimento, qual não está centralizado simplesmente no repasse de conteúdos, mas sim na construção do mesmo por meio de experiências, vinculando teorias à práticas que integram a instituição escolar à sociedade.

Educação Integral em jornada ampliada tem por objetivo ampliar o tempo dos discentes nas escolas e nos espaços escolares, concebendo assim, novas técnicas de estudos e aprendizagem em um processo rico em interações e construções de conhecimento, exercendo uma percepção de cidadania, contribuindo assim, para a melhoria do processo educativo brasileiro

Para tanto, para haja o alcance do objetivo da educação integral, o processo educativo deve harmonizar-se com a sociedade; devendo essa ser considerada parte ativa e atuante no que tange a gestão de suas necessidades pedagógicas e educacionais, a serem desenvolvidas na ampliação da jornada escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com fulcro no fundamento de que *a educação faz e forma o cidadão desde a educação fundamental até a formação na instituição superior*, neste sentido, evidencia resultados expressivos a respeito da qualidade de ensino e de formação, quando se detém a prática da educação integral, mantendo o foco no ensino e nas atividades, para formação integral do discente.

Para essa realização, dentre outros, se faz necessário remodelar tempos e espaços escolares, visando ampliar experiências socioculturais, à iniciação científica, à educação tecnológica bem como o aprofundamento curricular com ênfase em leitura e compreensão de textos; impulsionando a melhoria qualitativa e quantitativa tanto na oferta educacional quanto ao acesso e a permanência dos estudantes na escola pública.



Através da melhoria do acesso e da permanência escolar, poderá ser vislumbrada uma redução nos índices de abandono e evasão escolar, bem como a

reprovação e distorção de idade, ano e série dos estudantes da rede pública, corroborando com o propiciamento da completa integração familiar na escola, melhorando, assim, o envolvimento da comunidade escolar nos aspectos sociais, humanos e pedagógicos.



Ainda, cumpre ressaltar que elaboração de uma gestão profissional, capaz de ampliar o tempo escolar, associando atividades curriculares e extracurriculares, na rede pública, juntamente com o aperfeiçoamento e capacitação dos profissionais engajados na educação escolar de tempo integral - tanto os docentes como os prestadores de serviços público e privado, poderá tornar o ensino público como referência de ensino no Brasil, à luz de uma política educacional integral.

4 CONCLUSÕES

Entende-se que a educação Integral em jornada ampliada tem por objetivo ampliar o tempo dos discentes nas instituições de ensino e nos espaços escolares, concebendo, assim, novas técnicas de estudos e aprendizagem em um processo rico em interações e construções de conhecimento, de modo a ensinar e capacitar melhor os jovens discentes, para a melhoria do processo educativo brasileiro.

Isso significa considerar que, para o alcance do objetivo da educação integral, o processo educativo deve se harmonizar com a comunidade, que, por sua vez, deve ser considerada parte ativa e atuante no que tange a gestão de suas necessidades pedagógicas e educacionais, a serem desenvolvidas na ampliação da jornada escolar.

Pode-se concluir que, através do estudo, é possível entender e compreender as necessidades na esfera pedagógica e institucional em âmbito integral, o qual traz consigo importantes e emergenciais mudanças e adaptações no que tange a educação brasileira, não só na qualidade do ensino, mas em qualidade no material didático e os profissionais responsáveis pela educação no país.

Para isso é fundamental ter um plano atrativo para os docentes e demais gestores, que esteja: em consonância com a definição do que se constitui uma disciplina escolar; integrada às disciplinas da Base Nacional Comum e, portanto, às Diretrizes Curriculares Orientadoras para a Educação Básica; possibilite práticas pedagógicas diferenciadas; baseie-se em conteúdos/áreas de interesse dos estudantes, sem se esquecer das dificuldades encontradas pelo professor para o aprofundamento do assunto devido a carga horária restrita da Matriz Curricular de tempo parcial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. (2003), Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação.

BRASIL. Constituição Federal. Congresso Nacional. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394/96. Brasília, 1996.

CENPEC. Tendências para Educação Integral. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2011. <http://ww2.itaú.com.br/itausocial2/pdf/ed_integral.pdf>. Acesso: 29 maio 2018.

CENPEC. Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade. 2013. Disponível em:<http://www.fundacaoitausocial.org.br/_arquivosstaticos/FIS/pdf/percursos_educintegral.pdf>. Acesso: 30 maio 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ARROYO, Miguel. Ofício de Mestre. Imagens e autoimagens. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Mestres da Mudança, liderando a escola com a cabeça e o coração. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). O projeto político pedagógico da escola: uma construção possível. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CECIP, Porto Alegre: Artmed, 2006; O pedagogo/coordenador pedagógico/especialista e sua relação com o projeto político pedagógico da escola.

SANTOS, Cleidimar Barbosa dos. In: Cadernos de Ed

ENTRE ARQUIVOS E DOCUMENTAÇÃO: O CENTRO MEMÓRIA VIVA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Nilce Vieira Campos Ferreira¹

Autoras: Sandra Jung de Mattos², Letícia Cristina de Oliveira³

RESUMO: Este resumo expandido aborda a gestão da Documentação do Centro Memória Viva do Instituto de Educação da Universidade Federal Mato Grosso⁴. Temos como objetivo analisar as atividades desenvolvidas no CMVIE, onde procuramos mapear, organizar e catalogar documentação histórica e recente sobre EJA em Mato Grosso, a fim de disponibilizá-la em rede para estudos e pesquisas. Também realizamos atividades em instituições escolares com o intuito de divulgar a importância dos Centros de Documentação escolares como espaço de memória. O programa de extensão contempla projetos com ações de ciclos de estudo, cursos, oficinas abrangendo estudos e debates acerca dos desafios e ações de mulheres que influenciam os acontecimentos e tomam parte na vida pública, em suma, tratamos da história das mulheres e relações de gênero. A intervenção historiográfica abrange momentos de trabalho no qual pressupomos o envolvimento de graduandos e docentes em busca de inovações, de interpretações para consecução das atividades previstas. O registro da participação feminina nos espaços públicos da UFMT permitir-nos explorar as relações de gênero nas instituições educativas interagindo com o ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: arquivos escolares, centro de documentação, memória.

1 INTRODUÇÃO

Nesse trabalho temos como intuito apresentar as ações desenvolvidas no Programa Permanente de Extensão: ações educativas para o protagonismo feminino - vozes das mulheres na UFMT/Cuiabá. Essas ações são desenvolvidas no Centro Memória Viva/CMV, localizado no Instituto de Educação, 3º piso, sala 64 da Universidade Federal de Mato Grosso.

¹ Doutora, Professora Adjunta, Instituto de Educação/IE/DTFE, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: nilcevieiraufmt@gmail.br.

² Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Vivência, Coordenação de Extensão, Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Pedagogia, Universidade Federal de Mato Grosso.

⁴ Esse texto resulta de nossas atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas no programa de pesquisa e extensão denominado "Programa Permanente de Extensão Ações Educativas para o Protagonismo Feminino: Vozes das Mulheres na UFMT/Cuiabá".

Propomos expor as propostas do Programa Permanente de Extensão: Ações Educativas para o Protagonismo Feminino – Vozes Das Mulheres na UFMT/Cuiabá e os referenciais teóricos que embasamos nos nossos estudos e pesquisas.

Justificamos nossa proposta, pois na atuação docente em uma Universidade como a UFMT/Cuiabá, as mulheres tornaram-se importantes catalisadoras do conhecimento para gerações de estudantes que ingressaram na instituição e mesmo assim sua contribuição, sua presença ainda é pouco destacada.

O programa desenvolve várias ações. Aos poucos, um acervo de relevância para o patrimônio cultural de uma participação feminina que se fez presente na conjuntura institucional, nos espaços públicos, um acervo de mulheres que participaram do movimento educacional e garantiram uma atuação expressiva no espaço público está sendo organizado.

Para além disso, catalogamos, organizamos e difundimos o arquivo do CMVIE em escolas e instituições escolares com a intenção de popularizar os Centros de Documentações institucionais.

2. PROPOSTA DO PROGRAMA PERMANENTE DE EXTENSÃO E PARTICIPANTES ENVOLVIDOS

Ressaltamos que a equipe conta com profissionais e estudantes vinculados a diversas graduações e linguagens, incluindo Artes, Comunicação, Letras, Sociologia, Pedagogia, Psicologia. Boa parte dos integrantes possuem conhecimento na produção e gestão de projetos. Compõem a equipe professoras e servidores da UFMT, alunos dos cursos de graduação, professores e servidores municipais e estaduais, professores e servidores do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso/IFMT. Todos atuaram e ainda atuam em projetos e programas diversos de extensão em busca de interações que promovam uma conexão de saberes.

O programa já desenvolveu um documentário audiovisual e atualmente conta com um site para divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão que desenvolve. Ou seja, esse programa traz nos seus produtos expressões de ancestralidade, de um grupo como forma de afirmação de uma identidade.

A tabela 1 expõe ações e parcerias desenvolvidas no CMVIE e por parceiros do Programa.

Tabela 1 - Parceiros do Projeto Permanente de extensão

Secretaria Estadual de Educação Cuiabá	Seduc	Externa à IES	Instituição Governamental Estadual	Acadêmicos do Curso de Graduação e da pós-graduação vinculados ao programa estão em atuação nas Secretarias de Educação Estadual e Municipal. Possibilitarão a difusão do programa.
Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá	SMEC	Externa à IES	Instituição Governamental Municipal	Acadêmicos do Curso de Graduação e da pós-graduação vinculados ao programa estão em atuação nas Secretarias de Educação Estadual e Municipal. São lideranças em seus meios possibilitarão a difusão do programa.
Instituto Federal do Mato Grosso	IFMT	Externa à IES	Instituição Governamental Federal	Professores e técnicos que atuam no IFMT, lideranças em seu meio, atuarão nas oficinas e possibilitarão a difusão do programa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ressalvamos ainda que o Programa se articula ao projeto de pesquisa e extensão que procura investigar e propões ações no âmbito da **“Presença das Mulheres na Universidade Federal de Mato Grosso: Cuiabá”** coordenado pela profa. Nilce Vieira desde 2013 com a intenção de investigar a presença das mulheres na fundação da UFMT. A partir de 2016, o Programa que ora apresentamos é composto por três projetos.

Projeto EDUG: Educação e relações de gênero: inclui um conjunto de atividades contemplando oficinas e grupo de estudos da área temática destinada aos estudos de memória e educação das mulheres articulada à dimensão do gênero; a construção da história do ensino brasileiro a partir do olhar e da vivência feminina; direitos fundamentais; relações entre gêneros, nos quais buscamos contar, reconstituir várias histórias, trazendo para o momento atual experiências, imagens que ficaram no esquecimento e que podem nos ajudar a entender um pouco melhor a cidade, a vida de mulheres e homens, hoje, contribuindo para o empoderamento das mulheres.

Projeto NUDIE – Núcleo de Documentação do Instituto de Educação: prevê o levantamento, organização e catalogação do acervo documental do Instituto de Educação da UFMT e disponibilização no site integrado com a Biblioteca Estevão de Mendonça. Procuraremos evidenciar especificamente o trabalho das mulheres: caminhos para a autonomia – com a produção do vídeo-documentários e do foto-livros contendo memória e vozes femininas da UFMT. Contempla: filmagens, entrevistas, coleta de documentos, reuniões de estudo, entre outras atividades visando a difusão da participação das mulheres no Instituto de Educação e por extensão no ensino mato-grossense.

Projeto MEMO: Memória e História da Educação: Vozes das Mulheres, Escolarização e Gênero: projeto em desenvolvimento com criação e alimentação do site do CMVIE destinado a difusão de nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Com os cursos, oficinas, aulas práticas e a construção de materiais voltados para a história das mulheres e a relações de gênero evidenciamos um amplo campo de incentivo a formação de professores, pesquisadores para as ações de extensão voltadas para a participação feminina e relações de gênero.

3 ESTUDOS TEÓRICOS REALIZADOS NO CENTRO MEMÓRIA VIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA PRÁTICA

A principal motivação para esse trabalho foi a possibilidade que as coordenadoras encontraram de reunir, de forma organizada e mais acessível, não só um conjunto amplo e variado de documentos, como também de pessoas com qualificações distintas atuando como pesquisadores, bolsistas oriundos dos projetos de extensão e bolsistas do mestrado acadêmico em educação que trabalham com a memória da educação.

O centro trouxe a possibilidade de se reunir, de forma organizada e mais acessível, não só um conjunto amplo e variado de documentos, como também de articular pessoas com qualificações distintas que pudessem colaborar nas tomadas de decisão acerca das prioridades de pesquisa, das ações culturais e de outras atividades de pesquisa e extensão em educação de jovens e adultos e, também, nos encaminhamentos relativos a sua estrutura e funções comuns (FERREIRA; FERREIRA, 2014, p. 127).

As atividades desenvolvidas no CMVIE, nessa linha de raciocínio, passaram a permitir identificar, tratar e organizar a documentação referente à experiências de

educação popular, da EJA, do ensino superior, notadamente do curso de Pedagogia no qual já identificamos a presença de alunos que são oriundos da EJA, dossiês resultados de investigação nos cursos de graduação, diários, entre outros documentos, que foram produzidos no IE.

A intervenção historiográfica para a constituição de uma documentação digital, física e visual provoca momentos de trabalho que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão. É necessário encontros para estudos, visitas a arquivos, seleção de procedimentos de coleta de e organização de dados, ir a campo para a realização das entrevistas e filmagens, busca de inovações, de interpretações que possam responder às questões investigadas e que possam considerar a participação dos bolsistas nas diversas ações, pois “[...] a realidade produzida pelo homem foi complexa tanto na sua própria efetivação, quanto na sua forma de interpretação’. [...] Dentre as diversas inovações, podemos destacar a valorização das pesquisas que almejam dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas” (GATTI JÚNIOR; et al. 1997, p. 6-7).

Na busca de documentos, Paolo Nosella e Ester Buffa disseram que “documentos do acervo da própria escola: atas, livros de matrícula, anuários, programas de disciplinas, fotografias, etc.; jornais de época, que constituem fontes importantes por noticiarem acontecimentos que compõem a memória” (NOSELLA; BUFFA, 2009, p. 62). Desse modo, constatamos a importância dos acervos para a divulgação da memória.

A coleta das entrevistas e suas transcrições visando compor um cenário para o registro da participação feminina no ensino mato-grossense nos permitirá a percepção do significado pessoal e social dessa participação na criação e consolidação da UFMT. Uma memória viva desse grupo. Isto é, “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”. (LE GOFF, 2003, 476).

Com um dos pressupostos básicos para o desenvolvimento da proposta é a relação entre passado e presente, entre ação e pensamento, na perspectiva de tornar a memória da participação feminina no processo de gestação e implantação, a memória como um documento vivo, consideramos imprescindível buscar e registrar o testemunho de quem viveu o cotidiano institucional permitindo realizar e renovar o esforço e capacidade dos grupos sociais e das instituições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos que programa de extensão visa/visou ampliar as ações que vimos desenvolvendo e consiste um embrião com perspectivas de significativa ampliação posterior em busca de promover a educação e a memória, contribuindo para a formação educativa mato-grossense e, por conseguinte, da sociedade brasileira.

Ajuizamos que nossas propostas de atividades extensionistas podem ser uma forma de produção de conhecimentos que agrega a experiência e os conhecimentos da equipe. Para nós, a indissociabilidade perpassa três momentos: o ensino como uma possibilidade de aprendizagem extramuros que extrapola a sala de aula e a pesquisa emergindo das atividades extensionistas a partir das questões suscitadas nas práticas ao se conceber e elaborar os produtos como os aqui descritos, incluindo as atividades para sua consecução.

REFERÊNCIAS

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. Educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CIAVATTA, Maria. Mediações históricas de trabalho e educação. Gênese e disputas na formação de trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-1960). Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

FERREIRA, Márcia Santos; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. História e Memória da Educação, Movimentos Sociais e Educação Popular no Centro Memória Viva de Mato Grosso. In: DUARTE, Aldimar Jacinto; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. Pesquisa e Produção do Conhecimento. 1 ed. Goiânia: PUC Goiás, 2016, v.1, p. 127-135.

GATTI JÚNIOR, Décio: et al. História e Memória Educacional: Gênese e Consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. Revista História da Educação. Pelotas: ASPHE/FAE/UFPEl. 1997.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

ENTRE VOZES E SILÊNCIO, A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DA UFMS: BRINQUEDOTECA ABERTA

Área Temática: Educação

Maria Eduarda Cardoso Sampaio da Silva¹

Bárbara Rodrigues Adinolfi²

Milene Bartolomei Silva³

Daniela Cristina Barros de Souza Marcato⁴

RESUMO: Sabe-se que “contar histórias” nas instituições de Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental é uma prática pouco valorizada no âmbito familiar, entretanto muitos educadores ainda valorizam a contação de história. Essa técnica é importante para a construção do imaginário da criança, além, de exercer também muitos outros estímulos importantes para as crianças. **Objetivo:** compreender a relevância dessa ação para o processo de aprendizagem das crianças inseridas no projeto da Brinquedoteca Aberta, levando diversão e arte, e conseqüentemente cultura, através da leitura e contação de histórias, sejam por mímica, declamação, música e etc., com muita interatividade, carinho, atenção e humanização para com as crianças. Este projeto visa trabalhar práticas de leitura e escrita de maneira lúdica e que proporcione curiosidade e interesse às crianças. **Metodologia:** Pretende-se desenvolver através desse projeto, a introdução da leitura através dos contos de fada, utilizando contação de histórias com fantoches, peça teatral realizada pelas bolsistas com a ajuda da coordenação do projeto. Através da participação de bolsistas e voluntários do Projeto, procura-se encenar as histórias utilizando figurino para as mesmas, também utilizamos fantoches, músicas, jogos matemáticos, culinária, mímicas, e é claro a contribuição do imaginário infantil das crianças, tendo a participação nas falas, reações e até mesmo nas apresentações. Este projeto funciona desde o ano de 2017 com crianças da faixa etária de 4 a 10 anos de idade que vêm para a universidade Federal e também atendemos as crianças hospitalizadas. **Considerações finais:** Assim, faz-se importante o subprojeto Contação de histórias, uma vez que proporciona inúmeros benefícios ao desenvolvimento da criança, além de ser um projeto que possibilita que as crianças se divirtam e viajem para um mundo imaginário. **Palavras-Chave:** Contação de História, Brinquedoteca aberta, Projeto de Extensão, Educação.

¹ Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

² Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

³ Professora doutora, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Coordenadora do projeto de Extensão brinquedoteca Aberta

⁴ Professora doutora, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e vice coordenadora do Projeto de Extensão Brinquedoteca Aberta

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade mostrar a importância da contação de história para crianças da educação básica, assim como para crianças da educação especial (aquelas que por qualquer motivo de saúde se veem obrigadas a se retirar da escola e permanecerem internadas em hospitais por um período). Crianças na qual em seu processo de crescimento se veem com grande angústia por permanecerem em um quarto de hospital sozinhas por, praticamente, toda sua internação.

O ambiente hospitalar é difícil para qualquer paciente, porém para crianças internadas este período pode tornar-se ainda pior. A história contada é um importante instrumento que contribui para a formação integral da criança. Quanto mais contato a criança tiver com a literatura e as narrações, mais instrumentos ele terá para elaborar, organizar e expressar com clareza seus sentimentos e conhecimentos.

É necessário que as contações de histórias, estejam ainda mais presentes na clínica escola e Hospital Universitário da UFMS, para não só poder recrear as crianças, mas também despertar o interesse pela leitura e estimular a imaginação, trazendo toda a emoção da história para dentro de si.

2 DESENVOLVIMENTO

Vivemos um período em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças, os livros estão sendo deixados de lado, o que se torna um desafio para o educador conseguir despertar o interesse das crianças pela leitura. Sabe-se que a leitura tem importante função no desenvolvimento da criança, uma vez que proporciona entretenimento, amplia o conhecimento, desenvolve o afeto, entre outros inúmeros benefícios que os livros proporcionam ao leitor.

Os textos literários para crianças são ferramentas de enriquecimento afetivo e intelectual. A história é uma arte de suma importância nas nossas vidas, através delas conhecemos fatos, adquirimos experiências e nos despertamos para hábitos de leitura. Segundo Busatto (2006, p 74):

A intenção de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho e afeto bons tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, auto-estima, onde as crianças têm prazer em ouvir e desta forma alcançando seus objetivos.

Através das histórias podemos estimular as crianças e despertar o gosto pela leitura, pois como diz Villardi, (1997), não basta ensinar a ler, é preciso ensinar a gostar de ler, e, para o fortalecimento das crianças na sociedade inibindo a violência, contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência do homem.

Assim, torna-se importante que a criança tenha contatos com livros e histórias infantis para que ela possa desenvolver uma função social, além de obter habilidades como oralidade e interpretação. Para crianças que ainda não são alfabetizadas, a leitura se inicia pelas interpretações das imagens que os livros possuem, o que pode ajudar na alfabetização delas futuramente.

Com as contações de histórias as crianças começam a se familiarizar com as leituras, assim ajudando no hábito de leitura. Isso vai se tornar cada vez mais importante na vida social e pessoal da criança, visto que para entender textos, situações e conversas de forma correta é necessário possuir uma boa interpretação.

Abramovich (1989, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Com a leitura das histórias, as crianças podem viajar no tempo, contribuindo assim para o seu desenvolvimento. Na educação, a arte de contar história deve se fazer presente, pois pode fazer com que as crianças desenvolvam a fala, contribui para a interação e socialização de todos.

Ao ter contato com histórias nos hospitais, as crianças se tornam mais capazes de sonhar e acreditar para além de um quarto de hospital, o que pode amenizar os danos de suas doenças. Sobre isso Gasparotto (2011, p. 18) vai dizer que “a pedagogia no ambiente hospitalar, permite que a criança sonhe, imagine, crie, amenizando as consequências da enfermidade e do processo de hospitalização, auxiliando-a em seu processo de recuperação”.

O ato de contar histórias possui uma importância não só para o hábito de ler, mas também para mexer com o imaginário da criança. Através da história elas misturam o real com o fictício, ao contar uma história os personagens, o espaço, o tempo e até as emoções são recriadas no contador e, principalmente, na própria criança.

A contação de história e todos os seus benefícios se tornam ainda mais relevantes dentro de classes hospitalares, pois o ambiente hospital tende a fazer com que as crianças adoentadas se sintam mais vulneráveis, ansiosas e até mesmo mais tristes e introspectivas. Ao ter contato com histórias nos hospitais, as crianças se tornam mais capazes de sonhar e acreditar para além de um quarto de hospital, o que pode amenizar os danos de suas doenças. Sobre isso Gasparotto (2011, p. 18) vai dizer que “a pedagogia no ambiente hospitalar, permite que a criança sonhe, imagine, crie, amenizando as consequências da enfermidade e do processo de hospitalização, auxiliando-a em seu processo de recuperação”.

Diante da perspectiva de que a leitura é fundamental, e que a Universidade possui um papel importante na formação dos futuros professores, nesse processo do hábito da leitura nas crianças, considera-se importante a realização do presente projeto. Através da contação de histórias no Hospital Universitário e na Clínica Escola, o aluno pedagogo juntamente com as crianças, entrarão em um mundo de magia, brincando com palavras, expressando seus sentimentos, deixando por alguns instantes de ser ele mesmo, para entrar no mundo das personagens, desenvolvendo assim o prazer pela leitura.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O subprojeto contação de história que faz parte do projeto de extensão Brinquedoteca Aberta, acontece desde 2017, com duas bolsistas e 5 voluntárias. Foram realizadas várias atividades na sala da Brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com o objetivo de aperfeiçoar a formação dos pedagogos, possibilitando reflexões para a prática os conhecimentos adquiridos, enquanto futuros educadores, como também levar diversão e arte, e consequentemente cultura, através da leitura e contação de histórias para todas as crianças atendidas no presente projeto.

O Projeto contação de histórias são realizadas uma vez por semana totalizando 4 horas semanais para crianças de 4 a 10 anos. Iniciamos o presente projeto com uma pesquisa bibliográfica em torno da trajetória histórica da literatura infantil. Além disso, a pesquisa das histórias a serem contadas levando em conta a faixa etária dos ouvintes, o contexto social onde elas estavam inseridas, e os materiais pedagógicos que seriam necessários para a realização do planejamento.

Para a contação de histórias, as acadêmicas confeccionaram fantoches e fantasias para que as crianças sentissem a magia e o encanto das histórias, além de possibilitar que o contador possua a qualidade visual que o personagem da história necessita.

Deste modo, as atividades realizadas neste projeto de extensão acadêmica constituem mais uma oportunidade para oferecer aos acadêmicos e as crianças, espaços de acesso ao conhecimento, aprendizagem, cultura e lazer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros aparentam ter ficado no passado, pois é mais fácil procurar na internet do que a biblioteca. Há muitos que ainda pensam que o livro é algo ultrapassado, velho. Mas a importância de um livro na vida de uma pessoa e os benefícios que a leitura pode proporcionar, vem em confronto com essa realidade

mostrando que não há tecnologia no mundo que substitua a grandeza de conhecimentos que um livro pode mostrar.

Apesar da grande importância do ato de contar histórias, ainda hoje há crianças que tem o mínimo contato com livros. Assim, entendemos que a contação de história vai além do entretenimento para as crianças, mas que ela consegue ser capaz de trazer grandes benefícios que são de suma importância na fase infantil, como a mistura do imaginário com o real, de uma criação de hábito de leitura e acima de tudo o efeito de fazer a criança sonhar e conhecer a si própria e o mundo que vive.

Diante disto, pode-se perceber que para as crianças que estão em hospitais por muito tempo a contação de história possui uma responsabilidade maior, que é a de poder animar a criança que já se vê em crises de ansiedade, medo e solidão. Para uma criança que está muito tempo internada, uma história vai mudar toda a realidade que ela está vivendo ali.

Naquele momento, a criança pode fugir de toda aquela realidade que está enfrentando, criar um imaginário para trazer aquela história para si, as emoções, os sentimentos, as personagens e etc. Isso vai causar uma percepção de que tudo é possível quando se explora a imaginação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-artede-contar-historia-na-educacao-infantil/53329#ixzz5CyBP7R5I> . Acesso: 03-07-2018.
- GASPAROTTO, Geisa Mari. **Pedagogia hospitalar**: a literatura infantil como elemento de mediação no desenvolvimento da criança hospitalizada. Maringá, 2011. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Geisa_Gasparotto.pdf . Acesso: 03-07-2018.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

EQUIPE DE FOGUETEMODELISMO DA UNIRV

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Daniel Fernando da Silva¹

Autor: Igor Ceron², Phelipe Carvalho Lira³

RESUMO: A Equipe de Foguetemodelismo da Universidade de Rio Verde é formada por discentes das Faculdades das Engenharias que visam desenvolver na prática toda teoria adquirida em sala de aula, propondo aos futuros engenheiros o desenvolvimento de projetos de foguetes espaciais. Na sua proposta extensiva, a Equipe de Foguetemodelismo da UniRV desenvolve uma integração dialogada e interdisciplinar com os estudantes de ensino médio das escolas públicas e privadas, a qual os acadêmicos das engenharias propõe aos alunos de ensino médio o desenvolvimento de um protótipo de foguete espacial, visando um melhor ensino aprendizagem de ambas as partes através de aplicações e demonstrações práticas dos cálculos físicos e matemáticos utilizados na elaboração do projeto de um foguete espacial. Para confirmar a teoria na prática, foi desenvolvido uma “Olimpíadas de Foguete” dentro das escolas, a qual os alunos participaram de uma competição de lançamentos de foguete, visando comprovar o aprendizado teórico. Os resultados desta integração até o momento, se mostraram bastantes satisfatórios, tanto para os acadêmicos das engenharias, quanto para os alunos do ensino médio atendidos pelo projeto e professores participantes, pois de acordo com informações repassadas pelos professores das escolas, os alunos demonstram um melhor rendimento na aprendizagem do conteúdo. Portanto, a presença da Equipe de Foguetemodelismo da UniRV nas escolas, aumentou o interesse de todos pela área de engenharia aeroespacial, difundindo o conhecimento de forma lúdica e participativa. Palavras-chaves: Foguetes, engenharia, interdisciplinar, aplicações.

1 INTRODUÇÃO

O profissional de Engenharia sempre teve extrema importância no desenvolvimento de tecnologias que otimizassem a qualidade de vida da humanidade, sendo o seu campo de atuação muito amplo, e para que este profissional tenha uma formação completa, é necessário que a interdisciplinaridade esteja presente em toda a sua formação, sempre buscando aplicar a teoria da sala de aula em projetos práticos, para melhor absorção do conteúdo (RODRIGUES et al, 2003).

¹ Mestre, Engenharia Mecânica, Universidade de Rio Verde - GO, daniel_fernando@unirv.edu.br.

² Engenharia Mecânica, Universidade de Rio Verde – GO, igor.ceron@hotmail.com.

³ Engenharia Mecânica, Universidade de Rio Verde – GO, phelipe.engmec@outlook.com

Segundo Fazenda (1994), todo processo interdisciplinar do conhecimento precisa ser vivido, exercido e dividido entre os níveis fundamental, médio e superior de ensino, sendo o desenvolvimento de projetos que permitam a aplicação prática dos conceitos teóricos, uma das alternativas mais chamativas para que ocorra a interação e troca de informações entre os níveis de educação.

Veiga (1997), também afirma que o uso de metodologias de ensino específicas, como a aplicação dos conceitos teóricos na prática através do desenvolvimento de projetos de engenharia, ajudam o aluno a assimilar, memorizar, descobrir e produzir um novo saber.

De acordo com o que foi citado acima, foi criada no segundo semestre de 2017, a “Equipe de Foguetemodelismo da UniRV”, com o objetivo geral de aplicar o conteúdo teórico das disciplinas na prática, através do desenvolvimento de protótipos de foguetes espaciais. Atualmente a Equipe de Foguetemodelismo da Universidade de Rio Verde – GO, é formada por discentes das Engenharias, em sua maioria da Faculdade de Engenharia Mecânica, que contam também com ajuda de Docentes Mestres e Doutores.

O projeto em seu caráter de extensão, tem como objetivo estabelecer uma integração entre os estudantes de ensino médio das escolas públicas e privadas de Rio Verde – GO e os acadêmicos de graduação participantes do projeto, a qual os acadêmicos das engenharias propõe aos alunos de ensino médio o desenvolvimento de um protótipo de foguete espacial, visando otimizar os processos aprendizagem de ambas as partes através de aplicações e demonstrações práticas dos conceitos químicos, físicos e matemáticos empregados na elaboração do projeto de foguete.

Buscando justificar ainda mais este projeto, apresenta-se a seguir os objetivos específicos do mesmo:

- Proporcionar aos estudantes de ensino médio e superior um contato maior com as vastas áreas de estudo da engenharia;
- Proporcionar aos estudantes pesquisas no desenvolvimento de foguetes espaciais, aplicando todos os conceitos teóricos possíveis das literaturas disponíveis;
- Aplicar os conceitos das exatas (física, química e matemática) no desenvolvimento do projeto do foguete para no aluno o interesse de

seguir carreira nas empresas e instituições de ensino relacionadas ao espaçomodelismo.

2 DESENVOLVIMENTO

A “Equipe de Foguetemodelismo da UniRV”, começou suas atividades no segundo semestre de 2017, a qual os alunos passaram por um processo seletivo com provas de conhecimentos teóricos e práticos sobre construção de foguetes e espaçomodelismo em geral, foram selecionados 10 acadêmicos que fazem parte integrante do projeto atualmente. Depois de selecionados os acadêmicos, foram determinadas as funções de cada um dentro da equipe.

Em seguida, foram desenvolvidas reuniões registradas em livro ata para determinar quais os objetivos gerais e específicos dos projetos desenvolvidos pela Equipe de Foguetemodelismo da UniRV, ficou estipulado inicialmente a pesquisa em literaturas específicas e sites de internet sobre a construção de protótipos de foguetes praticados por grupos de Foguetemodelismo nas competições nacionais existentes. Feitas as considerações, ficou determinado as seguintes ações para o desenvolvimento dos projetos de foguetes espaciais da Equipe de Foguetemodelismo:

- Desenvolvimento de foguetes de acordo como o regulamento da Mostra Brasileira de Foguetes “MOBFOG”, disponível no site da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (<http://www.oba.org.br>);
- Para os projetos iniciais, foi escolhido o protótipo de foguete feito a partir de garrafa PET, com arestas feitas de cartolina, e o sistema de propulsão utilizado foi a reação química gerada mistura de bicarbonato de sódio e vinagre de cozinha;
- Para o a realização dos testes de pré-lançamento, foi desenvolvido uma base feita de cano PVC e aço carbono, toda a estrutura já montada para lançamento pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Base de lançamento dos foguetes



Fonte: Professor Me. Daniel Fernando da Silva (2017).

- Depois dos resultados positivos gerados pela Equipe de Foguetemodelismo dentro do Campus da Universidade, foi realizada a ação extensionista do projeto, a qual os acadêmicos integrantes da Equipe de Foguetemodelismo foram até as escolas de ensino médio apresentar aos alunos todos os conceitos das disciplinas de química, matemática, física e engenharia envolvidos na construção de um protótipo de foguete espacial, Figura 2.

Figura 2 – Apresentação do desenvolvimento de projeto de um foguete espacial



Fonte: Professor Me. Daniel Fernando da Silva (2017).

- Para confirmar o aprendizado adquirido pelos alunos do ensino médio atendidos pelo projeto, foi desenvolvido uma competição interna no Colégio Militar Carlos Cunha Filho de Rio Verde - GO, chamada de "Olimpíadas de Foguete", a qual os alunos foram divididos em grupos de 5 com a orientação de 2 acadêmicos das

engenharias, os mesmos construíram seus foguetes e fizeram o lançamento dos foguetes na horizontal, as 3 equipes que obtiveram a maior distância da base de lançamento, foram premiadas com troféus, Figura 3.

Figura 3 – Premiação do 1º lugar - Equipe Júpiter.



Fonte: Professor Me. Daniel Fernando da Silva (2017).

- A olimpíadas de foguete foi abrilhantada pela presença ilustre do primeiro Astronauta Brasileiro a ir para o espaço, Marcos Cesar Pontes, que fez um discurso de incentivo ao estudo e desenvolvimento de pesquisas na área aeroespacial e também ajudou na entrega da premiação as equipes campeãs.

Figura 4 – Presença ilustre do Astronauta Marcos Cesar Pontes.



Fonte: Professor Me. Daniel Fernando da Silva (2017).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Pode-se dizer que os resultados alcançados pela Equipe de Foguetemodelismo da UniRV, tanto no âmbito de contribuição científica acadêmica e também extensionista, através da integração com sociedade estudantil das escolas públicas do município de Rio Verde – GO, foram todos positivos, pois os estudantes demonstraram muita envoltura, disciplina e dedicação na construção dos foguetes e também na realização das olimpíadas de foguete.

Em questão de números, foram atendidos pelo projeto até o momento cerca de 600 alunos do ensino médio do Colégio Militar Carlos Cunha Filho de Rio Verde – GO, a qual neste segundo semestre de 2018 o projeto estará atendendo outra instituição de ensino do Município.

De acordo com as informações repassadas pelos professores dos alunos participantes, o projeto despertou nos alunos o interesse de sempre assimilar a resolução dos exercícios com alguma aplicação prática em projetos de engenharia ou que são utilizados em nosso cotidiano, aumentando o interesse dos alunos de participar das aulas e também do espírito de equipe, contribuindo exponencialmente para o aprendizado de todos participantes do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração entre os projetos desenvolvidos pelos acadêmicos de graduação em engenharia e os alunos de ensino médio, através da “Equipe de Foguetemodelismo da UniRV”, fomentou o interesse de todos pela área aeroespacial, sendo uma alternativa de carreira profissional futura e ao mesmo tempo difundiu os conhecimentos básicos de forma lúdica e cooperativa.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Papirus editora, 1994.

RODRIGUES, Letícia Reis et al. Projeto interdisciplinar: foguete a propulsão de água e pressão de ar. Universidade de Franca, Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica. Franca – São Paulo, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: o ensino e suas relações. Papirus Editora, 1997.

EXTENSÃO: DO ENSINO MÉDIO A UNIVERSIDADE

Área Temática: Educação

Coordenação da ação: Rosimeire Martins Régis dos Santos¹

Autoras: Julia Rodrigues Vicente², Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban³

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é descrever as experiências por mim vivenciadas do ensino médio a universidade. A metodologia trata-se de um estudo bibliográfico e descritivo de abordagem qualitativa. O interesse dessa pesquisa dá pelo motivo, da interação com os alunos universitários participantes de projetos de extensão durante o ensino médio. A pesquisa se torna relevante no sentido de apresentar aos alunos do ensino médio e demais interessados as possibilidades da extensão ao ingressar na universidade. Os resultados parciais da pesquisa apontam que participar de projetos de extensão são as melhores formas de interagir e aprender enquanto aluno do ensino médio e na universidade, incluir-se no ambiente acadêmico e amadurecer tanto profissionalmente quanto pessoalmente, a partir do contato com a escola, a comunidade e a universidade.

Palavras chave: Extensão, Aprendizagem, Ensino Médio, Universidade.

INTRODUÇÃO

O interesse dessa pesquisa dá pelo motivo, da interação com os alunos universitários participantes de projetos de extensão durante o ensino médio. A partir desse olhar do ensino médio e ao chegar ao ensino superior a curiosidade de conhecer ainda mais e envolver em projetos de extensão me proporciona um querer descobrir das possibilidades de aprendizagem pessoal, profissional e acadêmica por meio de envolvimento de projetos, sendo assim, ao ingressar na Universidade Católica Dom Bosco tive a oportunidade de participar do Projeto: Letras: Artes e Ciência, vinculado ao curso de letras ao qual sou acadêmica do primeiro semestre.

O objetivo dessa pesquisa é descrever as experiências por mim vivenciadas do ensino médio a universidade.

¹ Doutora em Educação, Coordenadora do Projeto de Extensão Letras: artes e ciência. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Email: rf3294@ucdb.br

² Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Extensionista do Projeto de Extensão Letras: artes e ciência. Email: juliarodrigues1213@gmail.com

³ Mestre em Linguística. Coordenadora do Curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Email: rf5670@ucdb.br

A metodologia trata-se de um estudo bibliográfico e descritivo de abordagem qualitativa a partir da vivência em um projeto de extensão.

A pesquisa se torna relevante no sentido de apresentar aos alunos do ensino médio e demais interessados as possibilidades da extensão ao ingressar na universidade.

Os resultados parciais da pesquisa apontam que participar de projetos de extensão são as melhores formas de interagir e aprender enquanto aluno do ensino médio e na universidade, incluir-se no ambiente acadêmico e amadurecer tanto profissionalmente quanto pessoalmente, a partir do contato com a escola, a comunidade e a universidade.

DESENVOLVIMENTO

1 O Olhar da Extensão no Ensino Médio

A partir do olhar enquanto aluna do ensino médio pude me encantar com as estratégias de aprendizagens propostas pelos acadêmicos universitários extensionistas no ensino médio, durante as aulas de Língua Portuguesa, as aulas eram mais dinâmicas e nos traziam curiosidades de sair de sala de aula e buscar mais, nos provocavam inquietações, incentivavam nosso lúdico e abriam portas para uma nova visão das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, muitos dos alunos presentes em sala de aula a princípio não tinham o gosto pela leitura, mas com pequenas atividades de interpretação com literaturas bem juvenis os alunos se apaixonaram e se dedicavam para as apresentações sempre carregadas de peças teatrais, música e dança.

Sendo assim buscamos, refletir esse contexto a partir do conceito de extensão, com base em Síveris (2013):

A extensão universitária, entre a diversidade de entendimentos, pode ser considerada uma diretriz institucional, um processo mediador de construção do conhecimento e uma atividade que aponta para a finalidade do percurso da aprendizagem, qualificando o valor epistemológico, ético e político da instituição, que deve ser vivenciado, cotidianamente, pelos sujeitos acadêmicos e comunitários, pelos processos instituídos e instituintes, e pelos resultados individuais e coletivos (SÍVERIS, 2013, p.20).

Podemos observar a partir de Siveris (2013), a importância da extensão não somente na universidade, mas na comunidade, na escola em nosso cotidiano como um espaço de formação humana, ética, política, possibilitando aprendizagens diversas. Durante esse processo no ensino médio esteve presente e muito ativa com a extensão a professora Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban, a qual foi essencial para a minha decisão de curso e muitas das minhas novas concepções de mundo, ela levava para sala junto dos extensionistas um novo ar para o ambiente escolar.

2 A Extensão no Ensino Superior: O que Fazemos?

A chegada na vida acadêmica é conturbada, pois ainda estamos presos ao ensino médio, fui procurar de imediato os projetos de extensão que tanto me encantaram no meu último ano do ensino médio, foi crucial o envolvimento dos extensionistas em sala de aula para que eu pudesse chegar até aqui. Podemos dizer que “o acadêmico que participa de ações de extensão universitária é mais flexível ao diálogo e é nesse diálogo que se fazem as relações com a vida profissional” (GARCIA; ARAÚJO; BOHN, 2013, p. 181).

Na primeira reunião do projeto de extensão Letras: Artes e Ciência o coração chegava a transbordar de vontades e disposição para começar logo, os dias passam correndo e a cada dia um novo conhecimento é agregado, Costa; Baiotto; Garces (2013, p.63) “Mediante a atuação em projetos de extensão os estudantes vivenciam experiências significativas de aprendizagens [...]”. Mesmo ainda não tendo participado de atividades de campo, sinto-me como se já tivesse feito antes e isso me trás confiança e motivação.

Estou em fase de preparação, ampliando os conhecimentos adquiridos na teoria em sala de aula para a prática na extensão. Almejo buscar novos olhares, expandir as opções e oportunidades de aprendizagens e tudo isso é agregado quando envolvida em um projeto de extensão.

Com base em Carvalho e Siveris (2013), a partir dos projetos de extensão, desenvolve-se no acadêmico uma construção profissional e pessoal, tendo amadurecimento nas concepções de mundo do acadêmico, formando questionamentos e vontades de conhecer o que vem além da sala de aula. É isso que nós extensionistas fazemos. Portanto, a participação em projetos de extensão é uma

forma de ensinar, pois é capaz de estimular reflexões e vivências fora e dentro do ambiente universitário.

Para aqueles que ainda não o fizeram a extensão, experimentem, a bagagem que te agrega é imensurável e seu mundo se torna mais amplo e cheio de luz.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Assim pude perceber desde o ensino médio que o processo formativo da extensão é rico em possibilidades de ampliar conhecimentos e interações diversas abrangendo maior visão de mundo e ressignificando aprendizagens.

De acordo com os estudos realizados podemos apontar que participar de projetos de extensão são as melhores formas de se incluir no ambiente acadêmico e amadurecer tanto profissionalmente quanto no seu pessoal, pois, a extensão como já está claro em seu nome é o ambiente para expandir e ampliar saberes, a partir do contato com a escola, a comunidade e a universidade.

Mediante a atuação em projetos de extensão, os estudantes vivenciam experiências significativas de aprendizagem, importantes não apenas para sua formação profissional, mas também pessoal.

Podemos afirmar que as experiências vivenciadas em projetos de extensão do ensino médio a universidade, possibilita articular saberes acadêmicos e sociais com reflexão crítica, indo além do espaço tradicional da sala de aula, favorecendo o desenvolvimento humano e a transformação social.

AGRADECIMENTOS

Ao Projeto Letras: Artes e Ciência por me proporcionar essa experiência como acadêmica extensionista e a Professora Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban por ter me introduzido tão encantadoramente ao curso de letras.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Fabíola Gomide Baquero; SIVERES, Luíz. A dinâmica motivacional no processo de aprendizagem na extensão universitária.. In: Luiz Síveres. (Org.). **A Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem**. Brasília - DF: Líber Livros, 2013, p. 37-58

COSTA, Aline Aparecida Cezar; BAIOTTO, Rosane Cléia; GARCES, Solange Beatriz Billig. **Os Processos de aprendizagem na extensão**. In: Síveris Luiz. (Org.). **Aprendizagem: O olhar da extensão**. Brasília-DF: Líber Livros, 2013, p.6194.

GARCIA Berenice Rocha Zabbot; ARAÚJO, Maria Inês Siqueira; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler. Universidade e Extensão Universitária: Uma Relação Dialógica entre Formação Profissional e Compromisso Social. In: Luiz Síveres. (Org.). **A Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem**: Brasília - DF: Líber Livros, 2013, p. 171-197.

SÍVERIS, Luiz (Org). **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília-DF: Liber Livro, 2013.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática

Área Temática: Educação

Andréa Kochhann¹

RESUMO: Discutir sobre a extensão universitária na formação acadêmica não é uma tarefa simples. É densa, intensa e tensa em um contínuo movimento dialético entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática. Destarte, nos atrevemos a socializar nossas preposições teóricas e práticas no tocante a temática, considerando o GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, o qual criamos, em 2006, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás no Câmpus São Luis de Montes Belos, no intuito de auxiliar acadêmicos no processo de leitura, interpretação e escrita de textos das disciplinas curriculares. Com o passar dos anos o grupo foi tomando corpo e assumindo a tarefa da indissociabilidade entre pesquisa, ensino, extensão e produção acadêmica para a formação docente. A metodologia elegida para esse artigo é qualitativa, bibliográfica e documental com apresentação de um grupo que atua praxicamente, visando atender os princípios e dimensões do FORPROEX (2012). Inferimos que a extensão universitária na formação acadêmica promove a construção do conhecimento crítico e emancipador no momento em que as atividades assumem o movimento prático.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Formação Acadêmica, Conhecimento Emancipador, Epistemologia da Práxis, GEFOPÍ.

1 INTRODUÇÃO

Assumir a docência universitária perpassa por compreender que sua identidade docente é modificada a cada movimento real e concreto que realiza no constante pensar e fazer da própria docência. A identidade docente começa antes mesmo da formação inicial na academia e prossegue por toda a vida enquanto formação continuada. Com esse escopo defendemos que assim a identidade docente do ser professor se constitui no processo, também suas atividades são constituídas. Com esse cenário me apresento, como docente universitária que constitui o seu ser professor ao passo que constitui suas atividades no seio de um grupo de estudos que criou em 2006 e coordena ao longo de seus 12 anos, que cresce a cada dia mais na compreensão de que ser docente universitário não é meramente dar aulas.

Em um intenso processo entre o pensar e o fazer, entre a teoria e prática, o

¹ Andréa Kochhann. Pedagoga pela UEG, Especialista em Docência Universitária pela UEG, Mestre em Educação pela PUC – GO, Doutoranda em Educação pela UnB. Docente da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br

GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade foi se constituindo como um grupo sólido que atua pela epistemologia da práxis, alicerçado na indissociabilidade entre pesquisa, ensino, extensão e produção acadêmica, visando à emancipação dos partícipes protagonistas das ações.

As discussões e as atividades do GEFOPI me movimentaram para investigações como projetos de iniciação científica, como projeto de mestrado e projeto de doutorado. Essas pesquisas conduziram a um amadurecimento do pensar e fazer, da teoria e prática, de tal forma que procuramos a cada evento que participamos, avançar nas discussões sobre extensão universitária na formação docente. Destarte, para esse texto delineamos a estrutura de uma análise conceitual sobre a temática e da apresentação sintetizada do movimento prático das atividades do GEFOPI, por ser essa temática, objeto de investigação de doutorado na UnB.

2 DESENVOLVIMENTO

A extensão universitária na formação acadêmica precisa ser compreendida no movimento do pensar e fazer, da teoria e prática, no tocante a seu processo histórico de constituição da concepção e curricularização, bem como do processo de acompanhamento e avaliação. A história da educação e das universidades brasileiras tem forte influência europeia e norte-americana. Assim, também ocorre com a extensão universitária. As universidades demoraram a ser implantadas no Brasil, conforme discute Cunha (1980) e entre críticas e reformas, chegam no séc. XXI com fragilidades e uma delas é a concepção de extensão de prestação de serviços e assistencialismo, com atividades eventista e inorgânicas, segundo Miguens Jr e Celeste (2014) e Reis (1996).

Essa concepção e característica é marcada inclusive por documentos que legalizam a extensão universitária, partindo do Estatuto das Universidades em 1931, da LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, da Reforma Universitária de 1968, da Constituição de 1988, da LDBEN de 1996, do PNE - Plano Nacional de Educação de 2001 e 2014. Os documentos tratam da obrigatoriedade de extensão universitária no processo formativo, mas apenas o PNE de 2014 oferece indícios para uma concepção acadêmica e com característica processual e orgânica dos programas e projetos.

É preciso compreender que o movimento de mudança de concepção é algo moroso e que foi construído historicamente por influência de países desenvolvidos perante o sistema capitalista, que prima por uma relação de produção de exploração da massa trabalhadora. Na contramão do processo as ações extensionistas de concepção acadêmica aparecem como possibilidade de transformação social e emancipação dos sujeitos, que buscam na indissociabilidade e na interdisciplinaridade, compreender e atuar nos problemas reais e concretos da sociedade, gerando impacto social e conhecimento crítico para o acadêmico, conforme requer o FORPROEX (2012).

As mudanças históricas e conceituais aos poucos se estabelecem principalmente considerando que as instituições de ensino superior deverão organizar seus projetos pedagógicos de cursos para atender a exigência da estratégia 7 da meta 12 do PNE (2014) que trata da obrigatoriedade de no mínimo 10 % dos totais de créditos serem em programas e projetos de extensão universitária. Em cursos de licenciatura em que o mínimo exigido de créditos são 3.200 h, significa um total de 320 h dedicadas a formação em atividades vinculadas a programas e projetos, que denotam um processo e uma organicidade.

Eis que a discussão sobre a curricularização ou creditação dessas horas precisa se efetivar nas instituições, bem como deve ser o sistema de acompanhamento e avaliação das atividades para garantir a formação de qualidade e não simplesmente escamotear o currículo com horas de suposta práxis, pois a extensão não é a parte prática do currículo, mas atividades carregadas de intencionalidade teórico-prática, como assevera Curado Silva (2008) perante uma totalidade que se apresenta contraditória em si mesma, principalmente porque necessita de financiamento para sua efetivação. Nesse limbo a avaliação das atividades extensionistas devem considerar as dimensões e os critérios que o FORPROEX (2012) apresenta no sentido de avançar para uma formação acadêmica visando à emancipação dos sujeitos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Considerando a concepção acadêmica de característica processual e orgânica para a emancipação dos sujeitos é que o GEFOPi vem se constituindo a cada ano mediante as atividades que realiza. Ao longo de seus 12 anos de criação, sob coordenação geral de sua idealizadora e contando com a colaboração de outros docentes universitários, tanto da UEG quanto de outras instituições, as atividades foram

crecendo e se fortalecendo tanto voltados para a pesquisa, quanto para o ensino, extensão e produção acadêmica. O GEFOPi em 2018 conta com mais de 90 participantes entre acadêmicos, egressos e docentes da UEG, como de outras instituições e comunidade em geral, espalhados por mais de 20 cidades do Estado de Goiás e também no Tocantins, Mato Grosso e Pernambuco. Alguns partícipes do grupo estão desde sua origem, outros saíram, outros entraram em 2018, o que mostra o movimento do grupo mas, prevalece em sua maioria a continuidade dos partícipes por anos e anos.

A metodologia das atividades do GEFOPi foi bem dinâmicas e variadas, tais sejam: 1 encontro mensal do grupo de estudos que se efetiva presencial e virtualmente pelo Skype, 2 encontros semanais de orientação individual ou pequenos grupos, 3 planejamento e execução de atividades como palestras, oficinas, workshop, minicursos, mesas redonda, salas de cinema e roda de conversas, 4 elaboração de resumos e artigos para apresentação em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, 5 realização dos projetos de pesquisas, que se tornam ou provém de projetos de extensão e publicação acadêmica, 6 organização de revistas pedagógicas com ISSN e divulgados no www.observatorio.ueg.br, 7 organização de guias para orientações de temas da academia, 8 publicação acadêmica em periódicos Qualis, 9 elaboração de livros com ISBN, 10 elaboração de monografias, artigos, dissertações e teses, 10 discussões teóricas e orientação pelos grupos do *whatsapp*, 11 divulgações das atividades pelo *Facebook* "GEFOPi Andréa", 12 Discussões sobre as práticas docentes dos professores da rede municipal de Luziânia pelo *Facebook* ENFORMA, 13 Discussão sobre as práticas docentes dos professores da rede municipal de São Luis de Montes Belos pelo *Facebook* FORM-AÇÃO, 14 divulgação das atividades e textos no Slideshare, 15 divulgação das atividades no *Youtube* e outros.

Como resultados quantitativos do GEFOPi, podemos apresentar entre os projetos de pesquisa um total de 18 pesquisas concluídas e 6 em andamento, 17 projetos de extensão e mais de 16 monografias advindas da pesquisa e extensão. Temos 26 edições da Revista Pedagógica e 13 guias do GEFOPi. Temos centenas de publicações em anais de eventos. Temos 6 artigos em Periódicos Qualis B, 10 capítulos de livros e 4 livros, e vários trabalhos em andamento. Além de vários partícipes que passaram em concursos públicos, em especialização, mestrado e doutorado. As atividades realizadas pelo GEFOPi são avaliadas continuamente e de forma que promova a participação da sociedade no processo de pensar e fazer das ações do

GEFOPI, inclusive uma das pesquisas realizadas foi no tocante às contribuições das atividades do grupo para a formação docente.

A relação forma e conteúdo, que o GEFOPI desenvolve suas atividades, busca a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, resultando em produção acadêmica, primando pela interdisciplinaridade das áreas do conhecimento, organizadas de forma processual para uma formação crítica, autônoma e emancipação dos sujeitos, pela práxis, que para Curado Silva (2008, p. 45) “Uma práxis emancipadora só pode ser construída se a atividade for analisada e modificada em sua forma (aparência) e em seu conteúdo (essência). Refletir para conhecer a realidade não é o movimento simples de pensar sobre os problemas cotidianos, mas um devir histórico.”.

O processo de análise entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática da extensão universitária na formação acadêmica possibilita a formação da identidade do docente universitário, bem como a constituição de um grupo de estudos de concepção acadêmica para a emancipação e transformação social ao durante o seu processo de efetivação. Todo esse cenário possibilitou conhecimentos que foi possível realizar, em junho de 2018, uma oficina no CBEU – Congresso Brasileiro de Extensão Universitária intitulada “DIÁLOGOS SOBRE CONCEPÇÃO, CURRICULARIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA” com o objetivo de dialogar praxicamente sobre questões teóricas e socializar nossa experiência com o GEFOPI. Como reflexo dos diálogos na oficina, que contou com 40 participantes de várias universidades do Brasil, foi elaborada uma moção de reivindicação em relação às dificuldades da extensão universitária na formação acadêmica, conforme Imagem 1.

Imagem 1 – Moção de Reivindicação



Fonte: A autora

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o objetivo desse texto foi socializar nossas preposições teóricas e práticas no tocante a temática, considerando o GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, acreditando ter alcançado o mesmo apesar das poucas linhas apresentadas. De forma audaciosa inferimos que a extensão universitária na formação acadêmica promove a construção do conhecimento crítico e emancipador no momento em que as atividades assumem o movimento prático.

O processo de pensar e fazer, de teoria e prática no processo de formação acadêmica vinculada a extensão universitária não é algo fácil e simples, e nem mesmo que não se tem dificuldades e impedimentos. Contudo, é possível ser realizado perante as condições históricas, materiais e concretas que as universidades brasileiras apresentam. Provavelmente o ideal pensado pode não vir a ser o real feito. A distância entre o pensar e o fazer, a teoria e a prática precisa ser superado. É um devinir, é um por vir, na luta e na resistência, demarcando territórios.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOP.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Luiz Antônio. A Universidade Temporã: o Ensino Superior da Colônia à era Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro. Professores com formação *Stricto Sensu* e o desenvolvimento da pesquisa na Educação Básica da Rede Pública de Goiânia: realidade, entraves e possibilidades. Tese. Goiânia: UFG, 2008.

FORPROEX. Plano Nacional de Extensão Universitária. 2012. In: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-deextensao/documentos-da-extensao-de-ambito-nacional/politica-nacional-de-extensaouniversitaria-forproex-2012/view>

MIGUENS JR. Sérgio Augusto Quevedo e CELESTE, Roger Keller. A extensão universitária. 2014. In: https://www.researchgate.net/publication/253645827_A_EXTENSAO_UNIVERSITARIA_-_Capitulo_de_Livro

PNE. Plano Nacional de Educação. 2014. In: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf
REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. Linhas Críticas. v. 2, n. 2, 1996. In: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>.

FACILITANDO O ENTENDIMENTO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS PARA APRENDIZES ESTRANGEIROS DE PORTUGUÊS

Área Temática: Educação

Rosana Budny¹

Bruna Larissa Gonçalves Pires²

RESUMO: O presente plano de trabalho faz parte de um projeto maior cadastrado no Sigproj – UFGD, denominado “Unidades Fraseológicas com zoônimos em dicionários bilíngues escolares” de autoria da professora Rosana Budny, orientadora de Iniciação Científica e coordenadora do grupo de pesquisa TRALEX-ENSINO Tradução, Léxico e Ensino de línguas estrangeiras, inscrito no CNPQ, cujo objetivo é investigar, identificar e descrever as unidades fraseológicas com zoônimos (UFz) em dicionários bilíngues escolares na direção português – inglês. As UFz agregam expressões contendo nomes de animais e fazem parte da comunicação diária e expressividade do falante no Português brasileiro. São expressões que marcam principalmente a oralidade, mas não só ela, e requerem ser descritas e traduzidas para a língua inglesa no sentido de atender a necessidade de produção de aprendizes de língua inglesa quando desejam verter um texto do português para essa língua. As UFz deveriam receber traduções igualmente idiomáticas, como por exemplo, ser macaco velho (*to be na old hand*) ou levar uma vida de cão (*to lead a dog's life*). O objetivo desta pesquisa foi de reunir abonações (exemplos) para UFz do dicionário FENAME para, desta forma, incluir no levantamento feito por Budny (2015). Esses dados se juntarão aos de outros dicionários e vão alimentar um banco de dados em desenvolvimento. Com base nos pressupostos teóricos da Lexicografia e da Fraseologia os dados são coletados para a longo prazo favorecer a elaboração de um dicionário com expressões metafóricas zoonímicas. Justifica-se esse levantamento pelo fato de que a facção de um dicionário fraseológico bilíngue (português-inglês) muito poderá contribuir para a tradução informal desses fraseologismos e favorecer uma melhor compreensão cultural das nossas expressões populares, ilustradas por abonações das UFz encontradas em contextos da internet que facilitam o entendimento dos aprendizes estrangeiros na hora de estudar a língua portuguesa.

Palavras-chave: Metalexicografia; Fraseologia; Unidades fraseológicas com zoônimos

¹Professora doutora e coordenadora de pesquisa, UFGD, rosanabudny@ufgd.edu.br

²Autora do projeto e graduanda do 4º ano do Curso de Letras Português-Inglês, FACALE-UFGD.

DESENVOLVIMENTO

O plano de trabalho segue o projeto “Unidades Fraseológicas com zoônimos em dicionários bilíngues escolares” da Prof. Rosana Budny, orientadora de Iniciação científica e integrado ao grupo de pesquisa por ela coordenado, cadastrado no CNPQ com o título TRALEX-ENSINO - Tradução, Léxico e Ensino de línguas estrangeiras. O objetivo desse projeto é pesquisar, estudar, identificar e descrever as Unidades Fraseológicas com Zoônimos (UFz) encontradas em dicionários bilíngues populares formando assim, um banco de dados com vistas de no futuro embasar a elaboração de um dicionário fraseológico do português para o inglês. O presente projeto dá continuidade a um projeto de doutoramento desenvolvido e defendido pela Prof. Dra. Rosana Budny, pela Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2015 e nessa tese criou o nome unidades fraseológicas com zoônimos, que são expressões idiomáticas do português que levam em sua composição, nomes de animais.

Nesse sentido, nosso objetivo, como orientanda de iniciação científica (IC -PIBIC) foi o de coletar as expressões que contenham nomes de animais iniciadas com a letra I até a P no dicionário Fename (1980). Para esse fim fotografamos, digitalizamos e incluímos em um corpus já existente as unidades fraseológicas com zoônimos encontradas juntamente com suas traduções apresentadas nesse dicionário.

Após esse processo, analisamos algumas traduções comparando-as com o banco de dados formado por Budny (2015) no sentido de levantar abonações que exemplificassem as equivalências encontradas nessa pesquisa e como tal abonação poderia melhor atender a necessidade de ilustrar e se fazer entender o sentido informal, coloquial, próprio dessas unidades fraseológicas e não um sentido ao “pé da letra”. Dessa forma, facilitava-se assim, o entendimento do aprendiz da língua portuguesa que pretendesse entender essa linguagem figurada e também do aprendiz de língua inglesa que pretendesse utilizar em suas produções essas expressões vertendo-as para a língua inglesa, através de uma contextualização social e cultural adequada.

Para que esse processo fosse concretizado a partir de informações levantadas para a comprovação dos sentidos das equivalências, demos continuidade no trabalho, acrescentando no *corpus* de pesquisa, abonações que trazem em sua composição alguns desses fraseologismos.

ANÁLISE

A metodologia usada nesta pesquisa (primeira fase da iniciação científica 2016-2017) tratou de reunir as UFz do dicionário bilíngue FENAME para, desta forma, incluir no levantamento feito por Budny (2015), outras fraseologias com nomes de animais para alimentar um banco de dados que está sendo desenvolvido com informações colhidas de outros dicionários, entre eles: Oxford, Longman, Michaelis, Collins, Mini-Webster's, Landmark e Larousse.

A pesquisa citada reúne atualmente, duas orientandas de Iniciação Científica (IC) que tiveram como função pesquisar no dicionário FENAME os nomes de todos os animais, seguindo uma ordem alfabética, dividida entre essas graduandas. Procuraram no dicionário as UFz, fotografaram os verbetes, digitalizaram, recortaram e colaram junto a um *corpus* existente. Em sequência, cada membro do grupo, ficou responsável por fazer levantamentos de abonações (exemplos) através de pesquisas na WEB (Google) que comprovam a existência desses fraseologismos na vivência dos falantes da língua portuguesa com enfoque nos aprendizes desta língua.

DISCUSSÃO

Este ano, nossa pesquisa está voltada para o levantamento de abonações em inglês para as equivalências de unidades fraseológicas com zoônimos encontradas no dicionário Fename. A seguir, apresentamos como o processo de abonações vem sendo executado:

Primeiramente, em ordem alfabética, analisamos uma expressão idiomática e sua tradução mais idiomática, colocamos essa equivalência, entre aspas na WEB e pesquisamos abonações que melhor as representem. Exemplificamos aqui a expressão "Puxar a brasa pra sua sardinha" (*bring grist to one's mill*), que tem como

significado, fazer algo pensando no seu próprio benefício, tirar vantagem e pode ter como abonação a seguinte frase “We do not therefore wish to bring grist to the mill of those who, as it were, want to see the back of this scheme.”³

Outros exemplos como o zoônimo “lesma- (ser uma) lesma”. A expressão idiomática “ser uma lesma” é usada para relatar que uma pessoa é muito lenta, devagar ou preguiçosa em suas ações ou pensamentos. Esta fraseologia é bastante usada no Brasil e possui um sentido depreciativo, podendo ser afirmada e melhor explicada no verbete do Houaiss “(fig). pej. pessoa que revela lentidão na maneira de pensar e agir; indivíduo insípido, monótono”. O termo é usado na língua inglesa como *sluggard* e *sluggish*. Observa-se na abonação: “A heavy lunch makes me sluggish in the afternoon”⁴.

Também a UFz “LEÃO - leão de chácara”, esta fraseologia “leão de chácara” se refere a um segurança (semelhante ao policial) de porte físico elevado, encarregado por controlar a entrada e saída de pessoas em festas e boates. Eles são responsáveis pela “vigilância e manutenção da ordem” (Houaiss). Por serem fortes e terem a responsabilidade de manter a organização e o bom funcionamento do ambiente são comparados então com um leão. Pode-se encontrar essa expressão na determinada abonação “O penetra foi expulso da festa pelo leão-de-chácara”

Esta expressão pode ser traduzida para o inglês como *bouncer*. “Bounce é saltar como uma bola, e é o que um leão de chácara faz quando tem que enfrentar um encrenqueiro, no clube noturno, o joga para o olho da rua!” (BUDNY, 2015). Em nossa pesquisa, encontramos a seguinte abonação em inglês para a expressão traduzida: “When Alan tried to follow her, the bouncer stopped him with a meaty hand on his chest”⁵

Como apresentado acima, este é o presente plano de trabalho, pesquisar abonações que comprovem e exemplifiquem, através de citações, o uso mais próximo

³ Disponível em: <https://glosbe.com/en/en/bring%20grist%20to%20the%20mill> Acesso em: 18/02/2018.

⁴ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sluggish> Acesso em: 18/02/2018.

⁵ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bouncer> Acesso em: 18/02/2018.

do informal que encontrarmos, para assim, facilitar o entendimento desses fraseologismos, pelos aprendizes da língua portuguesa.

O levantamento desses dados e o desenvolvimento da pesquisa de IC-PIBIC têm favorecido o entendimento de conhecer o processo da (Meta)lexicografia, da Fraseologia, e da presença constante das expressões idiomáticas tanto no português quanto no inglês que, até então, não me tinha apercebido. A pesquisa facultou mais proximidade com o tema em estudo e sua análise da língua inglesa tem contribuído para novos conhecimentos dessas expressões. Fatores esses que contribuem para a formação linguística na área de minha formação.

REFERÊNCIAS

BUDNY, R. Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD. 247p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) –Universidade Federal de Santa Catarina/ Florianópolis, 2015.

COLLINS. **Dicionário Prático Inglês-Português/Português-Inglês**. 3ed. São Paulo: Disal, 2012.

LANDMARK. **Dictionary English-Portuguese/Portuguese-English**. São Paulo: Richmond Publishing/Moderna, 2006.

LAROUSSE. **Dicionário prático para o aprendizado da Língua Inglesa (Avançado)**. 2ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LONGMAN. **Dicionário escolar Inglês-Português/Português-Inglês para estudantes brasileiros**. 2ed. Inglaterra: Longman, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Inglês-Português/Português-Inglês**. 2ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

OXFORD. **Dicionário Escolar para estudantes brasileiros de inglês, Português-inglês/Inglês-português**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

WEBSTER'S. **Minidicionário, Inglês-Português/Português-Inglês**. Antonio Houaiss, Riode Janeiro: Record, 2011.

FEIRA DE CIÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA ACADÊMICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA BOLSISTA

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Marfa Magali Roehrs¹

Autores: Mayara Júlia Silva do Nascimento², Edmilton Gusken³, Marfa Magali Roehrs.

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência na condição de bolsista num projeto de extensão, com objetivo de apresentar minhas percepções sobre as oportunidades/potencialidades na participação como acadêmica bolsista na organização de uma Feira de Ciências, entendendo nesse processo a formação de professores para a educação científica e exposição de trabalhos investigativos. Como parte da comissão organizadora, apresenta-se um olhar sobre a vivência num espaço diferenciado de formação acadêmica, através da extensão, e a percepção sobre o potencial da Feira de Ciências ao aluno expositor. O cenário de análise neste relato refere-se a Feira de Ciências no ano de 2016, realizado em dois espaços: na Unemat em Diamantino e Unemat em Barra do Bugres/MT. A vivência deu-se na preparação, organização e realização de atividades, interações com professores universitários de diferentes áreas e universidades, e com professores da educação básica. Na condição de acadêmica bolsista extensionista nesse projeto de Feira de Ciências, viver a universidade além da sala de aula tradicional, ampliou a formação e percepção reflexiva sobre o que e como se aprende.
Palavras-chave: Experiência extensionista, vivência universitária, espaços de aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

Com a velocidade que são produzidos e alterados os conhecimentos científicos, tem-se que um grande desafio para a educação moderna, especialmente em países de menor desenvolvimento científico. Isso porque esses países são responsáveis pela educação da maior parcela de jovens do planeta, com maior índice demográfico.

Ter acesso a conhecimentos científicos possibilita a mudança de concepção de ciência e tecnologia, do processo de construção e uso. E isso passa pela

¹ Coordenadora do Projeto de Feira de Ciências. Professora na UNEMAT, campus de Barra do Bugres/MT. Doutora em Ciências de Educação – marfali_@hotmail.com.

² Bolsista de extensão. Acadêmica no curso de Engenharia de Produção Agroindustrial, Universidade do Estado de Mato Grosso – mayarajulia0296@gmail.com.

³ Departamento de Matemática e Engenharias, Universidade do Estado de Mato Grosso/Barra do Bugres - gusken@unemat.br.

educação. Segundo Tardif e Lessard (2014, p.249), “ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa”:[...]. A criação de um ambiente favorável a promoção de discursos sobre o progresso científico e tecnológico evidenciam o caráter educativo que as exposições de trabalhos escolares em Feiras de Ciências apresentam.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN. p. 41), as atividades voltadas para a formação do aluno devem desenvolver competências que os estimulem a serem construtores dos próprios saberes dentro da realidade vivida.

Em meio a essa busca, têm-se os projetos científicos, como um importante meio de favorecer a interação entre os diferentes conteúdos dentro das áreas de conhecimentos, e a articulação de novos conceitos e valores (BRASIL, 2001, p. 126).

Diferentes abordagens sob um mesmo problema investigado enquanto atividade escolar, contemplando o questionamento reflexivo, assume um perfil de formação política voltada para ações comunitárias cidadãs. Nóvoa (2014) sugere uma maior aproximação nas relações educativas/formativas da escola com as comunidades, tendo, para isso, a percepção de espaço público formativo também ampliado.

A exposição das produções científicas desenvolvidas pelos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em eventos como parte da Feira de Ciências, criam um importante espaço de desenvolvimento da cultura científica escolar. Os trabalhos apresentados, enquanto resultado de um processo de construção do conhecimento, favorecem o desenvolvimento da educação científica.

Durante minha formação escolar na Educação Básica, estudei em escolas que me proporcionaram participar de algumas Feiras de Ciências internas e externas à escola. Porém, só percebi o potencial de uma Feira de Ciências na formação do aluno, considerando as dificuldades, aprendizagens e a satisfação na realização/apresentação do trabalho ao público visitante, quando participei da equipe organizadora da Feira de Ciências em 2016, já como acadêmica e bolsista de extensão.

Este relato de experiência possui como objetivo, apresentar minhas percepções sobre as oportunidades/potencialidades na participação como acadêmica bolsista na organização de uma Feira de Ciências e seu potencial na formação do aluno expositor de trabalhos investigativos escolares.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A participação de atividades extraclasse ou que demandavam ações além das exigidas em sala de aula tradicional, não despertavam meu interesse, seja na educação básica ou já na Universidade. Durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio minhas participações em Feiras de Ciências, limitavam-se à visita e, quando expositora, com trabalhos desprovidos do caráter de investigação e criticidade reflexiva.

Como acadêmica e bolsista num projeto de extensão, permito-me o desafio dessa experiência numa atividade desconhecida. Tinha a tarefa de assessorar a organização de momentos formativos de iniciação à educação científica para professores da educação básica. O intuito foi incentivar a prática investigativa escolar como estratégia de ensino. O resultado da orientação/mediação dos professores junto aos seus alunos em projetos investigativos culminou na Feira de Ciências de 2016.

Essa formação deu-se na forma de cursos de curta duração, oficinas e orientação, no período de março a dezembro de 2016. Participaram como ministrantes dos cursos e oficinas professores de diferentes universidades e estados brasileiros. Os encontros ocorreram no campus da UNEMAT em Barra do Bugres e em Diamantino. Os professores cursistas eram de escolas públicas estaduais de diversos municípios do entorno de cada campus-polo para essas formações.

A exposição dos trabalhos investigativos escolares foi realizada num período três dias, com abertura e exposição UNEMAT no município de Diamantino/MT e, posteriormente, em Barra do Bugres/MT. A equipe avaliadora dos trabalhos expostos constituiu-se de professores de diferentes estados e universidades brasileiras, todos com experiência em educação científica e Feiras de Ciências. A avaliação dos trabalhos era por seleção e não classificação.

Como bolsista, trabalhei na parte de assessoramento na organização e realização dos/nos momentos formativos e exposição dos trabalhos escolares na Feira de Ciências. O contato direto na parte de organização e execução de tarefas, exigiu de mim, em muitas situações, criatividade e tomadas de decisão imediata. Tive também a oportunidade de conhecer/interagir com professores de outros

campus, universidades e de formações diferentes.

Além disso, acompanhando a exposição dos trabalhos, percebi a satisfação dos alunos expondo e dialogando com visitantes e avaliadores o resultado de seus estudos.

Ao relatar essa experiência como bolsista extensionista e minha percepção sobre o potencial das Feiras de Ciências sobre os alunos expositores, num processo de reflexão, vejo-me frente ao desafio de uma situação para mim até então desconhecida. Desta forma, o relato contribui no suporte de políticas públicas para a formação universitária no tripé ensino-pesquisa-extensão, como também na abordagem sobre os espaços e formas de aprendizagem para a educação científica.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A vivência como bolsista de extensão modificou e ampliou o entendimento sobre Feira de Ciências, de simples exposição de trabalhos desprovidos de investigação e criticidade reflexiva, para resultado de um processo investigativo, de construção de conhecimentos, mediados e orientados pelo professor.

Desenvolver atividades junto à comunidade externa, e neste caso com professores da educação básica, rompeu com o estereótipo de que o acadêmico nada tem a contribuir para esse público, como também a de que professores sabem tudo. A observação fez-me perceber que professores também tem dúvidas, muitas vezes desconhecem conteúdos e procedimentos e, portanto, também precisam aprender. E, como acadêmicos, temos conhecimentos que podem ser compartilhados numa interação com professores.

Nesse entendimento de que sempre temos algo a aprender e a ensinar, a oportunidade de interação com professores doutores universitários, de outros estados brasileiros igualmente rompeu com a visão de “profissionais inacessíveis” a um acadêmico. Possibilitou a ampliação no olhar de oportunidades de formação em outras áreas de atuação profissional.

Como membro da comissão organizadora e executora da Feira de Ciências [desde a educação científica para professores até a exposição dos trabalhos investigativos escolares], exigiu e possibilitou a iniciativa e autonomia para ações e tomadas de decisão. Percebi limitações como entraves e dificuldades, mas também companheirismo de trabalho coletivo, perseverança e satisfação no trabalho feito.

Em relação a minha percepção do potencial da Feira de Ciências para o aluno

expositor, identifiquei na maioria deles a presença de atitude científica, trabalho em equipe, uso e produção de conhecimento científico e tecnológico, desenvolvimento e uso de competências e habilidades científicas e tecnológicas. A problematização crítica reflexiva de contextos e fatos favoreceu a iniciação à leitura freiriana de mundo. O professor orientador do trabalho do aluno o acompanhava, na função de observador e mediador no decorrer das exposições de resultados.

Com a interação e ampliação de meu conhecimento sobre projetos de pesquisa e extensão, desenvolvi uma visão crítica sobre a importância da realização dessas atividades. Observei como ações didáticas permitem que o aluno participe ativamente no contexto social onde vive, tendo a escola como promotora na sondagem de aptidões, numa formação integral, como prevê os objetivos da LDB 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida enquanto bolsista universitária, fez-me atentar o quanto atividades extensionistas e de iniciação à educação científica podem fazer a diferença na vida acadêmica dos estudantes. A busca por dinâmicas diferenciadas e descobertas de ações para lidar com determinadas situações, estimula uma postura crítica-reflexiva, a formação de novos pesquisadores e o perfil profissional-cidadão do estudante, enquanto agente atuante no contexto social loco-regional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução*, português, matemática. Brasília: MEC, 2001.

MARTINS, V. A Lei 9.394/96 e a educação em valores: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante à chamada educação em valores, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. WEB artigos, 2004. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1819/A-Lei-9394-96-e-a-educacao-em-valores>>. Acesso em 27 de abril de 2018.

SANTOS. A. B. Feiras de Ciência: Um incentivo para desenvolvimento da cultura científica. *Rev. Ciênc. Ext.* v.8, n.2, p.155-166, 2012.

TARDIF e LESSARD. *Saberes docentes e formação profissional*. 16. ed. Petrópolis: Vozes Limitada, 2014.

FEIRA TEXTUAL: UMA ATIVIDADE EXTENSIONISTA QUE ROMPE COM O PARADIGMA DO ASSISTENCIALISMO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Maria Eneida da Silva e Andréa Kochhann¹

Autoras: Maria Cecília Silva de Amorim², Helen Ribeiro², Jhosiane Alencar³, Naiane Silva Prazer⁴

RESUMO: Este texto objetiva socializar o Projeto “Feira textual” realizado em uma Escola de Ensino Fundamental de Luziânia – GO, com alunos do Programa Novo Mais Educação. Tal ação de cunho extensionista está vinculada ao Projeto de Extensão “Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPI”, por meio do Projeto de Extensão “ENFORMA – Encontro de Formação de Professores de Luziânia”. O GEFOPI é um projeto de extensão que se alicerça na concepção acadêmica, processual e orgânica com atividades indissociáveis de pesquisa, ensino e extensão para a produção acadêmico-científica dos envolvidos nas ações. O ENFORMA é um projeto de formação que envolve acadêmicos e professores da Rede Municipal de Luziânia já realizado em VI edições. O IV ENFORMA por se configurar como atividade de ensino, pesquisa e extensão, teve como objetivo arrecadar agasalhos para doação. Dessa forma, em discussão entre os membros do GEFOPI, deu-se a ideia de vincular a doação das peças de roupa arrecadadas ao Programa Novo Mais Educação por meio de um projeto didático no qual as 60 crianças participantes do programa poderiam “comprar” roupas usando suas produções de texto. Essa atividade foi realizada de forma interdisciplinar sob a perspectiva do letramento defendido por Soares (2003), sobre a importância de escrever em Pasquier e Dolz (1996) vislumbrando a formação de professores por meio de uma atividade de extensão discutida por Reis (1996). Deste modo, vinculada ao GEFOPI a “Feira textual” garantiu sentido para uma ação que poderia ser meramente assistencialista e deu mais significado para a aprendizagem dos gêneros textuais no Programa Novo Mais Educação e aos acadêmicos protagonistas do GEFOPI e do ENFORMA.

Palavras-chave: Projeto Didático, GEFOPI, ENFORMA, Programa Novo Mais Educação.

¹ Docentes da UEG. Coordenadoras do projeto. Doutoranda em Educação (UnB), mestra em Educação (UEG), graduada em Letras (UEG). eneida.silva@ueg.br e Doutoranda em Educação (UnB), mestra em educação (PUC), graduada em Pedagogia (UEG) andreakochhann@yahoo.com.br

² Pós-graduanda em Arte-educação Intermediática Digital (UFG), pós-graduanda em Psicopedagogia (UEG), graduada em Pedagogia (UEG), professora da Rede Municipal de Ensino de Luziânia-GO. cissa24@gmail.com

³ Acadêmica de Pedagogia (UEG) helenribeiro98@gmail.com

⁴ Acadêmica de Pedagogia (UEG). jhosianialencar@gmail.com

⁴ Acadêmica de Pedagogia (UEG) naiane.sp2010@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O GEFOPÍ - Grupo de Estudos em Formação de professores e Interdisciplinaridade- é um grupo que atua em Luziânia desde março de 2017 e em outros municípios goianos há mais de 12 anos visando promover discussões sobre a formação inicial e continuada de professores por meio de diferentes atividades de extensão universitária. Uma destas atividades se concretiza por meio do ENFORMA - Encontro de Formação de Professores - que é organizado para fomentar a formação de futuros pedagogos e discutir sobre a formação continuada. No dia 13 de abril de 2018, o ENFORMA teve sua IV edição como tema “LINGUAGEM, SOCIEDADE E CULTURA: elementos para a emancipação humana pela educação” no auditório da UEG - Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Luziânia.

Além de toda programação proposta - mesa redonda, discussão teórica do filme “Mentes perigosas” - foi proposto aos inscitos uma ação social intitulada Campanha “Inverno de Amor: menos frio e mais calor” com arrecadação de roupas, principalmente agasalhos, que seriam destinados a uma ação assistencialista, conforme Imagem I e II. Uma média de 180 peças de roupa foram arrecadas, aguardando o melhor momento para a doação.

Imagem I: IV ENFORMA



Fonte: Acervo GEFOPÍ, 2018.

Fonte: Acervo GEFOPÍ, 2018.

Imagem II: Momento do filme



A proposta de realizar uma atividade extensionista por meio de um projeto didático vinculado ao GEFOPÍ tendo os alunos do Programa Novo Mais Educação como alvo se tornou possível pelo envolvimento com o grupo de estudos e a aceitação por parte das voluntárias responsáveis pelas oficinas de letramento e matemática sob a orientação da articuladora do Programa. O escopo do projeto teve como objetivo

proporcionar a produção de gêneros textuais pelos alunos em forma de “ateliê de textos” para serem trocados por moeda gefopiana numa “feira textual” integrando conhecimentos de Língua Portuguesa e Matemática financeira com o apoio do GEFOPi.

2 DESENVOLVIMENTO

A concepção de Reis (1996) sobre a atividade extensionista processual orgânica caracterizada por ações contínuas e permanentes transformando a sociedade pelo tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão faz parte da proposta do ENFORMA. A arrecadação de roupas no evento poderia ser apenas uma atividade assistencialista, porém foi transformada numa atividade pedagógica e formativa para alunos do Ensino Fundamental que integram o Programa Novo Mais Educação e acadêmicas do curso de Pedagogia os quais vivenciaram uma experiência no chão da escola.

A transposição de uma ação meramente assistencialista para uma ação pedagógica traz ganhos para a universidade como uma forma de ultrapassar os muros da mesma e, principalmente para os alunos do Programa que irão desenvolver habilidades de escrita, reescrita e revisão de textos além de habilidades de raciocínio lógico. A atividade serviu como “laboratório de experiência” para futuros professores, conforme Imagens III e IV.

Imagem III: Banca da Feira textual



Fonte: Acervo GEFOPi, 2018.

Imagem IV: Alunos negociando na Feira



A Escola Municipal Carlos Alberto Brandão Ferreira conta com o Programa Novo Mais Educação o qual está organizado em prol das necessidades das crianças que dele participam. No total são 60 alunos do 3º, 4º e 5º ano que apresentam ainda alguma necessidade de aprimoramento do letramento, observado insuficiente para a série/ano cursada.

O Projeto “Feira Textual” inspira-se no currículo escolar e segue elementos formativos de acordo com as orientações do MEC (2017) além do ensino e prática dos valores, trazendo sempre discussões sobre o ser humano e seu papel social utilizando ludicidade e contextualização de forma interdisciplinar. Desse modo, conta com cinco oficinas pedagógicas que são diretamente acompanhadas por uma Articuladora, pedagoga e professora com mais experiência, a qual trata com as voluntárias de Artesanato, Dança, Futebol, Letramento e Matemática o que fazer, como fazer e por que realizar as atividades propostas durante os momentos de planejamento.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O objetivo pedagógico de escrever textos de acordo com o gênero textual parte da discussão de Pasquier e Dolz (1996) e de Soares (2003) trazendo a questão do letramento e da mudança no processo de ensino da escrita desde de 1980. A necessidade de vincular a produção escrita a uma necessidade social possibilitou a troca de textos por moeda na feira textual. O projeto foi executado entre os dias 18 e 21 de junho, tempo no qual se dedicaram a conhecer as características dos textos: poema, receita, história em quadrinhos, versinho, reconto e biografia, culminando na feira que sob a responsabilidade do GEFOPi possibilitou as trocas num banco usando moeda própria, conforme Imagem V e VI.

Imagem V: Troca de textos por moeda



Fonte: Acervo GEFOP, 2018.

Imagem VI: Organização para compras



A ação extensionista na escola corrobora para que alunos e alunas aprendam e se integrem à comunidade de forma real e dinâmica, possibilitando a formação de diferentes habilidades linguísticas e matemáticas num projeto didático. A metodologia utilizada contempla o eixo do ensino e da extensão vinculados à prática pedagógica interdisciplinar.

Desse modo o projeto possibilitou aos alunos a organização momentos de produção escrita de acordo com gêneros textuais específicos; a resolução de situações-problema com troco; orientação direta aos alunos que apresentam dificuldade na produção de textos.

Os alunos finalizaram a feira cantando a música de Tim Maia “Não quero dinheiro, eu só quero amar”, pois aprenderam ainda que o valor mais importante é o amor e que o dinheiro nos proporciona conforto, mas não proporciona amor e amizade, conforme Imagem VII.

Imagem VII: GEFOP e alunos do Programa Novo Mais Educação.



Fonte: Acervo GEFOP, 2018.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de atividades de cunho extensionista como o GEFOPi e o ENFORMA deram a possibilidade de um rico trabalho pedagógico no qual acadêmicas do curso de Pedagogia vivenciaram uma feira de textos produzidos pelos alunos do Programa Novo Mais Educação. Deve-se ressaltar o significado para a aprendizagem dos alunos antes, durante e depois da atividade com projeto. Eles tiveram a oportunidade de beneficiar-se por meio de sua produção escrita na sala de aula. Os gêneros textuais foram valorizados, bem como toda a problematização para lidar com troco e situações de compra e venda.

A culminância do IV ENFORMA configurou importância de não agir apenas em prol do assistencialismo, mas de transformação de uma situação para ensino e aprendizagem no chão da escola promovendo a formação humana e acadêmica por meio da prática social advinda do letramento. A práxis efetivada com a Feira Textual comprova que uma ação extensionista pode ser ao mesmo tempo acadêmica, prestação de serviço e assistencialista. É prestação de serviço, pois a UEG está oferecendo uma formação continuada de graça para os professores da rede municipal. É assistencialismo, pois houve o movimento de arrecadação de agasalhos para doação e o ato de doação ocorreu com crianças de baixa renda.

Destarte, o processo entre o pensar e o fazer se configura pela concepção acadêmica, visto que em todos os momentos os acadêmicos estiveram presentes enquanto protagonistas, seja no planejamento e realização do ENFORMA, seja no planejamento e realização da Feira Textual. Foi um processo de 45 dias, com custos financeiros irrisórios. O maior investimento foi o intelectual, de criatividade, de compromisso com o processo de aprendizagem. A extensão não pode ser vista como mera prestação de serviços e assistencialismo, é preciso romper com essa concepção mercadológica e primar pela concepção acadêmica com vistas a emancipação dos sujeitos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio à realização das atividades do GEFOPi e do ENFORMA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa Novo Mais Educação - Caderno de Orientações Pedagógicas - Versão I. Brasília: MEC, 2017

PASQUIER, A.; DOLZ, J. Um decálogo para ensinar a escrever. Cultura e Educação, n. 21, p.31-41, Trad. Roxane Rojo. Madri: Infância e aprendizagem,1996.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. Cadernos UnB Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>. Acesso em 16 de junho de 2018.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. ANPED: 2003.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS IMPACTOS EM SUA PRÁXIS PEDAGÓGICA

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Eli Coelho Guimarães Carneiro¹

Autores: Larissa Bernadino Leite Oliveira², Luiz Ricardo Oliveira da Silva³

RESUMO: Um dos principais desafios da atualidade no aspecto educacional é a atuação do profissional da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As constantes transformações sociais e o alto índice de pessoas que não sabem ler e escrever, requerem do educador da EJA formação de qualidade para uma atuação eficiente. Tal modalidade de ensino percorreu um longo caminho para tornar-se parte da Educação Básica. A pesquisa surgiu a partir do Projeto de Extensão “Leitura e Escrita na EJA” e justifica-se pela necessidade de discussão sobre a formação do profissional para atuar nesta modalidade de ensino, já que o mesmo não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores visando uma melhor oferta de ensino para a EJA. O trabalho tem como objetivos refletir sobre a formação desses profissionais destinados ao ensino de jovens e adultos e repensar sobre os impactos que a práxis pedagógica desenvolvida por esse educador pode acarretar na vida do educando quando não exercida adequadamente. Os procedimentos adotados serão feitos através da pesquisa bibliográfica e qualitativa. É preciso ter um olhar que abranja a valorização desse profissional e o reconhecimento do público da EJA. Sendo assim, o profissional da Educação de Jovens e Adultos deve adquirir, através de sua formação, habilidades e competências a serem articuladas ao processo metodológico, a fim de favorecer uma aprendizagem significativa para os alunos que, ao mesmo tempo, sejam capazes de torná-los cidadãos críticos e reflexivos na sociedade em que vivem.

Palavras chaves: EJA, Formação Profissional, Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu a partir do projeto de extensão “LEITURA E ESCRITA NA EJA”, realizado pelos acadêmicos do sexto período de Pedagogia da Universidade de Rio Verde - UNIRV em parceria com as escolas Municipais de Ensino Fundamental, onde existe esta modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que percorreu uma luta historicamente árdua para tornar-se parte da Educação Básica. A

¹ Mestre em Educação, professora universitária, UniRV, elic_carneiro@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia, Universidade de Rio Verde - UniRV

³ Graduando em Pedagogia, Universidade de Rio Verde - UniRV

mesma tornou-se reconhecida e assegurada, “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria” (BRASIL, 1996, p. 15).

A qualidade do ensino para essa camada populacional que não teve oportunidade de estudo na idade própria, precisa estar em primeiro lugar no que tange à formação e à prática dos profissionais de ensino, a fim de melhor atender o educando da EJA. Dessa forma, a pesquisa justifica-se pela necessidade de discutir sobre a formação desse profissional, visto que, como nos mostra os estudos, o mesmo não possui formação adequada para atuar nesta modalidade de ensino e não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores.

Assim, o trabalho tem como objetivos refletir sobre a formação dos profissionais destinados ao ensino de jovens e adultos, bem como repensar os impactos que a práxis pedagógica desenvolvida por esse educador pode acarretar na vida do educando quando não exercida adequadamente. É preciso ter um olhar abrangente para a valorização deste profissional e o reconhecimento desse público que está em busca de melhores oportunidades de vida.

Tal pesquisa de cunho qualitativo é reflexo de um estudo bibliográfico, com relatos dos alunos da EJA; no segundo momento será aplicado um questionário aos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos,

2 DESENVOLVIMENTO

Ao se pensar na formação de professores para atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), torna-se importante refletir sobre o compromisso social desempenhado por essa modalidade de ensino da Educação Básica, assumindo um papel fundamental na formação de profissionais para atuarem nesse segmento, assim como a possibilidade de uma prática pedagógica efetiva no marco dessa modalidade.

A falta de oportunidade de profissionalização e formação adequadas para educadores da EJA têm um impacto negativo imenso sobre a qualidade da oferta de ensino para jovens e adultos. A necessidade de complementar carga horária, a ideia de que os estudantes da EJA exigem menos do educador do que outro público exigiria e que sobre essa modalidade recaem menos cobranças, faz com que alguns profissionais improvisem a docência neste campo (CAPUCHO, 2012).

Nesse sentido, nota-se que as marcas da precariedade e da improvisação no que diz respeito as práticas pedagógicas exercidas pelo profissional na Educação de Jovens e Adultos são históricas, registradas no cenário da educação brasileira.

Esse cenário revelou-se perversamente mais complicado para a Educação de Jovens e Adultos, uma vez que esse campo exige de seus profissionais um olhar diferenciado para as necessidades de aprendizagem dos diferentes públicos presentes em sala de aula, formulação de propostas de políticas pedagógicas flexíveis [...] nos quais se efetiva a prática, domínio de temas emergentes, pertinentes às necessidades dos estudantes [...], bem como domínio dos contextos de área e metodologias adequadas às diferentes faixas etárias que a EJA engloba (CAPUCHO, 2012, p. 66).

Para tanto, a percepção do olhar do educador da EJA é imprescindível, pois a partir dessa sensibilidade de compreensão sobre as características que englobam o público da EJA é possível o desenvolvimento de práticas metodológicas que abranjam a vivência e a realidade dos educandos, transformando o ensino em algo significativo para a vida desses que buscam na educação escolar a sua formação para a cidadania e intelectualidade sobre o conhecimento científico.

Moura (2008) afirma que as práticas desenvolvidas por educadores em sala de aula se caracterizaram de diversas formas, como: reprodução da prática vivenciada pelo professor no seu processo de escolarização, ou seja, ensinar da mesma forma que aprendeu; reprodução da prática desenvolvida com as crianças e adolescentes do ensino fundamental, desconsiderando a historicidade, as particularidades e a realidade dos jovens e adultos; implantação de uma prática desconexa sem compromisso com a evolução do educando, sem um acompanhamento necessário; entre outras práticas que são desconectadas daquilo que o jovem e o adulto procuram no contexto escolar.

Aqueles que optam pelo ingresso na EJA por convicção própria e pelo interesse em lidar com um público jovem e adulto, se deparam com um contexto inapropriado para exercerem suas práticas docentes, visto que os recursos pedagógicos são inadequados para tal nível, que o ambiente escolar (salas de aula) em sua maioria são infantilizados, além da falta de valorização desse profissional por parte do poder público.

A formação de educadores e o histórico desconfigurado da EJA exemplifica porque não há uma preparação consistente dos educadores para atuarem nessa modalidade, visto que o perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontram-se ainda em construção (ARROYO, 2006).

Isso implica que:

A problematização da formação de professores (as) para atuação na Educação de Jovens e Adultos tem revelado não terem os (as) profissionais dessa modalidade, em sua maioria, habilitação específica para tal, trazendo em sua prática as marcas da precarização e, embora a despeito da sua criatividade e compromisso, têm sua docência constituída na improvisação e no aligeiramento (CAPUCHO, 2012, p. 65).

Dessa forma, os cursos de formação de professores para a Educação Básica, precisam considerar uma série de fatores, a começar pelas especificidades relativas à formação do educador da EJA, como também, dos estudantes que buscam encontrar nesta modalidade, a aprendizagem relacionada à sua vivência.

É importante salientar que o público da EJA em sua maioria, trabalhadores oriundos das camadas populares, excluídos do sistema educacional e oprimidos por diferentes formas na sociedade. Assim, ao ingressarem na escola, demandam por parte de seus educadores, dos currículos e, principalmente das práticas pedagógicas que considerem suas histórias de vida, seu contexto social, cultural e econômico, associando esse contexto ao processo de ensino, promovendo assim, uma participação efetiva do conhecimento, gerando aprendizagens significativas articuladas ao seu cotidiano.

Esse diálogo entre as particularidades do educando da EJA e as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo educador, devem propiciar um processo de reflexão crítica por parte desse profissional, levando a uma reelaboração dos saberes em movimento, já que a própria prática serve de análise para a identificação de pontos que precisam ser melhorados.

Nesse aspecto, Paulo Freire (1996) considera que:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo (FREIRE, 1996, p. 39).

A partir disso, é possível perceber que a prática pedagógica adequada pode favorecer o desenvolvimento dos educandos, fazendo com que se sintam instigados a permanecerem e avançarem na aprendizagem escolar, já que essa prática possibilita aliar conteúdos ao seu contexto de vida.

Portanto, a formação de educadores para trabalharem no âmbito da Educação de Jovens e Adultos deve ser o principal elemento para um avanço na aprendizagem significativa desse público, considerando que tanto a didática quanto

as metodologias aplicadas devem fazer parte da práxis pedagógica do educador, o que é extremamente importante para o desenvolvimento de habilidades e potencialidades dos educandos da EJA.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O projeto se desenvolve nas escolas noturnas de Ensino Fundamental na cidade de Rio Verde-Goiás. Participamos em uma unidade escolar que atende alunos da EJA nas séries iniciais do Ensino Fundamental I e II.

Durante as nossas regências que foram realizadas dentro de uma proposta interdisciplinar privilegiando os saberes do educando, os alunos relataram questões sobre as metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores regentes da EJA, que são bem diferentes das nossas propostas. Entre os relatos, observamos a insatisfação dos alunos quando informaram que: “os professores nos trazem atividades xerocopiadas, com imagens da ‘Turma da Mônica’ tanto nas atividades de matemática quanto nas de língua portuguesa e isso nos faz sentir como uma criança que estuda a noite” relato da aluna A.

Para os alunos, os professores deveriam ser mais dinâmicos em suas aulas, tornando-as mais atrativas para que os mesmos não evadam ou abandonem seus estudos. O aluno B relata - “toda noite que entramos na sala de aula os professores nos recebem de coração abertos, com muito respeito, mas as aulas sempre são as mesmas, os conteúdos são os mesmos”

Também houveram relatos de alunos que mal conhecem uns aos outros, se comunicando apenas no horário do lanche. O aluno C relata: - “tenho muita dificuldade de falar em ambientes com a presença de muitas pessoas, aqui na escola não tenho lembrança de ter feito trabalhos em grupo. Aqui é cada um na sua cadeira, a professora é que, passa de cadeira em cadeira nos orientando”.

Há a necessidade de aulas que envolvam mais os alunos e que sejam, de fato, dinâmicas. Isso é fundamental para o aprendizado prazeroso dos alunos, como relata a aluna D: - “a professora é boa, é educada e ajuda muito, mas toda noite é a mesma coisa, as atividades que ela trás é coisa para criança fazer, como pintar frutas, ler livros com histórias e ilustrações infantis. Nós já estamos sem vontade de estudar”.

Para verificar sobre a formação desses profissionais destinados ao ensino de jovens e adultos e repensar sobre os impactos que a práxis pedagógica desenvolvida por esse educador pode acarretar na vida do educando quando não

exercida adequadamente, será aplicado na próxima etapa, um questionário para analisar melhor o tema em discussão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a essas necessidades expostas, somente a formação inicial de educadores não tem assegurado o preparo destes para a atuação na Educação de Jovens e Adultos, ficando a cargo da formação continuada, especialização, prática cotidiana, da socialização e interação dos educadores com seus educandos, o que proporcionam ainda mais experiências.

Em nossos estudos, grande parte dos educadores que atuam na EJA, não conseguem articular pedagogicamente os conteúdos indispensáveis para o processo de ensino e aprendizagem, voltados para o cotidiano dos indivíduos dessa modalidade. Sendo assim, é necessário compreender que trabalhar com jovens e adultos, e trabalhar com crianças ou adolescentes são formas metodologicamente distintas.

O profissional para atuar na EJA deve adquirir, por meio de sua formação, habilidades e competências a serem articuladas ao processo metodológico desenvolvido com os indivíduos desta modalidade, a fim de favorecer uma aprendizagem significativa que, ao mesmo tempo, seja capaz de torná-los cidadãos críticos e reflexivos na sociedade em que vivem.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leônicio et al. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 2006. 296. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001493/149314.porb.pdf>>. Acesso em: Maio de 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.

CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, p. 239-277, Dezembro. 1999. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>>. Acesso em: Maio 2018.

FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA UTILIZANDO O ÁBACO

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Lilian Milena Ramos Carvalho¹

Autor: Gleisson Santos Oliveira², Edson Rodrigues Carvalho³, Fernanda Malinosky

Coelho da Rosa⁴

RESUMO: Este trabalho faz parte de um processo que envolve um projeto de extensão, em andamento, com a intenção de aproximar os alunos dos cursos de Matemática e Pedagogia com o seu futuro campo de trabalho e interagir com os professores do ensino básico visando trocar experiências e propor ações que possam ser desenvolvidas em conjunto, na busca de soluções eficazes para o ensino e a aprendizagem de matemática. Nesta primeira formação, apresentamos o ábaco como um instrumento pedagógico eficiente para abordar questões relacionadas ao sistema de numeração decimal, como valor posicional, operações básicas, bem como algumas propriedades das operações. Mostramos que o ábaco é um instrumento que favorece a compreensão do sistema de numeração decimal, permitindo que se perceba com mais clareza como é feita a composição e decomposição de um número inteiro, a partir de seu valor posicional. Os resultados desta primeira formação atenderam todas as expectativas e os objetivos do projeto.

Palavras-chave: Formação Inicial, Formação continuada, Matemática, Ábaco.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a prática dos professores no processo de formação deve ser contínua, pois, a profissão exige um aperfeiçoamento da mesma. Em particular, a formação matemática e a prática dos professores que atuam no ensino fundamental e no ensino médio precisam constantemente serem revistas e reformuladas no sentido de acompanharem o desenvolvimento de novas tendências e possibilidades de aprendizagem (PEREIRA, P.M. e BORBA, V.M.L., 2014).

A despeito disso, o ensino e a aprendizagem de matemática, qualquer que seja o nível, parece, ainda, nos dias atuais, constituir-se em um problema de difícil solução. Não são poucas as dissertações, teses, livros e artigos publicados que tratam desta questão (PAVANELLO, R. M., 2001), (VASCONCELLOS, M., 2009),

¹ Doutora em Matemática Aplicada, INMA/UFMS, lilian.carvalho@ufms.br

² Acadêmico de Licenciatura em Matemática, INMA/UFMS

³ Doutor em Matemática Aplicada, INMA/UFMS

⁴ Doutora em Educação Matemática, INMA/UFMS

(MARCELO GARCIA, C., 2002), (TARDIF, M., 2005), etc. Muitas vezes, tais publicações têm colocado como obstáculo maior para a compreensão do conceito matemático o ensino tradicional e sugere, por exemplo, que aquele que ensina utilize a contextualização como uma forma melhor de ensinar. De fato, os padrões atuais de ensino e aprendizagem, exigem que os conteúdos matemáticos estejam associados ao contexto de situações do mundo real, resolvendo problemas e desenvolvendo "hábitos de espírito" que promovam o domínio do conteúdo matemático, bem como sua compreensão. Mas, a experiência nos tem mostrado que o ensino e a aprendizagem de matemática nos diferentes níveis têm deixado de priorizar, ou tem priorizado muito pouco, a compreensão dos conceitos e acaba por exigir dos alunos uma forma de estudo que os leva a memorizar aqueles conceitos, sem, entretanto, ter o perfeito entendimento do seu significado. Por outro lado, não podemos esquecer que os conteúdos de matemática até o nono ano do ensino fundamental, juntamente com os padrões estabelecidos de educação, preparam o estudante para a matemática do ensino médio, que por sua vez, organiza este conhecimento e as habilidades necessárias para preparar os estudantes para o ensino superior, carreiras e cidadania produtiva. Neste sentido, os estudantes precisam de uma matemática de qualidade, que promova acima de tudo a compreensão e a forma como esta compreensão é materializada na escrita, sob pena de fracasso escolar (STEIN, M. K.; BOALER, J.; SILVER, E. A.). Este trabalho, faz parte de um processo que envolve um projeto de extensão que, pretende aproximar os alunos dos cursos de Matemática e Pedagogia com o seu futuro campo de trabalho e interagir com os professores do ensino básico com a intenção de trocar experiências e propor ações, que caminhem em consonância com o exposto acima e que possam ser desenvolvidas em conjunto, na busca de soluções eficazes para o ensino e a aprendizagem de matemática. Assim, o objetivo desta primeira formação é apresentar o ábaco como um instrumento pedagógico eficiente para abordar questões relacionadas ao sistema de numeração decimal, como valor posicional, operações básicas, bem como algumas propriedades das operações.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto de extensão, em andamento, que teve seu início em maio de 2018, com encerramento previsto para dezembro de 2018, tem como público alvo interno os acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Matemática e Pedagogia e como público alvo externo professores e alunos das redes de ensino que atuam na

Educação Básica. Foram feitas parcerias institucionais para o desenvolvimento das ações de extensão, envolvendo algumas escolas tanto do ensino público, quanto do ensino privado. Para atingir o objetivo geral do projeto de extensão, selecionamos uma série de atividades, na forma de objetivos específicos, obedecendo uma ordem que possibilitasse o desenvolvimento da metodologia e da avaliação. Foram elaborados, para tanto, questionários a serem aplicados aos professores do Ensino Básico, com a finalidade de identificar as principais necessidades destes professores com relação ao ensino de Matemática.

2.1 ENSINO FUNDAMENTAL I

Para o Ensino Fundamental I, foi submetido aos professores da Escola Municipal Professora Maria Regina Vasconcelos Galvão e Escola Paulo Freire (privada), um questionário baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Básico (MEC), para que os mesmos identificassem quais tópicos gostariam que fossem desenvolvidas as formações. As temáticas selecionadas foram: Números naturais e sistema de numeração decimal, operações com números naturais, espaço e forma, grandezas e medidas, tratamento da Informação e conteúdos atitudinais.

Com base no resultado do questionário, preparamos a primeira formação, na forma de minicurso, que envolveu todos os professores do Ensino Fundamental I das escolas acima especificadas e os membros do projeto (acadêmicos e professores). Esta primeira formação consistiu em mostrar a utilização do ábaco como um instrumento para o ensino do Sistema Numérico, valor posicional, bem como as quatro operações básicas, envolvendo as propriedades comutativa e distributiva.

2.2 ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO

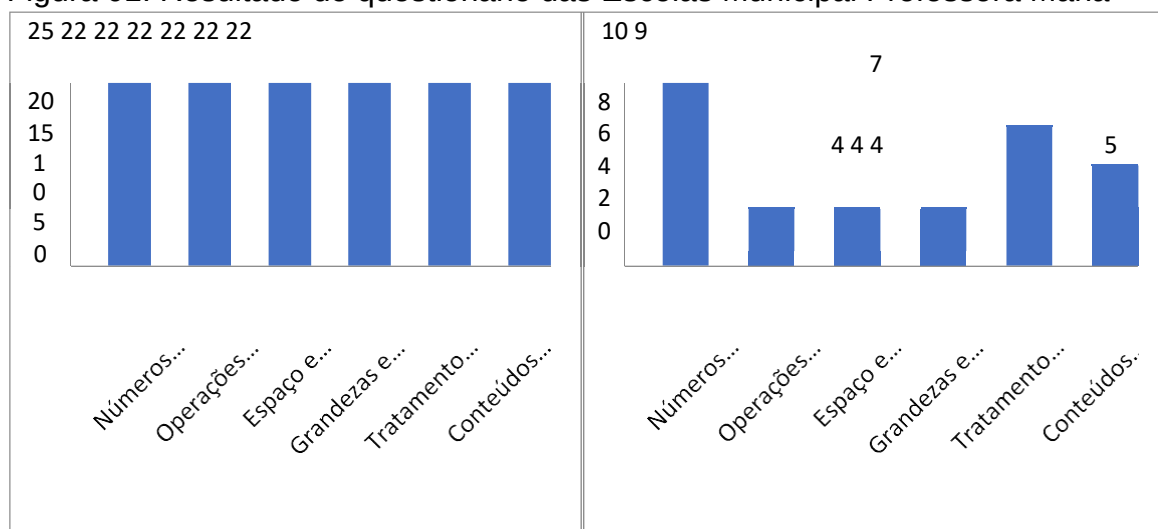
Inicialmente, verificamos, junto à Secretaria da Educação do Estado (SED), a existência ou não de diagnósticos relativos as maiores dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos Ensinos Fundamentais II e Médio, visando construir de modo coletivo soluções e alternativas de ensino de matemática. A SED/MS nos apresentou as seguintes temáticas escolhidas pelos professores de Matemática das Escolas Estaduais de Mato Grosso do Sul: Cálculo mental, estatística e probabilidade, pensamento algébrico e senso numérico e TDIC's (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). Com base nas temáticas apresentadas pela CFOR / SED (Centro de Formação de Professor da SED/MS), estamos preparando a próxima formação

relacionada com as TDIC's (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), envolvendo a utilização do software Geogebra, para o ensino de Funções e Geometria.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A primeira formação inicial e continuada desenvolvida para o Ensino Fundamental I, teve como motivação o resultado do questionário apresentado pela Escola Municipal Professora Maria Regina Vasconcelos Galvão e Escola Paulo Freire. Neste resultado, foi observado que o tópico Números Naturais, Racionais e Sistema Decimal teve uma maior solicitação no conjunto das duas escolas, conforme pode ser observado na Figura 01.

Figura 01. Resultado do questionário das Escolas Municipal Professora Maria



Regina Vasconcelos Galvão e Escola Paulo Freire, respectivamente.

Assim, selecionamos como material pedagógico apropriado para abordar questões como sistema de numeração decimal, valor posicional, quatro operações básicas, bem como propriedades distributiva e comutativa, o ábaco. Optamos por utilizar o ábaco porque o mesmo é um instrumento que favorece a compreensão do sistema de numeração decimal. De fato, ainda é recorrente que, ao término do Ensino Fundamental, a maior parte das crianças não sistematizaram e nem compreenderam o sistema de numeração decimal (OLIVEIRA, 2010). Neste sentido, o ábaco permite que se perceba com mais clareza como é feita a composição e decomposição de um número inteiro, a partir de seu valor posicional. Além disso, facilita a compreensão de como as operações básicas de adição, subtração, multiplicação e divisão são efetuadas.

Durante o desenvolvimento do minicurso abordando todas as possibilidades de utilização do ábaco, os professores participantes do projeto, tanto em formação inicial (acadêmicos de Matemática e Pedagogia), quanto continuada (professores das escolas selecionadas), refletiram que a aprendizagem é um processo construído internamente e o Sistema de Numeração Decimal, por sua vez, é um conteúdo que tem que ser construído internamente pelo estudante. Caso contrário, este o recebe passivamente e o conteúdo não será e nem servirá como um instrumento de desenvolvimento evolutivo natural, causando, portanto, fracassos e não desenvolvimento do raciocínio lógico matemático. Foi percebido, também, a possibilidade de aprendizado da tabuada, de forma concreta, diferentemente da forma como havia sido tratado no ensino de Matemática até o momento em tais escolas. A principal dificuldade encontrada na Escola Municipal em que desenvolvemos o projeto, foi a ausência do material didático em questão. Para suprir isto, as acadêmicas do curso de Pedagogia apresentaram algumas possibilidades de construção do ábaco, utilizando materiais recicláveis. Já, na escola privada, não houve este problema. As fotos (Figura 02), a seguir, mostram os professores do ensino fundamental e os participantes do projeto de extensão, em franca atividade nos minicursos.



Figura 02. Minicurso de ábaco nas Escolas Paulo Freire e Escola Municipal Professora Maria Regina Vasconcelos Galvão, respectivamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência, a primeira formação que fizemos foi bastante gratificante e mostrou que, tanto os professores da escola municipal, quanto os professores da escola privada, sofriam do mesmo problema, isto é, a dificuldade em realizar um trabalho que possibilitasse o desenvolvimento lógico que modifique o pensamento da criança, permitindo que esta, em um futuro bem próximo, possa, em compreendendo o sistema de numeração decimal, atingir de forma suave a passagem

da aritmética para a álgebra elementar. O ábaco, como um instrumento concreto, mostrou que pode ser utilizado para a realização deste trabalho. Os resultados foram bastante satisfatórios e, ficou avençado que os professores, de comum acordo, levarão o ábaco para dentro da sala de aula para utilizá-lo efetivamente. No início, os professores serão acompanhados em suas aulas, cada um deles, por dois alunos de graduação (um da matemática e outro da pedagogia), estabelecendo assim, a interação *acadêmicos-professores do ensino fundamental*, de modo a fortalecer o processo de ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

À PROECE/UFMS, pela bolsa cedida ao acadêmico.

REFERÊNCIAS

CONTADOR, P. R. M. Matemática, uma breve história. Editora Livraria da Física, 2006.

MARCELO GARCIA, C. La formacion inicial y permanente de los educadores. In: Consejo Escolar del Estado: Los Educadores em la Sociedad del Siglo XXI. Madrid, 2002.

OLIVEIRA, J. M. O Uso do Ábaco para o Desenvolvimento Lógico. WebArtigos.com, Programa de Editor de Vídeos. Publicado em 2010.

PAVANELLO, R. M. Geometria: Atuação de Professores e Aprendizagem nas Séries Iniciais. In: Anais do I Simpósio Brasileiro de Psicologia da Educação Matemática. Curitiba, 2001.

PEREIRA, P. M.; BORBA, V. M. L. A prática do professor de matemática dos anos iniciais: Da formação inicial ao cotidiano da ação educativa. In: Colóquio Brasileiro de Educação na Sociedade Contemporânea, Campina Grande, 2014.

STEIN, M. K.; BOALER, J.; SILVER, E. A. Teaching Mathematics Through Problem Solving: Research Perspective. In: SCHOEN, H. L. (Ed.), 2003.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Editora Vozes, Petrópolis, 2005.

VASCONCELLOS, M. Formação Docente e Entrada na Carreira: Uma Análise dos Saberes Mobilizados pelos Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais. Tese (Doutorado em Educação), UFMS, Campo Grande, 2009.

FORM-AÇÃO: UMA ATIVIDADE EXTENSIONISTA QUE PROMOVE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Andréa Kochhann e Karla Vitoriano de Almeida¹

Autores: Natalia Teixeira Ribeiro², Thays Oliveira Fernandes², Mateus Henrique Marques³, Thalia Mendes Lima⁴ e Luciana Sérgio⁵

RESUMO: O presente texto é reflexo do projeto de extensão FORM-AÇÃO: Formação continuada para professores da Educação Básica, vinculado ao projeto de Extensão “GEFOPI- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade” da Universidade Estadual de Goiás e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos. O projeto de extensão tem por objetivo a formação continuada de professores de 4º e 5º anos da rede e a formação inicial dos acadêmicos da graduação em Pedagogia e Letras da UEG Câmpus São Luis de Montes Belos. Os encontros são presenciais uma vez ao mês, momento em que acontecem palestras, minicursos e oficinas com atividades teóricas e práticas sobre assuntos elegidos pelo grupo de forma democrática e participativa. Para dar apoio ao processo de ensino e aprendizagem os professores contam com um grupo no WhatsApp para discutir as teorias aplicadas em cada encontro e publicações de suas atividades práticas no Facebook. O apoio teórico é em Reis (1996) sobre a extensão universitária no Brasil e Saviani (2010) sobre a formação de professores para fundamentar o projeto. Palavras-chave: Formação Inicial e Continuada. Concepção Acadêmica. Extensão Universitária.

1 INTRODUÇÃO

O Form-Ação é um projeto de extensão que tem por objetivo a formação continuada dos professores que atuam na Educação Básica. Essa ação é associada ao GEFOPI e juntamente com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos que sede o local dos encontros na própria localização, sempre em uma quarta-feira do mês no período noturno, das 18:50 às 22:30.

As teorias são fundamentadas em cada temática escolhida para ser discutidas pelos professores, segundo a demanda das necessidades encontradas nas

¹ Coordenadoras dos projetos de extensão. Docentes da UEG. andreakochhann@yahoo.com.br

² Egressa do curso de Pedagogia da UEG.

³ Acadêmica do curso de Letras da UEG.

⁴ Acadêmico do curso de Letras da UEG.

⁵ Acadêmica do curso de Letras da UEG.

⁵ Docente do curso de Pedagogia da UEG. Pedagoga e Historiadora.

práticas em sala de aula. No primeiro semestre do ano foram realizados os cinco primeiros encontros, “I Omnilateralidade e emancipação humana”, “II Educação Física Escolar”, “III Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem”, “IV Ateliê textual” e “V Tendência Histórico-Crítica”, sendo que o projeto terá continuidade no segundo semestre do ano.

Além das palestras, oficinas, minicursos e mesa redonda são realizadas atividades que disseminam o que foi apresentado pelas teorias, envolvendo um olhar para atuação dessas teorias, em que no Whatsapp as discussões ganham continuidades e no Facebook é compartilhada a teoria em prática no âmbito escolar. Essas ações nas redes sociais são discutidas e contabilizadas pela comissão organizadora após cada encontro, porque valem horas na conclusão do projeto e emissão do certificado. Além de que o FORM-AÇÃO também é um projeto de pesquisa, tendo como metodologia a observação participante e aplicação de questionário misto após cada encontro presencial.

2 DESENVOLVIMENTO

Como apresentado o projeto é uma atividade de extensão, que contribui para a formação continuada dos professores da Educação Básica, e para a formação inicial de alunos da graduação em Pedagogia e Letras da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos. Com a evolução da educação a formação docente inicial e continuada tem perpassado por várias modificações, para Kochhann e Curado Silva (2018, p.15) “A formação docente, seja inicial ou continuada, precisa ser pensada como um processo de sedimentação da unidade de conhecimentos teóricos e práticas pedagógicas, o que configura a práxis”. Com esse pensamento o FORM-AÇÃO, em parceria com o GEFOPI e a Secretaria Municipal de Educação, percebeu que seria necessária uma formação continuada que favorecesse a práxis de seus professores, e para os alunos de graduação entender como funciona esse processo a partir da pesquisa e extensão, enquanto protagonismo.

Sabemos que a Universidade propõe o ensino aos acadêmicos, porém a prática somente é realizada a partir da extensão. A extensão universitária se caracteriza por atividades que contribuem de alguma forma para a sociedade sobre isso Reis (1996, p. 41) discute duas concepções: a processual-orgânica e a eventista-inorgânica, apresentando que a concepção eventista-inorgânica é “como característica a prestação

de serviços ou na realização de eventos, isolados ou desvinculados do contexto ou do processo ensino-aprendizagem e de produção do conhecimento da universidade.”.

A linha conceitual da concepção eventista-inorgânica ocorrem eventualmente aproximando as concepções de ação assistencialista ou de intervenção. Ao contrário da concepção eventista-inorgânica, apresenta que as atividades de extensão na concepção processual-orgânica se caracterizam por ações permanentes ou contínuas, que se relacionam de forma indissociável do ensino e da pesquisa, relacionando a universidade com a sociedade para a transformação, pois

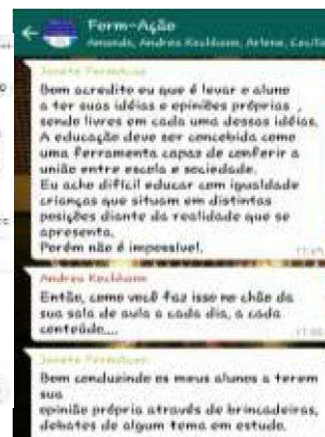
tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricados ou inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa) da universidade, em parceria político-pedagógica com a sociedade civil ou política, numa dimensão mutuamente oxigenante e mutuamente transformante. (REIS, 1996, p. 41)

Para Reis (1996), a universidade tem como função produzir o saber e viabilizar a formação do acadêmico, visando sua transformação pessoal e social inserido em determinado contexto e essa formação pode vir a ser por ações extensionistas, organicamente pensadas e realizadas de forma processual e contínua. Para Reis (1996, p. 41) a sociedade “É o ‘lócus’ co-participante na formação do profissional e na geração do conhecimento da sociedade.”. Pela importância dada à extensão, o projeto inclui metodologias diferentes, como o uso do WhatsApp para a discussão das atividades, o uso do Facebook para mostrar como é realizada a práxis em sala de aula a partir das teorias aplicadas em cada encontro. E para os acadêmicos a oportunidade de discutir tais teorias, e suas experiências práticas adquiridas no projeto venha a colaborar com sua formação.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O primeiro encontro aconteceu no dia 07 de fevereiro de 2018 com o tema “A FORMAÇÃO OMNILATERAL E EMANCIPADORA: diálogos fecundos” que foi ministrado pela Prof^a Ms. Andréa Kochhann, também coordenadora do projeto. O objetivo do encontro foi o de trazer reflexões sobre a discussão teórica da relação entre a categoria de formação omnilateral de Marx e qual a forma que os professores estão usando essa teoria como prática pedagógica no chão da sala de aula. A omnilateralidade é a formação do homem integral e para isso são fundamentais ações que sustentem o pensamento dos alunos para que tenham mais criticidade, conforme Imagem n. 01.

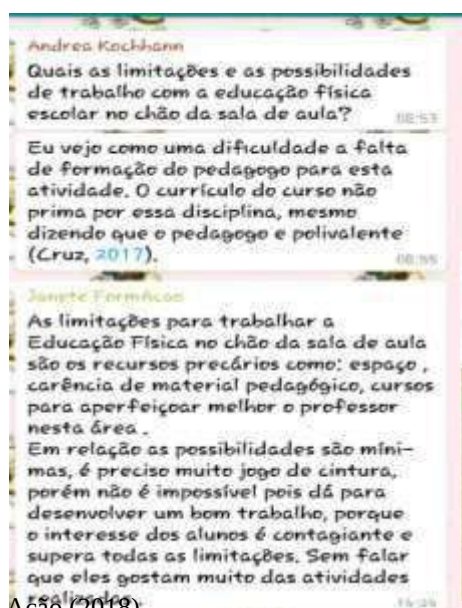
Imagem n. 01 I FORM-AÇÃO



Fonte: Form-Ação (2018)

O segundo encontro foi ministrado por Adriana Kochhann e ocorreu no dia 21 de março com o tema “EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL”, a palestra foi voltada para a forma com que os professores trabalham a prática de ensinar e praticar Educação Física, visando sua forma lúdica, conforme Imagem n. 02.

Imagem n. 02 - II FORM-AÇÃO



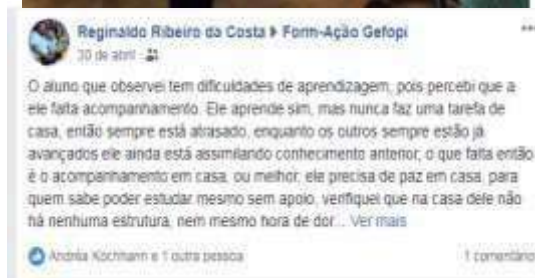
Fonte: Form-Ação (2018)

O terceiro encontro teve como tema “TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM” com a professora e psicóloga Fernanda Tavares e ocorreu no dia 18/04/2018. Nesta atividade foi proporcionado aos docentes uma melhor compreensão sobre os diferentes tipos de posturas de aprendizagem de seus alunos, entendendo também a diferença entre dificuldade e transtorno permeando sobre uma visão sócio-histórica, conforme Imagem n. 03.

Imagem n. 03 III FORM-AÇÃO



Fonte: Form-Ação (2018)



O quarto encontro teve como ministrante o Professor egresso da UEG Câmpus São Luis de Montes Belos Sávio Pires de Souza, onde foi trabalhada a temática acerca do "ATELIÊ TEXTUAL" ocorrendo no dia 16/05/2018. O assunto foi desde os gêneros literários a como trabalhar-los de forma lúdica. O debate teórico foi realizado via *WhatsApp* e no *Facebook* os professores deveriam socializar uma atividade textual realizada em sala de aula e explicar a questão teórico-metodológica, podendo escolher apenas um tipo de texto, conforme Imagem n. 04.

Imagem n. 04 _ IV FORM-AÇÃO



Fonte: Form-Ação (2018)

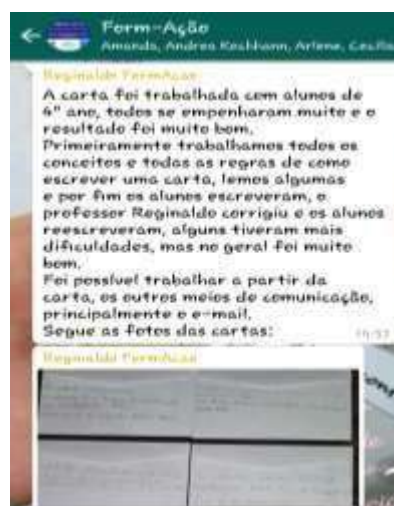
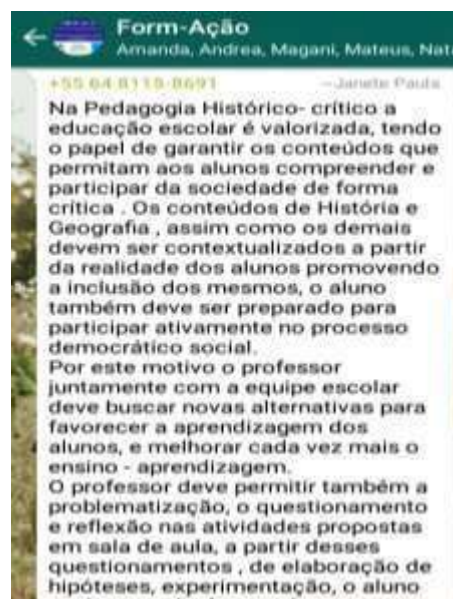


Imagem n. 05 V FORM-AÇÃO



Fonte: Form-Ação (2018)

O quinto e último encontro do primeiro semestre de 2018 tratou da “TENDÊNCIA HISTÓRICO-CRÍTICA: uma pedagogia contra-hegemônica” e teve como palestrantes Natália Ribeiro e Luciana Sérgio, o encontro aconteceu no dia 13/06/2018, conforme Imagem n. 05.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação continuada dos professores contribui para uma melhor didática perante as dificuldades mais recorrentes na educação infantil, momento muito importante, que reflete em toda carreira escolar destas crianças. Nos encontros do Form-Ação foram discutidas teorias que se enquadram na realidade de cada profissional, fazendo com que haja uma socialização das dúvidas e novos métodos pedagógicos. Os resultados notificam o quanto o encontro tem promovido uma educação inovadora na comunidade, no qual esses são expostos com muito êxito nas redes sociais do projeto, compartilhando as discussões e práticas de todas as teorias desenvolvidas, acarretando o valor de uma ação extensionista, em que a universidade e a sociedade se mesclam e ambas contribuem para a produção do conhecimento a partir dessa experiência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOP.

REFERÊNCIAS

KOCHHANN, Andréa. CURADO SILVA, Kátia A.C.P. FORMAÇÃO DOCENTE E

TRABALHO CONCRETO: apontamentos pela Tendência Histórico-Crítica e Práxis Crítico-Emancipadora. In: KOCHHANN, A. FREITAS, H.S. EMANCIPAÇÃO HUMANA: tessituras pedagógicas. Goiânia: Kelps, 2018.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. Cadernos UnB. Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. In:
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>.

IMPLANTAÇÃO DE CAMPO AGROSTOLÓGICO: VIVÊNCIA E APRENDIZADO PRÁTICO NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFISSIONAIS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Área Temática: Educação

Mábio Silvan José Da Silva¹

Rafael Forigo Botelho²

RESUMO: Experimentar a vivência prática, dos abordados em sala de aula, configura um dos grandes mecanismos de apreensão de conhecimento. Assim, tendo em vista a grande quantidade de materiais forrageiros disponíveis no mercado, objetivou-se a implantação de um campo agrostológico, com propósito dispor de um “laboratório a céu aberto” onde os alunos dos cursos de ciências agrárias podem ter pleno acesso e vivenciar, na prática, todas as diferenças e processos na produção de diferentes espécies e/ou cultivares de plantas forrageiras, destinadas a alimentação animal. O campo agrostológico configura um acervo de espécies forrageiras, o qual servirá de painel para a capacitação de alunos e, posteriormente, de produtores rurais, de modo a integrar universidade, comunidade acadêmica e produtores. O campo agrostológico foi implantado numa área de 0,32 ha, localizada na área experimental do setor de zootecnia da Universidade Federal da Grande Dourados (FCA-UFGD). Foram realizadas todas as etapas de estabelecimento de diferentes espécies forrageiras, do plantio a manutenção. A princípio, foram plantadas espécies em 43 canteiros do total de 78, sendo: 13 canteiros de *Brachiaria*, 10 canteiros de *Panicum*, 8 canteiros de *Cynodon*, 2 canteiros com *Pennisetum*, 7 com leguminosas ou consórcios gramíneas-leguminosas e 3 canteiros com cactáceas. Desde o início de seu estabelecimento, no segundo semestre de 2017, o campo agrostológico já serviu de laboratório de estudo e capacitação para mais de 150 discentes das disciplinas de agrostologia, culturas forrageiras de interesse zootécnico e forragicultura. Neste período, os discentes puderam, além de relacionar os assuntos teóricos com os práticos, acompanhar e realizar alguns dos procedimentos/etapas de estabelecimento e manutenção de áreas de pastagens, utilizando-se cultivares modernas e de alta importância para pecuária moderna. O campo agrostológico está se tornando um painel de referência, em espécies forrageiras, na capacitação de discentes das ciências agrárias. Palavras-Chave: espécies forrageiras, formação acadêmica, manejo de pastagens, pecuária.

1 INTRODUÇÃO

Anualmente, no Brasil, milhões de hectares de áreas de pastagens são semeados e/ou renovados para produção de pastagens de alta qualidade. Estas são,

¹ Coordenador da ação; doutor em Zootecnia e Professor da Faculdade de Ciências Agrárias, Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Grande Dourados – FCA/UFGD, e-mail: mabiosilva@ufgd.edu.br.

² Graduando em Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Grande Dourados – FCA/UFGD, e-mail: rafaelforigo12@gmail.com.

geralmente, constituídas de espécies de gramíneas forrageiras cultivadas, das quais, destacam-se as introduzidas da África, em sua maioria, pertencentes aos gêneros *Brachiaria* e *Panicum*. Plantas destes gêneros compõem a base da cadeia de produção animal a pasto, que é predominante no cenário brasileiro.

Segundo Ferraz e Felício (2010), a produção pecuária a pasto constitui uma forma econômica e prática de produzir e oferecer alimentos para os bovinos, garantindo, além de maior competitividade de preços no mercado, por parte dos produtos de origem pecuária, maior sustentabilidade econômica e ambiental do sistema de produção. Este fator, aliado as características climáticas e da extensão territorial do país, permite que o Brasil tenha um dos menores custos de produção de carne do mundo (CARVALHO et al., 2009). Associado a estes benefícios, na produção animal a pasto, tem-se a redução de custos, riscos econômicos e impactos ambientais, melhoria no bem-estar animal e a geração de um produto tido como mais saudável, com qualidade nutricional elevada (DALEY et al., 2010).

Atualmente, oito gêneros de gramíneas e sete de leguminosas, num total de vinte espécies, estão registrados no Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) para produção de sementes forrageiras, no entanto, apesar grande diversidade de recursos forrageiros existentes no Brasil, existe uma falta de diversidade na utilização destas, visto que 45% das áreas de produção e 60% das sementes comercializadas pertencem a uma única cultivar apomítica, *Brachiaria brizantha* cv. Marandu, lançada em 1985, portanto, mais de 30 anos no mercado (VALLE et al., 2013).

A adoção das práticas de monocultivo por produtores e a sua preferência por espécies “antigas” é, em geral, função do desconhecimento das novas espécies de gramíneas e leguminosas existentes e registradas pelo MAPA, para produção de forragens. Contornar os problemas das extensas áreas de pastagens degradadas e em monocultivo só será possível com a liberação e adoção de novas cultivares, que promovam a diversificação das pastagens, associados a melhores estratégias de manejo. Isto impactará em vantagens econômicas e ambientais, promovendo uma exploração mais racional dos sistemas de produção.

Neste sentido, faz-se necessário a transferência de conhecimentos teóricos e práticos, sobre as novas espécies e/ou cultivares, à nova geração de profissionais das ciências agrárias, de modo que estes possam promover as mudanças necessárias e difusão dos conhecimentos, a cerca dos novos recursos genéticos em forragens, permitindo uma “atualização” dos sistemas de produção a pasto. Assim, objetivou-se promover a capacitação de alunos dos cursos de ciências

agrárias, sobre os novos recursos forrageiros e suas características de estabelecimento, manutenção, produtividade e qualidade.

2 DESENVOLVIMENTO

A área destinada à implantação do campo agrostológico foi de aproximadamente 0,32 ha, localizado na área experimental da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Grande Dourados (FCA-UFGD), 22°11'47.3"S 54°56'15.3"O.

Antes do estabelecimento das espécies e/ou cultivares, foi realizado o planejamento de quais espécies seriam relevantes, considerando com parâmetro de seleção a importância econômica e a qualidade da forragem, em termos de adaptação as condições edafoclimáticas, produtividade e valor nutricional. Quando da implantação, primeiramente foi realizada a subsolagem da área, seguida por uma aração e duas gradagens, a fim de eliminar as espécies forrageiras indesejáveis na área, bem como, eliminar o banco de sementes. Após, seguiu-se com a coleta e análise do solo. Findada esta etapa, e de posse das análises de textura, classificação e disponibilidade de nutrientes no solo (macro e micronutrientes), verificou-se a necessidade da prática de correção do solo, sendo utilizada a dosagem de 2,2 toneladas por hectare de calcário calcítico, para elevação da saturação por base para teores de 80%.

Após realização de preparo do solo, fez-se a divisão dos canteiros, de modo a se obter 78 canteiros nas dimensões de 2,5 x 4 m (10 m²). Para isto, realizou-se o balizamento e estaqueamento dos canteiros, de forma que as "ruas" entre canteiros mantivessem a largura de pelo menos 1 m. Seguiu-se com a realização de adubação, nas doses de 50 kg ha⁻¹ de nitrogênio (N), 50 kg ha⁻¹ de enxofre (S), 100 kg ha⁻¹ de fósforo (P) e 60 kg ha⁻¹ de potássio (K). Para isso, utilizou-se 111 kg ha⁻¹ de ureia e 500 kg ha⁻¹ do formulado NPK 0-20-20. Utilizou-se também a dosagem de 2 kg ha⁻¹ de boro (B).

Com o solo devidamente pronto para receber as culturas, realizou-se a semeadura ou plantio em 43 dos 78 canteiros, logo, 43 espécies e/ou cultivares, sendo: 13 canteiros de *Brachiaria*, 10 canteiros de *Panicum*, 8 canteiros de *Cynodon*, 2 canteiros com *Pennisetum*, 7 com leguminosas ou consórcios gramínea-leguminosa e 3 canteiros com cactáceas.

Semanalmente, os discentes da disciplina de forragicultura e os alunos integrantes do projeto de extensão, realizavam o acompanhamento das plantas, verificando a ocorrência de pragas (notificando ao coordenador, quando da

ocorrência), bem como, o controle das plantas invasoras. Para tal, utilizou-se o controle mecânico, por meio da capina manual, com auxílio de enxadas, foices e roçadeira.

Findado o estabelecimento da cultura, após cerca de 70 dias, realizou-se o corte de padronização e adubação de manutenção, com a dose de 100 kg ha⁻¹ de N e 50 kg ha⁻¹ de K. Seguiu-se com o manejo de manutenção da pastagem, através da adubação de manutenção e cortes uniformes para regulação da altura de entrada e saída de cada espécie forrageira, de forma a obter a máxima autonomia produtiva da pastagem.

Ao fim, para consolidação da primeira etapa do projeto de extensão, foram confeccionadas placas de identificação do campo agrostológico e placas para identificação das espécies/cultivares nos canteiros, as quais foram devidamente posicionadas.

Todas as etapas de correção, adubação, semeadura/plantio, controle de pragas e doenças, manejo de corte e o acompanhamento e avaliações das espécies forrageiras foram realizados pelos discentes dos cursos das ciências agrárias, sob supervisão do coordenador do projeto de extensão. Dentre os discentes, estavam presentes alunos das disciplinas de agrostologia, culturas forrageiras de interesse zootécnico e forragicultura, bem como, os alunos integrantes do presente projeto de extensão, os quais estão em preparativo para difusão destes aprendizados para produtores rurais (próxima etapa do projeto).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O campo agrostológico possibilitou, até o presente momento, o acompanhamento e aplicação das práticas de produção de forrageiras a 170 discentes das ciências agrárias, sendo: 90 discentes da disciplina de forragicultura (turmas de agronomia e zootecnia); 28 discentes da disciplina de culturas forrageiras de interesse zootécnico (turma de zootecnia, com possibilidade de alunos de outros cursos das agrárias) e 52 discentes da disciplina de agrostologia (turma de zootecnia), além dos discentes integrantes do projeto de extensão.

Durante esta primeira etapa de projeto, evidenciou-se a importância de um “laboratório a céu aberto” onde os alunos puderam desempenhar as funções de profissionais capacitados e responsáveis pela produção. Os alunos demonstraram maior interesse nas aulas teóricas, bem como, começaram a questionar mais os dados e desempenho das diversas espécies forrageiras existentes no mercado,

principalmente as cultivares mais antigas. Alguns destes, filhos de produtores, relataram a importância das atividades desenvolvidas no campo agrostológico para as tomadas de decisões nas propriedades de seus pais. Alguns deles solicitaram autorização para que seus pais pudessem visitar a área de cultivo e participar de um possível dia de campo, que deverá ocorrer anualmente.

Associado aos fatos supracitados foi observado, em menos de um ano de projeto, melhoria significativa no desempenho acadêmico dos alunos, nas disciplinas correlatas a forragicultura, obtendo-se maiores índices de aprovação nestas disciplinas.

O campo agrostológico serviu e serve para suporte a outras disciplinas, principalmente as de caráter generalistas, sendo instrumento para aulas práticas de discentes nos diferentes estágios da formação. Além de tudo isso, o campo agrostológico serve de base para a formação e aprimoramento profissional de todos os membros dos projetos de pesquisa e extensão do Núcleo de Estudos em Pastagens e Autonomia Forrageira da Universidade Federal da Grande Dourados (NEPAF - UFGD).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo agrostológico é uma ferramenta indispensável para difusão, e demonstração, dos novos conhecimentos a cerca das espécies forrageiras de maiores destaques no cenário da pecuária nacional. A realização de aulas práticas proporcionou melhoria no desempenho dos alunos, quando das avaliações de aprendizagem, bem como, despertou-lhes o censo crítico.

AGRADECIMENTOS

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX-UFGD), pelo apoio financeiro e concessão da bolsa de extensão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, T. B.; ZEN, S.; TAVARES, E. C. N. Comparação de custo de produção na atividade de pecuária de engorda nos principais países produtores de carne bovina. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 47, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: SOBER. 2009.

DALEY, C. A.; ABBOTT, A.; DOYLE, P. S.; NADER, G. A.; LARSON, S. A review of fatty acid profiles and antioxidant content in grass-fed and grain-fed beef. *Nutrition Journal*, v.9, n.10, p. 1-12, 2010.

FERRAZ, J.B.S.; FELÍCIO, P.E.D. Production systems - an example from Brazil. *Meat Science*, Barking, v.84, n.2, p. 238 243, 2010.

VALLE, C.B.; SIMEÃO, R.M.; BARRIOS, S.C.L. Seleção e melhoramento de plantas forrageiras. In: REIS, R.A.; BERNARDES, T.F.; SIQUEIRA, G.R. (Org.). *Forragicultura: Ciência, Tecnologia e Gestão dos Recursos Forrageiros*. 1ed. Jaboticabal: Gráfica Multipress, 2013, p. 349-366.

INCLUSÃO NA LINHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM DEFICIENTES AUDITIVOS NO CURSO DE EXTENSÃO “TREM DO PANTANAL – TRILHANDO O CAMINHO DO BIOMA E DAS DOENÇAS TROPICAIS”

Área Temática: Educação

Ana Paula da Costa Marques¹

Filipy Alves Rodrigues², Anna Carolina Soares de Araújo Abate², Cleide Marcelino de Oliveira², Cristiane Alves Soares², Kelen Ilka Paiva Fuzeta², Thaisy Araujo Avalhaes Wunder Castro², Sandra Maria do Valle Leone de Oliveira³, Anamaria Mello Miranda Paniago³, James Venturini³, Dario Corrêa Junior⁴, Ana Paula da Costa Marques¹

RESUMO: A surdez é um estado natural para a criança surda, e ela sente a deficiência apenas indiretamente, como resultado de suas experiências sociais, principalmente no ato de se comunicar. O objetivo do estudo foi tornar possível a inclusão de dois alunos deficientes auditivos e um Surdo numa turma com outros 22 alunos ouvintes, por meio de metodologia ativa, participação em grupo, auxílio de intérpretes e jogos didáticos no decorrer do projeto “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”. Como resultados, constatamos que o aluno com conhecimento total da Libras pode desenvolver conceitos e se apropriar do conhecimento como qualquer aluno ouvinte; o aluno que tinha conhecimento moderado de Libras e utilizava aparelho auditivo teve um desempenho satisfatório apesar das dores e incômodos causados pelo aparelho; e o aluno sem base de Libras não pode se desenvolver plenamente, pois não teve base para utilizar a língua portuguesa escrita nem a Libras. Com base nisso, conclui-se que deficientes auditivos só podem se desenvolver plenamente por meio do uso da Libras e quanto mais cedo for o contato com a língua, o indivíduo estará melhor preparado para se desenvolver socialmente, desde que não haja preconceitos e julgamentos nas instituições sociais. Palavras-chaves: Educação especial, Deficiência auditiva, Língua brasileira de sinais.

¹ Instituto de Biociências – INBIO, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – e-mail: apcmarques@hotmail.com

² Discente do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura; Instituto de Biociências - INBIO; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS;

³ Faculdade de medicina - FAMED, Unidade Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS ⁴ Discente do curso de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas e Parasitárias, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

1 INTRODUÇÃO

Qualquer deficiência física, seja a surdez ou a cegueira, não só modifica a relação da criança com o mundo mas, antes de tudo, se manifesta nas relações pessoais (Vigotski, 1997). Até ser devidamente diagnosticada, a deficiência é tida, primariamente pelos pais, como uma anormalidade social de conduta. Após diagnóstico, é comum que os médicos aconselhem o uso de aparelhos auditivos nos casos de surdez moderada e de implante coclear nos casos de surdez severa e profunda, porém além de tais aparelhos causarem um ruído constante e posteriores dores e incômodos, estão atrelados à mentalidade de que um surdo precisa ouvir para ser considerado normal, como é bem evidenciado no filme “E seu nome é Jonas” (1979) que ainda demonstra a realidade.

Para a criança surda, no entanto, a surdez é um estado natural, e ela sente a deficiência de maneira secundária, como resultado de suas experiências sociais, principalmente no ato de se comunicar (Vigotski, 1997). O desenvolvimento da fala em crianças sem deficiência auditiva e posteriormente a maneira com a qual ela abstrai o meio se deve ao fato dela conseguir imitar os sons de estímulos auditivos que recebe (Luria, 1988). Uma criança surda que não recebe estímulos auditivos vai imitar o que? Por mais que uma criança seja estimulada a fazer leitura labial ela dificilmente terá a mesma abstração que uma criança ouvinte. É preciso assimilar a ideia de que a surdez não é nada mais do que a falta de uma das vias para a formação dos vínculos condicionantes com o meio.

A conotação da palavra “surdo” no Brasil muda de acordo com o contexto: se utilizarmos o contexto médico, surdo é o indivíduo que possui deficiência auditiva bilateral acima de 41 decibéis. Já na comunidade Surda, Surdo é o indivíduo que possui qualquer deficiência auditiva e tem como primeira língua a Língua Brasileira de Sinais - Libras (Monteiro, 2006). Utilizaremos o termo “Surdo” para nos referirmos aos deficientes auditivos que dominam o uso da Libras e o termo “deficiente auditivo” para qualquer pessoa que possua deficiência auditiva mas que não domine o uso da Libras.

Tanto a língua escrita quanto a falada têm um importante papel de mediação na internalização das funções mentais superiores (Luria, 1988). A criança surda pode se desenvolver tanto quanto uma criança ouvinte, mas por outros caminhos e meios. No Brasil, enquanto o ouvinte se apropria dos significados dos objetos do meio e desenvolve os signos utilizando a Língua Portuguesa, a maneira

com a qual o Surdo pode abstrair signos e entender o meio é através do uso da Língua Brasileira de Sinais. Apesar da Libras ter surgido oficialmente no final do século 19, apenas em 2002, com a LEI Nº 10.436, é que a LIBRAS é tida federalmente como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, lei que foi regulamentada só no ano de 2005 com o decreto nº 5626.

Apesar da regulamentação da lei, sabe-se que, ainda hoje alunos surdos são excluídos de algumas atividades extracurriculares, seja por falta de estrutura da instituição em oferecer o intérprete da Língua brasileira de sinais ou até mesmo por desinteresse em ter esses alunos nas atividades.

Entretanto, o projeto de curso de extensão “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”, cujo principal objetivo é promover o intercâmbio entre a universidade e a sociedade atuando diretamente na melhoria do ensino básico público também tem como princípio e meta a não exclusão de alunos, seja qual for suas necessidades especiais ou deficiência.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste ano, o curso de extensão “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”, que está em sua terceira edição, aconteceu de 23 a 27 de abril e foi oferecido a 25 alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Ada Teixeira, dentre os quais dois eram deficientes auditivos e um Surdo.

O curso é baseado na metodologia científica e utiliza diferentes métodos ativos de ensino para trabalhar o tema “doenças infecciosas e parasitárias inseridas no bioma tropical”. Devido a participação dos alunos com deficiência auditiva e Surdo, a ideia era fazer um projeto inclusivo, no qual os alunos surdos participariam da mesma forma que os alunos ouvintes, de modo ativo e divertido, visto que, com o auxílio de intérpretes da língua brasileira de sinais, não haveria dificuldades que suas potencialidades não superassem.

Em relação aos dois alunos deficientes auditivos, o primeiro (aluno 1) utilizava aparelho auditivo e tinha conhecimento moderado da Libras e da Língua Portuguesa, o segundo (aluno 2) não utilizava aparelho, tinha conhecimento básico da Língua portuguesa apresentando muita dificuldade para ler e conhecimento

praticamente nulo da Libras. O aluno Surdo (aluno 3), dominava perfeitamente a Libras e tinha conhecimento moderado da Língua Portuguesa. Como ninguém da equipe de execução do projeto dominava Libras, os intérpretes da UFMS acompanharam todas as atividades realizadas no curso.

No primeiro dia, após uma dinâmica para que cada participante e membro da equipe se conhecessem, os alunos foram conduzidos a uma sala que foi ambientada com os quatro temas trabalhados no curso: Doenças Respiratórias, Infecções sexualmente transmissíveis, Arboviroses e Parasitoses. O objetivo dessa sala era instigar a curiosidade e levantar dúvidas. Baseado no que foi observado e na vivência de cada um, eles prepararam cerca de 90 questões sobre os temas. Durante essa prática pode-se perceber que os alunos com deficiência auditiva eram bem tímidos e pouco participativos, o aluno 2 conversava com alguns colegas, mas devido ao pouco domínio da língua portuguesa dificilmente era entendido. O aluno 3 se divertia bastante com as questões dos colegas, mostrando animação e empolgação.

No segundo dia, foi realizada visita a diversos laboratórios, nos quais os alunos puderam observar diferentes práticas laboratoriais de Imunologia, parasitologia, hematologia e realizaram experimentos no laboratório de microbiologia. No terceiro dia, eles trabalharam em grupo juntamente com alunos ouvintes para a preparação de uma apresentação expositiva sobre “Doenças respiratórias” e na produção de um teatro sobre o mesmo tema. Os alunos deficientes e Surdo optaram pela produção do teatro alegando ter muita dificuldade para apresentar.

No quarto dia eles elaboraram outra atividade de livre escolha, que poderia ser uma paródia musical, poema, teatro, apresentação ou qualquer outro meio que a criatividade os permitisse, abrangendo todos os temas e aprendizado que eles haviam tido no decorrer da semana, para que apresentassem ao final das atividades do dia posterior. Além disso, eles retornaram ao laboratório de microbiologia para observação dos resultados dos experimentos realizados.

No último dia, os alunos foram divididos em quatro equipes para a realização de uma gincana. A equipe de execução do curso preparou diversos jogos utilizando as perguntas feitas pelos alunos no primeiro dia, com objetivo de observar se os alunos conseguiriam responder as suas próprias perguntas, ou seja, se o conteúdo trabalhado de maneira dinâmica e interativa foi realmente assimilado por

eles. O curso foi finalizado com apresentações lúdicas produzidas pelos alunos e uma cerimônia de entrega de certificados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os alunos deficientes auditivos e surdos participaram de todas as atividades propostas no curso. Entretanto, em relação ao conteúdo trabalhado apenas o aluno 3 alcançou um desenvolvimento satisfatório. Por ser filho de pais surdos, a Libras esteve presente por toda sua vida, como primeira língua, permitindo que ele pudesse se comunicar plenamente e desenvolver signos, mesmo não dominando a língua portuguesa.

O aluno 2 parecia sempre entender bem o que falávamos, mesmo no horário do almoço quando os intérpretes não estavam por perto. Ele contou que é o único surdo de toda sua família e que só utilizava Libras na escola, por isso utilizava o aparelho auditivo: para poder conversar com os pais em casa, mas relatou que o aparelho causa dor contínua nos ouvidos e um zumbido muito incômodo. O aluno 1 não pode abstrair totalmente a língua portuguesa porque, com 15 anos, nunca entendeu muito bem o que os professores diziam. Também era o único surdo da família e não fazia uso de Libras com ninguém. De acordo com os intérpretes, ele era um dos casos “ainda considerado perdido”, pois não entendia nem Libras nem português de maneira satisfatória, que permitisse abstrair signos integralmente; nesses casos, costuma-se contatar a família que optará ou pelo uso do aparelho auditivo ou pelo ensino em Libras.

Em relação à diversão, a história é outra. Mesmo não estando totalmente a par das informações, os alunos 1 e 2 se divertiram muito durante as visitas aos laboratórios, as apresentações teatrais e participações nas dinâmicas. Relataram que se sentiram incluídos em todo momento, fazendo laços de amizade tanto com os colegas da escola quanto com a equipe organizadora; o aluno 2 disse querer cursar veterinária na universidade, mas reclamou da dificuldade por ser surdo. O aluno 3 nos contou que a Libras e o contato que ela possibilitou ter com tantas pessoas diferentes por meio dos intérpretes foi algo novo e que amou. Se emocionou no momento de despedida e disse que queria cursar química na universidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios para inclusão de deficientes auditivos são imensos: ainda hoje há preconceito dentro das famílias, dificultando o diagnóstico e, conseqüentemente, atrasando o desenvolvimento do indivíduo. O conhecimento e uso da Libras permite que todo o potencial da criança seja desenvolvido, tornando o uso de aparelhos e implante uma tortura desnecessária. Alunos surdos são tão capazes quanto os ouvintes para aprender e se desenvolver socialmente, o que falta é a superação do preconceito na família, ambiente escolar e, posteriormente, sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

LURIA, Alexander R.; O desenvolvimento da escrita na criança. 9. ed. São Paulo, SP: Editora Ícone, 1988. Cap. 1, p. 16-48.

MONTEIRO, M. S.; História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da LIBRAS. ETD – Educação Temática Digital, v.7 n.2, p. 295-305, jun. 2006.

RIPPER, A. V.; Significação e mediação por signo e instrumento. Temas psicológicos, v.1 n.1, abr. 1993.

VYGOTSKI, Lev Semionovich.; Obras escogidas tomo V: fundamentos de defectología. Madrid: Visor Dis., S.A., 1997.

MONITORAMENTO DA PERCEPÇÃO DOS INGRESSANTES NA ESCOLA DE VETERINÁRIA E ZOOTECNIA EM RELAÇÃO AÇÕES NUTRIR COMO FORMA DE ATUALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO CONTINUADA EM NUTRIÇÃO ANIMAL: TRABALHANDO A INSERÇÃO DOS NOVOS ALUNOS NO MUNDO ACADÊMICO

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Alessandra Gimenez Mascarenhas¹

Autores: Larissa Graciano Braga², Raissa Monteiro de Alvarenga ², Thayanne Carolina Mariano da Silva², Viviane Pinheiro Henrique², Hyorrara Leal Oliveira², Giovanna Rocha Vieira², Lara Frauzino Basaia², Alessandra Gimenez Mascarenhas¹

RESUMO: O Núcleo de Extensão e Pesquisa em Nutrição e Alimentação Animal (NUTRIR) é um projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG) que busca oferecer educação continuada e atualização em assuntos relacionados à nutrição animal básica e aplicada às diferentes espécies, a produção de rações, ao controle de qualidade e aos aspectos regulatórios da alimentação animal. Seu público alvo são alunos de graduação, pós graduação, produtores rurais, criadores e tutores. O NUTRIR participou da I Mostra de Ligas e Grupos de Estudos da I Semana do Calouro da Escola de Veterinária e Zootecnia, onde seus esforços foram concentrados em transmitir a que o núcleo se destina, suas ações já realizadas e em comentários sobre alimentação pet e sobre possibilidades de atuação de Médicos Veterinários e Zootecnistas na área de alimentação e nutrição animal. Também foi realizado o cálculo de consumo diário de ração para cães e gatos. Para monitorar a satisfação dessa ação e na busca por melhorias que facilitem a inserção de calouros no NUTRIR e na Universidade, foi feito um questionário com 35 novos alunos de Medicina Veterinária e Zootecnia, onde foi possível constatar o interesse de alguns alunos a participarem do NUTRIR. A contabilização dos resultados permitiu perceber a importância do Núcleo como papel complementar na vida do estudante acadêmico e a possibilidade de melhora de atuação do mesmo.

Palavras-chave: animais de companhia, extensão, calouros, questionário.

¹ Professora Associada, Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás; alegimenez09@hotmail.com

² Aluna de graduação, Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil conta com a 2ª maior população de cães, gatos e aves cantoras e ornamentais do mundo, além de ser o 4º país com a maior população total de animais de estimação, contando com 52,2 milhões de cães e 22,1 milhões de cães e gatos (IBGE, 2013). Estima-se que em 2017 o mercado pet tenha movimentado 20,3 bilhões de reais sendo que 68,6% deste valor é movimentado pelo mercado Pet Food (ABINPET, 2018). Tais dados demonstram a representatividade do mercado de alimentação pet no país e evidenciam a importância do Mercado Pet neste contexto.

Dada a importância da nutrição e alimentação animal no país, foi criado o Núcleo de Extensão e Pesquisa em Nutrição e Alimentação Animal (NUTRIR). O NUTRIR é um projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG) que promove a educação continuada sobre temas relacionados à nutrição básica e aplicada às diferentes espécies de monogástricos e ruminantes, assim como tópicos relacionados ao controle de qualidade e aos aspectos regulatórios da alimentação animal (Braga et al., 2017; Vieira et al., 2017). Sua atuação justifica-se pois a educação continuada iniciada ainda durante a formação acadêmica é um meio ideal para assegurar um desenvolvimento integral do futuro profissional (Backes et al., 2002).

O NUTRIR possui como público alvo alunos de graduação e pós-graduação, profissionais já formados, e envolvidos no setores agro e pet, como produtores rurais, criadores de animais e tutores. O projeto busca o desenvolvimento de raciocínio crítico, reflexivo e oratória entre os participantes por meio do aprofundamento de estudos, formação complementar a sala de aula, troca de experiências e discussão de temas relacionados através de estudos grupais, reuniões semanais, palestras e minicursos. Além disso, o projeto possui um perfil no *Instagram*, onde são compartilhados conteúdos relacionados ao tema principal do núcleo (Braga et al., 2017; Vieira et al., 2017).

Este trabalho tem o intuito de demonstrar o impacto da ação do Núcleo de Extensão em Nutrição e Alimentação Animal monitorando a satisfação e a percepção de recém integrantes do curso de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFG sobre uma ação realizada pelo NUTRIR e como melhorar a inserção desses novos alunos no âmbito da Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ).

2 DESENVOLVIMENTO

O NUTRIR participou da I Mostra de Ligas e Grupos de Estudos da EVZ da I Semana do Calouro da EVZ realizada no dia 14 de março no turno vespertino, tal evento teve como intuito integrar os alunos recém ingressados com a diversas atividades promovidas dentro da universidade. A partir disso, foi montado um stand para divulgação do NUTRIR e exposição de trabalhos já realizados, foram feitos comentários sobre as possibilidades de atuação do Médico Veterinário e do Zootecnista na área de alimentação e nutrição animal. Como material de apoio foram usadas amostras de ração pet, que serviram como base nas explicações fornecidas sobre como nutrir e alimentar esses animais, e usadas para realizar um cálculo de fornecimento diário de ração. Nesse momento foram tiradas dúvidas apresentadas pelos participantes.

Aos participantes interessados, o cálculo de consumo diário de seus pets era realizado através do programa Excel, utilizando-se da equação: $132 \times PV^{0,75} = \text{exigência calórica (kcal)}$. Logo, como demonstração, escolhia-se uma das rações e eram observadas a quantidade de calorias (kcal) por porção (gramas), então, através de uma regra de três, o consumo diário de ração (gramas) era obtido. No Brasil, 44,3% dos domicílios possuem pelo menos um cachorro e 17,7% pelo menos um gato (IBGE, 2013), tais dados embasam a importância e a escolha da ação pensada para a I Mostra de Ligas e Grupos de Estudos da EVZ da I Semana do Calouro da EVZ.

Adicionalmente, foi aplicado um questionário com o objetivo de monitorar o serviço exercido, para fins de melhoria e implementação de ações que possam facilitar a introdução de novos alunos no NUTRIR e na Universidade composto de algumas perguntas, teóricas e de múltipla escolha, sobre o papel do núcleo de estudos, e se algum calouro estaria apto a fazer parte do NUTRIR ou de outro projeto semelhante, mesmo este não possuindo certo nível de conhecimento técnico, as quais visavam perceber se a equipe participante conseguiu explicar a que o projeto se destina e seu público alvo; outra sobre o que o Núcleo poderia fazer para melhorar e facilitar a imersão e entendimento de alunos calouros no projeto, buscando melhorias e possíveis implementações. Uma última perguntando se o indivíduo estaria disposto a participar do NUTRIR.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A UFG oferece 120 vagas ao ano para alunos de Medicina Veterinária e 40 para novos alunos de Zootecnia, destes, uma parcela participou da I Semana do Calouro da EVZ e da I Mostra de Ligas e Grupo de Estudos da EVZ. Durante a ação do NUTRIR os coordenadores puderam expor a história e o objetivo do projeto, ações de extensão já realizadas, esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do núcleo e sobre posse responsável (alimentação e nutrição animal de cães e gatos), ampliar seus conhecimentos sobre rações pet e realizar o cálculo da quantidade de ração que seu animal deve comer por dia. Passaram pelo stand professores, alunos regulares da graduação, alunos da pós graduação, recém ingressantes, além de pais e amigos destes. Sendo que 35 calouros responderam o questionário, 28 do curso de Medicina Veterinária (80%) e sete do curso de Zootecnia (20%).

A apresentação sobre o projeto de extensão foi conduzida de forma a afirmar a sua importância e atrair a atenção e o interesse dos estudantes a participarem do NUTRIR, possibilitando integrar estes ao grupo futuramente, o que facilita a inserção desses alunos em seus respectivos cursos e como futuros profissionais. Já as contribuições sobre a alimentação de cães e gatos e o cálculo de consumo diário de pets atingiram não somente o participante, pois a extensão focada na conscientização sobre posse responsável acarreta melhorias na qualidade de vida dos animais e contribui para um relacionamento saudável entre tutor e animal (Almeida et al., 2010).

O questionário monitorou se a equipe coordenadora participante da I Mostra de Ligas e Grupos de Estudos conseguiu esclarecer o papel, a atuação e a importância do NUTRIR. Todos os calouros afirmaram poder participar de algum Núcleo ou Grupo de Estudos independente de seu nível de instrução dentro da Universidade e reconhecem o NUTRIR como um instrumento de auxílio para identificar a área de interesse dentro do curso, os resultados da pesquisa estão demonstrados no gráfico 1. Notou-se que alguns alunos ainda ficaram com dúvidas em relação a atuação de um Núcleo de Extensão, demonstrando que a atuação da coordenação ainda pode ser melhorada.

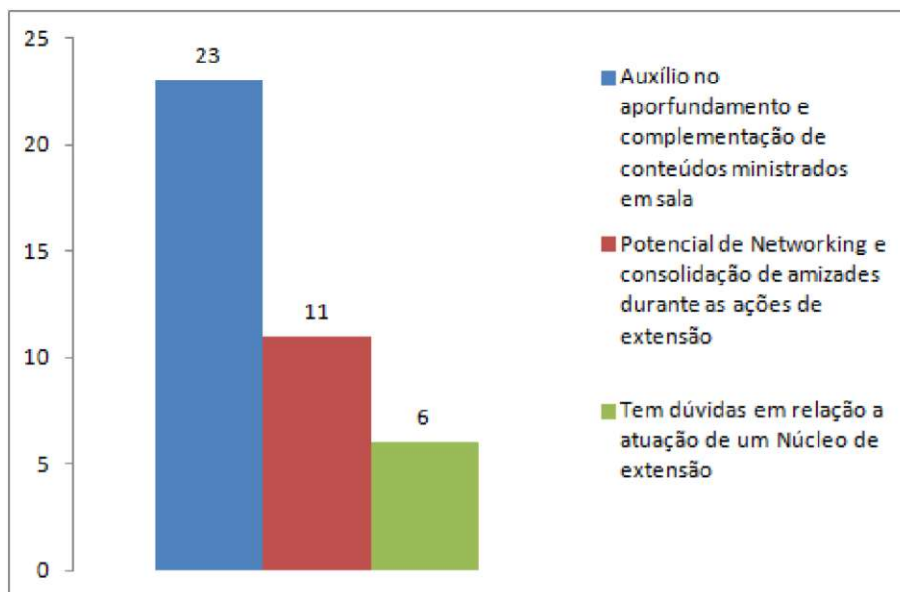


Gráfico 1: Percepção de calouros sobre a atuação no NUTRIR.

Como melhorias e ações a serem implementadas para facilitar o entendimento e inserção de um calouro foram coletadas respostas que permitem um maior enfoque para determinadas atuações. Dentre elas, muitas destacam que o NUTRIR pode gerar maior integração, pois permite o contato de alunos de diferentes períodos dos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia; é capaz de facilitar a obtenção de informações sobre oportunidades disponíveis na EVZ, como processos seletivos e participação em outros projetos; e permite a complementar o que é discutido em sala de aula. Outra sugestão dada a ser efetivada pelo projeto é a de realizações de palestras e ações de extensão que contemplem um vocabulário mais simples, possibilitando a compreensão de um determinado assunto por todos, inclusive aqueles que não possuem alto nível de conhecimento técnico, como os recém ingressantes. Também foram feitas demandas pontuais, sobre tópicos de minicursos e palestras.

Com o intuito de avaliar a satisfação dos alunos calouros, estes foram perguntados sobre o interesse de participar do projeto, 15 alunos (43%) disseram que possuem interesse, 20 alunos (57%) ainda estavam em dúvida quanto a sua participação no projeto. Nenhum aluno respondeu que não possuía interesse em se juntar ao NUTRIR, o que evidencia a satisfação do trabalho realizado e constata a fomentação de futuros novos integrantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do questionário, foi perceptível o interesse dos novos alunos em participar da educação continuada promovida pelos grupos ou núcleos de estudos da EVZ, em específico o NUTRIR que foi escolhido por 15 participantes.

Conclui-se então que a ação do projeto de extensão Núcleo de Extensão e Pesquisa em Nutrição e Alimentação Animal foi importante para a informação sobre incorporação dos calouros ao novo ambiente da universidade, pois estes, além de serem futuros profissionais, estarão a cargo de executar e dar continuidade a projetos já estabelecidos dentro da Universidade, como este projeto, o qual se dedica a educação continuada.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Acadêmico Lucas Mariano Gestão Renova Vet pela realização da I Semana de Calouros da EVZ.

REFERÊNCIAS

ABINPET. Associação Brasileira da Indústria de produtos para animais de estimação. Disponível em <http://abinpet.org.br/site/mercado/>. Acesso em 25 de Julho de 2018.

ALMEIDA, F.; LABARTHE, N. V.; PAIVA, J. P. Divulgação dos princípios da guarda responsável: uma vertente possível no trabalho de pesquisa a campo. Revista Eletrônica Novo Enfoque, v. 9, n. 09, p. 64-86, 2010.

BACKES, V. M. S.; NIETSCHKE, E.A.; CAMPONOGARA, S.M.; FRAGA, R. da S.; CEREZER, R. de C. A Educação continuada dos alunos egressos: compromisso da universidade? Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 55, n. 2, p. 200-204, mar./abr. 2002.

BRAGA, L. G. et al. La acción del proyecto de extensión Núcleo de Extensión e Investigación en Nutrición y Alimentación Animal en una universidad brasileña. In: V Jornada de Difusión de la Investigación y Extensión – Extensión ISSN 2525-104X, Esperanza, Santa Fé, Argentina. 2017. 1CDRoom

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 25 de Julho de 2018.

ROCHA, G. V. et al Núcleo de estudos e pesquisa em nutrição animal e alimentação animal - Projeto de extensão. In: CONPEEX, 2017, Goiânia. Anais do XIV Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão ISSN 2447-8695, p. 2079. 2017.

MORCEGOS: VERDADES E MITOS

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Karina de Cassia Faria¹

Autores: Iago Manuelson dos Santos Luz², Joaquim Manoel da Silva³

RESUMO: Os mamíferos realizam diversos serviços ecológicos, desempenham funções em processos de regeneração de matas, polinização, dispersão de sementes entre outros. O Brasil se destaca por possuir uma rica biodiversidade, onde destacamos os Quirópteros, segundo maior grupo de mamíferos do mundo. Esta classe de mamíferos se encontra em grande ameaça devido sua íntima relação com mitos e personagens malignos, encobrendo sua importância dificultando sua preservação. Reconhecendo as funções dos morcegos e seu grau de ameaça, o trabalho objetivou levantar o conhecimento de alunos sobre o grupo, com a finalidade de corrigir os conceitos distorcidos em relação ao grupo. O trabalho foi realizado em duas etapas nas escolas de rede pública do município de Nova Xavantina - MT com as turmas de 5º, 6º e 7º anos. Na primeira etapa os alunos escreveram textos relatando o que sabiam sobre os morcegos e a segunda etapa foi composta por um ciclo de palestras com debates onde foi desmistificado todos os conceitos deturpados sobre os morcegos. Obtivemos informações sobre Conceito, Comportamento, Dieta, Abrigo, Mitos, Importância, Origem e Preservação. Na primeira etapa poucos alunos apresentaram a biologia correta do animal, o que foi revertido na segunda etapa em que os alunos apresentaram importância ao grupo, afetividade e motivos para preservação, podendo observar claramente a mudança na concepção dos alunos, comprovando a importância e necessidade de trabalhos educacionais que visam a preservação de espécies.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Desmistificação, Quirópteros.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma das maiores diversidades biológicas do Mundo (MYERS et al., 2000). Dos mamíferos descritos até o momento, cerca de 530 espécies ocorrem em seu território, o que representa cerca de 13% da mastofauna mundial (FONSECA et al., 1996 apud ROCHA e DALPONTE, 2006).

Em meio a toda essa diversidade, a ordem Quiróptera, com cerca de 1152 espécies, compõe o segundo maior grupo de mamíferos, perdendo apenas

¹ Doutora, Faculdade de Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Nova Xavantina-MT. E-mail: Karinafaria@unemat.br

² Curso de Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Nova Xavantina-MT.

³ Doutor, Faculdade de Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Nova Xavantina-MT.

para a ordem dos roedores (Rodentia). Além de suas funções ecológicas, os Morcegos se destacam por compor o único grupo de mamíferos a apresentar características morfológicas que os permitem o vôo verdadeiro (REIS et al., 2007).

Os Morcegos estão distribuídos por todo o planeta, exceto em ilhas isoladas do continente, em regiões muito frias (Ártico e Antártica), e em regiões de altitudes extremas (LAURINDO & NOVAES, 2015). Essa ampla distribuição se dá pela diversidade de hábitos alimentares, onde encontramos animais frugívoros, insetívoros, nectarívoros, carnívoros, piscívoros e hematófagos (REIS et al., 2007).

Essa diversidade alimentar faz dos Morcegos grande aliado na manutenção dos ecossistemas (REIS et al., 2007). Os nectarívoros, por exemplo, realizam polinização em plantas, os frugívoros promovem a dispersão de sementes, e os insetívoros realizam controle populacional de insetos (REIS et al., 2011). Apesar de suas diversas funções ecológicas, este grupo sofre grandes ameaças diminuindo o número de indivíduos em suas populações.

Em meio a diversos fatores que ameaçam os Morcegos, temos em destaque os mitos e as lendas (SILVA et al., 2013). Estes geram preconceito à espécie provocando a diminuição de indivíduos em sua população (LAURINDO & NOVAES, 2015).

Os mitos e lendas se formam devido alguns hábitos peculiares do grupo, como aspectos morfológicos, dormir de cabeça para baixo, ter hábito noturno e possuir representantes hematófagos (ALLEN, 1967 apud SILVA et al., 2013). Esses aspectos não fornecem uma boa imagem dos Morcegos ao público, gerando uma má interpretação de suas funções, dificultando sua preservação (SILVA et al., 2013).

Notamos essa má interpretação quando em surtos de raiva diversos Morcegos são indiscriminadamente mortos, independente de sua espécie e hábito alimentar (SCAVRONI et al., 2008). Reconhecendo o grau de ameaça e a importância ecológica do grupo, o trabalho objetivou levantar o conhecimento sobre Morcegos difundido entre os alunos para corrigir os conceitos distorcidos a respeito da espécie para a sua preservação.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto foi realizado em Escolas da rede pública no município de Nova Xavantina, Mato Grosso (14°41'S e 52°20' W) nas turmas de 5º, 6º e 7º anos.

Em cada escola, o trabalho ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa foi

solicitado aos alunos que escrevessem uma redação sobre “*O que sabem a respeito dos Morcegos*”, sem intervenção dos educadores para não interferir no conhecimento dos alunos. Na segunda etapa foi realizado um ciclo de palestras cujo o tema foi “*Conhecendo e desmistificando Os Morcegos*”, com a exposição de animais encontrados na coleção de Quirópteros da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), câmpus de Nova Xavantina. Foram selecionados animais de diferentes espécies com diferentes hábitos alimentares, apresentando exemplar Hematófago, Frugívoro, Nectarívoro e Insetívoro.

Estas atividades foram organizadas por faixa etária para podermos explorar melhor o conhecimento prévio sobre os Morcegos e para que adotássemos estratégias e linguagens diferentes para cada turma. Além disso, organizamos a atividade para que os alunos pudessem: A) identificar e conhecer os diferentes aspectos morfológicos e hábitos alimentares característicos das espécies de Morcegos do Cerrado mato-grossense; B) discutir o papel dos Morcegos como polinizadores, dispersores de sementes e controladores da população de insetos; C) refletir sobre o que conheciam sobre as espécies de Morcegos, reconstruir a ideia negativa e os mitos incorretos existentes acerca dos Morcegos.

Em seguida foi solicitada uma segunda redação para observar quais os conhecimentos antigos foram reformulados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

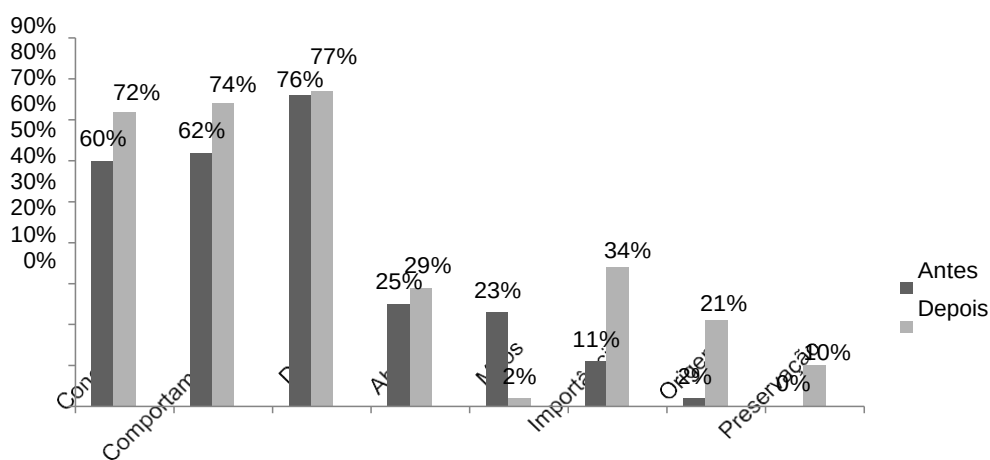
Nas análises das redações foram estabelecidos critérios na organização das informações que os alunos mencionavam, separando os assuntos em temas fazendo uma adaptação das características utilizados por SILVA et al., 2013, em que enquadra as informações dos alunos em itens descritos como: Conceito, Comportamento, Dieta, Abrigo, Mitos, Importância, Origem e Preservação.

Utilizamos a regra de três simples ($\frac{527 - 100}{317 - X}$), para o levantamento percentual da frequência de repetições das informações mencionadas pelos alunos, gerando gráficos apresentando a porcentagem de citação referente a cada item nas duas etapas do projeto. Tendo como base esses critérios de avaliação, pudemos então analisar as concepções dos alunos sobre os morcegos.

Foram analisadas no total 784 redações, (527 pré aula e 257 pós aula), obtendo informações referente à conceito, comportamento, dieta, abrigo, mitos,

importância, origem e preservação dos Morcegos (Figura 1). As primeiras redações analisadas demonstraram que a maioria dos alunos possuem um certo conhecimento sobre Morcegos, onde foi observado nesta primeira etapa uma grande presença de mitos e ideias maléficas difundidas entre os alunos.

Figura 01 - Frequência de citações de informações referentes ao Morcegos, descritas pelos alunos da rede pública do município de Nova Xavantina-MT em ambas fases do projeto (antes e depois do ciclo de palestras “*Conhecendo e desmistificando Os Morcegos*”).



O item conceito destacou-se por surgir em grande frequência com diferentes definições, onde 503 alunos conceituaram os Morcegos (317 antes - 60% e 186 depois - 72%) (Figura 1). Entre os subitens de conceito, o mais abordado na primeira etapa foi o nocivo com 38% das citações em que os alunos afirmaram a existência de animais peçonhentos. O subitem afetivo foi o menos abordado na primeira etapa correspondendo à apenas 7% das citações, demonstrando uma discriminação e repugnância ao grupo, o que pode ser explicado pela associação com seres imprestáveis e malignos que foi constatado por DRUMOND (2004).

Em ambas as etapas do projeto o item dieta foi o mais citado, surgindo em 596 redações (399 antes - 76% e 197 depois - 77%) (Figura 1), onde foi registrado um total de 32 itens referente a dieta. Em meio as citados, houve uma grande incidência de sangue como dieta principal, evidenciando a percepção

fantasiosa sobre a hematofagia correlacionada com o vampirismo, o que também foi constatado por SCAVRONI et al. (2008). No segundo momento as frutas tiveram destaque nas citações, sendo que em alguns casos eram correlacionadas com dispersão de sementes mostrando a influencia das palestras na concepção dos alunos.

Preservação foi o item menos citado na pesquisa, apesar de parte dos alunos terem mencionado argumentos referente a importância dos morcegos na primeira etapa (Figura 1). Nenhum aluno sugeriu algo referente à sua preservação. Esta informação surgiu apenas na segunda etapa, presente em 25 redações, onde um aluno escreveu que *“Aconselha a não matar os Morcegos por que a quantidade de insetos seria maior”*.

Diferente do encontrado por LAURINDO & NOVAES (2015), a mídia em alguns casos parece ter beneficiado os morcegos, visto que alunos afirmaram acreditar que os morcegos eram bons por serem “fonte de inspiração” do personagem Batman.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que a população possui um breve conhecimento sobre os morcegos, composto por concepções fantasiosas e ideias maléficas alimentada na maioria das vezes pela a mídia e conhecimentos populares. Este conhecimento quando passado de forma negativa pode ocasionar a diminuição de sua população, fazendo necessário a realização de trabalhos educacionais para a conscientização da população.

Ao termino do trabalho, foi possível observar claramente as mudanças na concepção dos alunos sobre Morcegos. Essa percepção se deu através dos argumentos de alunos na segunda etapa do projeto, os quais demonstraram afetividade por esses animais, mencionando a importância de se preservar.

REFERÊNCIAS

DRUMOND, S. M. Morcegos • Verdades e Mitos. Uma análise acerca do conhecimento sobre os morcegos na sociedade: folclore, ciência e cultura. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 115p. 2004.

LAURINDO, R.S., NOVAES, R.L.M., Desmitificando os Morcegos. Monte Belo: ISMECN, 2015. 27 p.; il. color. (Série Cartilhas de Educação Ambiental).

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, L. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, v. 403, n.1, p. 853-858, 2000.

REIS, N.R., PERACCHI, A.L., LIMA, I.P., NOGUEIRA, M.R., ORTENCIO-FILHO, H. Ordem Chiroptera. in: REIS, N.R., PERACCHI, A.L., LIMA, I.P., PEDRO, W.A. (Eds). *Mamíferos do Brasil*. Londrina: Edição do autor, 2011. p. 155-234.

REIS, N.R., SHIBATTA, O.A., PERACCHI, A.L., PEDRO, W.A. & LIMA, I.P. 2007. Sobre os Morcegos Brasileiros. In *Morcegos do Brasil* (N.R. Reis, A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, eds). Nelio R. do Reis, Londrina, p.17-26.

ROCHA, E.C.; DALPONTE, J.C. Composição e caracterização da fauna de mamíferos de médio e grande porte em uma pequena reserva de cerrado em Mato Grosso, Brasil. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 30, n. 4, p.669-678, 2006.

SCAVRONI, J; PALEARI, L. M.; UIEDA, W. Morcegos: Realidade e fantasia na concepção de crianças de área urbana de Botucatu, SP, *Rev. Simbio•Logias*.1: 1•18. 2008

SILVA, E.M.V.G., SILVA, R.R., SILVA FILHO, T.P.; OLIVEIRA, P. J.A., CUNHA, M.T.S., OLIVEIRA, J.C.T., SILVA, L.A.M. Morcegos amigos ou vilões? A percepção dos estudantes sobre morcegos. *Educação Ambiental em Ação* 43, 2013.

MULTILETRAMENTOS E FORMAÇÃO DO LEITOR

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Marinete Luzia Francisca de Souza¹

Autores: Isadora Barreto Bacchin², Bárbara Monielly Silva³, Danielle Gonçalves Sena⁴

RESUMO: apresentamos, neste artigo os resultados parciais do projeto *Multiletramento e formação do leitor*. O objetivo do mencionado projeto é formar leitores, discutir e aprofundar experiências de contato com a literatura e desenvolver o olhar crítico por meio de discussões a partir de obras literárias a serem lidas em grupo, privilegiando narrativas curtas e textos poéticos, assim como textos contemporâneos e de temáticas como o feminino, as questões identitárias em torno do regionalismo e do negro, entre outros. São realizadas ações envolvendo cursos destinados à docentes da rede pública sobre letramento literário ciclos de leitura no Campus Universitário do Araguaia e encontros com escritores. A metodologia adotada consiste em leituras, conversa descompromissada sobre o texto literário ou fílmico encontra com escritores e cursos de formação, enfatizando experiências estéticas, a fim de facilitar o contato com a linguagem em suas diferentes formas e por meio de diferentes suportes, conforme teoriza indica Petit (2010). Neste artigo, apresentamos os resultados do círculo de leitura que são os seguintes: sensibilização artístico-literária por meio da leitura de obras literárias.

Palavras-chave: Multiletramentos, leitura, literatura, formação do leitor.

1. INTRODUÇÃO

Ler e escrever são práticas sociais que estão além do primeiro contato com a escola sendo saberes que condicionam o modo de ser e estar no mundo dos indivíduos. Por isso, este projeto colabora para a formação de uma comunidade de leitores na região Leste do Estado de Mato Grosso, mais especificamente em Barra do Garças. Ao propor atividades de leitura, favorecemos a criação de espaços que

¹ Prof.^a do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia. Doutora em Letras pela Universidade de Coimbra. E-mail: marineteluzia2@gmail.com.

² Graduanda em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso, campus Araguaia, Bolsista do Projeto Multiletramento e Formação do Leitor.

³ Graduanda em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso, campus Araguaia, Colaboradora do Projeto Multiletramento e Formação do Leitor.

⁴ Graduanda em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso, campus Araguaia, Colaboradora do Projeto Multiletramento e Formação do Leitor.

possibilitem relações de trocas entre leitores e viabilizem a posterior inserção deles nos espaços sociais pelos quais transitarem.

Michèle Petit em *A arte de ler* (2010) afirma que as experiências de deleite face ao texto literário podem ocorrer em momentos inesperados ou face ao incentivo de um mediador. Assim, trabalharemos com duas possibilidades, uma para oferecer ao leitor habilidades linguísticas que melhorem sua capacidade de ler e outra que se funda na leitura como fruição.

Além disso, ao participar de grupos de leitura, o indivíduo adquire competências que visam a expressão oral e escrita a partir de contextos comunicativos como escuta, leitura, argumentação e comunicação em contextos reais, expressão escrita por meio de dinâmicas de grupos.

Em 2017, desenvolvemos o Círculo de Leitura que surgiu pela escassez de projetos que estimule a leitura nas universidades. Percebemos a leitura em conjunto além de ser prazerosa, também contribui para o desenvolvimento, tanto relacionado ao desenvolvimento da interação com o outro, como do senso crítico.

Já em 2018, o projeto foi ampliado para outras formas de letramento, os multiletramentos, visuais e estéticos por meio de ciclos de cinema.

O projeto está em fase inicial, e deste modo, a metodologia do Círculo de Leitura se baseia na leitura conjunta, na qual todos os integrantes recebem uma cópia do texto e são convidados pelo mediador a fazer a leitura. Ao final, abre-se espaço para o diálogo em torno do texto, dinâmicas, pequenas produções em torno da temática abordada e momentos de sessões de filmes adaptados de obras literárias. O objetivo é formar leitores, discutir e aprofundar a experiência de contato com a literatura e desenvolver o olhar crítico por meio de discussões a partir das obras lidas em grupo, de variados temas, como questões de gênero, escrita feminina, obras africanas e afro-brasileiras e obras que tratam sobre o indígena.

2. DESENVOLVIMENTO

A leitura, como parte fundamental do saber, fundamenta nossas interpretações e viabiliza a compreensão do outro e do mundo. Por meio do texto se adquire e se formata posicionamentos, potencialidades e opiniões. A leitura contribui de forma significativa na formação do indivíduo, levando-o a refletir e formar seus

próprios conceitos, além disso, permite despertar os mais variados sentimentos e emoções.

Formar leitores não é uma tarefa fácil, mas a prática de ler em conjunto, contribui para rompimento da barreira do pouco hábito de leitura, pois, ao se colocar como interlocutor de outro leitor, coletivizando suas leituras e reelaborando ideias e opiniões, o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito é ampliado, assim como suas visões de mundo.

Magda Soares (1999) afirma que as experiências com a leitura visam o desenvolvimento do senso estético por meio da “vivência do literário”. Graça Paulino (1999), por sua vez, afirma que a formação do leitor requer que este aprenda a escolher suas leituras. Já Dionísio considera ser necessário a criação de uma “comunidade de leitores”.

Os estudos de letramento, na perspectiva das autoras citadas fundam-se numa perspectiva intercultural e pluralista das práticas de uso da língua escrita. Assim, embora vivamos numa sociedade que se pautou pelo modelo escrito, o trabalho com a comunidade de leitores da UFMT-CUA e da cidade de Barra do Garças visa também fornecer-lhes o contato com outras modalidades de linguagens – a do cinema e as variantes do português de outros países de língua portuguesa, tal como com a linguagem metafórica.

Nesse sentido, estamos refletindo sobre os saberes necessários ao aluno bolsista para que este possa propiciar momentos significativos de aprendizagem e de escrita à estudantes que já se encontram no Ensino Superior. KRESS e VAN LEEUWEN (1996) defendem que a maior transformação no campo da escrita e do letramento é que “[...] já não podemos mais tratar o letramento (ou a linguagem) como se fosse o único ou o principal ou o mais importante meio de representação e comunicação”.

Segundo Soares:

“Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em

práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (2003, p. 90) ”

Considerar, portanto, que o aluno universitário pode não ter sido letrado, mais especificamente, que tenha entrado no Ensino Superior conhecendo pouco as tecnologias de leitura do texto que apresenta linguagem objetiva e também do texto de linguagem subjetiva, pode ser um avanço na busca de metodologias de ensino que superem tal fato. O letramento envolve saberes de leitura e de escrita e que envolvem um “conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*” (SOARES, 2004 p. 48-49).

O letramento é, portanto, algo ligado às práticas sociais e não apenas as habilidades de leituras de escrita. Ao propor atividades de leitura e de escrita no ambiente universitário, pretendemos criar espaços nos quais ler e escrever possibilitem relações de trocas entre estudantes e viabilizem a posterior inserção desses sujeitos nos espaços pelos quais transitarem.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com base em resultados anteriores, observa-se uma evolução na interpretação e argumentação dos participantes, pretende-se ainda alcançar um número maior de público na universidade, para que se abra espaço para o texto literário ser lido por um público maior, como uma atitude fundamental para a democratização e compartilhamento dos saberes.

Com o Círculo de Leitura percebemos o quanto o projeto vem se tornando cada vez mais importante, pois contribui para que o leitor tenha conhecimento de opiniões diferentes das que ele possui de determinados assuntos, e para uma melhor formação como leitor. Desse modo, os leitores se tornam mais tolerantes com os diferentes modos de pensar e sentir e conhecem também diferentes gêneros literários. Além disso, os leitores também passam a ter contato com assuntos atuais da sociedade, a partir da leitura de obras que tratam sobre diferentes questões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras e discussões das obras lidas no *Círculo de leitura*, durante o ano de 2017, percebemos o quanto o projeto vem se tornando cada vez mais importante, ao contribuir para que o leitor se torne mais crítico, sendo capaz de formar seus próprios conceitos e para uma melhor formação de seus conhecimentos, sem deixar de ser um encontro prazeroso. Os leitores se tornam mais tolerantes com as diferenças de pensar e de sentir, proporcionando conhecer também diferentes gêneros literários. A partir da leitura das obras propostas é possível também abrir para a discussão de questões atuais da sociedade.

Como já mencionado, a leitura fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro e do mundo. É por meio do texto que se adquire e se formata posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões, e consequentemente contribui para a formação de próprios conceitos.

A prática de ler em conjunto, desperta o hábito de leitura, e até mesmo sobre assuntos que antes não havia interesse. Dessa forma, a experiência de participação em espaços de discussões de obras literárias, nos insere como sujeitos sócio histórico, pois a medida que discutimos, também agimos para a transformação da nossa realidade, e nos constituímos através dessa relação.

REFERÊNCIAS

- _____; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of graphic design**. London: Routledge, 1996.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini... [ET AL]. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: contexto, 2014.
- KRESS, G. R. **Literacy in the New Media Age**. London: Routledge, 2003.

KRUG, Flávia Suzana. **A importância da leitura na formação do leitor**. Revista de Educação do Ideau, vol. 10, nº 22, julho/dezembro, 2015.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contextos, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**, 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999.

MUSEU ITINERANTE DA FLORA E FAUNA DA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

Área Temática: Educação

RESUMO: O Museu Itinerante da Fauna e Flora da Amazônia Mato-Grossense é um projeto de extensão da UFMT/SINOP, composto pelos professores e alunos estagiários do ABAM – Acervo Biológico da Amazônia Meridional. O Museu visa a educação ambiental e o despertar do interesse pelo ambiente de crianças e adolescentes de escolas da rede pública e privada da região. Para tanto, foram realizadas apresentações e exposições da flora e fauna regionais, sensibilizando-os sobre a importância de sua conservação. Até o momento foram recebidas 2 escolas e mais de 550 crianças e adolescentes de idade entre 3 e 14 anos.

Palavras-chave: Biodiversidade Mato-Grossense; Educação Ambiental; Coleções Zoológicas, Herbário CNMT.

INTRODUÇÃO

Durante os séculos passados, nunca houve a preocupação com o conhecimento ambiental e o seu papel na sociedade. A utilização maciça da matéria-prima dos recursos naturais resultou em graves consequências ao ambiente e à vida das pessoas. Essa intensa utilização gerou um efeito negativo durante os séculos seguintes e nos fez perceber que a natureza é um fator indispensável para a população. A educação ambiental se faz positiva neste sentido, implementando o conhecimento sobre estes valores; tal educação, afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica (Sousa, J. 2014). Desta forma, nosso trabalho objetivou, através do projeto: Museu Itinerante da Flora e Fauna da Amazônia Mato-grossense, com palestras e exposições da flora regional, despertar o interesse dos estudantes da rede pública e privada de ensino, sobre a riqueza da flora e fauna em nossa região, sensibilizando-os sobre a importância de sua conservação.

O Museu é um projeto criado em 2011 e atua até hoje, nossa equipe é formada por 7 professores pesquisadores e mais de 20 alunos estagiários de graduação e mestrado.

Tendo em vista que vivemos em um ambiente de tensão ecológica Amazônia-Cerrado, considerados os maiores biomas do Brasil, temos uma alta biodiversidade de flora e fauna e com grande variedade de recursos hídricos. Como

na rede pública de educação, a maior parte dos alunos não teria acesso ao conhecimento da diversidade ecológica dessa região, nosso projeto permite o ingresso dessas pessoas para o interior do acervo e das pesquisas e estudos realizados com a flora e a fauna da região. Assim, nosso objetivo é mostrar, descrever, apresentar e expor espécimes característicos da flora e da fauna, além de visar à educação ambiental.

DESENVOLVIMENTO

COMUNIDADE ALVO

O museu tem por objetivo receber alunos de todas as idades tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino. Neste ano tivemos visitas de crianças em idade pré-escolar, dos 2 aos 5 anos, da creche Alvorada e de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos da escola Djalma Guilherme de Souza. Buscamos nos adaptar a cada grupo recebido conforme a idade, assim, com as crianças apresentamos de forma mais dinâmica, enquanto que com os mais velhos já é usada linguagem técnica e mais séria.

RECURSOS HUMANOS

Participaram do projeto, alunos estagiários dos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia e professores e pesquisadores do Herbário CNMT (Centro Norte Mato-Grossense) e dos laboratórios de ictiologia (peixes), entomologia (insetos), ecologia de artrópodes (aracnídeos), herpetologia (anfíbios e répteis) e micologia (fungos).

Tabela 1 Equipe de professores, pesquisadores e alunos da UFMT Sinop envolvidos no desenvolvimento do Projeto.

Equipe de Professores e Pesquisadores	Formação e área de atuação	Alunos
Prof.^a Dr.^a Larissa Cavalheiro	Bióloga - Botânica	4 alunos de Eng. Florestal e 3 de Agronomia
Prof. Dr. Domingos	Biólogo – Herpetologia	3 alunos de Eng.

Rodrigues		Florestal e 1 aluno de Mestrado
Prof.^a Dr.^a Flavia R. Barbosa	Bióloga - Micologia	3 alunos de Eng. Florestal
Dr.^a. Ana Lucia Tourinho	Bióloga - Aracnologia	1 aluno de Eng. Florestal e 1 de Agronomia
Prof.^a Dr.^a Lucélia Nobre Carvalho	Bióloga – Ictiológica	1 aluno de Zootecnia
Prof. Dr. Marliton R. Barreto	Biólogo – Entomologia	1 aluno de Agronomia
Prof. Msc. Milton Cordova	Biólogo – Botânico	3 alunos de Agronomia

RECURSOS LOGÍSTICOS E DIDÁTICOS

O Museu Itinerante é desenvolvido no prédio do Acervo Biológico da Amazônia Meridional – ABAM, localizado no *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso em Sinop, onde os alunos passam por todos os laboratórios e são apresentados à todas as coleções e ensinados sobre a importância da preservação de todas as formas de vida para a ecologia do local onde ela está inserida.

No herbário, para exemplificar o processo de preparo do material a ser tombado, os palestrantes coletavam ramos de plantas próximas ao prédio (Figura 1. A), as quais eram prensadas na frente dos alunos. Os visitantes também conheciam os equipamentos de campo e de laboratório, tais como tesouras de poda, podões, lupas e prensas e observavam material em lupa eletrônica e microscópio (Figura 2. B); juntamente com a exposição do material botânico e visita a sala do acervo onde podia se ver também a coleção de frutos secos e em meio líquido. Com isso, os alunos entendiam como as plantas estão presentes nas mais diversas áreas da nossa vida, seja na alimentação, filtragem do ar, produção de remédios e material para roupas, móveis, papéis e produtos de limpeza.

Na ictiologia, os alunos viam diversos tipos de peixes (Figura 1. C) e aprendiam sobre sua forma de vida e alimentação. No prédio do ABAM, temos um aquário com espécimes regionais (Figura 2. E), principalmente da bacia do Teles

Pires, e tem uma coleção fixada, em formol, de peixes maiores.

Na entomologia, era apresentada a caixa de coleção entomológica (Figura 1. E) com diversos espécimes de insetos encontrados na região; foram selecionados alguns que chamassem mais a atenção dos visitantes como mariposas de cerca de vinte centímetros, borboletas e gafanhotos mais coloridos, vespas de tamanho incomum no meio urbano, bicho da seda e besouros rinoceronte de diversos tamanhos.

Na ecologia de artrópodes, os visitantes viam a coleção de aranhas e escorpiões (Figura 1. F) e aprendiam sobre a importância desses animais no meio em que se encontram. Destacando sempre quais são perigosos e quais inofensivos.

Na herpetologia, via-se a coleção de anfíbios, com a explicação das diferenças entre os anuros e sua importância ecológica e a coleção de répteis, onde temos cobras e lagartos fixados com formol na coleção permanente (Figura 1. C) e um espécime de cobra-do-milho (oriunda dos Estados Unidos que foi apreendida em contrabando e doada para a universidade) viva com a qual os visitantes podem interagir (Figura 2. D).

Na micologia, teve a apresentação dos fungos macroscópicos (Figura 1. B) bem como a explicação da sua importância na manutenção das florestas, assim como mostrar como eles se reproduzem e porque eram consideradas como plantas.



Figura 1: A. Material do herbário; B. material da micologia; C. Material da Ictiologia; D. Material da herpetologia; E. material da entomologia; F. Material da aracnologia.

ANÁLISE

O projeto recebeu turmas de todas as idades, desde creches, fundamental e médio, sendo os alunos de ensino básicos os mais frequentes.

Os estagiários envolvidos se dividiram em três grupos que atendiam os alunos nos laboratórios por forma de rotação. Cada grupo de visitantes era dividido em pequenos grupos de cerca de 15 alunos que passavam em torno de 20 minutos em cada apresentação. Os grupos eram: Plantas e Fungos, Invertebrados, Aracnídeos e Insetos, e Vertebrados, peixes, anfíbios e répteis.

Todas as apresentações tinham por objetivo a educação ambiental para tirar mitos sobre animais e plantas, por exemplo: o que é mato e o que planta, o mito de jogar sal nos sapos, não matar cobras, sujar os rios e demais coisas que eles podem ter aprendido. Depois das apresentações, os alunos tinham a oportunidade de perguntar e comentar sobre o que foi visto e na maioria dos casos, eles contavam histórias onde tinham interagido com animais, plantas e fungos. A participação deles foi satisfatória com diversas perguntas e comentários ao fim de cada apresentação, algumas vezes era possível ver a surpresa geral em relação a alguns conhecimentos adquiridos.

Ao fim das visitas os alunos saíam com uma nova forma de pensar e de ver o ambiente a sua volta, compreendendo de forma diferente e integrada a importância de todos os seres vivos, tanto animais e plantas. Os alunos oriundos de áreas rurais expressavam um conhecimento bem empírico sobre os assuntos, mas grande parte deles já tinha algum tipo de interação com os animais e plantas apresentados.

Os professores que acompanhavam as turmas visitantes também saíam com uma nova perspectiva a respeito do ambiente onde estamos inseridos e se mostravam muito interessados nas apresentações, pois muitos deles nunca tiveram contato com os materiais ali encontrados. Alguns até se arriscavam a vencer o medo e pegar a cobra.

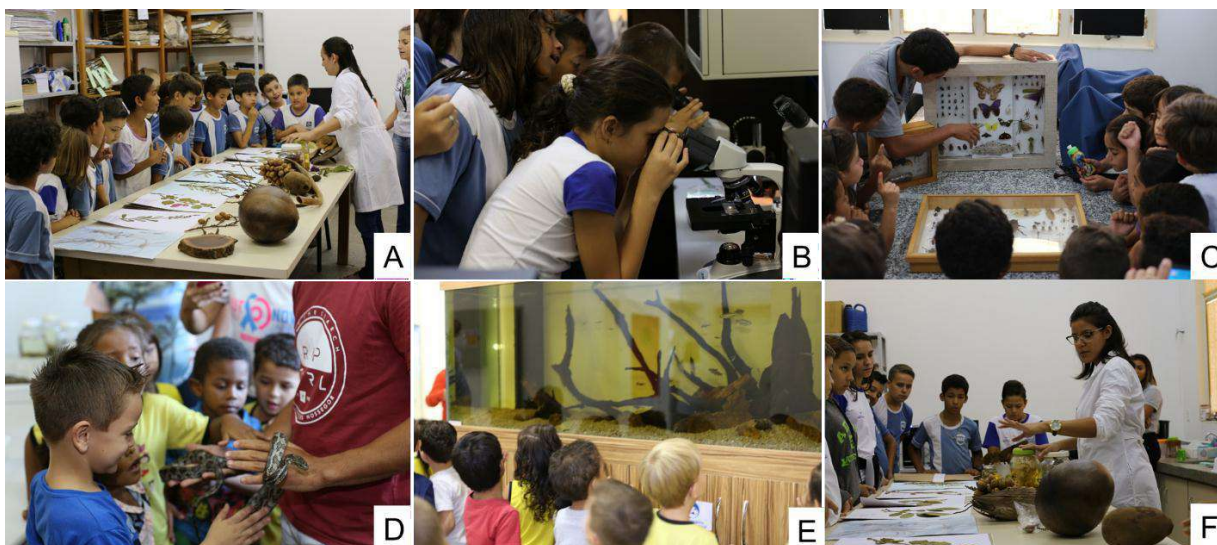


Figura 2: A. Apresentação do herbário; B. Visualização de material na lupa e microscópio; C. Apresentação de entomologia; D. Crianças interagindo com a cobra; E. Crianças vendo o aquário; F. Estagiário apresentando o herbário.

Além disso, quando solicitado, o museu (tanto material humano como logístico) se locomove até um local para ser feita a apresentação. Anualmente são realizadas apresentações na semana do meio ambiente promovida pela prefeitura de Sinop no Parque Florestal (Semana do Meio Ambiente), Exposições Agropecuárias e quando solicitado por uma escola, nos deslocamos até ela para realizar a apresentação.

DISCUSSÃO

O conhecimento transmitido para os alunos despertou a curiosidade dos mesmos, o que, acreditamos, leva a um maior interesse pelo local em que vivem e pela preservação da fauna e flora.

Com nosso trabalho, conseguimos esclarecer muitas dúvidas dos participantes a respeito dos exemplares expostos, colaborando assim para a construção do conhecimento de cada um e orientando-os sobre a importância do conhecimento e preservação do meio ambiente do qual fazem parte.

Além disso, para os pesquisadores e estagiários, sair da rotina de pesquisa e estudo para interagir com os alunos gerou muita satisfação no trabalho

desenvolvido, considerando que a universidade é parte da comunidade e gera benefícios para a mesma.

REFERÊNCIAS

SILVA, Márcia Nazaré. A educação ambiental na sociedade atual e sua abordagem no ambiente escolar. Disponível em:<

<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-na-sociedade-atual-e-sua-abordagem-no-ambiente-escolar>>. Acesso em: 04/06/2018.

SOUSA, J. et Al. Atividades extensionistas no herbário centro-norte-mato-grossense: exposição da flores e fauna regional através de um museu itinerante. In: SEMANA ACADÊMICA – SINOP/2014, 1., 2014, Sinop/MT. *Anais...* EMBRAPA, 2014. p. 166.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL UFMS

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Mariana de Araújo Stocchero¹
Autora: Victoria Talamini Rojas²

RESUMO: A Musicalização Infantil UFMS é um projeto de extensão na área de Educação Musical que contempla atividades lúdico-pedagógicas direcionadas a primeira infância. Tem por objetivo fomentar as práticas de educação musical para crianças pequenas na cidade de Campo Grande/MS, além de ofertar laboratório de experiências para acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia. Por meio de aulas semanais, o projeto é composto por uma equipe de bolsistas e monitores voluntários que sob orientação da professora coordenadora, realizam regências e intervenções em sala de aula. Desde o ano de 2017 o projeto vem crescendo em número de participantes e também na qualidade e diversidade das ações desenvolvidas, o que demonstra a importância local do projeto, assim como a grande procura que o mesmo tem por parte da comunidade externa. Acreditamos que contribuições na formação de futuros professores que saibam lidar com as especificidades da educação musical infantil são também objetivos alcançados deste projeto e que podem continuar sendo fomentados por meio de mais ações como esta. Palavras-chave: Musicalização; Educação; Primeira Infância.

1 INTRODUÇÃO

A Musicalização Infantil da UFMS é um projeto que se iniciou no ano de 2016 ainda enquanto ação dentro do Programa Movimento Concerto Didático da UFMS. Neste referido ano, funcionou enquanto projeto piloto, pois apenas uma turma composta por cinco bebês entre 6 meses a 1 ano de idade (e suas respectivas mães) compunham a atividade que teve como principal motivação a maternidade recente da própria coordenadora e idealizadora do projeto. A ideia foi trazer para a universidade uma prática musical em educação infantil, vivenciada pela professora coordenadora antes do ingresso no quadro docente da instituição. Além da necessidade em fornecer um espaço de experiências com educação musical na primeira infância, inicialmente para os acadêmicos do curso de Música, trabalho este inspirado em outras universidades federais que também desenvolvem ações de extensão como esta.

Em 2017, o Projeto se institucionalizou e participou do edital PAEXT, recebendo auxílio para despesas e também contou com arrecadação própria, o que possibilitou o desenvolvimento de algumas ações diversas, tais como: uma oficina de

¹ Professora Mestra, Curso de Música, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mastocchero19@gmail.com.

² Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

formação para professores da REME¹, Workshop de Música e Movimento, além de um Concerto Didático para as famílias participantes do projeto. Ademais, participações em congressos e eventos científicos assim como divulgação nos canais de comunicação (TV Universitária, Rádio Educativa UFMS, redes sociais) ocorreram com frequência.

O objetivo geral deste projeto é fomentar e fortalecer ações de educação musical voltadas para a primeira infância. Já quanto aos objetivos específicos, concerne a instituir turmas de musicalização infantil, abertas à participação de crianças da comunidade campo-grandense e oferecer aos acadêmicos do Curso de Música – Licenciatura e também do curso de Pedagogia, experiências práticas na condução de aulas de musicalização infantil, onde seja possível vivenciar os conteúdos estudados nas disciplinas da graduação, além de possibilitar mais um campo para o desenvolvimento de Estágio Obrigatório. Também é objetivo documentar, registrar, problematizar e analisar o processo de desenvolvimento das práticas, bem como resultados alcançados, podendo resultar em pesquisas científicas, como também oportunizar encontros, palestras e cursos sobre a temática Música na primeira infância.

As famílias atendidas no projeto possuem características diversificadas, são mães, pais, avós, avôs e outros responsáveis de variadas profissões, credos e etnias, os quais pertencem a diferentes condições socioeconômicas, morando ou não a bairros próximos da instituição. O público paga o valor da taxa semestral de R\$120, acessível se comparado ao mesmo serviço prestado em instituições privadas. Ademais, há famílias que demonstram carência sendo a elas ofertada uma bolsa de estudo. Neste ano de 2018, o Projeto de Extensão Musicalização Infantil faz parte do Programa Escola de Música da UFMS e atendeu só no primeiro semestre mais de 80 famílias.

2 DESENVOLVIMENTO

Partimos do princípio que a educação musical deve ser oportunizada a todos, sem discriminações, pois a música é parte inerente da cultura e sociedade. Como tal, é importante para o desenvolvimento infantil em diversos aspectos, como

¹ Rede de Educação Municipal de Campo Grande/MS.

estimular o desenvolvimento de habilidades, coordenação motora, socialização, sensibilidade musical, psicomotricidade, fala e afetividade (BROOCK, 2013).

Concebemos a Musicalização não como um curso com começo, meio e fim, mas como um processo, onde as experiências musicais proporcionadas de maneira lúdica e abrangente constituem a base da construção do conhecimento musical. Desta forma, compartilhamos da concepção exposta por Penna (2008, p.31), onde:

[...] musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro de experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção envolvidos.

Para Bréscia (2003), a musicalização é um processo de construção de conhecimento que irá despertar e desenvolver nas crianças o gosto e o prazer musical, tal como aspectos sociais, como respeito ao próximo, afetividade e socialização, contribuindo também para “uma efetiva consciência corporal e de movimentação” (BRÉSCIA, 2003, p.16).

Despertar as sensações e emoções infantis por meio da música é também musicalizar. Essa característica abrangente na concepção sobre musicalização encontra na proposta C(L)A(S)P (composition, literature, appreciation, skill, performance) do educador musical inglês Keith Swanwick (2003) um equivalente, uma vez que as mais diversas atividades musicais devem ser proporcionadas à criança, para que ela receba estímulos musicais variados: criando música (Compondo e Improvisando), lendo música e lendo sobre música (tomando conhecimento da Literatura, questões sobre a música), Apreciando (ouvindo ativamente música), trabalhando suas habilidades musicais (a técnica musical), tocando e cantando (a Performance).

Também compartilhamos da visão de Swanwick, que afirma que as atividades de composição, apreciação e performance são os pilares de uma educação musical eficiente e significativa musicalmente. Esta base conceitual e metodológica possibilita que o trabalho de musicalização infantil seja desenvolvido desde muito cedo com a criança junto aos pais. Por isso, nas aulas para bebês, que compreende a faixa etária de 6 meses a 3 anos, as aulas são ministradas tendo a presença de um adulto acompanhante (mãe, pai, familiares ou cuidador). Nesse sentido, a musicalização atinge não somente as crianças, mas também toda a família que é envolvida nesse processo de forma lúdica e abrangente.

Para que haja confiança neste processo de ensino e aprendizagem dentro do referido projeto de extensão, é necessário que estas concepções sobre Educação Musical Infantil sejam compartilhadas também com os pais das crianças, a fim de que o que propomos enquanto ensino de música e o que os pais e crianças esperam, esteja em harmonia. Aulas abertas para pais e familiares (crianças entre 3 e 5 anos), portfólios e apresentações musicais são resultados e também meios para compartilhar o processo desenvolvido na Musicalização Infantil.

Neste sentido, Ilari (2009) reforça esta ideia e sugere que conhecer as credenciais dos professores e/ou professor-coordenador (neste caso) é importante para criar uma relação positiva e duradoura com a música, uma vez que ainda é comum encontrar quem pense que dar aulas para bebês e crianças pequenas é tarefa fácil. Conhecer a filosofia e metodologia adotadas em programas de musicalização infantil, que enfatizem o desenvolvimento musical e humano das crianças e onde os professores sejam preparados para atuar com a educação infantil, contribui para o sucesso da experiência.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

As crianças participam de aulas semanais de até 1 hora de duração, onde são realizadas atividades lúdicas por meio da apreciação musical, da composição e execução vocal e instrumental, desenvolvendo aspectos musicais como: sentido rítmico, sentido melódico e afinação. Também são estimulados aspectos extramusicais como: socialização, coordenação motora, atenção, concentração, criação de vínculo e aumento de autoestima. Durante as aulas, as crianças são observadas tanto individualmente, quanto no contexto do grupo, com o intuito de avaliar a aprendizagem. O planejamento das aulas é realizado semanalmente pela equipe de execução do projeto, onde os acadêmicos elaboram suas próprias atividades sob orientação da coordenadora.

Em 2017, o projeto contou com 2 bolsistas e 2 monitores voluntários. O modelo seguido na estruturação das aulas foi inspirado nas estratégias de Josete Feres, em seu livro *Bebê – Música e Movimento: Orientação para Musicalização Infantil* (1998). A fim de alcançar nossos objetivos como educadoras musicais, seguimos tais orientações quanto a condução das aulas, o material didático adequado, a postura do professor e demais cuidados com as crianças segundo sua faixa etária.

As turminhas foram nomeadas homenageando canções infantis, tais como: Seu Lobato, Brilha Brilha Estrelinha, Borboletinha, Samba Lelê, Dona Aranha, Alecrim e La bamba. Os planos de aula atenderam a temática de animais, como “Terrero das Galinhas”, “Festa dos animais”, “Na lagoa do jacaré”, que forneciam o mote para o uso de diversas canções que exploravam o universo lúdico musical. No encerramento das aulas de 2017, a equipe organizou um Concerto Didático para as famílias participantes, onde um quinteto de sopros composto por alunos do curso de música, arranjaram e tocaram as canções que davam nome às turmas.

Já neste ano de 2018, o projeto conta com 3 bolsistas e 3 monitores voluntários, e ainda participação de egressos do curso. Os planejamentos continuam sendo elaborados coletivamente em reuniões semanais, no entanto há uma maior autonomia para reger as aulas, uma vez que optamos por não seguir um modelo de estrutura de aulas fixo baseado somente em uma autora, mas sim, deixar o encaminhamento das aulas mais abrangente, inspirado em diversos autores da educação musical.

Ainda, neste ano de 2018, foi possível identificar uma grande procura pela comunidade. Atualmente são 80 famílias atendidas, mas a demanda é superior, ao recebermos aproximadamente 200 pré-inscrições, assim expressando a busca e a valorização dos serviços prestados às crianças e acompanhantes participantes do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto tem demonstrado harmonia quanto a sua finalidade e realização, reconhecendo que fomenta o seu público a buscar mais conhecimentos e atividades de cunho cultural e estimuladoras quanto ao desenvolvimento de seus filhos, bem como instigar a formação de futuros professores. Tal projeto, como campo de práticas e experiências para alunos do curso de Música e Pedagogia, tem sido requisitado, uma vez que já foi desenvolvido um trabalho de conclusão de curso e atualmente conta com três estagiários, os quais fazem intervenções sob orientação da professora coordenadora.

Também é evidenciado que a participação de famílias heterogêneas contribui para enriquecer o trabalho realizado, visto que cada experiência e relação com a comunidade no projeto são singulares, assim agregando as práticas do grupo, de modo que todo momento se torna um aprendizado.

Desse modo, é possível concluir que se o projeto acompanhar a sua solicitação pela comunidade, suas perspectivas futuras tenderão a crescer enquanto extensão universitária. Isto posto, sua prioridade continuará sendo ofertar um laboratório de experiências no ensino de educação musical na primeira infância a acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia, sem perder em qualidade.

REFERÊNCIAS

BRÉSCIA, V. L. P. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BROOCK, A. M. V. Crianças na universidade? In: ILARI, BS.; BROOCK, A. (orgs) Música e educação infantil. Campinas – SP: Papirus, 2013, p. 147-166.

ILARI, B. Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Editora IBPEX, 2009.

PENNA, M. Música(s) e seu ensino. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SWANWICK, K. Ensinando música musicalmente. São Paulo: Moderna, 2003.

NÚCLEO DE APOIO AO DISCENTE – NAD: EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA E AÇÕES DIFERENCIADAS NO UNICEUB

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Norma D' Albuquerque Augusto¹

Autoras: Norma D' Albuquerque Augusto¹, Ana Regina Melo Salviano²

Petronília Coelho Rodrigues de Farias³

RESUMO: O Programa do Núcleo de Apoio ao Discente, vinculado diretamente à Assessoria de Extensão e Integração Comunitária, que tem como política de Ensino Superior buscar a convergência dos interesses dos cursos de graduação com programas e projetos que atendam as orientações e propostas da instituição em prol da qualidade de ensino e da formação global do cidadão UniCEUB. Os objetivos do NAD, dentre outros são o de desenvolver programas de apoio extraclasse aos estudantes, o de aperfeiçoar o Atendimento Educacional Especializado-AEE, permitir a acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, e o Apoio Psicopedagógico, zelar pela Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, ofertar a disciplina de Libras. O aluno que se inscreve no vestibular e se declara pessoas com deficiência, apresenta um laudo no NAD e inicia seu acompanhamento e direitos assegurados pela IES. Além de criar um espaço de atendimento pedagógico aos alunos com necessidades educacionais especiais e deficiências, esse projeto possibilita a articulação com o ensino e a pesquisa, uma vez que produz novos conhecimentos, construídos coletivamente, por diferentes atores sociais, na área de Educação Especial na Educação Superior. O trabalho prestado pela IES é anterior à política de inclusão na educação superior proposta pelo Ministério da Educação a estes alunos. Porém é importante ressaltar a sistematização do trabalho que ocorreu por meio do projeto institucional de extensão, a partir de 2005. Criou-se o NIVA, hoje conhecido como NAD – Núcleo de Apoio ao Discente. O número crescente de alunos chegou a cento e oitenta e um estudantes atendidos nos três *campi*, até o primeiro semestre de 2018.

Palavras-chave: ensino, inclusão, acessibilidade

1 INTRODUÇÃO

No Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, a filosofia, a missão e os princípios institucionais, norteadores de todas as atividades realizadas nesta IES, ressaltam a importância da responsabilidade social em todas as ações.

Nessa perspectiva encontra-se o projeto institucional de extensão Núcleo de Apoio ao Discente. O foco desse projeto traduz-se no comprometimento com a

¹ Mestre em Gerontologia, professora universitária norma.augusto@ceub.edu.br

² Mestre em Educação, professora universitária ana.salviano@ceub.edu.br

³ Bacharel e Licenciada em Psicologia petronilia.farias@uniceub.br

formação social do aluno em direção ao convívio com as diferenças individuais – princípio formativo institucional.

O Programa tem como política de Ensino Superior a convergência dos interesses dos cursos de graduação com programas e projetos que atendam as orientações e propostas da instituição em prol da qualidade de ensino e da formação global do cidadão UniCEUB. O NAD ampliou o atendimento com várias outras responsabilidades de extensão: Apoio Psicopedagógico, Atendimento Educacional Especializado, Proficiência, Mudança de curso, turno e *campus*, Valorização do Desempenho Acadêmico, Monitoria, Monitoria Voluntária Google e Mérito Profissional.

2 DESENVOLVIMENTO

As ações desenvolvidas na esfera da saúde mental, física e social, pelo NAD têm como função propiciar, de forma ampla e diferenciada, a discussão a respeito da inclusão, da acessibilidade, do apoio psicopedagógico, de todas as deficiências (auditivas, físicas, visuais, intelectuais e múltiplas), dos transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades, como ainda preparar e organizar as atividades demandadas para atender e planejar os editais dos projetos, executar, avaliar e apresentar relatório dos resultados. O NADAP e o NADAEI atuam em parceria nos atendimentos das especificidades dos alunos declarados no NAD.

A educação inclusiva no ensino superior é direito fundamental de toda e qualquer pessoa garantido pela Constituição Federal de 1988 estabelecendo que a educação seja um direito de todos e dever do estado. A educação se depara com um grande desafio que é o de garantir o acesso a todos os alunos por meio da inclusão, respeitando as diferenças, inclusive as individuais, ou seja, as necessidades educacionais especiais (NEE) que podem aparecer em qualquer momento da trajetória educativa, bem como os transtornos globais de desenvolvimento.

No âmbito do UniCEUB, o NAD tem como objetivo assegurar a inclusão educacional dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na educação superior, portanto, desta forma a presença de alunos com necessidades educacionais em nossa instituição tem sido um desafio constante, pois este processo de mediação e construção de um espaço inclusivo na educação, a partir das mudanças constantes organizadas pelo núcleo e das experiências e reconhecimento das diferenças como possibilidades de atendimento ao estudante.

O evento “ENCONTRO DE INCLUSÃO SOCIAL DO UNICEUB” com temas intitulados “*Valorização dos talentos e das histórias de vida do PcD UniCEUB (2016), Atuação e desafios nos esportes para PcD (2017) e Mundo do trabalho para PcD (2018)*” foi criado em 2016. Depoimentos de alunos, palestras de convidados externos como a Diretora Políticas de Educação Especial, MEC, Prof. Patrícia Neves Raposo, a Paratleta Jornalista Carla Maia e o Ministro Interino Direitos Humanos, Gustavo do Vale Rocha assim como apresentações culturais do Grupo de Teatro da APAE, Grupo Musical SURDODUM e alunos instrumentistas, abrilhantam nossos eventos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Atualmente 181 alunos PcD são declarados no ato da matrícula e atendidos pelo NAD, 140 monitores bolsistas, 113 monitores voluntários e 218 monitores voluntários Google estão em treinamento para utilização das ferramentas da plataforma.

As orientações pedagógicas acontecem de forma individualizada com encaminhamentos para o apoio psicológico no CENFOR, Centro de Formação Profissional, quando observadas as condições emocionais, psicológicas e financeira necessárias.

No que se refere ao tema acessibilidade e mobilidade, o NAD percebe e destaca ser fundamental à inclusão de pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida, apresentada e caracterizada pela Lei 10.098/2000, como tendo “temporária ou permanentemente [...] limitada sua capacidade de relacionar-se como meio e de utilizá-lo” (BRASIL, 2000, p.1).

Para fins de compreensão, a referida lei regulamentada pelo Decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004 apresenta e assim define, em seu Artigo 8º, o que se deve entender por acessibilidade e as barreiras que a impedem ou dificultam.

Para Sassaki (2009) existem seis dimensões de acessibilidade: arquitetônica, programática, instrumental, comunicacional, digital e pedagógica. Elas delineiam todas as possibilidades de ações e mudanças na sociedade de modo geral e específico.

O UniCEUB coloca em prática os princípios traçados pela base legal para beneficiar todos os alunos que tenham ou não qualquer tipo de deficiência, pois a criação do NAD foi para propiciar o atendimento adequado e de qualidade para os discentes com necessidades educacionais especiais, a implantação das dimensões de acessibilidade e mobilidade, na instituição, favorecendo aos estudantes, docentes,

gestores, família, funcionários e toda a comunidade escolar uma inclusão educacional articulada ao projeto institucional e pedagógico.

Pela tabela, é possível visualizar o quantitativo de 2018 na questão alunos declarados por limitações/deficiências.

Tabela 01- Quantitativa por limitações - Declarados

Tabela 1 - Quantitativa por limitações - Declarados

Deficiência/Necessidade Educação Especial por NORTE	ASA I	TAGUATINGA II	TAGUATINGA SUL	SAÍDA	TOTAL <i>campi</i>
TDAH	43	3	3	1	50
TDAH e Síndrome de Irlen	1	-	1	-	2
TDAH, Dislexia e DPAC	1	-	-	-	1
DPAC	-	1	1	-	2
TDAH, Transtorno Ansioso e DPAC	-	-	1	-	1
TDA	4	-	4	-	8
TGD	42	1	5	-	48
Transtorno Ansioso	9	-	1	-	10
Transtorno Depressivo	7	-	-	-	7
Transtorno Emocional	-	2	5	-	7
Transtorno Bipolar	1	-	-	-	1
Deficiência Física	10	-	2	-	12
Deficiência Múltipla	-	1	-	-	1
Deficiência Auditiva	4	-	1	-	5
Surdez	3		3		
Deficiência Intelectual	3		3		
Deficiência Visual	2	1	3		
Baixa Visão	5	2	7		
Síndrome de Asperger	3		3		
Espectro Autista	1	1	2		
Síndrome de Down	1	1			
Síndrome do Vaso Vagal	1		1		
Paralisia Cerebral	2	2			
LUPUS	1	1			
TOTAL	141	09	30	01	181

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de estudos e pesquisas, elaborado pela equipe multidisciplinar do Núcleo de Apoio ao Discente – NAD inserido nas ações da Assessoria de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB - Programa de Apoio à Comunidade Interna. A visão do NAD, pela comunidade discente e docente, vem sendo ampliada e melhor compreendida no momento em que o núcleo é reconhecido como um projeto de apoio aos professores, alunos e familiares. Finalizando, entendese, que para evitar descompassos desnecessários é importante sinalizar que com todas as situações variadas, limitações e as formas de superá-las haverá sempre desafios e contextualizações para que haja mudanças e superações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1966). Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1966. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. BRASILIA, DF: Subchefia Para Assuntos Jurídicos, 20 dez. 1966.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto n.5.296/2004, Disponível em http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato20042006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 27 out.2014.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova Consolidação das Leis do Trabalho. 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/Del5452.htm. Acesso em 16 de set.2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm . Acesso em: 16 set. 2016.

LOPES, Getúlio Américo Moreira. Reitor do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. Ato Normativo de 01/2012 sobre Proficiência. 2012.

LOPES, Getúlio Américo Moreira. Reitor do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. Ato Normativo de 01/2013 sobre Proficiência. 2013.

PDI - PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL. Situação desejada – 2015-2019. Brasília: UniCEUB, 2016.

PDI - PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL. Situação atual – 2014. Brasília: UniCEUB, 2014.

PPI - PROPOSTA PEDAGÓGICA INSTITUCIONAL do UniCEUB. Brasília: UniCEUB, 2016.

Referencial norteador da formação de profissionais: 2015 – 2019. Brasília:

UniCEUB, 2016.

Política Institucional de Extensão e Integração Comunitária do UniCEUB. A formação do egresso para o desenvolvimento social sustentável. Brasília: UniCEUB, 2007.

Programa de Apoio à Comunidade Interna - Projeto Inclusão Profissional dos Talentos. Brasília: UniCEUB, 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação). São Paulo, Ano II, mar./abr.2009.

O ENSINO DE FÍSICA POR INVESTIGAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CURSINHO POPULAR

Área Temática: Educação

Coordenador da ação: Merilin Baldan¹

Autores: Guilherme Silva Prado², Leila Cristina Aoyama Barbosa Souza³

RESUMO: Os cursinhos preparatórios para vestibulares são conhecidos por fornecer um elevado número de informações conteudistas em um curto espaço de tempo. Entretanto, os objetivos do Exame Nacional do Ensino Médio, atualmente a principal via de acesso ao ensino superior no Brasil, fundamenta as questões de sua prova em situações de contexto interdisciplinares - o que têm exigido metodologias de ensino alternativas ao modelo de educação tradicional. Este trabalho buscar descrever brevemente algumas atividades realizadas nas aulas de Física de um cursinho pré-vestibular comunitário que foram pautadas no ensino por investigação. O planejamento e execução deste cursinho é parte de um projeto de extensão realizado pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis. Trata-se de um relato de experiência que identificou mudanças de atitudes dos estudantes frente ao ensino de física por investigação, uma metodologia alternativa ao modelo tradicional de aulas já frequentemente experimentadas por eles.

Palavras-chave: Cursinho Pré-vestibular Popular, Ensino de física, Método investigativo aplicado em Cursinhos Pré-vestibular.

INTRODUÇÃO

Os Cursinhos Pré-vestibulares surgem no Brasil em meados dos anos de 1940, em um momento marcado por pressões sobre Universidades diante da escassez de vagas para satisfazer à demanda existente para o ensino superior público (CASTRO,2005). Desde então, ao meio de pressão política e populares, permeando por diversos impactos do desenvolvimento, solidificou-se os Cursinhos, os quais passaram a estar presentes em metrópoles como grandes monopólios do setor privado.

Devido à falta de condições financeiras de famílias de baixa renda para custear cursinhos privados surgem os Cursinhos Pré-vestibulares comunitários, que atualmente estão presentes por grande parte do país atendendo alunos de classes sociais menos favorecidas, qual por sua vez não possuem subsídios para custear as grandes empresas de preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)

¹ Doutora em Educação, Campus Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso, merilinbaldan@gmail.com.

² Graduando em Engenharia Mecânica, Campus Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Doutora em Educação Científica e Tecnológica, Escola Técnica Estadual de Educação Profissional e Tecnológica de Rondonópolis/MT.

e outros vestibulares. É com esse mesmo intuito que em 2015 surgiu o projeto de extensão “Cursinho Comunitário Pré-Vestibular UFMT/CUR”, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis.

Desde sua criação, este Cursinho tem atendido a comunidade rondonopolitana e região proporcionando aos alunos, em sua maioria de baixa classe social, uma maior chance de ingresso no ensino superior através do ENEM. Ainda como característica o projeto envolve: Formação de Professores para Educação, Ciência e Tecnologia para as funções de docência no cursinho, agregando estudantes de graduação e graduados externos para atuar no projeto e atendimento à formação de estudantes no curso preparatório para o ENEM e demais vestibulares a partir do processo de seleção de interessados da comunidade rondonopolitana.

Todavia, como apresenta Whitaker (2010), um cursinho pré-vestibular pode ser considerado uma “anomalia” dentro da linha do sistema de ensino. Onde, tal se faz quase que certa na trajetória acadêmica do aluno ao sair do ensino médio e pensar em ingressar num curso de graduação. E como se não fosse o bastante, a metodologia de ensino aplicada dentro dos cursinhos existentes atualmente se dá por um bombardeio de informações através de uma aula puramente expositiva, o que já havia sido argumentado por Piaget (1976) que traz cursinhos agregando metodologias de ensino das mais antipedagógicas possíveis, ligadas a memorização pura e simples, tais como aula-show e repetição ritmada.

Tal método de ensino tende a reforçar ainda mais uma visão errônea sobre diversas matérias, principalmente as exatas, tal como a física – que será abordada no presente trabalho, visto que grande parcela dos alunos do ensino médio público possui um olhar negativo pela área, seja pela dificuldade associada ou pelo método de ensino adotado por seus professores. Já que como afirma Carvalho (2015), ensinar física envolve mais do que desafiar as ideias dos alunos e substituí-las por teorias mais consistentes do ponto de vista científico, é necessário que os estudantes vejam algum sentido no conjunto de teorizações que compreendam a física de pensar sobre o mundo.

Sendo assim, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre uma abordagem distinta a empregada atualmente em cursinhos pré-vestibulares no ensino de física, trazendo a aplicação da física por meio do método investigativo, implementando aplicações e exemplos presentes no cotidiano do aluno.

Ensino de física por investigação

O ensino por investigação, dentre outras denominações (aprendizagem baseada em problemas, problematização) é um método que tem como finalidade a aprendizagem através de situações-problema ou enigmas que desenvolvem habilidades cognitivas relevantes a todas as áreas de conhecimento, focando o ensino no aluno (LIMA, 2012).

Na física a aplicação de investigação em seu estudo tende a obter resultados positivos, visto que se dá por uma matéria palpável na qual torna-se fácil realizar experimentos e levantar casos com os quais os alunos estejam habituados devido à presença dos efeitos físicos no cotidiano. Nesse método de ensino, o aluno torna-se ponto central dentro da sala de aula, desvendando os mistérios como ser pensante.

Como é apresentado por Bianchini (2010), na aula prática, a melhor maneira de começar o assunto de forma a despertar o interesse dos alunos é através de situações problemas. Perguntas bem elaboradas, relacionadas com o dia a dia dos alunos são de grande ajuda para incentiva-los a adquirir o conhecimento.

Uma vez que o projeto de extensão tende a trabalhar baseando-se no que é proposto na Matriz de Referência do ENEM, disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), se faz necessário trazer o estudo investigativo aos temas propostos na matriz, dessa forma levantar experiências físicas e casos a serem aplicados numa possível investigação em sala.

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE

A edição do projeto sob o qual o relato trata ocorreu durante o período de junho de 2017 à semana antecedente a prova do ENEM do mesmo ano (novembro de 2017). Nesse intervalo, as aulas de física ocorreram semanalmente com duração de 50 minutos cada, obtendo num total de aproximadamente 20 aulas. Essas que atenderam em sua maioria adolescentes numa faixa etária de 17 a 20 anos de idade, que pretendiam ingressar no ensino superior.

Devido ao pequeno número de aulas e a duração das mesmas se fez necessário uma seleção rigorosa de conteúdo que atendessem os requisitos levantados pela matriz do ENEM e, ao mesmo tempo, abrangesse a maior gama de temas. Para que isso acontecesse utilizou-se do ensino investigativo, trazendo o aluno como personagem principal dentro da sala de aula, atividades como, realização de estudos

de casos de forma investigativa, experimentos e comparações sobre efeitos físicos que estavam presentes no cotidiano dos alunos presentes, não faltaram.

Dessa forma, num intervalo curto de tempo tornou-se possível aplicar os conteúdos selecionados sem usar das metodologias antipedagógicas citadas por Piaget (1996). Todo efeito físico que acontecia dentro da sala de aula poderia tornar-se um estudo investigativo, e de fato se tornava. Um simples empurrar de cadeira se convertia em um estudo sobre atrito ou inércia, onde a primeiro momento não se fazia presente nenhuma fórmula, somente a curiosidade e o debate que fluíam através de argumentos e indagações quais o professor era responsável em guia-los a um resultado. Tal seguimento de indagações e debates acontecia através de um raciocínio hipotético-dedutivo por parte dos alunos, conforme é apresentado por Lawson (2004) e demonstrado na Figura 1.



Figura 1. Padrão de raciocínio hipotético-dedutivo proposto por Lawson (2004).

Em seguida, após chegar em um resultado prévio se explicava a teoria numérica, definindo cada termo e mostrando onde ele influenciava no problema físico proposto. Dessa forma, deixando claro o vínculo obtido entre a matemática a física e os efeitos do cotidiano.

Aulas de física pela investigação: experiências vivenciadas

Aplicando o método investigativo nas aulas de física do cursinho pré-vestibular pode-se notar a importância do posicionamento do professor como figura guia, não podendo argumentar de forma direta (impondo um sim ou não ao aluno) de forma a intimidá-lo, uma vez que se faz necessário sua presença pensante-argumentativa para o andamento do método.

Assim, no decorrer da edição do projeto, os alunos iam se sentindo à vontade e, em paralelo, indagando sobre tudo e transformando toda curiosidade sobre determinado efeito em um estudo investigativo. Afirmavam que o conhecimento se tornava mais palpável, mais fácil em se perceber os fenômenos, em vivenciá-los. Alguns alegavam ser legal brincar de cientistas. Pois muitos ainda não haviam

experimentado estudar de tal forma e ficavam surpreendidos com a facilidade que alguns conteúdos passavam a ter, juntamente com a clareza que apareciam. Tal processo ocorreu em experimentos realizados para explicar as Leis de Newton e o movimento de queda livre estudado por Galileu Galilei, ao exemplificar e demonstrar quando estão presentes no nosso dia a dia.

Os conteúdos citados foram realizados separadamente em duas aulas. Na aula referente ao estudo de queda livre foi realizado um experimento usando de uma folha de papel do modelo A4, uma moeda de 25 centavos e uma balança, com a finalidade de demonstrar a influência da resistência do ar sobre corpos em movimentos verticais. Primeiramente um aluno foi chamado à frente e convidado a medir a massa dos objetos usando da balança disponível. Visto que a massa de ambos é aproximadamente igual pediu-se para que o aluno segurasse a folha e a moeda uma em cada mão, liberando-as em seguida. Aqui pode-se observar que a folha de papel levaria mais tempo para cair quando comparada a moeda.

Dessa forma, pediu-se para que do aluno amassasse a folha deixando-a o mais compacta possível e a soltasse juntamente com a moeda novamente. Neste momento os alunos puderam notar que a folha levou quase o mesmo tempo de queda que a moeda. Assim, foi levantado o questionamento do porquê a folha havia ganhado tamanha velocidade. Alguns alegaram a diferença da massa, outros levantaram suspeitas sobre a ação da gravidade, enquanto alguns já falavam do efeito da resistência do ar. No final (após cerca de 10 minutos), todos já haviam chegado no consenso de que a aceleração da gravidade se faz constante para todos os corpos presentes superfície terrestre, e que a alteração da velocidade se dava somente pela mudança de forma do corpo.

Como se não fosse o bastante, ainda foram indagados: E se não houvesse o ar para interferir? Pensaram mais um pouco, em seguida foi passado um vídeo de uma pena e uma bola de boliche sendo lançadas verticalmente no vácuo, no qual os deixaram satisfeitos com os resultados compatíveis a suas conclusões.

$$v = v_i + a * t \quad (1)$$

$$h = h_i + v_i * t + \frac{a * t^2}{2} \quad (2)$$

$$v^2 = v_i^2 + 2 * a * (h - h_i) \quad (3)$$

A partir disso foi apresentado o equacionamento para corpos em movimento vertical (presente nas equações 1, 2 e 3), no qual puderam compreender a ausência da massa na formulação e o valor constante da aceleração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas com os alunos nas aulas de física do cursinho pré-vestibular demonstraram o potencial do método investigativo para o ensino nesta modalidade educacional. Os estudantes afirmaram possuir maior facilidade na assimilação e aprendizado do conteúdo, alegando ainda que a disciplina se tornava menos cansativa e mais próxima às suas realidades quando comparada a aula puramente expositiva.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, T. B; ZULIANI, S.R.Q.A. Utilizando a Metodologia Investigativa para diminuir as distâncias entre os alunos e a Eletroquímica. Área do trabalho: Ensino e Aprendizagem – EAP.

CARVALHO, A. M. P. Ensino de física por investigação: referencial teórico e as pesquisas sobre as sequências de ensino investigativas, v.22, n.2, p.249-266, jul./dez. 2015.

CASTRO, C.A. Cursinhos alternativos e populares. Movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior público no Brasil. Tese (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia Presidente Prudente, São Paulo, 2005.

INHELDER, B.; PIAGET, J. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo: Pioneira, 1976.

LAWSON A. E. T. Rex, the crater of doom, and the nature of scientific discovery. Science & Education, v.13, p.155-177, 2004.

LIMA, D.B. O ensino investigativo e suas contribuições para a aprendizagem de Genética no ensino médio. (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Porto Alegre, 2012.

O PEDAGOGO NO ESPAÇO AGRÁRIO: UMA ANÁLISE DE SUA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: Andréa Kochhann e Maria Eneida da Silva¹,
Autores: Natalia Ribeiro², Naiane Prazer², Ana Caroline Martins³ e Elenaice de Paula⁴

RESUMO: O presente texto tem por finalidade apresentar parte das discussões do Projeto de Extensão “Identidade do pedagogo: professor, gestor e pesquisador” que faz parte do Projeto de Extensão “GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade” que se caracteriza por um projeto integrado ou programa e também de um projeto de pesquisa sobre o tema. A partir da Resolução CNE/CP n. 01/2006, houve mudanças no que seria o papel do pedagogo e por consequência seu processo formativo. A priori o Licenciado em Pedagogia está apto para trabalhar na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, porém tal documento deixa claro que este profissional pode atuar além do espaço educacional, como professor, gestor e pesquisador, pois sua base de formação é a docência. Nesse sentido o presente texto abordará uma das discussões efetivadas no projeto que é sobre a formação e atuação do pedagogo em espaços não escolares, mais especificadamente no espaço agrário. O apoio teórico é a Resolução CNE/CP n. 01/2006, Brzezinski (2011) sobre as políticas de formação do Pedagogo.

Palavras-chave: Identidade do Pedagogo, Espaços escolares e não escolares, Pedagogia em Espaço Agrário.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem por finalidade apresentar a discussão sobre o pedagogo no espaço agrário como um dos elementos de análise sobre a formação e atuação do pedagogo, que faz parte do Projeto de Extensão “A identidade do pedagogo: professor, gestor e pesquisador” que existiu por três anos consecutivos e depois passou a compor as discussões do Projeto de Extensão “GEFOPI- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade”, que se caracteriza como projeto integrado ou programa. Atualmente o tema é objeto de uma pesquisa.

O GEFOPI se originou na Universidade Estadual de Goiás Câmpus São Luís de Montes Belos, pela professora Andréa Kochhann em 2006. Desde então o grupo só tem crescido, elencando hoje os Câmpus de Luziânia, Jussara, Formosa e Trindade, e possui participantes nas cidades de: Anápolis, Luziânia, Mineiros, Novo Brasil,

¹ Coordenadoras do projeto de extensão. Docentes. andreakochhann@yahoo.com.br e eneida.ueg@gmail.com

² Egressa do curso de Pedagogia da UEG. Pós-Graduanda da UEG.

³ Acadêmica do curso de Pedagogia da UEG.

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia da UEG.

⁵ Egressa do curso da Pedagogia da UEG.

Itapirapuã, Fazenda Nova, Sanclerlândia, Iporá, Aurilândia, Cachoeira de Goiás, Itapuranga, Palmeiras de Goiás, Inhumas, Anápolis, Buriti de Goiás, Planaltina, Goiânia e outros. No início o grupo apenas alguns professores e alunos do Curso de Pedagogia. Hoje o grupo conta com mais de 80 participantes, alunos de graduação em Pedagogia, Letras, Matemática, História entre outras Licenciaturas, professores da Educação Básica e Ensino Superior, doutorandos, mestrandos, sendo da UEG e muitos de instituições privadas.

Uma das discussões do GEFOP é sobre a identidade do pedagogo que a partir da Resolução CNE/CP n. 01/2006, houve mudanças no que seria o papel desse profissional. A priori o Licenciado em Pedagogia está apto para trabalhar na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, porém tal documento deixa claro que este profissional pode atuar além do espaço educacional, como professor, gestor e pesquisador de qualquer espaço, inclusive na área de agrárias. Recorte de discussão para este resumo expandido. O apoio teórico é a Resolução CNE/CP n. 01/2006, Brzezinski (2011) sobre as políticas de formação do Pedagogo.

2 DESENVOLVIMENTO

Nos dias atuais há uma grande discussão sobre o curso de Pedagogia e quais áreas o Pedagogo pode atuar. Mas para muitos o Pedagogo é apenas visto como professor da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. No entanto segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006 o Pedagogo pode atuar em espaços escolares e não escolares. Nos espaços escolares ele pode atuar como professor, coordenador, diretor, secretário. E nos espaços não escolares pode trabalhar em empresas, hospitais, assistência social, ONGs, espaços agrários, presídios entre outras. Segundo Ribeiro (2008, p. 13)

Um processo de formação mais efetivo inclui disciplinas, como Didática Aplicada ao Treinamento, Jogos e Simulações Empresariais, Administração do Conhecimento, Ética nas Organizações, Comportamento Humano nas Organizações e Mudanças nas Organizações, Educação e Dinâmica de Grupos, Relação Interpessoais nas Organizações, Desenvolvimento Organizacional e Avaliação de Desempenho.

Segundo o Artigo 4º da Resolução CNE/CP n. 01/2006 de 15 de maio o pedagogo pode atuar em qualquer área que se necessite de conhecimentos pedagógicos

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

A Resolução assegura que o pedagogo não é habilitado apenas sala de aula, sendo também que pode atuar em diversas áreas desmitificando a ideia de que o curso de Pedagogia é voltado apenas para o público infantil e para a formação de crianças. A Pedagogia enquanto ciência aplicada na prática educativa, evidencia o papel epistemológico, que se estudam as diversas manifestações do fenômeno educativo. Segundo a Resolução CNE/CP n. 01/2006

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

Ainda em seu artigo 5º os parágrafos XIII, XIV, XV a Resolução afirma que esse profissional possui especificidades que contemplam atuar em atividades de pesquisa e percebe-se a gestão.

XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares; XIV - realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental- ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas; XV - utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;

Brzezinski (2011a, p. 41) apresenta que a identidade do educador é a docência e assevera que a identidade do pedagogo é a docência enquanto *unitas multiplex* pois, na concepção da autora o curso de Pedagogia

[...] forma o pedagogo com identidade *unitas multiplex*, de maneira que o profissional da pedagogia é formado para atuar na docência, para desenvolver outras atividades do trabalho docente, representadas amplamente pela denominação gestão educacional, para atua na organização de sistemas, unidades e projetos educacionais em espaços escolares e não escolares e para produzir conhecimentos como pesquisador.

É preciso estar preparando os profissionais de Pedagogia, para que eles

possam desenvolver atividades nas diversas esferas da sociedade, permitindo assim que os pedagogos ocupem outros espaços que não sejam apenas o da escola.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A pedagogia não escolar se diferencia da pedagogia escolar no aspecto de não ser trabalhada em sala de aula, e isso não quer dizer que deixe de ser uma metodologia de educação. O pedagogo tem o mesmo papel de buscar estimular o conhecimento do indivíduo em todos os aspectos e em todos os lugares sociais. Também atua com a gestão de pessoas e espaços, a elaboração, acompanhamento e avaliação de projetos. A atividade pedagógica pode ocorrer em diversos segmentos da sociedade, que não exclusivamente espaços formais de ensino. A atuação do profissional pedagogo quer nos espaços escolares ou não escolares, remete uma reflexão mais profunda sobre sua formação na relação profissional. O pedagogo deve ser formado para atuar em várias outras áreas como: Empresas, Hospitais, Presídios, Espaços Assistenciais, Espaços Agrários, Editoriais, Política, Assessoria em Geral, ONGs, etc. Infere-se que o professor que consegue realizar um bom trabalho no ambiente escolar pode o fazer bem em qualquer ambiente seja hospitalar, empresarial, espaços assistenciais, agrários, etc. Por esse motivo muitas instituições abordam somente a formação do pedagogo escolar. Contudo, sugerimos que todas as instituições abordem em maior ou menos grau de maneira o conteúdo trabalhado em sala de aula pode ser levado para os outros espaços sociais.

A formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares passa também pela área agrária. As atividades na área agrária, como por exemplo, nos movimentos agrários e na aplicação governamental de projetos. Muitos acreditam que o pedagogo é apenas professor de crianças. Ledo engano. O pedagogo é o profissional que atua como professor, como pesquisador e como gestor, tanto em espaços escolares como não escolares. Aqui chamamos a atenção para a atuação do pedagogo como professor, pesquisador e gestor do espaço agrário.

O espaço da zona rural por meio dos Sindicatos, das Prefeituras, do INCRA, da EMATER, da ATER, ANATER, de ONGs que primam por atividades voltadas para o campo, precisa ter a gestão de um pedagogo com elaboração, acompanhamento e avaliação de ações e projetos, bem como elaboração de materiais didáticos, palestras, minicursos e oficinas de formação. O pedagogo é o profissional que trabalha com gestão de processos em todas as áreas e espaços.

Ao pedagogo que seja professor, gestor e pesquisador, compete várias atividades. Aqui elegemos algumas como sendo direcionada para o pedagogo da na área de agrárias, conforme análise de alguns editais de chamada pública em que o pedagogo pode compor a equipe de trabalho: 1. cuidar da gestão dos processos e sistemas informatizados, 2. cuidar da gestão de pessoas e liderança de equipe, 3. organizar os espaços para reuniões e atividades diversas, 4. organizar as demandas de pessoal para as atividades coletivas, 5. elaborar, acompanhar e avaliar os projetos, 6. motivar a equipe, 7. organizar e/ou orientar a elaboração de material didático, 8. organizar e/ou coordenar os planos de gestão, 9. organizar e/ou coordenar as pesquisas de demandas e de diagnóstico, 10. avaliar os avanços e os resultados das atividades realizadas, 11. promover a cultura de sustentabilidade tanto social quanto econômica da equipe e público atendido, 12. ter visão humanizadora, sistêmica e de totalidade do processo de gestão, 13. avaliar currículo de profissionais para compor equipe de trabalho, 14. monitoramento e avaliação do processo, 15. organizar slides, folders, cartazes, etc, 16. entre outras funções inerentes ao processo pedagógico.

Ao analisar o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás Câmpus São Luis de Montes Belos e Luziânia, os quais o GEFOPi está em atuação e com acadêmicos do Curso enquanto protagonistas, verificamos que consta na matriz curricular uma disciplina intitulada “Pedagogia em espaços não-escolares” cujas ementas e referenciais são diferentes, conforme Quadro n. 01.

Quadro n. 01 - Ementas e Referências

Câmpus	São Luis de Montes Belos	Luziânia
Ementa	A prática pedagógica em	espaços não escolares.
	escolares. A docência. A prática pedagógica em espaços não escolares. As possibilidades de atuação da pedagogia em espaços escolares e não escolares. Os desafios da pedagogia para atuar em espaços escolares e não escolares. referências à compreensão do papel da Educação em diferentes instâncias.	A disciplina aborda a ação pedagógica em espaços não escolares. As possibilidades de atuação da pedagogia em espaços escolares e não escolares. Os desafios da pedagogia para atuar em espaços escolares e não escolares. referências à compreensão do papel da Educação em diferentes instâncias.
Bibliografia	FONSECA, Enéida Simões da. Atendimento em ambiente hospitalar. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008. LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/96. GOHNS, Maria da Gloria. Educação não formal e cultura política: impactos sobre formas e contextos de Atuação. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009. São Paulo, Cortez, 2010. RESOLUÇÃO CNE/CP nº 01 de 15 de Maio de 2006. R.S. FERNANDES (orgs.), Educação	ASSMANN, Hugo. Reencantar a Escola no terceiro setor. 3. ed. de Janeiro: Wak Editora, 2009. São Paulo, Cortez, 2010. C.R. de M. von SIMSON; M.B. PARK; de 2006. R.S. FERNANDES (orgs.), Educação

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. Não Formal – cenários da criação. Pedagogia Empresarial: atuação do Campinas, Editora da Unicamp/Centro pedagogo na empresa. 6. ed. Rio de de Memória. 2001.
Janeiro: Wak Editora, 2010.
VEIGA, Ilma P. Alencastro; d'Avila, Cristina Maria (Orgs.). Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. Fonte:

PPC (2015).

Nos dois currículos analisados na formação de pedagogos existe uma fragilidade em relação a área de agrárias pois o referencial teórico elegido pode não alcançar a especificidade da área em questão. Contudo, já é um avanço a inserção a disciplina no currículo. Eis, agora a necessidade de melhorá-lo. É importante também lembrar que as práticas abordadas no que diz respeito a identidade do pedagogo nesses espaços, possibilitam a implementação e/ou execução de atividades de gestão e de demandas condizentes a área de agrárias porque exige de forma ampla a totalidade do função humanizadora de relações e do processo pedagógico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expor a discussão sobre o pedagogo no espaço agrário vai além de simplesmente formar professores da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Apesar de estar institucionalizado que o pedagogo pode ir além da sala de aula desses níveis, existem fragilidades na formação do mesmo que pode interferir na atuar em espaços não escolares e por conseguinte na área agrária. Entretanto, o avanço na legislação e a formação do processo pedagógico possibilitam de forma educativa o desenvolvimento de atividades diversas, mas que ofereçam planejamento, acompanhamento e avaliação de projetos por meio do trabalho do pedagogo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPi.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 01, de 16 de maio, 2006: institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU). Brasília, DF: Poder Executivo, 2006.

BRZEZINSKI, I. As políticas de formação de professores e a identidade *unitas multiplex* do pedagogo: professor-pesquisador-gestor. In: SILVA, M.A.e BRZEZINSKI, I. Formar professores-pesquisadores: construir identidades. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

PPC. Projeto Pedagógico de Curso de Pedagogia. UEG, 2015. Mimeo.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

O QUE PENSAM OS ESTUDANTES DE ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM?

Área Temática: Educação

Adállyda Messias Alves¹

RESUMO: Avaliar as aprendizagens dos estudantes é uma prática histórica no processo de escolarização, seja no nível básico ou superior. A avaliação é compreendida pelas crianças em processo de alfabetização de diferentes maneiras, interessando neste estudo, analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) de uma escola na Cidade de Samambaia – Distrito Federal, acerca da avaliação feita pela professora e suas influências nas visões dos estudantes sobre a escola. A pesquisa de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de Estudo de Caso e para levantar os dados utilizou-se questionário para caracterizar os estudantes, a técnica do desenho projetivo e a análise documento do projeto políticopedagógico da escola. Consolidando a presente pesquisa e mostrando que a avaliação dita em documentos oficiais perpassa com outro olhar para as crianças do 3ºano.

Palavras-chave: Avaliação das aprendizagens, processo de Ensino, perspectiva infantil

1 INTRODUÇÃO

Este texto, apresenta resultado de uma pesquisa mais ampla, *intitulada Formação docente e trabalho pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas atuais*, em desenvolvimento desde agosto de 2017, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (PROIC). O estudo tem como questão norteadora: quais as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização ², de uma Escola pública do Distrito Federal, acerca da avaliação de sala de aula e as influências nas suas visões sobre a escola? E como objetivo geral *analisar as percepções de estudantes do 3º ano do Bloco Inicial de Alfabetização, de uma Escola pública do Distrito Federal, acerca da avaliação de sala de aula e as influências nas visões dos estudantes sobre a escola.*

A pesquisa de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de Estudo

¹ Graduanda em pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

² Bloco Inicial de Alfabetização - é uma organização escolar em ciclos de aprendizagem que pressupõe mudanças nas concepções de ensino, aprendizagem e avaliação, e, consequentemente, na organização do trabalho pedagógico. A lógica do BIA são as aprendizagens em um processo de progressão continuada. No terceiro ano do BIA admite-se a reprovação, no entanto o processo de avaliação tem a função formativa.

de Caso, e contou com a participação de 16 estudantes do terceiro ano do BIA. Os procedimentos e instrumentos usados para levantar os dados, foram: a) aplicação de questionário para caracterizar os estudantes; e b) contação de história dialogada³, seguida da aplicação da técnica de “desenho projetivo”, que segundo Derdyk (1989) é uma apropriação de significado, que pressupõe processo de vivência de uma realidade ilustrada. As crianças desenhavam aquilo que elas conhecem, aquilo que elas sabem, o que faz parte da sua cultura de vivência, de maneira indireta ou direta. Assim, a expectativa é de que por meio do desenho, as crianças pesquisadas expressassem suas percepções acerca da avaliação e da escola. Para isso, a atividade foi orientada no sentido de que as crianças ilustrassem experiências com a avaliação realizada pela professora em sala de aula. A leitura do projeto políticopedagógico da escola também foi realizada e oportunizou apreender a forma como a avaliação é nele retratada.

O estudo justifica-se pela necessidade de dar voz aos estudantes, isso porque, eles são pouco ouvidos quando o assunto é a avaliação de suas aprendizagens e os objetivos de ensino definidos pelo professor. Parte-se do pressuposto, de que o interesse das crianças do ensino fundamental 1 – alfabetização, pela escola tem relação direta com a forma como elas são avaliadas e com o desempenho escolar esperado delas. Nesse sentido, Pistrak (2000, p. 177), adverte que “o ensino escolar, como se faz normalmente, não é agradável às crianças, não as atrai, não cria nelas uma tendência interior a se formar, sobretudo se não compreendem os objetivos desse ensino.” Acrescenta-se, a relevância de analisar como as crianças compreendem a avaliação do seu desempenho na escola, levando-se em consideração que esta pode influenciar as suas visões acerca da escola: como espaço de aprendizagens ou como espaço de coerção, frustração e medo.

Os 16 estudantes participantes da pesquisa têm entre 7 e 10 anos, sendo que três estudantes cursam o 3º ano pela segunda vez. Três estudantes têm deficiência física, intelectual e superdotação.

³ A história “É futebol ou dever?” Foi criada pela pesquisadora, a partir das observações realizadas em sala de aula da turma participante. Os estudantes foram colocados no papel dos personagens que por meio da contação dialogada e exploração da história resultou nos desenhos que foram usados com a intencionalidade de evidenciar as concepções acerca da avaliação.

2 AVALIAÇÃO VISTA EM NÍVEL TEÓRICO

Avaliar é atitude tipicamente humana e expressa valores, opiniões ou projeções em todos os espaços sociais. No ambiente escolar a avaliação deve ter intencionalidade e ser voltada às aprendizagens dos estudantes. É a intencionalidade do avaliador, o uso que se faz de procedimentos e instrumentos avaliativos que indicam se a avaliação é formativa ou classificatória (HADJI, 2011).

A avaliação está presente em sala de aula e deve orientar a organização do trabalho pedagógico, podendo ser usada de maneira formal, por meio de instrumentos palpáveis e físicos, como provas, exercícios escritos ou de maneira informal, por meio de atitudes, comportamentos e juízos de valor (VILLAS BOAS, 2008). Considerando que a avaliação é inerente ao processo de escolarização, interessa-nos conhecer: como os estudantes a compreendem e expressam por meio de desenhos as suas experiências avaliativas? Quais as influências dessas experiências na forma como eles veem a escola?

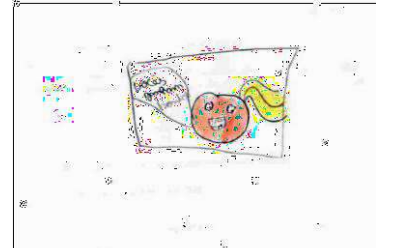
Morales (1998) nos alerta para o fato de que para se desenvolver o ensino é necessário definir objetivos de aprendizagem tendo a avaliação, perpassando todo o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Para isso, necessário se faz expor as bases teóricas e práticas de avaliar, abandonando a ideia que só se faz avaliação por meio de instrumentos pontuais e formais. É preciso recuperar a centralidade das aprendizagens no processo avaliativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A avaliação formal e informal se faz presentes na sala de aula, é notório que cada uma dessas modalidades, possui suas particularidades em nível teórico, e quando expressadas empiricamente também ganham suas formas. A avaliação formal se consolida fortemente pelos instrumentos utilizados pelo professor e que expressam o resultado esperado dos estudantes. Embora, no BIA a reprovação seja admitida apenas no terceiro ano, ou em caso de o estudante extrapolar o percentual de 25% de faltas, os conceitos atribuídos pela docente participante da pesquisa ganham significados para os estudantes que os compreendem como expressões que carregam significados, no sentido do rumo que tomarão suas vidas, em seus percursos escolares a partir dos resultados do processo avaliativo.

Foi possível apreender que os estudantes demonstram insatisfação sempre que a professora iniciava uma nova atividade na aula, segundo um estudante: “*Sempre que a tia passa alguma coisa, tem tarefa*”; ou ficam chateados por saberem que terá atividade para casa: “*Ah não, dever de casa não. Não passa muito não por favor*”. Eles comemoram ao saberem que seria apenas uma página do livro. O depoimento demonstra que as atividades têm pouco sentido para eles, o que pode fazer com que o processo e o produto do trabalho não favoreçam as aprendizagens, sinalizando que a preocupação muitas vezes da professora é ocupar o tempo das crianças em casa ou mesmo em sala de aula. (VILLAS BOAS, MORATO SOARES, 2013, p. 71).

No projeto político-pedagógico da escola encontramos que avaliar não é medir, quantificar o desempenho dos estudantes. Nas Diretrizes de Avaliação Educacional da SEEDF tem-se que: “Medir é apenas uma pequena parte do processo avaliativo” (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 9). Teoricamente, está explícita a intenção da avaliação voltada à garantia de processos que promovam as aprendizagens. lógica quantitativa predomina, os desenhos das crianças abaixo são elucidativos:

Mariana: <i>Vocês ganham pontos!</i>	Jorge: <i>Vocês estão sem recreio, o dever está sem capricho.</i>	Pâmela: <i>Vocês estão reprovados.</i>
		
Figura 1 - Espectro visível.	Figura 2 - Espectro visível.	Figura 3 - Espectro visível.

Amostra de desenho projetivo coletado em pesquisa.

Ao desenhar, Mariana foi instigada a responder como a professora da Entretanto, no dia a dia, os discursos e as práticas vivenciadas pelos estudantes em sala de aula, mostram as contradições entre o escrito/intenção e o feito/prática. A história contada, avaliaria as atividades dos personagens, e como opções dadas: como realização bem feita; com acertos ou erros; possíveis dúvidas, entre outros. Seu desenho remete à sua vivência com a avaliação, a internalização da quantificação, pontuação do desempenho como algo cobrado pela professora. A prática de pontuar as atividades realizadas pode gerar interesse das crianças, mas também gera controle pelo professor. Os estudantes têm essa percepção, mesmo que não consigam expressá-la de uma forma objetiva e ela acaba interferindo nas suas visões sobre a

escola, como espaço em que o trabalho discente tem como recompensa a nota. Uma preparação para o trabalho na sociedade capitalista.

No desenho de Jorge, há a expressão da docente com um olhar marcante para ele, nota-se que os olhos são grandes e inquisidores, característica da avaliação informal. O desenho sinaliza a percepção do estudante de que o olhar e o gesto são negativos e podem sugerir punições, como pode-se apreender da frase escrita pela criança: *“Vocês estão sem recreio, o dever está sem capricho”*. Ou seja, elas compreendem que haverá punição caso a atividade não seja realizada como almeja o docente, e ficar sem recreio, é tudo o que as crianças mais detestam na escola. Nessa perspectiva, a avaliação tem o poder de interferir nos destinos das crianças. Isso ocorre quando a professora usa a avaliação formal – a tarefa que ela considera mal feita; e a avaliação informal ao julgar a atividade com critérios subjetivos e de forma desencorajadora. (VILLAS BOAS, 2008)

No desenho de Pâmela observamos a expressão: *“Vocês estão reprovados”*. Estar reprovada em uma organização escolar em ciclos, expressa as contradições de uma proposta que tem como base a progressão continuada das aprendizagens. No entanto, no 3º ano admite-se a reprovação, e embora o projeto político-pedagógico da escola e as Diretrizes de Avaliação indiquem a função formativa da avaliação, ela ainda tem sido usada como meio de coagir, como mecanismo de controle das crianças, da disciplina e do silêncio em sala de aula.

A avaliação classificatória, incentiva os estudantes a competirem entre si, característica da sociedade capitalista, em que a meritocracia é predominante e denota reconhecimento, prestígio social, titulação, estabelecendo distâncias entre os grupos sociais, pois o valor não pertence somente ao instrumento avaliado, mas também está nas relações, a aprendizagem surge como valor mensurável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desenhos das crianças participantes da pesquisa possibilitou compreender que a avaliação como elemento da organização do trabalho pedagógico, necessita ser formativa para promover as aprendizagens. Foi possível apreender dos desenhos, que as práticas avaliativas podem influenciar as percepções que as crianças têm acerca da avaliação, da escola e até da professora.

Assim, articulando a temática de educação, destaco a relevância de se discutir como a didática, que tem como objeto o ensino-aprendizagem, pode contribuir para que o processo didático possa ser organizado e desenvolvido dando voz aos estudantes, mesmo aos dos anos iniciais do ensino fundamental. Ainda que, por meio da articulação de extensão, possibilitando ultrapassar barreiras de Universidade e sociedade, assim repensando na formação curricular deste futuro professor e elencando novas metodologias àqueles que já estão inseridos na educação básica, nos anos iniciais. É possível verificar que os estudantes têm muito a nos dizer sobre o trabalho pedagógico e, especialmente, sobre as nossas práticas avaliativas e sobre como elas interferem em suas percepções sobre a escola. E como pode vir a interferir no currículo escolar.

Teoricamente, a avaliação é apresentada no PPP e nas Diretrizes do sistema de ensino como formativa, mas quando nos deparamos com a realidade da sala de aula, ela se deturpa e organiza-se com um novo significado. O desenho projetivo é um recurso que pode expressar as visões dos alunos sobre o trabalho do professor, a escola e a avaliação como categoria central da organização do trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BOAS, B. M.de F, V. ***Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação***. Campinas SP: Papirus, 2008.
- BOAS, B, M, de F, V. SOARES, E. R. M. ***Dever de casa e avaliação***. 1º Ed. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2013.
- DERDYK, Edith. ***Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil***. São Paulo, SP: Scipione, 1989.
- DISTRITO FEDERAL. SEDF. ***Diretrizes de avaliação educacional: aprendizagem, institucional e em larga escala***. Brasília-DF, 2014.
- FREITAS, Luiz Carlos. ***Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática***. 7º Ed. Campinas, Papirus, 1995.
- SJ, Pedro Morales. ***Avaliação Escolar, o que é, e como se faz***. 1998, Universidad Rafael Landívar, Vincorrectoría Académica y Programa de Fortalecimiento Académico de las Sedes Regionales – PROSFASP.
- PISTRAK, M.M. ***Fundamentos da escola do trabalho***. Trad. D. Aarão Filho. São Paulo. Expressão Popular, 2000.

OLIMPIADAS DE MATEMÁTICA DA UNEMAT – CAMPUS DE SINOP: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2017

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Emivan Ferreira da Silva¹

Autor: Maria Luiza Giovana Ximenes Figueiredo², Polyanna Possani da Costa Petry³,
Rogério dos Reis Gonçalves³

RESUMO: Neste trabalho busca-se ressaltar o valor do projeto “Olimpíadas de Matemática da UNEMAT - *Campus de Sinop*” e do papel extensionista do projeto. A priori, será apresentado, de forma geral, sendo ele um projeto de extensão universitária vinculado a Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas – FACET, que vem sendo realizado desde 2005 nas escolas da cidade. Destaca-se por sua relevância no estímulo ao estudo de matemática e abrangência aos números de inscritos de alunos da rede pública e privada, mas com foco na rede pública. A partir disso, o objetivo principal é abordar a importância das “Olimpíadas de Matemática da UNEMAT” nas escolas da rede pública do município de Sinop, que em 2017, contou com o apoio da Secretaria de Educação para ajudar a manter e, futuramente, expandir o número de alunos inscritos, como a participação das demais escolas do município de Sinop. Enfatizar o evento de encerramento apenas para as escolas do município, que tem o objetivo de premiar alunos e escolas em destaque, visando ações educativas como forma de incentivo para os alunos seguirem a carreira na área de ciências exatas, como também, identificar os talentos de nossa cidade e as principais dificuldades dos alunos.

Palavras-chave: Olimpíadas, Matemática, Educação.

1 INTRODUÇÃO

A Olimpíada de Matemática da UNEMAT – Campus de Sinop, desenvolvida desde 2005, trabalha em conjunto com as escolas da rede de ensino público e privado de município de Sinop, envolvendo estudantes e professores desde o 5º ano do ensino fundamental até o ensino médio.

¹ Doutor, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET), Universidade do Estado de Mato Grosso-campus de Sinop (UNEMAT), emivan@unemat.br.

² Licenciatura Plena em Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET), Universidade do Estado de Mato Grosso-campus de Sinop (UNEMAT), marialuiza@gmail.com.

³ Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET), Universidade do Estado de Mato Grosso-campus de Sinop (UNEMAT).

Os participantes são classificados de acordo com seu ano de estudo, divididos em quatro níveis, sendo nível I, 5º anos, nível II, 6º e 7º anos, nível III, 8º e 9º anos e nível 4 alunos do ensino médio.

Este trabalho visa realizar um levantamento estatístico da participação dos alunos especificamente da rede municipal de educação e verificar como se dá o seu desenvolvimento, vendo a evolução das Olimpíadas de Matemática desde 2015 até o ano de 2017, visando principalmente a passagem dos alunos para as seguintes fases e medalhistas.

2 DESENVOLVIMENTO

As Olimpíadas de Matemática da UNEMAT – *Campus de Sinop*, é um projeto de extensão universitária, vinculado a Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas – FACET, vem sendo realizado desde o ano de 2005, participando aproximadamente 30 escolas do município de Sinop, sendo elas públicas e privadas.

As ações que objetivam a execução das Olimpíadas de Matemática é contato com as escolas, elaboração e confecção de provas, correção de provas da segunda e terceira fase, organização para a realização da terceira fase e do evento de encerramento com entrega de certificados para os professores das escolas que ajudaram no desenvolvimento das olimpíadas, para os alunos que participaram da terceira fase e para os medalhistas, além dos certificados, medalhas de primeiro, segundo ou terceiro lugar.

Destaca-se por sua relevância no estímulo ao estudo de matemática e abrangência aos números de inscritos de alunos da rede pública e privada do município de Sinop, contando com a participação de aproximadamente 14 mil alunos e 150 professores inscritos, que contribuíram nas aplicações das provas e deslocamentos de suas escolas até o campus.

A metodologia do projeto e suas estratégias é formada em quatro etapas, a primeira etapa é definida com a primeira fase da Olimpíada, onde participam todos os alunos inscritos no projeto. Nesta etapa ocorre uma seleção interna na escola, onde os professores/colaboradores aplicam, corrigem e classificam até 30% dos participantes, desde que não ultrapasse a quantidade máxima de cem participantes por nível, a prova é composta por dez questões objetivas elaboradas pela equipe do projeto da Olimpíada de Matemática.

Na segunda fase, ocorre uma redução considerável na quantidade de alunos, os colaboradores novamente aplicam a prova na escola e a equipe do projeto se encarrega pela correção e classificação dos alunos, nesta etapa, apenas cinquenta candidatos de cada nível permanecem no concurso. Neste nível a prova é composta por questões objetivas e discursivas.

Na terceira fase, realiza-se uma prova dissertativa, aplicada nas dependências da UNEMAT – *Campus de Sinop*, tendo por objetivo a classificação dos melhores alunos. Na quarta e última etapa, ocorre o evento de encerramento, onde são entregues os certificados a todos os alunos aprovados para a terceira fase, juntamente com os professores e colaboradores que trabalharam para a realização do projeto, nesta etapa ocorre a premiação dos três melhores alunos de cada nível.

No ano de 2017 a equipe do projeto das Olimpíadas, verificou que os alunos da rede municipal de ensino nas provas dos 2015 e 2016 estavam tendo um índice muito baixo de participação na terceira fase. Dessa forma, a equipe propôs uma ação juntamente com a Secretaria Municipal de Ensino.

A proposta foi a de realizar um evento destinado apenas as escolas da rede municipal de ensino, com prêmios para os três alunos com o melhor desempenho de cada nível em cada escola, com o objetivo de causar uma movimentação nestas escolas e proporcionar uma valorização dos alunos que tiveram um destaque em suas escolas, mas que possivelmente não estariam classificados para a terceira fase da Olimpíada.

Portanto, ano passado, foi realizado o primeiro evento, chamado de “I Olimpíada de Matemática da Rede Municipal de Ensino”, com premiações para alunos e escolas em destaque, buscando maior apoio dos professores para estimular o lado competitivo dos alunos e de maneira comprometida a ensinar.

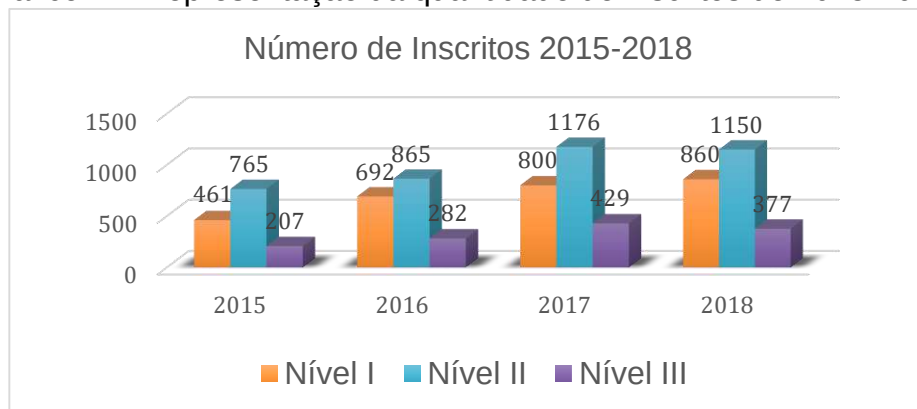
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No ano de 2017, realizou-se um levantamento do número de alunos das escolas da rede municipal de ensino inscritos na Olimpíada de Matemática, bem como o número de alunos que avançaram para as etapas seguintes.

Ao analisar os alunos inscritos, a quantidade de alunos que passavam para as próximas fases e os medalhistas da rede municipal de ensino na Olimpíada de Matemática da UNEMAT desde o ano de 2015 até 2017, percebeu-se uma diferença

quantitativa entre estes anos, onde em 2015, 1.433 estavam ligados a 7 escolas do município, em 2016, um aumento em aproximadamente 28%, com 1.839 alunos inscritos ligados a 8 escolas municipais, já em 2017, aumentou aproximadamente em 30%, com 2.405 alunos inscritos de 10 escolas municipais. No ano de 2018, 2.387 inscritos, permanecendo a participação das 10 escolas municipais.

Gráfico 1 – Representação da quantidade de inscritos de 2015-2018

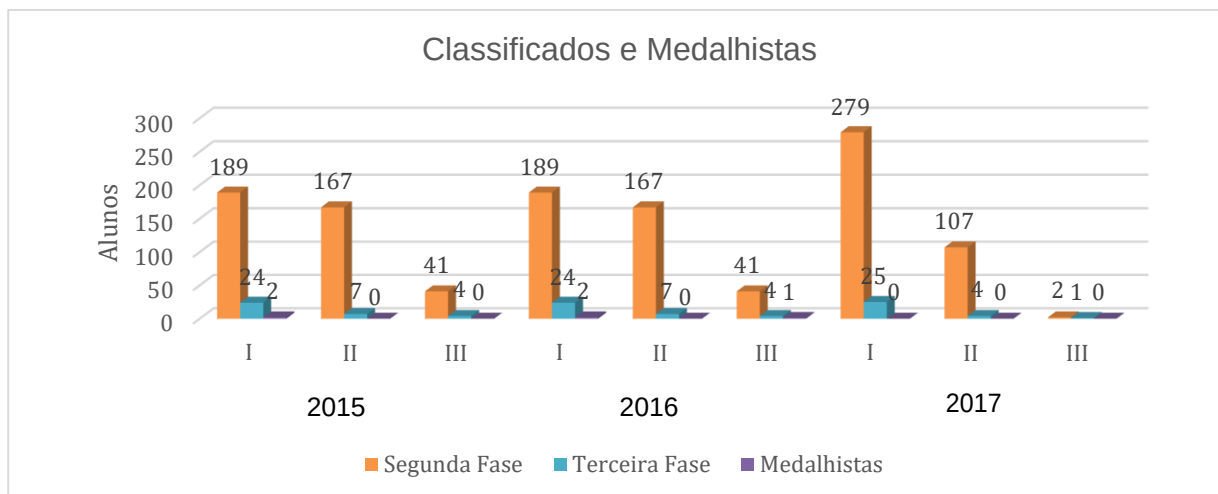


Fonte: Projeto Olimpíada de Matemática da UNEMAT – Campus de Sinop, 2018.

No ano de 2015, nos três níveis, observa-se que o número de alunos classificados para a segunda fase não é ruim, mas quando analisamos a quantidade de alunos classificados para a terceira fase o cenário se modifica de maneira negativa. Ao se verificar os medalhistas, percebe-se apenas dois foram medalhistas. No ano de 2016, o número de alunos classificados para a segunda fase houve uma melhoria, agora ao analisar a classificação dos alunos para a terceira fase, o cenário se modifica para melhor. Em relação aos medalhistas, as medalhas vão para três alunos da rede municipal.

Percebe-se que apesar de algumas variações nos números de classificados de cada nível, tanto no ano de 2015 quanto no ano de 2016, a quantidade de medalhistas é um número muito pequeno. É importante lembrar que, foi a partir destes dados que surgiu a proposta do evento para as escolas da rede municipal de ensino. No ano de 2017, ano de realização do evento e onde obtém-se um cenário muito semelhante aos anos anteriores, em especial, com relação ao número de medalhistas, que neste ano obteve-se o pior resultado dentre os anos analisados, apenas um medalhista.

Gráfico 2 – Representação da quantidade de classificados e medalhistas de 2015-2017



Dessa forma, analisando os resultados dos anos anteriores, buscamos a parceria com a Secretaria da Educação e neste ano já pudemos observar que o número de inscritos estabilizou, assim, sem reduzir bruscamente o número de inscritos, permanecendo com as dez escolas do município. Então, poderemos observar no futuro, mais escolas do município participando das próximas edições das Olimpíadas de Matemática da UNEMAT.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Olimpíadas de Matemática são de total relevância para a educação de Sinop, a partir delas têm-se parâmetros a serem seguidos em vários setores da educação, auxiliando assim os alunos, educadores, coordenadores e a equipe deste projeto a identificar as necessidades e pontos positivos das escolas.

Dessa forma, este trabalho, pode servir como base para se construir um mapa conceitual do ensino da matemática na rede do municipal de ensino, sendo proposto para o município de Sinop, com a parceria da Secretaria de Educação, acompanhar então, todos os níveis da educação básica das escolas do município, propiciando assim, uma educação de qualidade a todos os alunos.

AGRADECIMENTOS

A equipe do projeto agradece o apoio da FAPEMAT, PROEC nas edições

das olimpíadas, os professores que colaboraram para que essa Olimpíada pudesse ser concretizada e agradecemos principalmente, a participação dos alunos em todas as edições das Olimpíadas, pois sem eles, o projeto não teria dado tão certo.

REFERÊNCIAS

LUDKE, Menga: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

THIOLLENTE, Michael. Metodologia da Pesquisa – Ação. São Paulo: Cortez, 1994.

ORIENTAÇÃO SOBRE IMPOSTO DE RENDA PESSOA FÍSICA POR MEIO DO PROJETO CONHEÇA O LEÃO NA CIDADE DE RIO VERDE, GOIÁS

Área Temática: Educação

Coordenadores da ação e autores: Rafael Crisóstomo Alves¹
Ricardo Neves Borges²

RESUMO: O Projeto de Extensão da Faculdade de Ciências Contábeis, da Universidade de Rio Verde, Goiás, denominado “Conheça o Leão”, teve como objetivo central orientar os contribuintes que estavam obrigados a declarar à Receita Federal, sobre os procedimentos necessários para preenchimento da Declaração de Ajuste Anual do Imposto de Renda da Pessoa Física, o qual fora desenvolvido em dois anos: 2015 e 2016. Para atender aos propósitos do projeto, os acadêmicos foram selecionados, obedecendo às regras do edital específico da ação, com realização de prova de conhecimentos prévios, e posterior treinamento. Os atendimentos ocorreram em locais específicos, com a supervisão dos professores-coordenadores. Foram realizados um total de 193 atendimentos, em 22 dias de projeto, nos dois anos, com uma média acima de 8 atendimentos por dia, sendo 71 em 2015, e 122 em 2016, em que as maiores dúvidas se concentraram em: Obrigatoriedade, Rendimentos Tributáveis, Bens, Dependentes, Deduções Legais, e outras. A ação extensionista fora ao encontro com as necessidades específicas de que se trata o tema na cidade de Rio Verde, pela experiência relatada nos atendimentos realizados, bem como dos questionamentos feitos pelos contribuintes.

Palavras-chave: Orientação; Dúvidas; IRPF.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal, nos artigos 153 a 156, define as regras tributárias vigente no país, especificamente o inciso III do artigo 153 trás que compete à União instituir o Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza. Desse modo, a Receita Federal, todos os anos, entre os meses de março e abril, obriga os cidadãos brasileiros, ou estrangeiros residentes no país, a preencherem a Declaração de Ajuste Anual do Imposto de Renda da Pessoa Física.

De modo geral, são tributados pelo Fisco os rendimentos como salários,

¹ Coordenador da ação e autor. Mestre em Administração pelo Centro Universitário Alves Faria (UniALFA), Assessor Pedagógico na Universidade de Rio Verde - Faculdade de Ciências Contábeis. E-mail: rafael.alves@unirv.edu.br.

² Coordenador da ação e autor. Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário Alves Faria (UniALFA), Professor Adjunto Nível 1 na Universidade de Rio Verde - Faculdade de Ciências Contábeis. E-mail: ricardoneves@unirv.edu.br.

benefícios e remunerações por serviços prestados, ganhos de capital, juros e outras rendas, tais como aluguéis e direitos autorais. É cediço, ainda que no Brasil há um arcabouço legal em matéria tributária, existindo vários atos normativos da Receita Federal, Regulamentos, Código Tributário, além da própria Constituição Federal que atribui à cada Ente Federativo, União, Estados, Distrito Federal e Municípios, poderes de instituir sua tributação.

Nesse sentido, a Declaração do Imposto de Renda da Pessoa Física que deve ser normalmente enviada no período entre março e abril, necessitando no seu preenchimento, de conhecimentos técnicos específicos de tributação incidente sobre a Renda, tributação exclusiva da União, conforme inciso III do artigo 153 da Constituição Federal. O profissional contábil, por formação, além de ter o perfil científico que a área o confere, também é dotado de conhecimentos técnicos capazes de organizar e executar os serviços contábeis em geral, escriturar livros de contabilidade obrigatórios, levantamento de balanços e demonstrações, e quaisquer outras atribuições de natureza técnica, conferidas pelo artigo 25 do Decreto-Lei nº 9.295/46. Dessa forma, estes profissionais são os que têm perfil técnico-científico adequado para o assessoramento em diversas áreas, dentre elas a do preenchimento da Declaração de Ajuste Anual do Imposto de Renda.

A Declaração de Ajuste Anual deve ser preenchida e enviada de forma que atenda a legislação vigente, caso contrário, o contribuinte ficará retido na malhafina, processo de revisão onde a Receita Federal confronta as informações declaradas com aquelas disponíveis em sua base de dados. No ano-calendário 2015, de acordo com a Receita Federal, após a finalização do processamento dos lotes de restituição do IRPF 2015, ficaram retidas, em malha fiscal, nos sistemas da instituição, um total de 617.695 declarações, o correspondente a 2,1% do total de documentos entregues. Ainda de acordo com a Secretaria da Receita Federal (SRF), o maior motivo de retenção em malha foi a omissão de rendimentos, constante em 29,3% das retenções, seguido por dedução de despesas com previdência oficial ou privada, correspondendo 24%, e em terceiro, representando 21%, as despesas médicas.

Diante do exposto, o objetivo principal do projeto fora de orientar os contribuintes, que estavam obrigados a declarar à Receita Federal, sobre os procedimentos necessários para preenchimento da Declaração de Ajuste Anual do Imposto de Renda da Pessoa Física, através dos alunos regularmente matriculados no

curso de Ciências Contábeis da UniRV, sob supervisão dos professores coordenadores.

2 DESENVOLVIMENTO

No contexto conceitual, Oliveira *et al.* (2014), apontam que o Imposto de Renda é um tributo tomado globalmente que impõe à cada pessoa ou empresa dispor um determinado percentual de sua renda média anual para os cofres públicos. De acordo com os autores, o IR, em princípio geral, é devido mensalmente, sendo que no ano subsequente o contribuinte apresenta uma declaração de ajuste anual demonstrando os valores que deveriam ser recolhidos de imposto, necessitando, no caso, complementar o pagamento, ou receber da União àqueles recolhidos a maior, sendo que essas importâncias precisarão ser validadas pelas autoridades tributárias.

Destarte, Afonso (2008), complementa a definição de renda como o saldo positivo resultante do confronto entre certas entradas e certas saídas, ocorridas ao longo de um determinado período, sendo tal saldo positivo o algo a mais, o extra, o acréscimo patrimonial ao conjunto líquido de direitos de um dado indivíduo.

A Declaração de Ajuste é uma obrigação anual de cada contribuinte do imposto, segundo as normas estipuladas pela Receita Federal do Brasil (RFB). Ainda de acordo com o sítio da RFB, estão obrigados à entrega da DIRPF, dentre outros, a pessoa física que:

- recebeu rendimentos tributáveis, sujeitos ao ajuste na declaração, cuja soma seja superior ao mínimo fixado;
- recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte, cuja soma seja superior ao mínimo fixado anualmente;
- obteve, em qualquer mês, ganho de capital na alienação de bens ou direitos, sujeito à incidência do imposto, ou realizou operações em bolsa de valores, de mercadorias, de futuros e assemelhadas;
- passou à condição de residente no Brasil em qualquer mês e nesta condição se encontrava em 31 de dezembro;
- pretenda compensar prejuízos da atividade rural de anos-calendário anteriores ou do próprio ano-calendário;
- optou pela isenção do imposto sobre a renda incidente sobre o ganho de capital auferido, nos termos do artigo 39 da Lei 11.196/2006.

O contribuinte ao realizar declarações na DIRPF deve avaliar a veracidade e a forma de comprovação das importâncias confessadas, visto que a Receita Federal possui um mecanismo de averiguação de todas as declarações das pessoas físicas, chamado, popularmente, de Malha Fina (LAVORATTI, 2011). Nesta revisão, segundo a autora, são efetuadas diversas verificações nos dados informados pelo contribuinte

e realizado os devidos cruzamentos das informações com os demais elementos disponíveis nos sistemas da RFB. Tais verificações, para Lavoratti (2011), tendem a identificar erros de preenchimento e informações incoerentes que podem assinalar infração à legislação tributária federal.

Nesta ótica, a atenção a todos os detalhes que envolvam a renda ou o uso que se faz dela, no momento da montagem da declaração é de vital importância, pois evita problemas com o fisco federal, além de pagamento de multas altíssimas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A ação extensionista denominada Conheça o Leão, realizou atendimentos à população local, e de regiões próximas à Rio Verde, de forma direta, com intervenção dos acadêmicos da Faculdade de Ciências Contábeis, sob supervisão dos professores-coordenadores, de forma gratuita a todos os contribuintes. No ano de 2015 foram feitos 7 (sete) dias de atendimentos em dois *Shopping Centers* da cidade de Rio Verde, ao passo que em 2016 foram 15 (quinze) dias, sendo os atendimentos realizados num *Shopping Center*, localizado no centro da cidade, e no Terminal Rodoviário do Município.

No que se refere aos resultados do projeto, primeiramente, cabe salientar que nos dois anos de realização do projeto, cada professor ficou *in loco* juntamente com o grupo de alunos selecionados através de escala pré-determinada, os atendimentos eram feitos no período vespertino, e foram realizados em balcões que continham identificação da ação. A busca pelo projeto fora realizada de forma espontânea pelas pessoas que passavam no local e/ou ficavam sabendo mediante divulgações nas diversas mídias.

Os contribuintes, uma vez no balcão de atendimento, expunham suas dúvidas, e os alunos, sob supervisão dos professores-coordenadores, faziam as intervenções, solucionando a dúvida apresentada, posterior a esse primeiro contato, os alunos também indagavam sobre outras questões que também geram dúvidas, como: outras fontes de rendas tributáveis e/ou isentas, bem como a posse de bens, dependentes e etc. Ao término de cada atendimento, era oferecido um folder contendo as principais informações relativas ao preenchimento da Declaração de Ajuste Anual.

Assim, em 2015, nos dois postos de atendimentos, foram realizados 71

atendimentos, orientando os contribuintes sobre os procedimentos necessários para preenchimento da Declaração de Ajuste Anual do Imposto de Renda da Pessoa Física. Destes, 87,32% eram residentes na cidade de Rio Verde e os demais em cidades vizinhas, como: Santa Helena, Paraúna, Piranhas, Jataí e outras. Dentre as principais dúvidas, no referido ano, constatou-se que 62,50% foram referentes à obrigatoriedade de entrega da declaração, seguido de Preenchimento (8,33%) e Transmissão (5,56%), além de questionamentos sobre Atividade Rural, Restituição, Dependentes e outras.

Já em 2016, o projeto realizou 122 atendimentos. Destes, 83,61% eram residentes na cidade de Rio Verde e os demais em cidades vizinhas, como: Santa Helena, Jataí, São Simão, Quirinópolis, Caçu e outras. Dentre as dúvidas, constatou-se que 91,80% foram referentes à obrigatoriedade de entrega da declaração, seguida de Deduções (2,46%) e Restituição (1,64%), além de questionamentos sobre Espólio, Dependentes, Cônjuges, Prazos de Entrega e outras.

Observa-se que houve um acréscimo nos atendimentos em 71,83% do ano de 2015 para 2016, tal aumento se justifica em razão do maior número de dias do projeto em 2016, bem como, mesmo que discreto ainda, um melhor conhecimento do projeto pela comunidade Rioverdense. Percebe-se, também, que houve uma predominância na busca de informações relacionadas à obrigatoriedade na apresentação da declaração, envolvendo, principalmente, Rendimentos Tributáveis, Rendimentos Isentos, Bens, Deduções Legais e Dependentes, representando, em média, 78,38% dos atendimentos nos anos de realização da ação.

Em ambos os anos, não houve, em nenhum momento, o preenchimento da declaração dos contribuintes, sendo realizada somente a orientação quanto à obrigatoriedade dos mesmos quanto a essa obrigação acessória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em dois anos de realização do projeto, pode-se concluir que os resultados foram satisfatórios, dado a importância do tema da ação extensionista, uma vez que no período da Declaração de Ajuste Anual, é veiculado pela imprensa televisiva e impressa, diversas reportagens sobre o assunto, do qual os contribuintes poderiam sanar possíveis dúvidas nos locais de atendimento, de forma gratuita.

Observou-se, ainda, que a concentração das dúvidas dos contribuintes foram em assuntos sobre Obrigatoriedade, Rendimentos Tributáveis, Bens,

Dependentes, Deduções Legais, bem como na Forma de Tributação, uma vez que, mesmo obrigados ao preenchimento da declaração, a maioria não possuía, ou não tiveram, formação para o devido conhecimento a respeito do assunto, tornando o projeto imprescindível.

Destarte, a ação extensionista fora ao encontro com as necessidades específicas de que se trata o tema na cidade de Rio Verde, pela experiência relatada nos atendimentos realizados, bem como dos questionamentos feitos pelos contribuintes.

Por fim, tal iniciativa da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade de Rio Verde (UniRV) fora considerada de extrema relevância, e o objetivo macro do projeto devidamente alcançado, sanando dúvidas de 193 contribuintes, em 22 dias de atendimentos, nos dois anos, com uma média acima de 8 atendimentos por dia.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Sylvio César. **Imposto sobre a renda e proventos de qualquer natureza da pessoa física (Aspectos infra-constitucionais relevantes)**. 2008. 180 p. Dissertação (Mestrado em Direito Tributário), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, São Paulo, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. Regulamento do Imposto sobre a Renda. Decreto nº 3.000, de 26 de março de 1.999.

LAVORATTI, Liliana. **As contradições do fisco**. In: Revista Conjuntura Econômica, v. 65, n. 4 p. 14-17. Rio de Janeiro, 2011.

LUI, Ana Paula Schincariol. **Imposto sobre a renda e proventos de qualquer natureza auferidos pela pessoa física – princípios constitucionais e sistemática de apuração**. 2007. 192 p. Dissertação (Mestrado em Direito), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Luís Martins de *et al.* **Manual de Contabilidade Tributária**. São Paulo: Atlas, 2014.

Secretaria da Receita Federal do Brasil. **Imposto de Renda Pessoa Física**. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br>> Acesso em: 17 fev. 2015.

PENSAR A PRÁTICA NA PERSPECTIVA DA SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL: CONSIDERAÇÕES DA APROXIMAÇÃO ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

Área Temática: Educação

Warley Carlos de Souza

Mauro José de Souza

Gracielly F. Marcondes

Raquel Santin Vedovatto

Vanessa Ap. de O. Pereira

RESUMO: O presente trabalho objetivou relatar as ações preliminares desenvolvidas no projeto de extensão, que tem como premissa pensar a prática na perspectiva da socialização profissional, desenvolvido no curso de Educação Física UFMT/CUA. Sendo assim, por meio de uma pesquisa ação, apresenta dados iniciais sobre a atuação destes acadêmicos e professores no universo de uma escola da cidade de Pontal do Araguaia-MT. Discute a importância da produção do conhecimento na formação continuada e suas repercussões na prática pedagógica dos profissionais de ofício presentes na escola, assim como na formação inicial dos futuros licenciandos. Expõe que alguns problemas enfrentados atualmente no ambiente escolar têm início na falta de embasamento teórico capaz de sustentar esta ação, dificultando o trabalho coletivo. Aponta o conhecimento epistemológico como base de sustentação para garantir uma formação continuada mais qualificada, facilitando o trabalho coletivo no interior da escola, e apresenta o esboço inicial de subprojetos facilitadores desta ação. Palavras-chave: Formação de Professores, Produção de conhecimento, Escola.

INTRODUÇÃO

Pensar a prática fundamentalmente é o momento que a epistemologia se faz presente na ação docente, tal processo amalgamado com método será capaz de produzir um profissional que seja atualizado, que seja capaz de produzir práxis em suas ações pedagógicas cotidianas, por tanto, a formação se torna fundamental para construção efetiva do professor.

Nas palavras de Freire, 1991:

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 14 horas da tarde...

Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se torna educador permanentemente na prática e na reflexão dessa prática (p.32).

Nessa perspectiva, o professor se forma cotidianamente, com aproximações e distanciamentos do seu campo de atuação. Assim, a formação inicial necessita ser

pensada sempre, não com complementações, e sim pensando a realidade onde as ações docentes ocorrem, ou seja, a escola.

Sendo a realidade alienada, fragmentada e contraditória, o professor que atua imerso nesse contexto, necessita de auxílio para transformar tais características em atos pedagógicos. Demo, 2002, afirma que *“a qualidade da educação depende, em primeiro lugar, da formação do professor”*, (p.79). Continua o autor: *“o professor tem a responsabilidade de formar pessoas, portanto, torna-se fundamental que este tenha uma boa formação”*.

O currículo escolar é composto por diversas áreas e aborda diferentes aspectos desta realidade que se inter cruzam de maneira indissociada no interior da escola, apresentando a finalidade de orientar e organizar a prática pedagógica neste contexto. Uma de suas particularidades é o ser humano em formação, comumente chamado de aluno. No entanto, para aprofundar o olhar sobre o discente em formação torna-se necessário também considerar, outro agente do processo educacional: o professor.

O entendimento desta complexidade passa por considerar, dentre outros aspectos, as ações pertinentes a estes dois sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem. O olhar sobre estas múltiplas particularidades nos remete consequentemente para maneiras distintas de discursar sobre a ação educativa, tendo em vista a amplitude que envolve a formação destes. Estes discursos são oriundos de seus respectivos históricos de vida, no interior dos quais estão presentes as experiências e vivências oportunizadas pela formação acadêmica.

Na esteira da pluralidade que envolve este fenômeno, encontram-se também as diretrizes curriculares e legislativas, em permanente discussão e modificação. Nesta ótica, absorvem as transformações sociais e interesses políticos envolvidos na reconfiguração constante de suas proposições.

Atualmente, suas premissas apontam para a necessidade de um novo perfil de professor, que seja capaz de atuar como mediador de uma educação que se propõe a transformação social e disseminação de valores de participação cidadã. (BRASIL, 1996) No entanto, uma leitura mais atenta destas diretrizes, refletida em seus determinantes políticos e ideológicos nos permite inferir que a tradução prática

deste contexto aponta para a necessidade de estar preparado para fazer cada vez mais em um espaço com cada vez menos condições estruturais disponíveis.

Decorre daí algumas incoerências que acabam por se constituir na gênese de alguns conflitos que surgem no interior da escola.

A escola apresenta-se como um espaço dinâmico e em permanente construção e desconstrução, algumas vezes na vanguarda dos grandes debates educacionais postos em questão, outras vezes apresentando-se com total alienação acerca da sociedade que a cerca.

Imerso nesta realidade, os professores são confrontados diariamente com a necessidade vital de formação contínua, no sentido de ajustar sua prática às mudanças que se sobrepõem, seja no tocante aos processos de ensino e aprendizagem, seja no entendimento das grandes questões sociais e políticas envolvidas, as quais potencialmente podem interferir nas relações de trabalho e ensino.

Nessa direção, em decorrência das grandes mudanças ocorridas no capital, as quais apontam na direção da falência dos princípios iluministas, a formação humana não se prioriza mais nos espaços sociais, sobretudo na escola, sofrendo uma espécie de enfraquecimento contínuo no tocante a seus verdadeiros pressupostos epistemológicos.

De acordo com esta ótica, e devido às próprias condições de trabalho disponibilizadas, os profissionais do ensino acabam por privilegiar uma prática conteudista, imediatista e fragmentada, contrariando os próprios pressupostos teóricos que avançam na direção de uma educação que objetiva em essência a emancipação dos sujeitos envolvidos.

Assim, a prática pedagógica atual acaba por se associar ao neo-tecnicismo, influenciando sobremaneira nos processos de formação profissional, favorecendo uma espécie de ceticismo epistemológico capaz de interferir significativamente no desenvolvimento de uma reflexão sobre a realidade social explicitada. Em decorrência disso, suas influências se estendem ao desempenho destes mesmos profissionais, quando analisadas suas atuações nos diferentes segmentos de ensino existentes.

Em tese, tanto a formação inicial como a ofertada pelas agências de fomento da educação em qualquer nível de ensino, tem no cotidiano seu foco principal. Diante de tais premissas, o projeto pensar a prática na perspectiva da socialização profissional, partiu da premissa do materialismo sócio-histórico e dialético, por meio do qual se produz teoria a partir do pensar a prática.

No contexto deste estudo, representa uma possibilidade de acadêmicos e professores produzirem juntos a teoria a partir do contexto escolar. Ação esta a ser viabilizada a partir dos referenciais teóricos priorizados, elencados na direção de iluminar os conflitos imediatos presentes na concretude escolar, trazendo aos mesmos a compreensão histórica presente nesta ação. Iluminar este contexto significa, portanto, não reforçar atitudes de reforço ao presentismo, pois como afirma SOUZA, 2013: *“O esvaziamento dos conteúdos reforça o presentismo, ou seja, a falta de compreensão de que os conteúdos a serem tratados na formação dos professores deveriam ter sentidos e significados históricos (pág. 60-61)”*.

O projeto em questão objetiva, numa relação dialética, pensar a formação inicial dos acadêmicos do curso de Educação Física conjuntamente com a formação continuada dos docentes que atuam na unidade escola parceira. Para tanto, compreendemos a formação continuada como um processo complexo e multideterminado, que se concretiza em múltiplos espaços e atividades, envolvendo múltiplos contextos e diferentes sujeitos que influenciam nesta ação, não se restringindo a cursos e treinamentos, podendo favorecer a apropriação de conhecimentos, estimulando a busca de outros saberes.

A esse respeito Gatti (2003), realiza afirmações pertinentes: a formação em contexto visa promover mudanças em cognições e práticas, no intuito de que por meio da oferta do conhecimento e informação dos conteúdos, trabalhe a racionalidade dos profissionais, para produzir, a partir do domínio de novos conhecimentos, mudanças em posturas e práticas de agir (práticas pedagógicas).

As palavras da autora nos remetem na direção da formação em contexto, a qual garante ao docente a possibilidade de acompanhar as mudanças sociais, bem como, as mudanças pedagógicas que estão sempre presentes na escola. Nesse

espaço de discussão, a dualidade entre escola e universidade perde força e passa a ser repensada.

É sabido que, no contexto da universidade as críticas são contundentes aos docentes que atuam na escola, por entender que esses em suas ações cotidianas não produzem teoria, muitas vezes limitando suas ações pedagógicas ao caráter reprodutivista. Por sua vez, os professores que atuam nas unidades escolares da educação básica, acusam os docentes da universidade de um distanciamento pedagógico real sobre o qual tentam discursar, e sobre o qual repousa uma espécie de abismo existencial. Por força do modelo e condições de formação de professores em nosso país, essencialmente envolvidos nesses dilemas, e influenciados pelos reflexos desta discussão, os acadêmicos acabam por apresentar atitudes de pré-conceito com relação a escola, estimulando a lógica segundo a qual, embora façam um determinado curso de licenciatura, não se reconhecem atuando no espaço da escola.

A fixação do acadêmico da licenciatura em estudos que debatem a licenciatura é fundamental, sobretudo, quando essa formação se faz associando a força e o conhecimento do jovem acadêmico, com a experiência e a sagacidade dos docentes que atuam na escola. Assim:

“A formação continuada deve partir do diálogo feito entre a realidade externa a escola e o ambiente interno a ela, ou seja, uma possível socialização entre esses meios. Por socialização entende-se um conjunto de práticas de trocas culturais entre os sujeitos e a sociedade a qual estão inseridos. A socialização se torna espaço de produção, transmissão e reprodução de modos de pensar, sentir e de se relacionar (SEFTON, 2013, p.67)”.

A formação de professores pela perspectiva da socialização que ocorre entre o profissional da educação atuante e os futuros profissionais torna-se relevante, pois considera possível se ter no mesmo espaço professores de ofício e os que estão a se formar na graduação. Os reflexos deste contágio podem originar ricas e variadas experiências capazes de contribuir significativamente para a formação e qualificação de todos os envolvidos.

Se por um lado, os professores de ofício têm a oportunidade de relatar aos estudantes e aos demais colegas as peculiaridades do fazer prático, por outro, os estudantes em formação poderão confrontar estas informações aos referenciais teóricos e epistemológicos que dão sustentação a estas ações. Assim, os professores atuantes são motivados a dialogar sobre as principais dificuldades encontradas no fazer da sua profissão, bem como apontar as problemáticas e idiosincrasias presentes dentro e fora da escola, as quais direta ou indiretamente afetam suas ações cotidianas. Nesta mesma direção, os estudantes em formação, imersos no universo da academia, e a partir desta vivência in loco, tem a oportunidade de refletir sobre o conhecimento tácito e explicitado naquele contexto, podendo relacioná-lo com os referenciais teóricos estudados, ampliando suas visões sobre a realidade. Baseando-se nesta troca de experiências, torna-se possível uma reflexão conjunta, a partir da qual se estimule uma análise crítica acerca das contingências aos quais estão expostos e como resultado desta ação, possam elaborar em conjunto, estratégias no sentido da minimização dos conflitos apresentados.

Considerando estes aspectos, a formação continuada pela perspectiva da socialização concretiza-se através da valorização das situações concretas vividas no cotidiano da ação educativa, e neste sentido, estimulando um tipo de investigação denominada pesquisa ação, objeto do presente estudo.

METODOLOGIA:

O projeto foi realizado em uma escola municipal da cidade de Pontal do Araguaia/MT, situada entre os estados de Goiás e Mato Grosso, vizinha ao município de Barra do Garças. Localizada na periferia da cidade, atendendo alunos oriundos da zona rural e urbana, a escola apresenta características que explicitam as contraditórias relações sociais e culturais de seus integrantes. Sendo assim, as discussões ora apresentadas tiveram sua gênese em análises oportunizadas a partir de encontros quinzenais dos pesquisadores com os profissionais da educação presentes na referida escola. Para coleta de dados foi utilizada a pesquisa ação como metodologia, pois, não poderíamos pensar em dificuldades para a escola, reforçando o pré-conceito existente.

A pesquisa ação é uma metodologia que aproxima ensino e pesquisa, por sumariamente apresentar o processo integrador entre pesquisa, reflexão e ação (Thiollent,1998). Nesse viés, a pesquisa ação no âmbito do desenvolvimento de professores, objetiva uma reflexão sobre as atitudes dos envolvidos, numa perspectiva de melhoria na consciência profissional, além de ampliar os conhecimentos sobre as problemáticas identificadas pelos participantes ou proposta pelo pesquisador no campo da prática pedagógica.

O grupo focal foi utilizado para coleta de dados e conhecimento sobre a realidade específica da unidade escolar. Outro instrumento utilizado foi um questionário, que tinha como premissa básica ampliar o conhecimento sobre os professores atuantes na escola, facilitando um melhor entendimento das questões levantadas. O mesmo foi respondido individualmente, sem a necessidade de identificação.

Partiu-se de um universo de 27 professores, integrantes da escola em questão. No momento da realização do grupo focal todos os profissionais foram dispostos em um círculo, e deveriam responder as perguntas: quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? O que é considerado problema pedagógico em sua escola? Como são resolvidos os problemas pedagógicos em sua escola? Qual sua contribuição para o trabalho coletivo em sua escola? Qual a interferência das políticas internacionais nos trabalhos da escola?

Este bloco inicial de questões objetivou mapear a compreensão de cada componente do grupo sobre a temática exposta. Essas perguntas foram respondidas de maneira coletiva, no interior do próprio grupo, tendo sido verbalizadas oralmente. Neste contexto, observou-se que, de maneira geral, os professores optaram por falar de sua formação inicial e seus cursos de graduação, numa espécie de promoção e valorização pessoal, negligenciando análises sobre as outras questões apresentadas. Nas poucas vezes em que as outras questões foram citadas, a visão apresentada pareceu simplista, fragmentada e descontextualizada.

Os resultados obtidos nesta etapa atestam que a grande maioria dos professores envolvidos nesta investigação possui sua formação inicial em Pedagogia. No entanto, encontrou-se também profissionais graduados em outras áreas do

conhecimento como Educação Física, Matemática, Letras, Geografia e História. Todos afirmaram possuir especialização *latu-senso*, sendo a grande maioria na área da psicopedagogia, um dos poucos cursos oferecidos na região neste nível de ensino. Apenas um dos professores afirmou ter ingressado em um programa de mestrado, não sendo possível dar continuidade a estes estudos em função de dificuldades de ordem prática relatados pelo mesmo.

Após todos responderem oralmente as questões, foi solicitado aos professores que respondessem por escrito às mesmas perguntas, o que foi viabilizado através de um questionário impresso entregue aos mesmos. Os professores deveriam redigir suas respostas em casa, para posterior devolução aos pesquisadores. Objetivou-se com esta ação, diagnosticar possíveis alterações no teor das respostas, considerando as informações obtidas através do grupo focal. Neste sentido, esta hipótese não se consolidou quando da devolutiva das respostas transcritas.

Tanto nos relatos transcritos quanto nos relatados oralmente, os principais problemas pedagógicos apresentados pelos sujeitos investigados estiveram relacionados três principais fatores, a saber: o uso indiscriminado por parte dos alunos da tecnologia em sala de aula, a relação entre a escola e a família e por fim a própria relação entre os profissionais da escola. Tendo em vista as três categorias elencadas, foram oportunizados debates envolvendo estes temas, foram sugeridas leituras, várias reflexões foram estimuladas com vistas a perceber alternativas de supressão e/ou minimização das principais dificuldades levantadas.

Na direção de efetuar uma análise de conjuntura, utilizamos um texto sobre formação em contexto para subsidiar o debate inicial. Viabilizou-se assim a construção de uma reflexão coletiva sobre o perfil dos jovens na atualidade, possibilitada a partir de uma ação conjunta entre acadêmicos e profissionais da escola. Buscou-se, através de uma reflexão dialética, favorecer uma aproximação entre as categorias elencadas e realidade escolar vivenciada. Assim, perfil dos jovens, relações entre família e escola e trabalho escolar coletivo foram pensados em suas múltiplas possibilidades de interação e diálogo.

A partir da ótica dos debates oportunizados nesta ação, foi constatado que as principais dificuldades apresentadas eram, essencialmente oriundas das

dificuldades provenientes da própria dinâmica escolar, que envolve prioritariamente o trabalho coletivo entre os pares, o qual senão inexistente, pareceu bem dificultado. Nesse sentido, própria dinâmica escolar estaria contribuindo para dificultar as ações pedagógicas coletivas, gerando reflexos nas relações entre a família e a escola e consequentemente nas ações e perfil discente.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Este estudo facilitou uma aproximação entre os acadêmicos do curso de Educação física com os denominados profissionais de ofício da escola. Essa socialização permitiu um maior intercâmbio entre escola e a universidade, facilitando o pensar a prática profissional. A complexidade desta relação supõe um pensar dialógico capaz de permitir um melhor entendimento da problemática envolvida. Esta dialética suscita e reconhece conhecimentos e ações muitas vezes controversas que deverão ser percebidos como contradições e não como elementos antagônicos que se opõem.

Assim, este processo contribui significativamente para a formação inicial dos futuros licenciados, ao mesmo tempo que alcança o contexto específico da atuação dos profissionais de ofício presentes na escola investigada, proporcionando uma reflexão sobre a ação. O entendimento fruto dessa práxis pode suscitar uma nova compreensão do fenômeno estudado, e consequentemente oportunizar bases para sustentar novas ações pedagógicas concretas no seio do universo refletido.

Para os acadêmicos representa uma formação inicial mais qualificada, com suporte na realidade concreta em que atuarão. Para os profissionais atuantes neste contexto, uma prática de formação continuada que foge significativamente dos moldes das práticas cotidianas que lhe são oferecidas em cursos regulares destinados a este fim e avança na direção de uma formação em contexto qualificadamente melhor e mais adequada aos reais problemas enfrentados cotidianamente pela comunidade escolar.

Como resultado preliminar desta ação, foram organizados subprojetos, ainda em fase embrionária, mas que já representam ações pontuais a serem desenvolvidas. Estes subprojetos em síntese buscam ampliar o conhecimento teórico de todos,

aprofundando as discussões epistemológicas das temáticas elencadas com vistas a subsidiar as ações metodológicas no ambiente escolar. Em virtude da fase inicial em que se encontram, serão objetos de futuras discussões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desse projeto permitiram que os profissionais da escola fossem vistos e ouvidos em suas necessidades específicas, no contexto de suas práticas pedagógicas cotidianas. Ofereceram a cada um dos profissionais a oportunidade de socializar suas práticas, bem como seus anseios e necessidades, trazendo à tona as contradições e angústias presentes no contexto envolvido. Por sua vez, os acadêmicos envolvidos puderam confrontar os referenciais teóricos estudados às reais condições existentes no ambiente escolar, o que estimulou um olhar mais ampliado sobre a ação. A socialização destas práticas possibilitou a todos ampliação no entendimento da complexidade do trabalho pedagógico, e a proposição de ações pontuais com vistas a qualificar as ações discutidas.

Vygotsky (1988) afirma que a mola propulsora da mudança é a ruptura com os conceitos fossilizados, para tanto é preciso pensar a prática, do fazer cotidiano, das práticas pedagógicas, bem como os conceitos que fundamentam suas ações. Sendo assim, e compreendendo que as mudanças se constroem em conjunto, a socialização tornou-se o carro chefe de nossas ações.

O presente estudo demonstra que no universo pesquisado houve um avanço inicial coletivo do conhecimento epistemológico. Somado a isso, percebeu-se uma maior motivação para a busca do conhecimento científico, entendendo que este permitirá pensar a prática, subsidiando as ações pedagógicas. Cientes de que, ainda em fase inicial, este projeto já contribui com elementos de reflexão mais ampla e concisa sobre o universo pesquisado. Permite ainda desmistificar as relações postas entre a escola e universidade, mostrando que não necessita existir um antagonismo entre essas instituições e que a socialização permite espaço de produção, reprodução e transmissão do conhecimento, trazendo benefícios a todas as partes envolvidas.

A partir do exposto, nota-se que é necessário estreitar as relações entre a escola e a universidade, contribuindo assim de maneira significativa tanto para uma

formação inicial mais qualificada dos licenciados quanto para uma formação continuada em contexto de professores de ofício.

Entendendo o estado de gravidez permanente que se encontra a escola, é fundamental colocar no mesmo espaço para debater, analisar, compreender explicar a multiplicidade de atividades que favorecem e/ou dificultam as ações docentes, os professores e acadêmicos do curso de educação física.

Esse encontro foi fundamental para que alternativas de mudanças e reflexões possíveis que qualifiquem o processo de ensino aprendizagem no município do Pontal do Araguaia. Qualidade essa que nos possibilita pensar a prática de uma escola primordialmente crítico-reflexiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 10 de Julho de 2018.

DEMO, Pedro. Desafios modernos da Educação. 10ed. Petrópolis: vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: primavera, 1991.

GATTI, Bernardete A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. Cadernos de pesquisa, n. 119, p. 191-204, 2003.

SEFTON, Ana Paula. Prática docente e socialização escolar para as diferenças: um estudo sobre estratégias de transformação da ordem em gênero e sexualidade. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Warley Carlos. Formação em contexto de professores de Educação Física escolar: uma possibilidade. Revista de Educação Dom Alberto, n. 3, v. 1, jan./jul. 2013.

VIGOTSKI, L.S. A FORMACAO SOCIAL DA MENTE: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo: Martins fontes, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação, São Paulo: cortez, 1998.

PEQUIAGRO – PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DA EQUIDEOCULTURA NO MUNICÍPIO DE EDÉIA/GO

Área Temática: Educação

Priscila Pereira do Nascimento¹

Maria Izabel Amaral Souza², Adrieli Bastos de Oliveira Miranda³, Miriã Cristina
Sodré dos Santos³

RESUMO: A equideocultura possui grande importância econômica e social no Brasil e algumas doenças causam prejuízos consideráveis aos proprietários, principalmente, aquelas onde é obrigatória a eutanásia dos animais positivos, como o mormo e a anemia infecciosa equina. A saúde animal, numa visão ampliada, envolve questões relacionadas a enfermidades dos animais, saúde pública, controle dos riscos em toda a cadeia alimentar, assegurando a oferta de alimentos seguros e bem-estar animal. A proposta se encaixa num momento em que as principais doenças de equídeos e muares voltam a ameaçar rebanhos no Estado de Goiás. Buscou-se, portanto, inserir o conhecimento zootécnico na sociedade edeense da necessidade de se cadastrar os animais equídeos (equinos e muares) de produtores e criadores em suas propriedades, levando a um censo demográfico e consequentemente um controle das condições sanitárias dos animais e do rebanho como um todo. Objetivou-se com a presente ação extensionista organizar o setor de equideocultura nos municípios de Edéia, devido a sua importância social e econômica na região. Através de circuito de palestras com material de divulgação em ação conjunta às instituições Agrodefesa e FAEG foram realizados treinamentos de capacitação do grupo de trabalho do projeto para ações com coerência junto aos produtores/criadores de equídeos. Foram realizadas abordagens específicas durante as exposições agropecuárias, além do Circuito de Palestras de Equideocultura na qual o visitante sendo criador ou produtor de equídeos foi convidado a responder algumas perguntas com relação ao seu cadastro (gratuito e obrigatório) junto à Agrodefesa. Dessa forma, as informações pertinentes à legislação sanitária dos equídeos aconteceram através de palestras na exposições agropecuárias e dia de campo atingindo sua meta que foi conscientizar o público-alvo da ação. Palavras – chave: AIE, educação, sanidade, equídeos, mormo

¹ Zootecnista, Mestre em Ciência Animal, Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio, Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Edéia/GO.

² Médica Veterinária, Doutoranda em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia - UFG/GO

³ Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio, Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Edéia/GO.

1 INTRODUÇÃO

O mormo é considerado a principal doença bacteriana dos equídeos, sendo transmissível ao homem e a outras espécies animais. Registrada sua reemergência no Brasil, atualmente a doença constitui um sério problema sanitário para os equídeos em algumas regiões do País (MOTA et al., 2005, BRASIL 2008).

A anemia infecciosa equina (AIE) é causada por um retrovírus da família *Retroviridae*, subfamília *Lentivirinae* (COOK et al., 2013). O vírus da AIE tem distribuição mundial especialmente em regiões de clima tropical e subtropical, onde existe grande quantidade de vetores (KOLLER et al., 2002). No Brasil, a doença é relatada desde 1968 nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (SILVA et al., 2009).

A transmissão da doença ocorre principalmente pela transferência de sangue e seus derivados de equídeos infectados para animais sadios, sendo que outras formas menos frequentes incluem as transmissões transplacentária, pelo colostro e sêmen (NOCITI et al., 2018).

Segundo Almeida et al., (2006), os dados oficiais podem auxiliar a traçar um perfil epidemiológico da AIE, porém não informam com exatidão a taxa de prevalência da enfermidade nos diferentes estados do país, uma vez que se referem, exclusivamente, aos exames laboratoriais realizados para o trânsito interestadual e/ou participação em eventos agropecuários controlados pelos serviços oficiais de defesa sanitária animal. A maior parte do efetivo testado pertence a rebanhos de alto valor zootécnico em que a doença está controlada (AGRODEFESA, 2018).

A saúde animal, numa visão ampliada, envolve questões relacionadas a enfermidades dos animais, saúde pública, controle dos riscos em toda a cadeia alimentar, assegurando a oferta de alimentos seguros e bem-estar animal. Para assegurar a saúde animal, é necessária a existência de serviços veterinários bem estruturados, capacitados e aptos para detecção e adoção precoce das medidas de controle e erradicação das doenças. Em sintonia com a Organização Mundial de Saúde Animal – OIE, que reconhece os serviços veterinários como

um bem público mundial, o serviço veterinário brasileiro, responsável pela condução da política de saúde animal, compartilha com o setor privado as responsabilidades para aplicação das medidas que objetivam a melhoria da saúde animal (MAPA, 2018).

A profilaxia são medidas importantes que podem e devem ser utilizadas com a finalidade de impedir ou diminuir o risco de transmissão de uma doença. Consistem, portanto, em um conjunto de atividades, no sentido de proteger uma população animal, da ocorrência ou da evolução de um fenômeno desfavorável à saúde. Profilaxia é na realidade, o conjunto de medidas visando a prevenção da doença em nível populacional. (FORATTINI, 2002). Os seus objetivos são: evitar a introdução de doenças nos animais da propriedade, controlar e/ou evitar o aparecimento de novos casos de doenças já existentes, na propriedade ou região, e diminuir os efeitos da doença, quando esta não pode ser evitada, devendo, entretanto, ser controlada a níveis satisfatórios para que não interfira na produção do animal.

Portanto, objetivou-se com este trabalho organizar o setor de equideocultura nos municípios de Edéia, devido a sua importância social e econômica na região, através de novos cadastros e atualização dos mesmos para estabelecimentos detentores de equídeos, promovendo educação sanitária junto aos produtores/criadores de equídeos.

2 DESENVOLVIMENTO

A educação sanitária é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com sua natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática e ética social. (BRASIL, 2018).

O principal meio pedagógico utilizado para o tema supracitado foram o Parque de Exposição Agropecuária do Município de Edéia, além do Campus Universitário de Edéia da UEG para abordagem dos criadores/produtores de equídeos, por meio do "Dia de Campo", no intuito de gerar e divulgar informações sobre legislação sanitária e o cadastramento de equideocultores juntamente com

o apoio da FAEG. Além destes, recursos digitais e impressos também foram utilizados.

Em ação conjunta às instituições Agrodefesa e FAEG serão realizados treinamentos de capacitação do grupo de trabalho do projeto para ações com coerência junto aos produtores/criadores de equídeos. Serão realizadas abordagens específicas durante as exposições agropecuárias, na qual o visitante sendo criador ou produtor de equídeos será convidado a responder algumas perguntas com relação ao seu cadastro junto à Agrodefesa. O cadastro (de suma importância e obrigatório) do produtor será realizado gratuitamente, para aqueles que não o possuem, pela equipe do projeto junto ao responsável da Agrodefesa na região. Além disso, as informações pertinentes à legislação sanitária dos animais irão acontecer através de palestras na exposições e dias de campo em propriedades cedidas pelos próprios criadores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com as atividades propostas pela ação extensionista discutiu-se em vários momentos as questões sanitárias pertinentes aos equídeos na região de Edéia e as medidas necessárias para que a disseminação de doenças seja amortizada. Uma das práticas do projeto foi a realização do I Circuito de Palestra sobre Equídeos, realizado na Universidade Estadual de Goiás, Campus Universitário de Edéia, conforme imagens que seguem abaixo:



Figura 1. Demonstração de doma indiana em equídeos.
Fonte: Arquivo pessoal, (2018).



Figura 2. Palestra sobre manejo sanitário e divulgação sobre enfermidades de equídeos.
Fonte: Arquivo pessoal, (2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação extensionista PEQUIAGRO tem alcançado seu público-alvo com educação sanitária e atividades de conscientização em manejo de rebanhos. Maiores estudos são necessários para que fidelize o produtor/criador de equídeos na prática constante de cuidados e busca por conhecimento sobre o tema.

5 REFERÊNCIAS

- AGRODEFESA. Agência Goiana de Defesa Agropecuária. Disponível em: <http://www.agrodefesa.go.gov.br/programas-sanidade-animal/60-pese>. Acesso em: 10 de abril de 2018.
- ALMEIDA V.M.A., GONÇALVES V.S.P., MARTINS M.F., HADDAD J.P.A., DIAS R.A., LEITE R.C. & REIS J.K.P. Anemia infecciosa equina: prevalência em equídeos de serviço em Minas Gerais. Arq. Bras. Med. Vet. Zootec. 58(2): 141-148, 2006.
- BRASIL 2004. IN nº 12, de 29 de janeiro - Requisitos de qualidade para credenciamento e monitoramento de laboratórios para o diagnóstico sorológico do mormo. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. <www.agricultura.gov.br> Acesso em 12 julho. 2018.
- COOK R.F., LEROUX C. & ISSEL C.J. Equine infectious anemia and equine infectious anemia virus in 2013: a review. Vet. Microbiol. 167:181-204, 2013
- FORATTINI, O. P. Culicidologia médica: identificação, biologia, epidemiologia. São Paulo: Edusp, 2002. V. 2.
- KOLLER W.W., BARROS A.T.M., GOMES A., MADRUGA C.R., ARAÚJO C.P., UMAKI A. & ISMAEL A.P.K. Sazonalidade de tabanídeos (Diptera: Tabanidae)

em área de transmissão entre cerrado e pantanal, no Mato Grosso do Sul, Brasil. 12º Congresso Brasileiro de Parasitologia Veterinária, Rio de Janeiro, Programas e Resumos, Rio de Janeiro, 2002.

MAPA.MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Programa Sanidade Equídeos. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/animal/sanidade-animal>. Acesso em: 05 de julho de 2018.

MOTA R.A., SILVA L.B.G., CUNHA A.P., SOBRINHO E.S.N., PINHEIRO JR J.W., RABELO S.S.A. & OLIVEIRA A.A.F. Alterações clínicas em cobaias (*Cavia porcellus*) inoculados experimentalmente com isolados de campo de *Burkholderia mallei* de equídeos com mormo. Med. Vet. 2:1-9. 2008

MELO R.M., CAVALCANTI R.C., VILLALOBOS E.M.S., CUNHA E.M.S., LARA M.C.C.S.H. & AGUIAR D.M. Ocorrência de equídeos soropositivos para os vírus das encefalomyelites e anemia infecciosa no estado de Mato Grosso. Arqs Inst. Biológico, São Paulo, 79(2):169-175, 2012

NOCITI R.P., NOCITI D.L.P., ROCHA T.G., AVILA M.O. & SILVA G.C.P. 2008. Prevalência da anemia infecciosa equina no estado do Mato Grosso de 2004 a 2007. Disponível em Acesso em 24 nov. 2018.

SILVA K.P.C., MOTA R.A., CUNHA A.P., SILVA L.B.G., LEAL N.C., CAVALCANTE Y.V.N., TELES J.A.A., PEREIRA, M.C.C. & FREITAS N.S. Caracterização fenotípica e molecular de amostras de *Burkholderia mallei* isoladas na Região Nordeste do Brasil. Pesq. Vet. Bras. 29:439-444, 2009.

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO QUANTO A IMPORTÂNCIA BIOLÓGICA DOS MORCEGOS

Área Temática: Meio Ambiente

Coordenação da ação: Rinneu Elias Borges¹

Marcelino Benvindo de Souza², Adailton Rodrigues da Silva³, Emanuela Hortencia

Arantes Ambrosio³, Lia Raquel de Souza Santos⁴

RESUMO: Os morcegos têm potencial para serem considerados bioindicadores valiosos da qualidade ambiental dos ecossistemas. Além disso, fornecem serviços ecossistêmicos com a predação de insetos e frugivoria. Todavia, dados científicos desses animais ainda são pouco difundidos para a população no geral. Nesse sentido, investigou-se a percepção dos alunos do ensino médio (1^a, 2^a e 3^a ano) de duas escolas públicas sobre esses animais. Os dados obtidos embora representem valores satisfatórios sobre a compreensão desse grupo com relação a outros animais, no entanto foi detectada uma lacuna de conhecimento principalmente a respeito da dieta, onde os entrevistados acreditam que há cerca de 10 ou mais espécies hematófagas. Sobre o uso desses animais como sentinelas do meio ambiente, para avaliação da saúde ambiental, também constatamos escassez com relação a disseminação dessa informação. Neste sentido, pesquisas futuras podem unir atividade prática e replicação de novas coletas de evidências que demonstrem a importância ecológica e econômica destes organismos

Palavras-chave: conservação, mamíferos voadores, escola pública

1 INTRODUÇÃO

Os morcegos (Ordem Chiroptera) é a segunda maior ordem de mamíferos após roedores (Ordem Rodentia) com mais de 1300 espécies (Fenton; Simmons, 2014). No Brasil há aproximadamente 179 espécies distribuídas em 68 gêneros e nove famílias (Nogueira et al., 2014). Esses animais são importantes controladores de pragas agrícolas e urbanas, dispersores de sementes e polinizadores. Entretanto, devido a seu hábito noturno (Microchiroptera), ou em razão de suas peculiaridades hematófagas (evidenciadas em apenas três espécies), os quirópteros muitas vezes

¹ Docente, Prof. Doutorando, Faculdade de Biologia, Universidade de Rio Verde. rinneu@unirv.edu.br

² Mestre em Biodiversidade e Conservação, Instituto Federal Goiano, Rio Verde.

³ Graduando (a) do curso de Agronomia pela Universidade de Rio Verde.

⁴ Docente, Profa. Dra. Instituto Federal Goiano, Rio Verde.

são cercados de mitos, lendas e interpretações negativas (Ribeiro; Magalhães Júnior, 2015).

Dada sua importância no controle de pragas, os quirópteros em algumas partes do mundo são considerados parceiros dos agricultores, cujo trabalho exercido por esses animais é a predação de insetos, otimizando e diminuindo gastos com agrotóxicos, consequentemente favorecendo a segurança alimentar (Whitaker, 1995; Boyles et al., 2011; Wanger et al., 2014). Em contrapartida, desde a década de 1970 esses organismos vêm sendo vítimas da ação de pesticidas e metais pesados, onde também foi enfatizada a diminuição drástica de populações de morcegos decorrente da bioacumulação de contaminantes químicos na sua alimentação (Bayat et al., 2014). Diante do exposto, devido seu valor ecológico e econômico, nesse trabalho investigou a compreensão de alunos do ensino médio de duas escolas da rede estadual do município de Rio Verde-GO sobre o conhecimento básico destes organismos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho envolveu alunos do ensino médio básico (1^a, 2^a e 3^a ano) que foram selecionadas aleatoriamente nas escolas públicas do município de Rio Verde, denominadas como escola A e B. Um total de 170 alunos das duas escolas participaram da pesquisa qualitativa sobre o conhecimento da ordem dos Quirópteros, conhecidos como morcegos. Para a escola A participaram da pesquisa alunos do 1^a ano com $n = 36$ alunos, 2^a ano com $n = 20$ alunos e 3^a ano com $n = 29$ alunos. Na escola B participaram também alunos de 1^a ano ($n = 32$ alunos), 2^a ano ($n = 16$ alunos) e 3^a ano com $n = 37$ alunos. As faixas etárias média de idade foram de 15 anos na 1^a série do ensino médio, 16 no 2^a e 3^a ano.

A pesquisa de natureza qualitativa, foi aplicada por meio de um questionário semi-estruturado composto por três perguntas de múltipla escolha, na qual os alunos optavam por apenas uma alternativa. As perguntas foram voltadas para o conhecimento sobre (i) classificação dos morcegos (neste item houve intencionalidade de saber se os alunos sabem quem são os morcegos), (ii) quantidade de espécies hematófagas (objetivou-se saber se os alunos sabem aproximadamente a quantidade de espécies que alimentam de sangue) e se (iii) os morcegos podem ser usados para avaliar qualidade ambiental (neste item investigou

se os alunos sabem da possibilidade de utilizar morcegos como bioindicadores). Os dados foram analisados com base em estatística descritiva. Cabe ressaltar que o estudo faz parte do projeto de extensão (PROEXT, Edital n.003/2017, Sapos e Morcegos na Escola: importância ecológica e econômica da fauna selvagem) da Universidade de Rio Verde e que embora seja um projeto de extensão universitária, há um viés científico e de investigação embutido nas análises.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para a classificação dos morcegos, como mamíferos com capacidade de voo, observou-se que para o primeiro ano do Ensino médio houve 50% de acerto em ambas às escolas, A e B. Nas turmas de segundo ano a escola A teve 60% de acertos e a escola B 40%. Já no terceiro ano, observou-se 59% de acerto na escola A e 78% na B (Figura 1). Os indivíduos que não souberam reconhecer os morcegos como mamíferos voadores, referiram as opções referentes a pássaros de hábito noturno ou ratos velhos. Em relatório recente, Ribeiro; Magalhães Júnior (2015) observou que 3,3% (n=1 aluno) atribuiu morcegos ao grupo de anfíbios. De modo geral, as atribuições observadas nesse trabalho são resultantes de concepções populares sobre esses organismos. Além disso, no que tange associar morcegos a ratos, deve-se principalmente a Família Molossidae (Nogueira et al., 2014), também conhecidos como morcegos de calda livres e, por conseguinte muitas espécies são comuns a abrigar em telhados de residências no ambiente urbano.

Ressalta-se ainda que mais de 60% dos alunos acreditam que 10 a mais espécies de morcegos alimentam-se de sangue (hematófagos) (Figura 1). De acordo com Ribeiro; Magalhães Júnior (2015) 23,3% (n=7 crianças de 30) de crianças entre 4 a 12 anos representaram esquematicamente os morcegos com dentes vermelhos ou com sangue na boca, o que remete ao hábito hematófago distorcido por mitos. Contudo, vale salientar neste estudo que os alunos do 1º anos (cerca de 40%) informaram de forma coerente à quantidade de espécies hematófagas existentes (n=3 espécies).

Para a classificação dos morcegos como bioindicadores, verificou-se que 37% (escola A) e 39% (B) dos alunos do primeiro ano souberam reconhecer este valor ecológico. No segundo ano, apenas 20% (A) e 5% (B). Para o terceiro ano, 18% (A), e 28% (B) já ouviram falar sobre a capacidade de usar esses animais para

mensurar a qualidade ambiental. Todavia, as análises fornecem evidências da necessidade de maior discussão desse assunto na comunidade escolar, principalmente em razão desses dados (qualidade ambiental) que podem fornecer indicativos do aspecto de segurança pública (Figura 1).

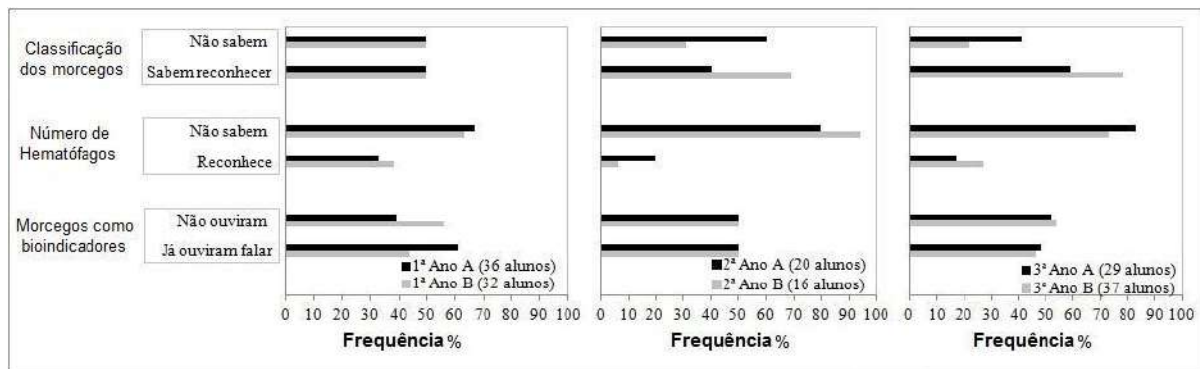


Figura 1. Conhecimento dos alunos do Ensino Médio das escolas da rede pública do município de Rio Verde, a respeito da classe dos Quirópteros (Morcegos).

Finalmente, a partir dos dados obtidos nesse trabalho, vale resaltar que o tema mamífero trabalhado em Biologia é voltado para o segundo ao terceiro bimestre do segundo ano do ensino médio. Todavia, também é trabalhado no sétimo ano do ensino fundamental. Nesse sentido, os dados do primeiro ano foram convincentes quando comparado ao segundo e terceiro ano conforme observado na figura 1. Outro ponto que chama a atenção é que a região onde o trabalho foi desenvolvido é fortemente influenciada pelo consumo de consumo de agrotóxico (Pignati et al., 2017), e com isso ressalta-se a importância do conhecimento desses animais no município, bem como elaborar estratégias de conservação destes, uma vez que os morcegos são importantes controladores biológicos naturais de pragas. Para alcançar a radiação do conhecimento sobre a importância e a consequente desmistificação destes organismos, a realização de projetos desta natureza promovidos pelas instituições de curso superior são fortemente recomendados, uma vez que ao envolver a comunidade escolar e a sociedade no geral, consegue demonstrar por meio do desenvolvimento de projetos, a importância ecológica e econômica dos morcegos, minimizando portanto os mitos associados ao sua natureza biológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a necessidade de trabalhar com os alunos o aspecto da importância dos morcegos para os ecossistemas naturais, bem como a variável sentinela da qualidade ambiental. Trabalhos futuros devem executar atividades práticas com os alunos e posteriormente executar uma coleta de evidências, a fim de mensurar possível mudança de compreensão desse grupo de animais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UniRV pela concessão do auxílio financeiro na modalidade de bolsa para o desenvolvimento do projeto (PROEXT, Edital n.003/2017, Sapos e Morcegos na Escola: importância ecológica e econômica da fauna selvagem) e as Escolas-campo (Colégio Estadual Professor Quintiliano Leão Neto e Colégio Estadual Martins Borges) que permitiram e subsidiaram a realização do trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAYAT, S.; GEISER, F.; KRISTIANSEN, P.; WILSON, S.C. Organic contaminants in bats: trends and new issues. *Environment International*, v. 63, p. 40-52, fev. 2014.
- CULINA, A.; LINTON, D. M. ; MACDONALD, D. W. Age, sex, and climate factors show different effects on survival of three different bat species in a woodland bat community. *Global Ecology and Conservation*, v. 12, p. 263-271, out. 2018.
- FENTON, M. B., SIMMONS, N. 2014. *Bats – A world of science and mystery*. New York: The University of Chicago Press, 2014, 323p
- NOGUEIRA, M. R.; LIMA, I.P.; MORATELLI, R.; TAVARES, V.C.; GREGORIN, R.; PERACCHI, A. L. Checklist of Brazilian bats, with comments on original records. *Check List Journal of species lists and distribution*, v. 10, n. 4, p. 808-821, 2014.

RIBEIRO, N. C. G.; JÚNIOR, C. A. O. M. Crianças e Adultos no Museu: Suas Concepções Sobre Morcegos. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 16, n.4, p. 263-268, jan. 2015.

PIGNATI, A. W., LIMA, F. A. N. S., LARA, S.S., CORREA, M.L.M., BARBOSA, J.R., LEÃO, L.H.C., PIGNATTI, M. G. Spatial distribution of pesticide use in Brazil: a strategy for Health Surveillance. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, n. 10, p. 3281-3293, out. 2017.

WANGER T. C.; DARRAS, K.; BUMRUNGSRI, S.; TSCHARNTKE, T.; KLEIN, A. M. Bat pest control contributes to food security in Thailand. Biological Conservation, v. 171, p. 220-223, mar. 2014.

WHITAKER J. O. JR. Food of the big Brown bat, *Eptesicus fuscus*, from maternity colonies in Indiana na Illinois. The American Midland Naturalist, v. 134, n. 2, p. 346-360, 1995.

PERFIS DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS DO PROJETO “ISF - PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS”: UMA INTERFACE COM O CENSO DEMOGRÁFICO DE IMIGRAÇÃO

Área Temática: Educação

Coordenador do projeto: Prof.^a Dra. Flávia Girardo Botelho Borges¹

Autor: Juliana Borges Rodrigues de Freitas²

RESUMO: Este trabalho apresenta os efeitos do aumento significativo de estudantes sul-americanos, que imigram para o Brasil para cursar pós-graduação, mediante diversos acordos entre a UFMT e universidades estrangeiras latinas, no Programa Idioma Sem Fronteiras, no viés de Português para Estrangeiros. A mudança do quadro dos perfis da migração atinge diretamente os perfis dos alunos do programa, isto é, todos são majoritariamente oriundos da América do Sul. Além disso, infere-se nos Censos Demográficos que os imigrantes estão à procura de qualificação profissional, comprovada pela quantidade alunos no projeto que buscam cursos de especificação acadêmica. Assim, a demanda pelo projeto de extensão referido, além de representar os dados estatísticos atuais sobre a imigração, também contribui para o desenvolvimento qualitativo na formação acadêmica, cultural e social desses estrangeiros.

Palavras-chave: Perfis da migração, Estudantes estrangeiros, Projeto de extensão, Representação.

1. INTRODUÇÃO

Diante dos últimos dados disponibilizados pela Polícia Federal sobre os principais registros de migração nos últimos anos, percebe-se que há um crescimento significativo dos imigrantes da América Latina. Isso reflete em várias esferas políticas e econômicas do país, pois a integração desses imigrantes precisa se efetivar da melhor forma. Para isso, o projeto de extensão Idioma Sem Fronteiras: Português para Estrangeiros (doravante ISF: PLE), criado e administrado pelo Ministério da Educação (MEC) por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESu), em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem como objetivo inserir, por meio do ensino da língua oficial, português brasileiro, estrangeiros no contexto cultural e social, sobretudo, acadêmico. Outrossim, os dados dos alunos do projeto supracitado são reflexo direto das

¹ Doutora em Linguística, UFMT, flavia2b@gmail.com

² Graduanda em Letras Português/Literatura da Universidade Federal de Mato Grosso

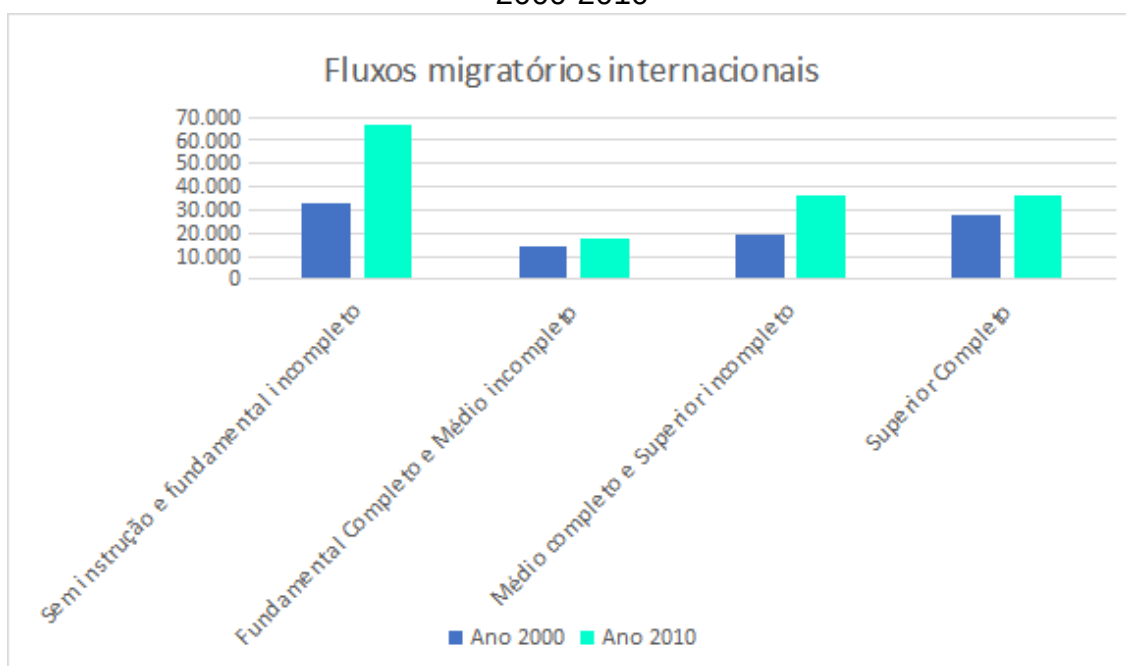
especificidades de registros de migração estrangeira nos últimos anos, como também confirmam os sensores que estimam um aumento na procura de qualificação para o mercado de trabalho advinda desses estrangeiros. Desse modo, este trabalho consiste em apresentar os efeitos do senso atual de migração estrangeira sobre o projeto de extensão ISF: PLE a partir dos perfis dos alunos matriculados, na UFMT.

2. DESENVOLVIMENTO

É comum estudarmos na formação da população brasileira a história da imigração no país. Sabe-se que o fluxo de imigrantes europeus se deu de forma intensa em determinadas épocas. No entanto, a partir dos anos 2000, os sul-americanos destacam-se nas primeiras posições no ranking da imigração para o país, segundo o Censo Demográfico do IBGE. Portugueses, italianos e espanhóis dão lugar a paraguaios, bolivianos, chilenos, peruanos e até imigrantes de nacionalidades que até então nunca se destacaram no movimento migratório nacional, para além da América do Sul, como angolanos, mexicanos e haitianos.

Diferente do séc. XIX, no qual o crescimento industrial começou a intensificar no Brasil, ocasionando a imigração destinada a trabalhos sem qualificação, hoje o quadro se mostra diferente quanto ao nível de instrução, conforme comprovam os dados do Gráfico 1:

Gráfico 1 - Fluxos migratórios internacionais segundo nível de instrução. Brasil, 2000-2010



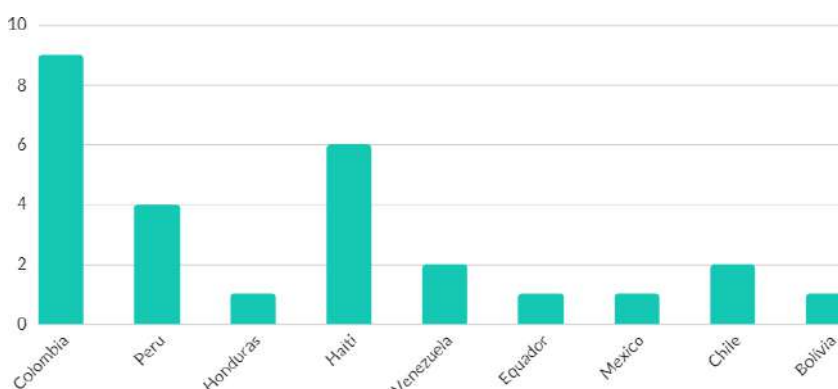
Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 2000 e 2010.

O número de imigrantes que vêm para o país em busca de qualificação vem crescendo majoritariamente. Os que vem com o ensino fundamental buscam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que cresceu cerca de 20% nos últimos cinco anos, segundo os dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). No entanto, os que possuem nível superior encontram dificuldades para revalidar os diplomas, por isso a maioria não trabalha exercendo o nível em que estão. Em 2014 havia 440 imigrantes haitianos com curso superior trabalhando com carteira assinada no Brasil. Desse total, apenas 3,4% exerciam funções que exigem diploma universitário.

No caso deste estudo, foi investigado o perfil dos estudantes estrangeiros que buscam a UFMT para realizar sua pós-graduação e frequentam os cursos de Português para Estrangeiros na UFMT. Para tanto, foi elaborado um questionário online, que consistia em, além dos dados como nome, contato, perguntas relativas ao país de origem, proficiência em línguas, além do português, disponibilidade para frequentar os cursos e opções de cursos. O questionário foi enviado a todos os estudantes estrangeiros que haviam migrado para o Brasil no início de 2018. Os trinta alunos matriculados responderam o questionário e são acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com exceção de três alunos da comunidade externa.

Pela análise dos resultados, pode-se perceber que a maioria dos estudantes é oriunda da Colômbia, conforme mostra o Gráfico 2:

Gráfico 2 – País de origem dos alunos do ISF: Português para estrangeiro



Os dados dos registros de migração são disponibilizados pela Polícia Federal e dizem respeito aos países de origem dos imigrantes. Quanto ao Censo Demográfico, sobre o nível de instrução dos imigrantes, é fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

É a partir desses dados que traçamos o perfil dos alunos que procuram o projeto de extensão ISF: PLE. Diante do exposto no Gráfico 1, percebemos que a nacionalidade dos alunos corresponde aos grupos de imigração no país. Há também uma correspondência pela busca de qualificação, em específico no nível acadêmico. Como dito anteriormente, 27 dos 30 alunos são acadêmicos da universidade.

Em termos de interesse pelos cursos ofertados pelo projeto, conforme mostra a Figura 1:

Tabela 2 - Interesse dos alunos por curso oferecido pelo programa

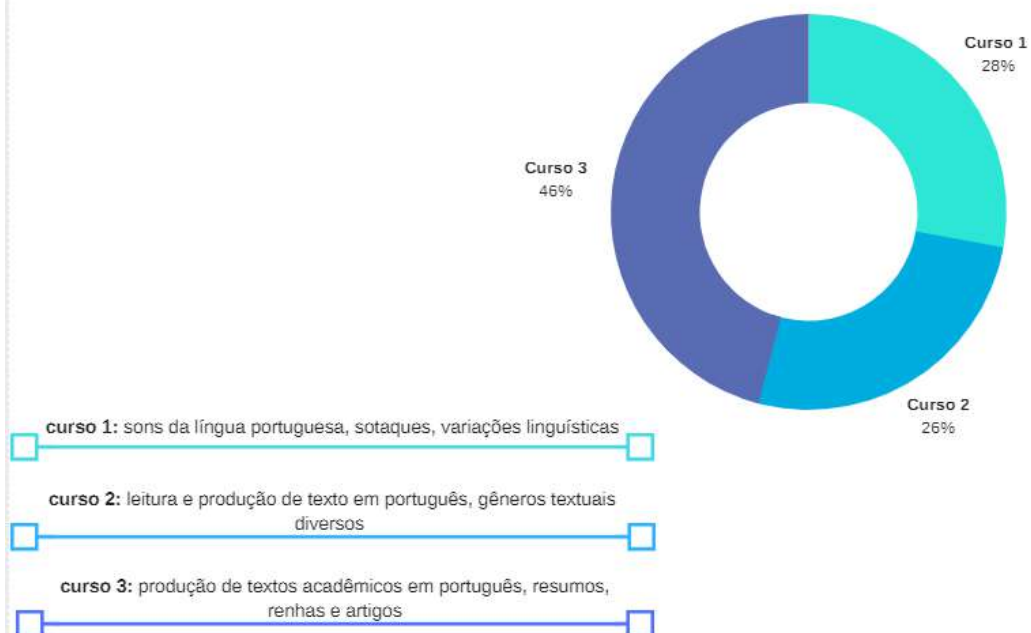


Tabela 2 - Interesse dos alunos por curso oferecido pelo programa

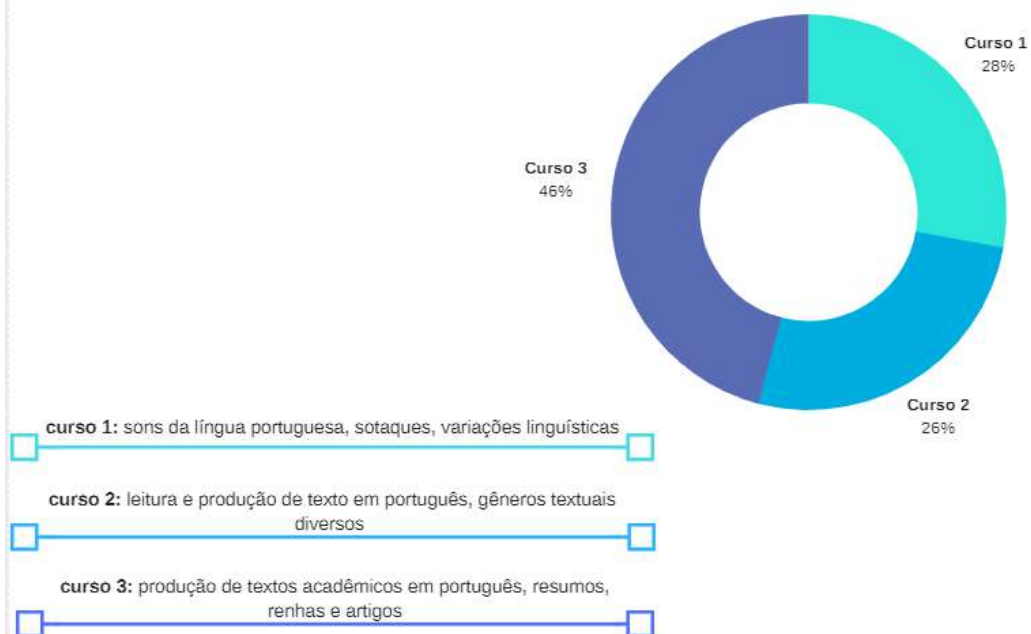


Figura 1 – Interesse dos alunos por curso oferecido pelo programa
 Fonte: Questionário de sondagem aplicado pelo projeto

A Figura 1 mostra que, dentre os três cursos ofertados pelo projeto, 46% se interessam pelo curso que se refere aos aperfeiçoamentos dos textos acadêmicos em português, como artigos, resenhas e resumos. Assim, ultrapassam-se as limitações da língua (considera-se aqui como gêneros orais) e amplia-se para níveis específicos dos gêneros textuais como os acadêmicos.

Em âmbito geral esse conjunto de evidências aponta para os efeitos positivos da migração para o país, seja para suprir deficiências de determinados perfis de qualificação, seja para enfrentar as crises mundiais acolhendo esses novos residentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados sobre alunos do projeto, o que pode traduzir-se como um reflexo da imigração no país, destaca-se a importância dessas políticas de integração para o desenvolvimento do país. O ensino da língua é uma das formas mais efetivas de incluir esses estrangeiros. Assim, o ensino da segunda língua é um investimento para melhor aplicabilidade da habilidade deste estrangeiro no país.

AGRADECIMENTOS

UFMT/PROCEV/CODEX

REFERÊNCIAS

BRITO, Fausto; DE CARVALHO, José Alberto M. *As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pela PNADs recentes*. Anais, p. 1-16, 2016.

BRASIL, M. E. C. Inep. *Índice de Imigrantes na Educação Brasileira*. São Paulo: Moderna, 2016.

CARVALHO, José Alberto Magno de; CAMPOS, Marden Barbosa de. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. *In: Estudos avançados*, v. 20, n. 57, p. 55-58, 2006.

DEMOGRÁFICO, IBGE Censo. Disponível em < [http://www. ibge. gov. br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

POLITEIA – PROJETO DE SIMULAÇÃO DO SISTEMA LEGISLATIVO BRASILEIRO

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Professora Graziela Dias Teixeira¹

Autoras: Luísa Amaral Córdoba²; Bruna Mateus Sousa³

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto Politeia, um projeto de extensão acadêmica do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. O Projeto tem como principal abordagem a simulação do processo legislativo brasileiro, simulando a atividade de apresentação e deliberação de projetos de lei na Câmara dos Deputados. Tem por objetivo trazer, de forma mais próxima e prática, conhecimento das atividades políticas do parlamento no Brasil. A simulação ocorre durante uma semana, na Câmara dos Deputados, através de uma parceria, e aborda cerca de 200 participantes, entre simulantes e organização. Durante os seus quinze anos de existência e as suas treze edições, o Projeto Politeia contribuiu sumamente com a função de educação política para estudantes de várias universidades do país. A cada ano, o número de participantes de outros estados brasileiros aumenta e consequentemente o alcance do projeto.

Palavras-chaves: simulação, legislativo, parlamento, política.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Politeia foi idealizado pelos estudantes do Instituto de Ciência Política da UnB (IPOL) como projeto de ensino, pesquisa e formação política, centrado na simulação das atividades da Câmara dos Deputados. A ideia nasceu do Programa de Ensino Tutorial (PET), em busca do aprendizado sobre política e processo legislativo para os alunos do curso. Após a criação de uma estrutura suficiente para se sustentar, a ideia tomou rumos próprios e passou a ser um projeto de extensão do Instituto.

Ao longo de sua trajetória o projeto passou a ser composto por estudantes de variados cursos da universidade, como Comunicação Social, Ciências Sociais, Direito, Economia e Gestão de Políticas Públicas. Os membros da organização,

¹ Professora Doutora Graziela Dias Teixeira, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília – grazy@unb.br

² Graduanda em Ciência Política Luísa Amaral Córdoba, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília.

³ Graduanda em Ciência Política Bruna Mateus Sousa, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília.

estudam e organizam a simulação para os estudantes que pretendem participar simulando como o papel de deputado.

A iniciativa tem como objetivo oferecer a seus participantes, conhecimento e vivência das atividades políticas do parlamento. Além disso, visa aprimorar a relação entre Estado e sociedade civil e proporcionar experiências práticas do processo político brasileiro. Temos como princípio ser um meio reconhecido de aprendizagem sobre Processo Legislativo e demais aspectos da política brasileira. Promover o conhecimento e a prática das atividades políticas, valorizando a comunicação entre Estado e Sociedade Civil e proporcionando experiência no Processo Legislativo e na Formação de Políticas Públicas.

2 DESENVOLVIMENTO

Durante o período de um ano, a organização do Projeto estuda as regras do processo legislativo e procura adaptá-las, com a maior fidelidade possível, ao espaço da simulação. Para isso, os estudos são divididos em duas etapas: no segundo semestre do ano é organizado o processo seletivo para entrada de novos membros e durante todo o semestre o foco dos encontros é o estudo do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD). Já no primeiro semestre do ano, os preparativos para a simulação se intensificam e os estudos passam a se concentrar no Regimento Interno do Politeia, que se trata de uma versão do RICD adaptada para as possibilidades da simulação de apenas uma semana.

Para que a simulação seja ainda mais fidedigna à realidade, foi firmada uma importante parceria com a Câmara dos Deputados, que permite a utilização de todos os espaços necessários para a realização da simulação dos trabalhos legislativos desta casa. A simulação do Projeto acontece durante uma semana no período de recesso parlamentar, e recebe, hoje, quase duzentos alunos de diversos cursos e de diversas partes do Brasil para terem a oportunidade de atuar diretamente na elaboração, tramitação e deliberação dos Projetos de Lei em Comissões e em Plenário – um processo fidedigno à realidade da Casa Legislativa. Esse método proporciona ao participante a oportunidade única de simular as principais decisões tomadas no país e também a possibilidade de compreender o funcionamento do Congresso Nacional e conhecer melhor a dinâmica das instituições.

Além da organização e realização da simulação, o Politeia também atua em outras frentes, promovendo Ciclos de Seminários, Workshops, Cursos de

Capacitação e eventos diversos com o objetivo de disseminar e tornar acessível o conhecimento sobre as principais questões políticas do país.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O Politeia, como um projeto de extensão acadêmica, tem a missão de proporcionar à comunidade universitária uma experiência que agregue, individual e coletivamente, na formação de todos os seus envolvidos – seja como simulante, seja como organização, seja como participante de palestras e workshops. Em 2018 completaram-se 15 anos de fundação do projeto, tendo tido 13 edições. Desde a primeira edição, com 20 participantes, o Projeto cresceu e especializou-se, a fim de proporcionar, cada vez mais, uma experiência mais enriquecedora.

Por isso, a edição deste ano contou com 170 simulantes, alocados em 7 comissões: CCJC - Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, CSSF - Comissão de Seguridade Social e Família, CDEICS - Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços, CE - Comissão de Educação, CSPCCO - Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, CCTCI - Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática, e CDHM - Comissão de Direitos Humanos e Minorias; e em 10 partidos: Movimento Democrático Brasileiro - MDB, Partido dos Trabalhadores - PT, Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB, Partido Progressista - PP, Partido da República - PR, Partido Social Democrático - PSD, Partido Socialista Brasileiro - PSB, Democratas - DEM, Partido Republicano Brasileiro - PRB, e Partido Democrático Trabalhista - PDT. Todos os cálculos são feitos mantendo a proporcionalidade dos números de cadeiras na Câmara no início de cada ano.

Acreditamos que o processo de simulação proporciona uma aplicação prática daquilo que aprendemos, ou queremos aprender, durante o processo acadêmico – em especial a graduação. Para simular, os participantes recebem treinamentos e instruções técnicas e práticas legislativas, como a produção de um parecer, de um Projeto de Lei, de regimento interno da Câmara dos Deputados. A possibilidade de se aplicar esse conhecimento, em âmbito prático, dinamiza o aprendizado, além de promover relacionamento social e produção de capital cultural durante a formação acadêmica.

Além disso, a própria organização do Projeto, que passa por um processo de treinamento e ensino do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, é dividida

em três principais coordenadorias (Acadêmica, Administrativa e Comunicação) e aprofunda conhecimentos na área de estudos legislativos, questões administrativas (que possibilitam a regência lógica de todo o Projeto) e comunicação, agregando experiências únicas

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Politeia, em seus 15 anos, cresceu muito e ainda tem muito a crescer - como projeto acadêmico, como projeto de extensão, como projeto de simulação e, principalmente, como projeto social. Tem como princípio instigar a conscientização e participação política e social, seja qual ela for, dos indivíduos. Acreditamos que o debate gera produção de conhecimento e, através da simulação, proporcionamos o debate entre estudantes de várias partes do país, na produção de conteúdos legislativos que acreditem ser de relevância para a sociedade.

Procura desenvolver em seus participantes a responsabilidade social que nos cabe enquanto cidadãos. A possibilidade de se estudar assuntos relevantes para a sociedade, assim como a promoção de debates e discussão, dentro de um cenário de real atuação parlamentar, são o que acreditamos de maior importância para o desenvolvimento do senso crítico e político de cidadãos. O engajamento na discussão política é importante para um país democrático como o Brasil. Busca, ainda, através de seus diversos âmbitos de atuação, agregar experiência e conhecimento na formação acadêmica e social.

5 AGRADECIMENTOS

O Projeto Politeia, em seus 15 anos de trajetória, chegou ao que é hoje - um projeto de abrangência nacional e internacional, com centenas de participantes - graças à participação de grandes atores.

Primeiramente, gostaríamos de agradecer à parceria com a Câmara dos Deputados, firmada desde 2010. É de enorme importância para o projeto a participação, de forma tão direta e clara, de um dos órgãos de maior relevância na constituição do Estado Brasileiro. A Câmara dos Deputados, como órgão do Poder Legislativo, e, principalmente, como órgão voltado para a participação da sociedade civil na política, agrega no que acreditamos como maior valor: o desenvolvimento do senso crítico, despertar da responsabilidade civil para com os problemas políticos nacionais e, principalmente, formação de cidadãos. Além da disponibilização do

espaço físico, nos é de extremo valor, os cursos e instruções dados para nossa preparação como organização, para que a experiência dos participantes durante a simulação seja a melhor possível.

Agradecemos também o Instituto de Ciência Política (IPol), em especial à Professora Graziela, pelo estimado apoio e suporte ao desenvolvimento do projeto. A universidade se torna um segundo lar durante a graduação, sendo cenário base da construção de todos os alicerces, quaisquer sejam, na formação acadêmica de um indivíduo. Todas as reuniões, horas de estudos e preparações feitas para a realização do projeto só foram possíveis com a disponibilidade, física e institucional, do Instituto.

À Universidade de Brasília, que acolhe e incentiva o desenvolvimento além das salas de aula, prezando pela formação social e cultural de um indivíduo. O incentivo e encorajamento de projetos de extensão, como o Politeia, proporcionado pelo ambiente universitário é único. As experiências, sejam elas boas ou ruins, agregam na formação do indivíduo como ser social.

Agradecemos também aos demais projetos parceiros, Strategos, Praxis, Veredicto, Advocatta, que, assim como o Politeia, acreditam na colaboração e formação de indivíduos. A troca de experiências é o que forma conhecimento, e a troca de conhecimento, cria e desenvolve projetos. A colaboração e parceria entre projetos cresce a agrega para todos.

Por último, o agradecimento, em especial, a todos os envolvidos – no presente, passado e futuro – no Projeto Politeia. O Politeia existe, hoje, por causa da participação e, principalmente, na fé depositada nele. Desde sua criação até hoje, o projeto só foi possível pela participação de cada um dos envolvidos – em qualquer modalidade. Aos coordenadores, à organização, aos simulantes, o nosso mais sincero obrigada.

PROJETANDO A PRÁTICA DOCENTE EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Área Temática: Educação

Coordenadora da ação: TREICHEL, Andriéli de Cássia F.S.¹

Autores: CARMO, Jéssica Gonçalves Paiva do²

MENDES, Carla Angélica²

MENDES, Elaine²

COIMBRA, Lidianne Paula²

NASCIMENTO, Venara Jordana Santos²

RESUMO: o texto a seguir trata-se de um relato de experiência do desenvolvimento do projeto de extensão intitulado *Projetando a prática docente em espaços não escolares*, o trabalho foi desenvolvido no segundo semestre de 2017, pelas acadêmicas do 6º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues – ISEAR/FAR. O projeto buscou identificar e problematizar a respeito da atuação de Pedagogos em espaços não escolares. Além disso, apresenta um trabalho de intervenção realizado a partir da observação e análise de demandas da Instituição social Associação de apoio a criança Joana d’ Angeles- AJA.

Palavras-chaves: Prática docente, espaços não escolares, intervenção

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta a experiência de extensão desenvolvida pelos acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues – ISEAR/FAR junto a Associação de apoio a criança Joana d’ Angeles- AJA, que se situa na Rua dos Buritis nº 248 Vila Serpró no município de Rio Verde- GO.

A AJA atua em parceria com a secretaria de assistência social prestando o serviço de convivência e fortalecimentos de vínculos. Desta forma as crianças que frequentam as dependências da AJA geralmente são pessoas em situação de

¹ Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais- Unochapecó; Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues- ISEAR/FAR. andrieli.pedagogia@faculdefar.com.br

² Acadêmicas do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Almeida Rodrigues- ISEAR/FAR.

vulnerabilidade social, vítimas de violência e/ou sofreram a negação de seus direitos sociais.

Destacamos que ao longo dos anos AJA também se mantém por meio de doações de pessoas físicas e jurídicas e nesse sentido, a história da instituição é cheia de avanços e retrocessos. Diante desse contexto, atualmente para que a crianças e jovens consigam uma vaga no AJA, é exigido pela instituição que a criança esteja cadastrada no NIS (Número de Inscrição Social). Estas crianças são encaminhadas para o AJA por vários lugares voltados a assistência social como o Conselho Tutelar, CAT (Casa de Abrigo Temporário), CREAS (Centro de Referência a Assistência Social). A instituição atende aproximadamente 180 crianças divididas em 2 turnos matutino e vespertino a faixa etária é 6 a 14 anos.

As crianças e jovens acolhidos na Aja frequentam esse espaço no contraturno escolar a esses são oferecidas refeições, apoio psicológico, atendimento médico e pedagógico por meio de projetos tais como: banda, coral, teatro, artesanatos, oficinas de leitura, oficinas de reforço escolar entre outras.

DESENVOLVIMENTO

Durante a observação realizada a campo, percebemos a ausência de educador (a) social para oportunizar ações que favoreçam as crianças o desenvolvimento do conhecimento lógico matemático. Diante dessa problemática o grupo de professores e acadêmicos optou pelo desenvolvimento de oficinas lúdicas direcionadas para a matemática. Essas oficinas são voltadas para grupos específicos de acordo com a faixa etária. Além disso, o projeto atende preferencialmente grupos de aproximadamente vinte crianças em intervalos de 50min cada. Portanto, todo o trabalho parte da ludicidade, despertando assim o interesse das crianças pela Matemática, que é historicamente identificada como disciplina difícil compreensão.

Ainda, percebemos a necessidade de desenvolver oficinas voltadas para a Matemática, pois esse trabalho foi suspenso na instituição devido à falta de profissionais que até então, eram cedidos pela Secretária de Educação de Rio Verde – GO.

Aprendendo Matemática: A arte de aprender brincando

Desde os primórdios os conhecimentos matemáticos tornaram-se essenciais para o desenvolvimento da humanidade e norteando o seu desenvolvimento tecnológico e transformando-se base para grandes descobertas.

Desta forma, compete ao educador, trabalhar atividades de matemática de forma dinâmica, inserida na realidade da criança, usando atividades que envolvam a realidade da criança e não há forma melhor do que aprender brincando e descomplicando a Matemática.

Para tal ação o educador deve trabalhar de maneira lúdica e contextualizada, respeitando a idade, o desenvolvimento físico, psíquico e a capacidade cognitiva de seu aluno, utilizando como ferramenta, o conhecimento prévio da criança, adquirido no seu meio social para direcionar sua prática pedagógica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

No desenvolvimento do projeto foram oferecidas cinco oficinas temáticas com o propósito de promover o ensino e aprendizagem de Matemática, respeitando a faixa etária de cada turma foram desenvolvidos brincadeiras e jogos nos quais as crianças teriam que usar as habilidades, estratégias, raciocínio lógico e calcular algumas operações propostas para vencer o jogo ou a brincadeira. As oficinas priorizam a ludicidade, e dessa maneira percebemos que os objetivos foram alcançados ao constatar a alegria, a satisfação e a notória aprendizagem das crianças que participaram das oficinas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa proposta identificamos a necessidade da atuação de profissionais pedagogos em espaços não escolares. Entende-se que esses profissionais são capazes de identificar potencialidades a serem desenvolvidas nos diferentes espaços sociais. Nesse caso específico o projeto realizado oportunizou

aos acadêmicos a aproximação com instituições sociais que promovem a educação não formal. Além disso, nessa vivência foi possível identificar formas de intervenção com o propósito de auxiliar nas demandas da instituição afim de contribuir com o atendimento humanizado e integral de crianças e jovens.

Ainda, identificamos por meio de relatos e registros que a proposta do trabalho com a Matemática de forma lúdica favoreceu o desenvolvimento de habilidades e competências correspondentes a faixa etária e período escolar da capacidade de aprender por meio das brincadeiras

REFERÊNCIAS

- A. S. Nascimento; F. T. Fernandes M. J. Ferreira R. A. Paiva R. R. de Lisboa R. S. Maciel S. L. Muneron. **A atuação do pedagogo em espaços não escolares:** desafios e possibilidades. *Pedagogia em Ação*, v. 2, n. 1, p. 1-103, fev./jun. 2010 – Semestral
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos:** etapas, papéis e atores. São Paulo: Érica, 2005.
- PRADO. Maria Elisabette Brisola Brito **Pedagogia de projetos:** Gestão escolar e tecnologias. Formação de gestores escolar para uso de tecnologias da informação e comunicação. 2015

PROJETO DE EXTENSÃO BATARU: UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DO SIRIRI NA UFMT

Área Temática: Educação

Coordenadora do projeto de Extensão: Beleni Saléte Grando¹

Autores: Cristhian Vergílio Miranda da Silva²; Neide da Silva Campos³

RESUMO: Relataremos as vivências dos(as) discentes com o Siriri, uma dança da cultura popular mato-grossense, por meio Projeto de Extensão Bataru – identidade e cultura popular. O projeto surge a partir da compreensão que havia pouca presença do conteúdo dança na formação dos futuros professores de Educação Física. Além das oficinas, foram realizadas apresentações culturais, bem como participação em um curso de formação continuada. As oficinas de siriri foram realizadas duas vezes por semana, e através das práticas os (as) integrantes puderam vivenciar diversas manifestações da interculturalidade, bem como, a expressão, a recreação e o espetáculo que são funções fundamentais de uma dança. Os futuros professores e professoras poderão contribuir para a inserção do Siriri na escola. Por meio do projeto os(as) participantes reconheceram-se como pertencentes as culturas regionais o que é relevante na constituição de suas identidades coletivas e individuais.

Palavras-chave: Dança, Cultura, Formação, Interculturalidade.

1 INTRODUÇÃO

O escrito é um relato de experiência das aulas práticas de siriri ofertadas pelo projeto de Extensão Bataru – Identidade e Cultura Popular, que visa atender a uma demanda de interesses de pesquisa e ensino da dança tradicional mato-grossense, primeiramente de professores e acadêmicos da Faculdade de Educação Física, uma vez que há neste espaço de trocas de saberes e experiências, tanto o Grupo de Pesquisa COEDUC⁴ (Corpo Educação e Cultura) que há mais de dez anos estuda as culturas populares, como também, acadêmicos que são vinculados a Associação Cultural Flor Ribeirinha.

¹Professora da UFMT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Coordenadora do projeto de extensão “Bataru – Identidade e Cultura Popular”

²Acadêmico do curso de Educação Física – UFMT. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT.

³Doutoranda em Educação pela UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Professora da Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso (SEDUC-MT).

⁴O grupo COEDUC nasce com objetivo de compreender as diferentes maneiras de ser e identificar-se em espaços de socialização e educação e construir referenciais para práticas pedagógicas inclusivas e interculturais que valorizam as diferenças (<https://www.coeducufmt.org>).

O Bataru tem seu embrião nas iniciativas de um grupo de alunos e alunas da Faculdade de Educação Física que viram a necessidade de promover a cultura mato-grossense, tendo em vista que durante sua graduação ocorre uma ausência das culturas regionais. Assim, surge o evento “Festejando Cuiabá e suas Tradições”, que além de ser uma atividade avaliativa da matéria Educação Física e Ludicidade, visava à promoção da cultura popular cuiabana através das danças (siriri e rasqueado), encenações e culinária, o acontecimento foi realizada por esses graduandos juntamente com o apoio da Associação Cultural Flor Ribeirinha.

Tendo em vista o sucesso do evento, era preciso consolidar e ampliar as práticas corporais vivenciadas pelos(as) discentes, em especial as danças, apesar da sua multiplicidade de ritmo musical e movimento, destaca que somente a uma disciplina é dedicada a essas práticas corporais na grade curricular da faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso. Diversidade que encontramos nas práticas corporais da cultura de movimento em Mato Grosso, por meio das danças populares: rasqueado, cururu, siriri, chorado, mascarado, congo.

A nova Base Nacional Comum Curricular coloca a dança como uma das manifestações culturais que deve ser trabalhada na Educação Física escolar (Brasil, 2017). Mas nada garante que os professores e as professoras, por falta de experiência, não consigam a inserção da unidade temática em suas aulas, tendo em vista essa demanda, o Bataru cria espaços de aprendizagens da cultura cuiabana a partir da vivência de danças populares no campus universitário de Cuiabá, contribuindo para a formação de professores(as) dando ferramentas que irão permitir que os(as) discentes possam no futuro inserirem a dança na Educação Física escolar.

As aulas de siriri ofertadas pelo projeto foram realizadas nos períodos de outubro e dezembro de 2017 e ainda continua no período de 2018, com as práticas realizadas no ginásio de ginástica da faculdade de Educação Física, ministradas pelos acadêmicos, e também coreógrafos e bailarinos do grupo de dança Flor Ribeirinha Avinner e Jeferson. Assim, duas vezes por semana cerca de 20 componentes entre os coreógrafos e os discentes, na sua maioria das faculdades de Educação Física e do curso de História se reúnem para conhecer, valorizar e para dançar siriri, cuja dança é uma expressão da cultura e identidade mato-grossense e cuiabana.

2 CONHECENDO O PROJETO

No contexto acadêmico, a extensão se constitui como um ambiente propício a “experimentação”, o “desenvolvimento”, “aprimoramento” e a “construção”, de um conhecimento tido por Fleuri (2017) como saberes da vida, que para o autor nasce da convergência do conhecimento popular com o conhecimento científico. Nesse sentido, buscamos articular e dialogar a partir do diálogo de saberes de diferentes sujeitos uma perspectiva de Educação Intercultural.

O Siriri é uma dança que exprime a cultura e identidade do ser Mato-Grossense. A mesma está presente nas manifestações da cultura local, principalmente nas festas de santo da cidade e região, onde ao som do ganzá, da viola de cocho e do mocho, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos dançam e expressam maneiras próprias de ser e estar no mundo (GRANDO, 2002).

Nas aulas ministradas pelo projeto era visível a presença do conhecimento científico em diálogo com outros saberes, observados no ritmo, na sequência de movimentos, no cuidado com o preparo físico. Os coreógrafos Avinner e Jeferson, ao trazerem todo um conhecimento histórico e cultura por trás de até mesmo um simples gesto, demonstravam aos graduandos(as) participantes do projeto que não estavam simplesmente seguindo um movimento, e sim vivenciando o Siriri como manifestação da cultura popular mato-grossense.

Assim, os(as) graduando(as) reconheceram os significados por trás de suas produções culturais trazendo o Siriri mais próximo dos(as) participantes, já que os movimentos é um reflexo do cotidiano da vida ribeirinha de Cuiabá. Essa dança está intimamente ligada com três veias culturais da formação da cidade, a indígena em especial ao povo Bororo, a africana através daqueles que aqui chegaram se tornaram escravos e as dos colonizadores, os europeus portugueses.

Três etnias que se encontram nos passos marcados que relembram os rituais indígenas. Na batida do mocho que soa tão quanto os batuques africanos e na viola de cocho nítidas heranças dos instrumentos de cordas europeias, fazem que os participantes do projeto tenham o conhecimento sobre a interculturalidade que se faz presente na diversidade de saberes ao vivenciar o siriri nas aulas práticas.

Não somente do cotidiano do pescar, do preparo das comidas tradicionais, das festas de santos, como também, o olhar ribeirinho para o seu ambiente se faz presente nos movimentos do Siriri, temos assim a fauna e a flora do cerrado mato-

grossense como palco das manifestações culturais da população ribeirinha, fazendo do Siriri uma expressão de uma comunidade.

Dos principais movimentos ensinados destacamos o “passo de índio”, conhecido assim pela marcação do pé direito muito parecido com os passos de certos rituais indígenas, esses passos é base para movimentos mais complexo, principalmente no deslocamento com suas variações na diagonal, para frente e para trás, girando e na vertical.

Passos que relembram o movimento do rio, o planar de um gavião, o ato de remar e preparar tanto comidas e artesanatos, movimentos que fazem alusão as festas tradicionais de santos, torna a vivencia promovida pelo projeto um verdadeiro aprendizado da cultura ribeirinha, já que na dança e na música os(as) graduandos(as) tem o conhecimento das demais manifestações culturais da comunidade ribeirinha como o trabalho com a cerâmicas, o pescar, entre outras que fazem do siriri um encontro e promotor dessas manifestações.

Toda dança, não importa qual a estética que lhe é inerente, surge da profundidade do ser humano, ou, como Robinson nomeou, surge da “magia” e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo)” (ROBISON, 1978 apud STRAZZACAPPA, p. 72, 2001).

Robinson (1978) coloca a “expressão” como a motivação mais significativa de uma dança (apud STRAZZACAPPA, 2001), o projeto também proporcionou essas três motivações, não só a expressão através dos significados integrados a dança, como também na recreação, através das práticas se pode observar essa motivação nos sorrisos, em momentos de descontração, no suor em conjunto, na interação entre os graduandos, nas horas de relaxamento depois de uma coreografia puxada, promovendo nas aulas práticas momentos de distração e relaxamento físico e mental.

E a motivação em relação aos espetáculos fica a cargo das apresentações em conjunto com artistas da Flor Ribeirinha, que levou aos participantes a ensaios puxados, coreografias marcadas, o uso de figurinos, nos repasses das sequências coreográficas com os cantores, que tanto provocou nos graduandos momentos de estresse, como também, aquele alívio de dever cumprido a cada término de uma apresentação.

3 RESULTADOS

Os encontros semanalmente para a vivência da história e prática da dança, oportunizou a constituição do grupo de siriri Bataru. Entre os frutos colhidos pelos projetos se destaca a participação no curso “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano”, focado na formação continuada de professoras e professores na rede pública de educação de Cuiabá, o evento ocorreu entre setembro a novembro com oficinas para que os(as) docentes, em especial os de Educação Física e Arte, possam inserir a cultura Indígena e Afro brasileira em suas práticas através da dança e no qual os bolsistas ministrantes do projeto Bataru, ofertaram a oficina dançando siriri.

Avinner Augusto Albino, coreógrafo do Grupo Flor Ribeirinha, destaca sobre a oficina de formação de professores, que esta: “é na verdade uma vivência das práticas do siriri para que esses profissionais possam esse conteúdo de uma forma bem eficaz na escola, onde os alunos, as crianças, os adolescentes possam vivenciar realmente a cultura cuiabana e identificar a importância dessa identidade cultural do povo cuiabano”⁵ (FLOR RIBEIRINHA, 2017)

De acordo com Jeferson “O Coeduc e a Universidade Federal de Mato Grosso oferecem essas práticas justamente para que os professores tenham mais uma opção dentro do seu diálogo pedagógico junto com os alunos”⁶ (FLOR RIBEIRINHA, 2017)

É também de relevância, salientar as apresentações que o grupo realizou no anfiteatro do campus Cuiabá em eventos renomados, o primeiro foi o V Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro-Oeste, II Congresso Internacional de Educação Física do Centro-Oeste e I Simpósio Internacional de Pedagogia do Esporte do Centro-Oeste⁷.

Outra apresentação foi realizada diante de mais 100 representantes de 31 países, a X Assembleia Geral e o IX Seminário Internacional do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras⁸ que tinha nessa edição o tema Internacionalização da Educação Superior no Contexto de Mudanças Políticas e Econômicas Mundiais,

⁵ Entrevista com Avinner Augusto Albino, coreógrafo que ministra a Oficina de capacitação “Dançando Siriri”, com o principal objetivo de disseminar o conhecimento sobre esta tradição cuiabana na escola.

⁶ Entrevista realizada na Oficina de capacitação “Dançando Siriri”, este projeto é resultado da parceria entre o grupo de Pesquisa COEDUC - UFMT e a Secretaria Municipal de Educação.

⁷ Dados em relação ao evento disponível em: <http://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/?l=congressoof>

⁸ Dados do evento disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/site/noticia/visualizar/36842/Cuiaba>

evento que aconteceu entre 23 e 27 de outubro, a apresentação ocorreu como abertura do último dia do evento, em substituição ao grupo Flor Ribeirinha.

A última apresentação do grupo foi realizada na reabertura do Museu do Rio Cuiabá Hid Alfred Scaff. O evento municipal faz parte da comemoração dos 300 anos de Cuiabá, contando com a participação de diversos projetos que promovem a cultura cuiabana, da pintura, dança, canto e outras manifestações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o projeto Baturu contribuiu para a formação dos futuros professores de Educação Física, bem como de outras áreas de conhecimentos que ao vivenciarem as práticas da cultura local, possam, assim, ter um olhar mais sensível para as manifestações das culturas locais. Reconhecer que a identidade Cuiabana também está presente na dança e a valorização destas nos contextos escolares contribui para o fortalecimento da dimensão histórico-social e cultural específicos de cada contexto e que demarcam as corporeidades.

As apresentações em eventos ajudaram na promoção e na valorização, não somente do grupo, como da cultura popular mato-grossense através do siriri. As participações dos integrantes em eventos permitem um conhecimento para a vida, pois é nessas realizações que a troca de saberes com os integrantes do Flor Ribeirinha. O projeto, portanto, permite que os(as) discentes experimentar, desenvolver e aprimorar saberes da cultura de suas regiões o que é tão importante na construção de suas identidades.

Trazer a dança siriri para o palco da universidade possibilitou reconhecer, e conhecer a dimensão ontológica quando dançamos o siriri, pois nos passos, na coreografia, na musicalidade, nas cores, circunscrevem uma história, uma memória, um sentimento de pertencimento étnico-cultural necessários a constituição de identidades coletivas e individuais e que precisam ser valorizadas na escola.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018
FLEURI, R. M. **Educação intercultural e movimentos sociais**: trajetória de pesquisas da rede mover. João Pessoa: CCTA, 2017.
FLOR RIBEIRINHA. Siriri, Educação e Cultura! 2017. (07m16s). Disponível em <<https://www.facebook.com/florribeirinhaflorribeirinha/videos/1549070571840565/>>. Acessado em: 09 ago. 2018.

GRANDO, B. S. (Org). **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos**: a dança na escola. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 53, abril/2001.

PROJETO DE EXTENSÃO CRIANÇA ATIVA: AÇÕES INTERDISCIPLINARES

Área Temática: Educação

Ângela Cristina do Rego Catoni¹

André da Silva Dias²

Cláudia Diniz de Moraes³

Zuleika da Silva Gonçalves⁴

RESUMO: A extensão é uma das colunas fundamentais da universidade, ao lado do ensino e da pesquisa, sendo corresponsável no cumprimento da responsabilidade social das Instituições de Ensino Superior. Neste sentido, o projeto de extensão “Criança Ativa” é um projeto de extensão interdisciplinar formado por professores e acadêmicos da UCDB pertencentes aos cursos: Educação Física, Letras, Pedagogia e Enfermagem. Este trabalho tem por objetivo descrever e refletir sobre as ações interdisciplinares vivenciadas no projeto de extensão Criança Ativa, realizado dentro das dependências da universidade. Este artigo trata-se de revisão de literatura atrelada a descrição do Projeto Criança Ativa, em funcionamento há mais de 15 anos. O projeto atende crianças de seis a quatorze anos de idade, que residam próximo a Instituição e filhos de colaboradores. O atendimento é realizado por meio de atividades esportivas e de leitura de caráter educacional e recreativo. Prima-se pela participação e coeducação no ensino dos esportes sendo enfatizada a conscientização para prática solidária. A metodologia utilizada é a de pequenos e grandes jogos. Os acadêmicos de Educação Física, Letras e Pedagogia que atuam no projeto participam como monitores e são orientados por professores extensionistas. Os resultados alcançados sinalizaram para o envolvimento dos professores, acadêmicos e participantes nas atividades, vivências de diálogos entre a teoria e a prática, no qual foi propiciada pelas ações desenvolvidas no decorrer do projeto que contribui para aproximar profissionais envolvidos na educação.

Palavras-Chave: extensão universitária, projeto Criança Ativa, interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Criança Ativa, têm como finalidade principal

¹ Mestre em Educação, Professora no curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

² Especialista em Fisiologia do exercício. Professor no curso de Educação Física da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

³ Mestre em Educação, professora no curso de Educação Física e Pedagogia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

⁴ Assistente Social da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

atender a comunidade em situação de vulnerabilidade social, incentivando a prática de esportes, os cuidados com a saúde, o interesse pela leitura, a inclusão social, entre outros. Este projeto é direcionado a crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, diz que *“considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade”* (BRASIL, 2000).

Visando atender cem crianças e adolescentes mensalmente, o projeto Criança Ativa é executado no ginásio de esportes da Universidade Católica Dom Bosco⁵, e tende a ocupar o tempo livre das crianças no contraturno escolar com atividades interdisciplinares diversas. Para o desenvolvimento das atividades ocorre o agrupamento de crianças de acordo com a idade.

De acordo com Carvalho (1996, p. 31) que ressalta *“o desenvolvimento da criança exige um ambiente seguro e desafiador que a atraia para a ação e exige também pessoas que a apoiem e estimulem a ir superando cada etapa do processo”*.

Este trabalho tem por objetivo descrever e refletir sobre as ações interdisciplinares vivenciadas no projeto de extensão Criança Ativa, realizado dentro das dependências da universidade.

Ao consultarmos a literatura, notamos que em diferentes áreas de saberes, ocorre a utilização do termo “interdisciplinaridade” e que não possui um significado único. Os conceitos e definições são variados, entretanto, não são claros e nem tão pouco precisos. Em concordância com o que afirmam Berardinelli e Santos (2005, p. 420), o prefixo inter, dentre várias conotações que podemos lhe atribuir, tem o significado de “troca”, “reciprocidade” e o radical disciplin, de “ensino”, “instrução”, “ciência”. Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como “um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências - ou melhor, de áreas do conhecimento”.

Portanto, privilegiando o diálogo nas tomadas de decisões entre todos os atores sociais envolvidos professores e acadêmicos objetivamos a produção de conhecimento científico, cujo o qual acreditamos ser de grande valor durante o processo de formação acadêmica contribuindo para o dinamismo na elaboração das práticas de ensino.

⁵ O Projeto de Iniciação Esportiva é desenvolvido as segundas, quartas e sextas-feiras, das 07h30 às 11h e das 13h30 às 16h30.

O PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CRIANÇA ATIVA

O Projeto Criança Ativa em funcionamento há mais de 15 anos, sofreu algumas alterações no decorrer dos anos, inicialmente em homenagem à primeira turma de Educação Física, recebeu o nome de Projeto 2000, com o aumento da participação de crianças e adolescentes no projeto, e visto que o projeto tinha o foco para a iniciação esportiva, o projeto então passou a se chamar: Projeto de Iniciação Esportiva Comunitária tornando-se parte da história do Curso de Educação Física da Universidade Católica Dom Bosco, pois sendo pioneiro proporcionou a participação de acadêmicos de várias turmas. Atualmente possui o nome do Projeto de Extensão Criança Ativa.

Por proporcionar atendimento de caráter educacional interdisciplinar, no qual são inseridos os conteúdos relacionados à área da Educação Física que abrange a prática a iniciação esportiva, danças, ginásticas e recreação, e a área de Letras e Pedagogia com a elaboração de atividades voltadas para o incentivo à leitura e produção de texto vinculado as disciplinas, Linguagens e Tecnologias e Teoria Literária II. O incentivo à leitura e escrita no projeto realiza como alguns de seus objetivos o auxílio na aprendizagem e aperfeiçoamento na comunicação tanto verbal quanto na forma de ler e interpretar. Já o ensino das modalidades esportivas como ginástica artística, judô, futsal e natação são realizados dentro da perspectiva de formação com ênfase recreativa. Sendo assim, o grande desafio é de se planejar e executar ações socioeducativas de maneira interdisciplinar.

As ações socioeducativas desenvolvidas por meio do projeto de extensão contam com a comunidade discente na execução de ações que oportunizam a ampliação de articulações/diálogos e permitem a formação de uma consciência socialmente responsável, capaz de enfrentar a complexidade da vida social no mundo atual.

Essas ações, além de despertarem o interesse de crianças e adolescentes, aqui ressaltados por constituírem o público-alvo do projeto em análise, contribuem significativamente com seu aprendizado, com a inclusão social e com a formação de uma consciência cidadã.

Como exemplo de benefícios revertidos aos familiares dos participantes do projeto Criança Ativa, pode ser observado quando temos contato com as famílias ao relatarem que seus filhos estão com maior vínculo familiar, tem mais diálogos

dentro de casa e seu comportamento escolar melhorou, observamos assim que as atividades vivenciadas de maneira interdisciplinar (promovendo o diálogo entre as áreas de conhecimento) tem sua função transformadora ao integrar o indivíduo a disciplina, o trabalho em equipe, a compreensão de regras e a convivência comunitária respeitando as diferenças que se estabelecem.

METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas no Projeto Criança Ativa, são norteadas conforme os objetivos da extensão universitária da Universidade Católica Dom Bosco e segundo os princípios da interdisciplinaridade abordada por Fazenda (2003), no qual a ênfase é dada a promoção da ação do diálogo entre as áreas de conhecimento.

Desta forma, salientamos a utilização de metodologias pedagógicas que atendam também os anseios e necessidades da comunidade, por meio de ações junto às crianças e adolescentes, com o olhar atento ao desenvolvimento integral, (aspectos físicos, cognitivos, sociais e afetivos).

O projeto é fundamentado na pedagogia da inclusão e em concordância com a proposta de Freire (2006), para uma educação conscientizadora e crítica tem como ponto de partida o amor ao que se faz, para tanto é necessário que os professores e acadêmicos, tenham afeição ao ato de ensinar, logo que quem ensina também aprende e neste processo ocorre uma troca mútua de aprendizagens.

No cotidiano de seu trabalho, o projeto de extensão Criança Ativa, dentro de uma proposta de atuação interdisciplinar, desenvolveu debates, atividades e produções de projeto que efetivassem práticas interdisciplinares, como o projeto “pipa”, no qual além de simplesmente confeccionarem as pipas, foram oferecidos um laboratório no qual crianças e adolescentes conheceram a história e técnicas no momento da confecção. Outro projeto interdisciplinar desenvolvido foi sobre o “bullying”, no qual, crianças participaram ativamente de discussões e problematizaram situações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ações interdisciplinares foram dispostas de maneira que todos os

envolvidos (acadêmicos e professores) tivessem participações ativas e efetivas com os participantes do projeto, sendo oferecido suporte e atenção na elaboração das atividades das ações, sendo realizadas dinâmicas, formações e capacitações, além do estímulo do trabalho em grupo de maneira coletiva, desta forma como resultado apresentamos:

- Confecção de um material didático pedagógico interdisciplinar, fruto de ações realizadas no projeto;
- Seminários de capacitação sobre ações interdisciplinares;
- Oficinas preparadas pelos acadêmicos para crianças e adolescentes;
- Acompanhamento e ações voltadas a saúde;

As aprendizagens adquiridas no projeto de extensão iniciam na contextualização dos objetivos e nas ações a serem realizadas para comunidade interna e externa a universidade. Podemos afirmar que projeto contribui na formação integral da pessoa humana, pois tanto o acadêmico como o professor se deparam com situações onde podem refletir sobre suas condutas, seu comportamento em relação ao contexto social aos quais estão vivenciando.

Desta forma, a extensão universitária contribui na formação dos acadêmicos proporcionando a qualificação profissional, pois atuar de maneira interdisciplinar ainda é um grande desafio em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão possuiu acadêmicos que foram crianças participantes do mesmo em anos anteriores, além de, mães e pais que hoje levam seus filhos mas que também já participaram quando criança no projeto, assim entendemos que estamos em uma construção social no qual olhamos para este projeto como um centro no processo de transformação e o acadêmico, professor e a própria Universidade como aquele que veicula essa interação/transformação.

De maneira geral, o Projeto de Extensão Criança Ativa, contribui com o processo educativo, cultural e científico da demanda atendida, viabilizando a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A comunidade acadêmica tem a oportunidade de vivenciar a realidade da sociedade e com isto adquirir um

aprendizado interdisciplinar que será incorporado ao seu conhecimento, o que significa estabelecer a troca de saberes sistematizados (acadêmico e popular), que terá como consequência a produção de conhecimento, resultante do confronto com a realidade da comunidade atendida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Sobre o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Art. 207 da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 25 maio. 2018.

BERARDINELLI, L.M.M.; SANTOS, M.L.S.C. **Repensando a interdisciplinaridade e o ensino de enfermagem**. Texto Contexto Enferm., v.14, n.3, p.419-26, 2005.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Brasil criança cidadã**: subsídios para programas de proteção integral a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos no campo da Assistência Social – São Paulo: IEE / PUC-SP. Brasília: Secretaria de Assistência Social, 1996.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PROJETO PARTICIPATIVO PARA O ESPAÇO LIVRE PÚBLICO NO ASSENTAMENTO INFORMAL GETÚLIO VARGAS

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Andrea de Figueiredo Arruda Canavarros¹

Autor: Cristina Marafon²

RESUMO: O presente trabalho apresenta o projeto urbanístico e paisagístico do espaço livre público do assentamento informal Getúlio Vargas, localizado na área pública institucional do loteamento Residencial Coxipó I e II, região sul do município de Cuiabá. O projeto, desde o princípio, assumiu como proposta metodológica a prática participativa por entender que o respeito ao uso e apropriação do lugar e do seu entorno são fundamentais para o seu êxito. A participação da comunidade se deu na etapa de diagnóstico e construção coletiva de demandas para elaboração do projeto, por meio de observações em campo, entrevistas com os moradores, reuniões com as lideranças do bairro e, sobretudo, por meio de oficinas periódicas com as crianças que participam dos projetos sociais do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Dante Martins de Oliveira.

Palavras-chave: projeto participativo, espaço livre público, Getúlio Vargas, CuiabáMT.

1 INTRODUÇÃO

A construção do espaço público é resultado da ação dos diversos agentes, sendo, portanto, coletiva. No entanto, o planejamento e projeto desses espaços são desenvolvidos por uma parcela muito pequena e privilegiada da população, resultando, muitas vezes, em ações que não condizem com as suas reais demandas. A partir dessa preocupação, este trabalho teve por objetivo elaborar um projeto urbanístico e paisagístico, assumindo como proposta metodológica a prática participativa. A área escolhida para o desenvolvimento do trabalho foi o espaço livre do assentamento informal Getúlio Vargas, localizado no bairro Residencial Coxipó I e II, região sul do município de Cuiabá.

O Projeto se integra às ações do Programa de Extensão do Núcleo de Estudos em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (NEAU), do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Mato Grosso. A

¹ Professora Doutora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso, afarruda@gmail.com

² Graduada, Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, cristinamarafon@gmail.com

escolha dessa área se deu devido à aproximação do Núcleo com o Presidente de Bairro, que demandou, por meio do Conselho Comunitário de Segurança Pública do Residencial Coxipó e Região, um projeto em área pública para práticas de lazer e esportiva, voltado para a comunidade local. Essa demanda coincidiu com o ingresso da autora no NEAU e com o início do seu Trabalho Final de Graduação (TFG)³, que procurava explorar, na prática, ações participativas de projeto de espaço livre público.

A inserção do usuário e das famílias residentes nesse processo se mostrou fundamental, especialmente porque o espaço livre do Getúlio Vargas é resultante das “sobras” dos espaços edificados, que vem se consolidando via autoconstrução desde a década de 1980. A característica de ocupação da área resulta em uma série de especificidades que devem essencialmente ser levadas em consideração durante a elaboração de plano ou projeto do espaço como um todo.

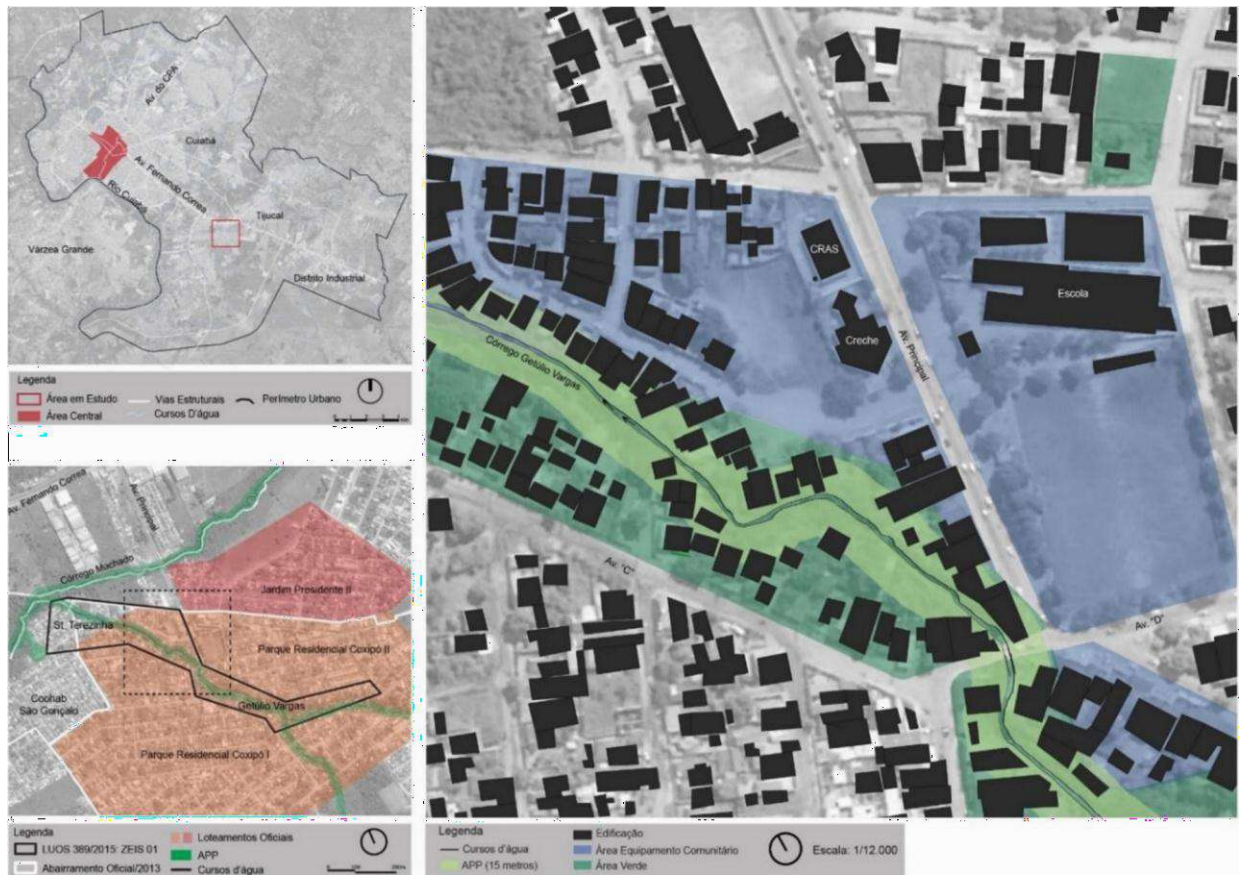
O trabalho, então, se coloca à frente de alguns desafios: (1) intervenção em uma área passível de plano/projeto de regularização fundiária, devendo se ater as especificidades da consolidação dos seus espaços livres e edificados, incidindo inclusive nas ocupações em Área de Preservação Permanente (APP); (2) atuação entre os espaços livres que se constituem pelas “sobras” do edificado que vem se consolidando via autoconstrução, fato que requer adoção de parâmetros flexíveis no projetos urbanísticos e ambientais; (3) opção metodológica do processo participativo justamente por entender que o respeito ao uso e apropriação do lugar e do seu entorno são fundamentais para o êxito da proposta. Neste artigo será abordada especialmente a opção metodológica do projeto (3), um vez que se aproxima do universo da extensão, respondendo às demandas reais existentes na sociedade e posicionando o papel da universidade em prover respostas.

2 DESENVOLVIMENTO

O assentamento Getúlio Vargas teve início na segunda metade da década de 1980 e é resultante da ocupação informal das áreas destinadas para área verde e equipamentos comunitários dos loteamentos Residencial Coxipó I e II, além da ocupação da APP do Córrego Getúlio Vargas (Figura 1).

³ Ver a respeito: MARAFON, Cristina. “EU FAÇO, EU ENTENDO: a construção coletiva do espaço público no assentamento Getúlio Vargas”.

Figura 01 – Localização da área do projeto



Fonte: Autoria Própria, 2017.

Por se tratar de uma demanda de projeto para práticas de lazer e esportiva e, considerando que o entorno se caracteriza por uso predominantemente residencial, contando com três instituições sociais e de ensino, a premissa metodológica adotou o envolvimento da comunidade escolar na realização do projeto, passando a se caracterizar então como um projeto participativo do espaço livre do Getúlio Vargas.

As ações se estruturaram a partir de encontros e reuniões com lideranças locais, oficinas com a comunidade escolar, periodicamente estruturadas em encontros semanais ao longo de 2 meses, entrevistas pontuais e estruturadas junto a conversas informais com os moradores residentes do entorno. Foram ainda realizadas diversas atividades de observação e análise em campo⁴.

⁴ Cabe destacar que todas as ações foram possíveis porque estavam vinculadas ao Programa, contando com o apoio de estudantes na realização das oficinas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A metodologia do projeto participativo no campo disciplinar do planejamento da paisagem ou do paisagismo vem sendo desenvolvida desde 1960, com uma produção acentuada a partir da década de 1990. Os trabalhos desenvolvidos se destacam devido a parceria com a comunidade escolar, estando ainda inseridos em programa dos cursos de arquitetura e urbanismo, trazendo dessa forma benefício tanto para o currículo das escolas quanto das faculdades (GONÇALVES, 2005).

Com base nos projetos descritos por Pronsato (2005) e Boucinhas (2005), esse trabalho também procurou focar na comunidade escolar, realizando uma conversa inicial com lideranças da área e das instituições da região a fim de estabelecer parcerias. A partir dessa conversa e das opções encontradas, optou-se por centralizar as ações de longo alcance junto ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Dante Martins de Oliveira. O CRAS trabalha com dois programas para crianças e adolescentes: o Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (SCFV) e o Siminina, ambos voltados para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, sendo que o primeiro atende ambos os gêneros e o Siminina, apenas crianças e adolescentes do gênero feminino.

A rotina das crianças inclui atividades mais lúdicas, com jogos, palestras, aulas de dança, atividades voltadas a datas comemorativas e prática de esportes. Essa estrutura mais flexível do CRAS – especialmente quando comparada com a escola – se mostrou ideal para o desenvolvimento do projeto, pois facilitou a inserção das atividades por conta da flexibilidade do calendário⁵.

Com o intuito de elaborar coletivamente o projeto urbanístico e paisagístico em questão, foram realizados, ao todo, seis encontros no CRAS, que tiveram os seguintes objetivos: conhecimento da rotina das crianças; aproximação da imagem de satélite, identificando pontos e rotas; diagnóstico dos espaços de brincar por meio de desenhos e descrição desses espaços; aproximação da área do projeto por meio da confecção de maquete da área; visita ao campus da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); levantamento dos desejos para a área do projeto a fim de gerar um programa de demandas e necessidades.

Todas as oficinas realizadas colaboraram para a definição das demandas

⁵ O CRAS não possui recesso no meio do ano, como as escolas.

para o espaço livre, construído a partir dos desejos das crianças: parquinho - sendo que algumas crianças foram específicas quanto aos brinquedos que este contém (gangorra, roda-roda, balanço, etc.) -, áreas para descanso com bancos e arborização, pavimentação das vias e iluminação, não apenas para o trânsito de veículos, mas também ao nível do pedestre (Figura 2).

Figura 2 - (a) Registros das oficinas realizadas no CRAS; (b) Representação dos equipamentos de lazer e recreação do bairro.

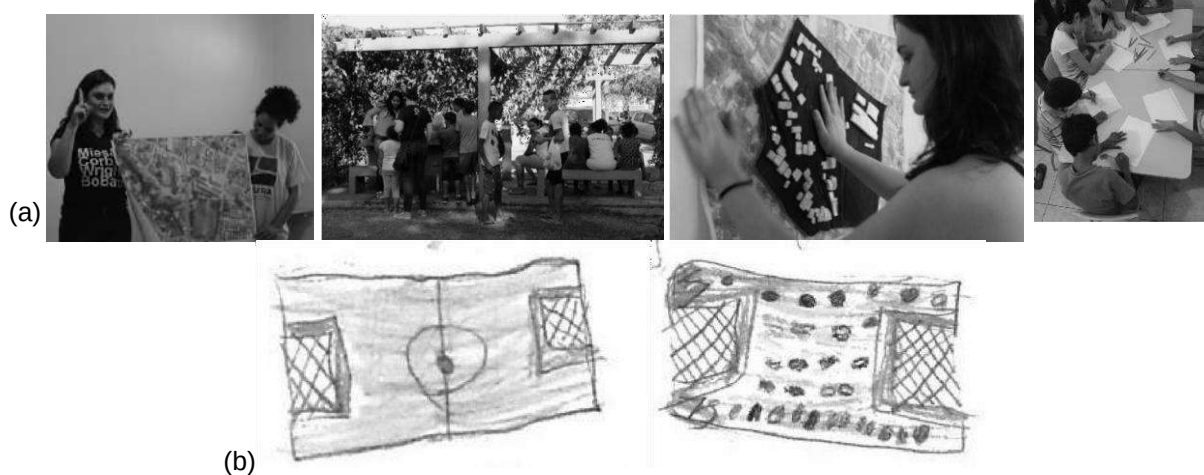


Foto: Daiane Marafon, 2017. Desenho: P., 8 anos.

A partir das necessidades do Conselho Comunitário, das coordenadoras da Creche Amália Curvo e do CRAS Getúlio Vargas (limitantes da área) e das oficinas realizadas com as crianças, considerou-se que uma quadra de concreto poliesportiva, aberta, atenderia todas as demandas, sendo um equipamento de menor dimensão quando comparado ao campo *society*, de fácil manutenção e uso esportivo mais diversificado. Assim, ficou definido o programa de necessidades: quadra poliesportiva com arquibancada, parquinho infantil, arborização, mobiliário, espaços para descanso, espaço da feira, iluminação, obras de pavimentação e drenagem e acesso às moradias.

Após essa definição, foi feita uma apresentação para as lideranças do bairro, indicando o encaminhamento do projeto. A reunião contou com a presença da coordenadora do CRAS Getúlio Vargas e dos presidentes das localidades Santa Terezinha, Getúlio Vargas e Jardim Presidente II. Após essa reunião, novas demandas foram apresentadas por um dos presidentes: a instalação de um Centro de Convivência de Idosos (CCI) e a substituição da quadra poliesportiva por uma quadra de areia.

Figura 3 – Detalhe da maquete do projeto final



Fonte: Autoria Cristina Marafon, 2018.

Essas novas demandas tornaram necessário o contato com os moradores cujas residências fazem limite com a área, de forma a conhecer melhor o uso diário do espaço e as necessidades dos que convivem próximos ao local. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada e observação do cotidiano dos residentes para conhecer um pouco dos seus hábitos e suas sugestões para a área do projeto. A partir daí foi possível fechar o programa de necessidades. Optou-se por manter a quadra poliesportiva em detrimento da quadra de areia, incluir a demanda de um dos presidentes de bairro pelo Centro de Convivência de Idosos (CCI), acrescentando, ainda, um local para equipamentos de ginásticas, este último demandado a partir das entrevistas dos moradores. A demanda inicial apresentada pelo Conselho Comunitário foi, portanto, se ajustando aos resultados obtidos nas oficinas e nas entrevistas realizadas junto à comunidade, conforme demonstra o projeto final (Figura 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de um processo participativo depende da relação de diversos agentes, cada qual com o seu tempo, não sendo, portanto, fácil mensurar sua duração ou mesmo conhecer previamente o seu “resultado”. Esse processo não segue um planejamento rígido, sendo sempre necessário readequá-lo a novas demandas, à rotatividade de público, etc. Essa particularidade do tempo do projeto limitou o alcance do trabalho, que se insere no programa de extensão e no TFG, o que é possível perceber ao comparar as duas etapas do processo: o trabalho desenvolvido com as oficinas no CRAS, de forma contínua e com as mesmas pessoas potencializou o seu desenvolvimento, na medida em que as crianças se sentiam mais confortáveis com o tempo, possibilitando a inserção dos participantes na discussão do espaço público e

fazendo com que os mesmos refletissem sobre a sua situação atual e o que seria necessário para que esta melhorasse. No entanto, na segunda etapa, devido ao calendário acadêmico e escolar, o trabalho com as crianças foi interrompido e ocorreu o contato com os moradores vizinhos, uma vez que se fez necessário devido à demanda por equipamento para idosos. O ideal seria que esse contato mais próximo e contínuo fosse estendido à toda comunidade, discutindo o espaço público do bairro de forma mais ampla e profunda.

Além do enriquecimento do projeto, a realização das reuniões, entrevistas e, especialmente, das oficinas com as crianças, permitiu iniciar um diálogo sobre o papel do arquiteto urbanista em uma comunidade que se consolidou por meio da informalidade e da autoconstrução, aproximando as crianças da universidade e das práticas relacionadas com a profissão, como a confecção de maquetes ou o manuseamento de imagens de satélite, que permitiram discutir conceitos inerentes à prática profissional.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. F.; KERKHOFF, C.; FERREIRA, A. P. Projeto participativo como interlocutor no espaço da escola. In: Anais Paisagem e Participação: práticas no espaço livre público, 2007, São Paulo - SP.
- BOUCINHAS, Caio. Projeto participativo na produção do espaço público. 2005. 150 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GONÇALVES, Paulo Cássio de Moraes. Construção coletiva da paisagem: processos participativos com comunidades escolares. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PRONSATO, Sylvia Adriana Dobry. Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Annablume, FAPESP, FUPAM, 2005.
- QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. 2012. 284 p. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PROJETO RODAS DE LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Fabiana de Lacerda Vilaço¹

Autoras: Iasmin Maia Pedro², Mayole Vitória Velasques Ribeiro³

RESUMO: O projeto caracteriza-se como uma ação de extensão que busca por meio de suas atividades promover uma aproximação do público atendido, externo e interno à universidade, com obras e escritores de literatura de língua inglesa, clássicos e contemporâneos. Para isso, são realizadas rodas de leitura e discussão, capazes de proporcionar também, a disseminação de conhecimento frente a diferentes culturas, aspectos linguísticos e críticos dos diversos participantes das rodas, com o texto literário. É dividido em duas etapas: a primeira é realizada dentro da universidade, com a participação da comunidade interna e externa, ampliando o espaço para a leitura e discussão de literatura, além de preparação para a segunda que será realizada nas escolas do município de Campo Grande contando com integrantes da universidade, da comissão organizadora, de alunos e professores das instituições atendidas, na possibilidade de, além da aprendizagem de estratégias de leitura, aprender a língua inglesa, disciplina regular na rede de ensino, a partir da literatura e das diferentes culturas apresentados pelo texto e pelos autores. O projeto encontra-se em fase de execução, por isso os resultados são parciais, desta forma, foi possível observar na primeira etapa o interesse dos participantes por um espaço para falar sobre literatura e compartilhar conhecimento, bem como o desejo para que continuasse no segundo semestre, a partir da solicitação de depoimentos pelo email do projeto, além do que, foi perceptível uma maior participação de acadêmicos dos cursos de licenciatura em Letras- Português e Inglês dos semestres finais do que os iniciais, entretanto os que demonstraram maior interesse foram o terceiro e quinto semestres. A experiência e levantamento de dados da primeira etapa serão levados em conta na execução das próximas atividades e segunda etapa.

Palavras- chaves: literaturas em língua inglesa, leitura, discussão, interação.

¹ Doutora em Letras na área dos Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, na Universidade de São Paulo, em 2016. No momento, atua como professora adjunta no curso de Licenciatura em Letras da FAALC/UFMS e é coordenadora do projeto de pesquisa Literaturas e estudos culturais em língua inglesa: estudo de relações entre forma literária e processo sócio-histórico. Email: fabianavilaco@gmail.com.

² Graduanda em Letras- Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³ Graduanda em Letras- Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

1 INTRODUÇÃO

O projeto caracteriza-se como uma ação de extensão que busca, por meio de suas atividades, atender as comunidades interna e externa à universidade. O objetivo é realizar rodas de leitura e discussão de literatura de língua inglesa, a partir de escritores clássicos e contemporâneos, para fomentar o conhecimento acerca das estratégias de leitura, da literatura e das diferentes culturas pelas quais perpassam os respectivos escritores e obras.

Para tanto, a proposta foi dividida em duas etapas. A primeira, a ser realizada dentro da universidade, buscará realizar as rodas com os acadêmicos dos cursos de letras e demais interessados dentro e fora da comunidade acadêmica. Com a primeira etapa, será possível realizar a preparação para a segunda, bem como a abertura de um espaço para tratar de leitura, suas estratégias e de literaturas além da sala de aula dos cursos de letras e, para os demais integrantes, uma oportunidade de conhecimento cultural e intelectual.

A segunda buscará atrelar a atividade realizada dentro da universidade à comunidade externa, levando o projeto às escolas do município de Campo Grande, contando com a participação da comissão organizadora, da coordenadora da iniciativa, de interessados (participantes da primeira etapa), dos professores e alunos das instituições escolhidas. Nesta etapa, além do fomento à leitura e desenvolvimento de estratégias de leitura literária, objetiva-se incentivar mais uma prática de ensino de línguas que leva em conta a literatura e a cultura a qual a língua pertence, aspectos proporcionados pela leitura que motivam a aprendizagem de língua inglesa, obrigatória no ensino regular da educação básica.

A partir dessas etapas, bem como dos processos de organização das rodas é possível reforçar os objetivos da extensão no que se refere ao conhecimento de leitura, literatura, cultura e contato com o ambiente educacional, em especial aos acadêmicos dos cursos de licenciatura envolvidos.

2 DESENVOLVIMENTO

Após a aprovação do projeto, iniciaram-se as reuniões com a comissão organizadora para seguir com a divulgação e preparação das rodas. Então, foi escolhido o conto como gênero a ser trabalhado por se tratar de uma narrativa breve, capaz de fomentar a leitura e diferentes interpretações durante as discussões. Em

seguida, realizou-se uma pesquisa a respeito de escritores de contos contemporâneos ao mesmo tempo em que se divulgavam as rodas. Para isso, a organização criou conta de Gmail, cartazes e passou em salas dos cursos de letras para divulgar a atividade e levantar o contato de possíveis interessados.

O conto escolhido para o encontro inicial foi “The thing around your neck” (Trad. “No seu Pescoço”), que dá nome ao mais recente livro de contos da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche, lançado em 2017. Pelo e-mail do projeto, o texto trabalhado foi disponibilizado aos interessados em duas versões (português e inglês), a fim de atender a todo tipo de público, visto que nem todos os participantes possuem conhecimento do idioma (inglês).

A primeira roda ocorreu em maio de 2018 e contou com a participação de 12 pessoas, incluindo a equipe diretiva. Durante a realização, o trabalho com o texto literário foi desenvolvido a partir de metodologias alternadas de usos dos dois idiomas.

Com o mesmo processo de divulgação, a segunda roda do semestre contou com a leitura de um clássico de Edgar Allan Poe, “The pit and the pendulum” (Trad. “O poço e o pêndulo”). A partir de proposta, época, contexto e temática diferenciados da primeira autora contemplada, buscou-se proporcionar o contato com diferentes estilos de literatura, perpassando estéticas clássicas e contemporâneas, de modo a atingir a diversidade de participantes.

A partir de depoimentos dos integrantes, a percepção quanto ao interesse para a continuação do projeto foi significativa, o que fez com que a comissão organizadora, em reunião para análise dos resultados obtidos e planejamento das próximas etapas, definisse continuar a execução das rodas no segundo semestre do ano, em ambiente interno à universidade, mesmo que em concomitância com a segunda etapa do projeto, cuja realização está prevista para o mesmo período.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Entre as ferramentas de sondagem quanto à repercussão do trabalho desenvolvido, a equipe organizadora solicitou aos participantes das duas rodas de leitura o compartilhamento da experiência vivenciada, visto que, a partir de diálogos informais no final das rodas, foi perceptível o interesse para a continuação dentro da universidade nas escolas. Além disso, foram tiradas fotos para compor o banco de dados do projeto, durante essa fase inicial e, também, como oportunidade de divulgação para a etapa seguinte.

Na primeira roda, a discussão do conto “No seu pescoço” o debate foi fomentado a respeito do fim da história, das características e do papel do namorado da personagem principal em sua vida, positivo ou não, bem como quanto aos aspectos sociais, aos preconceitos e às violências sofridas pela personagem. Parte dos participantes da primeira roda estão representados na figura 01 e o livro que possuem em mãos é o da escritora.

Figura 01 – Parte dos participantes da primeira roda



Fonte: banco de dados do projeto extensão “Rodas de Literaturas de Língua Inglesa”.

Na segunda roda, com a leitura do conto um clássico de Edgar Allan Poe, “O poço e pêndulo”, a discussão foi estabelecida pela explicitação das diferenças em relação ao primeiro conto, bem como por duas perspectivas de leitura distintas: uma voltada para uma análise mais teórica e estilística do conto e outra mais centrada na interpretação do conto. A partir disso, foi possível perceber que a execução do projeto, em sua primeira etapa, contou com participantes variados (figuras 2 e 3): alguns com um conhecimento mais aprofundado e teórico da leitura do texto literário e outros que buscavam um ambiente para conhecer e falar sobre o conto de forma espontânea. Porém, ambas as leituras caminharam juntas na roda, reforçando a capacidade de trocar conhecimentos fora do ambiente teórico da sala de aula dos cursos universitários. Tais fatores diferenciaram as duas rodas, já que, na primeira, a discussão ficou mais presa à história e, na segunda, houve a possibilidade de diversificadas formas de se ler um conto.

Figura 02 - Parte dos participantes da segunda roda



Fonte: banco de dados do projeto extensão “Rodas de Literaturas de Língua Inglesa”.

Figura 03 – Roda de discussão com alguns dos participantes



Fonte: banco de dados do projeto extensão “Rodas de Literaturas de Língua Inglesa”.

Depois da execução das primeiras rodas, foi enviado um e-mail aos participantes, solicitando um depoimento a respeito da experiência vivenciada. Com esse retorno, foi possível analisar o impacto da roda à formação acadêmica de cada um, em especial, aos acadêmicos do curso de Letras – Português e Inglês. Em resposta à solicitação, os alunos demonstraram interesse na continuação do projeto e declararam ser esse um espaço para falar sobre literatura de forma mais espontânea do que o ambiente da sala de aula, já que o curso possui disciplinas sobre literaturas. A seguir, como exemplo, será apresentada parte do depoimento de alguns participantes, indicados com a inicial do seu primeiro nome e seu respectivo semestre como numeral:

D1: O projeto agregou em minha formação não só enquanto sujeito leitor. Mas como alguém mais humanizado. A reflexão em conjunto nos leva a refletir sobre quem somos. Quem poderíamos ser. E demonstra como a literatura dialoga com o nosso entorno e nossa própria história (V, 5).

D2: O ponto negativo é que esse projeto deveria acontecer toda semana. É muito incrível. Mas foi um semestre corrido. Fica a dica” (V,5); “a importância do projeto para mim foi de aprimorar as capacidades interpretativas em conjunto” (E, 5); “nós não temos um espaço como esse para falar de literatura aqui na universidade (I, 7).

Nos fragmentos de depoimentos - D1 e D2, foi possível levar em conta a possibilidade da continuação das rodas dentro da universidade em concomitância com aquelas a serem realizadas nas escolas. Além disso, foi perceptível um maior engajamento de acadêmicos dos cursos de licenciatura em Letras (Português e Inglês) dos semestres finais do que os iniciais, entretanto os que demonstraram maior interesse foram o terceiro e quinto semestres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os objetivos estabelecidos no projeto de extensão e considerando as etapas descritas quanto ao seu desenvolvimento, a análise da execução e dos feedbacks enviados pelos integrantes explicita a existência de demanda para a continuação das atividades e a abertura do espaço universitário para atividades extracurriculares que incentivem a leitura de textos literários, discussões e disseminação de diferentes tipos de conhecimento. Para tanto, a proposta levará em conta as diferentes perspectivas de raciocínios argumentativo nas rodas, alguns mais teóricos outros mais interpretativos.

Além disso, foi possível perceber dimensões, necessidades e aspectos a serem trabalhados na segunda etapa, no que se refere à tipologia textual, organização e disposição das rodas, bem como no que tange aos mecanismos necessários para realizar a atividade com crianças e adolescentes nas escolas do município de Campo Grande – MS.

REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. In ADICHE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. Tradução de Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Cap. 7, p. 125-138. Título original: The Thing Around Your Neck.
- CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo e Rio de Janeiro: Duas Cidades e Ouro sobre Azul, 2004. _____. Na sala de aula: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1998.
- POE, Edgar Allan. The Pit and The Pendulum. Disponível em <file:///C:/Users/Matheus%20Pita/Downloads/the-works-of-edgar-allan-poe-088-the-pit-and-the-pendulum.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.
- SANTOS, Clara Carolina de Souza & TOMITCH, Leda Maria Braga. Aquisição de leitura em língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). Ensino e aprendizagem de língua inglesa - conversa com especialistas. São Paulo: Parábola, p. 191-202.
- TOLCHINSKI, Liliana & PIPKIN, Mabel. Seis leitores em busca de um texto. In: TEBEROSKY, Ana et al. Compreensão de leitura -- a língua como procedimento. Porto Alegre, 2003, p. 95-104.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO SEMINÁRIO TEMÁTICO COMO BOLSISTA

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Emivan Ferreira Da Silva¹

Autoras: Eloísa Krause Furtado², Adriana Souza Resende³

RESUMO: O ciclo de seminários é uma ferramenta muito útil no âmbito da educação e da comunicação. As pessoas envolvidas trocam conhecimentos diversos, nesse caso em particular, ligados à área da matemática, engenharia civil e engenharia elétrica, de uma forma mais dinâmica, o que aproxima aluno e professor, facilitando o processo de aprendizagem. Ele é voltado a alunos da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET) e dos cursos de Ciências Econômicas e Administração, professores da Unemat e da Rede Pública de Ensino, o convite também estende-se à sociedade. O método empregado consiste em organizar encontros uma vez por semana com temas predefinidos, sendo divulgados por e-mail e na página da rede social do projeto. Espera-se adquirir boas ideias, maior interatividade entre acadêmicos e professores, e despertar o interesse dos participantes para projetos e pesquisas, que assim, possam contribuir para o aprendizado próprio e reconhecimento da instituição. Neste trabalho apresento um olhar, como bolsista extensionista e aluna do curso de Engenharia Civil, das atividades desenvolvidas no Projeto de extensão intitulado Seminários Temáticos como Estratégia Interdisciplinar de Aprendizagem. Coloco-me aqui na condição do aprendiz que vê na comunicação uma oportunidade para a educação e para a descoberta de novas possibilidades de pesquisa e de interação com outras pessoas. Assim, além de contar algumas impressões apresento também alguns dados sobre as atividades realizadas neste projeto.

Palavras-chave: Seminários, educação, conhecimento, aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O seminário é uma técnica bastante utilizada nas instituições de ensino, pela praticidade, por facilitar o diálogo entre palestrante e ouvinte e por possibilitar a troca de conhecimentos (Rodrigues, 2015). Na experiência como bolsista, avaliei isto na prática e pude constatar não apenas o melhor entrosamento com os participantes através dos questionamentos e respostas despretensiosas, mas também a construção de vínculos para parcerias nas pesquisas, das possibilidades de

¹ Doutor, Campus de Sinop, UNEMAT, emivan@unemat.br

² Acadêmico de Engenharia Civil 5º semestre, UNEMAT, eloisakf@hotmail.com

³ Doutora, Campus de Sinop, UNEMAT, adrisore@unemat.br

engendrar novos e futuros saberes na busca por uma identidade de cada participante. Por serem temas variados os ouvintes têm a liberdade para escolher participar de palestras que lhes são de maior interesse, nesse sentido, cada seminário é a chance que se apresenta para o novo, o desconhecido e principalmente para os alunos de graduação veem nascer importantes caminhos a se trilhar e também estímulo para os estudos. A participação dos envolvidos, levantando questões, tirando dúvidas pertinentes ao assunto, tornaram os seminários muito interessantes.

O principal objetivo da proposta é disseminar o trabalho de pesquisadores, membros e colaboradores, para a comunidade; dentre outros. Alguns mais específicos são: a troca de conhecimentos, parcerias em novos projetos e a discussão como meta para atingir vários níveis cognitivos. Os seminários buscam envolver professores da rede básica de ensino (público e privado), e também, alunos dos cursos da FACET e Ciências Econômicas e Administração da Unemat e alunos do Programa de Mestrado em Rede ProfMat.

2 DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, os professores ligados diretamente à proposta reúnem-se -se para discutir e propor temas relevantes ao público, fazer a apresentação do bolsista, organizar um cronograma de palestras e definir o dia e horário das reuniões. Uma página na rede social e um e-mail próprio foram criados para divulgação das ações do projeto, através desses meios convidamos os interessados em participar como ouvintes e também como palestrantes. Para mim foi um aprendizado proveitoso e prazeroso, criar a conta no Facebook, criar o prospecto da página e do convite, administrar o e-mail, disponibilizar uma planilha do Excel para cadastramento de pessoas interessadas em compartilhar conhecimento através dos seminários e emitir os certificados para todos aqueles que fazem jus. Figura 1 – Logo criada por mim para a conta do Facebook



Fonte: Acervo pessoal

Até o presente, foram realizados 16 encontros, ministrados por alunos e professores, dos temas mais variados, desde problemas matemáticos complexos a problemas matemáticos curiosos e divertidos e a utilização de softwares (Ver Tabela 1). O espaço está aberto também para a proposição de questões livres, ideias para novas pesquisas, onde o proponente busca ajuda, sugestões e críticas da plateia, a respeito da situação problema trazida. Espera-se com isso, não apenas obter parcerias para resolver os problemas levantados, como também avaliar, com a ajuda dos participantes, a viabilidade ou não da empreitada.

Nesse aspecto pude constatar que há sempre alguém com alguma ideia, crítica ou sugestão para ajudar. Por exemplo, em um dos encontros, um dos professores apresentou um problema de Planejamento da Expansão da Rede de Transmissão de Energia Elétrica, problema de otimização que envolve incertezas, e levantou a questão: de como fazer o tratamento dos dados para criar cenários de geração e demanda que sejam compatíveis com a realidade. Finalizada sua apresentação, um dos ouvintes, no caso um outro professor, fez suas ponderações e contribuições a fim de resolver o problema proposto e ofereceu ajuda para a execução da tarefa.

Na Tabela 1 abaixo, alguns dos temas apresentados.

Tabela 1 - Ciclo de seminários 2017/18

Data	Seminário	Palestrante
20 de julho de 2017	Problemas de programação linear	Prof. Dr. Emivan F. da Silva
27 de julho de 2017	Sistemas dinâmicos caóticos	Salomão Luiz de Araújo Neto
03 de agosto de 2017	Um modelo matemático para o crescimento populacional da cidade de Senhor do Bonfim-BA	Deborah Soares Casarin
10 de agosto de 2017	Programação linear	Érica Augustini Souza
05 de outubro de 2017	Ferramentas Google para a educação	Prof. Dr. André do Amaral p. Biscaro e Prof. Dr. Silvio Cesar g. Granja
11 de outubro de 2017	O problema das N rainhas	Prof. Dr. Emivan F. da Silva
19 de outubro de 2017	Google Drive	André do Amaral P. Biscaro e Prof. Dr. Silvio Cesar G. Granja
01 de novembro de 2017	Uma estratégia de resolução para resolver alguns problemas de contagem	Jéssica F. Ramos e Daniele da S. Teixeira
29 de novembro de 2017	O problema do tesouro	Prof. Dr. Rogério dos Reis Gonçalves
13 de dezembro de 2018	Uso e aplicação da tabela dinâmica como ferramenta de trabalho	Douglas Santiago P. da Silva
10 de janeiro de 2018	Os quatérnions e as rotações em 3D	Nadisson Luis Pavan
18 de janeiro de 2018	Equações diferenciais aplicadas à curva de aprendizagem	Jeferson Ferareze
05 de abril de 2018	Problema da Expansão da Rede de Transmissão de Energia Elétrica	Prof. Dr. Emivan F. da Silva
12 de abril de 2018	Resolvendo o modelo matemático para o problema de PERT usando a plataforma AMPL	Prof. Dr. Emivan F. da Silva
19 de abril de 2018	Resolução de modelos de Programação Linear usando Solver/Excel	Prof. Dr. Emivan F. da Silva
26 de abril de 2018	Sistemas de numeração e aplicações	Prof. Dr. Rogério do Reis Gonçalves

Fonte: acervo pessoal

O projeto é uma boa oportunidade também, para aqueles que estão começando a carreira como docente. Pode-se ter uma experiência como orador (locutor) para medir o próprio desempenho, e até mesmo, apresentar suas pesquisas desenvolvidas durante o curso. Sendo assim, uma ótima oportunidade de divulgação de pesquisas e resultados.

Experimentei assim, novas perspectivas quanto aos rumos que poderei dar à minha carreira acadêmica, seja como pesquisadora, palestrante ou na área do ensino como professora de nível superior.

A seguir, na Figura 2, foto tirada depois de uma das apresentações. Figura 2 – Comunidade participante dos seminários

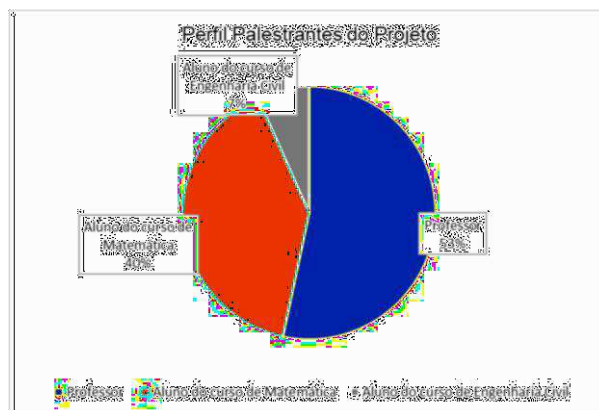


Fonte: acervo pessoal

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante do exposto (conforme Tabela 1) podemos fazer uma análise do perfil dos apresentadores (Gráfico 1). Pela frequência de chamadas – durante o período de julho de 2017 a março de 2018 – apresentamos o público participante. Ao todo já participaram em torno de 68 pessoas, entre elas alunos e professores da Unemat e convidados, numa média de 15 pessoas por seminário (Gráfico 2). Ao final desse primeiro período do projeto foram confeccionados 12 certificados de palestrante e 11 de participantes – num total de 23 certificados. Para aqueles que possuíam cinco ou mais presenças foi gerado certificado de 10 horas ou mais, e de 2 horas para palestrantes. Pelo Gráfico 3, temos um perfil dos temas apresentados. Verifica-se que a maioria das pessoas ligadas ao projeto são da Unemat, e que os principais temas são relacionados à matemática.

Gráfico 1



Fonte: próprio autor

Gráfico 2

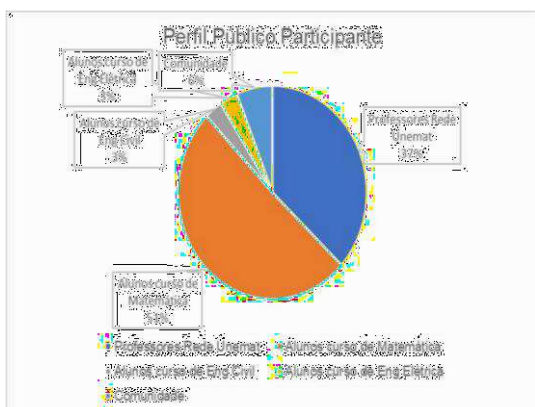
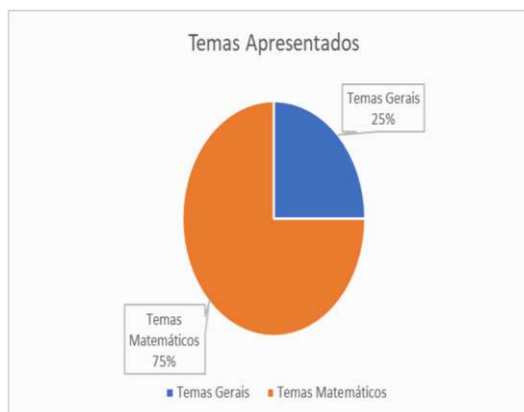


Gráfico 3



Fonte: próprio autor

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise geral do projeto, como bolsista, posso dizer que ele atende à comunidade naquilo que há de mais importante, divulgação, informação e incentivo, no sentido de abrir espaço para os envolvidos ouvirem e serem ouvidos. É interessante aprender sobre pesquisas e trabalhos desenvolvidos pelos próprios participantes, cada um tem algo diferente e que pode ser útil para nos mostrar. Podemos trocar ideias e dialogar sobre questões que surgem do cotidiano, e assim, seguir sempre na expectativa de algo novo, interessante e que propicie novos trabalhos. O projeto já alcançou boa visibilidade dentro da Unemat, almejamos ampliar

a divulgação à comunidade, para aumentar o número de participantes externos e diversificar os temas incluindo maiores possibilidades de estudos a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Emivan Ferreira da Silva, coordenador do projeto por sempre me orientar, por incentivar a pesquisa e o comprometimento com o projeto e por me dar dicas valiosas a respeito de produtividade acadêmica.

À PROEC pelo apoio financeiro em forma de bolsa.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, F. R. A.; CUNHA G. A. A.; BRUNO, R. Seminários Temáticos como Estratégia Interdisciplinar de Aprendizagem e desenvolvimento de competências em formação avançada. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.11, n.20; p.2015. 761.

REVISTAS PEDAGÓGICAS: UMA ATIVIDADE EXTENSIONISTA QUE PROMOVE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Área Temática: Educação

Coordenadoras da ação: Andréa Kochhann e Maria Eneida da Silva¹

Autores: Amanda Priscila Guimarães², Amanda Rutielly³, Mateus Henrique Marques⁴,

Thays Oliveira Fernandes⁵ e Natalia Ribeiro⁶

RESUMO: O presente texto tem por finalidade apresentar o projeto de extensão “REVISTAS PEDAGÓGICAS”, atividade realizada pelos integrantes do GEFOPÍ- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. A princípio as revistas pedagógicas eram elaboradas com o objetivo de avaliação final de alguma disciplina, posteriormente para se transformar em extensão os alunos deveriam adequar a revista as correções dos professores e apresentar em, pelo menos, duas instituições de ensino. Desde 2015 as revistas estão sendo registradas e possuem ISSN e sua metodologia mudou, é elaborada a partir de uma oficina pedagógica. Os temas devem sempre estar relacionados a educação, e para ter acesso é preciso entrar no site: <http://www.observatorioueg.com.br/>. Dessa forma a revista contribui tanto para a formação de quem está elaborando quanto para quem vai ler depois.

Palavras-chave: Revistas Pedagógicas, Extensão Universitária, Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Revistas Pedagógicas foi durante 3 anos um projeto de extensão individual e atualmente se vincula ao Projeto de Extensão “GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade”, que é um projeto integrado mas com características próximas de um programa. As revistas pedagógicas tem como registro o ISSN 2358 – 6133. Esse projeto surgiu a partir da disciplina Teoria Social, Educação e Estado, do currículo do curso de Pedagogia da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos. A produção da revista é de modo inter e/ou transdisciplinar, superando o paradigma da avaliação tradicional. De 2013 a 2018 foram lançados 26 números e duas estão em processo de edição para serem lançadas.

Após a elaboração, a mesma é mostrada a comunidade acadêmica, em seguida são realizadas palestras em escolas públicas, para professores, pais, alunos e convidados e lançada no espaço virtual do Observatório da UEG para que todas as pessoas possam acessar todos os exemplares, pelo www.observatorio.ueg.br. Após as palestras são

¹ Coordenadoras do projeto de extensão. andreakochhann@yahoo.com.br e eneida.ueg@hotmail.com

² Acadêmica de Letras da UEG. ³ Acadêmica de Letras da UEG. ⁴ Acadêmico de Letras da UEG. ⁵ Acadêmica de Letras

organizados relatórios com fotos das palestras realizadas. A extensão é realizada nas palestras sobre os temas e socialização das revistas com sua entrega. A revista ultrapassa a discussão teórica das disciplinas e a pesquisa para seu *corpus*.

Hoje as revistas são elaboradas também em eventos científicos em formato de oficinas pedagógicas, em Cursos de Pós-Graduação e no próprio grupo de Estudos. Os editores/autores das revistas são os componentes do grupo GEFOPi e, com acadêmicos e comunidade nos quais o grupo coordena as oficinas. A criação da revista com os acadêmicos da graduação, especialização, mestrado e doutorado é ao longo do semestre baseado nas discussões dos conteúdos das disciplinas. Já com sua elaboração em formato de oficinas é com o público dos eventos e na data do evento.

Os temas são escolhidos de acordo com a disciplina ou evento ou algum assunto que os participantes queiram discutir, todos relacionados a educação. O programa utilizado como ferramenta pedagógica-metodológico é o *Publisher*. Os componentes da revista realizam entrevistas, procuram passatempos, escrevem artigos de opiniões e científicos, textos informativos e resenhas de livros e filmes.

2 DESENVOLVIMENTO

Conforme o FORPROEX (2012), as revistas foram produzidas e pensadas, a partir do viés extensionista que vê na relação universidade/sociedade uma via de mão dupla. Síveres (2013, p.26) vê a extensão como atividade do meio acadêmico e de aprendizagem, devido “A extensão universitária, junto com o ensino e a pesquisa, tem, justamente, a tarefa de oportunizar uma diversidade de experiências de aprendizagem.”. E pensando nessas distintas experiências de aprendizagem é que o GEFOPi promove a discussão e a produção de revistas com temas atuais e necessários ao meio acadêmico e pessoal, considerando que para Reis (1989) a extensão universitária deve ser concepção processual-orgânica.

Para Reis (1989, p. 41) há ações extensionistas caracterizadas pela concepção eventista-inorgânica que se dão eventualmente, assimilando às concepções assistencialistas ou de intervenção. Porém o GEFOPi, em sua *práxis* prima por ações permanentes ou contínuas, que se pode notar na abordagem realizada em suas produções, que são próximas a forma indissociável do ensino e da pesquisa, relacionando a universidade com a sociedade para a transformação, pois Reis (1989, p. 41) “tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricados ou

inerentes ao processo formativo (ensino) e à produção de conhecimento (pesquisa) da universidade[...].”.

Pensando na formação dos partícipes por meio da extensão, que pode ser transformadora através da relação homem-natureza, primamos que as ações do grupo sejam compostas de características crítico-emancipadoras, pois se a formação do estudante pode possibilitar momentos de práxis, por meio da pesquisa, ensino e extensão, de modo mais consciente e crítico, como discute Kochhann e Curado Silva (2017, p. 115)

A formação do estudante extrapola as ações tradicionais e visa uma formação mais consciente de seu papel no mundo e de pensamento crítico, político, histórico e humano. Para isso a extensão universitária deve se estabelecer enquanto uma *práxis*. Isso possibilita o desenvolvimento de ações que viabilizam uma formação para a transformação do sujeito e social.

As ações extensionistas que tiverem o foco na aprendizagem do estudante de modo acadêmico, devem ser permanentes, organizadas de forma teórica e com metodologias diversas, objetivando a produção de conhecimento crítico e emancipador, permitindo aos estudantes experimentarem várias atividades formativas e quiçá terem seu processo de formação com maior qualidade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em 2013 vinculada a disciplina de Teoria Social, Educação e Estado do Curso de Pedagogia da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos, foi realizado 4 edições da Revista Pedagógica, conforme Imagem n. 01.

Imagem n. 01 – revistas 2013

Fonte: www.observatorio.ueg.br



Em 2014 vinculada a Teoria Social, Educação e Estado do Curso de Pedagogia da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos, foi realizado 4 edições da Revista Pedagógica, conforme Imagem n. 02.

Imagem n. 02 – Revistas 2014



Fonte: www.observatorio.ueg.br

Em 2015 vinculada a disciplina de História da Educação do Curso de Pedagogia da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos foram elaboradas 4 edições da revista, conforme Imagem n. 03.

Imagem n. 03 – Revistas 2015

Fonte: www.observatorio.ueg.br



Ainda em 2015 foram elaboradas 4 edições especiais na disciplina de Diversidade, Cidadania e Direito do Curso de Matemática da UEG Câmpus Jussara, conforme Imagem n. 04.

Imagem n. 04 – Revistas Especiais 2015

Fonte: www.observatorio.ueg.br



Em 2016 as 4 edições foram vinculadas de forma diversificada, em evento na UEG Câmpus Inhumas, em disciplina Stricto Sensu na UnB e no grupo GEFOPI, conforme Imagem n. 05. Imagem n. 05 – Revistas 2016



Fonte: www.observatorio.ueg.br

Em 2017 as 4 edições foram na pós-graduação da UEG Câmpus Sanclerlândia, no evento ENAPE da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos e no grupo GEFOPI conforme Imagem n. 06.

Imagem n. 06 – Revistas 2017

Fonte: www.observatorio.ueg.br



E em 2018 já foram lançadas 2 edições, sendo com turmas da Educação Básica de Novo Brasil – GO e na disciplina Stricto Sensu na UnB. Tem 2 estão em processo de elaboração vinculada ao ENAPE e a disciplina do Curso de Pedagogia da UEG Câmpus Luziânia, conforme Imagem n. 07.

Imagem n. 07 – Revistas 2018



Fonte: www.observatorio.ueg.br

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As revistas pedagógicas podem vir a ser de grande valia, pelos assuntos que são abordados e detalhados por seus autores sistematizando o conhecimento. As atividades realizadas para a elaboração das edições das revistas pedagógicas, pelos partícipes do GEFOPi, enquanto um projeto de extensão processual e orgânico pela práxis crítico-emancipadora, possibilitam o contato com uma ferramenta midiática – o Publisher, bem como com temáticas diversas que favorecem o diálogo perante a prática pedagógica do processo formativo. Com o propósito de investigar os temas e trazer à tona situações que a sociedade vivencia e dialogar de forma pedagógica, ao longo dos anos, variados assuntos vinculados a educação, saúde, diversidade, cidadania e política foram abordados, como estão sistematizados no Quadro n. 01.

Quadro n. 01 – Temas das Revistas

ANO	TEMA	ANO	TEMA
2013/1	Saúde e beleza	2016/1	Brasil
2013/2	Planeta Bola	2016/2	Diversidade e patrimônio
2013/3	As faces da violência	2016/3	Materialismo Histórico Dialético
2013/4	Som da liberdade	2016/4	Formação docente e trabalho concreto
2014/1	Face oculta	2017/1	Universidade espaço de pesquisa, ensino e extensão
2014/2	Sustentabilidade	2017/2	Violência escolar
2014/3	Diferença	2017/3	GEFOPI
2014/4	Saber mais	2017/4	Letramento
2015/1	Violência em tudo	2018/1	Matemática
2015/2	Obesidade infanto-juvenil	2018/2	Pedagogia socialista
2015/3	Sustentabilidade	2018/3	Juventude, conflitos e resiliência
2015/4	Incluir	2018/4	Educação para a autonomia
2015/5	Exploração sexual infantil		
2015/6	Bullying		
2015/7	Brincadeira de criança		
2015/8	Pedofilia		

Fonte: www.observatorio.ueg.br

A experiência teórico-prática vai além de uma atividade em uma disciplina do curso, seja de graduação ou de pós lato sensu ou stricto sensu, rompe com as barreiras do conhecimento fragmentado, pela ação intelectual do pensar e fazer intertransdisciplinar, contribuindo inclusive para os acadêmicos compreenderem o desenvolvimento social, cultural e intelectual, de uma maneira específica, favorecendo a interação dos acadêmicos com o uso das mídias em sua formação docente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das atividades do GEFOPi.

REFERÊNCIAS

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

Política Nacional de Extensão Universitária. Disponível em:

<http://www.renex.org.br/documentos>

KOCHHANN, Andréa e CURADO SILVA, Kátia Augusta Cordeiro Pinheiro. Formação docente e extensão universitária: concepções, sentidos e perspectivas. In: REIS, Marlene Barbosa de Freitas e LUTERMAN, Luana Alves. Interdisciplinaridade na Educação: redimensionando práticas pedagógicas. Anápolis: UEG, 2017.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. In: Cadernos UnB Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1989.

SÍVERES, Luiz. O Princípio Da Aprendizagem Na Extensão Universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.) A extensão universitária como princípio de aprendizagem. Brasília: Liber, 2013.

In: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>

SEMINÁRIO DE LITERATURA E ARTE CONTEMPORÂNEA – SELAC

Área Temática: Educação

Christiane Silveira Batista¹

Adrieli Aparecida Svinar Oliveira ², Evelin Gomes da Silva³,

Mirella Rodrigues Flores ⁴, Paulo Custódio de Oliveira ⁵

RESUMO: O evento de extensão denominado Seminário de Literatura e Arte Contemporânea (SELAC) é uma ação realizada anualmente desde 2016, tendo sua terceira edição ocorrida em abril de 2018. Ele se caracteriza como o produto das discussões desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa Estudos em Literatura e Arte Contemporânea e também do projeto de pesquisa Simulacros Fanopáticos do Sujeito Latino-americano, ligados à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Sob a coordenação do Grupo de Estudo InterArtes e com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), a proposta do evento é estabelecer um diálogo entre pesquisadores, a comunidade acadêmica das universidades (federal, estadual e privada) e a comunidade externa da região. As temáticas apresentadas durante o evento abordam o estudo da Literatura e das Artes de forma integrada, possibilitando a disseminação das diversas linguagens artísticas que estão nos contextos culturais contemporâneos. A iniciativa visa colaborar para a formação de um repertório artístico-pedagógico significativo dos participantes, cujo objetivo formador final é contribuir para o desenvolvimento dos profissionais das Letras e das Artes, com um senso crítico e estético aguçado, conectados às várias linguagens artísticas e capazes de ressignificar e realinhar as produções artísticas de nosso tempo. A meta é que o SELAC se consolide enquanto evento dedicado a essa temática em nossa região e, com isso, fortaleça a imagem institucional da UFGD como um espaço dedicado permanentemente à tarefa de agrupar, organizar e difundir conhecimentos, reflexões e pesquisas nos campos da Literatura, Artes, Letras, Linguística, Educação, entre outros.

Palavras-Chave: Estudos Interartes, Literatura, Arte Contemporânea.

INTRODUÇÃO

Um dos primeiros passos para compreender a relevância da proposta do Seminário de Literatura e Arte Contemporânea (SELAC) é explicitar o que são os

¹ Coordenadora da ação, mestra em Letras, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação/UFGD, e-mail christianebatista@ufgd.edu.br

² FACALE/UFGD

³ FACALE/UFGD

⁴ FACALE/UFGD

⁵ FACALE/UFGD

Estudos Interartes. Esse ramo, que se caracteriza pelo estudo comparativo das artes, remonta à Antiguidade e tem como um dos pontos iniciais a referência à célebre expressão horaciana *ut pictura poesis* (a poesia é como a pintura). No entanto, ainda que a correspondência entre as artes ocorra há muitos séculos, ela surge com essa nomenclatura somente a partir do evento realizado na Suécia, em 1955, sob o título: *Interarts Studies: New Perspectives* (PEDROSO JÚNIOR, 2011, p. 240). Desde então, os objetos estudados por esse prisma não visam apenas colocá-los lado e lado e observar suas semelhanças e diferenças, mas sim, verificar como se integram e dialogam uns com os outros.

Logo, para que haja um estudo interartístico não basta apenas comparar uma ou mais obras em formatos midiáticos distintos. É necessário que nela(s) haja uma “preocupação de orientação semiótica, explorando questões de significação e interpretação, de sistemas sógnicos e suas interações, de representação e narração, de tempo e espaço, e de assuntos tradicionalmente tratados na estética” (CLÜVER, 1997, p. 52).

Assim, o Grupo de Estudo InterArtes, criado em sete de abril de 2014, é organizado para desenvolver e difundir pesquisas nessa área na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Nele é preconizado um trabalho com as várias linguagens, integrando-as ao ambiente escolar e acadêmico para, assim, formar cidadãos com maior senso crítico e estético, capazes de compreender o sincretismo de nossos tempos.

Nesse sentido, e tendo em vista o papel desempenhado pela Universidade enquanto catalisadora dos apelos sociais gerados pela comunidade e a responsabilidade que assume ao constituir-se em espaço de pesquisa que responda com eficiência a estas demandas, o Grupo de Estudo InterArtes se incumbiu da tarefa de propor um evento como o SELAC, em que são priorizadas as atividades de discussão acerca das relações interpostas entre a academia, o ensino e a cultura e destinadas a toda a comunidade da região de Dourados-MS.

Dessa forma, o evento destina-se à extensão de atividades teórico-práticas à comunidade acadêmica local e aos discentes e foi imaginado como forma de diálogo contestador à prática comum às nossas Licenciaturas de adotarem um modelo de ensino das letras pautado pela separação radical das disciplinas, o que, embora tenha trazido reconhecidos benefícios na modernidade, vem sendo entendido como fronteira a ser ultrapassada.

DESENVOLVIMENTO

A premissa básica do SELAC é a de propiciar encontros que se voltem para uma reflexão que contemple os diálogos entre a literatura e as diferentes manifestações artísticas e se efetivem em práticas pedagógicas estimulantes, que se fomentem, a partir de um processo de partilha, dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores de diferentes centros acadêmicos locais e regionais.

Sua realização se justifica porque as discussões mais recentes referentes à ressignificação do conceito de cultura, das novas roupagens literárias e de suas relações com outras artes, vêm ao encontro das preocupações do Grupo e, consequentemente, desse evento que se encontram, acima de tudo, direcionadas para os desafios lançados sobre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

É relevante mencionar que o próprio Projeto Pedagógico do Curso de Letras da UFGD orienta que as atividades desse curso devem “formar um profissional com uma visão crítica sobre o ensino da língua materna e da Literatura por meio do desenvolvimento das competências de caráter humanista, linguístico e cultural e com uma sólida formação alicerçada na pesquisa educacional” (PPP-Letras/UFGD, 2017, p. 20). Muito embora as questões voltadas para o ensino da língua materna e das literaturas tenham sido contempladas, percebe-se uma grande lacuna nos demais quesitos relacionados acima. Com efeito, temos assistido a um descaso com as formações de caráter humanístico e cultural, pois algumas das disciplinas voltadas para a instrumentalização do egresso para o ensino não têm sido suficientes para torná-lo hábil o suficiente para discorrer sobre a cultura e a justificação de seu trabalho junto à comunidade que atendemos.

Seguindo os passos de outros cursos de Letras de nossa região, vê-se a carência de uma desenvoltura no tocante à cultura local e universal. Isso tem provocado sérios prejuízos ao trabalho dos educadores e aos formadores de educadores, na medida em que se vê claramente a diminuição na grade curricular das escolas estaduais e municipais das aulas alicerçadas em elementos culturais. A consequência dessa negligência é a formação de jovens brasileiros elaborada apenas a partir de conhecimentos técnicos e práticos, como se apenas disso dependesse a sua constituição subjetiva.

É muito apropriado pontuar, nesse momento, que a consciência subjetiva só pode ser estruturada quando se puder limitá-la com o “outro”. Assim, os cidadãos

douradenses formados pelos cursos humanísticos da FACALE e marcados pelo convívio com comunidades estrangeiras que fazem fronteira com o país, precisam negociar de forma mais próxima com uma brasilidade da qual fazem parte.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Observando as edições já ocorridas, verifica-se que o SELAC se constitui como importante espaço de reflexão e que tem atingido satisfatoriamente seus objetivos que são: fomentar e aprofundar as discussões acerca da relação entre a Literatura e as outras artes na contemporaneidade; estimular novas visões relativas ao ensino, tendo em vista o contexto específico de inserção das pesquisas locais e os novos desafios impostos pela modernidade; bem como cumprir o papel de difundir uma proposta de Literatura Comparada já contemplada tanto nas diretrizes curriculares publicadas pelos órgãos públicos competentes, quanto nos documentos de área dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras. Os trabalhos de pesquisa e atividades desenvolvidas no interior do Grupo de Estudo InterArtes, que se ampliam neste evento, visam ainda desenvolver um saber extracurricular que possibilite trabalhar contextos complexos em que a formação puramente disciplinar poderia reduzir a leitura de mundo.

Portanto, ao selecionar as palestras e mesas-redondas que constituem a programação do evento são considerados os pesquisadores e as temáticas que se preocupem em:

- a) promover o estudo da Literatura e das Artes de forma inovadora e capaz de integrar e disseminar as diversas linguagens artísticas que estão interligadas nos contextos culturais;
- b) contribuir para a formação de um repertório artístico-pedagógico significativo entre os ouvintes participantes;
- c) pensar a Literatura e as Artes como formas simbólicas que permitem ao homem se relacionar benéficamente com o mundo e com a sua subjetividade;
- d) permitir uma reflexão sociocultural das obras e dos contextos artísticos apresentados, visando a uma constante ressignificação dessa produção na sociedade atual e na Educação.

A iniciativa também tem proporcionado, ademais da participação das palestras e mesas-redondas pensadas segundo os objetivos já elencados, um espaço

para a apresentação de pesquisas efetuadas por discentes e docentes no âmbito da graduação e da pós-graduação, de professores da rede pública e privada, e de discentes egressos da graduação e/ou da pós-graduação. São aceitos os resumos de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento abrangidas pelo evento e que, depois de apresentados sob o formato de comunicações orais, compõem o caderno de resumos publicados sob o ISSN 2594-4681. Faz-se importante ressaltar que, em sua última edição, mais de vinte instituições de ensino (privadas, estaduais e federais) foram representadas por meio de seus discentes e docentes, contando com mais de oitenta trabalhos inscritos.

Nota-se, então, que este evento tem propiciado e objetivado, acima de tudo, estimular nos participantes, o desenvolvimento das capacidades de identificar as relações entre a Literatura e outras Artes, de modo que tenham um bom desempenho na leitura e análise crítica de diversos produtos artísticos, observando não só as contribuições que a literatura toma emprestado de outras produções artísticas, mas, também, o processo inverso, observando como e em que medida essas outras áreas do saber fazem uso de temas, produtos e estruturas comuns à literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proporcionar eventos no meio acadêmico, em que diversas áreas possam dialogar é de suma importância para a universidade. Integrar ensino, pesquisa e extensão também. Logo, o SELAC mostra-se como um evento necessário para que se atinjam os objetivos de uma universidade aberta ao debate, onde diversas ações artísticas sejam propiciadas à comunidade interna e externa.

Esse tipo de evento tem se mostrado relevante na “formação necessária à nova geração que terá como trabalhar com textos que combinam e fundem diferentes meios e sistemas de signos, e que poderá então lidar com a maior parte da criação artística do nosso tempo” (CLÜVER, 1997, p. 54). Tendo em vista que a universidade deve proporcionar – por meio de seus instrumentos legítimos – a superação dessa lacuna, é exatamente o que propomos: um espaço de conhecimento e discussão acerca do universo que nos rodeia, por meio da partilha de experiências das pesquisas desenvolvidas e das práticas pedagógicas por elas norteadas.

Diante do exposto, o SELAC torna-se um espaço necessário às reflexões e considerações pontuadas por diversos pesquisadores da região que até então não tinham um evento específico dedicado à integração da Literatura com as Artes Cênicas, a Linguística, o Cinema, a Música, a Psicologia, a História, a Geografia, as Ciências Sociais, a Antropologia, a Educação, a Filosofia, entre outros.

AGRADECIMENTOS

Faz-se essencial agradecer primeiramente à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD por possibilitar o custeio de alguns itens materiais imprescindíveis para a realização do evento. Indispensável também destacar a colaboração e a participação dos integrantes do Grupo de Estudo InterArtes, que organizam anualmente esse evento e podem comprovar como é possível realizar uma ação significativa a partir do trabalho em equipe, seja de modo intelectual e/ou organizacional, gerando credibilidade e podendo verificar o crescimento qualitativo e quantitativo do evento.

REFERÊNCIAS

CLÜVER, C. Estudos Interartes: conceitos, termos, objetivos. *Revista Literatura e Sociedade*. No. 2. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. Pp. 37-55.

PEDROSO JUNIOR, N. C. A investigação em artes: das interartes às intermédias. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v.7, jan./jun. 2011. Pp. 229-248.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. *Projeto Pedagógico do Curso de Letras*. Dourados, 2017. Disponível em: <
<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/COGRAD/PPC%20Letras%202017.pdf>>
Acesso em 16 mai 2018.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE DO ENVELHECER – UMA PROPOSTA DE EMPODERAMENTO

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Eliana Fontes Gris¹

Autores: Israel Augusto Cruz Ventura², Andréa Pecce Bento³, Joaquim Trajano Pinto

Soares Lima⁴, Kerolyn Ramos Garcia⁵, Margô Gomes de Oliveira Karnikowski⁶

RESUMO: A Universidade do Envelhecer da Universidade de Brasília – UniSER/UnB - é um programa educacional de extensão voltado ao público na maturidade, criado com o intuito de contribuir com a construção de um novo olhar sobre o que é envelhecer. O curso de Educador Político Social em Gerontologia, principal atividade do programa, é composto por eixos temáticos que norteiam o desenvolvimento de suas atividades, sendo uma de suas disciplinas o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Este trabalho tem como objetivo verificar as áreas temáticas e metodologias dos TCCs apresentados pelos egressos das turmas de Ceilândia, Candangolândia e Riacho Fundo I da UniSER/UnB. Foi realizada análise documental dos TCCs para identificação das metodologias e temáticas utilizadas, para em seguida categorizá-las. As áreas temáticas foram pré-categorizadas de acordo com as áreas temáticas da UniSER/UnB. Como resultados, verificou-se que, dentre as metodologias utilizadas, o relato de experiência estava presente em 42% dos trabalhos, e a revisão bibliográfica em 46%, sendo estas as metodologias mais utilizadas em todas as turmas. Nas áreas temáticas, o eixo da educação foi o menos escolhido, estando presente em apenas 7% dos trabalhos. O eixo saúde foi o mais escolhido em todas as turmas, compondo 47% dos trabalhos das 3 turmas envolvidas. A produção dos estudantes ao fim do curso é fundamental para demonstrar o empoderamento revitalizado durante o curso, além de auxiliar no acompanhamento do desenvolvimento do curso. É necessária ainda uma análise mais aprofundada em relação a baixa quantidade de TCCs na área da educação.

Palavras-chave: Envelhecimento, Educação ao longo da vida, Metodologias.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com as políticas e leis brasileiras aplicáveis à temática do envelhecimento, as pessoas que alcançam uma vida longa devem ter asseguradas oportunidades de crescimento e de realização pessoal, preservação da autonomia e

¹ Profa. Dra., Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, elianagris@gmail.com.

² Saúde Coletiva, Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

³ Mestranda em Ciências e Tecnologias em Saúde, Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

⁴ Mestrando em Ciências e Tecnologias em Saúde, Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

⁵ Doutoranda em Ciências e Tecnologias em Saúde, Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

⁶ Profa. Dra., Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

da capacidade para realizar atividades diárias, relacionamentos sociais satisfatórios, ausência ou controle de agravos à saúde, acesso à justiça, além da possibilidade de usufruir de condições adequadas de moradia, transporte e acesso a cuidados de saúde (Brasil, 2003; 2006). Para tanto, é necessário o desenvolvimento de ações diversas dirigidas a essa faixa da população.

Vários programas sociais têm sido realizados, junto a idosos, em instituições públicas e privadas, incluindo universidades, com o propósito de oferecer-lhes atividades orientadas para a promoção da saúde (Assis, Hartz, & Valla, 2004; Borges, Bretas, Azevedo, & Barbosa, 2008). Sendo que, este trabalho ocorre nas universidades a partir da extensão universitária, que é pautada na responsabilidade social com o desenvolvimento da sociedade, portanto, preocupando-se com questões como o envelhecimento da população, e a forma como os idosos se inserem ou são valorizados pela comunidade. Está interação entre meio acadêmico e sociedade ocorre através dos projetos de extensão, podendo estes variar em relação à forma como ocorrerá a interação, mas sempre orientados pelo compromisso da universidade de auxiliar no desenvolvimento social da comunidade. (Brunelli, et al. 2016).

Nesse cenário se encontra a Universidade do Envelhecer da Universidade de Brasília (UniSER/UnB), um programa de extensão voltado ao público idoso e de cunho educativo, criado com o intuito de contribuir com a construção de um novo olhar sobre o que é envelhecer, tendo como foco a ampliação das capacidades e habilidades na vida adulta e dos idosos da comunidade. Para cumprir suas premissas, por meio de edital público, a UniSER/UnB oferta o Curso de Educador Político Social em Gerontologia, sendo este a principal atividade do programa. O curso, que ocorre em um período de três semestres, conta com uma proposta pedagógica que visa a discussão de um envelhecer ativo, a partir de discussões organizadas em disciplinas que variam interdisciplinarmente nas áreas biológicas, sociais ou de humanas.

Para finalizar o curso, é ofertada no último semestre a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como objetivo a construção de um trabalho individual, no qual os alunos utilizam seus conhecimentos adquiridos ou desenvolvidos durante o curso. A estima é que o discente compreenda suas capacidades e habilidades tendo como referência suas potencialidades, reavivando suas possibilidades de empoderar-se em diversos outros espaços. Além disso, o estudante deve desenvolver a habilidade de estudar sobre um tema específico de sua

escolha, contextualizar, reorganizar seus aprendizados, e por fim apresentar seus resultados obtidos.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo verificar as áreas temáticas e metodologias dos TCCs apresentados pelos egressos das turmas de Ceilândia, Candangolândia e Riacho Fundo I da Universidade do Envelhecer/UnB.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir de uma análise documental dos Trabalhos de Conclusão (TCC) dos egressos da UniSER/UnB no período de 2016 a 2017, com foco nas metodologias e temáticas utilizadas. Foram analisados quarenta (n=40) trabalhos da unidade Candangolândia, cinquenta e cinco (n=55) da unidade Ceilândia e dezenove (n=19) da unidade Riacho Fundo I, totalizando cento e quatorze (n=114) TCCs.

A estrutura dos TCCs apresenta os seguintes itens: Introdução, metodologia, resultados/discussão e conclusão. Dessa forma, após análise documental, foi realizada a categorização das metodologias usadas pelos estudantes, baseada no item metodologia dos trabalhos.

Para a categorização das áreas temáticas, foram utilizados os 5 eixos temáticos que orientam as disciplinas do Programa UniSER, sendo eles: I – Educação, II – Direito e Políticas Públicas, III – Saúde, IV – Arte e Cultura e V – Eixo Transversal. Os eixos têm como proposta abarcar as principais áreas para o desenvolvimento de um envelhecimento ativo, sendo o eixo transversal uma multidisciplinariedade dos outros 4 eixos. Composto de disciplinas práticas como a vivência, TCC e horas complementares, as atividades do eixo transversal são muitas vezes relacionadas ao trabalho, seja a partir do artesanato, secretariado ou produção de algum produto, por visar a aplicação do conhecimento adquirido ou desenvolvido. Portanto, os TCCs relacionados a trabalho e produção foram inseridos nesta categoria de eixo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 RESULTADOS

A partir da análise documental, foram formadas 4 categorias de metodologias utilizadas pelos egressos da UniSER/UnB: a entrevista, a observação sistemática, o relato de experiência e a revisão sistemática, demonstradas a seguir na

tabela 1. O método de entrevista foi pouco utilizado pelos estudantes correspondendo a apenas 5% dos trabalhos, essa baixa escolha também ocorreu em relação a observação sistemática que estava presente em apenas 12% dos trabalhos apresentados, sendo que ambas as metodologias não foram utilizadas em nenhum TCC da turma do Riacho Fundo I.

Tabela 1 – Metodologias dos trabalhos de conclusão de curso dos egressos da Universidade do Envelhecer da Universidade de Brasília.

METODOLOGIAS	CANDANGOLÂNDIA	CEILÂNDIA	RIACHO FUNDO I	TOTAL
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
Entrevista	5	3	0	8
Observação Sistemática	2	2	0	4
Relato de Experiência	13	31	5	49
Revisão Bibliográfica	20	19	14	53
TOTAL	40	55	19	114

Fonte: Autoria Própria.

Na tabela 2, o eixo saúde foi o tema de maior predominância em todas as turmas, sendo que ele está presente em 47% de todos os Trabalhos de Conclusão de Curso apresentados pelos egressos. Enquanto que o eixo educação foi o menos escolhido, tendo sido escolhido 7% dos TCCs das 3 turmas somadas. Os demais eixos apresentaram uma distribuição similar, dentre as 3 turmas.

Tabela 2 – Áreas Temáticas dos trabalhos de conclusão dos egressos da Universidade do Envelhecer

TEMAS	CANDANGOLÂNDIA	CEILÂNDIA	RIACHO FUNDO I	TOTAL
Educação	2	3	3	8
Direito e Políticas Públicas	6	7	4	17
Saúde	19	27	8	54
Arte e Cultura	9	6	2	17
Eixo Transversal	4	12	2	18
Total	40	55	19	114

Fonte: Autoria Própria.

3.2 DISCUSSÃO

As metodologias utilizadas na matéria possuem um caráter mais flexível se comparadas as metodologias científicas comumente utilizadas em artigos científicos e em TCCs de graduação. Isso ocorre devido ao fato do curso não exigir nível de escolaridade dos participantes. Sendo assim, estudantes com baixa escolaridade podem não apenas se inscrever no curso, mas também entregar um TCC que alcance o objetivo da matéria, e que o permita executá-lo independente do nível de escolaridade.

A grande frequência de utilização do relato de experiência, pode ter ocorrido por ser uma metodologia que não necessita de pesquisa em internet, desta forma aqueles que possuem dificuldades no uso de tecnologia, ou que eram analfabetos conseguiram produzir seus trabalhos finais. Além disso, a UniSER/UnB procura evidenciar a importância das experiências adquiridas ao longo da vida, o que pode refletir na escolha da metodologia.

Nas áreas temáticas há uma grande quantidade de trabalhos no eixo da saúde, isto pode ter ocorrido devido a estrutura da equipe possuir muitos membros desta área, apesar do caráter multiprofissional do projeto muitos professores são de cursos de saúde, sendo que os extensionistas são todos desta mesma área, portanto, este maior contato com pessoas de saúde pode ter influenciado na escolha da temática dos estudantes.

Apesar da educação ser um eixo temático do programa, a sua frequência foi baixa em todas as turmas, é fundamental investigar o porquê desta pequena quantidade de trabalhos na área, já que o programa possui várias matérias relacionadas ao tema, mas apenas alguns estudantes resolveram desenvolver seu trabalho na área.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando ensinamos, de alguma maneira exercemos influência libertadora e emancipadora nas pessoas, ao mesmo passo que também aprendemos juntos. As trocas de saberes e experiências são preponderantes para um melhor aprendizado e auxiliam na construção de um modelo centrado nas pessoas, e com isso a dinamização do ambiente de sala de aula. São adotadas diversas ferramentas de aprendizagem por meio de ações que façam com que o envelhecer seja

acompanhado de autonomia e motivação para conseguir com êxito chegar ao final dos três semestres.

Neste processo de construção de conhecimento, além das constantes trocas de saberes, também é fundamental analisar quais são os produtos gerados durante estas discussões. A partir da análise dos Trabalhos de Conclusão, é possível identificar quais temas e metodologias estão sendo escolhidos com maior frequência, e com estes dados poder pensar em possíveis buscar, para entender o porquê do tema saúde ser sempre o mais escolhido como ocorreu nas 3 turmas.

A baixa frequência de trabalhos na área da educação gera a necessidade de uma maior investigação, pois este é um dos eixos que norteiam o curso, entretanto, poucos estudantes demonstraram interesse por desenvolver algo na área, sendo este um fenômeno que se repetiu em todas as turmas. Seria importante uma pesquisa mais focada, em relação a aproximação destes estudantes com a área da educação, para compreender se há algum incomodo com o desenvolvimento que o curso nesta área, ou se está baixa preferência se dá a fatores alheios ao curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. de.; HARTZ, Z.; VALLA, V. V. Programas de promoção da saúde do idoso: uma revisão da literatura científica no período de 1990 a 2002. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, n. 3, p. 557-581, 2004.

BORGES, P. L. de C.; et al. Perfil dos idosos freqüentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 12, p. 2798-2808, 2008.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1 de out. de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, Brasília, DF. out 2003.

BRASIL. Ministério de Saúde. Portaria n. 2528/GM, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília, DF. out 2006.

BRUNELLI, A. V.; et al. Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati): Uma Estratégia de Extensão Universitária. *CATAVENTOS-Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta*, v. 8, n. 1, p. 258-268, 2016.

UM ESPAÇO DE INTERCÂMBIO: AS POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA PERMEADOS POR UM PROJETO DE EXTENSÃO

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Fabiana Poças Biondo Araújo ¹

Autor: Thayne Costa dos Santos², Elaine de Moraes Santos², Mayole Vitória

Velasques Ribeiro³, Ana Beatriz Silva Brandão de Souza⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral expor os resultados conferidos ao projeto de extensão intitulado “Apoio ao IX Simpósio Internacional de Gêneros Textuais”. O evento SIGET contou com a participação de 10 instituições brasileiras, sendo elas federais e estaduais. Tendo ocorrido pela primeira vez na região Centro-Oeste, o simpósio contou com equipes locais de coordenação de três instituições públicas dessa região - a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que sediou o evento, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e a Universidade Federal da Grande Dourados, e sua recepção na UFMS de Campo Grande-MS implicou na participação ativa dessas e de outras instituições de ensino do estado, públicas e privadas, das quais vieram o maior número de resumos submetidos e aprovados. Para atender a demanda, foi mobilizado parte do corpo discente e docente do curso de Letras da UFMS, o que corroborou o acesso a um ambiente de debates científicos e a nutrir a atuação em pesquisas à luz da temática sobre gêneros textuais/discursivos para a participação social. Nessa linha, foi possível discutir as questões de ensino de gêneros na era digital, amparadas, sobretudo, pelos estudos de multiletramentos, questões essas que permeiam a sociedade atual, atingindo principalmente, a educação básica. Por se tratar de um evento internacional, com o propósito de ser um espaço de intercâmbio, incentivando pesquisas e suas aplicações em diversas áreas sociais, pretendemos, especificamente, apresentar as contribuições em sediar o IX SIGET e analisá-las sob a ótica das normas vigentes de Ação de Extensão da UFMS que viabiliza a interação entre pesquisa, ensino e extensão.

Palavras-chaves: IX SIGET; gêneros textuais; evento de extensão

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP). Professora do Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS, email:fabibiondo@gmail.com. ²

Graduanda em Letras - Português e Inglês na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR) na área de concentração em Estudos Linguísticos e sob a linha de pesquisa Estudos do texto e do Discurso, e-mail:proflainemoraes@gmail.com.

³ Graduanda em Letras - Português e Inglês na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴ Graduanda em Letras - Português e Espanhol na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Resolução CEX nº.6, 06 de julho de 2017, “as normas regulamentares da Ação de Extensão” da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) visam à co-construção de conhecimentos entre as comunidades externa e interna, corroborando para a contribuição mútua entre pesquisa, ensino e extensão para a formação acadêmica. No cerne dessa concepção, portanto, está uma visão transdisciplinar de língua e de sujeito, em articulações voltadas ao estabelecimento de maior consciência político-social.

Em relação ao que é estabelecido pelas normas vigentes de ação de extensão, a recepção do IX Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (doravante SIGET), no ano de 2017, que teve por objetivo, enquanto um evento internacional, promover um espaço de diálogo entre estudantes, professores e pesquisadores da área de linguagens. O enfoque acerca dos gêneros textuais buscou desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem de línguas e linguagens mais efetivas e adequadas ao contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos envolvidos. Em vista disso, a realização do SIGET promoveu um impacto de ordem científica, sobretudo, entre o corpo docente e discente do curso de Letras da UFMS, os quais ficaram responsáveis pela maior parte da demanda de organização e recepção do evento.

Para apoiar a realização do congresso, cujo fomento vinha da CAPES e do CNPq, houve a realização paralela de um projeto de extensão, o qual foi cadastrado na PROECE, sob a denominação “Apoio ao IX Simpósio Internacional de Gêneros Textuais”. Coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Poças Biondo Araújo, esse apoio atuou na regularização de atuação do grupo organizador em relação à participação nessa atividade externa. Esse simpósio foi sediado em Mato Grosso do Sul após a realização de uma pesquisa, pelo Grupo de Trabalho de Gêneros Textuais e Discursivos da ANPOLL, na qual se identificava os estados em que houve menor adesão de pesquisadores e alunos, nas edições anteriores do SIGET.

Assim, a partir dessa eleição, foi decidido que a sede seria Campo Grande, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Entretanto, o lugar escolhido apresentava muitas dificuldades para a recepção do evento, sobretudo na questão de espaço, o que implicou na mudança de sede para a UFMS. Nesta

instituição, contando com o apoio e a coordenação conjunta das três universidades envolvidas — UEMS, UFGD e UFMS — as dificuldades foram supridas e os participantes, vindos de diversas regiões do país e de outros países, foram acolhidos de forma satisfatória. Com este trabalho, portanto, pretendemos analisar as contribuições e/ou impactos que se efetivaram no âmbito acadêmico, após o feito de sediar um evento de nível internacional, em todas as áreas que a ação de extensão busca integrar.

2 DESENVOLVIMENTO

A ação de extensão IX SIGET no estado de MS aconteceu entre os dias 6 e 9 de setembro de 2017 e atendeu um público de aproximadamente 780 pessoas, vindas de diversos estados do país e de outros países, sendo estes professores, pesquisadores, graduandos e pós-graduandos. Para participar da programação do evento, houve inscrição para 7 workshops, 23 simpósios e 3 mesas-redondas. A fim de atender tal demanda com eficiência, foi necessário utilizar 3 prédios da universidade, cujas salas foram ocupadas entre os períodos da manhã, tarde e noite.

Pensando na quantidade de atividades envolvendo a temática do simpósio, é possível perceber as diversas formas em que foi abordada a temática dos gêneros textuais/discursivos. Com base no caderno de resumos do evento, foram feitas apresentações em diferentes eixos temáticos. Dentre os mais discutidos, estão os recortes relacionados ao ensino de línguas, tanto para os primeiros anos escolares, com enfoque na língua materna, quanto para as séries finais da educação básica, bem como a nova configuração dos gêneros devido à chamada Era Digital. Este último eixo trata sobre os multiletramentos e as modalidades disponíveis em que os gêneros se (re)configuram, ou melhor, se adaptam.

Entendidos como prática social, mediados pela linguagem oral e escrita, os gêneros configuram-se como materialidades textuais nas quais essas práticas se estabelecem, respondendo por eventos de letramento. Considerando que os alunos da escola básica atualmente crescem e se desenvolvem no que se tem chamado "sociedade líquida" (BAUMAN, 2001), caracterizada, entre outras coisas, pela velocidade e ampliação das possibilidades de comunicação, sobretudo em virtude

das tecnologias do digital, tem se tornado a cada dia mais urgente e importante a adaptação dessas práticas à emergência do digital. Isso configura novas sociabilidades, novas formas de interagir e se comunicar, enfim, novas práticas de letramento e gêneros textuais/discursivos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A questão da prática social foi um dos principais motes das discussões promovidas durante o IX SIGET, tanto nas comunicações quanto nas mesas, palestras e demais atividades do evento. Nessa direção, o SIGET configurou-se como ambiente propício para discussão dessas questões em uma região em que ainda não se havia estabelecido tal diálogo em eventos anteriores do SIGET, e foi responsável pela promoção de debates acadêmicos que promoveram acesso ao conhecimento por pessoas e grupos não apenas da comunidade acadêmica da UFMS, mas também das outras instituições envolvidas - tal qual se prevê em uma ação de extensão. Além disso, tais debates promoveram e incentivaram o desenvolvimento da consciência social e política a respeito das questões de linguagem apresentadas.

Entre essas questões, foram abordados nos debates do IX SIGET:

A multimodalidade nos Gêneros Discursivos: pesquisas e experiências de ensino sob uma perspectiva dos (multi)letramentos; Debates e Embates: o estudo de gêneros nas práticas de ensino e aprendizagem; Ensino-aprendizagem de línguas adicionais para crianças: gêneros textuais e multiletramentos; Epistemologias e gêneros: repensando as comunicações e interações; Escrita, ensino da escrita e gêneros de texto/discurso: relações sobre ensino/aprendizagem/avaliação de língua materna; Experiências de ensino e de aprendizagem de línguas via gêneros textuais - formando os cidadãos do século XXI; Gênero e ensino: no papel e no digital; Gênero, letramento escolar e formação de professores; Gêneros digitais e Multimodalidade; Gêneros discursivos e textuais na educação linguística e na formação docente em língua espanhola; Gêneros do discurso sob a perspectiva dialógica da linguagem; Gêneros do Discurso/Textuais, Práticas Sociais e Ensino na perspectiva do trabalho junto ao PROFLETRAS; Gêneros em novas práticas de letramento na hipermídia; Gêneros literários: entre tradição e inovação, novos suportes, novas configurações; Gêneros textuais em contexto universitário; Gêneros textuais multimodais e digitais no ensino de língua portuguesa; Gêneros textuais,

letramento crítico e práticas cidadãs; Gêneros textuais: de instrumento simbólico de uma prática social a objeto de aprendizagem materializado pelo agir docente; Gêneros textuais/discursivos – instrumentos para o ensino e aprendizagem de línguas: didatização e escolarização para uma prática eficiente; Gêneros textuais/discursivos e ensino: como abordar e explorar didaticamente a heterogeneidade funcional dos enunciados; Gêneros textuais/discursivos e multimodalidade/multiletramentos – pesquisa e ensino; Gêneros textuais/discursivos multimodais: construtos teóricos e estratégias didáticas; Interfaces entre os processos formativos e o agir docente: (des)continuidades; Interlocuções teórico-metodológicas para a análise de gêneros acadêmicos; Letramentos críticos, gêneros multimodais, produção de sentidos e design na formação de professores; Narrativa transmídia: práticas literárias no contexto da cultura da convergência; Os gêneros textuais/discursivos na formação docente e o papel das práticas formativas; Planejamento e produção de material didático com base em gêneros de texto para ensino de línguas; Translinguagem, metrolinguagem e superdiversidade: possíveis relações com gêneros discursivos em novas conceituações nos estudos da linguagem. (Disponível em: <<https://proceedings.science/siget>>. Acesso em: 12 jul 2018)

O impacto no ambiente acadêmico, principalmente, aos cursos de Letras da UFMS, fomentou diversas contribuições científicas, como por exemplo, o caderno de resumos composto por 61 trabalhos. Além disso, 2 entrevistas foram realizadas por alunas de graduação do curso de Letras durante o congresso: uma com o professor e pesquisador Joaquim Dolz da Universidade de Genebra — UNIGE, e outra com a Profa. Dra. Eliane Lousada da Universidade de São Paulo — USP. Esta última contribuiu, sobretudo, para a projeção de um diálogo futuro entre o laboratório de revisão e a disciplina de Leitura e Produção de Textos Científicos que é ofertada nos dois primeiros semestres da licenciatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua 9ª edição, sediado na UFMS-Campo Grande-MS, o SIGET integrou diversos professores, estudantes e pesquisadores de diversas regiões do país e de outros países, na discussão acadêmica de questões relacionadas à Pesquisa e ao Ensino de Gêneros textuais/discursivos para a participação social. A

ideia norteadora das discussões foi permeada pela importância das reflexões sobre uma sociedade que tem reclamado por pesquisas de âmbito inter e transdisciplinar, que conclama dos pesquisadores, a cada dia mais, estudos de linguagem atentos não mais apenas aos textos verbais e escritos, mas também nas múltiplas linguagens, modos, mídias e culturas que promovem a produção de sentidos na sociedade atual.

Nesse sentido, o evento reuniu diversos grupos científicos, promovendo o intercâmbio de conceitos e de ideias sobre os eixos temáticos apresentados, auxiliando na formação profissional dos envolvidos e na promoção de arquivos de iniciação científica, bem como na sistematização de novos eixos de trabalhos para o Laboratório de Escrita Acadêmica da UFMS.

Os resultados desses processos estão sendo publicados em forma de produtos diferentes, como este resumo a ser apresentado em evento de extensão, além da publicação de textos em revistas científicas da área e em outros eventos no país. Finalmente, destacamos que o IX SIGET disponibilizou um caderno de resumos com todos os trabalhos apresentados, disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://proceedings.science/siget>>. No momento, está em edição, ainda, os Anais com os trabalhos completos enviados pelos participantes do evento, que deverão ser publicados em breve.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Normas Regulamentares das ações de extensão**. 2017. Disponível em <<https://proece.ufms.br/coordenadorias/extensao/normas-regulamentares-das-acoes-de-extensao/>>. Acesso em: 10 jul 2018.

UM ESTUDO DAS CÔNICAS: ELIPSE, HIPÉRBOLE E PARÁBOLA

Área Temática: Educação

Coordenador: Admur Severino Pamplona¹

Autores: Maria Carolina Rocha Nunes²; Uallas Mariano Torres³

RESUMO: Este texto tem o fito de descrever as conclusões abstraídas de um minicurso que elaboramos e ministramos, trabalho esse que teve como tema as Cônicas: elipse, hipérbole e parábola. O objetivo geral do minicurso foi levar os participantes a compreenderem a conceituação de cônicas e a conhecerem alguns exemplos do cotidiano que se aplicam a elas, explorando diferentes formas de se trabalhar uma cônica. Para tanto, fez-se uso do *software* Geogebra e de experimentos práticos que se mostraram eficazes para elucidar cada uma das cônicas, destacando o que as define, bem como as diferencia tanto no contexto da matemática quanto no uso cotidiano.

Palavras-chave: Aplicações da matemática, Cônicas, Ensino, Geogebra

1 INTRODUÇÃO

É possível afirmar que o estudo da matemática não é algo simples, tanto para quem a estuda figurando na posição de aluno, como para os que estão na qualidade de docentes. O docente de matemática possui tamanha responsabilidade em suas mãos, uma vez que possui o escopo de transmitir seus conhecimentos com o propósito de que os discentes absorvam o máximo de conteúdo possível. No entanto, tal prática se torna um desafio quando o assunto a ser ministrado é o Estudo das Cônicas.

Como consequência, enquanto integrantes de um programa regido pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial, nos dedicamos, dentre outros trabalhos, a elaborar estratégias para o ensino do tema. Foi nesse contexto que desenvolvemos um minicurso cujo objetivo maior foi levar os participantes a compreenderem a conceituação de cônicas e a conhecerem alguns exemplos do cotidiano que se aplicam a elas, explorando diferentes formas de se obter uma cônica e observando algumas aplicações.

¹ Professor Dr. do curso de Licenciatura em Matemática do CUA/UFMT e tutor do Programa de Educação Tutorial - PET Matemática Araguaia. admursp@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática do CUA/UFMT e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Matemática Araguaia. maria.carolina-s2@hotmail.com

⁵ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Matemática do CUA/UFMT e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Matemática Araguaia. Uallastorres14@hotmail.com

Todavia, antes de prosseguir o relato dos problemas enfrentados pelos professores de Matemática, quando o assunto é o Ensino de Cônicas, se faz necessário compreender o que vem a ser tal tema. Pois bem, as Cônicas são curvas especiais, referentes à Geometria Analítica. Nas palavras de Silva (2018):

Cônicas são figuras geométricas planas definidas a partir da intersecção de um cone duplo de revolução com um plano. As figuras que podem ser obtidas nessa intersecção, e que podem ser chamadas de cônicas, são: circunferência, elipse, parábola e hipérbole. (SILVA, 2018)

Diante de tal definição, é necessário informar em qual ano da Educação Básica o estudo das Cônicas deve ser trabalhado com os alunos. Vale dizer, então, que o professor de matemática vai se deparar com tal assunto quando for ministrar aulas aos alunos no Ensino Médio, mais precisamente, no terceiro ano.

No entanto, muitos devem se perguntar qual a importância de se estudar cônicas. Cabe mencionar que tal parte da Geometria analítica é bastante importante para vários campos de estudo, são eles: engenharia, arquitetura, física, matemática, astronomia. Sendo que, no desenvolvimento do trabalho, são explicitadas as utilidades das cônicas para cada uma dessas áreas de atuação.

Por outro lado, já que este trabalho é voltado para o estudo de Cônicas, se faz relevante obter uma noção a respeito de qual campo de estudo pertencente o referido tema, lembrando que a Geometria Analítica relaciona a geometria com álgebra. Nas palavras de Silva (2018):

A Geometria Analítica estabelece conexões entre geometria e álgebra, de modo que os conceitos da geometria são analisados por meio de processos algébricos. Ela foi criada pelo matemático francês René Descartes e, por isso, também é chamada de geometria cartesiana [...] Um exemplo disso é o conceito de distância entre um ponto e uma reta [...] (SILVA, 2018).

De acordo as noções de Silva (2018), é possível perceber a tamanha importância do tema para a inclusão dos planos de ensino dos docentes. Entretanto, nem sempre tal prática ocorre. Muitos professores ensinam as Cônicas de maneira bem superficial, ou sequer ministram aulas a respeito, o que acaba, por assim dizer, implantando o descrédito por parte dos alunos com relação ao professor.

A fim de que o conteúdo de Cônicas seja bem explorado pelo professor, é imprescindível que ele enxergue tal assunto como algo relevante e que deve ser repassado aos alunos. Além disso, é de suma importância que busque utilizar métodos eficientes para facilitar o aprendizado dos alunos. No entanto, é lógico que

ele, o professor, jamais deverá se esquecer dos métodos tradicionais, que são ainda necessários, como o ato de ensinar fórmulas.

Além do mais, é totalmente recomendado que o docente procure fazer dinâmicas com seus alunos, com o intuito de angariar a atenção dos discentes para a real compreensão das Cônicas, e, como consequência, da Geografia Analítica. É louvável, da mesma forma, sempre demonstrar ao aluno a aplicação prática daquilo que ele precisa compreender. O fato de apenas repassar fórmulas sem explicar o porquê da importância do aluno estudar tal tema não auxiliará em seu verdadeiro entendimento do assunto.

É importante destacar que, neste trabalho, também se menciona um *software* bastante eficaz no sentido de fazer com que o aprendiz realmente compreenda a Geometria Analítica, que é o Geogebra. Pois bem, o Geogebra é um aplicativo criado por Markus Hoenwarter, com o intuito de contribuir de forma positiva no aprendizado dos alunos de Geometria Analítica. Nas palavras de Vichessi(2011):

A ferramenta para colocar isso em prática é o Geogebra, um programa de geometria dinâmica com download livre, que vem chamando a atenção de pesquisadores e têm sido tema de diversas investigações didáticas. Embora conte com muitos recursos, ele é simples de ser usado e possui um tutorial na opção "Ajuda" bastante útil e explicativo. (VICHESSEI, 2011).

Vale mencionar que o Geogebra faz a prova de resultados geométricos para a formalização de definições. Além do mais, é totalmente gratuito. Se trata de programa que pode ser utilizado por qualquer pessoa que necessite dos aparatos da Geografia Analítica.

Por último, se torna imprescindível que o profissional da Educação Matemática reafirme seus cálculos com o uso de experimentos. É o que também é levado em consideração como método por esse trabalho, além do programa Geogebra.

2 DESENVOLVIMENTO

Com o intuito de trazer uma melhor compreensão das cônicas aos alunos, a introdução do minicurso é composta por exemplos de cônicas no cotidiano. A finalidade é explorar diferentes formas de se trabalhar tal conteúdo. Em específico, as cônicas a serem trabalhadas são: a elipse, hipérbole e parábola.

Nessa conjuntura, é importante estabelecer o conceito, bem como definição entre as três. Segundo Queiró (s.d): “A elipse é uma curva fechada para a qual existem dois pontos especiais, os focos. A parábola é uma curva com um foco. [...] A hipérbole é uma curva com dois ramos e dois focos.”

A despeito das cônicas a serem tratadas, ao se realizar o estudo da melhor forma de se trabalhar esse conteúdo, verifica-se que os experimentos, bem como o programa Geogebra são métodos bastante eficazes.

Quanto ao experimento, estudou-se o conteúdo com uma esfera e uma vela. Consiste em direcionar a atenção dos discentes para a sombra projetada pela vela na esfera. A cônica varia de acordo com o tamanho da vela. Para discussão, são apresentadas as cônicas que se deseja trabalhar neste minicurso: elipse, hipérbole e parábola.

Impende mencionar que se a altura da vela for maior do que o diâmetro da esfera, a sombra projetada será de uma elipse. Todavia, se a altura da vela for igual à penumbra da esfera, tem-se uma parábola. Caso contrário, se for menor, a sombra será de uma hipérbole. Em seguida, trabalha-se a definição de cônicas, fala sobre a interseção dos planos, que tipo de cônica é gerada. Após, fala-se sobre a história do problema da duplicação do cubo, menaecmo, Apolônio.

Depois, é apresentado o Geogebra. Os elementos de cada cônica, são trabalhados utilizando o *software* e o quadro didático. Informa-se que para cada tipo de cônica, há uma atividade no geogebra. Já, quanto às aplicações das cônicas no cotidiano, verifica-se a necessidade de demonstrar ao aluno a razão pela qual ele deve compreender o conteúdo. É relevante informar o discente, com exemplos da vida real, da utilidade pela qual ele necessita de aprender cônicas, e, consequentemente, a Geometria Algébrica.

Segundo HONORIO (s/d), as Cônicas possuem aplicações práticas na vida de todos, e são imprescindíveis para a Astronomia, Engenharia, Arquitetura e Tecnologia da Informação, nesse sentido:

Hoje, as cônicas têm aplicações em Astronomia, Engenharia, Arquitetura, Tecnologia da comunicação etc. É muito comum andarmos pelas ruas e depararmos com monumentos que lembram estas curvas. Estes monumentos passam por tratamentos algébricos e estruturais até chegarem a sua arte final, não só com o objetivo de se tornarem atrativos para a apreciação visual, mas também para que possam possuir e aproveitar as

propriedades das curvas que representam, sejam elas hipérbolas, parábolas ou elipses. (HONORIO, 2014)

Ademais, o referido autor ainda nos diz que as cônicas podem ser encontradas em objetos simples de nosso dia a dia, como por exemplo, em uma melancia a ser cortada ou, na luz projetada por um abajur. Consoante o autor:

Com certa frequência, no ambiente que nos cerca, deparamo-nos com as cônicas. Por exemplo, ao fazer um corte transversal passando pelo seu centro de uma melancia, obtemos uma secção em forma de elipse. A luz de um abajur projetada na parede pode formar os ramos de uma hipérbole. O feixe de luz dos faróis dos automóveis são repetidos em superfícies parabólicas.

Dessa forma, por meio do estudo realizado com experimentos, bem como com programa Geogebra, além da citação da existência de cônicas no cotidiano de todos, é possível entender, bem como perceber a utilidade prática da Geometria Algébrica para os alunos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira precípua, é pertinente afirmar que a elaboração de um minicurso é de grande valia para o aprendizado de um graduando em matemática. Isto porque, a fixação dos conteúdos assimilados na graduação são colocados em prática. Ensinar outrem é sempre aprender novamente.

Por outro lado, neste trabalho, conseguiu-se responder o objetivo maior do trabalho, que é compreender a conceituação de cônicas e alguns exemplos no cotidiano. As cônicas aqui estudadas foram: a hipérbole, elipse. E, consigna-se que o que as define, bem como as diferencia são os direcionamentos de seus focos. Cada uma produz um efeito no mundo prático.

Quanto à exploração de diferentes formas de se obter uma cônica, fez-se o estudo de experimentos com vela e esfera. Além disso, fez-se uma análise do programa de *software* Geogebra. Além disso, com relação à observação de algumas aplicações das cônicas no cotidiano, constatou-se que elas produzem vários efeitos no mundo prático, como se pode ver da luz advinda dos faróis de um carro, que gera uma parábola.

Como ponto negativo encontrado durante a realização desse trabalho, estudo, e a elaboração do minicurso, percebeu-se a dificuldade que os professores de matemática possuem para adotar novas formas de aprendizagem de seus

alunos, principalmente, tecnologias. Muitos docentes se negam a ir em busca do novo, com a permanência apenas em métodos tradicionais.

Desta feita, é possível afirmar que ministrar minicurso sobre cônicas é ampliar os conhecimentos referentes à Geometria Analítica, o que contribui ricamente para a formação acadêmica do ministrando, bem como para os ministrados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nicolas Costa de. **Explorando a Elipse com o Auxílio do Geogebra**. Universidade Federal do Amapá. Macapá. 2016.

HONORIO, Marcelo. **Cônicas para o Ensino Médio, da Contextualização à Álgebra**.

Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2014.

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3197/5/MARCELO%20HONORIO-%20MESTRADO%20tcc_conicas.pdf>.Disponível em: 20 de maio de 2018.

QUEIRÓ, João Filipe. **A elipse, a parábola e a hipérbole - propriedades e aplicações**. Universidade de Coimbra. Disponível em:

<<http://www.mat.uc.pt/~jfqueiro/aplicacoes.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

RODRIGUES, Gracino Francisco. **As Curvas Cônicas com o Uso do Geogebra**. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2015.

SILVA, Luiz Paulo Moreira. "O que são cônicas?"; **Brasil Escola**. Disponível em

<<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/matematica/o-que-sao-conicas.htm>>.

Acesso em 20 de maio de 2018.

SOUZA, Lindomar Duarte de. **Cônicas e suas Propriedades Notáveis**.

Universidade Federal de Santa Catarina – SC. Florianópolis. 2014.

UTILIZAÇÃO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE COMO UMA FERRAMENTA DE APOIO AO ENSINO DE MATEMÁTICA

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Acelmo de Jesus Brito¹

Autores: Adriana Estéfany Conceição da Silva², Minéia Cappellari Fagundes³

RESUMO: O avanço das Tecnologias Digitais (TD's), e o uso da Internet, trouxeram uma nova perspectiva na Educação a Distância (EaD), isso fundamentou a necessidade de formalizar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA's), como ferramentas para regimentar tais modalidades de ensino. Os AVA's são ferramentas digitais que se posicionam como interface no processo ensino-aprendizagem, tornando tais processos mais dinâmicos e democráticos, esses ambientes são considerados emuladores de salas de aulas convencionais, por sua vez esses ambientes têm características e estruturas semelhantes. Atualmente os AVA's regimentam cursos de diversas naturezas, entre os mesmos, cursos superiores de graduação, nas modalidades a distância, semipresenciais e créditos a distância de disciplinas de cursos presenciais. Nesse trabalho apresentamos relatos das ações desenvolvidas no projeto "Criação de um Ambiente Virtual para o Apoio ao Ensino de Matemática". Os relatos aqui apresentados nesse trabalho, possui referência a um curso de Matemática Básica, ofertado como uma ação de extensão. Participaram do curso 34 pessoas, no início do curso foi proposto a realização de uma avaliação diagnóstica, nessa avaliação foi constatado as deficiências norteadoras. Utilizamos como ambiente virtual, o Moodle na versão 3.0, numa dinâmica que consistiu em disponibilizar aos cursistas: Organização do roteiro de estudo; Material bibliográfico; Vídeo aulas próprias; Ambiente para discussão e dúvidas. Para a finalizar o curso uma outra avaliação próxima a avaliação diagnóstica foi realizada, comparando os resultados inicial com o final, e levando em consideração os desafios vislumbrados na execução do curso, reconhecemos as algumas potencialidades do formato do curso adotado.

Palavras-chave: Tecnologia, Matemática Básica, Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

¹ Professor do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Barra do Bugres-MT, acelmo@unemat.br.

² Acadêmica do curso de Ciência da Computação da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Barra do Bugres-MT.

³ Professora do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Barra do Bugres-MT.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta considerações sobre o desenvolvimento de um curso de Matemática Básica, com abrangência na comunidade de Barra do Bugres-MT. A matemática para grande parte dos alunos seja da Educação Básica, bem como do ensino superior, ainda continua sendo uma disciplina com grande aversão. A ação extensionista apresentada está vinculada a um projeto maior desenvolvido por professores da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de Barra do Bugres. O projeto em questão propõe o uso das Tecnologias Digitais (TD's), como instrumentos que possibilitem dar suporte ao ensino de matemática.

As Tecnologias Digitais (TD's) e o uso global da Internet se tornam uma realidade nos dias atuais, considerando o uso das TD's, a Educação à Distância (EaD) vem se consolidando a cada dia como uma solução eficiente para democratização da educação, principalmente quando observamos a distribuição geográfica da população brasileira. As possibilidades de proporcionar o acesso a aprendizagem tanto a alunos de regiões mais periféricas quanto a alunos que estão mais centralizados faz com o ensino a distância venha ser indispensável para democratizar a educação.

Para Ribeiro (2007) *et al*, a utilização de novas tecnologias computacionais de comunicação possibilitou o desenvolvimento dos AVA's como meios de apoio ao aprendizado fazendo uso da EaD. Diante dessa realidade, pensou-se na utilização de AVA's na formalização, organização e disposição aos estudantes e/ou cursistas, de uma estrutura composta de uma série de ferramentas que podem favorecer a uma determinação de uma sequência pré-estabelecida que leve ao desenvolvimento de habilidade e competências associadas a aprendizagem de um determinado conteúdo.

De acordo com ALMEIDA (2003, p.327), esses ambientes:

[...] permitem romper com as distâncias espaço-temporais e viabilizam a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas a priori.

Ao ingressar em um curso superior os alunos sentem dificuldades em determinadas matérias, quanto pensamos nos cursos de exatas, a matemática concentra parte dessas dificuldades de uma parcela significativa dos alunos. Pensando em amenizar essas dificuldades, propomos o uso das TD's, mais especificamente do Ambiente Virtual *Moodle*, para desenvolvido do projeto "Criação

de um Ambiente Virtual para o Apoio ao Ensino de Matemática” na Universidade do Estado de Mato Grosso campus de Barra do Bugres-MT, esse projeto tem como objetivo, construir um Ambiente Virtual de Aprendizagem para o ensino da matemática, e ofertar cursos nesse ambiente, que atenuem as dificuldades dos mesmos nos conceitos e conteúdos de matemática.

2 DESENVOLVIMENTO

O curso foi estruturado dentro de uma concepção de curso de curta duração, e por isso organizamos o mesmo em um único módulo, contabilizamos que levando em consideração, as atividades no AVA, bem como as horas de estudo necessárias para realização das atividades propostas, o curso teria uma carga horária de 20h. Nessa organização usamos o *Moodle* na versão 3.0 como Ambiente Virtual de Aprendizagem. Levando em consideração que teríamos no nosso curso uma emulação de uma sala de aula convencional, usamos a dinâmica de disponibilizar aos participantes, material bibliográfico (apostilas), aulas (vídeos de produção própria), ambiente de discussão e dúvidas (Whatsapp). Em relação ao ambiente de discussão e dúvidas, abrimos mão da ferramenta fórum, contida no próprio AVA, para usar o Whatsapp, entendemos que o mesmo dinamiza o processo, por otimizar a interação entre os envolvidos. Para as avaliações, usamos as ferramentas “Atividade” e “Questionário disponibilizado pelo próprio AVA.

A figura A mostra ambiente com o curso organizado disponibilizado aos participantes.

Figura A – Ambiente Virtual organizado para o curso



Fonte: Autoria Própria (2018).

O ambiente configurado nesse formato foi de grande contribuição, a dinâmica do curso, a ferramenta “Barra de Progresso” e “Calendário” na parte superior, permitiu aos alunos acompanhar a proposição das atividades, bem como ter o controle das atividades cumpridas.

Iniciaram o curso um total de 34 participantes, a maioria dos mesmos foram acadêmicos da UNEMAT de Barra do Bugres. A ementa do mesmo foi pautada em *Operações com Racionais* (Adição, Subtração, Multiplicação, Divisão).

Como primeira atividade do curso, os alunos foram convidados a fazer uma avaliação de sondagem, o objetivo dessa avaliação foi coletar dados do em relação ao conhecimento dos participantes nas questões básicas da ementa proposta. Após a sondagem e a tabulação dos resultados (feitos pelo próprio ambiente), o curso foi disposto aos participantes, que tiveram como atividade final uma avaliação final de sondagem. O objetivo dessa avaliação foi verificar indícios das contribuições do curso, através da comparação das duas avaliações.

Finalizaram o curso 29 dos 34 participantes, achamos que o percentual dos alunos que finalizaram o curso, em relação aos que começaram foi satisfatório. Como segunda proposição do projeto, estamos organizando outros cursos, para tratar de conceitos e particularidades da matemática, com uma ementa mais abrangente, e duração um pouco maior.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na avaliação de sondagem, montamos uma avaliação com questões típicas de adição, subtração, multiplicação e divisão de frações, num total de 4 questões uma para cada operação. O tempo máximo, determinado para finalizar a avaliação, foi de 40min. Nessa avaliação, foi usado a ferramenta “Questionário”. A figura B, apresenta os resultados dessa primeira avaliação por operação.

Com o desenvolvimento do curso, notamos que mesmo com o treinamento para manusear a plataforma, alguns cursistas tiveram um pouco de dificuldade, e em alguns casos, tivemos que fazer alguns esclarecimentos de forma presencial.

Outro ponto que caracterizamos como positivo, foi a utilização do aplicativo WhatsApp para fazer as discussões e atendimento das dúvidas, por ser uma ferramenta de uso geral, que contempla envio de mídias, nos formatos, texto áudio, vídeo e outros arquivos, o mesmo cumpriu o papel de mediar de uma forma mais dinâmica os esclarecimentos das dúvidas que foram surgindo com o

desenvolvimento do curso.

No final do curso fizemos uma outra avaliação com os 29 cursistas que finalizaram o curso, no mesmo formato da avaliação inicial. A figura C, apresenta os resultados da segunda avaliação por operação.

Figura B - Número de acerto dos alunos por operação, da primeira avaliação.

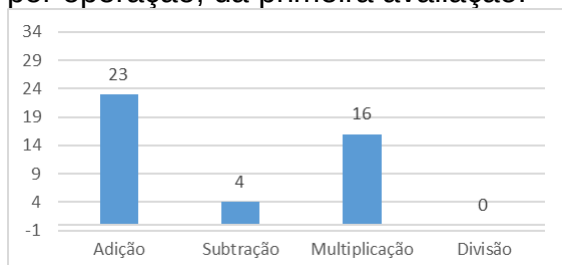
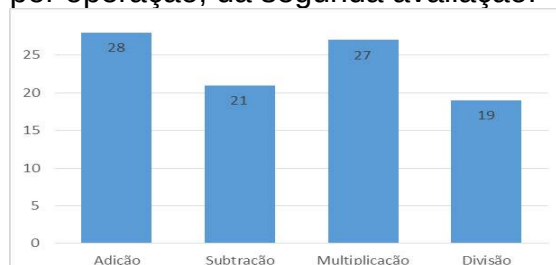


Figura C - Número de acerto dos alunos por operação, da segunda avaliação.



Fonte: Autoria Própria (2018)

Levando em consideração que os participantes do curso eram acadêmicos e não acadêmicos, com idade entre 17 a 42 anos, classificamos os resultados obtidos como desafiador, pois de acordo com Silva (2017, p.19), as dificuldades em compreensão do conteúdo de frações não são exclusivas de crianças das séries iniciais do ensino fundamental.

Observando os dois gráficos, notamos através do aumento nos acertos do teste após o curso, que temos indícios que de certa forma, tivemos uma melhora nas habilidades e competências no que diz respeito a compreensão das operações com frações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar esse trabalho, consideramos que as Tecnologias Digitais são excelentes ferramentas educacionais, com grande potencial para atenuar uma série de problemas atualmente existente na educação. Olhando especificamente para os AVA's, consideramos que a emulação da sala de aula feita pelo mesmo, aproxima muito de um cenário tradicional, no entanto, ressaltamos que o manuseio nesses ambientes, bem como o uso das tecnologias de uma forma geral, ainda foi vista como difícil e confusa por uma parcela dos cursistas, e acreditamos que isso se reflita em parte dos estudantes de uma forma geral.

Avaliamos que os cursistas que fizeram uso do curso proposto, tiveram uma melhora no entendimento dos conceitos, no tocante as operações com frações.

AGRADECIMENTOS

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, pela bolsa de extensão, concedida para realizar as atividades do projeto, bem como esse relato.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p. 327- 340, jul./dez. 2003.

RIBEIRO, Elvia Nunes; MENDONÇA, Gilda Aquino de Araújo; MENDONÇA, Alzino Furtado de. A Importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem na Busca de Novos Domínios da EAD. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>>. Acesso em: 26 de Abr. de 2018.

SILVA, H. F. Ensino-Aprendizagem de frações: Um Olhar Para as Pesquisas e Para a Sala de Aula – Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande-PB. 2017.

VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS NO GRUPO DE ESTUDOS CURRÍCULO – DIVERSIDADE – EDUCAÇÃO

Área Temática: Educação

Danielli M. Arakaki¹

Andréa Natália da Silva²

O presente resumo tem como finalidade apresentar as vivências e aprendizados no projeto de extensão grupo de estudo currículo - Diversidade - Educação: identidades e diferenças, do qual participa a bolsista na temática de Currículo Diversidade e Educação na UEMS em Maracaju MS, no curso de Pedagogia. Podemos evidenciar que as vivências e experiências têm propiciado, à bolsista, aos participantes acadêmicos, a professores, egressos e pessoas da comunidade, estudos, leituras, discussões, para futuros projetos de pesquisas para tccs, mestrado e doutorado. Ainda têm proporcionado produções teóricas como artigos e dissertações sobre as identidades e as diferenças, no âmbito do currículo educacional da educação básica e educação superior nos municípios de Maracaju, Ponta Porã, Sidrolândia dentre outros. Os campos empíricos das discussões são os espaços educacionais que contemplem e ou não a diversidade cultural. Desde a Educação Infantil à Pós-Graduação. O Grupo de Estudos é um projeto de extensão cujo como objetivo é propiciar discussões interdisciplinares sobre Currículo - Diversidade - Educação: identidades e diferenças. As temáticas e os conceitos estudados têm sempre como foco a criança, o jovem e o adulto da educação básica e ou da educação superior, sejam elas/eles pessoas com necessidades especiais, do campo, das aldeias indígenas, dos assentamentos, dos acampamentos, dos quilombos, dos circos, dos parques de diversão, dos grupos de ciganos, dos diferentes grupos culturais, dos grupos étnicos, dos grupos religiosos, do grupo LGBT, dos povos fronteiriços dentre outros. Participaram até o início do ano de 2018, uma vez que o projeto já está em

¹ Coordenadora da ação/Bolsista Projeto de extensão grupo de estudo currículo - Diversidade - Educação: identidades e diferenças e acadêmica do 4º ano de pedagogia UEMS Maracaju/ MS 2018. daniellimarakaki@gmail.com.

² UEMS/MARACAJU –MS. Orientadora/ Professora Doutora/coordenadora do Projeto de extensão grupo de estudo currículo - Diversidade - Educação: identidades e diferenças. andreanataliadasilva@gmail.com

andamento desde meados de 2015, professores da educação superior e educação básica de Maracaju e Ponta Porã, acadêmicos da UEMS Maracaju e Ponta Porã bem como alguns pesquisadores de outras IEs interessados nas temáticas.

Os encontros são realizados de 15 em 15 dias, com duração de 2 horas, nas Unidades da UEMS em Maracaju e Ponta Porã. São selecionados textos por professores como: coordenadora do projeto, professores colaboradores e participantes dos cursos de Pedagogia, Administração, Economia e Ciências Contábeis da UEMS e outros que participam como professores da rede municipal e estadual de ensino em Maracaju, Ponta Porã, Sidrolândia, Aral Moreira e Antônio João.

As tarefas e atividades como bolsista compreendem o desenvolvimento de atividades de Divulgação, Acompanhamento, Organização e Avaliação das reuniões do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças UEMS/Maracaju. Elaboração de instrumentos para divulgação do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade -Educação: Identidades e Diferenças da UEMS/Maracaju. Análises e produção científica sobre o Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças UEMS/Maracaju; Divulgação da existência do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças da UEMS/Maracaju à comunidade interna e externa; acompanhamento e organização das reuniões bem como a participação da comunidade interna e externa; Avaliação da participação e aproveitamento dos membros da comunidade interna e externa; Produção da análise sobre a participação e aproveitamento dos membros da comunidade interna e externa.

Os instrumentos podem ser em diferentes formatos como cartazes, facebook, home Page, notícias na rádio local, grupo de Whatsapp, folders, resumo em murais de escolas e universidades.

A convocação e convite à participação das reuniões do Grupo acontecem por meio de comunicação via contatos in lócus e por telefone, e-mails e mensagens, tanto à comunidade interna quanto externa.

A organização das reuniões é desenvolvida na Unidade Universitária de Maracaju e em Ponta Porã em contatos com a secretaria acadêmica e os membros do grupo.

Os textos são disponibilizados vias facebook, e-mails e Xerox. Quanto à avaliação da participação e aproveitamento dos membros da comunidade interna e externa no Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e

Diferenças isso ocorrerá durante o processo das reuniões com lista de frequência, atas, fotos e atividades produzidas pelos membros como relatórios finais.

Serão elaborados instrumentos escritos como roteiro de entrevista e ou questionários para avaliar a divulgação do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças da UEMS/Maracaju em conjunto com a orientadora.

Bem como a divulgação do Grupo, por meio de comunicação via contatos in lócus e por telefone, e-mails, Whatsapp e mensagens de texto via celular tanto à comunidade interna quanto externa.

E ainda sobre a organização e o acompanhamento das reuniões desenvolvidas na Unidade Universitária de Maracaju em contatos com a secretaria acadêmica e os membros do grupo e ainda com registro de ata e fotos.

Além da avaliação, quanto à participação e aproveitamento das atividades do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças, a qual ocorrerá durante o processo das reuniões com lista de frequência, atas, fotos e atividades produzidas pelos membros como relatórios finais.

Ainda será produzido um relatório parcial e final sobre as análises dos instrumentos sobre a divulgação, acompanhamento, organização, participação e aproveitamento do Grupo de Estudos Currículo - Diversidade - Educação: Identidades e Diferenças UEMS/Maracaju por meio da produção científica e publicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências e aprendizados no projeto têm se mostrado importantes para aqueles que participam, pois tivemos assistentes sociais, historiadores, geógrafos, licenciados em artes visuais, profissionais de educação física, licenciado em letras, que contribuíram muito para as discussões das temáticas; para a Universidade UEMS, enquanto função social de ensino e extensão, e para o curso de Pedagogia Unidade de Maracaju, uma vez que tem possibilitado a ampliação das relações acadêmicas entre pedagogos/as e administradores/as em formação e ou a formados/as. Quanto às vivências e aprendizados no projeto, este mostra que ainda é incipiente o estímulo/motivacional para que haja uma participação de acadêmicos/as e professores/as em quantitativo numérico. Contudo, vale destacar que está ocorrendo sim, a ampliação das relações científicas e, por que não dizer interdisciplinares e interculturais dos acadêmicos, durante o processo de formação docente, em especial

da pedagoga bolsista, quanto a ensino, à pesquisa e à extensão, já que durante o andamento deste viabilizou a inserção de um bolsista em Ponta Porã e três em Maracaju.

As ações como bolsistas ocorreram de forma diferenciada. Em Ponta Porã, durante um ano entre 2015/2016 uma bolsista permaneceu todo o ano, já em Maracaju, houve desistências dos acadêmicos bolsistas em 2015/2016 e em 2016/2017 durante a execução do projeto. Podemos reiterar que, por ser uma experiência ainda não corriqueira nos cursos de Pedagogia, decorre essa situação de desistência e a bolsista 2017/2018 tem aprendido e vivenciado muito sobre as temáticas discutidas, uma vez que ela já está fazendo sua pesquisa de TCC envolvendo o conhecimento de discussão nos grupos.

Um levantamento na biblioteca da Unidade UEMS de Maracaju sobre TCS atestou que se podem encontrar doze trabalhos de pesquisas suscitados ou consolidados a partir das discussões dos temas sobre Gênero, Sexualidade, Etnias, Raças, Educação Especial, necessidades educação do campo, povos indígenas, povos ciganos, afrodescendentes, dos quilombos, dos circos, dentre outros.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves De. Dificuldades Comuns entre os que pesquisam Educação. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, p. 285-296, maio/ago. 2006.

SACRISTÁN, José Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T. da; MOREIRA, Antônio F. B. (orgs). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-113.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Estudos Culturais em Educação).p. 159-177.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.